

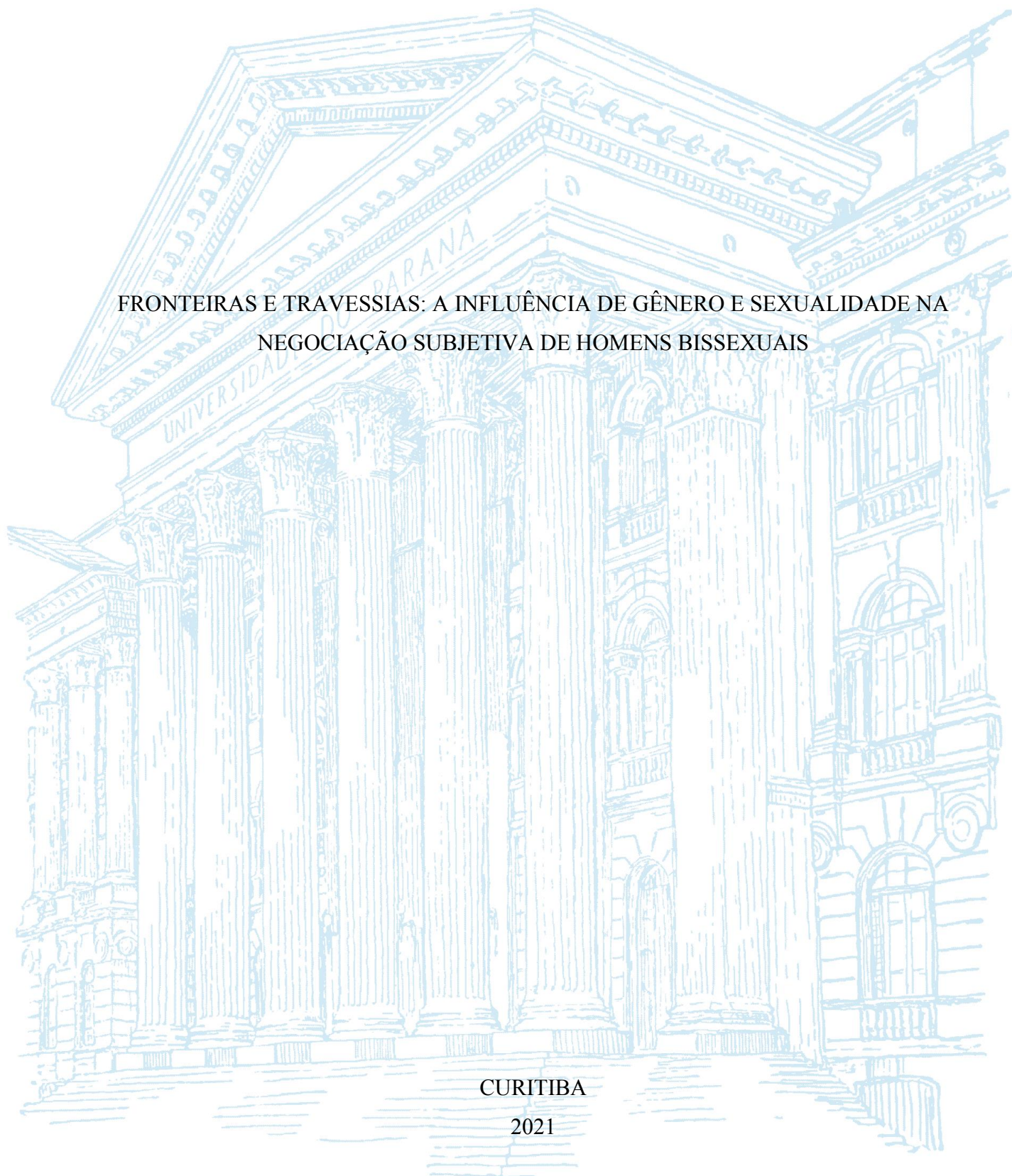
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUSTAVO FAVINI MARIZ MAIA

FRONTEIRAS E TRAVESSIAS: A INFLUÊNCIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
NEGOCIAÇÃO SUBJETIVA DE HOMENS BISSEXUAIS

CURITIBA

2021



GUSTAVO FAVINI MARIZ MAIA

FRONTEIRAS E TRAVESSIAS: A INFLUÊNCIA DE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA NEGOCIAÇÃO SUBJETIVA DE HOMENS BISSEXUAIS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Miriam Adelman

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Maia, Gustavo Favini Mariz

Fronteiras e travessias : a influência de gênero e sexualidade na
negociação subjetiva de homens bissexuais. / Gustavo Favini Mariz Maia. –
Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Miriam Adelman

1. Bissexualidade. 2. Bissexuais masculinos. 3. Heterossexualidade.
4. Teoria Queer. 5. Masculinidade. 6. Identidade de gênero. I. Adelman,
Miriam, 1955-. II. Título.

CDD – 306.765

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM SOCIOLOGIA

No dia dezoito de junho de dois mil e vinte e um às 09:00 horas, na sala virtual, Google meet, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **GUSTAVO FAVINI MARIZ MAIA**, intitulada: **FRONTEIRAS E TRAVESSIAS: A INFLUÊNCIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA NEGOCIAÇÃO SUBJETIVA DE HOMENS BISSEXUAIS**, sob orientação da Profa. Dra. MERYL ADELMAN. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MERYL ADELMAN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), FERNANDO DE FIGUEIREDO BALIEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA), ANELISE MONTAÑES ALCÂNTARA (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO PARANÁ), PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MERYL ADELMAN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: "Houve consenso entre os(as) integrantes da banca sobre a qualidade teórica, metodológica e descritiva do trabalho, indicando para a publicação em formato de artigos ou livro."

CURITIBA, 18 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica
18/06/2021 13:27:18.0

MERYL ADELMAN
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
21/06/2021 09:27:28.0

FERNANDO DE FIGUEIREDO BALIEIRO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)

Assinatura Eletrônica
30/06/2021 21:03:09.0

ANELISE MONTAÑES ALCÂNTARA
Avaliador Externo (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
19/06/2021 10:44:00.0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GUSTAVO FAVINI MARIZ MAIA** intitulada: **FRONTEIRAS E TRAVESSIAS: A INFLUÊNCIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA NEGOCIAÇÃO SUBJETIVA DE HOMENS BISSEXUAIS**, sob orientação da Profa. Dra. MERYL ADELMAN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 18 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica

18/06/2021 13:27:18.0

MERYL ADELMAN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/06/2021 09:27:28.0

FERNANDO DE FIGUEIREDO BALIEIRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)

Assinatura Eletrônica

30/06/2021 21:03:09.0

ANELISE MONTAÑES ALCÂNTARA

Avaliador Externo (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

19/06/2021 10:44:00.0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460 - 9º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: pgsocioufpr@hotmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 97248

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 97248

Para meu filho Heitor, cuja vida foi gerada ao longo da realização desta pesquisa.
Que seu caminho se norteie pelas perguntas, mais do que pelas respostas.

AGRADECIMENTOS

Lidar com o processo de pesquisa e escrita da dissertação durante o estágio criticamente pandêmico provocado pela Covid-19 trouxe uma série de desafios e rearranjos de planos, o que torna essencial agradecer a quem contribuiu para que a dissertação tomasse o contorno aqui apresentado.

Agradeço à Universidade Federal do Paraná, sem a qual a presente pesquisa não teria sido realizada, reforçando a necessidade do fortalecimento e ampliação do ensino e pesquisa públicos, gratuitos e de qualidade.

À minha orientadora, Miriam Adelman, cuja experiência e a generosidade acadêmica iluminaram o caminho desta pesquisa.

À Elizabeth Sara Lewis, Fernando de Figueiredo Balieiro e Ismar Inácio dos Santos Filho, que contribuíram de maneira significativa na etapa de qualificação desta dissertação, oxigenando minhas ideias sobre o tema.

Agradeço imensamente à Isabela Martins de Carvalho, minha companheira, com quem compartilhei por diversas vezes minhas ansiedades e dificuldades em relação ao processo de pesquisa e escrita da dissertação. Seu acolhimento foi refúgio nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Agradeço aos meus grandes amigos Thiago Hansen e Carolina de Quadros não apenas pela disponibilidade em ouvirem minhas angústias sobre o processo de pesquisa e escrita, mas também por relatarem suas próprias experiências no meio acadêmico e me tranquilizado em momentos de incerteza.

Ao Bruno, Fabrício, João, Joaquim, Mohamed, Pierre, Rafael e Thiago, homens que tive o privilégio de entrevistar. Suas narrativas me trouxeram inspiração e reflexões muito ricas para pensar a pluralidade das performances bissexuais.

À minha família, agradecendo nominalmente aos meus pais Valter Ferreira de Assis e Maria Lúcia Favini de Assis, ao meu irmão Lucas Favini de Assis e à minha cunhada Rafaela Cardoso. É um privilégio poder contar com o amor, conforto e cuidado de vocês.

À todas as amigas que tive o privilégio de formar no período em que pude morar em Jacarezinho/PR, mas que o destino nos obrigou a pisar em outros campos. Ainda que afastados geograficamente, em tempos de pandemia o contato com vocês - ainda que virtual - foi significativo para a manutenção da minha saúde mental.

Ao Fausto Egydio por ter colaborado com as licenças em meu trabalho, compreendendo a necessidade do meu afastamento pontual nos momentos cruciais de escrita.

RESUMO

A bissexualidade masculina frequentemente sofre com apagamentos e preconceitos que envolvem desde a sua não abordagem adequada nas esferas de discussão da sexualidade, até a sua assimilação a preconceitos como a promiscuidade, a infidelidade e a indecisão. Considerando este cenário, a presente pesquisa busca compreender como homens bissexuais negociam socialmente suas performances de sexualidade e gênero. Para tanto, foram realizadas oito entrevistas com homens que se identificaram como bissexuais cujo contato foi proporcionado através de aproximação realizada com uso de diferentes métodos, como a busca em aplicativos de encontro entre homens e reuniões de bissexuais em uma ONG LGBTQIA+ da capital paranaense. A pesquisa de campo ocorreu em Curitiba, sendo todos os entrevistados moradores ou nascidos na cidade. Ainda que não houvesse recortes de seleção relacionados a raça, classe e escolaridade, a margem estudada revelou um padrão uniforme de pertencimento a um grupo cultural com acesso à universidade e a um padrão econômico intermediário. As entrevistas foram gravadas através de videochamadas realizadas através de Skype, e foram realizadas através de método semiestruturado. Os resultados analisados apontam que, associados a uma perspectiva desconstrutivista queer, a bissexualidade masculina pode contribuir com performatividades que auxiliem na desconstrução de padrões heterossexistas e na ampliação da definição da sexualidade para além de categorias binárias.

Palavras-chave: Bissexualidade. Bissexualidade masculina. Heterossexismo. Teoria queer. Masculinidade.

ABSTRACT

Male bisexuality often suffers from deletions and prejudices that involve everything from its inadequate approach in the spheres of discussion of sexuality, to its assimilation to prejudices such as promiscuity, infidelity and indecision. Considering this scenario, the present research seeks to understand how bisexual men socially negotiate their sexuality and gender performances. To this end, eight interviews were conducted with men who identified themselves as bisexuals whose contact was provided through approximation using different methods, such as the search for applications for encounters between men and meetings of bisexuals in an LGBTQIA+ NGO in the capital of Paraná. The field research took place in Curitiba, with all respondents living or born in the city. Although there were no selection cuts related to race, class and education, the margin studied revealed a uniform pattern of belonging to a cultural group with access to the university and an intermediate economic pattern. The interviews were recorded using video calls made via Skype, and were conducted using a semi-structured method. The results analyzed indicate that, associated with a queer deconstructivist perspective, male bisexuality can contribute to performativities that help in the deconstruction of heterosexist patterns and in the expansion of the definition of sexuality beyond binary categories.

Keywords: Bisexuality. Male bisexuality. Heterosexism. Queer theory. Masculinity.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS	27
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ESTRUTURA.....	14
1.2 PERGUNTAS E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	15
1.2.1 Objetivo geral	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 METODOLOGIA.....	16
1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA	19
1.5 A PESQUISA DE CAMPO.....	21
1.6 REORIENTAÇÕES OCORRIDAS AO LONGO DA PESQUISA	28
2 BISSEXUALIDADE.....	31
2.1 COMPORTAMENTOS SEXUAIS AMBIVALENTES NA ANTIGUIDADE	31
2.2 A INFLUÊNCIA DA MITOLOGIA GREGA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA BISSEXUALIDADE.....	33
2.3 A SEXUALIDADE COMO ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA.....	35
2.4 A APREENSÃO DA BISSEXUALIDADE PELO DISCURSO MÉDICO	38
2.5 HAVELLOCK ELLIS, RICHARD VON KRAFFT-EBING E A BISSEXUALIDADE COMO UM PROCESSO PSICOSSOMÁTICO	39
2.6 FREUD E A BISSEXUALIDADE COMO PERVERSÃO POLIMORFA.....	41
2.7 BISSEXUALIDADE E A ESCALA DE KINSEY	44
2.8 PRIMEIROS DISCURSOS ENVOLVENDO A BISSEXUALIDADE ENQUANTO ORIENTAÇÃO SEXUAL	45
2.9 DEFININDO A BISSEXUALIDADE	49
3 CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE	54
3.1 A CONSTRUÇÃO COLONIAL DA DIFERENÇA SEXUAL.....	55
3.2 HISTORIOGRAFIA DAS MASCULINIDADES	57
3.3 MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS	62
3.4 MASCULINIDADE E SEXUALIDADE	64
3.5 MASCULINIDADE BISSEXUAL	68
4 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA <i>QUEER</i>.....	72
4.1 ORIGENS DO <i>QUEER</i>	73
4.2 EXPERIÊNCIAS E DIFERENÇAS.....	76

4.3 O DISPOSITIVO DO ARMÁRIO E O REGIME DE VISIBILIDADE HETEROCENTRADO	81
4.4 O CONTRATO EPISTÊMICO DE APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE	88
4.5 DESFAZENDO A MATRIZ HETERONORMATIVA	91
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	96
5.1.1 Mohamed	98
5.1.2 Bruno	100
5.1.3 João	100
5.1.4 Pierre	101
5.1.5 Fabrício	102
5.1.6 Thiago	103
5.1.7 Rafael	104
5.1.8 Joaquim	104
5.2 A RELAÇÃO DA BISSEXUALIDADE COM CATEGORIAS SEXUAIS NORMATIVAS	106
5.2.1 Bissexualidade e pansexualidade	113
5.3 SITUAÇÕES NEGATIVAS VIVIDAS POR HOMENS BISSEXUAIS	115
5.4 MASCULINIDADE E BISSEXUALIDADE: NOVAS FORMAS DE NEGOCIAÇÃO	123
5.4.1 Negritude e bissexualidade	129
5.5 PRIVILÉGIOS E A PUBLICIZAÇÃO DA BISSEXUALIDADE	134
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	145
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA	146
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MOHAMED	147
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM BRUNO	164
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOÃO	175
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PIERRE	198
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FABRÍCIO	207
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM THIAGO	221
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM RAFAEL	240
APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOAQUIM	257

1 INTRODUÇÃO

É frequente que a bissexualidade e suas questões particulares sejam esquecidas ou relegadas a um segundo plano nas discussões sobre gênero e sexualidade, mesmo quando são desenvolvidas em grupos LGBTQIA+. O silêncio e o preconceito sobre o tema – que via de regra caminham juntos, nestes casos - reverberam em muitas pessoas bissexuais, incompreendidas em seus modos de desejo. Retratados como promíscuos, inautênticos, infiéis, indignos de confiança, vetores de doenças sexuais, confusos ou que meramente estão atravessando uma fase são rótulos não raros de serem relatados.

Durante a elaboração da minha identidade, principalmente durante a adolescência, pude perceber essa falta de referenciais positivos sobre a bissexualidade, em especial a masculina. Não localizava facilmente discursos sobre o tema, tampouco via na mídia personalidades bissexuais, ou encontrava a bissexualidade em séries televisivas e filmes. Quando finalmente as encontrava, não raras eram as representações problemáticas, que apelavam para preconceitos e sentidos comuns equivocados. A ausência dessa representatividade ecoava em mim, internalizando uma insegurança que me fazia questionar a legitimidade dos meus sentimentos. Será que, na mesma onda dos silêncios e preconceitos sobre a bissexualidade, não estaria eu também vivenciando apenas uma fase ou confuso em relação ao meu desejo?

A insegurança sobre minha própria identidade persistiu por alguns anos. Mas aos poucos, com ajuda de recursos psicanalíticos, pude compreender minhas inseguranças e, com isso, fui capaz de cartografar com maior precisão o que as provocava. No cerne da questão estava a forma deslegitimada como a bissexualidade era encarada e os silêncios discursivos¹ que faziam com que colocasse em dúvida a veracidade da minha experiência.

Esta dissertação, portanto, tem finalidades que escapam ao exclusivo interesse acadêmico. Para além das diretrizes de pesquisa sociológica, busco, também, trazer de algum modo, defender um posicionamento que traga visibilidade política e legitimação para uma orientação sexual que por mais que apresente um grande potencial de desconstrução das categorias fixas de identidade sexual, permanece empurrada para debaixo do tapete. Portanto, estudar a bissexualidade nesta pesquisa envolve, a partir de uma postura política,

¹ Sobre este ponto é relevante considerar a contribuição de Foucault, que afirma ser necessário não somente se atentar sobre a incidência ou ausência discursiva sobre determinado assunto, de forma binária. Há que se considerar existem várias maneiras de não dizer. Suas formas são plurais e muitas vezes dispersas. É preciso, ao invés de se debruçar sobre o que se diz e o que se oculta, pensar nas maneiras estratégicas e na divisão de poder que autoriza ou desautoriza determinado discurso. (FOUCAULT, 2014)

compreender os diversos significados que se pode atribuir à bissexualidade, na medida em que a compreensão dos significados ajuda a compreender a realidade e também oferece mecanismos de atuação sobre ela, partindo de uma noção de que não há separação entre teoria e prática política, na medida em que ambas são produtoras de discursos e de transformações sociais (CURIEL, 2018). Para o presente trabalho, pretendo pensar a bissexualidade como uma orientação sexual capaz de desfazer a fixidez das categorias de sexo construídas social e discursivamente. Da mesma forma que Elizabeth Sara Lewis (2012), considero importante não apenas pensar o que é a bissexualidade, mas também o que ela pode fazer enquanto categoria política. Em tempo, também é estudado neste trabalho a forma aguda com que a masculinidade se articula com a identidade sexual e as maneiras pelas quais estas combinações são refletidas na compreensão de vida dos homens bissexuais a quem entrevistei durante a realização do estudo. Assim, os objetivos da dissertação podem ser sintetizados da maneira que segue.

1.1 ESTRUTURA

Para alcançar os objetivos pretendidos, o trabalho se desenvolverá em cinco capítulos. De maneira sintetizada, o primeiro capítulo terá como objetivo apresentar os aspectos gerais da pesquisa realizada, como por exemplo, a relação do pesquisador com o tema e qual o recorte realizado, os objetivos pretendidos e o trajeto percorrido ao longo da pesquisa de campo. No segundo capítulo será apresentada uma breve linha cronológica sobre os discursos envolvendo a bissexualidade, considerando alguns aspectos da mitologia grega e a influência que os mitos exerceram na construção da bissexualidade pelo discurso médico a partir do século XIX até os dias atuais. Em um segundo momento, serão trabalhadas as principais formas de preconceito envolvendo a bissexualidade, bem como a apresentação de conceitos importantes para pensar a maneira pela qual a bissexualidade é percebida contemporaneamente, apresentando algumas definições e categorias em que a bissexualidade pode ser trabalhada.

O terceiro capítulo será desenvolvido tendo como mote os estudos de masculinidades, em especial a maneira como se articulam os conceitos de masculinidade hegemônica e subalternas. Também abordaremos sobre as formas de construção subjetiva da masculinidade e sobre formas de influência do gênero masculino na construção da sexualidade, abrindo espaço para o debate sobre as formas pelas quais a bissexualidade masculina negocia sua existência. O quarto capítulo concentrará sua atenção nos estudos da

teoria *queer*, sua recepção no país e de que maneira uma epistemologia *queer* sobre a bissexualidade pode provocar desestabilizações nas formas binárias de categorização do desejo e de que maneira ela pode ser útil para revelar e criticar categorias e estruturas que frequentemente não são percebidas com a atenção devida. Por último, no quinto capítulo, deteremos atenção para traçar um breve histórico de cada homem entrevistado e analisaremos as entrevistas buscando costurar o conteúdo das narrativas com as categorias e conceitos que foram trabalhados nos capítulos anteriores. Após esta breve apresentação de como o trabalho se desenrola, passamos à apresentação das justificativas e dos objetivos que nortearam a realização desta pesquisa, com posterior abordagem da metodologia empregada.

1.2 PERGUNTAS E OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa parte da premissa de que a bissexualidade é uma orientação sexual pouco compreendida e pouco aceita socialmente, tanto por grupos heterossexuais, quanto por grupos homossexuais (LEWIS, 2012; YOSHINO, 2000). Dentro do debate sobre práticas sexuais não normativas, a bissexualidade ainda ocupa uma zona ininteligível, além de sofrer com a marginalização e a estigmatização como uma prática sexual relacionada à infidelidade, à não monogamia e a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (JAEGER et al., 2019, p. 3). Em tempo, não existem representações de masculinidade bissexuais que sejam facilmente reconhecidas, não havendo figuras públicas que abordem a temática. O silêncio sobre o tema faz com que seja difícil falar na existência de uma cultura masculina da bissexualidade, referenciais que são facilmente encontrados quando se trata de abordar aspectos culturais relacionados ao modelo homossexual e heterossexual (SEFFNER, 2003, p. 92). A partir desta premissa buscamos compreender quais as causas que se revelam responsáveis pela invisibilização da bissexualidade, ou seja, quais fatores se mostram socialmente significativos para que a bissexualidade não seja uma possibilidade reconhecida na expressão da sexualidade.

Em tempo, também se afigura como uma medida a ser compreendida (e que certamente se relaciona com a invisibilização/rejeição da bissexualidade) a forma como a sociedade ocidental compreende a sexualidade, através de um binário que se definem pela oposição. Soma-se a isto as maneiras pelas quais a revelação da sexualidade pode ser negociada, fator que, como veremos ao longo do trabalho, se constitui mais como um fator social do que uma decisão individual e autônoma, na medida em que o círculo social, o grau

de instrução, a classe e a raça influenciam sobremaneira no cálculo de exposição da sexualidade. Desta forma, temos como objetivos do trabalho as premissas que se seguem.

1.2.1 Objetivo geral

Como objetivo geral, a dissertação que ora se apresenta busca compreender de que maneira a bissexualidade masculina é compreendida e de quais formas influencia na performatividade e construções identitárias dos homens entrevistados.

1.2.2 Objetivos específicos

Especificamente serão propostas do trabalho tentar compreender quais são as principais formas de preconceito envolvendo a masculinidade bissexual relatadas durante as entrevistas; compreender de que forma e quais fatores envolvem a publicização da bissexualidade em diferentes espaços pelos homens entrevistados, como família, círculo de amigos ou colegas de trabalho e, por fim, também se constituirá um objetivo específico da presente pesquisa compreender o potencial subversivo que a bissexualidade pode apresentar em relação às normas socialmente impostas sobre gênero e sexualidade.

1.3 METODOLOGIA

Considerando os objetivos propostos, a presente pesquisa se valerá de entrevistas, cuja análise de conteúdo será norteadas através de uma metodologia indutiva com análise qualitativa, permitindo, deste modo, que as respostas dos entrevistados partam de categorias particulares, em especial sobre as experiências de vida envolvendo masculinidade e bissexualidade, e, em um segundo momento, que as respostas manifestadas pelos participantes sejam agrupadas em categorias que permitam verificar a aproximação ou o distanciamento entre os conceitos teóricos centrais para o trabalho. É importante também ressaltar que a entrevista não se restringe tão somente ao agrupamento de questões previamente esboçado. Por se tratar de entrevistas realizadas através de método semiestruturado, na maior parte das vezes as perguntas feitas que fugiam ao roteiro preestabelecido eram formuladas de acordo com as respostas a perguntas feitas anteriormente de acordo com a ordem de anotação. Deste modo, o surgimento de novos questionamentos decorria do ponto de vista e da trajetória particular do entrevistado, razão pela qual

determinados assuntos podem ter sido trabalhados com maior ou menor ênfase de acordo com a disponibilidade do entrevistado para abordá-lo.

Em relação ao roteiro que orientou as entrevistas, as perguntas nele inseridas foram elaboradas com a intenção de melhor conduzir os entrevistados de acordo com o tema proposto e procurando tornar vívidas as narrativas, de modo a proporcionar uma boa análise discursiva. Com isso em mente, elaborei 19 questões e as separei de acordo com grupos temáticos. As primeiras 5 questões foram construídas para instar o entrevistado a falar um pouco mais sobre si, de modo a tornar possível descobrir algum conteúdo que pudesse ser explorado fora do roteiro estabelecido. As perguntas, portanto, envolvem um pedido de apresentação amplo e genérico, com relatos de episódios da vida que o entrevistado considere relevantes. As perguntas que vêm a reboque possuem o escopo de explorar os primeiros descobrimentos e experiências sexuais do entrevistado, tais como quando passou inicialmente a sentir desejo de forma ampla, quando o desejo passou a manifestar-se por mais de um gênero, quando ocorreu o primeiro contato sexual e se atualmente o desejo é manifesto por apenas pessoas cisgênero ou se engloba também identidades não-binárias ou transexuais. Estas perguntas, especificamente, foram pensadas em uma tentativa de compreender em que medida o desejo dos entrevistados se encaixa a uma noção tradicional da bissexualidade (que defende que a atração se volta para homens e mulheres cisgênero) ou se mesmo esta categoria se apresenta insuficiente para definir o gradiente de atração bissexual dos participantes.

As perguntas 6 a 10 compõem o grupo temático que busca compreender como a bissexualidade é encarada pelo entrevistado. Nesta parte da entrevista, são tocados em temas como por exemplo, a definição do entrevistado sobre o que é a bissexualidade e quando passou a se relacionar sexual e/ou afetivamente com mais de um gênero. Também é perguntado sobre o momento da vida em que o entrevistado começou a compreender e aceitar a própria bissexualidade, se conhece outros homens que se consideram bissexuais e, por fim, se possui preferência por algum gênero ao relacionar-se sexual e afetivamente. Este eixo de perguntas tem como finalidade buscar compreender através das narrativas dos entrevistados sobre a forma pela qual a bissexualidade passou a ser percebida através dos discursos sociais e através do mapeamento do próprio desejo e, de forma indireta, como estas duas questões foram conciliadas na negociação da posição de sujeito dos homens ouvidos.

O terceiro grupo de questões, que abrange as perguntas 11 a 13 busca aproximar o tema da sexualidade com as construções e signos estabelecidos em relação ao gênero. Procurei compreender se existe uma influência da masculinidade hegemônica na forma como os entrevistados lidam com a bissexualidade ou, em outros termos, compreender se o medo de

estigmatização se coloca como um fator importante na negociação de sua posição de sujeito, de modo que seja instado a manifestar socialmente uma performance de masculinidade normalizada. Também foi um intento deste grupo de perguntas compreender se existe algo que possa ser reconhecido como uma “cultura bissexual” ou se a postura bissexual se encontra em um tensionamento constante entre as representações enxergadas culturalmente como heterossexuais e as representações encaradas como homossexuais. Com isto em mente, são abordados nesta parte da conversa tópicos que envolvem a relação entre a bissexualidade e a construção e signos da masculinidade; se é notado pelo entrevistado formas diferentes de se portar quando se relaciona com os diversos gêneros e qual o grau de importância da orientação sexual no processo de construção da autoimagem.

O quarto e último grupo de formulações é pautado pelo tema das percepções sociais sobre a bissexualidade, de acordo com a ótica do entrevistado. É neste ponto da entrevista que são abordados temas como a existência ou não de desafios específicos da bissexualidade masculina, bem como sobre a possibilidade de existência de pontos positivos em ser um homem bissexual. Os questionamentos trabalhados também envolvem perquirir sobre o nível de exposição da sexualidade que o entrevistado adota, com perguntas sobre quais os grupos em que teve maior facilidade para se revelar bissexual, quais os grupos que julga mais hostis à exposição da sexualidade e qual o nível de abordagem de temas envolvendo a sexualidade do entrevistado com sua família².

Em relação à duração da entrevista, o trabalho total dos temas propostos é variável conforme a disposição do entrevistado em se manifestar. Alguns participantes se apresentaram mais tímidos ou lacônicos, o que exigiu um pouco mais de jogo de cintura do entrevistador para que a conversa se desenvolvesse. Já outros entrevistados se mostraram bastante abertos e dispostos a falar sobre o tema apontado. De modo geral, busquei tornar mínimas as minhas incisões, deixando o entrevistado falar livremente. Em algumas circunstâncias, o assunto da entrevista afastava-se do inicialmente proposto, ocasião em que realizava pequenas intervenções para retomar a prumo a conversa dentro do que havia definido como objetivo. Neste cenário, as conversas com os entrevistados mais dispostos chegaram a beirar duas horas de duração, enquanto as entrevistas mais breves tiveram duração

² Esta pergunta foi elaborada especificamente considerando o grau de importância que a família, em especial a família nuclear, carrega para a maioria dos indivíduos. Ainda que se possa argumentar que estes valores não são universais, acredito que as perguntas que precederam este ponto da entrevista puderam ilustrar como se desenvolve a dinâmica do entrevistado com este grupo em específico. Os diálogos, conforme será trabalhado com maior detalhamento no capítulo 5, revelaram que o seio familiar compõe um círculo importante na vida dos entrevistados, ainda que o nível de exposição da própria sexualidade tenha variado entre eles.

de pouco mais de quarenta e cinco minutos. Com isso, em média, as falas tiveram cerca de uma hora e quinze minutos de duração. Na continuidade passo a relatar quais foram os passos trilhados no aprimoramento dos objetivos da pesquisa que ora se apresenta.

1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Inicialmente o projeto era voltado para a análise e entrevista de homens bissexuais que frequentassem as casas de *swing* de Curitiba. Como quase todas as casas de Curitiba possuíam festas temáticas sobre bissexualidade, cheguei a crer que estudar este espaço seria rico, na medida em que acreditava que encontraria na penumbra dos espaços destas casas noturnas homens bissexuais que pudessem contribuir com a minha pesquisa. Após frequentar por algumas vezes o que era inicialmente meu campo de estudo, notei que as expressões de sexualidade não heterossexuais ali encontradas eram manifestadas exclusivamente por mulheres.

Estudar a bissexualidade masculina nesta geografia, portanto, me provocou uma sensação de frustração por conta de alguns aspectos. Em primeiro lugar, não só a programação, mas também a arquitetura dos lugares visitados incentivava quase que exclusivamente a exposição do corpo feminino. Nas três casas frequentadas ao todo havia a instalação de mastros de *pole dancing* em lugares estratégicos e de grande visibilidade para uso das dançarinas contratadas e mulheres frequentadoras. Considerando a composição do público e o nível de atenção que era dispensado às dançarinas, pude interpretar que os corpos que ali se exibiam tinham como finalidade provocar o deleite do olhar masculino. E esta ideia era particularmente fortalecida quando analisava que as manifestações sexuais envolvendo pessoas do mesmo gênero (mesmo nas festas temáticas de bissexualidade) se davam entre mulheres, como já mencionado. Não pude observar qualquer tipo de contato sexual direto entre homens nestes ambientes, ao menos nas áreas de livre acesso.

Equivocadamente ou não, encerrei esta experiência de campo embrionária com a sensação de que ao invés de espaços dedicados a uma liberdade sexual, tal como se definem, as casas de *swing* se mostram mais como um ambiente para deleite sexual de um grupo com um tipo específico de predileções sexuais, predileções estas que provavelmente não contemplam categorias perceptíveis de contato homoerótico entre homens. Notei, portanto, que ainda que meu projeto de pesquisa inicial se debruçasse sobre as casas de *swing* como uma potencialidade de expressão da bissexualidade masculina, na prática o que pude notar é que minhas expectativas estavam além da proposta destes lugares. Fui levado a crer que

manter o projeto original, estudando e relatando as práticas sexuais, os signos e os discursos presentes nas casas de *swing* refletiriam mais na elaboração de uma cartografia sociológica daqueles espaços do que no estudo de negociações e articulações de posições de sujeito de homens bissexuais. Deste modo, o tema e a abordagem do projeto precisaram ser reelaborados e adaptados.

Entre os desafios da adaptação exigida, repensar as maneiras através das quais teria acesso a homens declaradamente bissexuais dispostos a narrar suas experiências de vida se mostrou particularmente angustiante. Quando já estava no período final dos créditos exigidos no mestrado e, portanto, na iminência de definir, de forma permanente o novo caminho a ser percorrido em razão do tempo disponível, que se rareava, tive conhecimento de que a ONG Dignidade, uma importante organização de Curitiba que atua na defesa de direitos de pessoas LGBTQIA+, estava formando um grupo de apoio a pessoas bissexuais. Frequentei a primeira reunião realizada pelo grupo embrionário e chamou-me a atenção o fato de haver um número considerável de pessoas bissexuais dispostas a compartilhar suas particularidades relacionadas à sexualidade, mais do que imaginara. Pude contar, já naquele primeiro encontro, mais de vinte bissexuais reunidos em círculo, relatando e debatendo suas vivências.

Outro aspecto da reunião também me saltou aos olhos: das mais de vinte pessoas presentes, apenas cerca de cinco delas (contando a minha presença) eram homens. Ainda que a estatística fosse pouco favorável numericamente, comecei a sentir, a partir desta experiência, um lampejo de otimismo. Outrora sequer seria possível pensar na existência de um grupo voltado para discussão das questões específicas da bissexualidade. Ainda que numericamente a quantidade de homens presentes não fosse muito expressiva proporcionalmente, já acenava que havia, sim, pessoas do meu público-alvo dispostas a falar sobre si sem que o medo do julgamento social se apresentasse como fator inibidor.

Ao final da reunião, houve uma pequena confraternização na qual os participantes conversavam entre si e poderiam deixar seu número telefônico para inclusão em um grupo de WhatsApp, criado especialmente para debater temas relacionados ao grupo, como sugestão de temas, datas para reuniões, etc. Realizei minha inscrição, enxergando nesta ocasião a oportunidade para manter maior contato com o grupo, especialmente com os homens, e verificar, a partir daí, a existência de interesse em compartilharem de que forma criam narrativas sobre a construção da subjetividade de acordo com a trajetória de vida e qual a importância que a bissexualidade adquire em todo o processo.

Com as alterações realizadas no objetivo da pesquisa, foram pensados novos objetivos e um novo título para a dissertação. Fronteiras e travessias são termos referentes à

introdução de *Vice-versa*, na qual Marjorie Garber, ao falar sobre a difícil categorização do desejo, que teima em não caber nas definições hegemônicas, pontua que “quanto mais fronteiras a serem patrulhadas, mas (sic) travessias são feitas.” (1997, p. 22). Na mesma linha, Richard Miskolci (2017a, p. 42) também fala da relação histórica e circunstancial do desejo, argumentando que ele não carrega um objeto fixo, mas são condicionados através de interesses coletivos. Portanto, para o presente trabalho, consideramos que a forma como a sexualidade se constrói e se visibiliza contemporaneamente elabora e naturaliza fronteiras de desejo binárias, nas quais relações de poder e privilégio se designam em decorrência das desigualdades construídas sobre os diferentes polos do binário (a exemplo, masculino e feminino, heterossexual e homossexual, branco e preto, etc.). Lidar com a bissexualidade de acordo com a perspectiva adotada neste trabalho, por sua vez, envolve a desnaturalização destes binários e apresentar as contingências sociais e históricas que viabilizam determinadas expressões de sexualidade em detrimento de outras. Em tempo, o título também se defende na medida em que a bissexualidade masculina, em razão da sua difícil categorização, pode carregar o potencial de transgredir com as normas socialmente impostas em relação à inteligibilidade do gênero masculino, tão atrelada ao desempenhar de uma sexualidade específica, podendo também contribuir de maneira significativa com a desconstrução, através de uma perspectiva *queer*, dos binários e das categorias identitárias que se apresentam de forma monolítica.

1.5 A PESQUISA DE CAMPO

O início da etapa de entrevistas estava previsto para o mês de março de 2020, mesmo mês em que tiveram início as medidas de restrição provocadas pelo coronavírus. Aguardei por cerca de um mês, vislumbrando que a situação de controle de circulação de pessoas seria passageira. Ao cabo do período, no entanto, as condições de propagação da doença não haviam arrefecido. Pelo contrário, o vírus continuou a se espalhar em uma progressão geométrica, provocando, assim, a derradeira impossibilidade de realização presencial das entrevistas.

Desta forma, a existência de uma pandemia durante a elaboração do trabalho foi responsável por provocar algumas alterações no curso inicial das entrevistas pretendidas. As entrevistas foram pensadas para serem realizadas presencialmente por algumas razões. Com o encontro *tête-à-tête* seria possível trazer à entrevista uma riqueza maior dos detalhes da interação social, como os olhares, as reticências, a análise da postura corporal, etc. Em um

contato pessoal também seria possível estabelecer com mais facilidade um diálogo prévio à entrevista, que permitisse um breve conhecimento mútuo entre mim e os agentes, podendo a conversa inicial fazer com que meu interlocutor se sentisse mais à vontade para narrar detalhes de sua vida. Não obstante, a realização presencial das gravações também eliminaria a ocorrência de alguns problemas técnicos ocorridos nas gravações das videochamadas, especialmente os oriundos da qualidade do sinal de conexão, que consequentemente prejudicava a qualidade da imagem e do áudio captado em algumas ocasiões. Isto porque não é sempre possível garantir que todos os envolvidos tenham uma conexão com a internet em velocidade adequada à realização deste tipo de atividade sem interferências.

Ainda que em decorrência dos imprevistos as entrevistas tenham se realizado todas através de videochamadas por Skype, adotei algumas precauções e protocolos que foram seguidos em todas elas. Antes de iniciar a gravação da conversa, frisava ao entrevistado que sua identidade seria resguardada. Seu nome e quaisquer informações qualificadoras de sua identidade seriam suprimidas na transcrição da entrevista, bem como não seriam utilizadas na edição do trabalho. Não obstante, também era apresentado ao entrevistado uma visão geral sobre o projeto. Pretendia, com isso, provocar alguns efeitos interdependentes. O primeiro deles seria trazer alguma familiaridade e conhecimento ao entrevistado sobre o tema da pesquisa. Assim agindo, era levado a crer que meu interlocutor poderia sentir-se mais confortável com as perguntas formuladas, possibilitando uma maior abertura ao falar sobre si, ciente de que as respostas não seriam utilizadas de forma a prejudica-lo. A reboque deste efeito, ao falar do projeto, também buscava nortear o entrevistado sobre as linhas gerais das perguntas que poderiam vir. Com isso, a intenção seria não apenas confortá-lo sobre o desenvolvimento da entrevista, mas também provocar uma breve elaboração mental que fosse minimamente capaz de ajudar na organização de sua narrativa ao longo da gravação. Trazia ainda a todo entrevistado a informação de que seria possível, a qualquer momento, interromper a entrevista, bem como não responder eventuais perguntas que pudessem provocar constrangimento. Apesar desta orientação, não houve qualquer pergunta que não fosse respondida.

O critério de seleção dos entrevistados não apresentou qualquer recorte de idade, raça ou nível de instrução. Considerar-se um homem bissexual foi o único requisito exigido pelos padrões da entrevista. Este recorte metodológico foi pensado considerando alguns pontos fundamentais. O primeiro deles é de ordem prática. Encontrar homens que se considerassem bissexuais nos ambientes em que realizei a pesquisa e que estivessem dispostos a falar sobre sua própria vida e sexualidade com um desconhecido talvez fosse entendida como uma

atividade espinhosa. O segundo ponto é que com a entrevista de homens de idades, classes e raças diferentes, acredito ser possível angariar uma maior pluralidade de histórias de vida, realçando a importância de um estudo interseccional e não única sobre o tema.

Ainda que a busca pelos entrevistados não tenha ocorrido pensando em um recorte, o perfil dos entrevistados pode ser agrupado dentro de alguns padrões. Em linhas gerais, todos os participantes tinham um bom nível educacional, tendo todos eles acesso à universidade em algum ponto da vida. Outro atributo comum que a análise das entrevistas revela é o nível econômico dos entrevistados. Nas informações obtidas através do preenchimento do formulário socioeconômico e das entrevistas, é possível verificar que os entrevistados também compartilham o fato em comum de pertencerem a uma classe econômica intermediária. Assim, ainda que as narrativas apresentem a riqueza da diversidade, seja racial, seja etária ou oriunda das próprias experiências subjetivas, é importante destacar que algumas aproximações dos discursos podem ser parcialmente explicadas em razão da expansão de vocabulário provocado por um maior nível instrucional e do relativo grau de conforto econômico dos participantes.

Sobre o método escolhido para selecionar os entrevistados, fui levado a elaborar mais de uma estratégia de modo a arregimentar homens que tivessem interesse em compartilhar suas vivências sobre a bissexualidade. Conforme mencionado na seção anterior, em uma primeira oportunidade busquei junto à ONG Dignidade homens bissexuais que se encontravam no grupo de conversas do WhatsApp do referido setor da ONG. Paralelamente, também procurei homens bissexuais que já conhecia e trazia certo nível de proximidade por redes sociais e propus, em ambos os casos, a realização da entrevista, trazendo todas as informações já mencionadas sobre o meu tema. Importante neste ponto destacar que a minha apresentação enquanto homem bissexual e a minha apresentação dentro do grupo de militância bissexual formada pela ONG Dignidade foi responsável, de certa forma, por mitigar minha condição de um pesquisador *outsider*, possibilitando uma aproximação com mais facilidade do grupo estudado, com minha fala autorizada a abordar o tema sem maiores entraves, o que pode ter refletido em uma maior aceitação dos convidados (da ONG, ao menos) para participarem da entrevista.³ Ainda que a adesão tenha sido unânime entre os homens aos quais realizei a proposta, em números totais a quantidade de informantes ainda permanecia insuficiente aos propósitos da pesquisa.

³ Sobre o papel de *outsider* nas pesquisas envolvendo sexualidade, Nádia Elisa Meinerz (2006) defende que por vezes, quanto maior a identificação pessoal do pesquisador com o objeto de estudo, maior tende a ser a abertura dos agentes em participar do projeto.

Optei, então, por lançar mão de uma nova forma de buscar mais alguns homens que pudessem contribuir com a dissertação. Criei um perfil em meu nome em aplicativos de encontros entre homens, especificamente no Grindr e Scruff. A escolha por ambos obedece a alguns critérios. O Grindr é sabidamente a maior plataforma online de encontros entre homens atualmente. Portanto, a escolha por este aplicativo tinha como finalidade me colocar em contato com a maior quantidade de homens bissexuais o possível. Porém, neste aplicativo a busca selecionando categorias específicas de perfil é limitada para usuários que usam a plataforma de maneira gratuita, de modo que restava reduzida a minha possibilidade de fazer uma busca avançada que permitisse localizar especificamente perfis de homens bissexuais. Para sanar esta lacuna e ampliar a margem de localização de entrevistados, criei também um perfil no Scruff. Diferentemente do Grindr, o Scruff permite a busca avançada selecionando categorias, dentre as quais, a de homens bissexuais.

Em ambos os aplicativos, meu perfil contava com meu nome e algumas fotos minhas (*selfies*, em sua maioria) que apresentavam de forma nítida o meu rosto, de modo a criar uma apresentação mínima ao meu interlocutor. No campo dos objetivos, manifestava no perfil o meu interesse naqueles espaços, ou seja, estritamente acadêmico, buscando homens bissexuais que estivessem dispostos a serem entrevistados sobre suas experiências de vida envolvendo a sexualidade. As reações sobre minha finalidade naquele ambiente virtual foram variadas. Houve aqueles que se aproximavam com finalidade sexual, enquanto outros chegavam a desconfiar da possibilidade de se buscar em tais espaços - cuja finalidade principal é o agendamento de encontros sexuais entre homens - interessados em serem entrevistados. Também ocorreu por algumas vezes a localização de homens bissexuais que vieram me procurar interessados pela minha proposta. Entretanto, ao serem informados que a conversa seria gravada por vídeo através de Skype, perdiam o interesse e não se apresentavam e tampouco voltavam a interagir.

Curiosos e incômodos também foram os episódios de homens que condicionavam a concessão da entrevista a uma contraprestação sexual de minha parte. Propostas estas que eram declinadas por uma série de razões. Em primeiro lugar, comungo com Meinerz (2006) em relação à necessidade de se delimitar o lugar do pesquisador em trabalhos que versem sobre sexualidade. A pesquisa de campo sobre este tema, defende a antropóloga, precisa de um meio termo entre a interação total – no caso, o consentimento em um ato sexual -, e a demarcação incisiva da diferença, o que complicaria o estabelecimento de qualquer aproximação com os agentes do campo de estudos. Considerando que parte da busca por entrevistados foi realizada em aplicativos voltados para o contato afetivo-sexual entre

homens, a maneira mais eficaz para me situar naquele ambiente virtual enquanto pesquisador sem salientar excessivamente as diferenças foi a de justamente me apresentar como um pesquisador que, ainda que identificado como bissexual, mantinha clara a recusa a qualquer tipo de proposta sexual com potenciais entrevistados.

Ademais, a recusa do sexo também encontrava guarida em outras justificativas. Considerando que a entrevista deveria ser realizada sem qualquer condicionante, ao recusar às investidas, além de resguardar meu espaço enquanto pesquisador, buscava assegurar minimamente que as respostas às perguntas formuladas fossem elaboradas espontaneamente, sem vistas a uma contraprestação de minha parte. Considero que, neste ponto, a vinculação da entrevista a qualquer obrigação ou condição carregaria o perigo de maquiar as respostas do entrevistado, podendo ele elaborá-las de acordo com o que imaginava ser de maior interesse ao pesquisador, buscando, assim, garantir que sua contraprestação fosse atendida.

Também impedia o aceite a propostas desta ordem estar em um relacionamento durante a realização da pesquisa de campo, o que realçava minha recusa por contatos sexuais, buscando preservar meu distanciamento na condição de pesquisador. Entretanto, ainda que estivesse solteiro na ocasião, poderia elencar outros fatores demasiadamente relevantes para a recusa, como o próprio cenário pandêmico provocado pela COVID-19. Manter o resguardo e o cumprimento de regras de isolamento social ou, no mínimo, de distanciamento social, funcionaram como imperativos que não deveriam ser quebrados.

Justamente em razão do cenário pandêmico, as buscas pelos primeiros entrevistados e as primeiras gravações foram postergadas de março para abril de 2020. A primeira entrevista foi realizada com Mohamed⁴. Meu primeiro contato com ele havia ocorrido um bom tempo antes do convite da entrevista e, desde então, mantinha um contato esporádico através das redes sociais. A entrevista foi marcada em seu início por um nervosismo de ambas as partes. Da minha, por estar realizando pela primeira vez uma etapa importante da pesquisa. E acredito que da parte dele havia um certo receio em expor condições tão íntimas de sua vida e eventualmente ser pressionado ou julgado. Entretanto, o receio inicial aos poucos foi se dissipando e Mohamed se mostrou bastante aberto e falante. Nossa conversa durou aproximadamente uma hora e quarenta minutos.

⁴ Todos os nomes dos entrevistados foram alterados, mas optei por me referir a eles através de nomes próprios de maneira a preservar características pessoais daqueles que foram ouvidos. Nesta linha, sigo o argumento de Seffner (2003, p.40) que defende que “mais que informantes, são indivíduos que se dispuseram, corajosamente, a falar de suas vidas, respondendo a tudo que foi perguntado, colaborando de maneira geral com muita dedicação”.

O segundo entrevistado foi Bruno. O conheci durante o período de graduação. Jovem e de aspecto tímido, Bruno respondia às questões realizadas com concisão, via de regra. Nossa conversa durou aproximadamente cinquenta e cinco minutos. Na sequência, pude conversar com João, o primeiro contato que realizei através do grupo formado na ONG Dignidade. Bastante falante e extrovertido, sua entrevista foi a mais longa realizada, beirando quase duas horas de conversa. O quarto entrevistado foi Pierre, cujo acesso também foi possibilitado através das reuniões do grupo de bissexuais. Da mesma forma que Bruno, Pierre também não era de muitas palavras, o que reverberou na curta duração de nossa entrevista, de cerca de quarenta e oito minutos. Entretanto, não pude perceber em sua expressão ou no teor de suas respostas qualquer tipo de incômodo com as questões suscitadas.

Depois de Pierre, agendei entrevista com Fabrício e Thiago. Conheci Fabrício, que carregava um aspecto sisudo, através do grupo Dignidade, enquanto Thiago foi contatado inicialmente através do Grindr. Enquanto a conversa com Fabrício durou aproximadamente uma hora, a entrevista com Thiago foi uma das mais longas, chegando a quase uma hora e quarenta minutos de duração. O penúltimo entrevistado foi Rafael, que de forma aberta e simpática falou de suas experiências envolvendo gênero e sexualidade por uma hora e trinta e cinco minutos. Por fim, conversei por aproximadamente uma hora e meia com Joaquim, cujo contato inicial também se deu através dos aplicativos. Desta forma, para o presente trabalho entrevistei 8 homens, com uma duração total das entrevistas de aproximadamente onze horas.

A todos os entrevistados foi solicitado o preenchimento de um formulário (conforme seção 8.2) no qual informassem seu nome completo, telefone para contato, e-mail, nível de instrução, autodeclaração de raça e idade. Os três primeiros requisitos não são trazidos a este trabalho em decorrência do anonimato das fontes, apesar de terem sua relevância justificada, caso surgisse a necessidade de contatá-los uma segunda vez. As demais informações são eventualmente utilizadas de modo a verificar como as narrativas dos entrevistados se relacionam com os marcadores sociais de raça, classe social e faixa etária. De modo a sintetizar e facilitar a assimilação dos dados dos entrevistados, as informações foram organizadas de acordo com a seguinte tabela:

TABELA 1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade	Raça	Renda (em salários mínimos)	Nível de Instrução	Ocupação
Bruno	23 anos	Branco	Até 1 S.M.	Graduando	Estudante
Fabício	26 anos	Branco	Entre 2 a 5 S.M.	Técnico Profissionalizante	Desempregado
João	28 anos	Branco	Entre 5 a 8 S.M.	Pós-graduado lato sensu (especialização)	Engenheiro de software
Joaquim	29 anos	Branco	Entre 5 a 8 S.M.	Graduado	Servidor Público Estadual
Mohamed	30 anos	Preto	Entre 5 a 8 S.M.	Mestre	Professor
Pierre	28 anos	Branco	Entre 2 a 5 S.M.	Graduando	Servidor Público Municipal
Rafael	31 anos	Nipo- brasileiro	Acima de 13 S.M.	Graduado	Diretor Comercial
Thiago	43 anos	Preto	Entre 2 a 5 S.M.	Pós-graduado lato sensu (especialização)	Coordenador Pedagógico

FONTE: o autor (2021).

Para a análise das entrevistas serão necessários alguns aportes teóricos fundamentais. A primeira contribuição vem de Joan Scott (1998), que adverte sobre os riscos de tomarmos a experiência como evidência. O problema com esta postura metodológica, adverte, reside no perigo da naturalização das categorias de identificação. Esta naturalização ocorre, segundo ela, a partir do momento que tomamos como autoevidentes as experiências daqueles a quem documentamos a experiência e com isso acabamos naturalizando as diferenças entre diferentes categorias socioidentitárias. Nestes casos, o perigo mora em uma assimilação sem a devida crítica da narrativa. A visão do agente acaba se tornando o suporte para a elaboração

da explicação. Com isto em mente, procurei, durante a análise das narrativas, considerar categorias estruturais que pudessem permitir a configuração da experiência tal como narrada. Por exemplo, ao abordar a questão do armário e da revelação da bissexualidade, busquei privilegiar fatores sociais e históricos que pudessem interferir na exposição ou não da sexualidade. Com esta postura, acredito estar colaborando para uma análise das estruturas que moldam e autorizam a experiência ao invés de simplesmente toma-las como algo dado. Escapar desta linha narrativa reprodutora de assimetrias é uma tarefa que exige do pesquisador uma postura que permita ir além da constatação da desigualdade, mas abrir caminho para analisar como a desigualdade foi estabelecida. Ao adotar esta perspectiva de análise, procuro também aproximar os argumentos de Scott (1998) sobre a não naturalização das diferenças com a perspectiva desconstrucionista da teoria *queer*, que tem em sua raiz a forte crítica a formas de marginalização e exclusão solidificadas em uma forma naturalizada e hierárquica de compreender as diferenças. Para fugir a esta naturalização, é importante historicizar a própria formação das categorias identitárias. Deste modo, buscaremos considerar uma noção de bissexualidade que seja historicamente situada e a partir desta localização, compreender de que forma a bissexualidade é percebida e negociada socialmente pelos entrevistados.

1.6 REORIENTAÇÕES OCORRIDAS AO LONGO DA PESQUISA

Nesta seção serão abordadas algumas características que foram reformuladas durante a realização da pesquisa, especialmente as mudanças conceituais e metodológicas ocorridas após o período de entrevistas, realizadas entre abril e setembro de 2020. A primeira mudança que é digna de ser mencionada é referente à perspectiva adotada em relação às categorias sexuais e a utilização delas no trabalho. Após a realização das entrevistas e com uma leitura um pouco mais acurada sobre teoria *queer*, pude notar que algumas das perguntas não estão de acordo com uma perspectiva de desconstrução destas categorias. Muitas vezes a pergunta acabava tendo o efeito inverso. Involuntariamente acabo sugerindo reforços normativos ao invés de desconstruí-los. Como acontece, por exemplo, com a pergunta 8 (ver seção 8.2) na qual indago sobre um entendimento em relação à bissexualidade. Posteriormente à realização das entrevistas, passei a compreender que as posições de sujeito são constantemente negociadas, de modo que a própria imagem de si também se constrói na medida em que são articuladas as relações com os outros. Desta forma, entender a bissexualidade nunca será uma posição definitiva, pois a interação social carrega a potência de interferir na concepção que os

indivíduos fazem de si e, conseqüentemente, de sua sexualidade. A bissexualidade (assim como qualquer outra forma de manifestação de desejo) não é estanque e sua compreensão sempre será provisória na medida em que está em constante movimento. Na mesma linha, também reconheço que as perguntas 10 e 11, sobre preferências por formas de relacionamento afetivo e sexual e sobre as diferenças performáticas no relacionamento com diferentes gêneros também devem ser encaradas como pontuais e não como uma predileção definitiva na vida dos entrevistados.

A perspectiva que havia adotado em relação à bissexualidade no trabalho também sofreu algumas modificações conforme escrevia e avançava nas leituras. A ideia inicial era partir da bissexualidade enquanto categoria de identidade e/ou orientação sexual, tal como é percebida com frequência as orientações heterossexual e homossexual. No entanto, a partir das leituras *queer* desconstrutivistas foi possível perceber que a estratégia de combater o apagamento da bissexualidade pensando-a como uma categoria fixa seria capaz de trazer outra ordem de problemas, como, por exemplo, não pensar a sexualidade enquanto uma categoria dependente das relações sociais e da negociação de significados atribuídos por parâmetros sociais (LAGO, 1999), ou não problematizar as marginalizações que uma definição rígida do termo é capaz de operar, conforme ponderado por Butler (2019).

Deste modo, me vi afastado de trabalhar a bissexualidade a partir definições que considero excludentes, como a proposta por Valdeci da Silva (1999), que toma a bissexualidade como uma orientação que combina as condutas heterossexuais e homossexuais. Neste sentido, concordo com a crítica postulada por Elizabeth Sara Lewis (2012), que propõe que pensar a bissexualidade como uma amálgama entre níveis de heterossexualidade e homossexualidade reforça não apenas a normalização binária entre a heterossexualidade e a homossexualidade, como também aprofunda preconceitos como a visão deturpada de que a bissexualidade deve ser encarada como uma fase transitória e indefinida entre a hétero e a homossexualidade e outros preconceitos específicos ramificados a partir deste, como acreditar que o bissexual é um gay ainda não preparado para revelar-se ou não disposto a abrir mão de privilégios da heterossexualidade.

Também merece destaque o fato de que as definições sobre bissexualidade são relativamente variáveis, a depender, inclusive, da própria ideia que se tem sobre como deve ser pensada e categorizada a sexualidade como um todo. De imediato, cabe destacar que o estudo sobre as orientações sexuais é possível de ser realizado a partir de diferentes critérios, podendo mesclá-los ou não. Os eixos de análise da sexualidade mais comumente abordados são através do desejo, da autoidentificação ou da conduta (LAUMAN, E. O.; GAGNON, J.

H.; MICHAEL, R. T.; MICHAELS, S., 1994 *apud* YOSHINO, 2000, p. 371). Estes três tipos de definições costumam partir do pressuposto de que a sexualidade é um atributo que se define a partir do gênero da pessoa com quem se relaciona. Ainda que o presente trabalho tenha o esforço de compreender a bissexualidade a partir de uma ótica *queer*, na qual as categorias e as descrições não definem a experiência em abstrato, é interessante trazer a contribuição de Marjorie Garber (1997), que acena que práticas não monossexuais podem ser verificadas a partir de diversas perspectivas, cada qual com sua particularidade. Elenca, por exemplo, tipos como a bissexualidade de defesa (utilizada contra uma categorização estigmatizada de homossexualidade), a bissexualidade latina (como a que fora praticada em algumas culturas mediterrâneas, em que o contato sexual entre homens não afastava a normativa hétero), a bissexualidade ritual (como ocorre com jovens do povo sambia, na Papua-Nova-Guiné, que praticam a felação com homens mais velhos para adquirirem sua masculinidade através do sêmen), a bissexualidade situacional (praticada por internos de prisões ou outras instituições para pessoas do mesmo sexo) ou a bissexualidade técnica (quando um parceiro/a afetivo e/ou sexual passa por alguma forma de transformação identitária).

Pensando na forma de abordagem da bissexualidade no presente trabalho, o recorte realizado tem como fonte de análise principal a autoidentificação, ainda que teremos margem para trabalhar a bissexualidade a partir de formas mais abertas, como por exemplo os três eixos de definição bissexual defendidos por Shiri Eisner (ver seção 2.9). Desta forma, foi requisito essencial que todos os candidatos a entrevista se identificassem como bissexuais, ainda que sua orientação não tenha, em alguns casos, ampla publicidade na sua rede de relacionamentos. No próximo capítulo serão trabalhados discursos históricos sobre a bissexualidade e em que medida as narrativas sociais sobre o tema influenciaram na definição da bissexualidade, muitas vezes influenciada por padrões heterossexistas.

2 BISSEXUALIDADE

O presente capítulo se desenvolve de modo a possibilitar o pensamento da bissexualidade enquanto uma construção histórica de modo a desnaturalizar como a sexualidade - em especial, as sexualidades subalternas – é compreendida. Desta forma, o capítulo se organiza a partir de uma breve síntese sobre a ambivalência sexual na antiguidade, cujo objetivo é abrir campo para desnaturalizações de sexo e gênero, tão presentes no senso comum brasileiro, cuja associação mais evidente é a defesa do interesse pelo gênero oposto como sendo um atributo natural, fazendo disto uma defesa da heterossexualidade e jogando à margem sexualidades dissidentes. Na sequência, serão estudadas algumas influências da mitologia grega na elaboração discursiva das primeiras definições envolvendo a bissexualidade, formuladas a partir de um florescente discurso médico durante o século XIX por estudiosos como Havellock Ellis e Richard Krafft-Ebing. Também será objeto de análise a teoria freudiana, que entre os séculos XIX e XX pensou a bissexualidade a partir de diversas lentes, influenciando a forma como a atração por mais de um gênero é até hoje compreendida. Ainda em relação ao século XX, veremos como Alfred Kinsey, a partir de sua pesquisa pioneira sobre sexualidade, possibilitou novas formas de compreensão do desejo a partir do resultado formulado em sua pesquisa. Finalmente, encerramos o capítulo procurando compreender como a bissexualidade finalmente passou a ser compreendida enquanto orientação sexual a partir da década de 1970. A partir das definições historicamente estabelecidas, pretendo elaborar na parte final desta seção quais formas são possíveis para se pensar a definição de bissexualidade, especialmente tendo em mente o potencial político de desconstrução binária que ela pode carregar.

2.1 COMPORTAMENTOS SEXUAIS AMBIVALENTES NA ANTIGUIDADE

Antes da abordagem da construção da bissexualidade a partir dos discursos médicos, é interessante destacar que condutas sexuais não exclusivas em relação ao gênero não são um fato novo na história da humanidade. Na Grécia antiga, por exemplo, as relações sexuais entre homens eram encaradas como naturais pela sociedade. À época, a participação pública da vida na *polis* era atividade exclusiva masculina. A hegemonia dos homens, não obstante, também se espalhava para a área sexual. Evidente que não havia a elaboração de orientações sexuais como temos atualmente, com a definição de bissexual, heterossexual e homossexual. Marjorie Garber (1997) salienta que conceituar a sexualidade na Grécia antiga tal qual a enxergamos

atualmente se revela um anacronismo, na medida em que as definições de sexualidade não se circunscreviam em razão do sexo da pessoa desejada. As categorias fundamentais de sexualidade para os homens se dividiam no desempenhar de papéis sexuais, nas figuras do penetrador e do penetrado.

“Na Atenas clássica”, Garber (1997, p. 358) esclarece, “um homem adulto podia penetrar qualquer inferior social – um menino, uma mulher, um estrangeiro, um escravo de qualquer sexo – mas acharia vergonhoso ser penetrado”, uma vez que a relação entre penetrador e penetrado não representava apenas predileções sexuais, mas também uma relação de poder. Conforme os garotos se desenvolviam, eles passavam da figura de *paides* (menino em grego) ou *eromenos* (amado) para *erastes* (amante), ainda que esta mudança ocorresse gradativamente, passando pelo estágio de *neaniskoi*, que eram os jovens em idade entre 15 e 25 anos, que desempenhavam tanto o papel de penetrador quanto penetrado. Ao se casar, era corriqueiro que os homens mantivessem relações sexuais com suas esposas e com os garotos mais jovens (*paides*).

Deste modo, o comportamento sexual ambivalente era corriqueiro na sociedade clássica. Por haver a distinção de relações sexuais através de categorias de poder, os homens que se relacionavam com outros homens no papel penetrativo eram considerados mais viris e mais aptos a ocupar cargos proeminentes na vida pública. Elizabeth Sara Lewis (2012) acrescenta que a relação entre os homens na Grécia Antiga também era incentivada como parte de uma estratégia militar. Ao incentivar a união afetiva entre os homens dentro de um mesmo agrupamento militar, os gregos acreditavam que haveria uma maior vontade de proteção mútua e uma maior lealdade da tropa durante os períodos de maior risco. O sexo entre homens na Grécia antiga também era encarado como parte de uma didática social (GARBER, 1997), na medida em que a relação sexual entre homens maduros e homens mais jovens apresentava também um contorno de transmissão de conhecimento. O mais velho, ativo, ocupava não apenas uma posição de poder no ato sexual, mas também era responsável por iniciar os mais jovens, passivos, na vida adulta. Para além das relações carnavais, muitas vezes os mais jovens eram orientados pelos mais velhos como pupilos, aprendendo sobre temas diversos, especialmente sobre filosofia e política.

Ainda que a visão contemporânea sobre a sexualidade não guarde os mesmos contornos e delimitações que a sexualidade na Grécia antiga, é possível perceber algumas nuances que se perpetuam ainda hoje. A ideia de que o ativo e, portanto, o penetrador nas relações sexuais entre homens seja mais viril em relação àquele que esteja sendo penetrado persiste ainda hoje e é uma visão corriqueira até mesmo entre grupos LGBTQIA+. Sobre esta

ideia, Daniel Welzer-Lang (2001) elabora que a ideia de considerar como menos viril e, portanto, menos homem, aquele que é penetrado vem da construção de gênero operada de maneira oposicional em nossa sociedade. Portanto, ser um homem de maneira “correta” envolve ser tudo aquilo que uma mulher não é. Ser penetrado, visto como um atributo necessariamente feminino, desqualifica em uma pirâmide hierárquica de valorização social aqueles que vivenciam esta prática.

Além de reconhecer a afinidade da forma como se organizava a sexualidade masculina grega com a sexualidade contemporânea no que tange ao obediência a expectativas sociais de poder nas práticas sexuais, também é possível verificar que a sexualidade masculina grega não se constituía mediante a imposição rígida de limitações em relação ao gênero. A partir disto, é possível verificar a historicidade de dois conceitos que se entrelaçam de maneira fundamental para o presente trabalho: a forma como a sexualidade masculina é desempenhada e a construção da masculinidade a partir de atributos como a honra e a virilidade.

2.2 A INFLUÊNCIA DA MITOLOGIA GREGA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA BISSEXUALIDADE

Para além da análise de comportamento sexual, o período grego clássico também foi fértil nas construções sobre a bissexualidade a partir de um olhar sobre seus mitos. Em algumas ocasiões a manifestação sexual monodissidente⁵ fora retratada nas grandes histórias gregas, que influenciaram sobremaneira o pensamento moderno sobre a bissexualidade, em especial no campo da psicanálise.

Conta-se, por exemplo, a história do oráculo Tirésias, que certo dia, em uma floresta, encontrou duas cobras acasalando. Ao deparar-se com a cena, Tirésias separou-as, usando seu cajado. Ao separá-las, foi imediatamente transformado em mulher. E assim permaneceu e agiu, relacionando-se sexualmente com homens. Após sete anos, Tirésias repete seu encontro com serpentes acasalando no bosque e, novamente, ele as golpeia de modo a separá-las. E, ao separá-las, Tirésias retorna à condição de homem.

⁵ Monodissidência é um termo que adoto para referir a sexualidades não monossexuais. Monossexualidade, por sua vez, é utilizado como correspondência a uma sexualidade cujo objeto de desejo engloba tão somente um sexo e/ou gênero, a exemplo da heterossexualidade e da homossexualidade (ROSS, DOBINSON e EADY, 2010 *apud* JAEGER et al., 2019, p. 7).

O fato provoca uma discussão entre Zeus e Hera, soberanos do Olimpo, sobre qual forma humana proporcionara maior prazer sexual a Tirésias, se enquanto homem ou mulher. Perguntado pelo casal, Tirésias responde que, se dividido o prazer em dez partes, a mulher permaneceria com nove, enquanto ao homem restaria apenas uma das partes. Irrada e considerando a resposta de Tirésias como uma sugestão da superioridade masculina, imediatamente Hera cega-o. Zeus, por sua vez, ainda que incapaz de reverter a punição aplicada por sua esposa, resolve conceder a Tirésias o dom da clarividência (GARBER, 1997, p. 173).

O mito de Tirésias sintetiza, conforme veremos nas subseções seguintes, como a sexualidade foi construída ao longo do século XIX pelo discurso médico compreendendo a sexualidade como uma forma necessariamente articulada entre o sexo do sujeito e o sexo do objeto de desejo. Esta maneira de dispor da atração subjetiva é, segundo Butler (2019, p. 112), a maneira pela qual Freud definia a bissexualidade, ou seja, como a existência de dois desejos heterossexuais dentro de uma mesma psique. Importante notar que esta forma de conceituar a bissexualidade é fortemente influenciada por uma matriz heteronormativa e também flerta com as teorias de inversão sexual, em voga durante o século XIX, que defendiam apenas a heterossexualidade como possibilidade legítima de reconhecimento. No entanto, pensar a bissexualidade como a existência conjunta de dois desejos heterossexuais em uma mesma subjetividade também merece ser problematizado, na medida em que a bissexualidade passa a ser encarada somente como um período transitório ou como uma pré-sexualidade, que rumará a uma estabilidade quando finalmente decidir por apenas um dos gêneros como objeto de atração (abordaremos novamente este tópico na subseção 5.3).

Também é possível notar a influência do conhecimento clássico sobre a identidade sexual em outro mito trabalhado pelo conhecimento psicanalítico a partir do século XIX. Ovídio, em *Metamorfoses*, conta que Hermafrodito carregava em seu nome a junção dos nomes de seus pais, Hermes e Afrodite. Em determinada ocasião, ao se aproximar de um lago, Hermafrodito deparou-se com a ninfa Salmacis, que por ele se encanta. Ainda que inicialmente tenha resistido às tentações da ninfa, esta não abdicou de suas intenções. Perseguiu e abraçou-o, e desejando nunca mais soltá-lo, intercedeu aos deuses que tornassem ambos uma só carne. E então, com o atendimento ao desejo de Salmacis, ambos os corpos ficaram presos em um abraço. A figura resultante não parecia exatamente nem com uma mulher e nem com um homem. No entanto, era as duas coisas.

Da mesma forma que o conto de Tirésias, o mito de Hermafrodito também foi reverberado na produção médica sobre a bissexualidade ao longo do século XIX, que tinha

nas primeiras definições de bissexualidade a presença de ambos os órgãos genitais em um mesmo indivíduo. Ser bissexual, portanto, não envolveria a atração sexual por mais de um gênero, mas envolveria a existência física de mais de um gênero em uma única corporalidade. Nota-se, portanto, que os primeiros discursos envolvendo a bissexualidade não tinham uma única definição. O termo era empregado de maneira difusa em algumas áreas de produção de conhecimento científico. Comparando as duas aplicações, é possível perceber que a definição de bissexualidade partindo do mito de Tirésias se aproxima mais de uma definição que tem como foco o objeto de desejo. Por outro lado, o exemplo de Hermafrodito apresenta uma definição de bissexualidade que guarda relação com o sujeito. É bissexual aquele que apresenta ambos os órgãos genitais em seu corpo, independente da forma como manifeste sua atração. Entretanto, ainda que tais definições eventualmente possam reverberar em preconceitos sobre a bissexualidade até os dias atuais, nenhuma delas define o tema nas categorias de sexualidade encaradas na atualidade. Por esta razão, abordarei na continuidade sobre como e quando surgiram os primeiros discursos envolvendo a bissexualidade, em especial dentro da seara médica e como o desenvolvimento do tema se deu ao longo dos séculos XIX e XX.

2.3 A SEXUALIDADE COMO ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA

Conforme mencionado brevemente na seção anterior, a sexualidade passou a ser melhor estudada e definida como um tema central na construção das subjetividades a partir do século XIX. Até então, não havia uma definição clara para o que era a homossexualidade. Sua definição estava situada dentro de um espectro mais amplo da sodomia, crime este que foi severamente punido até o século XVIII. A sodomia era um tipo genérico, que incluía qualquer prática sexual não realizada com a finalidade de reprodução, e, portanto, encarada como uma quebra das leis naturais e divinas. Diversamente da homossexualidade, a sodomia era encarada como uma prática indesejada e não como uma identidade sexual. No final do século XVIII, muito provavelmente em razão da influência do período iluminista, a ideia da descriminalização da sodomia foi sendo gradativamente fortalecida (REVENIN, 2013).

No século XIX, na esteira do avanço das ciências do corpo e da população, a homossexualidade passou a ser melhor definida e combatida como um risco iminente de degenerescência. Sua primeira definição, segundo Revenin (2013), remonta ao ano de 1869, surgida inicialmente no idioma alemão, tendo se popularizado lentamente ao longo das décadas seguintes pela Europa e Estados Unidos. Mas afinal de contas, o que ocorre para que

somente em meados do século XIX a sexualidade (e em especial, a homossexualidade, que surgiu antes mesmo da própria definição de heterossexualidade), passa a ser esquadrihada e separada em diferentes caixas conceituais?

Para Foucault (2014), a sexualidade passa a ser analisada com maior ênfase no século de XIX após um processo de catalisação dos discursos (compreendendo-os aqui como um conjunto de enunciados situados historicamente) sobre o tema que já se proliferavam desde o século anterior. Ciências como a medicina, a demografia e a psiquiatria floresciam, ao mesmo tempo em que se debruçavam sobre o potencial de degenerescência e contaminação de linhagens que as práticas sexuais inadequadas eram capazes de provocar. Desta forma, sob a roupagem de uma medicina neutra e objetiva eram ocultados fortes contornos morais que reforçavam determinados estereótipos sociais.

Não somente as categorizações, mas as técnicas empregadas também submetiam os corpos a uma determinação de saúde ou doença, e, acima disso, a um regime de verdade e falsidade. Neste ponto, Foucault (2014) esclarece que existem dois processos históricos distintos para extrair a verdade sobre o sexo: a *ars erotica* e a *scientia sexualis*. A compreensão da verdade através da *ars erotica* é extraída do próprio prazer da relação carnal, sem levar em consideração os regimes que operam divisões entre as práticas interditas e permitidas. Neste regime é prevalente a lei do silêncio. Falar sobre as práticas e técnicas sexuais não era visto com bons olhos, pois se acreditava que as falas sobre as técnicas do sexo provocariam uma perda na eficácia do ato sexual através de uma redução de prazer. Este tipo de visão sobre a sexualidade, segundo o filósofo francês, foi bastante comum em países do Oriente, como a China, o Japão e a Índia.

Já a *scientia sexualis* carregava em seu espectro um forte apelo à confissão, apropriada a partir da Igreja Católica e utilizada como ferramenta nas relações clínicas, jurídicas, escolares, familiares e até mesmo afetivas. A confissão passou a ser o instrumento pelo qual o sexo passou a ser esquadrihado e dissecado em busca de extração de sua verdade. Foucault (2014, p. 71) sobre este ponto afirma que “não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como, mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém.” Deste modo, os discursos sobre o sexo passaram a se articular não para falar em pecado e salvação, ou de morte e eternidade, mas sim dentro da dos verbos de uma gramática científica em crescente ebulição.

Não que a *ars erotica* tenha desvanecido na sociedade ocidental após o século XIX. Ela ainda se faz presente, de acordo com o filósofo. No entanto, o nível de difusão e

aprofundamento da *scientia sexualis* foram tais que acabaram por definir os próprios termos em que a *ars erotica* é constituída. Em síntese, nossa busca pelo prazer também se tornou uma busca pelo saber. A partir da proliferação dos discursos sobre o sexo é que se passa a pensar a sexualidade como um dispositivo, que é definido nas palavras de Ricard Miskolci (2017b, p. 16), como sendo “um termo que se refere ao conjunto de discursos e práticas sociais que criam uma problemática social, uma pauta para políticas governamentais, discussões teóricas e até mesmo embates morais.” Assim, ao compreender a sexualidade como um objeto a ser desvendado, Estado e instituições passaram a investir em uma educação dos corpos e desejos estruturados a partir de uma produção científica.

Nesta produção, supostamente neutra e distanciada de seus objetos, o sexo passou a ser pensado em termos de uma otimização dos corpos. O corpo passa a ser encarado não somente em sua individualidade, mas em sua relação com os campos sociais, econômicos e demográficos. O controle das pessoas e das populações passa a ser uma medida estratégica para os governantes. Assim, a criação de um dispositivo de sexualidade aflorou como sendo um de seus princípios básicos o desejo de saber e descobrir sobre o sexo.

Ainda que a sexualidade, em especial a homossexualidade, tenha passado a ser objeto de organização por regimes de poder médico-governamentais desde o século XIX, é importante destacar que a aplicação destes discursos na vida social cotidiana não provocou grandes efeitos até o final da Segunda Guerra Mundial (MISKOLCI, 2017a, p. 148). No Brasil, por exemplo, até a virada do século XIX para o século XX, era comum que o envolvimento entre homens fosse uma possibilidade, ainda que condenável. Com isto, Richard Miskolci (2017a) argumenta que ainda que o discurso médico criasse a figura do homossexual como distinta e apartada da heterossexualidade, na prática os homens brasileiros nutriam o constante medo da atração por outros homens.

Portanto, é somente na primeira metade do século XX que a percepção sobre o homoerotismo⁶ passou a contemplar uma diferenciação intrínseca em relação ao desejo manifestado pelo sexo oposto, consolidando a heterossexualidade como um padrão supostamente neutro a ser obedecido. A perseguição a homossexuais foi se tornando cada vez

⁶ Me valho do termo homoerotismo com mais frequência no presente trabalho por concordar com a postura de Seffner (2003) que, citando Jurandir Freire Costa, defende ser um termo mais amplo que nos obriga a pensar de outra forma a relação com o mesmo sexo. Acredito que uma destas formas de enxergar o relacionamento entre homens seja expandindo a corrente definição do senso comum que interpreta a relação entre homens como necessariamente homossexual, tese que discordo, uma vez que nestes termos somente haveria espaço para uma relação bissexual quando houvesse simultaneamente a relação com mais de uma pessoa e mais de um gênero.

mais frequente em diferentes territórios nacionais e a perseguição sexual passou a vigiar e estabelecer um regime binário e excluyente da sexualidade como sendo compreendida por apenas duas formas de caracterização do desejo (MISKOLCI, 2017a, p.151).

2.4 A APREENSÃO DA BISSEXUALIDADE PELO DISCURSO MÉDICO

Conforme trazido na seção 2.1, as manifestações sexuais por mais de um gênero não são uma novidade na história da humanidade. Entretanto, o trabalho da atração sexual como uma característica essencial na definição identitária dos sujeitos é um projeto relativamente recente. Os primeiros discursos científicos sobre a bissexualidade a caracterizavam como a incidência dos órgãos sexuais masculinos e femininos no mesmo corpo. Médicos como Richard von Kraft-Ebing, Henry Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld tratavam a bissexualidade como uma condição física ou psicológica que designava um sujeito como pertencente a “ambos os sexos” (GARBER, 1997). Já na área da psicologia, a manifestação da bissexualidade (em termos próximos da definição moderna) era conceituada como “hermafroditismo psicossocial”.

Até o início do século XIX, os discursos sobre a sexualidade eram pautados majoritariamente pela teologia, razão pela qual a sexualidade era concebida preponderantemente de acordo com um princípio de reprodução, ou seja, a finalidade não era o sexo em si. O sexo era valorizado apenas na medida em que era o ato necessário à procriação. No entanto, no século XIX, conforme abordado na seção anterior, aos poucos foram surgindo os primeiros estudos sobre a sexualidade, em especial nos campos da medicina e da psiquiatria. A passagem da construção hegemônica de um saber religioso para um saber científico sobre a sexualidade abre espaço para lógicas normalizadoras, respaldadas em teorias evolucionistas que, ainda influenciadas pelo paradigma anterior do princípio da reprodução, patologizavam as práticas sexuais que não eram enquadradas no modelo heterossexual e reprodutivo (CURIEL, 2018).

Dentro desta lógica reprodutiva, se fazia muito em voga no discurso médico as teorias de “inversão sexual”, corrente científica que defendia que a condição sexual “normal” do indivíduo deveria ser a heterossexual, sendo a homossexualidade tratada como uma espécie de inversão, ou seja, o sujeito era considerado como detentor de uma identidade de gênero diversa da sua definição biológica. Nas palavras de Marjorie Garber (1997, p. 270), esta teoria reconhecia que “quando o corpo tomava a dianteira, a mente e os desejos vinham atrás.” Deste modo, homens gays ou mulheres lésbicas eram caracterizados como portadores

de uma patologia que os definia, respectivamente, como mulheres em corpo de homens e como homens em corpo de mulher. Durante este período não havia uma categorização para reconhecimento de desejos afetivos e/ou sexuais por mais de um gênero. Caso um homem manifestasse atração por homens e mulheres, seria considerado como homossexual, na medida em que sua prática, ainda que manifestasse atração por mulheres, destoava da normatização heterossexual. A bissexualidade, nos moldes como é definida atualmente, era conhecida como “hermafroditismo psíquico” (ANGELIDES, 2010; LEWIS, 2012), uma espécie de pré-sexualidade, uma latência que todo indivíduo carregava em si e era explicada como a presença de dois sexos no mesmo corpo. Este recurso era utilizado não apenas para reforçar a heterossexualidade, mas também para alocar e diagnosticar a origem da inversão.

Não era pelo mesmo sexo que nos sentíamos atraídos; era pelo sexo “oposto” identificado pelo componente “masculino” (ou “feminino”) dentro de nosso eu aparentemente feminino (ou masculino). A heterossexualidade era preservada ao mesmo tempo em que a ciência encontrava um lugar, e uma origem aparente, para o “invertido” (GARBER, 1997, p. 270).

Fica patente que as discussões à época eram pautadas pela absoluta centralidade da heterossexualidade na definição da orientação sexual. A homossexualidade era uma conduta desviante, mas sua elaboração era justificada não por base em atributos que a considerem enquanto sexualidade. O verdadeiro desvio consistia em apresentar um “espírito feminino” que deturpava o desejo de um corpo masculino. A pulsão bissexual, portanto, era interpretada como a existência de duas partes em cada indivíduo: a parte masculina, que voltava o desejo para a feminilidade e a parte feminina, que buscava saciar seus anseios através da companhia masculina. Com o amadurecimento do indivíduo, a sexualidade poderia tornar-se sadia, transformando-se em heterossexualidade; ou em patológica, convertendo-se em homossexualidade. Na sequência, será abordado com maior especificidade os discursos dos especialistas mais proeminentes que se debruçaram sobre a bissexualidade ao longo dos séculos XIX e XX, de modo a permitir uma construção histórica sobre como o tema se desenvolveu até sua definição compreendida nos dias atuais.

2.5 HAVELLOCK ELLIS, RICHARD VON KRAFFT-EBING E A BISSEXUALIDADE COMO UM PROCESSO PSICOSSOMÁTICO

Havelock Ellis, um importante médico britânico do século XIX, afirmava que a inversão era um fenômeno psíquico e somático desenvolvido sobre uma base de latente

bissexualidade. Ou seja, a inversão era um fenômeno que ocorria simultaneamente na mente e no corpo do sujeito (GARBER, 1997), apresentando uma potência bissexual no início da vida, que posteriormente seria desenvolvida em uma atração específica por um dos sexos (JAEGER et al., 2019, p. 4). Em relação a ela, nada poderia ser feito, por tratar-se de condição congênita. Ao mesmo tempo, defendia que a base da vida sexual seria bissexual. (CALLIS, 2009). Situação semelhante também era defendida pelo predecessor de Ellis, o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, que de forma similar trazia que a homossexualidade ou na melhor das hipóteses, a bissexualidade, seria uma condição inata. Não obstante, Krafft-Ebbing resguardava a heterossexualidade como modelo ao sinalizar que dentre os invertidos congênitos, os mais identificáveis seriam aqueles com características físicas comumente atreladas ao sexo oposto. Assim, homens que apresentavam voz aguda ou cintura fina ou mulheres que possuíam voz grave e seios pequenos eram enquadrados dentro de uma visão que interpretava o desejo invertido através das características inversas presentes no corpo (GARBER, 1997).

Ainda que Ellis regularmente citava a bissexualidade, era trabalhada por ele apenas como uma predisposição. Seu interesse precípua estava em debater os termos da homossexualidade e da inversão ao invés de debruçar-se sobre um conceito de bissexualidade que compreendia o desejo por mais de um gênero. Posteriormente, passou a aglutinar dois significados para o mesmo termo: a bissexualidade era, então, a definição da atração sexual por mais de um sexo, e, ao mesmo tempo, poderia também definir a presença de ambos os sexos no mesmo indivíduo.

Outro aspecto curioso da teoria de Havelock Ellis refere-se à classificação tripartite entre todas as pessoas sexualmente funcionais. Ele já esboçava a divisão através das categorias de heterossexual, homossexual e bissexual (ANGELIDES, 2010). Entretanto, asseverava que a inclusão da bissexualidade ao conjunto das outras duas categorias trariam poucos efeitos de ordem prática. Para ele, a introdução da bissexualidade seria responsável por provocar dúvida e incerteza na legitimidade das demais categorias (GARBER, 1997). Seu argumento é de que não só uma grande porção de pessoas consideradas homossexuais viveram, em algum momento da sua vida, experiências com o sexo oposto, como também muitos heterossexuais experimentam experiências com o mesmo sexo, no que Garber assevera que, de acordo com Ellis, vista de perto, a categoria da bissexualidade tenderia a se expandir enormemente, de modo a englobar boa parte dos heterossexuais e homossexuais. Quando não, estaria fadada ao desaparecimento, visto que sua separação clara das demais categorias torna-se impossível. E finaliza de maneira cirúrgica, em um ponto que

posteriormente será objeto de análise mais detida no trabalho, ao abordarmos as contribuições da teoria *queer*, dizendo que “a incerteza e a dúvida do investigador, com o passar do tempo, foram projetadas na psique do objeto de estudo. Como você pode ter certeza de que é – ou de que reconhece – um bissexual, se a bissexualidade é uma categoria que desfaz a própria noção de categoria?” (GARBER, 1997, p. 273)

2.6 FREUD E A BISSEXUALIDADE COMO PERVERSÃO POLIMORFA

Um dos pensadores que mais influenciou o conceito de bissexualidade durante o final do século XIX e a alvorada do século XX foi Sigmund Freud, de modo que sua teoria sobre a formação da sexualidade foi capaz de influenciar fortemente a percepção cultural que carrega a bissexualidade e até mesmo reforçar alguns preconceitos impingidos à população bissexual até os dias de hoje (EISNER, 2013), razão pela qual revela-se salutar uma análise um pouco mais detida sobre a evolução histórica do conceito dentro do pensamento freudiano. Influenciado pelas teorias de inversão sexual, Freud chegou a propor que a inversão poderia se dar em três níveis distintos (FREUD, 2016, p. 22): A “inversão absoluta”, através da qual a orientação sexual e afetiva se desempenha exclusivamente em relação às pessoas de mesmo sexo; a “inversão ocasional”, que pode ocorrer a depender do favorecimento de condições externas, a exemplo do sexo praticado entre homens nos internatos e nas prisões; e, por fim, existe a categoria dos “invertidos anfigenos”, que Freud também denomina de hermafroditas psicossociais, que não orientam suas predileções afetivas e sexuais a um sexo determinado. No entanto, ainda que tenha criado a categoria da inversão anfigenética, que se assemelha à definição da bissexualidade trabalhada hodiernamente, não era esta a definição que Freud dava à bissexualidade.

Para Freud, conceituar a bissexualidade foi uma tarefa que envolveu o uso de diferentes definições ao longo de sua carreira, sendo a primeira delas uma coadunação de três campos de estudo distintos: a anatomia, a biologia e a psicologia, como revela a conceituação presente em *Três ensaios da sexualidade*. Marjorie Garber (1997) afirma que a definição de bissexualidade trabalhada por Freud foi vastamente influenciada por seu então amigo, o médico alemão Wilhelm Fliess. Fliess defendia que o ser humano, em sua formação embrionária, carrega a potencialidade para tornar-se homem ou mulher, dada a condição pouco desenvolvida dos órgãos, potencialidade que denominava bissexualidade. Para Freud, em *Três ensaios sobre a sexualidade*, a teoria da bissexualidade de Fliess poderia comungar-se com o desenvolvimento psíquico individual. Elaborava que a criança, enquanto detentora

de traços biológicos masculinos e femininos, sentia-se atraída por pessoas tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Posteriormente, através de mecanismos de repressão, atingiria a maturidade sexual, se encaminharia para uma orientação monossexual.

O que hoje é definido como bissexualidade (atração sexual por mais de um gênero), para Freud estava inserido no campo da neurose. Posteriormente, Freud reformula seu entendimento sobre a bissexualidade, ao defender que todos os seres humanos são precários e fragmentados em sua sexualidade, motivo pelo qual a sexualidade passa a ser compreendida como a amálgama de fatores de ordem biológica, cultural e da especial identificação com um dos pais. Nas palavras de Garber (1997, p. 206), a bissexualidade “passa a significar a natureza não-fixa da identidade sexual e da escolha do objeto sexual.” A criança, segundo ele, tem a capacidade de dispor livremente tanto de objetos masculinos quanto femininos. Ocorre que com as repressões advindas ao longo de seu crescimento, restringirá sua atração, levando a uma mudança para um sujeito normal ou invertido. Com isso, Freud esclarece que a atração sexual do homem pela mulher (e vice-versa) não compõe um estado autoevidente, como se oriundo meramente de uma atração química. O fator psicanalítico concebe a existência de possibilidades outras que tornam o processo de amadurecimento sexual uma questão problemática e que demanda maior aprofundamento.

Ainda em *Três ensaios*, Freud acrescenta uma nota em 1915, após uma de suas edições, em um trecho em que aborda a escolha do objeto sexual do invertido como sendo o oposto ao objeto sexual do sujeito normal. “O homem invertido estaria, como a mulher, sujeito ao encanto proveniente dos atributos masculinos do corpo e da alma, ele se sentiria como uma mulher e buscaria um homem.” (FREUD, 2016, p. 33) Apesar de afirmar que esta característica seja válida para alguns casos, ele afirma que está longe de ser uma característica geral. Entre os gregos, adverte, os homens mais másculos estavam entre os invertidos. Deste modo, não eram as características físicas masculinas que um homem buscava em um garoto, mas sim seus atributos femininos, como a timidez e a necessidade de amparo. Finaliza seu raciocínio trazendo que “o objeto sexual não é o mesmo sexo, mas a união das características de ambos os sexos, como que o compromisso entre um impulso que anseia pela mulher, mantida a condição de masculinidade do corpo (dos genitais), o reflexo da própria natureza bissexual, por assim dizer.” (FREUD, 2016, p. 34) Com estas frases é possível identificar que ainda que tenha contribuído sobremaneira com suas reflexões no campo da psicanálise, muito do pensamento freudiano se alicerçou na ideia presente na época da legitimação da heterossexualidade como sexualidade “natural e saudável”, enquanto outras formas de

manifestação de desejo estariam inseridas no campo da neurose, de uma sexualidade em formação ou da patologia.

Na edição de *Três ensaios* de 1915, Freud acrescenta nova nota ao trecho em que fala sobre a bissexualidade. Nela ele argumenta que “todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente.” (FREUD, 2016, p. 34). Assim, as ligações de afeto libidinal com pessoas do mesmo sexo possuem, também, importante papel na elaboração de uma vida psíquica normal, sendo inata a todo indivíduo (ANGELIDES, 2010). No entanto, é feita a defesa de que a atração pelo mesmo sexo, carrega ao mesmo tempo um maior potencial de adoecimento mental, comparativamente com o modelo de atração que se volta ao sexo oposto, revelando neste aspecto de sua teoria um forte contorno das ideias heterossexistas e da teoria da inversão. Em outro texto, de 1908, intitulado *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*, Freud segue a mesma linha argumentativa da nota mencionada anteriormente ao aproximar a potencialidade bissexual de todo ser humano à histeria. Para ele, “um sintoma histérico é expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro, de uma feminina.” (FREUD, 2015, p. 344). Com isso, ele acrescenta que a predisposição bissexual presente em todos os seres humanos pode ser particularmente percebida ao se analisar a conduta dos psiconeuróticos.

Marjorie Garber (1997) assinala que o estudo sobre a bissexualidade foi acompanhada por Freud ao longo de toda a sua trajetória. Após as primeiras elaborações, Freud torna a falar sobre a construção e a importância da bissexualidade em escritos da década de 1920 e 1930, em especial quando aborda temas relacionados à sexualidade feminina. Em seu ponto de vista, perceber a bissexualidade nas mulheres era uma tarefa mais fácil, visto que apresentam em seu organismo ambos os órgãos sexuais: o clitóris “masculino” e a vagina “feminina”, argumentando que a bissexualidade era, para além de uma condição psíquica, uma potencial condição anatômica, ecoando definições pretéritas da medicina que consideravam a bissexualidade como a presença de ambos os órgãos genitais em um mesmo corpo. A bissexualidade presente nas mulheres era o que as permitia, segundo Freud, a exercerem funções masculinas, dentre as quais o próprio exercício da psicanálise. Em síntese, acreditava que a bissexualidade era a combinação de características femininas e masculinas, apresentando, por vezes, um conflito entre elas.

Já no final de sua vida, Freud passa a conceber a bissexualidade de maneira similar à forma que encaramos nos dias atuais. No texto *Análise terminável e interminável*, de 1937, seu último publicado em vida, o pai da psicanálise revela a existência de pessoas que podem

possuir objetos sexuais de ambos os sexos, sem que esta atração seja refletida em um conflito interno. Nas palavras de Marjorie Garber:

Pessoas que um dia ele descrevera como “invertidos anfigenéticos” agora podem ser aceitas sem surpresa ou comentário. Os que merecem comentário são os monossexuais, os da “segunda e mais numerosa classe”, para quem os desejos homossexuais e heterossexuais estão em conflito, aqueles para quem é verdade dizer que “a heterossexualidade de um homem não suportará qualquer homossexualidade, e *vice-versa*.” (GARBER, 1997, p. 231)

Na sequência, serão abordadas quais foram as primeiras teorias que possibilitaram extrapolar o binarismo sexual, em especial as contribuições de Alfred Kinsey e de que maneira sua teoria abriu campo para novas formas de identificação sexual.

2.7 BISSEXUALIDADE E A ESCALA DE KINSEY

Em 1948, o biólogo Alfred Kinsey escreveu *Sexual behavior in the human male*. Nele defendia que o desejo humano extrapolava em muito as rígidas definições sobre a sexualidade que estavam em voga até então. Nas entrevistas realizadas durante sua pesquisa, elaborou e aplicou uma escala para tentar compreender de maneira mais ampla a sexualidade de seus entrevistados. Em síntese, defendia o autor que o comportamento sexual deveria ser medido em 7 níveis, que iriam do 0, como exclusivamente heterossexual, a 6, como exclusivamente homossexual. As categorias intermediárias seriam uma mescla gradativa de desejos e práticas homo e heterossexuais, definindo o número 1 na escala como comportamento majoritariamente heterossexual e episodicamente homossexual; o 2 ainda representa uma pessoa majoritariamente heterossexual, no entanto, com comportamentos homossexuais mais do que incidentais; o número 3 indica comportamentos igualmente homo e heterossexuais; o número 4 revela comportamentos majoritariamente homossexuais mas com episódios mais que incidentais de condutas heterossexuais e, por fim, o número 5 revelaria comportamentos majoritariamente homossexuais e incidentalmente heterossexuais (KINSEY, 1948 *apud* LEWIS, 2012, p. 38). O que Kinsey pode notar a partir de seus estudos foi que os graus de relacionamento exclusivo com um dos gêneros, ou seja o 0 e o 6, ao contrário do que era o esperado com base nas expectativas culturais e definições médicas, não compunham a maioria dos participantes de sua pesquisa.

Neste ponto, Marjorie Garber menciona o potencial de desconstrução normativa que os resultados da pesquisa de Kinsey revelaram ao defender que

“‘heterossexuais’ e ‘homossexuais’ podem ser categorias culturalmente produzidas, representando um ‘comportamento adquirido’ e não uma ‘essência’ natural. Se é assim, então, como sugere a própria escala Kinsey, realmente não existem fronteiras, a não ser aquelas determinadas pelo costume.” (GARBER, 1997, p. 284)

Ainda que o trabalho de Kinsey tenha possibilitado pensar a sexualidade de uma esfera menos limitante das categorias binárias, não há qualquer menção à palavra bissexualidade em seu trabalho. Isto porque ainda em 1948 a bissexualidade era compreendida nos termos de uma mescla anatômica e/ou psíquica entre masculinidade e feminilidade, ao invés de heterossexualidade e homossexualidade, como Kinsey pretendia apresentar (LEWIS, 2012, p. 38). Importante que durante sua pesquisa, Alfred Kinsey criou categorias de identificação de modo a criar ferramentas para se pensar a sexualidade humana para além do binário heterossexual/homossexual. Desta forma, a sexualidade considerada a partir de um amplo gradiente abre margem para ser pensada como um contínuo ao invés de estabelecida a partir de uma rígida separação entre categorias culturalmente produzidas que se pretendem estabelecer através de um status de orientação sexual “natural” (GARBER, 1997; LEWIS, 2012).

2.8 PRIMEIROS DISCURSOS ENVOLVENDO A BISSEXUALIDADE ENQUANTO ORIENTAÇÃO SEXUAL

Pouco após a publicação dos estudos de Kinsey, já nos anos de 1950, começavam a surgir nos Estados Unidos os primeiros movimentos organizados pelos direitos homossexuais. Conhecida inicialmente como causa “homofílica”, tinha como pauta o engajamento pelo reconhecimento das sexualidades não heterossexuais. Entretanto, como a busca pelo reconhecimento da divergência sexual se apresentava pela primeira vez, a luta pelo reconhecimento de uma conceituação de sexualidade mais aberta, não limitada pelo espectro hétero/homo deixou de ser uma pauta de engajamento, tendo mais força as reivindicações dos gays e lésbicas.

Ainda que não defendesse originalmente a causa bissexual, foi a partir da organização dos movimentos pela “liberação gay” e do movimento feminista que se começou a organizar uma nova visão sobre a bissexualidade (CALLIS, 2009). Lewis (2012) esclarece que além do engajamento dos movimentos homossexuais, também teve importância para a aceitação da bissexualidade enquanto orientação sexual a luta pela retirada da homossexualidade da lista de doenças do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental*

Disorders), o que ocorreu em 1973. Estas conquistas, defende Lewis, podem ser consideradas como marcos simbólicos de uma mudança de paradigma sobre a definição da bissexualidade. Se até então ela era considerada uma mescla entre características masculinas e femininas - em especial de ordem psicológica -, a partir da década de 70 ela começou a ser encarada com mais frequência como sendo uma combinação de homossexualidade e heterossexualidade, pensando a preferência por homens e/ou mulheres como uma questão de heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade, abandonando a visão de que estas atrações seriam oriundas de uma manifestação de masculinidade, feminilidade ou “bissexualidade psicológica”.

Durante as décadas de 70 e 90 as reivindicações de bissexuais por reconhecimento tornam-se mais latentes. O movimento bissexual passa a reivindicar a bissexualidade como identidade e objeto de pesquisa, defendendo ainda uma maior politização da causa, o que Eisner (2013) alega soar como um projeto de massa para provar a existência e a normatividade da bissexualidade. A década de 1980, em contrapartida, foi marcada fortemente pela estigmatização da bissexualidade como sendo a responsável por fazer a “ponte do HIV” entre grupos homossexuais e grupos heterossexuais (JAEGER et al., 2019, p. 5). Ainda assim, durante este período houve algum avanço pela causa bissexual, surgindo as primeiras conferências e organizações que faziam referência à bissexualidade em sua nomenclatura (CALLIS, 2009).

Lewis (2012) complementarmente acrescenta que, segundo Naomi Tucker, o rótulo da bissexualidade foi reivindicado pela primeira vez no início dos anos 1970 e fortalecido por grupos surgidos em meados da mesma década, como o *Bisexual Forum de New York* e o *San Francisco Bisexual Center*. Também remonta a esta década os primeiros estudos acadêmicos sobre a bissexualidade nos Estados Unidos (CALLIS, 2009). Ainda que a década de 1970 tenha sido alvissareira para a causa bissexual, a década seguinte não apresentou a mesma regularidade positiva (EISNER, 2013). Assim, com a explosão dos casos de aids⁷ ocorrida durante a década de 1980, grandes revezes foram trazidos para a população bi, sendo enxergadas com frequência como vetores da doença. As expectativas positivas sobre a bissexualidade começam a reaparecer durante a década de 90, passando por uma ampliação conceitual nos anos 2000 (EISNER, 2013). A expansão ocorreu no sentido de abarcar a atração por gêneros não-binários como também pertencentes ao quadro bissexual, uma vez

⁷ Adoto a grafia em letras minúsculas ao comungar com o entendimento de Miskolci de que “doenças são substantivos comuns, e o uso de ‘aids’ em maiúsculas se deu como amplificador e disseminador do pânico sexual a partir de meados da década de 1980”. (2017a, p. 39)

que foi no início do século XXI que surgiram os primeiros movimentos políticos expressivos de organizações de pessoas não-binárias.

No Brasil, a bissexualidade e, em especial, a bissexualidade masculina, passa a ser debatida como uma orientação sexual com mais frequência a partir da explosão da transmissão de casos de HIV, em meados da década de 1980 (SEFFNER, 2003). Na ocasião, os homens bissexuais passaram, ao mesmo tempo, a serem reconhecidos em sua sexualidade, ao mesmo tempo em que este reconhecimento da existência da bissexualidade somente estava em pauta nos veículos de comunicação em massa em razão do perigo que a bissexualidade representava. Homens bissexuais eram acusados de serem promíscuos e culpabilizados por disseminarem um vírus que até então era associado exclusivamente à homossexualidade. Neste ponto, era recorrente a vilanização dos homens bissexuais, retratados como ardilosos, promíscuos e traiçoeiros ao contaminem suas ingênuas esposas com um vírus contraído a partir de encontros sexuais clandestinos com outros homens.

Em tempo, a aids também foi responsável por reconfigurar as relações sexuais após a liberação sexual ocorrida na década anterior. Assim, as mudanças provocadas pela epidemia da aids trouxeram novos questionamentos no campo da sexualidade (SEFFNER, 2003). Características que outrora não demandavam tanta atenção, como a prática penetrativa entre homem e mulher, passaram a ganhar notoriedade como objeto de investigação. Em outro vértice, práticas que antes eram discutidas e condenadas, como a masturbação, se tornaram triviais.

Ainda que comportamentos bissexuais masculinos existissem no país antes da década de 1980, foi a partir dos discursos da mídia sobre a bissexualidade que a popularizou (ainda que sob um contorno fortemente negativo) enquanto expressão da sexualidade. Seffner (2003) argumenta que com a popularização dos discursos sobre a bissexualidade trouxe novas formas de produção cultural e social sobre a bissexualidade, o que possibilitou novas articulações do desejo aos homens, bem como novas formas de compreenderem a si próprios.

No início dos anos 2000, a bissexualidade passou a se fazer um pouco mais presente na organização de movimentos de mobilização política. Organizações pioneiras como o Espaço B (vinculado à Associação da Parada LGBT de São Paulo), Coletivo Brasileiro de Bissexuais e o Núcleo Bis buscaram organizar a visibilidade e a aceitação da bissexualidade através de sua atuação (JAEGER et al., 2019, p.5)

Os primeiros estudos acadêmicos nacionais que pude encontrar sobre a bissexualidade (com especial ênfase para a bissexualidade masculina) ocorreram em período similar, remontando ao final da década de 1990 e os primeiros anos da década seguinte.

Dentro destes estudos, boa parte das vezes diluíam o tema da bissexualidade masculina a um segundo plano, como o estudo da homossexualidade nos trabalhos desenvolvidos no campo das ciências humanas ou questões de saúde envolvendo a aids, no campo da medicina e da psicologia, com trabalhos relacionando a bissexualidade masculina aos dois temas simultaneamente. Entre vários estudos e publicações, realizados principalmente no campo da psicologia e da psicanálise, era corriqueira a associação entre bissexualidade masculina e indecisão (SEFFNER, 2003).

Em breve síntese, a primeira produção acadêmica encontrada sobre bissexualidade masculina data de 1997, com um artigo publicado por Arnaldo Dominguez, no qual ele relata suas experiências enquanto analista ao lidar com pacientes bissexuais, com uma análise de caso que flerta com a patologização da bissexualidade pela psicanálise. Em 1999, Regina Ferro do Lago defendeu sua dissertação intitulada *Bissexualidade masculina: dilemas de construção de identidade sexual*. Ainda no mesmo ano, Lago também publicou o artigo *Bissexualidade masculina: uma identidade negociada?* como parte do livro *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, organizado por Maria Luiza Heilborn. Também no ano de 1999, Valdeci Gonçalves da Silva defende sua dissertação pela UFPB intitulada *Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa*, na qual abordava a compreensão do homem bissexual sobre as relações sexuais, especialmente as realizadas como mesmo gênero. Tanto Lago quanto Silva partiam da bissexualidade enquanto categoria de análise a partir de questões que envolviam saúde e marginalidade. Lago se deparou com a bissexualidade masculina em um estudo de riscos de comportamentos sexuais, enquanto Silva entrevistou em sua dissertação homens que (ainda que não se afirmassem como bissexuais) se relacionavam com homens e mulheres, dividindo os grupos de entrevistados em homens que se relacionavam com outros homens mediante pagamento (michês) e homens que se relacionavam com outros homens sem contrapartida financeira.

Pouco tempo depois, no ano de 2003, Fernando Seffner, orientado por Guacira Lopes Louro, defende sua tese, cujo título é *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Em sua pesquisa, buscou compreender as maneiras pelas quais as identidades vinculadas às representações de masculinidade bissexual são pensadas e negociadas. Seu trabalho de campo contou com uma rede de informantes espalhados pelo país que se correspondiam com frequência através de cartas para falarem sobre sexualidade.

Traçado este breve panorama histórico acerca da construção dos significados da bissexualidade, passo na seção seguinte a discutir como a bissexualidade é encarada no

presente trabalho, de modo a possibilitar negociações e articulações que sejam capazes de enriquecer uma perspectiva *queer* de desconstrução de binarismos heterossexistas organizados por uma lógica colonial.

2.9 DEFININDO A BISSEXUALIDADE

Antes de entrar propriamente no campo da discussão conceitual sobre a bissexualidade, é importante pontuar algumas ressalvas sobre a forma pela qual a sexualidade é enquadrada. Compreender a sexualidade envolve pensar não apenas nas formas de manifestação de desejo, mas também considerar outros elementos, como a afetividade, o comportamento, fantasias, etc. (LEWIS, 2012, p. 47). Esta reflexão é importante na medida em que possibilita a construção de formas não normatizadas de negociação da sexualidade. Desta forma, definir a bissexualidade passa por predileções bastante variadas de desejo, afeto, exposição e posturas. Os homens bissexuais entrevistados, por exemplo, manifestaram uma pluralidade de respostas em relação às suas predileções. Alguns preferem o relacionamento afetivo com mulheres, enquanto sexualmente sentem mais atração por homens. Também pude verificar a situação inversa, com um entrevistado afirmando que ainda que prefira manter relacionamentos afetivos com homens, sexualmente se realiza com maior intensidade com mulheres. Nenhuma destas respostas e das respostas situadas entre estes opostos colocam os entrevistados como potencialmente não bissexuais. Pelo contrário. Ao lidar com as diversas formas de manifestação da bissexualidade o que se pretende é aceitar toda manifestação de diferença sexual como válida, fazendo cair por terra a ideia de que possa existir uma bissexualidade normalizada, ou seja, que considera como bissexual apenas aquele que se atrai em igual medida e que se manifesta nos mesmos termos de atração por mais de um gênero, com isso sustentando implicitamente a crença de que a sexualidade possa ser medida por critérios objetivos.

Para expandir conceitualmente a definição do tema, é salutar pensar a bissexualidade para além do tema da definição sexual. Shiri Eisner (2013) defende que a bissexualidade seja pensada através de três eixos, que extrapolam, em determinadas óticas, a definição hegemônica da sexualidade: desejo, comunidade e política. Pelo eixo do desejo a bissexualidade pode ser pensada em dois conceitos que são mais representativos que a noção esboçada pelo senso comum (que a compreende como a atração por homens e mulheres). A primeira definição de bissexualidade enquanto forma de manifestação de desejo a categoriza como uma orientação sexual que permite a atração por mais de um gênero. Neste ponto,

Eisner se vale de uma frase da ativista Robyn Ochs, que disse considerar-se bissexual por entender possuir o potencial de sentir-se atraída romântica e/ou sexualmente por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente da mesma forma e não necessariamente no mesmo grau. (EISNER, 2013)

Logo de início é possível perceber que a (auto)definição formulada por Ochs amplia a definição tradicional de bissexualidade na medida em que em vez de resumir a atração a um binário homem/mulher, ela amplia a noção de atração, limitando-se apenas a considerar que a atração pode se revelar – ainda que não no mesmo tempo e com a mesma forma de manifestação – por mais de um gênero, sejam eles quaisquer que sejam. Com isso, a definição traz em sua raiz a fluidez e a diversidade sexuais, abrindo campo para que mais pessoas possam se identificar como bissexuais. Eisner (2013) também argumenta que esta definição apresenta sua riqueza por não limitar a forma de expressão do desejo e nem exigir que ele se expresse em manifestações equivalentes para os diferentes gêneros (reconhecendo a reboque a impossibilidade de se pensar a sexualidade através de uma métrica cartesiana). Em tempo, a definição de Ochs também é oportuna pois desconstrói a visão do “bissexual legítimo” como sendo aquele que se atrai em igual medida por homens e mulheres.

Eisner também trabalha no mesmo capítulo de seu livro com a definição de bissexualidade como sendo a atração sentida pelo gênero igual e diferente ao do indivíduo. Ela argumenta que esta definição opera uma hierarquia, que se estabelece ao se pensar sobre critérios de igualdade e diferença em relação ao gênero. Entretanto, tal definição, se analisada reflexivamente, permite ao indivíduo questionar as barreiras de seu próprio gênero que delimitam a maneira como se constroem a igualdade e a diferença, bem como permite pensar os papéis de gênero presentes para além da orientação sexual, como nos campos de trabalho, dos afazeres domésticos, na esfera das relações íntimas, etc. Possibilita, ainda, o questionamento sobre o que vem a ser o gênero e quais as formas de atração que se manifestam em cada um.

O segundo eixo pelo qual a bissexualidade pode ser compreendida para Shiri Eisner (2013) é o eixo da comunidade. Neste eixo, a bissexualidade passa a ser compreendida como um conceito guarda-chuva substituindo uma definição rígida e normativa. Dentro desta perspectiva de análise, caberia a identificação de todos os grupos que se identificassem fora da normatização monossexual como bissexuais, compreendendo aqui a normatização sexual como o arranjo social que pressiona as pessoas para uma escolha binária entre a heterossexualidade e a homossexualidade, não legitimando desejos e manifestações afetivas e sexuais por mais de um gênero. Deste modo, todos aqueles que vivenciam a atração por mais

de um gênero, como polisssexuais, pansexuais, homoflexíveis, heteroflexíveis e afins, poderiam ser incluídos dentro da categoria de bissexualidade. Eisner assevera que ainda que sejam categorias que possam apresentar diferenças, é real a probabilidade de vivenciarem em parte as mesmas opressões da bifobia e monossexismo, na medida em que apresentam em comum a não adequação ao padrão social que recai sobre a identificação sexual.

No cerne desta defesa, está a proteção da multiplicidade e a ruptura com um padrão normativo de identidades, o que aproxima o argumento de Eisner da proposta defendida pela teoria *queer*. O ponto que coaduna as duas posturas reside na necessária defesa dos sujeitos abjetos, que restam marginalizados em razão de sua não adequação (MISKOLCI, 2017b). Neste sentido, fazer a defesa da diferença ao invés de buscar a assimilação através da defesa da diversidade apresenta uma maior riqueza e potencial democrático, na medida em que a perspectiva da diversidade prioriza o contato, a negociação e a elaboração de consensos entre grupos divergentes, diferentemente de uma postura que busca a inserção de grupos marginalizados em uma ordem social já estabelecida, sem qualquer espécie de transformação em sua estrutura (MISKOLCI, 2017b, p. 54). Neste aspecto, a atuação conjunta de pessoas monodissidentes teria como escopo não apenas a aceitação de formas diversas de manifestação da sexualidade, mas trabalhar uma proposta que caminha no sentido de desconstruir os padrões hegemônicos que excluem sua forma de existência. Ou, de acordo com Eisner (2013), elaborar uma proposta que seja formulada da base para o topo das estruturas de poder.

Com base nesta premissa, ela argumenta que a comunidade bissexual deve ser alicerçada por três Ds: diferença, diversidade e desvio. Defender a bissexualidade a partir destas três premissas exige uma postura de acolhimento que não segregue aqueles que não se encaixam ao padrão normativo, a exemplo dos soropositivos, trabalhadores/as sexuais, praticantes de BDSM, usuários de drogas, imigrantes ilegais, refugiados e quaisquer outras categorias que sejam silenciadas na luta por direitos. O esforço político deve, portanto, refletir os interesses de todos e buscar o empoderamento de todos os grupos, não apenas daqueles que sejam mais palatáveis, o que não implica na defesa de criação de uma ordem invertida de padrões dentro das comunidades bissexuais, tampouco ignorar as diferenças ou apaga-las. O que se pretende é o reconhecimento das particularidades de cada grupo e que cada um possua condições de aceitação e empoderamento. Significa dismantelar um único padrão de inteligibilidade de indivíduos em vários pedaços menores, solidarizando-se com cada fragmento (EISNER, 2013).

Por fim, a terceira categoria desenvolvida por Shiri Eisner em *Bi: Notes for a Bisexual Revolution* para se pensar a bissexualidade seria o eixo político, que tem como escopo a ideia de que a bissexualidade é mais do que a orientação sexual. Pensar a bissexualidade politicamente envolve buscar compreender como a bissexualidade é projetada socialmente e refletir sobre os significados produzidos, defesa que se concilia com a postura de Joan W. Scott (1998) sobre a necessidade de historicização das categorias para compreendermos como os sujeitos se posicionam discursivamente (ver seção 1.5).

O presente trabalho comunga com as definições propostas pela autora e com a pluralidade de eixos possíveis para se pensar a bissexualidade. Portanto, ao longo do texto será adotada uma postura de evitar referir-se à bissexualidade apenas na condição de atração sexual. No entanto, ao trabalha-la dentro desta categoria, não será definida a bissexualidade meramente como a atração afetivo-sexual por homem e mulher. Em vez disso, buscaremos defini-la como atração afetivo-sexual por mais de um gênero, ainda que realizada em períodos de tempo distintos, sem a exigência de um padrão fixo de relacionamento, podendo apresentar níveis distintos de atração entre as identidades desejadas. Não suficiente, lidar com a bissexualidade a partir de um espectro político permite ir além das definições conceituais, permitindo a desconstrução de binarismos enrijecedores do amplo espectro da sexualidade.

No entanto, lidar com tamanha diversidade dentro de uma mesma categoria pode soar contraproducente, na medida em que as divergências são abundantes. Afinal, como conciliar a fluidez sexual da bissexualidade com uma definição sólida o suficiente para definir, de forma categórica, o que é um bissexual?

Os rótulos e a rotulagem são uma grande questão para pessoas que, por falta de uma palavra melhor, chamam-se bissexuais. A palavra “rótulo” aparece repetidamente em publicações bi. Em jogo estão questões de “política de identidade” e solidariedade grupal, visibilidade cultural agora e no passado e a debatida questão da natureza fluida da bissexualidade. Como numa charada, poderíamos perguntar: como alguma coisa fluida pode ser uma coisa sólida? Como reconciliar uma “sexualidade” que toma a forma de narrativa (isso e depois aquilo; isso e aquilo; isso por causa daquilo; isso depois daquilo) como uma “política” que depende da solidariedade? Numa Conferência Nacional sobre Bissexualidade em 1990, Elizabeth Reba Weise, que pouco depois se tornaria editora de uma coletânea de ensaios sobre bissexualidade e feminismo, observou que ficava “um pouco desconfortável em se declarar bissexual. O rótulo não parece tão sólido quanto o de lésbica. Porque se declarar como bissexual é declarar, realmente, que os rótulos não significam nada. Por isso parece paradoxal declarar isso como uma identidade”. (GARBER, 1995, p. 51)

Desta maneira, a bissexualidade não deve ser compreendida, ao menos no presente trabalho, como uma categoria capaz de eliminar a pluralidade, mas de fazê-la brotar.

De modo a aglutinar as experiências em comum sem reduzir as diferenças se revela útil trabalhar a bissexualidade através de um essencialismo estratégico. O conceito, postulado por Gayatri Spivak (1996), defende que é possível nomear uma categoria de análise como não suficiente para contemplar toda a diversidade que ela carrega. No entanto, abordar a experiência a partir de um ponto central pode ser pensada como uma estratégia eficiente para revelar as estruturas de opressão que atuam sobre determinados sujeitos. Portanto, ao longo do trabalho o essencialismo estratégico será uma ferramenta utilizada para compreender, ao mesmo tempo, quais são os mecanismos que impedem o reconhecimento da bissexualidade e quais estratégias são possíveis para se pensar o enfraquecimento destas estruturas.

Feita a consideração teórica pretendida sobre a bissexualidade, o capítulo seguinte se dedica a aprofundar as representações e os mecanismos de poder que envolvem a masculinidade, trabalhando como foi construída a diferença sexual e de gênero e as marcas de desigualdade que elas provocam, bem como estudar alguns tipos de masculinidade e a relação que se estabelece com a sexualidade.

3 CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Considerando que o objetivo geral do presente trabalho é analisar como homens bissexuais concebem e negociam sua performance identitária, acredito ser de grande importância reservar um capítulo para a abordagem das diferentes formas de masculinidade e a maneira pela qual se relacionam. A construção da subjetividade dos homens com frequência é bastante atrelada à forma como percebem a própria masculinidade. Para a presente pesquisa, a masculinidade foi pensada principalmente a partir das contribuições de María Lugones (2018), Conell e Messerschmidt (2013), Daniel Welzer-Lang (2001), Fernando Seffner (2003) e Ismar Inácio dos Santos Filho (2012). Pela análise das leituras, definimos que a masculinidade no presente trabalho deve ser compreendida como uma configuração de prática social atrelada a várias instâncias, como a cultura, os posicionamentos ideológicos, as instituições, etc. Considerando a agência⁸ individual, a construção da masculinidade de cada um ocorre de maneira não estanque, mas permanente negociação e disputa de poder com outras identificações de gênero, tendo como resultado o que Seffner (2003) define como posições de sujeito.

Pensar a construção da masculinidade envolve, antes de mais nada, pensar como o sexo e o gênero passaram a ser entendidos como tal até os dias de hoje. Ainda, o estudo de gênero também concentra grande importância nos estudos das ciências sociais, “na medida em que é uma categoria analítica e política que evidencia as hierarquias entre os sexos no contexto de estruturas sociais mais amplas” (CURIEL, 2018, p. 224). Para a presente pesquisa, lidar com a construção da masculinidade envolve também lidar com uma matriz heteronormativa que presume a heterossexualidade como condição de legitimação e reconhecimento da condição masculina. Desta forma, o capítulo se desenvolve em 5 seções, nas quais serão abordadas inicialmente a maneira pela qual a diferença sexual passou a ser construída a partir do século XVIII para, em um segundo momento, ser abordado brevemente de que maneira o estudo das masculinidades se situou desde a década de 1980 no cenário acadêmico. Na continuidade passarei a abordar as formas pelas quais as diferentes formas de masculinidade se arranjam em hierarquias de dominação, envolvendo também a relação com o gênero feminino. Nas últimas seções, serão abordadas a proximidade da construção

⁸ Aqui definida como “a forma como os sujeitos negociam seus desejos com as normas e convenções morais em voga” (Miskolci, 2017a, p. 27).

masculina com imperativos referentes à sexualidade e de qual maneira a masculinidade intersecciona com o tema da bissexualidade.

3.1 A CONSTRUÇÃO COLONIAL DA DIFERENÇA SEXUAL

Thomas Laqueur (2001) afirma que até o século XVII vigorava um sistema de sexo único. Esta definição compreendia que os corpos eram constituídos tendo como base a mesma estrutura biológica. Tanto os corpos masculinos quanto os femininos possuíam a mesma compleição, residindo a diferença na forma com que a matéria física se organizava. Os homens possuíam o órgão reprodutor de maneira externa, enquanto o órgão reprodutor das mulheres era considerado como uma espécie de pênis invertido. Desta forma, a compreensão dos corpos era organizada através de um padrão único, que ordenava as características corporais de acordo com uma hierarquização que compreendia a versão corporal masculina como superior. Desde imagens do menino Jesus com seios até relatos de homens que amamentavam ou tinham seus corpos alterados em razão da frequente convivência com mulheres, não raras eram as representações na antiguidade sobre a flexibilidade de sexo que os corpos poderiam desempenhar. Ser homem ou mulher antes do século XVIII, portanto, estava mais relacionado ao desempenhar de um papel cultural do que a uma delimitação corporal estável definida pela biologia.

A partir do século XVIII, no entanto, a visão sobre o sexo começa a abandonar a visão vertical e hierárquica de um único sexo e passa a incorporar uma visão que contempla a existência de dois sexos que se opõem. E, a partir desta diferença fundamental dos corpos, são alicerçadas uma série de características que supostamente seriam essenciais a cada tipo de corpo e que seria justificado biologicamente. Havia, portanto, diferenças entre os sexos de acordo com as novas descobertas da biologia. A partir das novas teorias biológicas sobre a constituição dos sexos, passaram a serem estudados e atribuídos uma série de características e manifestações essencializadas e definidoras do gênero, construindo, assim, uma noção arraigada de como um homem e uma mulher deveriam se portar com base em suas características biológicas.

A separação dos corpos através da ciência biológica em formação tomou o corpo masculino como o padrão, enquanto o corpo feminino, já separado por conta dos novos critérios científicos, se tornou uma categoria vazia. Neste sentido, somente a mulher parece ter sido inserida na categoria “gênero”, visto que “a própria categoria é definida como o

aspecto das relações sociais baseado na diferença entre os sexos, onde o padrão sempre foi o homem.” (LAQUEUR, 2001, p. 32)

Sobre esta forma de divisão dos corpos a partir de uma categorização essencialmente biológica flerta não apenas com as definições de gênero, mas também com o que se espera da sexualidade. Possuir um pênis para ser considerado um homem está inserido no mesmo discurso naturalizante que toma a heterossexualidade como única possibilidade “correta” de manifestação sexual. O desenvolvimento das teorias biologizantes, somadas à teoria evolucionista possibilitou que fossem criados critérios supostamente neutros que determinava a importância racial e generificada de cada ser humano, situando no topo desta hierarquia evolutiva o homem inglês de classe média (LUGONES, 2018). Esta forma de categorização, no entanto, fortalece configurações coloniais e opressivas de gênero, de modo que historicizar tais construções se revelam necessárias na medida em que permitem ir além da análise do patriarcado como mantenedor das relações opressivas e hierárquicas que se estabelecem entre homens e mulheres, inserindo também neste campo de relações desiguais as estruturas do regime capitalista, a heterossexualidade compulsória e as categorizações de raça como entrelaçadas em um sistema colonial opressor.

O conceito de gênero imposto durante a colonização extrapolou a mera divisão dos corpos para incorrer na organização das relações produtivas e de propriedade e também na forma como se organiza o conhecimento. A exemplo de como esta imposição atuou como uma forma estratégica de dominação colonial, Lugones (2018) ilustra que em diversas etnias como a Cherokee e a Yorubá as mulheres gozavam da divisão de poderes de maneira similar ou até mesmo superior aos homens. Algumas etnias também reconheciam o contato homoerótico através de termos positivos ou neutros. Outras tantas chegavam a reconhecer a intersexualidade, fugindo da definição binária de sexo que posteriormente acabou sendo disseminada.

Entender o lugar do gênero nas sociedades pré-coloniais é fundamental para a compreensão da natureza e do escopo das mudanças na estrutura social impostos pelos processos constitutivos do capitalismo eurocentrado colonial/moderno. Essas mudanças foram introduzidas através de processos lentos, descontínuos e heterogêneos que, violentamente, inferiorizaram as mulheres colonizadas. O sistema de gênero então introduzido estruturou-se por completo através da colonialidade do poder. Compreender o lugar do gênero nas sociedades pré-coloniais é também essencial para compreender a extensão e a importância do sistema de gênero na desintegração das relações comunitárias, relações igualitárias, pensamento ritual, tomadas de decisão coletivas e autoridade e economia. (LUGONES, 2018, p. 261)

Desta forma, o modo masculino e heterossexista que foi imposto com a colonização foi utilizado como uma estratégia política de rearranjo das estruturas de poder então estabelecidas nas colônias. Com isso, não apenas as categorias binárias de sexo, gênero e sexualidade foram atribuídas, mas foi justamente a partir da centralidade destas categorias que foi possível a articulação de um regime de reconhecimento político somado a um sistema capitalista de produção. Gênero, raça e sexualidade foram, portanto, utilizados como marcadores para hierarquizar os colonizados dentro de um modelo eurocentrado que considerava o homem branco europeu como seu ponto máximo. Na seção seguinte será trabalhada a ideia de como a masculinidade passou a ser estudada e compreendida e como um modelo específico de masculinidade se constitui e subordina as demais manifestações de gênero.

3.2 HISTORIOGRAFIA DAS MASCULINIDADES

Connell e Messerschmidt (2013) esclarecem que historicamente o estudo sobre masculinidades é recente, com as primeiras publicações remetendo aos anos de 1970. Durante o período, surgiram com maior frequência artigos e livros que se debruçavam sobre os papéis generificados, apontando para uma crítica a noções rígidas de gênero, considerando-as como a base para o comportamento opressivo masculino. No mesmo período, a emergência de um movimento pela liberação gay também foi percebido por alguns teóricos como um forte posicionamento contrário aos estereótipos performativos em relação a homens e mulheres. Soma-se ainda a experiência dos homens gays com a violência e preconceito dos homens heterossexuais, que trouxe à ribalta a ideia da construção de uma hierarquia entre as masculinidades.

Neste primeiro momento, a masculinidade hegemônica passou a ser compreendida como um conjunto de práticas que permite a dominação simbólica das mulheres e a opressão de homens não identificados na manifestação de gênero dominante. “A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão.” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245) Posteriormente, entre as décadas de 1980 e 1990, o estudo das masculinidades ganha mais volume, com um número crescente de publicações, em especial nas ciências sociais. A masculinidade hegemônica passou a ser estudada nas dinâmicas das relações entre internos em presídios, alunos em escolas e sobre representação da masculinidade na mídia. Aos poucos, o conceito de masculinidade hegemônica passou a

substituir a teoria de papel social e os modelos psiquiátricos no estudo dos comportamentos masculinos e sua relação com o patriarcado.

As pesquisas avançaram não apenas na elaboração do conceito da masculinidade hegemônica, mas também nas formas através das quais ela se manifesta. Foi definido por que a hegemonia masculina pode ser mantida mediante diferentes aparatos, visíveis ou invisíveis. Dentre os recursos mais visíveis para a consolidação da masculinidade hegemônica, está a ostentação da masculinidade nos esportes, posição defendida por Messner (1992 *apud* CONELL; MESSERSCHMIDT, 2013), visão corroborada por Daniel Welzer-Lang (2001), conforme veremos adiante. Esta estratégia, ao mesmo tempo em que elabora uma hierarquia entre os mais talentosos e inaptos na prática esportiva, também cobra um alto custo de desempenho pessoal em sua manutenção, na medida em que o corpo deve ser treinado e moldado pela dor em nome do desempenho atlético. A relação entre masculinidade e esporte também é útil para pensar como não apenas as práticas esportivas, mas também as práticas de saúde masculinas muitas vezes envolvem a exposição a situações de risco em razão da dificuldade para lidar com as próprias incapacidades, expressão que ficou conhecida como “jogar ferido” (*playing hurt*, no inglês), revelando um aspecto nocivo de uma construção de gênero baseada na dominação que se volta contra os próprios homens na construção de sua masculinidade. Welzer-Lang (2001) defende que a masculinidade se exercita como um aprendizado desde a mais tenra idade, em contextos e espaços que facilitam o contato exclusivo entre homens, espaços esses que ele denomina casa-dos-homens. Neste ambiente, uma das linguagens mais loquazes para o aprendizado da masculinidade seria justamente a prática esportiva.

A partir do contato exclusivo mantido na casa-dos-homens durante a infância, os garotos aprendem desde muito cedo que um “homem de verdade” se constrói através de sofrimento. Em primeiro lugar, uma dor provocada contra si próprio, na medida em que tenta se inserir em um sistema de masculinidade cujas regras são ditadas pelos comportamentos dos garotos mais velhos. Neste cenário, é através do esporte que os garotos buscam desempenhar uma performance que os afasta do mundo compreendido como pertencente às mulheres e crianças. Também é através do esporte que os jovens aprendem os códigos de uma hierarquia corporal. Os atletas mais talentosos são vistos como portadores de uma maior virilidade, enquanto os garotos menos aptos devem lidar com o sofrimento psíquico da comparação e o sentimento de inferioridade. Além do sofrimento mental, também se faz presente o sofrimento físico, que exige que o corpo endureça e se permita modelar para a prática esportiva e o almejado reconhecimento, ainda que este preparo esteja em frequente contato com a dor, que

deve ser aceita sem reclamação em um regime que transmite uma mensagem clara: aprender a ser homem é aprender a como não ser uma mulher. O feminino passa a ser compreendido como um campo de abjeção e ridicularização, um “inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal.” (WELZER-LANG, 2001, p. 465)

Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros. (WELZER-LANG, 2001, p. 463)

O aprendizado da masculinidade é lecionado por homens que ocupam o lugar de modelo a ser obedecido pelos mais jovens. As transmissões desses valores, portanto, são feitos por professores de educação física, atores, cantores, pedagogos e outros homens mais velhos que ocupam posições mais elevadas hierarquicamente em relação aos jovens. Ainda que imperativos, os valores da casa-dos-homens são plásticos, variando conforme o espaço geográfico, o tempo histórico e a classe social. Com o tempo, os jovens aprendem durante o convívio nos espaços escolares que estar dentro de um modelo é uma prisão, mas também é uma liberdade, na medida em que se adaptar ao modelo é tirar proveito de suas vantagens ou, nas palavras do autor, “o masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo.” (WELZER-LANG, 2001, p. 464)

Ainda que a visão de Welzer-Lang (2001) não se coadune com perspectivas pós-estruturalistas como a da teoria *queer* e a noção de construção da masculinidade através de negociações situacionais como defendido por Connell e Messerschmidt (2013), tomar sua teoria pode ser fértil para pensar que, ainda que o conceito de casa-dos-homens não seja tão absoluto quanto defende o autor, seu posicionamento colabora para compreender como uma visão específica da masculinidade se estrutura hegemonicamente para limitar os atributos que definem um homem.

Outra técnica visível na consolidação da masculinidade hegemônica presente nos espaços marcados pela presença masculina é a censura a grupos subordinados, realizada na forma de xingamentos e violências que acenam para a proibição do homoerotismo. Richard Miskolci (2017b) complementa esta posição ao alegar que as a noção da violência perpetradas por uma masculinidade hegemônica pode ser expandida para além daqueles que são seus alvos diretos (homens que de alguma maneira não se enquadram nos imperativos hegemônicos), chegando a alcançar todas as pessoas de alguma forma, ainda que em níveis

diferentes. Assim, mulheres e homens, ainda que não estejam imediatamente sob perseguição, frequentemente presenciam diversas formas de violência contra outros homens, indicando que eles podem ser os próximos caso deixem de se adequarem à norma hegemônica sobre representação de gênero. Com isso, o sociólogo defende a existência de um “terrorismo cultural”, que é capaz de impor “normas por trás de uma forma de violência sempre à espreita, pois quando sabemos que ela pode acontecer, mas não quando nem de onde ela virá, aprendemos a nos comportar de forma ‘segura’, ou seja, de uma forma que nos coloque ao abrigo de suas manifestações.” (MISKOLCI, 2017b, p. 34-35).

A masculinidade hegemônica também pode operar seu domínio através de ferramentas menos perceptíveis, como, por exemplo, a retirada de discussão sobre as expressões nocivas de masculinidade ao pautar manifestações agressivas de homens, como, por exemplo, a prática de crimes, especialmente voltados contra a própria companheira ou de ataques de alunos a escolas, como os realizados em Columbine, Suzano e Realengo, comportamentos estes que podem sinalizar para uma falta de estrutura emocional para lidar com os próprios problemas e reconhecer a necessidade de ajuda externa.

Ainda que busque desempenhar um amplo reconhecimento, não podemos falar na existência de uma única forma de masculinidade hegemônica. Neste sentido, cabe ressaltar que a manutenção de uma hegemonia masculina não se faz por padrões estanques, mas variáveis de acordo com indicadores como espaço geográfico, classe, raça e faixa etária.

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250)

Connell e Messerschmidt (2013) ainda falam que por ser um conceito histórico e social, a masculinidade também é produzida nas instituições e entidades que reforçam qual masculinidade deve ser considerada prestigiosa. Neste ponto, é afirmado pelos autores que o conceito de masculinidade hegemônica não deve ser considerado como um atributo atingível pelos homens, pelo contrário. Por se tratar de uma abstração, a masculinidade hegemônica nunca pode ser plenamente alcançada, ainda que incansavelmente perseguida. Por seu caráter prestigioso e dotado de privilégios, se torna o modelo de relação e conduta social para os homens, que acabam por reforça-la. Em síntese, a base para a definição de uma masculinidade hegemônica é a combinação entre a pluralidade de masculinidades e uma hierarquia entre elas.

É de se considerar ainda que a masculinidade hegemônica não se alicerça sem a ajuda de grupos subordinados. Tomando a construção de gênero como relacional, o padrão de masculinidade se define em contraste com o que é definido como sendo feminino. Para que uma masculinidade hegemônica assumisse uma posição privilegiada sem a convivência de outros grupos, alegam Conell e Messerschmidt (2013), se trataria mais de uma dominação através da violência do que de uma hegemonia. Para que seja hegemônica, portanto, deve haver uma noção de masculinidade que aponte para um ideal que seja encarado como consenso e que conte com a participação de grupos subalternos.

Deste modo, o conceito de masculinidade hegemônica tem como pilar uma normativa cultural. Entretanto, explicar a hegemonia através de fatores meramente culturais não se revela satisfatório. Conell e Messerschmidt (2013) falam que as relações de gênero que dão base para a hegemonia masculina também são acionadas a partir da articulação e hierarquização da sexualidade, da ocupação de posições prestigiosas de trabalho, da violência doméstica, ou do cuidado com as crianças, conciliando sua fala com a defesa que faz Lugones (2018) de que a construção colonial de gênero não opera apenas em uma única esfera, mas entrelaça diversos fatores como relações de trabalho e exploração, capitalismo e hierarquias de gênero. No mesmo sentido, Welzer-Lang (2001) afirma que as desigualdades e as opressões provocadas pelos homens em relação às mulheres é um sistema dinâmico, no qual as vantagens que são concedidas aos homens decorre diretamente das desvantagens que são impingidas às mulheres. Assim, homens e mulheres disputam condições materiais e simbologias culturais, nas quais os homens ocupam as posições de prestígio enquanto as mulheres frequentemente ocupam posições menos reconhecidas e valorizadas. Desta forma, para que alguém goze dos privilégios oriundos do reconhecimento como um “verdadeiro” homem, deve combater em si todo e qualquer aspecto que possa ser relacionado ao feminino. (WELZER-LANG, 2001).

Conell e Messerschmidt (2013) também defendem que o conceito de masculinidade hegemônica não deve ser assimilado como responsável por reduzir a agência dos sujeitos, como se estivessem presos em uma estrutura que determina integralmente sua subjetividade. A hegemonia é construída dentro de um padrão histórico de relações sociais, o que exige esforços para sua manutenção e indubitavelmente também se mostra aberta a contestações, de modo que para se manter dominante, a masculinidade deve incorporar novos processos à medida em que passa a ser questionada por grupos subalternos. Portanto, é possível pensar em uma construção de masculinidade que não atenda aos imperativos que delimitam o que é ser homem. Ampliar o espectro da sexualidade masculina, ainda que uma medida insuficiente se

considerada de forma isolada para dirimir as desigualdades, pode enriquecer uma perspectiva de gênero que busque uma maior distribuição de poder a partir da desconstrução da categoria que hoje goza de privilégios às custas das demais posições subjetivas.

3.3 MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS

Michael Kimmel (1998) escreve sobre a hierarquização que se põe entre as diferentes masculinidades. Em seu artigo intitulado *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*, Kimmel parte do argumento de Andre Gunder Frank, que defende que a condição de desenvolvimento e subdesenvolvimento notada em diferentes países não se estabelece de maneira autônoma, mas através de uma relação de dependência, na qual o desenvolvimento de um determinado país está diretamente atrelado ao subdesenvolvimento de outros. No mesmo sentido, para que exista a metrópole se faz necessário que também haja a periferia. Trazendo este argumento para o debate sobre masculinidades, Kimmel defende, em linhas gerais, que a criação de um ideal de masculinidade se faz a partir de um contraste direto com outras masculinidades, que a partir da comparação, são desvalorizadas e hierarquizadas. Seu ponto é que, da mesma forma que as relações econômicas entre os Estados, as masculinidades se constituem em uma relação mútua em que o hegemônico e o subalterno se relacionam maneira desigual ao se constituírem mutuamente.

Kimmel defende uma postura similar à de Welzer-Lang (2001) em alguns pontos. No primeiro deles, argui que a masculinidade não tem contornos biológicos ou que carregue qualquer tipo de atributo intrínseco, mas que é formada através das relações socioculturais que se estabelecem historicamente, podendo variar ao longo do tempo, do lugar e das próprias construções subjetivas masculinas, não podendo, portanto, falar da masculinidade “como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança.” (KIMMEL, 1998, p. 106). Sendo um atributo cultural, a masculinidade é estruturada simultaneamente em dois campos relacionais e de disputa de poder: o sexismo, que rege as relações entre homens e mulheres e a homofobia, que se faz presente nas relações entre homens que se enquadram em um ideal normativo de masculinidade e homens que não apresentam os atributos considerados ideais para um homem.

O segundo ponto de aproximação da defesa de Kimmel com a de Welzer-Lang faz menção à forma como a masculinidade é construída. Ambos defendem que a masculinidade opera através de um mecanismo de exclusão e diferença. É homem aquele que não é mulher,

ou seja, que não aparente possuir atributos femininos. O pensamento dos sociólogos também se aproxima quando defendem que por exercerem uma posição de poder socialmente hegemônica, a masculinidade é frequentemente um atributo invisível aos homens em razão dos privilégios obtidos pela subordinação das demais categorias de gênero, mas é especialmente visível para os que são afetados por sua violência.

Ainda que sua pesquisa tenha sido voltada apenas para os Estados Unidos, é importante relatar quais foram os indícios históricos da consolidação da masculinidade hegemônica na medida em que muitos dos padrões estadunidenses podem também ser encontrados no Brasil, inclusive decorrentes da forte relação de influência cultural que o país norte americano exerce em território nacional. De início, Kimmel (1998) revela que desde o século XIX a masculinidade era um atributo que seria demonstrado através do autocontrole. Com isto, o corpo se tornava uma ferramenta de dominação ao passo que tornavam os homens menos sensíveis emocionalmente (e também fisicamente, através da recomendação da prática de exercícios e esportes). A partir deste autocontrole e treinamento, os homens buscavam se desvencilhar da imagem de fraqueza e suavidade.

A masculinidade também poderia ser valorizada através da formação de um espírito aventureiro, como fugas para as florestas, montanhas ou mar, ou então alistamento no exército, locais onde os homens poderiam provar sua masculinidade ao enfrentarem a natureza e outros homens, afastados dos confortos feminilizantes da cidade. No entanto, Kimmel revela que a principal forma pela qual os homens procuravam demonstrar sua masculinidade era pela desqualificação de outras formas de ser homem, enquadrando o hegemônico em uma construção relacional ao subalterno, tendo desde o início do século XX até os dias atuais esta posição ser majoritariamente ocupada por mulheres e por homens que se relacionam com homens. Kimmel (1998, p. 116) chega a afirmar que estes grupos “são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero”.

No caso de homens bissexuais, trabalhos como o de Seffner (2003), Lanzaarini (2013) e Santos Filho (2012) mostram como o desejo não heterossexual é negociado como uma tentativa de não desqualificação daquele que o apresenta. Isto acontece pois, na medida em que todos os homens são criados em um mesmo grupo de sociabilidades durante a infância e adolescência (ver sobre o conceito de casa-dos-homens, apresentado na seção anterior), todos constroem uma mesma base sexual em sua formação, qual seja, a heterossexualidade como um denominador comum para o reconhecimento da masculinidade. Desta forma, a construção da masculinidade envolve não necessariamente a apresentação de características que estejam

presentes em todos os homens, mas opera a partir da imaginação de que para ser homem, determinadas características necessitam estar presentes (SANTOS FILHO, 2012, p. 66; LANZARINI, 2013, p. 85). Nas seções seguintes buscarei abordar em pormenor sobre o papel que a sexualidade desempenha na formação e aceitação dos homens, em especial daqueles que se identificam com a bissexualidade.

3.4 MASCULINIDADE E SEXUALIDADE

A sexualidade passou a ser, desde ao menos o término da Segunda Guerra Mundial (MISKOLCI, 2017a), uma forma de enquadrar indivíduos dentro de uma lógica de inclusão ou perseguição. Fernando Seffner (2003) também argumenta sobre o forte papel que a sexualidade exerce na construção estrutura individual das pessoas, chegando a defender que é praticamente impossível construir posições de subjetividade que não estejam diretamente conectadas com a sexualidade. No entanto, é importante considerar que a sexualidade, da mesma forma que as performances de gênero, são constituídas a partir de processos socioculturais ao longo de toda a vida (LANZARINI, 2013; SANTOS FILHO, 2012), de modo que se revela salutar tentar compreender como tais processos entrelaçam definições ideais de masculinidade e sexualidade.

Daniel Welzer-Lang (2001) sustenta que as relações entre os gêneros apontam para um paradigma naturalista, que traz a reboque a defesa de uma “natureza superior” dos homens e de visão heterossexista do mundo. Com isso, as fronteiras de gênero se tornam mais engessadas e as sexualidades são, do mesmo modo, limitadas a relações afetivo-sexuais exclusivas entre homens e mulheres, relegando qualquer diferença à marginalização ou, quando aceitas, dentro de um quadro de normatização das relações de gênero e sexualidade.

A construção de uma ideia de masculinidade é, portanto, fortemente cristalizada através de uma hierarquia das relações entre homens e mulheres. A homofobia e a bifobia, neste cenário, podem ser encaradas como formas de desqualificação de pessoas que são lidas dentro de um sistema rígido de gênero como portadoras de características do outro gênero. Welzer-Lang (2001) também defende uma corrente que pode ser útil para pensarmos o potencial político que a bissexualidade pode adquirir. Ele argumenta que a homossexualidade foi uma criação das ciências médicas (conforme trabalhado no segundo capítulo) que, a partir de uma noção da homossexualidade como desvio criou a imagem da heterossexualidade como normalidade. Ficam os termos desta dicotomia, portanto, intrinsecamente dependentes um do outro, na medida em que homossexual/heterossexual e homem/mulher são binários que só

fazem sentido juntos, uma vez que são definidos pela diferença que carregam em relação a seu oposto. A consolidação destes binarismos através da emergência de uma ciência sexual fez com que a heterossexualidade fosse apresentada, especialmente para os homens, como uma forma natural de sexualidade.

Neste ponto, talvez caiba explicar alguns conceitos sobre a centralidade da heterossexualidade, em especial na sociedade ocidental, conceitos estes que são de rica aplicação ao presente trabalho. É importante distinguirmos entre heterossexismo, heteronormatividade e heterossexualidade compulsória, conceitos similares e que por algumas vezes acabam se confundindo. A começar pela definição de heterossexismo, destacamos que o conceito apresenta algumas definições. Para Miskolci (2017b, p. 47), heterossexismo deve ser compreendido como uma “pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais”, posição similar à defendida por Lewis (2017, p. 174), que argumenta que uma das formas de manifestação do heterossexismo se dá através da heterossexualidade presumida, ou seja, “a pressuposição de que toda pessoa seja heterossexual até se revelar como ‘diferente.’” Para Welzer-Lang (2001, p. 467-468), o heterossexismo é definido como sendo “a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade.” Ainda que as definições não sejam exatamente correspondentes, apresentam complementaridade, na medida em que a pressuposição da heterossexualidade como um padrão somente pode ser alcançado mediante muito reforço circular entre as instituições e indivíduos de que a heterossexualidade é a única forma de desejo que deve ser aceita com normalidade.

Do heterossexismo também deriva a noção de que ser genuinamente um homem envolve sempre o desempenhar do papel sexual ativo. É ao homem ativo que se colam atributos de virilidade, restando ao passivo a vinculação à feminilidade por não portar um atributo característico dos homens.

Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem “passivos”, e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas. Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo. E não foi por acaso que encontramos os estupradores de homens, pois ativos e penetrantes não vivem como homossexuais. (WELZER-LANG, 2001, p. 468)

Deste modo percebemos que o heterossexismo não apenas defende a promoção da heterossexualidade (especialmente a masculina), mas também defende quais papéis sexuais as pessoas devem desempenhar, se aproximando do que Judith Butler (2019) denomina matriz

heteronormativa. Nesta esteira, até mesmo homens heterossexuais podem ser vítimas de preconceito e deslegitimações, a exemplo daqueles que sentem o desejo de serem penetrados por suas companheiras⁹. A partir da definição dos papéis sexuais também são definidas no pensamento hegemônico duas figuras: a do homem dominante, portanto ativo; e a do homem dominado, passivo, cujos atributos o relacionam a comportamentos e signos femininos.

Com base na separação incondicional dos atributos do binômio masculino/feminino, Daniel Welzer-Lang (2001) defende a existência de um duplo paradigma que se retroalimenta: por um lado, ressalta uma suposta superioridade masculina em relação às mulheres. Por outro, normatiza as expressões de sexualidade masculinas, de modo a definir o que vem a ser o “verdadeiro” homem e quais são aqueles que não merecem integração em razão das práticas e desejos dissonantes daquilo que é defendido como normal. Esta visão alicerça um privilégio que passa a ser usufruído por aqueles que se encaixam na padronização hegemônica, ao passo em que marginaliza e desqualifica como portadores de uma masculinidade defectiva aqueles que não se submetem à matriz heteronormativa de inteligibilidade de gênero. São, portanto, excluídos do grupo masculino por serem lidos como pertencentes ao grupo dos subordinados (que é abrangente o suficiente para incluir todas e todos aqueles que não se apresentam como homens heterossexuais ativos). Deste modo, ao segregar a diferença, o masculino hegemônico se coloca como a própria regra, no que Welzer-Lang (2001) afirma que em razão do poder que exerce, a masculinidade hegemônica pode ser disfarçada como interesse geral, de modo que os conteúdos culturais pretensamente neutros carregam em sua essência as definições de uma cultura masculina opressora. Como solução a este cenário, o sociólogo francês acena para a construção de um novo paradigma crítico das relações sexuais e de gênero assimilando categorias da teoria *queer*, abordando análises não heteronormativas e anti-sexistas que possibilitem a desconstrução das representações monolíticas do que é ser homem e o que vem a ser a masculinidade, sendo rica, neste sentido, a escuta de homens e mulheres que escapam à postura normativa.

O conceito de heterossexualidade compulsória também é explicado por Miskolci (2017b), que por ele compreende a imposição da heterossexualidade como modelo das relações afetivo-sexuais entre pessoas do sexo oposto, o que ocorre, por exemplo, na grande exposição midiática de casais heterossexuais como sendo a norma, envolvendo até mesmo a educação infantil nas escolas. Deste modo, a heterossexualidade compulsória é responsável

⁹ Este tema é abordado em pormenor na tese de Elizabeth Sara Lewis, intitulada “Acho que isso foi bastante macho para ela: Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de *pegging*”, defendida em 2016 na PUC-Rio.

por fortalecer um sistema binário de identificação de gênero, além de outros binários, como a construção hierarquizada entre a heterossexualidade e a homossexualidade. A primeira ação tem como efeito principal a dominação masculina, enquanto a hierarquização da sexualidade traz à ribalta os privilégios heterossexuais que são mantidos às custas das sexualidades dissidentes. Tais privilégios se aplicam de acordo com o enquadramento das posições de sujeito relacionadas neste sistema. Quanto mais integrado à normalização, mais privilégios dela decorrente (LEWIS, 2017). Deste modo, um bissexual que esteja em um relacionamento monogâmico, portanto mais aproximado do modelo heteronormativo, será enxergado com bons olhos com uma frequência maior do que um bissexual solteiro (ou em outras formas de arranjo afetivo) que demonstre se relacionar com frequência com pessoas de mais de um gênero. Deste modo, a heterossexualidade compulsória associada à heteronormatividade, mais do que defender a heterossexualidade como um modelo a ser seguido, orienta quais comportamentos devem ser adotados e quais devem ser abolidos, definindo como portadores de uma “heterossexualidade normal” pessoas que possuem atração sexual e afetiva pelo sexo oposto e que manifestam seu estilo de vida dentro das proposições normativas, categorizando como “heterossexualidade desviante” pessoas que, ainda que manifestem interesse exclusivo pelo sexo oposto, não se enquadram plenamente no regime estabelecido como regra, como por exemplo praticantes de BDSM ou trabalhadores(as) sexuais, que igualmente sofrem sanções sociais em razão de suas predileções e escolhas (LEWIS, 2017).

Ainda que exerça pressão considerável em relação às performances de gênero e sexualidade, é importante considerar que a heterossexualidade compulsória não se revela como uma estrutura intransponível. Ainda que sua influência seja considerável, Lewis (2017) salienta que as pessoas também podem se mostrar capazes de elaborar identidades sociais que negociem ou subvertam os imperativos da heterossexualidade compulsória.

Também se revela fértil apresentar o conceito da heteronormatividade e refletir sobre o papel que desempenha na organização das relações sociais. Lewis (2017), citando Jackson, afirma que é possível considerar que o conceito da heteronormatividade, além de se aproximar largamente, também é derivado da noção de heterossexualidade compulsória. Richard Miskolci (2009, p. 156) define a heteronormatividade como sendo “um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto.” É através da grande influência da heteronormatividade que as pessoas são acionadas a serem heterossexuais ou que adotem padrões de relacionamentos heterossexuais, caso não se encaixem no padrão de relacionamento exclusivo com o sexo oposto. A heteronormatividade, compreendida como

uma norma sexual, se vincula a um modelo familiar, sexual e reprodutivo relacionado à heterossexualidade. Desta forma, bissexuais, gays e lésbicas podem estar inseridos em um sistema heteronormativo, ainda que se relacionem com pessoas do mesmo sexo. A normalização acontece nestes casos a partir de uma assimilação do padrão heterossexual às relações que regularmente são marginalizadas por este sistema, exigindo formas de se portar mais palatáveis ao padrão heterossexista. Portanto, as violências perpetradas por este mecanismo de controle acabam sendo dirigidas com muito mais facilidade àqueles que se destacam por não adotarem o padrão dos relacionamentos heterossexuais. Na continuidade procurarei apresentar quais possibilidades e desafios se apresentam para a construção de uma masculinidade bissexual, considerando os padrões normativos e o binarismo presente na qualificação das sexualidades.

3.5 MASCULINIDADE BISSEXUAL

Alguns homens que integraram a pesquisa relataram perceber desconfiar ao se apresentaram em alguns contextos como bissexuais. Trouxeram que em determinados episódios de suas vidas pairaram desconfiarças de terceiros em relação à bissexualidade, como se a identificação como homem bissexual refletisse, em realidade, a busca por uma “brecha” para se envolver com homens sem receber a rotulagem de homossexual. Desenrolando esta ideia, chegamos ao argumento de que o homem bissexual não sente de forma legítima a atração por mais de um gênero e que, em realidade trata-se de um gay enrustido. O preconceito em relação à bissexualidade trazia à ribalta um preconceito contra a própria masculinidade do entrevistado. Se “esconder” atrás do rótulo de bissexual em vez de se “expor” como gay era encarado por essas pessoas relatadas como uma espécie de covardia. Ser homem “de verdade”, portanto, seria uma possibilidade que se estabeleceria apenas nos dois polos do binômio sexual, por razões distintas. Um homem heterossexual seria um homem “de verdade” por estar, como já mencionado anteriormente, situado em uma cadeia de privilégios que enquadra sua categoria como um padrão normativo. Por outro lado, dentro desta narrativa apresentada por alguns entrevistados, revelar-se como homem gay era, portanto, outra forma de se apresentar como “verdadeiramente” homem, na medida em que assumir e decidir revelar esta categoria considerada socialmente estigmatizada envolve uma dose alta de coragem e valentia, atributos frequentemente vinculados ao reconhecimento da masculinidade.

Nos trabalhos acadêmicos nacionais sobre homens bissexuais foi um ponto frequente que os participantes se enxergassem como detentores de atributos identificados como pertencentes a uma masculinidade hegemônica. Na pesquisa de Seffner (2003), Santos Filho (2012) e Silva (1999) não foram raras as falas e apresentações dos participantes como “machos” ou “discretos”, o que indica uma relação de proximidade com a masculinidade hegemônica. Ainda que esta postura não tenha sido frequente nas entrevistas que realizei, problematizar a relação da bissexualidade com imperativos de masculinidade se revela útil justamente por possibilitar pensar e questionar as estruturas de consolidação e os mecanismos de opressão da masculinidade hegemônica e das estruturas que a ela se relacionam de forma direta, como a heteronormatividade (Seffner, 2003, p. 11), mas também o heterossexismo e a heterossexualidade compulsória.

Na pesquisa sobre homens bissexuais realizada por Fernando Seffner, foi defendida a ideia de que os homens bissexuais que compunham sua base de dados viviam em uma constante tensão com as formas normativas de viver a masculinidade, se colocando em posições de avanço ou superioridade, quando, por exemplo, os homens bissexuais defendem a bissexualidade como sendo a “sexualidade do futuro”, alternadas com posições de inferioridade, quando se percebem não adequados a uma matriz heterossexista.

Há um processo ativo de exercício de poder por parte de quem nomeia e de quem é nomeado no campo das masculinidades. Afirmar que a masculinidade bissexual é o sexo do futuro, que a humanidade caminha em direção a esta modalidade de vida sexual, como fazem as reportagens de revistas e numerosos informantes dessa tese, a par de ser um modo de representar este desejo de um grupo de homens em manter relações sexuais com homens e mulheres, constitui também uma poderosa estratégia de legitimação destes homens frente às demais masculinidades, e frente à sociedade como um todo, uma vez que os coloca acima e adiante dos demais. Na contramão dessa positividade, imputar à masculinidade bissexual o atributo de indefinição, de masculinidade que não conseguiu constituir-se na plenitude, e que enfrenta um processo de ambiguidade, constitui-se em outra poderosa estratégia, desta vez para empurrar para o terreno das patologias este desejo, o que pode ser feito tanto pelos próprios homens que se incluem nesta situação – saindo da condição de sujeitos e ingressando na condição de pacientes – como por médicos e autoridades de saúde, especialmente aquelas encarregadas do controle das doenças sexualmente transmissíveis, da aids em particular, que reivindicam estes indivíduos como potenciais vetores de disseminação do vírus HIV. (SEFFNER, 2003, p. 79)

Em razão da grande força com que o heterossexismo opera em nossa sociedade, é comum imaginar que todos os homens sejam heterossexuais até que se prove o contrário, o que leva a algumas considerações. A primeira delas é que com a presunção da heterossexualidade, o processo de sair do armário para o homem bissexual não é um evento único e isolado. É um processo contínuo que não apresenta um fim definido (abordaremos

melhor a questão do armário no capítulo sobre epistemologia *queer*). O segundo reflexo que podemos derivar do heterossexismo é encarar a heterossexualidade como um aspecto biológico que se define uma “fórmula” para o modo como homens devem se relacionar com mulheres. Para Santos Filho, “esse entendimento se dá pela crença de que existe uma identidade masculina e uma feminina, oriundas da essência de cada sexo, as quais são ‘programadas’ para se relacionarem opostamente.” (2012, p. 22)

Miskolci (2017a) também afirma que a presunção da heterossexualidade é um padrão difícil de ser superado até mesmo nas relações mediadas por meios digitais. Ao pesquisar como se desempenha a busca por parceiro através dos aplicativos de encontro, o sociólogo chega à conclusão que ainda hoje a heterossexualidade se constitui como hegemonia que determina o que pode e o que não pode ser visto e reconhecido socialmente. Neste sentido, não existe uma separação entre os efeitos sociais do mundo on-line para o mundo off-line, mas uma continuidade. A busca de um parceiro pelas redes sociais garante uma maior segurança e menor exposição à violências. No entanto, lidar com a realização presencial dos desejos buscados virtualmente exige dos homens um nível de preocupação para manter a discrição de seu desejo e com isso escapar de determinados custos sociais. Defende o sociólogo que a habilidade de se passar por hétero serve como uma estratégia para evitar essas represálias. Com isto, ainda que escapem da imposição do dever da heterossexualidade, não podemos falar que tenham sido suplantadas as prescrições da heterossexualidade, persistindo o dever de manutenção de uma masculinidade insuspeita.

Ainda que exista um modelo inalcançável de identidade masculina dita como a “correta”, parto do pressuposto de que não há uma identidade masculina fixa, mas sim, nos termos de Seffner (2003), posições de sujeito, que são maleáveis, relacionais e constantemente negociadas. Mas destoo de sua visão de que para os homens bissexuais os termos da masculinidade adquirem maior importância se comparados à sexualidade (razão pela qual ele fala em masculinidade bissexual e não bissexualidade masculina). Os homens a quem tive a oportunidade de entrevistar, ainda que em alguns momentos se inserem em discursos hegemônicos para justificar sua posição, muitas outras vezes antagonizam com posturas masculinas normativas e buscam delas se afastar, conforme será trabalhado em maior detalhamento ao longo do capítulo 5. Um dos comportamentos mais relatados pela maioria dos entrevistados, destoando das pesquisas anteriores, é que a bissexualidade para eles não é uma questão que deve ser ocultada de todos. Existe um cálculo sobre os riscos exposição e pertinência da revelação da bissexualidade, o que revela a forma como a bissexualidade

constitui parte da identidade social por eles negociada, ainda que por vezes sua masculinidade seja desqualificada em razão desta escolha.

Desconstruir estes padrões nocivos de masculinidade e sexualidade é uma tarefa de grande importância, apresentando a teoria *queer* estratégias de grande valia para pensar criticamente diferentes formas de opressão. Por esta razão, o capítulo que se segue versa sobre as possibilidades oferecidas por este campo epistêmico e de que maneira ele pode contribuir para uma melhor aceitação de formas plurais de elaborar o desejo e as manifestações sexuais.

4 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA *QUEER*

A apropriação do *queer* para enriquecer a análise da pesquisa se justifica em razão do potencial crítico que a teoria apresenta em relação aos mecanismos sociais que organizam a vida social através de uma operação binária de sexualização dos corpos. Surgida em meados da década de 1980 a partir de uma subdivisão dos estudos culturais, a teoria *queer* busca desempenhar um papel de “metáfora sem um referente fixo” (MISKOLCI, 2009, p. 160), advogando que são as experiências que formam o sujeito e não o sujeito quem atribui valor às experiências. Nesta esteira, constitui o escopo da teoria *queer* desconstruir os imperativos normalizadores que transformam categorias de orientação sexual em categorias de inteligência e reconhecimento social.

Para o presente trabalho, me valho da *teoria queer* para pensar criticamente sobre as maneiras pelas quais uma categorização dos sujeitos e das experiências através da ótica da sexualidade reflete em seu reconhecimento ou não nas dinâmicas das relações sociais. Com isso, busco afastar noções naturalizadas e normalizadoras a partir de questões que foram trazidas anteriormente, como a noção de que a heterossexualidade é a sexualidade padrão de todo o ser humano, ou até mesmo a de que todos que possuem a mesma orientação sexual a experienciam da mesma forma. De modo a melhor apresentar a potencialidade crítica desta teoria, organizo o capítulo a partir de uma breve consideração sobre as condições de surgimento da teoria *queer*. Na sequência, elaboro sobre as aproximações que a teoria *queer* e a sociologia estabelecem, de modo a relacionar a aplicação das estratégias de desconstrução com termos melhor compreendidos sociologicamente. Por fim, nas seções finais do capítulo abordarei propriamente questões em que a teoria *queer* se revela fértil em desconstruir conceitos e padronizações impostos na compreensão das sexualidades. Discorrerei, portanto, sobre algumas perspectivas que podem ser adotadas ao se trabalhar com a pluralidade de desejos e identidades, passando, na sequência, a uma abordagem sobre como o armário e a negociação de visibilidade são insuficientes para pensar nos termos de autoaceitação da própria sexualidade. Na parte final do capítulo abordarei sobre como e porque a bissexualidade frequentemente é uma categoria apagada quando se trabalham as definições e os limites das sexualidades. Finalizo o capítulo apontando para as contribuições teóricas de Judith Butler (2019) sobre estratégias possíveis para romper com formas que restringem as posições de sujeito a padrões binários.

4.1 ORIGENS DO *QUEER*

Ainda que de origem cronológica dispersa, a defesa mais canônica sobre o surgimento da teoria *queer*, como brevemente mencionado no início do capítulo, remete aos Estados Unidos do final da década de 1980 como uma forma de oposição crítica aos estudos sociológicos acerca das minorias sexuais e de gênero (MISKOLCI, 2009, p. 150). Não obstante, no cenário social estadunidense¹⁰, a aids se tornou para além de um caso de saúde pública, um marcador de abjeção. A doença era frequentemente considerada como um “câncer gay” ou uma espécie de castigo divino a um estilo de vida libertino, pecaminoso e indesejado. Pensar o *queer* nestas circunstâncias não envolvia fazer uma defesa assimilacionista da homossexualidade, mas ir além e pensar criticamente os próprios limites de uma normalização social moral-higienista imposta a todos (MISKOLCI, 2017b).

As modificações sociais e propostas dos movimentos organizados durante a década de 1960, como a organização do movimento negro, as organizações da chamada segunda onda do movimento feminista e a luta por direitos de pessoas homossexuais também foram marcos históricos importantes que influenciaram a perspectiva crítica do movimento *queer*. Sobre este ponto, Miskolci (2017b) esclarece que estes movimentos surgidos na década de 60, por sua vez, foram um passo adiante em relação ao movimento social predecessor, conhecido como movimento operário ou trabalhador. As inovações trazidas pelo movimento feminista, negro e homossexual em relação ao movimento operário se concentram na organização de suas pautas, que extrapolavam uma crítica que até então se desenvolvia a partir de uma análise das desigualdades econômicas – ainda que Miskolci (2017b) ressalte que essa divergência foi destacada posteriormente, uma vez que o movimento feminista da primeira onda, já no final do século XIX, também se concentrava na luta por direitos políticos. O combate às desigualdades, portanto, escapava da seara puramente econômica e também atingia a esfera privada, que passa a ser defendida como manifestamente política.

¹⁰ Cabe ressaltar que o pânico da aids não ocorreu apenas nos Estados Unidos, mas globalmente. No Brasil também tivemos disseminada, durante a década de 1980, a ideia da aids como o “câncer gay” e a popularização da visão dos homens bissexuais como disseminadores da doença entre o público “heterossexual limpo e sadio”, conforme apresentado na seção 2.8.

A luta feminista pela contracepção sob o controle das próprias mulheres, dos negros contra os saberes e práticas racializadores e dos homossexuais contra o aparato médico-legal que os classificava como perigo social e psiquiátrico tinham em comum demandas que colocavam em xeque padrões morais. Assim, em termos políticos, o queer começa a surgir nesse espírito iconoclasta de alguns membros dos movimentos sociais expresso na luta por desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer a ampliação das possibilidades relacionais. (MISKOLCI, 2017b, p. 22)

Elizabeth Sara Lewis (2017) esclarece que o *queer* começou a ser pensado a partir de uma ressignificação lexical. De origem inglesa, a palavra representa “estranheza”, passando a ser utilizada ao longo do tempo para depreciar homossexuais e pessoas cujo desejo, práticas sexuais e performances de gênero não se integravam ao que era social e moralmente prescrito. Com o tempo, a palavra foi apropriada por movimentos sociais como o *Queer Nation*, que tinha como um de seus lemas *We’re here, we’re queer, get used to it!* (“Estamos aqui, somos *queer*, acostume-se com isso”, em tradução livre). Miskolci (2017b), sobre a pauta do movimento, afirma que não se trata apenas de provocar a aceitação da homossexualidade, mas sim de problematizar os mecanismos que provocam a abjeção como um todo. Para ele, a abjeção deve ser entendida como o “espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política.” (MISKOLCI, 2017b, p. 24) E complementa dizendo que “a abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade.” (MISKOLCI, 2017b, p. 24)

Outra diferença fundamental entre a teoria *queer* e os movimentos homossexuais guarda relação com a finalidade da luta política. Para Miskolci (2017b), se o movimento homossexual, notadamente marcado pelo engajamento de uma classe média branca letrada buscava a incorporação social em um sistema de normalização, o *queer* surge com o escopo de pontuar uma crítica aos padrões sociais e culturais de aceitação.

Em resumo, o antigo movimento homossexual denunciava a heterossexualidade como sendo compulsória, o que podia ser também compreendido como uma defesa da homossexualidade. O novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo. O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (MISKOLCI, 2017b, p. 25)

Academicamente, o termo *queer theory* foi empregado pela primeira vez por Teresa de Lauretis em 1990, durante um congresso realizado na Califórnia. Sua publicação, intitulada *Queer Theory: Lesbian and Gay sexualities* trazia na justaposição da palavra *queer* com gay e lésbica carrega o intento de situar uma distância crítica destes termos, apresentar uma nova perspectiva sobre as sexualidades marginalizadas (LEWIS, 2017; MISKOLCI, 2009). No Brasil, Miskolci (2017b) e Pelúcio (2014) defendem uma teoria *queer* (ou teoria cu, no movimento antropofágico defendido por esta) cuja cabeça pensante não tenha surgido e se estabelecido somente ao norte do globo. Ambos sugerem que o pensamento crítico das abjeções também teve em terras brasileiras um nascedouro fértil e mencionam Néstor Perlongher como um nome importante neste campo. Suas obras *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*, de 1986, e *O que é aids*, de 1987, serviram para trazer nova perspectiva sobre os estudos da sexualidade. Miskolci (2017b, p. 31) afirma que o segundo livro de Perlongher traz um importante estudo crítico que trata a homossexualidade como um fantasma a partir do qual a heterossexualidade era naturalizada, situação que ganhou especial reforço a partir da proliferação do vírus HIV. Pelúcio, por sua vez, defende que Perlongher foi o primeiro a esboçar uma ideia de uma teoria cu, ou uma primeira elaboração de uma teoria que pensa não apenas nas margens da sexualidade, mas também nas margens de uma produção de conhecimento, que se estabelece a partir de uma corrente de ideia que, como em um monólogo, segue um fluxo de linha única na transmissão de conhecimento dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento (ou em outros termos, do hegemônico para o subalterno). Com isso, reafirma-se a relação interseccional que marca a proximidade entre a teoria *queer* e os estudos decoloniais, que apresentam em comum a origem a partir dos Estudos Culturais (MISKOLCI, 2009, p. 159). Neste ponto, o a junção do próprio modelo disruptivo e questionador da teoria *queer* somado a uma contribuição da perspectiva decolonial autoriza o pensamento crítico sobre a própria origem do conhecimento produzido na perspectiva *queer*, como bem pontua Larissa Pelúcio (2014). Ela defende que as origens da teoria sejam repensadas de modo a equalizar a relação de produção de saberes entre o norte e o sul, ou em outros termos, descolonizar as práticas hegemônicas de elaboração de conhecimento, pensando nossas próprias particularidades e de que forma nós podemos pensar e agir o *queer*.

Pelúcio (2014) critica ainda a apropriação mal adequada ao português do termo *queer*. Se nos Estados Unidos a palavra é agressiva, um insulto, no Brasil ela é recebida com um significado praticamente vazio, sem qualquer expressividade. Assim, o desconforto que a palavra causa em língua inglesa se perdeu com a apropriação nacional, de modo que a

politização de um termo originalmente desqualificador acabou se perdendo no Brasil. Por esta razão, ela pontua que reconhecer que falamos “a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nos assumimos como teóricas e teóricos cu.” (PELÚCIO, 2014, p. 4)

Falar em teoria cu ao invés de teoria *queer*, para Pelúcio se revela como um exercício antropofágico, através do qual nos nutrimos e pensamos a partir da construção acadêmica de pensadoras e pensadores do norte, mas ao mesmo tempo reconhecemos nossa contribuição na produção de um importante conhecimento sobre corpos e desejos e com isso guardamos um espaço para pensar nosso próprio lugar dentro desta epistemologia.

4.2 EXPERIÊNCIAS E DIFERENÇAS

O diálogo entre as ciências sociais e a teoria *queer* nem sempre foi pautado por aproximações. Durante o período de surgimento da teoria *queer*, eram frequentes as críticas às teorias sociológicas que se dispunham a estudar a sexualidade. O ponto central da dissidência focava na forma como, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais consideravam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade (MISKOLCI, 2009). Esta ideia estava inserida no pensamento sociológico de tal maneira que até mesmo em estudos sobre sexualidades não-hegemônicas ele se fazia presente, o que redundava em uma naturalização da ordem heterossexista. Esta forma de abordagem pode ser notada através dos primeiros estudos envolvendo a sexualidade, na partir da década de 1960, cujos temas eram voltados inicialmente para o estudo de uma sexualidade normatizada. Ao final desta mesma década, o escopo do estudo sobre a sexualidade passa por uma expansão, tendo surgido as primeiras produções sobre homossexualidade. No entanto, ainda que novos temas fossem abordados, a dicotomia entre o normal e o abjeto ainda se fazia bastante presente.

No início dos anos 1980 os estudos sobre minorias sexuais crescem em número, mas de acordo com Miskolci (2009), não houve a devida atenção à crítica das categorias de sexuais e à relação entre a homo e a heterossexualidade. Afirma que os objetivos destes estudos

[...] enfatizavam que os significados de desejos e ações são socialmente construídos e contingentes cultural e historicamente, mas negligenciaram aspectos estruturais que mostrariam a interdependência entre as formas hegemônicas e naturalizadas da sexualidade em relação às identidades e culturas então chamadas de “minoritárias”. (MISKOLCI, 2009, p. 167-168)

A principal questão com esta forma de abordagem estaria mais em seus pressupostos do que em seus resultados, uma vez que os pressupostos de estudo da sexualidade, como dito, traziam já no ponto de partida uma ideia sobre sexualidade que implicitamente carregava uma distinção entre o saudável e o patológico ou, nos melhores termos, entre o palatável e o marginalizado.

Trabalhar com a teoria *queer* a partir de uma abordagem sociológica apresenta outras arestas, uma vez que aquela perspectiva, ainda que também busque compreender a sexualidade como construção social, adota perspectivas metodológicas outras. Para a teoria *queer*, a sexualidade é encarada como um “sistema de saberes e práticas que estrutura toda a vida institucional e cultural de nosso tempo.” (MISKOLCI, 2009, p. 170) Desta forma, se dentro do saber sociológico canônico a sexualidade é estudada a partir da construção social das identidades, através da epistemologia *queer* o ponto de partida passa a ser justamente a desconstrução dos sistemas classificatórios e hierarquizantes dos corpos e desejos, focando sua análise crítica em um reexame sobre as formas sociais (e sexuais) hegemônicas. Autoras pioneiras da perspectiva *queer* como Eve Sedgwick, partiram da percepção de que a ordem social também deriva de uma ordem sexual. Assim, os sujeitos são enquadrados em um regime de compreensão que os separa de acordo com relações binomiais como hétero e homo. A heterossexualidade é considerada como uma naturalização e, a partir disso, como compulsória.

Não suficiente, a proposta *queer* também tensiona a relação com saberes canônicos da sociologia da sexualidade, com uma incisiva crítica de que a compreensão da dimensão social não foi completamente desinfetada dos essencialismos e de uma defesa subliminar da normalidade. Portanto, trazer as contribuições da teoria *queer* para dentro de uma abordagem sociológica desta pesquisa é produtivo na medida em que se mostra necessário contestar uma pretensa normalização de orientações sexuais que assimila apenas as orientações hétero e homossexuais como legítimas, ainda que marcadas em posições diferentes de visibilidade e poder. Desestabilizar o binômio homo/hétero e as pretensas identidades sexuais estáveis são, de igual modo, parte de uma estratégia a ser adotada para que possível a emergência de outras categorias de identificação subalternas, como a bissexualidade.

Um primeiro passo que pode ser dado na descaracterização da heterossexualidade como um pressuposto natural pode ser encontrado em uma perspectiva de desnaturalizar as categorias de experiência, como defende Joan Scott (1998). Com isso, a teórica critica a postura de historiadores que, ao analisarem suas fontes, estabeleciam que os relatos de experiência se constituíam como uma das formas mais acuradas de se analisar um fato histórico, uma vez que os relatos eram a narrativa de alguém que havia vivenciado determinado momento histórico.

O contraponto da autora sobre esta abordagem vai no sentido de questionar a pretensa uniformidade e generalidade das experiências narradas, que ao considerar a identidade do narrador da experiência como sendo algo evidente, excluem a possibilidade da problematização das diferenças, tratando-as de maneira naturalizada. Deste modo, por exemplo, ela pontua que pensar a existência de um sujeito categórico e universal (como os negros, a mulher, ou, no nosso caso, o homem bissexual) oculta a maneira como as diferenças são produzidas. Trabalhar com categorias fixas de identidade, portanto, acaba enrijecendo o processo de construção dos sujeitos, naturalizando o processo de constituição, ao invés de debruçar sobre sua análise. Não há, portanto, como considerar salutar o estreitamento a uma contingência fixa de significado das experiências de toda uma categoria. Ao tomar a experiência como fonte da produção de conhecimento, indagações sobre a própria construção da experiência e de como a visão de alguém é estruturada são desconsideradas e apagadas dos relatos históricos.

Este tipo de abordagem, sem indagar as maneiras pelas quais a experiência é construída, naturaliza as diferenças e torna o estudo das categorias identitárias como a-históricas, como ela própria argumenta:

A história é uma cronologia que toma as experiências visíveis, mas na qual as categorias aparecem, entretanto, como a-históricas: desejo, homossexualidade, heterossexualidade, feminilidade, masculinidade, sexo, e mesmo práticas sexuais tornaram-se de tal modo entidades fixas, vivenciadas através do tempo, mas que não são em si próprias historicizadas. Apresentar a história dessa forma exclui, ou pelo menos descarta, o inter-relacionamento historicamente viável entre os sentidos “homossexual” e “heterossexual”, a força constitutiva recíproca e a natureza mutável e contestada do terreno que eles ocupam simultaneamente. (SCOTT, 1998, p. 303)

Desta forma, tornar visíveis determinadas experiências sem o devido cuidado metodológico pode tornar opaca a análise de dimensão das estruturas históricas que possibilitaram a própria experiência de ser apreendida. Em invés de buscar compreender como a experiência se torna possível, muitos pesquisadores acabam se concentrando em

apenas reproduzi-la. Por esta razão, se mostra imperioso refletir sobre os processos históricos que formam os discursos e sobre como estes, por sua vez, operacionalizam as experiências dos sujeitos. A posição de Scott (1998), portanto, se casa com a perspectiva que adota a teoria *queer*, que defende que não são os sujeitos que absorvem as experiências, mas sim as experiências que constroem os sujeitos.

Por esta razão, concentrar-se sobre o que produz a experiência se torna mais profícuo do que encará-la enquanto uma evidência legitimadora de processos históricos. Para Scott (1998), buscar explicar as razões fundamentadoras da experiência é historicizar não apenas a própria experiência, mas também as identidades que por ela são produzidas. Para que a historicização seja possível, é importante atribuir importância às perguntas que são excluídas em uma análise que privilegia a experiência como um dado. Questionar sobre o que é legitimado como experiência, bem como buscar compreender como são construídas as diferenças, elaboradas as subjetividades e a influência preponderante dos discursos permite historicizar e refletir de forma crítica sobre a história que construímos, ela pontua.

Em razão do aspecto pessoal e o aspecto social coexistirem de maneira interdependente, Scott afirma que ambos são historicamente mutáveis. Com a mudança das categorias de identidade, se alteram também as possibilidades de se pensar a própria subjetividade. Por fim, ela defende que não se deve, contudo, abandonar os estudos sobre a experiência subjetiva, mas apenas mudar seu foco metodológico.

Experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado *e* algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é auto-evidente e nem direto; é sempre contestado e, portanto, sempre político. (SCOTT, 1998, p. 324)

Estudar a experiência, portanto, não deve se reduzir a uma mera narrativa dos fatos na visão daquele de quem as viveu, mas envolve um exercício ativo de buscar uma explicação para aquela possibilidade narrativa que seja atrelada à formação histórica das estruturas sociais e discursos. Experiência, portanto, não é o que se relata, mas o que se busca explicar. Agir desta maneira não torna por invalidar os sujeitos, mas possibilita pensar de maneira crítica como eles são constituídos.

Outro ponto interessante para ser considerado em relação às diversas formas de experiência guarda relação com o modo pelo qual elas são assimiladas. Conforme veremos posteriormente, é comum que as experiências sejam limitadas por categorias que não dão conta de expressar a totalidade do que se vivencia subjetivamente. O enquadramento em categorias como masculino/feminino, ativo/passivo, público/privado, ao mesmo tempo em

que divide a experiência de forma pobre, as hierarquiza, na medida em que as categorias binárias são essencialmente hierarquizadas e desiguais. O poder que emana da norma que se atribui aos termos dominantes deriva diretamente da forma como os segundos termos são inferiorizados e estigmatizados (MISKOLCI, 2017a, p. 41). Desta forma, para que o masculino e a heterossexualidade se assentem como uma pretensa norma neutra, outras manifestações de gênero e sexualidade precisam, necessariamente, serem estigmatizadas e tratadas como o diverso.

Reverter este quadro de distribuição desigual de poder demanda uma ação política que seja capaz de pensar como as desigualdades são compreendidas. As estratégias de desconstrução das normatividades, por sua vez, requerem reflexões sobre os mecanismos de reconhecimento de categorias subalternas, bem como das estruturas de poder que tornaram a categoria inferiorizada. Estas estratégias de desconstrução podem ser resumidas a partir de duas correntes políticas principais: a perspectiva da diversidade e a perspectiva da diferença. Para Miskolci (2017b), a defesa da diversidade envolve compreender o outro como distinto de nós mesmos, devendo esta distinção ser apenas tolerada, sem que as estruturas de poder e de desigualdade sejam atingidas. A perspectiva da diferença, por outro lado, envolve reconhecer que o nosso contato com o outro também guarda influência em nós mesmos, portanto reconhecer a diferença presente na alteridade envolve também reconhecer a diferença que carregamos em nós mesmos, mas que restou silenciada. Diferentes abordagens desenvolvem diferentes resultados. Enquanto a perspectiva da diversidade busca a assimilação das divergências sem provocar uma ruptura na suposta harmonia social, a perspectiva da diferença se concentra em justamente alterar aspectos da vida cotidiana que provocam exclusões e desigualdades. E, ainda que esta perspectiva possa criar conflitos onde antes havia uma tranquilidade hegemônica, ela também pode possibilitar diálogos e uma reflexão sobre as categorias de exclusão de maneira mais aguda. No mesmo sentido mas em outros termos, Shiri Eisner (2013) defende uma concepção política radical da sexualidade. Radical, segue ela, vem do termo latim, *radix*, que poderia ser traduzido como raiz. Para ela, uma política bissexual radical significa debater uma bissexualidade preocupada em examinar as diferentes formas de opressão manifestas na sociedade. Uma política radical, portanto, se contraporia a uma política liberal da compreensão da sexualidade.

Enquanto uma política liberal buscaria garantir o acesso a todos às estruturas sociais de poder, a política radical do sexo defendida por Eisner (2013) se concentra na crítica a estas estruturas e no estudo das medidas necessárias para derruba-las. Com isso, as soluções para as opressões devem partir de pontos de vista da base para o topo da pirâmide social, em vez de

serem concebidas a partir de uma visão assimilacionista que busca efetuar alterações sociais pensadas de cima para baixo. Por esta razão Eisner (2013) diz ser necessária uma verdadeira revolução bissexual, pois a luta por direitos, proteção ou privilégios não demanda pequenas mudanças em um sistema social em bom funcionamento. Pelo contrário, contrariar as opressões contra as minorias sexuais envolve pensar diretamente sobre o papel que as estruturas sociais operam no exercício destas opressões.

Desta forma, ao considerar que as identidades aceitáveis socialmente também são formas de controle e disciplinamento social, a teoria *queer* parece apontar para o mesmo caminho indicado por Scott (1998), no sentido de que urge problematizar as estruturas que sustentam as definições que se impõem como a-históricas sobre como as pessoas devem ser.

4.3 O DISPOSITIVO DO ARMÁRIO E O REGIME DE VISIBILIDADE HETEROCENTRADO

Nesta seção será abordado como, a partir de articulações de um regime de visibilidade, sexualidades não hétero são marginalizadas. Pretendo também trabalhar com a noção de armário como insuficiente para romper com este sistema, na medida em que estar ou não no armário não deve ser considerado como um período pontual, mas como um contínuo no qual pessoas não heterossexuais precisam continuamente lidar com sua não identificação dentro da norma estabelecida.

Para trabalhar a questão do armário, Eve Sedgwick (1990), logo no início da seminal obra *queer Epistemology of the closet*, dimensiona a sexualidade humana de maneira ampla e fluida, destacando o amplo gradiente no qual a atividade genital das pessoas pode ser diferenciada. Cada indivíduo tem uma especial predileção por tipos físicos, por uma frequência sexual, pela prática de determinados atos sexuais em detrimento de outros e pela idade da(s) pessoa(s) com que se relaciona. Os interesses sexuais também são bastante variáveis em instâncias mais simbólicas, como interesse por determinados jogos de poder, interesse por práticas de risco ou que reforcem sentimentos de afeto e segurança, etc. Com tantos e tão variáveis atributos para serem considerados na esfera da sexualidade, foi precisamente a expressão de desejo em relação ao gênero que emergiu no século XIX como definidora de uma categoria - e de uma identidade -, reconhecida como “orientação sexual”.

Mais do que perquirir as razões de ser dessa formação discursivo-identitária, sua obra busca jogar luz sobre quais as consequências que esse tipo de condensação das categorias sexuais é capaz de trazer. É um fato incontestado que as pessoas são diferentes umas das outras.

A questão é como essa diferença é utilizada para perpetuar desigualdades. Existem discursos (em especial no pós-guerra) que deslegitimam a defesa da multiplicidade e as maneiras pelas quais as pessoas podem se diferenciar umas das outras, reificando uma identidade sexual a partir de práticas sexuais bem delimitadas. No entanto, resta notório que na área da sexualidade, uma gama de fatores pode ser diversamente valorada e compreendida entre diversos sujeitos, de acordo com a particular trajetória de vida, ainda que elas pertençam a uma mesma raça, gênero, nacionalidade, classe e orientação sexual.

Mesmo práticas sexuais idênticas significam coisas diferentes para diferentes pessoas; para alguns, a carga sexual está presente essencialmente nos atos genitais. Para outros, a libido envolve minimamente ou atua de forma desvinculada deles. Para alguns a sexualidade toma uma grande margem da identidade individual, para outros ela é meramente um detalhe. Algumas pessoas gostam muito de transar, outras pouco ou nem um pouco. Algumas pessoas experimentam o ápice do envolvimento mental/emocional com atos sexuais que sequer fazem, ou sequer querem fazer. Alguns acreditam que o sexo esteja inserido em um contexto de envolvimento emocional, narrativa, significado e conexão. Outras pessoas preferem que isso não aconteça e outras não se importam se isso acontece ou não (SEDGWICK, 1990).

A lista proposta não é taxativa e pode variar não apenas entre indivíduos, mas também entre períodos de vida distintos de uma mesma pessoa. Desta forma, a sexualidade é um campo difuso, cuja valoração das experiências e construção das identidades pode partir de pontos distintos de interesse e ganhar graus de importância variados. E, considerando a ampla margem de valoração das práticas e valores sexuais. Retirar de qualquer um ou de qualquer linha teórica a autoridade de descrever e nomear o próprio desejo sexual de modo a encaixá-lo em padrões restritos é, portanto, uma violência terrível, argumenta Sedgwick (1990). Entretanto, esse tipo de atitude é central na história moderna de opressão homofóbica, em que a sexualidade se torna expressão de uma essência individual e do conhecimento.

Na mesma esteira deste argumento, podemos identificar que a construção das identidades de homens bissexuais não passa, necessariamente, pelas mesmas experiências e formas de expressão de desejo. Ao longo das entrevistas realizadas, foi possível constatar uma gama variada em relação às valorações de práticas sexuais e afetivas. Como já mencionado, alguns entrevistados traziam uma predileção romântica e sexual por homens, outros relataram sentir-se mais atraídos romanticamente por mulheres, embora a manifestação sexual esteja presente de maneiras similares por homens e por mulheres. Alguns relataram a atração apenas por pessoas cisgênero, enquanto outros afirmaram sentir atração por pessoas transgênero e

não binárias. Isso apenas para mencionar as formas de atração, que foram minimamente trabalhadas na entrevista. Mas as diferenças certamente vão além do que foi abordado. Por exemplo, não foi intento das conversas perquirir sobre as práticas sexuais, sobre as formas através das quais a excitação é provocada e sobre muitos outros temas em que certamente a diferença nas resposta seria manifesta.

Considerando as inúmeras diferenças que as sexualidades abrigam em relação umas às outras, a diferenciação em relação ao objeto de desejo se revela como sendo apenas mais uma entre tantas formas de vivenciar a sexualidade. Portanto, trabalhar com o conceito de saída do armário também se revela como um ponto que deve ser considerado à luz de uma perspectiva histórica. Miskolci (2017a) defende que falar de saída do armário como um episódio único e definitivo na vida de todos aqueles que escapam do desejo exclusivo pelo sexo oposto se revela insuficiente para pensar a lógica de um regime de visibilidade que se mantém desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando as relações homossexuais passaram a ser perseguidas e controladas com maior ênfase. Revelar-se como não heterossexual, portanto, deve ser compreendido como “uma resposta localizada e datada cultural e historicamente para uma problemática, que poderia ser melhor compreendida como a continuidade da hegemonia heterossexual como definidora do que pode ser visto e reconhecido socialmente.” (MISKOLCI, 2017a, p. 144)

O surgimento da ideia do armário como uma instância que deve ser atravessada em nome de uma liberdade sexual foi uma criação realizada após o movimento de Stonewall ocorrido no final da década de 1960 como uma forma de tentar suprimir uma lacuna de conhecimento histórico sobre as formas de expressão do desejo homoerótico (MISKOLCI, 2017a). Na ausência de pesquisas que apontassem para formas de constituição das experiências de homens que se relacionavam sexualmente com homens, o movimento da época passou a considerar que toda vivência homoerótica era necessariamente oprimida por não terem a possibilidade de expressarem livremente sua sexualidade e que, portanto, após a revolta de Stonewall, a palavra de ordem era “sair do armário” para finalmente se livrarem do julgo de uma sociedade não reconhecedora de seus desejos. Ainda que a proposta soasse transgressora para os padrões da época, também carregava algumas particularidades negativas. Junto com o discurso da “saída do armário” eram frequentes a essencialização das orientações sexuais, com a forte crença de que as pessoas carregavam a sexualidade como um atributo estático desde o nascimento. Desta forma, para homens gays, a única condição que possibilitaria uma maior aceitação de sua sexualidade seria através da formação de uma consciência política que os livrasse da opressão heterossexista.

Miskolci (2017a) defende ainda que, durante a década de 1970, além do engajamento político provocado pelos movimentos sociais, mudanças provocadas no mercado de trabalho, nas práticas de consumo e também decorrentes de políticas estatais possibilitaram a emergência das identidades homoeróticas contemporâneas, com especial ênfase para o reconhecimento gay e lésbico. Anteriormente a estes avanços, a visibilidade dos desejos dissonantes da heterossexualidade era restrita em razão da grande expressividade econômica, cultural e política do modelo familiar reprodutivo, que se mantinha como a base de toda uma estrutura econômica e institucional.

Apesar dos avanços sexuais ocorridos na década de 70, a década seguinte provocou um grande trauma que comprometeu de forma significativa as conquistas realizadas até então. A partir da disseminação da aids e o pânico moral provocado pelos grandes veículos de imprensa a partir de 1985, o desejo por pessoas do mesmo sexo passou novamente a ser rechaçado e discriminado socialmente. A imagem do corpo esquelético convalescente, tomado pela aids agarrou-se no imaginário popular com tamanha força que não raras eram as vezes em que nos jornais a aids era considerada como uma espécie de castigo que acometia aqueles que quebrassem com a ordem divina da relação sexual exclusiva entre os gêneros opostos. Também remonta a este período, conforme mencionamos previamente, a popularização dos primeiros discursos no Brasil sobre a bissexualidade masculina, que passou a se propagar quando a aids deixou de ser uma doença exclusiva de gays e passou a contaminar também pessoas heterossexuais. A figura do homem bissexual foi, portanto, o culpado que encontraram para atribuir a propagação de grupos marginalizados e tidos como sujos e impuros para o grupo normalizado e higienista para o tradicional núcleo da família reprodutiva.

De modo a escaparem do estigma da aids e construírem uma imagem socialmente positiva, Miskolci (2017a) alega que foi ainda na década de 1980 que muitos homens que se relacionavam com homens passaram a cultivar a imagem da “geração saúde”, praticando exercícios físicos regularmente e buscando definir o corpo em um padrão atlético. Deste modo, ter um corpo “sarado” implicava, antes de mais nada, estar livre da aids. O grande quadro de mortes provocado pela doença também fez com que a busca de parceiros sexuais refletisse o padrão do pânico moral que se instaurava. A busca de parceiros “fora do meio” era valorizada na medida em que se acreditava que o envolvimento com homens menos afeitos ao meio gay carregariam uma menor chance de contaminação de uma doença que se difundia como intrínseca a este grupo.

O coquetel antirretroviral é desenvolvido em 1996 e passa a ser distribuído gratuitamente no Brasil já a partir de 1997. No mesmo período, a internet passa a se disseminar pelos lares brasileiros, inicialmente para uma classe média, com condições de realizar os investimentos necessários, com a aquisição de um computador e a adesão a um plano de internet. Aos poucos, sites de bate-papo on-line começam a ser explorados e, ao mesmo tempo, usados para agendamento de encontros sexuais off-line. A principal vantagem do uso das ferramentas on-line se manifestava na segurança na hora do flerte. Através da condição de anonimato garantida pela internet, era possível entrar em contato com outros homens com o mesmo interesse sem incorrer no risco de retaliações e agressão. Neste contexto, a busca de homens discretos, não identificados como gays ganha expressão por alguns motivos. A proximidade cronológica com o fantasma da aids ainda reforçava as estratégias utilizadas por alguns homens para evitarem a associação ao estigma da doença. Também merece grande consideração o poder com que a hegemonia heterossexual masculina dispõe para organizar corpos e desejos dentro de um regime de permissão e proibição. Esta ordem atua, como já mencionado, a partir da estruturação de binários como masculino/feminino, hétero/homo, visível/invisível, reconhecido/estigmatizado para fixar os sujeitos em posições estanques. Desta forma, se organiza uma “gramática relacional que divide as relações em lícitas e ilícitas, distribuindo reconhecimento e punição para normalizar um amplo espectro de desejos em desacordo com a ordem sexual e de gênero vigente.” (MISKOLCI, 2017a, p. 85) Desta forma, um regime de visibilidade pode ser compreendido nos seguintes termos:

Na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição, invisibilidade ou hipervisibilidade obscena. Um regime de visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana. Assim, um regime de visibilidade é também um regime de conhecimento, pois o que é visível e reconhecido tende a estabelecer as fronteiras do pensável. (MISKOLCI, 2017a, p. 149)

O estabelecimento deste regime de licitude e proibição das manifestações sexuais faz com que performances masculinas tradicionais sejam objeto de prestígio e reconhecimento, enquanto performances de homens considerados femininos são rejeitadas e com frequência, objeto de formas simbólicas e físicas de violência. Deste modo, Miskolci (2017a) argumenta que sair do armário e construir uma performance da própria sexualidade nunca é uma questão

puramente individual e autônoma, mas uma decisão que é atravessada e influenciada enormemente pelo campo social. Em sua pesquisa, Miskolci (2017a) revela que os tipos mais atraentes nas buscas em aplicativos de relacionamento entre homens eram justamente pelo tipo de homem “discreto e fora do meio”, aquele que se “passa por hétero”. Isto ocorre, segundo o autor, em razão da ausência de imagens positivas sobre homens gays e bissexuais, que faz com que muitos busquem se adequar às formas já estabelecidas de reconhecimento social, qual seja, através da manifestação de uma performance corporal que se vincula à heterossexualidade. Ademais, vincular-se à descrição e a um comportamento masculino normativo também garante (ou, ao menos, diminui significativamente as chances) que círculos de convívio social como as relações de trabalho, de amizade e até mesmo familiares sejam preservadas sem grandes atritos.

Pensar, portanto, nas formas pelas quais homens bissexuais trabalham a evidência de sua sexualidade não significa, necessariamente, pensar na forma como se entendem e se aceitam, mas sim em um cálculo (muitas vezes consciente) sobre os riscos e perdas que eventualmente possam acarretar a apresentação de sua sexualidade como não adequada ao que se compreende como um “homem de verdade”. Foi com frequência que ouvi dos entrevistados que raramente tinham sua bissexualidade reconhecida quando as revelava, sendo considerados por boa parte das pessoas como homens homossexuais ou em fase de descoberta da sexualidade (portanto, a caminho de uma suposta estabilização homossexual).

Deste modo, pensar a sexualidade a partir do binômio revelação/secredo ou, em outras palavras, fora ou dentro do armário, pode não ser suficiente para pensar todos os contornos que uma negociação de visibilidade pode tomar. Algumas pessoas podem revelar com maior frequência ou a um maior número de pessoas sobre sua sexualidade. No entanto, estas negociações variarão conforme o contexto social. Em tempo, nunca é possível dizer que alguém está dentro ou fora do armário, na medida em que dificilmente é possível saber se uma pessoa “está sendo tratada como heterossexual porque está conseguindo convencer as outras pessoas disso, ou porque estão fingindo não sabê-lo. Por isso, o armário é um lugar contraditório – não se pode realmente estar nem dentro, nem fora.” (LEWIS, 2012, p. 91)

Também merece consideração que a presunção da heterossexualidade faz com que mesmo pessoas que buscam construir uma sexualidade com maior publicidade estejam envolvidas em situações que as coloquem dentro do armário, na medida em que “novos muros surgem à volta delas até quando cochilam” (SEDGWICK, 2007, p. 22). Homens bissexuais, portanto, podem ser lidos como heterossexuais, caso estejam em um relacionamento com o sexo oposto, ou como homossexuais, caso estejam envolvidos com alguém do mesmo sexo.

Deste modo, para além das presunções heterossexistas, pessoas bissexuais também devem lidar com a imposição de uma homonormatividade. Com isto, pessoas bissexuais acabam experimentando um armário duplo, cujas portas podem ser fechadas tanto a partir de uma heterossexualidade presumida, quanto a partir de uma homossexualidade presumida. (LEWIS, 2012).

A contradição do armário e a negociabilidade da sexualidade surge aos entrevistados da pesquisa de diversas formas. Por exemplo, quando João opta por não confrontar sua irmã mais velha sobre sua sexualidade, ou Mohamed prefere ocultar de seus pais sobre sua bissexualidade, não estão necessariamente ocultando sua sexualidade, mas negociando-a de forma a manter a boa organização das relações familiares de modo a evitar atritos e preservar o respeito mútuo (MISKOLCI, 2017a). O perfil social de homens que se relacionam com homens também tem grande peso na forma como negociam a visibilidade de sua sexualidade. Homens que vinham de famílias conservadoras ou que trabalhavam em locais pouco amigáveis à diferença sexual traziam com mais força a tendência a serem e a buscarem homens “discretos e fora do meio” (MISKOLCI, 2017a). Por outro lado, homens mais jovens, que moram em cidade diferente daquela em que se estabeleceu a família, com alta escolaridade ou que frequentam eventualmente ambientes amigáveis ao público LGBTQIA+ possuem maior predisposição a se revelarem homossexuais para um maior número de pessoas e grupos sociais. Isto exemplifica o argumento trazido previamente de que a revelação da sexualidade nunca é uma decisão puramente individual, mas sim um cálculo que se estabelece a partir das vantagens e dos riscos em se expor a determinados grupos. Riscos estes que podem estar no enfraquecimento do laço familiar, no distanciamento de amigos, perda de companheiros ou companheiras, demissão do trabalho ou outras formas de estigmatização e isolamento social.

A partir da análise do perfil social dos entrevistados, podemos constatar o forte papel que a pressão social estabelece na publicidade do desejo sexual. Thiago, o mais velho dos entrevistados, e morando na ocasião com o seu pai, demonstrou ser o menos aberto em relação à exposição de sua sexualidade. Enquanto entrevistados como Bruno, João, Joaquim e Thiago apresentaram como um dos traços em comum o fato de serem mais jovens, e, portanto, pertencentes a uma geração que lida com a sexualidade de maneira diversa, declararam apresentar uma maior abertura sobre sua sexualidade. Ainda que todos os entrevistados apresentem um ótimo nível educacional, também foi uma característica comum aos últimos mencionados a possibilidade de frequentar ambientes que permitiram explorar sua sexualidade com menos amarras, longe da pressão familiar e com a ajuda de um círculo de

amizade formado por pessoas favoráveis a múltiplas possibilidades de relação afetivo-sexual. Thiago, por sua vez, foi casado por 8 anos com uma mulher e teve forte ligação com a igreja, o que o afastou de esferas sociais em que pudesse experimentar e compartilhar sua sexualidade sem carregar o receio de reprimendas ou custos sociais consideráveis. Por fim, antes de aprofundar as análises das entrevistas, julgo ser pertinente a criação de uma seção para aprofundar as questões de apagamento das sexualidades não heterossexuais, adentrando nos contornos específicos de apagamento da bissexualidade.

4.4 O CONTRATO EPISTÊMICO DE APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE

Vimos anteriormente que a partir de um regime de visibilidade heterossexista se autorizam ou interditam manifestações de sexualidades de acordo com sua inserção ou não em um sistema normatizado, ou seja, regulados através de da aproximação de uma identidade heterossexual. Se no tópico anterior abordamos uma forma de controle de visibilidade das orientações não heterossexuais como um todo, nesta subseção pretendemos trabalhar sobre formas que tornam a bissexualidade particularmente suscetível ao apagamento e ao controle heteronormativo.

Kenji Yoshino (2000) defende que a bissexualidade não é uma orientação que sofre de pouco reconhecimento em razão do baixo número de pessoas que com ela se identificam. De forma contrária, o pesquisador alega que a não legitimação da bissexualidade deriva de alguns aspectos que, somados, criam o que ele denomina de contrato epistêmico de apagamento bissexual. Ainda que reconheça que violências simbólicas ocorram com qualquer sexualidade não heterossexual, Yoshino (2000) argumenta que a bissexualidade sofre um investimento de ambas as orientações monossexuais (aqui definidas como a heterossexualidade e a homossexualidade) para seu apagamento. Isto ocorre em razão da existência de um interesse em estabilizar e solidificar a forma pela qual compreendemos as orientações sexuais, interesse este que encontra justificativas diferentes em cada um dos polos signatários do contrato de apagamento epistêmico da bissexualidade. Por um lado, heterossexuais se beneficiam de uma modalidade rígida de identificação sexual na medida em que é a principal categoria que se beneficia com este modelo, que hierarquiza e subordina todas as outras formas de identificação. Por outro lado, homossexuais autoidentificados muitas vezes defendem uma forma estável de orientação sexual na medida em que podem se valer desta estratégia como defesa de uma imutabilidade das orientações sexuais, usando-as na mobilização política de categorias identitárias. Sobre este ponto, é importante manter uma

ressalva. O apagamento epistêmico da bissexualidade decorre mais de um enraizamento cultural do que de um voluntarismo de homo e heterossexuais em não reconhecer a possibilidade bissexual. Em outras palavras, a bissexualidade não é frequentemente reconhecida pois a forma como a sexualidade é pensada somente permite que sejam consideradas duas possibilidades que se antagonizam, possibilidade esta que é legitimada por ambos os grupos, heterossexuais e homossexuais.

O reconhecimento da bissexualidade enquanto forma de desejo tem o condão de desmanchar as categorias pretensamente sólidas de identificação sexual. Heterossexuais e homossexuais teriam suas posições discursivas borradas, na medida em que são categorias de identificação sexual que são provadas através da manifestação do desejo exclusivo por um único gênero. No entanto, ainda que a sexualidade possa ser evidenciada mediante práticas afirmativas, sua comprovação através de práticas negativas revela-se insuficiente. Assim, homens que se revelem heterossexuais jamais poderiam excluir a possibilidade bissexual, uma vez que pode ser possível provar a atração por mulheres, mas não é possível provar a não atração por homens ou outras formas de identificação de gênero. O mesmo argumento também se aplica a pessoas que se identificam como homossexuais.

A segunda razão entre orientações monossexuais para o apagamento da bissexualidade deriva do interesse em comum na manutenção do sexo como uma característica social distintiva. Para heterossexuais, a importância do sexo é revelada na medida em que atua uma matriz heterossexual que define que ser homem ou mulher é, também ser heterossexual como atributo padrão. Para homossexuais, o sexo adquire importância na medida em que pelas particularidades do desejo pelo mesmo sexo, a articulação do desejo homossexual cria comunidades de um separatismo sexual completo. Homens gays ou mulheres lésbicas formam comunidades do mesmo sexo que ligam os indivíduos não apenas eroticamente, mas também político e socialmente. Neste sentido, a bissexualidade ameaça estas posições ao definir que o sexo não é uma categoria que adquire tanta importância quanto defendem as articulações monossexuais (YOSHINO, 2000, p. 362-363).

O terceiro interesse em comum entre homossexuais e heterossexuais no apagamento da bissexualidade, ainda que não seja debatido com maior atenção neste texto, se alicerça na defesa da monogamia como padrão de legitimação dos relacionamentos. Neste aspecto, heterossexuais podem fazer uma defesa da monogamia na medida em que frequentemente acusaram, em especial ao longo da década de 1980 e 1990 (ver seção 2.8), homens bissexuais infiéis de terem trazido para o seio do lar a contaminação pela aids. Desta forma, a suposta

promiscuidade bissexual seria a responsável por aproximar a população homossexual “infectada” da população heterossexual “saudável”. Por outro lado, homossexuais frequentemente fazem a defesa da monogamia como uma forma de serem assimilados pela sociedade “*mainstream*” (sobre este ponto, cabe também ressaltar as diferenças entre as perspectivas da adoção de uma defesa da diversidade e da divergência, trazia na seção anterior). Ainda que existam práticas normativas tanto pelo viés heterossexual quanto pelo viés homossexual, é importante trabalhá-los a partir de uma perspectiva que não os adote como equivalentes. A heteronormatividade é quem cria o binômio hétero/homo, vale ressaltar. O que escapa a este binômio se torna ininteligível. A homonormatividade, portanto, atua regulamentando práticas que já foram categorizadas e marginalizadas previamente por uma regra mais forte e mais presente. Portanto, a homonormatividade tem como ponto de partida a identificação de como os corpos que não se enquadram no regime maior do heterossexismo devem se comportar, o que pode provocar uma dupla exclusão para aquelas e aqueles que não comungam das diretrizes hétero ou homonormativas.

O apagamento epistêmico da bissexualidade é articulado de diversas maneiras. Yoshino (2000), Lewis (2012) e Jaeger et al. (2019) argumentam que ainda que a bissexualidade componha a sigla LGBTQIA+ que pretensamente deveria defender o direito à diversidade sexual, é comum que a agenda bissexual seja esquecida e a bissexualidade encarada apenas como mais uma das letras da sigla sem que as demandas e particularidades da bissexualidade sejam realmente consideradas ou que a bissexualidade seja de fato debatida nas discussões sobre orientação sexual e diversidade. Lewis (2012, p. 149) ainda argumenta que a bissexualidade é rotineiramente apagada a partir de três formas: “a negação total da existência da bissexualidade, a insistência em classificar as pessoas ou como heterossexuais ou como homossexuais e a noção de que a bissexualidade é só uma fase”. Pude constatar, neste sentido, que até mesmo trabalhos acadêmicos voltados para o estudo da bissexualidade masculina traziam em suas entrelinhas tais formas de apagamento da bissexualidade, como, por exemplo, no trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva (1999), em que questionamentos sobre a legitimidade da bissexualidade de seus informantes através de frases como “será que depois de uma longa vivência bissexual esses indivíduos abandonariam essa prática sexual?” (p. 158) ou “[...] até onde essa bissexualidade não faz parte de uma fase no processo de construção da masculinidade dos atores sociais pesquisados.” (p. 47). Não defendo aqui que tais falas estejam incorretas por considerarem que a bissexualidade pode ser uma fase durante a negociação das posições de sujeitos de alguns homens. Entretanto, tal tipo de fala, ao passo que acerta ao considerar que a sexualidade não é fixa e pré-determinada, incorre em erro ao

sinalizar uma pressuposição que construções heterossexuais ou homossexuais sejam estabelecidas e reconhecidas em um regime de visibilidade como sendo mais estáveis ou que não possam ser vistas, de igual modo, como uma fase ou parte de construções subjetivas pontuais. Deste modo, corre-se o risco de incorrer em uma pressuposição preconceituosa, em que a heterossexualidade e a homossexualidade sejam aceitas com naturalidade, enquanto a bissexualidade necessite de “prova” para ser legitimada (LEWIS, 2012).

No mesmo trabalho de Silva (1999) também pude encontrar outras formas de apagamento e preconceito em relação à bissexualidade, como a suposição de que viver a bissexualidade exija, necessariamente, relacionamentos simultâneos com mais de um gênero ao perguntar “pode-se considerar o bissexual adúltero ou homossexual não assumido, quando na sociedade brasileira, e, talvez, no mundo não existe uma forma legal que permita ao bissexual vivenciar a sua sexualidade?” (p. 158), tomando ainda, de uma maneira generalista, que a bissexualidade anda de mãos dadas com o adultério (portanto com o estigma da infidelidade e deslealdade) e/ou com a falta de coragem em revelar-se gay, encarada neste contexto como uma categoria sexual estável, “madura” e reconhecida socialmente. Este preconceito também foi relatado por alguns entrevistados, sendo abordado no capítulo que segue.

Ao longo da próxima seção pretendemos abordar quais mecanismos e estratégias são possíveis de se pensar, a partir de uma base teórica *queer* para desconstruir as formas nocivas como desejos não heterossexuais e, em especial, bissexuais, podem articular para serem reconhecidos socialmente.

4.5 DESFAZENDO A MATRIZ HETERONORMATIVA

Como já abordado anteriormente, o presente trabalho não pretende traçar uma definição estática sobre o que é ser bissexual. Em tópicos anteriores busquei considerar como as experiências e valorações sexuais ganham cores e contornos diversos de pessoa para pessoa, podendo a bissexualidade ser encarada a partir de alguns eixos de definição (ver seção 2.9). É nesta toada que Judith Butler (2019) apresenta uma postura teórica rica ao presente trabalho. Ao falar sobre a política feminista de engajamento com base em uma identidade, alega que este tipo de estratégia se revela excludente e marginalizadora de uma quantidade de identidades que não se encaixam no modelo defendido. Na mesma linha, defendemos um conceito aberto de bissexualidade - em contraponto a um entendimento de bissexualidade como uma identidade fixa -, na medida em que fechar a definição do que vem a ser a

bissexualidade também é fechar as possibilidades de identificação de um grupo que é historicamente marginalizado e invisibilizado. Ademais, a estreita definição de uma orientação sexual ainda tão pouco debatida é nociva e limitadora do potencial de desconstrução dos binarismos presentes nas esferas de gênero e sexualidade. Por esta razão, também sigo a orientação de Butler (2019) de considerar a construção de identidade como um atributo variável, buscando compreender, desta maneira, de que forma as posições de sujeito podem ser acionadas na negociação do desejo (SEFFNER, 2003).

A filósofa defende que os atos performativos relacionados ao sexo e ao gênero são construídos dentro de uma estrutura que se define como “um conjunto complexo de pressões, expectativas e restrições sociais e institucionais” (LEWIS, 2017, p.175-176) a que denomina matriz heteronormativa. Dentro deste esquema, somente podem ser reconhecidos os sujeitos que alinham o sexo ao gênero e ao desejo sexual. Para compreender melhor o funcionamento da matriz heteronormativa, também é importante compreender de que formas são formuladas as performances subjetivas e o que vem a ser a performatividade. A performatividade de Butler define que o gênero e o sexo não são categorias natas, mas constituídas através da repetição ao longo do tempo. Com isso, a performance não implica em dizer que determinada categoria seja forçosamente criada, mas mais precisamente, que cria o que nomeia. Em outras palavras, ela consiste em afirmar que ao nascer, quando um médico afirma “É uma menina!”, ele está mais do que simplesmente constatando o sexo, mas também o construindo através de um ato performativo (LEWIS, 2017, p. 165). Desta forma, o bebê não nasce uma menina, mas seu corpo é “meninificado” ao longo do tempo, com base nas percepções de diferenças que são percebidas socialmente entre homens e mulheres, como bem ilustra Elizabeth Sara Lewis:

Declarar que o bebê é uma menina uma vez só não é suficiente – um bebê só se tornará uma menina, e uma mulher, com o passar do tempo, através de processos repetidos de socialização vinculados ao uso do termo “menina”. Tais processos incluem ser encorajada a vestir saias e vestidos, usar a cor rosa, ter cabelo comprido e usar colares, pulseiras e brincos [...]; ser encorajada a brincar com bonecas em vez de carrinhos e bolas; ser submetida à expectativa de mostrar suas emoções e não ser agressiva e, mais tarde na vida, de sentir desejo por homens. Em outras palavras, a criação do gênero (e da sexualidade) não é um ato ou evento singular; é uma produção, uma performance, ritualizada e reiterada. (LEWIS, 2017, p. 166)

Com base nisso, o gênero, para Butler (2019) pode ser definido como a repetição de atos dentro de um regime regulador, que se solidificam ao longo do tempo para produzir a ideia de uma essência, um atributo natural. No entanto, por se definir através da repetição, Butler defende que o gênero, o sexo e a sexualidade podem subverter o poder discursivo responsável por viabilizar e marginalizar os corpos, uma vez que a matriz que define o que

pode e o que não pode ser considerado como aceitável também é construída social e historicamente, sendo possível introduzir novas ideias e práticas performativas. No entanto, esta subversão para que ocorra deve ser operada por corpos que sejam inteligíveis de acordo com a ótica desta estrutura, ou seja, deve ser apresentar uma performance minimamente compreensível para que seja reconhecida. Não ser reconhecido dentro desta matriz que organiza de forma linear e codependente o sexo, o gênero e a sexualidade é perder a própria possibilidade de ser legitimado enquanto ser humano. Operar uma mudança na matriz heteronormativa, portanto, não se mostra uma tarefa simples o suficiente para ser performada mediante um ato ou por apenas uma pessoa, mas também não se revela como um atributo fixo e imodificável. Transformá-la, ainda que lento e custoso, é um empreendimento possível. Os atos performativos, portanto, são dotados de certa “bidirecionalidade”, podendo ser reiterados como um reforço à norma vigente ou como contrários ao que estabelece o discurso hegemônico. Sobre este ponto, Elizabeth Sara Lewis (2017, p. 182). acrescenta que “já que um aspecto importante da performatividade são as repetições, a questão não é se repetir ou não, mas de pensar sobre *o que* repetir e *como* repetir, sempre questionando, desconstruindo e criticando.”

Outra importante ponderação relacionada com a pesquisa guarda relação com os estereótipos performativos de identidade sexual que sujeitos não héteros eventualmente se encaixam e a relação ficcional na qual o gênero se alicerça. O estereótipo de *butch* e *femme* entre as lésbicas, pode se argumentar, funcionaria como uma estratégia de adequação heteronormativa, na qual lésbicas tentariam se encaixar a estereótipos do masculino e feminino através de sua performance. O que Butler (2019) argumenta é que, em realidade, esse tipo de representação, através de um deslocamento, revela a forma desnaturalizada como o gênero é construído. A representação *butch/femme* não está para a normatização heterossexual como uma cópia em face do original, mas sim como cópia em face de uma cópia, uma vez por ser uma construção, não existe uma originalidade prévia à formação do sujeito. Por fim, ela conclui seu raciocínio com a afirmação de que “a univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista.” (BUTLER, 2019, p. 70) Identidades como *butch*, *queen* e *femme*, mais do que ressaltar uma mentalidade hétero, atuam como categorias parodísticas que desnaturalizam o sexo. A apropriação gay/bissexual do feminino, por exemplo, mostra-se subversiva por multiplicar os lugares possíveis da existência dessa

feminilidade. Não se trata aqui de argumentar que haveria uma apropriação colonizadora do feminino, uma vez que é suspeita a afirmação de que o feminino pertença às mulheres.

Sendo o próprio saber médico sobre sexo pautado por definições preconcebidas de gênero e havendo, em realidade, uma relação não direta entre essas categorias, Butler (2019) defende que não há essa aproximação restritiva entre sexo e gênero, podendo este se proliferar para além dos aspectos duais aparentemente induzidos pela noção binária do sexo. Esta noção em particular ajuda a compreender a definição de bissexualidade trabalhada nesta pesquisa. Por ela traduzo a manifestação do desejo sexual e/ou afetivo por mais de um gênero, em períodos da vida que podem ser ou não concomitantes. Ao deslocarmos a tradicional categorização do objeto de desejo bissexual do binômio homem/mulher para a categoria “mais de um gênero”, abrimos campo para reconhecimento de diferentes performatividades de gênero não atreladas necessariamente ao sexo (EISNER, 2013). Esta perspectiva, portanto, também é rica por se beneficiar da desconstrução do sexo enquanto categoria política que naturaliza e mantém uma sexualidade reprodutora e adequada à lógica heterossexista.

O pensamento butleriano também é eloquente ao apresentar um padrão heterossexista que ordena sexo e gênero como resultados, respectivamente, da natureza e da cultura. Butler (2019, p. 197) diz que “considerando que o 'sexo' é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio.” O que traz uma coerência artificial a essas relações é um padrão heterossexual que coordena não só o alinhamento entre sexo e gênero, mas também a própria linguagem. E o peso dessa construção sobre a linguagem fatalmente opera sobre os corpos, uma vez que ela de maneira reiterada se reflete em práticas. As práticas, por sua vez, uma vez estabilizadas, estruturam as instituições.

Esse sistema de dominação linguística através de uma padronização heteronormativa sujeita os indivíduos a uma necessidade de a ele se adaptarem para terem garantidos uma posição legítima de discurso. Consequentemente, aqueles que não se adequam a essa norma, como bissexuais, lésbicas e gays, acabam ocupando uma posição de contradição performativa: falam em um sistema que os priva da fala, sofrendo com isso uma série de violências reais e simbólicas, como a exclusão de conceitos e categorias de inteligibilidade. Assim, a estratégia ideal do ponto de vista de Butler (2019) seria deslocar as categorias de identidade, não apenas para contestar a visão naturalizada e binária do sexo, mas também para trazer uma multiplicidade de discursos para dentro da categoria de identidade, de modo que esta categoria reste permanentemente problematizada.

A desestabilização das categorias identitárias também é trabalhada em *Problemas de gênero* de acordo com a lógica de que a identificação é uma fantasia realizada através dos atos. Deste modo, são os atos, gestos e desejos que constituem o núcleo interno de subjetividade. E esses atos são considerados performativos na medida em que relevam que as identidades que se pretendem expressar são criações colocadas em prática através de signos corporais e demais modalidades discursivas. Sendo o gênero performativo, fica claro que ele não tem um caráter ontológico separado dos demais atos que constituem a realidade, não definindo os sujeitos aprioristicamente. Portanto, a construção de uma ideia de gênero interiorizada seria efeito de um discurso social e público que pretende controlar as fronteiras de gênero e consolidar uma integridade do sujeito, com a definição de gênero bem definida, estável e naturalizada, capaz de fundar a própria definição de sujeito. A naturalização dessas duas categorias busca ocultar o verdadeiro caráter performativo do gênero e reduzi-lo apenas as duas formas essencializantes e permanentes. Como resultado, a categoria de gênero torna-se punitiva daqueles que não desempenham seu “gênero natural” da forma correta.

Pensar a bissexualidade politicamente através das contribuições de Judith Butler pode auxiliar na demonstração de como uma lógica heterossexista é criada através da repetição e não uma forma natural de organizar a vida. Quando pessoas se revelam como bissexuais, não estão explicitando a forma pela qual organizam a sexualidade, mas criando a bissexualidade enquanto categoria (LEWIS, 2012). Ao deslocar as categorias de identidade monossexuais, a bissexualidade demonstra carregar o potencial de revelar como o padrão normativo da sexualidade é performativamente construído e não natural, abrindo campo para outras formas de performance que extrapolem o binarismo que sustenta e é sustentada por esta estrutura, ao mesmo tempo em que acena para a forma como não apenas a bissexualidade, mas toda categoria de identificação sexual é criada e organizada através de performances discursivas.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Conforme já mencionado anteriormente, as entrevistas gravadas foram realizadas via videochamada por Skype. A decisão foi tomada em decorrência da situação pandêmica envolvendo a propagação da doença do coronavírus (COVID-19), sendo as entrevistas realizadas conforme a identificação de potenciais entrevistados por minha parte e o aceite e a disponibilidade dos convidados para a gravação da entrevista. Durante as primeiras gravações, procurei transcrever a conversa anteriormente realizada para a realização da entrevista seguinte, o que fiz com o intento de verificar como fluía a dinâmica das conversas e o comportamento dos entrevistados, tornando possível uma análise do que poderia ser adequado nas próximas conversas. No entanto, quando a etapa das entrevistas já se encaminhava para a reta final, alguns voluntários apresentaram interesse em gravar em um curto intervalo de tempo, ocasião em que, por já ter experiência relativa na criação dos dados, realizei novas gravações sem a transcrição integral das conversas imediatamente antecedentes. Deste modo, o período utilizado para a gravação das 8 entrevistas foi de 8 de maio a 3 de setembro de 2020.

Considerando que as características socioeconômicas dos participantes foram apresentadas na tabela presente na seção 1.6, sobre a pesquisa de campo, apresento sucintamente os oito entrevistados e as circunstâncias de nossa conversa para, na seção seguinte, começar as análises das entrevistas através de categorias que pude eleger a partir das falas e dos argumentos que julguei mais relevantes academicamente sobre a bissexualidade masculina. As seções do capítulo estão organizadas em tópicos que podem ser pensados a partir da seguinte divisão: em um primeiro instante, busco aglutinar como os homens entrevistados enxergam sua própria sexualidade e, em um segundo momento, busco apresentar as percepções sociais e experiências que eles próprios narram sobre a bissexualidade. Este método não é utilizado como forma de afastar as definições sobre a negociação subjetiva e a percepção social sobre o tema, mas como uma tentativa de demonstrar como ambos os campos se relacionam e se constituem mutuamente.

Inicialmente, cabe destacar que as conclusões aqui pontuadas não esboçam um caráter geral da bissexualidade masculina. Pelo contrário, o resultado encontrado reflete os pontos em comum e as divergências apresentadas pelos oito homens bissexuais a quem entrevistei. Conforme salientado no início da dissertação, ainda que não tenha focado em uma categoria específica de homens bissexuais em relação a marcadores como idade, raça, classe

ou escolaridade, os participantes que pude encontrar apresentam alguns pontos de convergência.

De modo amplo, posso dizer que todos os entrevistados na presente pesquisa apresentam um bom capital cultural, tendo todos eles acesso à universidade em algum momento de suas vidas. A inserção dentro do ambiente acadêmico, acredito eu, pode ter levado os participantes a uma expansão de seu mundo social, com a apreensão de novas culturas e conceitos que invariavelmente influenciam a posição subjetiva. Entrevistados como Mohamed, Joaquim e Rafael, por exemplo, apresentaram em comum que suas primeiras experiências com homens ocorreram justamente durante o período de formação universitária. Considerando a baixa visibilidade e o descrédito cultural que a bissexualidade em sentido amplo carrega, e a bissexualidade masculina de modo específico, defendo que a identificação como homem bissexual ainda encontra alguns outros obstáculos em esferas sociais menos privilegiadas no debate sobre sexualidade, ainda que a integração tecnológica promovida pela internet tenha dirimido minimamente a desigualdade no acesso à informação.

Ademais, acredito que os entrevistados para a presente pesquisa se inserem em um contexto social diverso das pesquisas sobre homens bissexuais realizadas por Silva (1999) e Seffner (2003), ambas marcadas por um período em que as formas de relação on-line não se faziam tão manifestas. Richard Miskolci (2017a), sobre este ponto, esclarece que nos dias atuais a nossa comunicação é fundamentalmente marcada pelos meios tecnológicos de comunicação, não sendo mais possível considerar as interações ocorridas on-line como apartadas da vida off-line. O sociólogo ainda diz que “não só as normas do velho cotidiano face a face moldam nossas relações on-line, mas também – desde que o acesso à rede se disseminou – as características das interações por mídias digitais têm passado a modificar as do dia a dia.” (MISKOLCI, 2017a, p. 22)

Com isto, as relações intermediadas pela internet têm a capacidade de conectar desejos e interesses que outrora se viam isolados, ponto que também é defendido por Santos Filho:

[...] se em décadas passadas o homem com forte interesse bissexual estava praticamente isolado, em nossos dias, ele tornou-se o *homo connectus*, e, conectado, insere-se nas conversas tecladas, inserindo-se em outros significados do que seja o homem, em gênero e sexualidade. São outros *scripts* para o *homo connectus* discursivamente construído. (SANTOS FILHO, 2012, p. 227)

A conectividade, portanto, tem um grande papel na construção e validação de uma emergente bissexualidade masculina, na medida em que os desejos que antes não

encontravam com a mesma facilidade um espaço para compartilhamento e identificação com outros homens passam a ganhar maior visibilidade e correspondência. Soma-se a isto a mudança social significativa no flerte e arranjo de encontros que a internet também possibilitou. Se antes a vivência dos encontros entre homens era mais coletiva, se concentrando em saunas, bares e boates, com o surgimento das mídias digitais estes espaços se tornaram menos interessantes em razão da segurança e da exposição mais atraentes que a internet propicia para o arranjo de encontros com homens. A vivência do homoerotismo passa, portanto, de uma vivência coletiva para uma vivência mais individualizada e mediada pelas relações comerciais dos aplicativos (MISKOLCI, 2017a).

5.1.1 Mohamed

Mohamed foi o primeiro entrevistado. Meu contato com ele remonta antes mesmo à minha inserção na pós-graduação. O conheci através de um aplicativo. Não chegamos a sair, mas trocamos nossos perfis de redes sociais e nos seguimos mutuamente. Não éramos considerados próximos, mas convidá-lo para ser o primeiro entrevistado encontrou guarida em algumas justificativas: em primeiro lugar, Mohamed foi um dos primeiros homens que conheci que se revelava bissexual. Por já ter com ele um contato anterior, enxerguei nesta situação a oportunidade de começar as entrevistas, como que realizando um primeiro experimento em uma espécie de laboratório ainda em construção: seria a primeira vez em que entrevistaria formalmente alguém, ao mesmo tempo em que as diretrizes fundamentais do meu trabalho ainda não estavam acabadas. Mas já sabia da onde partiria e para onde iria, ou seja, buscaria compreender de que maneira a bissexualidade interfere na visão que Mohamed tem de si e qual o impacto que ela provoca, através da maneira como é percebida socialmente, na visão que ele tem da própria masculinidade. E para isso, um roteiro contendo 19 questões já havia sido elaborado. O convite que o fiz foi aceito sem hesitação e gravamos nossa conversa no dia 8 de maio de 2020, durante o período da tarde.

Conversamos por alguns minutos antes de iniciar a gravação, com a finalidade de descontrair e nos apresentarmos minimamente um ao outro. Também aproveitei o momento para passar algumas informações sobre o trabalho acadêmico em desenvolvimento, ao qual a entrevista faria parte. Entretanto, a conversa sobre amenidades e o pouco conhecimento que tivemos um sobre o outro antes do início da entrevista aparentemente não foi suficiente para quebrar totalmente o gelo.

Com 30 anos de idade, morador de um bairro de classe média na capital paranaense e possuidor de uma boa bagagem cultural, Mohamed se identificou como preto no formulário socioeconômico que solicitei preenchimento a todos os entrevistados. No entanto, em sua fala durante a entrevista não trouxe complicadores raciais em relação à forma como enxerga sua subjetividade, especialmente no que toca às construções envolvendo a sexualidade e a masculinidade. Sobre esta ausência, considero como possíveis respostas que podem, inclusive, serem combinadas entre si. Ainda que se considere preto, o tom de pele de Mohamed não carrega um tom retinto. Não defendo aqui, entretanto, que negros com peles mais claras não sejam objeto de racismo e opressão. Porém, possuir uma pele menos escura em um país notadamente miscigenado pode fazer com que Mohamed seja lido através de uma lente de “passabilidade racial”. Um segundo ponto que pode convergir para a ausência de narrativas do primeiro entrevistado diz respeito a sua condição econômica e cultural. Mohamed é um homem muito bem letrado e integra a classe média. Portanto, a partir de seu lugar social é possível que sua convivência se desempenhe com pessoas igualmente privilegiadas cultural e socialmente, a ponto de não fazerem de sua raça uma questão. E, por fim, seu silêncio sobre questões raciais pode ter ocorrido em razão do próprio roteiro de entrevistas não abordar especificamente questões de cunho racial que, somado à minha pouca experiência como entrevistador na ocasião, não pude articular ganchos em sua fala sobre outros temas para dentro do conjunto de debates raciais.

O nome usado para referir-se a ele neste trabalho foi definido por ele mesmo, por alegar possuir ascendência árabe. Ao falar, em especial nos vinte primeiros minutos de nossa conversa, ele franzia o cenho, provavelmente de forma involuntária, ao relatar sobre si. Acredito que trazer questões de sua vida íntima para uma conversa com alguém não habilitado em sua rede social mais próxima a adentrar em temas tão particulares, que, além de tudo, seriam transformados em uma análise acadêmica, pode ter soado um bocado desconfortável e intimidador, mesmo que ele mesmo também tenha inserção na academia¹¹.

Mohamed, entretanto, não era o único que, ao menos inicialmente, não se mostrava confortável com a situação. De minha parte, o nervosismo fazia morada em minha inexperiência no papel de entrevistador, sintetizando minha apreensão em dois medos: não conseguir conduzir bem a entrevista e não conseguir processar rapidamente as respostas e formular novas perguntas não previstas em roteiro, tendo em vista que a proposta da entrevista me traria essa responsabilidade. Meus olhos corriam entre dois monitores. Em uma

¹¹ Conforme trazido na tabela de entrevistados, Mohamed é mestre e professor.

tela via a imagem de Mohamed sendo entrevistado, ao passo que minha imagem também era capturada e transmitida para o outro lado da chamada. A segunda tela, por sua vez, era utilizada para acompanhar o roteiro de tópicos que deveriam ser abordados. Além dos estímulos visuais, tentava me concentrar nas respostas e, ao mesmo tempo, costurar trechos do conteúdo narrado com as perguntas vindouras ou então tentar captar alguma informação nova que pudesse ser explorada fora do roteiro previsto. Com falas iniciais rápidas e abruptas, tivemos nossa conversa, que durou aproximadamente uma hora e quarenta minutos.

5.1.2 Bruno

Bruno foi o segundo entrevistado para o trabalho. O conheci durante meu período de graduação na UFPR sem que, no entanto, chegássemos a ter uma relação de amizade muito próxima. Ainda assim, falei com ele sobre o meu projeto de pesquisa e o convidei para ser entrevistado. De fala calma, suave e sucinta, Bruno é um jovem branco de 23 anos, de classe média-baixa, que veio do interior do Paraná para Curitiba cursar a faculdade. Na época da gravação da entrevista estava de mudança, deixando o centro de Curitiba para voltar a morar com a mãe, no interior, por conta da suspensão do calendário acadêmico e da crise econômica, ambas provocadas pelo coronavírus. Ao todo, Bruno possui 3 irmãs e um irmão, já falecido. Não tem contato com seu pai, mas a relação com sua mãe tem grande importância, o que provocou nele crises de ansiedade sobre como abordar com ela sobre sua sexualidade. Na ocasião da entrevista estava em um relacionamento há alguns meses com um homem. Nossa conversa ocorreu na tarde do dia 21 de maio de 2020, cuja duração aproximada foi de cinquenta e quatro minutos.

5.1.3 João

Depois da realização, transcrição e análise das primeiras experiências como entrevistador, me sentia mais seguro para poder continuar minha pesquisa de campo. Havia adquirido familiaridade com o meu roteiro de perguntas e também estava aprendendo a conduzir a conversa de modo a assimilar uma boa quantidade de informações com o mínimo de intervenções de minha parte. Conheci João alguns meses antes do convite para a entrevista, no período pré-pandêmico, quando fui à primeira reunião que estava sendo desenvolvida junto à ONG Dignidade por e para pessoas bissexuais discutirem problemas e questões específicas da vivência bissexual. Ainda que tivesse o encontrado pessoalmente apenas uma única vez, a

partir dessa primeira reunião foi formado um grupo de WhatsApp, no qual os participantes poderiam permanecer em contato, sendo informados sobre as pautas e as datas dos próximos encontros. E foi a partir de conversas neste grupo que tive acesso ao seu perfil no Instagram, onde o convidei para ser entrevistado.

No dia e hora combinados, uma tarde de domingo no final de maio de 2020, gravamos a nossa conversa via Skype. João aparentava estar tranquilo. Fiz as advertências de praxe, de que seus dados pessoais não seriam expostos ao público e que qualquer informação que pudesse identifica-lo seria suprimida na transcrição da entrevista. De riso fácil e gestos eloquentes, aparentava estar bastante disposto a falar sobre suas experiências. Com 28 anos na ocasião da entrevista, João é branco, pertencente a uma classe média e com um bom nível de instrução. Tivemos uma longa conversa de cerca de uma hora e cinquenta minutos, na qual ele trouxe muitas informações sobre sua trajetória de vida, as construções de sua identidade e qual o papel que a bissexualidade desempenhou e ainda desempenha em sua vida.

5.1.4 Pierre

Assim como João, Pierre também foi um entusiasta das primeiras reuniões do coletivo de bissexuais. Lembro-me da primeira reunião, a qual já havia chegado com algum atraso por conta do meu horário de trabalho. Encontrei o edifício sede da ONG e perguntei sobre a sala onde estava sendo realizado o encontro. Fui gentilmente orientado por uma mulher - cujo nome não me recordo - que atuava no coletivo de mulheres vinculado à ONG. Logo que entrei pude notar que a sala já se encontrava relativamente cheia, com mais de vinte pessoas, acomodadas em cadeiras lado a lado, cuja disposição formava um círculo que tomava quase todo o espaço da sala. Escolhi me sentar em uma cadeira que ficava de frente para a porta de entrada. Pouco tempo depois, a reunião teve início. Já estávamos abordando alguns tópicos da pauta quando Pierre surgiu na porta. Estava fardado. Considerando que no tempo em que este evento ocorreu, em setembro de 2019, o clima político não era necessariamente favorável a pautas progressistas ou ao debate de questões particulares de minorias (especialmente em Curitiba, cujas manifestações de apoio a uma extrema-direita pretensamente nacionalista não são raras), ver um homem fardado na porta de uma sala onde estava ocorrendo a primeira reunião de um coletivo em formação de bissexuais me acionou de imediato um sentimento de desconfiança e medo, acreditando poder se tratar de alguma espécie de vigilância ou tentativa de intimidação. Entretanto, Pierre olha para as pessoas na sala, retira o quepe de sua cabeça, dá um sorriso meio acanhado e corre os olhos pelas

cadeiras em busca de um lugar disponível. Ao encontrar um espaço vazio, atravessa a sala e se acomoda no assento encontrado. A reunião seguiu sem interrupções. Meu medo foi descabido. Pierre era um de nós.

Alguns meses depois, entrei em contato com ele via WhatsApp, cujo número obtive acesso através do grupo formado pelo coletivo. Pierre, ainda que trabalhe diretamente com segurança pública, não revelou portar atributos majoritários de uma cultura masculina hegemônica, comumente presentes em sua categoria de trabalho. Branco, de classe média e de estatura mediana, Pierre estava, aos 28 anos de idade, prestes a concluir seus estudos universitários, estando pendente apenas a entrega de sua monografia. Afirmou não ser muito próximo de sua família, fato que atribui ao distanciamento geográfico. Gravamos nossa conversa em um fim de tarde de meados de junho de 2020. Ele não aparentava estar muito ansioso. Sua fala era direta e breve na maior parte das vezes, me lembrando um pouco o modo com que Bruno, o segundo entrevistado, também se articulava. Nossa conversa durou pouco menos de uma hora, com algumas interferências provocadas pela qualidade do sinal de internet na ocasião da gravação.

5.1.5 Fabrício

Fabrício é um homem quieto e com cara de poucos amigos à primeira vista. Também estive no primeiro encontro do coletivo de bissexuais e não recordo de ter ouvido algum comentário ou compartilhamento de experiência de sua parte. No entanto, aparentava estar interessado em tudo o que era dito. Meu caminho para chegar até ele foi o mesmo percorrido para conversar com todos os participantes das reuniões ocorridas no Dignidade, ou seja, o vi pela primeira vez na reunião, peguei seu número no grupo de WhatsApp e a partir daí o convidei para a gravação, falando brevemente sobre o meu projeto e sobre como a entrevista iria se desenvolver.

Justamente pela primeira impressão que tinha criado de Fabrício, acreditava que nossa conversa talvez acabasse não sendo tão rica e cheguei a pensar que seria econômico nas palavras, o que demandaria mais esforços da minha parte na condução da conversa e na compreensão de sua trajetória de vida. Ao final da gravação, pude perceber com uma feliz surpresa que minha expectativa não havia se cumprido. Fabrício não apresentou uma postura defensiva, como imaginara, o que ficou bem refletido no conteúdo do nosso diálogo, que avançou por quase uma hora. Branco, pertencente à classe média e com 26 anos na ocasião da gravação, Fabrício revelou ter um núcleo familiar bastante restrito, demonstrando ter mais

contato apenas com sua mãe, com quem divide moradia, e uma tia, residente em outro estado. Revelou em nossa conversa ter conhecido poucas pessoas que tenha se envolvido sexual/afetivamente, preferindo relacionamentos duradouros a encontros casuais. Ainda disse estar namorando uma mulher transexual e ter um irmão homossexual, que mora com o pai. Fabrício, contudo, diz não ter muito contato com nenhum dos dois.

5.1.6 Thiago

Minha aproximação com o sexto entrevistado começou a partir de uma conversa através de um aplicativo de relacionamento. Como revelado previamente, criei perfis em algumas plataformas de encontro entre homens informando sobre meu interesse em encontrar e entrevistar homens bissexuais para a realização de uma pesquisa. Thiago me procurou, adjetivando minha proposta no aplicativo como interessante. Seu perfil não exibia muitas informações a seu respeito. Não havia uma foto, um nome ou outras especificações sobre seu corpo, orientação sexual ou personalidade. Convidei-o, então, para gravarmos uma conversa pelo Skype, um pouco descrente quanto ao aceite, uma vez que pela análise de seu perfil, presumia ser ele uma pessoa bastante reservada em relação à sua sexualidade.

Apesar da minha descrença inicial, Thiago aceitou ser um participante. Conversamos em um início de noite em 16 de julho de 2020. Ele é um homem preto e aparentemente alto, com 43 anos à época da entrevista. Nesta ocasião, dividia moradia com seu pai, após o recente término de um casamento longo com uma mulher cisgênero. Da mesma forma que a maior parte dos entrevistados, possui nível superior e integra uma camada socioeconômica intermediária. Por vezes seu relato era afoito, falando de maneira rápida, enérgica e interrompendo com respostas apressadas as perguntas que ainda lhe formulava.

Nossa entrevista foi interrompida em duas oportunidades por seu pai. Na primeira delas, logo no começo da gravação, ele entrou no quarto para fazer a Thiago alguma pergunta que não pude compreender. Thiago, um pouco constrangido, o atende e informa não poder delongar no assunto, revelando estar em uma entrevista. Na segunda interrupção, alguns minutos depois, pede para que o filho abra uma embalagem que estava com dificuldade, no que é atendido da forma mais rápida possível por meu interlocutor. Thiago, especialmente na primeira meia hora de nossa conversa, olhava a todo instante para o lado do quarto em que ficava a porta, talvez apreensivo com a possibilidade de uma nova aparição de seu pai durante algum momento inoportuno de nossa conversa, já que, segundo Thiago, pouquíssimas pessoas sabem de sua sexualidade com todas as letras.

Thiago era bastante falante e por vezes também prolixo. Em alguns momentos tive que repetir algumas questões para entender o que ele estava pretendendo dizer ou se tinha compreendido o que eu gostaria, de fato, de saber. Também prejudicava minha compreensão a qualidade da internet de Thiago no momento da gravação. Por vezes sua fala era cortada ou transmitida com atraso, o que prejudicava a assimilação do que era dito. Em tempo, seu relato aborda fortemente a questão racial, que se imiscui com alguns acontecimentos e questões importantes de sua vida, como a religião, a masculinidade, a relação familiar, além da própria orientação sexual. Desta forma, na análise do conteúdo de sua fala, procurei evidenciar de que maneira sua raça acaba reverberando em sua experiência enquanto homem bissexual, criando um tópico específico para debate de algumas questões por ele trazidas (ver subseção 5.4.1).

5.1.7 Rafael

Continuei utilizando os aplicativos Grindr e Scruff como ferramenta para localizar outros homens que estivessem dispostos a falar sobre sua bissexualidade. Rafael, o sétimo entrevistado, foi conhecido através daquele aplicativo. Diferentemente dos outros entrevistados, não mora em Curitiba, mas nasceu, cresceu e estava na capital paranaense durante a etapa da pesquisa de campo. Bastante simpático e falante, Rafael se identifica como birracial ou nipo-brasileiro, tinha 31 anos no momento de nossa conversa e, além de escolarizado, relatou ter tido a oportunidade de viajar para alguns países durante o período universitário. Pertence, portanto, a uma classe média-alta, tendo no momento da conversa um bom salário como diretor comercial em uma empresa multinacional.

Sobre sua relação familiar, informou ter perdido o pai muito cedo, mas que possui um bom relacionamento com a mãe e o irmão mais velho, a quem atribui grande influência na construção de sua masculinidade, uma vez que em sua visão o irmão encarnava características de uma masculinidade hegemônica como ser bonito, atlético e popular. Gravamos a nossa conversa durante a noite do dia 13 de agosto de 2020, que durou em torno de uma hora e trinta e cinco minutos.

5.1.8 Joaquim

Minha conversa com Joaquim, do mesmo modo que com Rafael e Thiago, teve início através dos aplicativos de encontro. Seu perfil também não trazia muitas informações sobre si, de forma similar ao perfil de Thiago. Também não apresentava nenhuma foto e nenhuma

outra identificação que o pudesse revelar minimamente. Tampouco revelou sua imagem depois, enquanto negociávamos a realização da entrevista. Parecia estar, de certa forma, desconfiado com a minha proposta, ou então inseguro sobre como a entrevista poderia ser conduzida. Diferentemente dos outros entrevistados, não aceitou o convite de imediato a partir de nossa conversa pelo aplicativo. Pediu para que eu encaminhasse um e-mail confirmando a proposta que havia feito previamente. Na ocasião não pude entender com clareza a razão do pedido de formalização do convite por e-mail, mas em momento posterior, pude desconfiar que o pedido poderia estar atrelado a um efeito de organização e anotação da entrevista como um compromisso, visto que segundo suas alegações, não acessava com frequência o aplicativo de encontros sexuais. Cumulativamente ou não, o pedido de encaminhamento da proposta por e-mail também pode ter sido solicitado com a finalidade de deixar registrado meu convite como uma espécie de prova, caso alguma informação gravada a seu respeito fosse exposta a seu contragosto. Procedi conforme o solicitado, enviando o pedido por e-mail no dia 13 de julho de 2020. Por vários dias aguardei uma resposta que não veio. Com o silêncio, imaginei que havia desistido da proposta.

Então, um mês e meio depois do meu encaminhamento da mensagem formalizando o convite, no dia 28 de agosto, ele formaliza sua resposta. Me pergunta se sou participante do Salvo Melhor Juízo, um *podcast* sobre Direito que ajudei a fundar alguns anos antes e se ainda tinha interesse na gravação da entrevista. Percebi, então, pelo teor do e-mail, que ele havia feito ao menos uma breve pesquisa sobre mim na internet antes de aceitar ser entrevistado. Respondi que já não participava do programa há um bom tempo, mas que sim, ainda tinha interesse em conversar com ele.

Trocamos mais alguns e-mails, nos quais explanei sobre minha proposta em linhas gerais, sendo perquirido na sequência sobre a estimativa de duração da nossa conversa. Informei que o tempo de duração médio era de uma hora e quinze minutos e pedi ainda que, caso aceitasse, que me fornecesse sua conta do Skype para que eu pudesse adicioná-lo e deixar a entrevista agendada. Sua resposta veio no mesmo dia, informando ter disponibilidade para gravação logo na manhã seguinte. Entretanto, pouco antes do horário agendado, ele me encaminha outro e-mail alegando não poder manter a entrevista, pois haviam agendado uma reunião em seu trabalho para o mesmo horário. Trocamos mais algumas mensagens sobre a possibilidade de agendamento em outra oportunidade, tentando encaixar nossas agendas. Chegamos a um consenso que poderíamos conversar ainda naquele dia, às 17 horas. Então, em 3 de setembro de 2020, em um final de tarde, tivemos a nossa conversa.

Até a ocasião da gravação não tinha praticamente nenhuma informação que pudesse qualificar Joaquim. Não sabia sua cor, idade, ocupação ou classe social. Ao ligarmos a câmera, pude me deparar com um homem branco, que revelou ser servidor público, graduado, com 29 anos na ocasião da nossa conversa, pai de uma filha, pertencente à classe média e que no momento vivia uma relação homoafetiva.

Na continuidade, pretendo abordar em pormenor as diferenças e eventuais continuidades com os trabalhos prévios sobre o tema que os entrevistados relataram. Começo a analisar a construção subjetiva da masculinidade bissexual, separando uma subseção para abordar algumas considerações sobre bissexualidade e pansexualidade trazida por alguns entrevistados. Na sequência, falo sobre as tensões e formas de controle de masculinidade vivenciadas por homens bissexuais. Falo ainda sobre os preconceitos e apagamentos mais frequentes relatados pelos entrevistados e, por fim, falo sobre com a bissexualidade é abordada (ou não) pelos entrevistados em suas relações interpessoais.

5.2 A RELAÇÃO DA BISSEXUALIDADE COM CATEGORIAS SEXUAIS NORMATIVAS

Ao longo das entrevistas pude perceber em relatos e estratégias de negociação por parte dos entrevistados algumas situações que tentavam fazer aproximar a bissexualidade da heterossexualidade ou da homossexualidade. Aproveito a presente seção para aprofundar as narrativas com algumas das considerações teóricas anteriormente trabalhadas. Inicialmente pretendo contextualizar algumas situações relatadas pelos participantes em que a bissexualidade era camuflada a partir de uma ótica heteronormativa para, em segundo momento, trazer situações em que a bissexualidade restou confundida ou negada através de um caráter homonormativo.

Ao longo da oitiva dos homens com quem tive contato, pude notar que em alguns deles houve a manifestação de um discurso que considerava, de certa forma, a inadequação do desejo sentido com a categorização restritiva da heterossexualidade. A maioria dos entrevistados relatou que inicialmente se consideravam heterossexuais, mas que seu desejo era maior do que a definição de heterossexualidade era capaz de abraçar. Mohamed, Rafael, João, Fabrício e Joaquim relataram que inicialmente eram capazes de nominar a atração que sentiam por mulheres, mas que não conseguiam compreender muito bem a atração pelo gênero masculino. Em uma tentativa de construção de coerência interna, os entrevistados se valeram de diferentes estratégias. Mohamed afirma que teve seus primeiros contatos sexuais

durante o Ensino Médio, com uma garota que era sua colega de sala e com quem eventualmente se encontrava. Após as primeiras experiências, percebeu que ainda que tivesse gostado do sexo com mulheres, ainda havia uma lacuna não preenchida em seu desejo. Foi somente alguns anos depois, já na faculdade, que finalmente teve coragem para beijar um homem em uma festa universitária. A partir deste episódio, buscou principalmente através da leitura nominar aquilo que estava sentindo, descobrindo e se identificando com o discurso da bissexualidade.

Rafael afirmou que desde muito pequeno pode perceber que sentia interesse por homens. Relata que certa vez, ao olhar a capa de um LP da novela “Malhação” reparou como o homem ali representado era bonito. Contudo, ainda que o desejo tenha se manifestado precocemente, a repressão a ele também não tardou. Naquela mesma ocasião ele já havia adquirido consciência de que manifestar seu interesse por homens seria errado e coagido pela sua família. Enquanto sua sexualidade amadurecia durante a adolescência, ele ainda sentia que seu desejo por homens não cessava, muito embora acreditasse que seria momentâneo, uma dúvida passageira. Já no início de sua juventude, aos vinte e um anos de idade e após alguns relacionamentos e experiências sexuais com mulheres, pode perceber que seu anseio em relação ao corpo masculino não iria se dissipar tão facilmente como supunha. A situação lhe trouxe ainda mais angústia e, em uma tentativa de aplaca-la, buscou auxílio terapêutico vendo no tratamento uma oportunidade para finalmente relatar a alguém sua angústia. Após algumas sessões, ele percebe que a abordagem não lhe agradava mas que ainda assim foi útil para que ele pudesse se compreender melhor. Chegou à conclusão de que o sentimento que havia represado por tantos anos havia se tornado grande demais e que ele finalmente deveria se reconhecer como homem gay, mesmo que nesse período ainda se relacionava com mulheres. Com a finalidade de se revelar, escreveu uma carta na qual pontuava criticamente o modo pelo qual a sociedade ocidental estrutura e hierarquiza as pessoas de acordo com a sexualidade, fazendo um contraponto ao sistema heterossexista defendendo que a sexualidade deveria ser um aspecto da vida pessoal que deveria ser desenvolvido sem a intromissão de outras pessoas. A carta foi entregue a seu núcleo familiar mais próximo e a algumas amigas. Mesmo que as reações a sua revelação tenham sido positivas, teve pouco tempo no Brasil para aproveitar a nova fase. Poucos meses após a entrega da carta, ele se muda para outro país em um programa de intercâmbio. Rafael revela que estar com uma viagem para fora do país agendada também funcionou como um fator encorajador para sua revelação. Em uma visão pessimista, caso todas as pessoas o rejeitassem por se apresentar como gay, poderia recomençar

sua vida em outro país, abandonando ou se afastando das relações que poderia considerar tóxicas.

Já em um novo país, Rafael teve a oportunidade de experimentar de uma liberdade sexual que não pudera sentir no Brasil. Dividindo moradia com um amigo gay, puderam explorar as boates LGBTQIA+ e conhecer vários homens até que em uma das festas Rafael conheceu e começou a se envolver com uma mulher. A relação dos dois se intensificou e se tornou namoro. Rafael, então, finalmente passou a entender que os rótulos de heterossexual ou homossexual eram insuficientes para definir o seu desejo. Escreveu uma nova carta para sua família e as pessoas mais próximas como uma espécie de errata, na qual dizia que nos trechos onde ele dizia se identificar como gay deveriam ser lidos como uma identificação com a bissexualidade.

João também relatou que a construção de sua sexualidade foi marcada inicialmente por uma identificação com a heterossexualidade. Já durante sua infância disse que sentia paixões platônicas por garotas de sua sala de aula, encarnando na figura feminina uma espécie de idealização romântica. Em um segundo momento, que não tardou para ocorrer, também começou a notar atração por garotos. João relatou que a compreensão da bissexualidade não foi problemática. De certa forma, ele argumenta, sua proximidade desde muito jovem a grupos marginalizados, tendo amigos e amigas homossexuais possibilitou que ele compreendesse e aceitasse de forma mais aberta as possibilidades de envolvimento sexual e amoroso que permeiam a sexualidade humana.

Já a narrativa apresentada por Fabrício tempera aproximações e afastamentos em relação aos relatos prévios. De forma similar, ele afirma que aos treze começou a se sentir atraído por mulheres e justifica que a atração por homens foi percebida posteriormente, quando tinha por volta de dezessete anos. Ele acrescenta que por ser de uma cidade interiorana, os valores machistas eram muito arraigados, o que de certa forma o impedia de vivenciar qualquer tipo de contato sexual com homens. Sua fala também traduz o peso que um regime heterossexista exerce sobre a construção da subjetividade dos homens. Ainda que demonstrasse interesse por homens, considerava, da mesma forma que Rafael, que tal manifestação era pontual, podendo ser vista inclusive como uma espécie de fetiche, mas que deveria ser negligenciado. A atração por mulheres, argumenta, era legítima e deveria ser considerada como suficiente para saciar sua libido, na medida em que lhe trazia menos problemas internos e externos. Fabrício se envolveu então em alguns relacionamentos com mulheres, tendo sido seu último namoro turbulento, mas que ainda assim durou alguns anos e trouxe como fruto sua filha, que contava com cinco anos na ocasião de nossa conversa.

Narrou que após o término, ele estava traumatizado com as experiências negativas do namoro e aproveitou esta situação para finalmente experimentar se relacionar com homens. Instalou um aplicativo de relacionamento no qual conheceu e se envolveu sexualmente com alguns homens. Ainda que as experiências tenham sido poucas, foi o suficiente para descobrir que de fato sua libido se orientava para mais de um gênero.

Por fim, Joaquim foi o último dos entrevistados a discorrer sobre a heterossexualidade como sua forma inicial de compreensão da sexualidade. Da mesma forma que Fabrício, Mohamed e Rafael, também tinha inicialmente para si que sua atração por homens deveria ser considerada como uma questão secundária, uma espécie de fetiche. Em relação a terceiros Joaquim mantinha boa aceitação da relação entre pessoas do mesmo sexo, alegando sempre ter agido em defesa da diversidade sexual quando se deparava com discursos homofóbicos. Apesar de sua defesa, se ver dentro de uma categoria de sexualidade subalterna foi mais lento e custoso. Entre as razões, ele afirma ser uma pessoa naturalmente reservada, que vida de regra não faz questão de abordar pautas envolvendo sua sexualidade. Durante sua adolescência, o tema não era abordado com sua família e tampouco com seus amigos. Parte deste bloqueio vem do sofrimento que enfrentou durante seu crescimento. Ele afirma que inicialmente era uma criança extrovertida, que gostava de se relacionar e conversar com as pessoas. Entretanto, durante o final do ensino fundamental e o ensino médio, Joaquim passou a sofrer constantemente com o *bullying* que era praticado contra ele em razão de ser afeminado demais para os padrões masculinos. Neste aspecto, sua rejeição reafirma o quadro defendido por Welzer-Lang (2001) sobre a casa dos homens. Considerado inapto na aprendizagem do modelo masculino, sua performance imediatamente era relacionada ao oposto de ser homem. Seu sofrimento o fez se afastar do grupo de garotos da escola, passando a conviver com maior frequência com pessoas que por diversas razões também eram rejeitadas pela sua inadequação.

Ainda que tivesse se relacionado com mulheres durante o Ensino Médio, foi somente durante a faculdade que teve seu primeiro contato sexual. Ele afirma que as violências sofridas durante o período escolar foram tamanhas que internalizaram nele uma sensação constante de não ser desejado pelas mulheres em razão da sua performance. Sua rejeição, alega, passou a ser atenuada somente quando ingressou no período universitário. Seu primeiro contato sexual ocorreu com uma colega de sala mais velha, que o fez perceber que as interpretações que tinha sobre sua própria desejabilidade eram equivocadas. Após poucos meses de envolvimento, Joaquim e sua então namorada terminam e ele passa a formar um outro núcleo de amizade. Neste núcleo, conheceu um garoto que se tornou cada vez mais

próximo. As saídas em grupo aos poucos se tornaram encontros entre os dois, até que em determinada ocasião, enquanto assistiam um filme na casa de Joaquim, os dois se beijaram.

Do primeiro beijo ao relacionamento foi uma questão de pouco tempo. Sua família, entretanto, nada sabia sobre o relacionamento. Como à época os pais de Joaquim viviam em outra cidade, as visitas do filho eram pontuais, de modo que desconheciam seu cotidiano. Porém, em uma das visitas, Joaquim levou seu namorado, apresentando-o na condição de amigo. Sua família já havia apresentado um forte histórico de rejeição às relações homoeróticas durante todo o crescimento de Joaquim. Xingamentos e piadas homofóbicas eram frequentes e ele era admoestado caso se comportasse de maneira inadequada a um “homem de verdade”. Portanto não foi exatamente uma surpresa quando desconfiaram que na suposta relação de amizade entre os dois garotos havia algo mais. O mal-estar provocado nesta ocasião chateou Joaquim profundamente e, mesmo que não tenha revelado seu namoro nesta ocasião, acabou por dizer a verdade pouco depois para sua avó, que notou o semblante de tristeza no neto e indagou sobre o ocorrido. Ela, por sua vez, ao saber da verdade pela boca de Joaquim, relatou para a mãe o que havia ouvido, o que fez estremecer ainda mais a relação familiar.

A família exigiu o término imediato do relacionamento e Joaquim chegou a ser agredido verbal e fisicamente por seu pai. Seu irmão também se voltou contra ele, ao acreditar que era a atitude de Joaquim que estava provocando sofrimento nos pais. Após este episódio traumático, a convivência com a família foi cada vez mais escassa. Não havia mais qualquer conversa com seus pais e estes, quando ligavam, tinham como única finalidade agredir verbalmente o filho. A crueza da violência dos pais de Joaquim era coberta com uma roupagem de preocupação com a vida do filho.

Eles tentavam usar os problemas do mundo, assim, para justificar isso, falando assim “ah, não é que a gente tem preconceito, é que a gente não quer que você sofra no mundo, a gente não quer que você apanhe na rua”, mas o único lugar que eu apanhei foi dentro de casa. (JOAQUIM)

Mesmo com todo o infortúnio provocado pela revelação de seu namoro, Joaquim permaneceu no relacionamento por mais alguns meses. O término veio, segundo ele, por diferenças de gostos pessoais e personalidade. Joaquim passou a notar, então, que ainda se interessava por mulheres e que o flerte com elas lhe satisfazia. Da mesma forma que Rafael, Joaquim pode compreender-se melhor como bissexual após ter se relacionado com homem e percebido que a exclusividade de gênero não o preenchia plenamente. Logo após o término,

Joaquim passou a flertar com mulheres da faculdade. Seu antigo namorado, entretanto, não aceitando bem o término da relação, buscava dissuadir as pretendentes de Joaquim de com ele se relacionar. Acusava-o de ser gay enrustido e que não sabia aceitar bem a exclusividade de sua atração por homens, rejeitando, com isso, a identificação de Joaquim com a bissexualidade.

Os outros três entrevistados que tive a oportunidade de conversar revelaram que sabiam desde os primeiros relatos da sexualidade que não se encaixavam em um modelo heterocentrado de sexualidade. Pierre conta que desde muito jovem sentia atração por homens. A atração por mais de um gênero veio por volta dos dezessete anos, quando passou a se interessar também por garotas. Entretanto, Pierre trazia receio em abordá-las por temer estar sendo inconveniente, associando a inconveniência a condutas tipicamente hegemônicas da masculinidade. O primeiro contato sexual com mulher aconteceu entre um e dois anos antes da nossa conversa, quando pode participar de um *ménage à trois* com um casal de homem e mulher¹², portanto em um período bastante posterior ao seu primeiro contato sexual com o sexo masculino, que ocorreu com seu então namorado aos quatorze anos. Foi após a primeira experiência sexual com uma mulher que Pierre passou a cogitar a possibilidade de ser bissexual. E foi somente após ter frequentado as primeiras reuniões voltadas para bissexuais na ONG Dignidade que passou a de fato se perceber como bissexual, deixando transparecer que parte de sua falta de identificação com a bissexualidade foi provocada pela ausência de discursos que estivessem a seu acesso sobre a definição e a potencialidade bissexual.

Também destaco a experiência de Bruno sobre suas primeiras descobertas envolvendo a sexualidade. Ele relata que desde as primeiras percepções de sua sexualidade já havia percebido que não se encaixava nas diretrizes normativas da heterossexualidade. Contudo, em razão de sua criação tradicional e conservadora, procurava ocultar seu desejo por mais de um gênero de sua família. Durante a adolescência namorou uma garota. O

¹² Opto por não mencionar a sexualidade ao me referir a relacionamentos por algumas razões. Não considero o termo “heterossexual” ou “homossexual” como adequados à referência a casais, uma vez que um casal entre homem e mulher não precisa ser, necessariamente heterossexual, ou um casal formado por homens, de igual modo, não é necessariamente homossexual, tomando aqui estes termos na forma como são comumente usados, ou seja, como práticas de identidade sexual. Isto porque a adoção de termos como “relacionamento heterossexual” ou “casal homossexual” também atua implicitamente no apagamento da bissexualidade do vernáculo social de reconhecimento, uma vez que um “casal bissexual” somente existiria neste contexto em uma relação com três ou mais pessoas de gêneros diferentes, não sendo, portanto, um casal, mas outra espécie de arranjo afetivo. Neste sentido, vale consultar o ensaio de Marília Moschkovich, disponível em <https://medium.com/nomono-rela%C3%A7%C3%B5es-livres-n%C3%A3o-monogamia/por-que-um-a-bissexual-nunca-est%C3%A1-em-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-hetero-ou-homo-4157d3338c3f> Acesso em 15 de agosto de 2020.

relacionamento fluiu bem até o momento em que ele percebeu que não estava sendo feliz levando a vida daquela maneira. Decidiu, então, terminar o namoro, ainda que não entrasse em pormenores sobre sua motivação. Pouco tempo antes do término, Bruno passou a estreitar relações com um amigo, reveladamente gay. A convivência com o garoto fez com que Bruno refletisse melhor sobre sua vida e, após o término de seu namoro, teve um breve romance com seu amigo, o primeiro com um homem.

Finalmente, Thiago, o mais velho dos entrevistados, trouxe em seu relato que desde criança se relacionava com garotos e garotas e que seu desejo nunca chegou a ser exatamente uma questão. Relatou que as primeiras relações eróticas aconteceram com primas e primos, alegando que este tipo de comportamento era comum na região rural onde fora criado. Porém, conversas envolvendo a sexualidade de modo geral não era um tópico em sua família e falar sobre a bissexualidade em específico era um assunto que sequer tinha a oportunidade de abordar com seus amigos, o que fez com que seu autorreconhecimento como homem bissexual tardasse a acontecer. Também teve influência nesse processo o contexto social no qual Thiago estava inserido, como a sua relação com a família, com a igreja e com a ex-esposa, aspectos que abordarei com maior detalhamento em seção 5.5.

Esta síntese das primeiras atrações e experiências envolvendo a sexualidade é capaz de revelar, de certo modo, o nível da pressão social que se aplica sobre homens em relação à heterossexualidade compulsória. Santos Filho (2012) argumenta que o pilar de sustentação da heterossexualidade enquanto orientação sexual natural de todo indivíduo é decorrente de uma crença na existência de uma identidade essencializada da masculinidade e da feminilidade, que se julgam opostas, mas complementares, conforme abordado no capítulo 3 da dissertação. Percebe-se ainda como a ausência de discursos sobre a bissexualidade impede o seu reconhecimento enquanto possibilidade para quase todos os entrevistados que pude interagir.

A maioria deles relatou uma forte influência de um sistema heterossexista, na medida em que a heterossexualidade se impunha inicialmente como o único modelo viável para a negociação da sexualidade desses entrevistados. Também pude notar que para outra parcela dos homens bissexuais foi marcante a existência de uma homonormatividade, ou seja, ainda que tenham se reconhecido desde muito cedo como não heterossexuais, não conseguiram vislumbrar outra possibilidade para categorizar suas atrações senão a identificação com a homossexualidade. Em todos os casos analisados, a descoberta da bissexualidade enquanto possibilidade de identificação ocorreu de maneira tardia (ocorrida somente após vários anos identificando-se com outras categorias) ou relativamente posterior (poucos meses ou anos após as primeiras experiências afetivo-sexuais). Esta constatação é rica para pensar ao menos

dois aspectos envolvendo a compreensão da sexualidade pela sociedade contemporânea. O primeiro deles é a grande carência de discursos que tragam a bissexualidade como uma possibilidade genuína de identificação. Os entrevistados tardaram a reconhecer esta possibilidade na forma de organizar o próprio desejo e, mais do que isso, mesmo após o autorreconhecimento como bissexuais, não deixaram de ser alvo de preconceito e estigmatizações em razão da falta de reconhecimento da bissexualidade enquanto categoria legítima de identificação sexual (sobre os preconceitos relatados, ver seção 5.3).

Por outro lado, a identificação posterior dos entrevistados com a bissexualidade também aponta para o caráter não fixo e de difícil categorização da sexualidade, de modo que os rótulos não dão conta de delimitar com precisão a integridade das formas de atração e manifestação do desejo. Neste ponto, retomo a contribuição de Sedgwick (1990) trazida em seção 4.3 ao afirmar que a identificação sexual vai muito além da identificação com um gênero, podendo envolver diferentes formas de atração por tipos físicos, posições sexuais, faixas etárias, relações de poder, etc., podendo, inclusive tais formas de envolvimento e atração serem modificadas ao longo da vida. Do mesmo modo, a atração por gêneros específicos não é algo que deva ser suposto como permanente, conforme rege o sistema heterossexista, e a identificação posterior dos entrevistados com novas formas de identificação do desejo acena na desconstrução desta forma enrijecida de compreender a sexualidade humana. Dentro de um contexto essencializante, é possível pensar a bissexualidade a partir de um eixo contrassexual (PRECIADO, 2017), na medida em que ela pode ser compreendida também como uma espécie de resistência ao modelo essencialista de reconhecimento e legitimação dos desejos, rompendo com a ideia de “normalidade” na qualificação dos desejos (GARBER, 1997, p. 281).

5.2.1 Bissexualidade e pansexualidade

Entrevistados como Bruno e Rafael relataram possuir um entendimento sobre sua sexualidade que enxerga não haver barreiras de gênero para a manifestação da atração. Para eles, a definição das próprias sexualidades flerta mais com a pansexualidade do que com a bissexualidade. Neste contexto, é importante reconhecer que ainda que as entrevistas tenham focado involuntariamente em um nicho privilegiado culturalmente (conforme considerações formuladas em seções 1.4 e 4.6), a noção de que a bissexualidade é uma sexualidade que restringe o interesse a apenas homens e mulheres se fez manifesta, o que acaba revelando como a própria definição de bissexualidade pode ser lida eventualmente como normatizadora

e reprodutora de binários (ainda que em outros termos). No entanto, Shiri Eisner (2013) sugere que esta definição da bissexualidade foi gradativamente alterada entre as décadas de 1990 e 2000, quando o engajamento pela visibilidade e aceitação de outras modalidades de gênero passaram a ser notadas com mais frequência. De lá para cá, consideráveis foram as mudanças provocadas nos debates feministas e de gênero, em especial sobre a fixidez de gênero impostas por um sistema de inteligibilidade dos sujeitos, que tende a conforma-los em identidades fixas de gênero atreladas à sexualidade.

Conforme abordado no segundo capítulo, uma das formas de se pensar a bissexualidade para além de uma orientação sexual é pensa-la politicamente de modo a dirimir os binarismos de sexo e gênero presentes na sociedade contemporânea, podendo se orientar, neste sentido, com a noção de contrassexualidade defendida por Paul Preciado (2017) como sendo uma crítica às naturalizações de sexo e gênero, que privilegiam uma noção da heterossexualidade como um atributo biológico. Em vez disso, defende Preciado (2017, p. 21) que a contrassexualidade envolve pensar todos os sujeitos como corpos falantes, atribuídos com a possibilidade de “acender a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas.”

Um dos eixos para se pensar a bissexualidade proposto por Eisner (2013) é a partir de uma noção da bissexualidade enquanto uma identidade comunitária, englobando algumas formas de identificação monodissidentes. Eisner defende ainda que pensar a bissexualidade enquanto comunidade possibilita pensa-la de forma isolada ou conjunta em relação ao desejo bissexual. Trabalhar a bissexualidade em termos comunitários envolve considera-la como um termo guarda-chuva, capaz de agregar múltiplas definições que se encaixam em um espectro de identificação sexual que não envolve a atração sexual a partir de uma ótica exclusiva em relação a gênero, como ocorre, por exemplo, com pessoas que se definem como pansexuais, polissexuais (que envolve a atração afetiva e/ou sexual por mais de um gênero, mas não todos), heteroflexíveis, homoflexíveis ou mesmo orientações *queer*.

Pensar as orientações monodissidentes sob o signo comum da bissexualidade é rico na medida em que todas estas categorias distintas apresentam em partes os mesmos problemas, como o apagamento identitário provocado pelo binário hétero/homo e os preconceitos decorrentes de uma maneira limitada de compreender a sexualidade humana. Em tempo, Shiri Eisner (2013) também enfatiza que pensar a bissexualidade como um termo guarda-chuva valoriza a multiplicidade como um dos grandes significados relacionados a

bissexualidade, abrindo espaço para o encontro de diferentes categorias em um mesmo campo conceitual.

Outra maneira de se compreender a bissexualidade como aproximada da pansexualidade e demais orientações monodissidentes é pensar tais sexualidades através de uma forma de essencialismo estratégico (apresentado em seção 2.9), na medida em que buscar compreender os pontos interseccionais das experiências de bissexualidade podem ser úteis para revelar as estruturas de opressão que se apresentam como pontos em comum às pessoas monodissidentes.

Portanto, para a presente pesquisa, trabalhamos dentro da categoria de bissexualidade os homens que inicialmente se identificaram como bissexuais mas que, ao longo da entrevista, revelaram que seu desejo se aproxima mais de uma definição de pansexualidade, na medida em que a definição de bissexualidade trabalhada nesta pesquisa foge da definição de bissexualidade por eles compreendida (ou seja, atração por homens e mulheres apenas). Na sequência serão abordados os principais dilemas e preconceitos relatados pelos entrevistados em relação à bissexualidade masculina.

5.3 SITUAÇÕES NEGATIVAS VIVIDAS POR HOMENS BISSEXUAIS

Conforme trazido anteriormente, a bissexualidade raramente se faz reconhecer dentro de um sistema heterossexista, que presume que toda a vastidão da sexualidade pode ser agrupada em apenas dois conceitos, a heterossexualidade e a homossexualidade. Portanto, esta seção foi pensada em relatar as situações negativas vividas pelos homens bissexuais a partir de duas categorias, a saber, os apagamentos, que via de regra se relacionam com normas culturais que não permitem que a bissexualidade seja facilmente encontrada como possibilidade e, em segunda oportunidade, falo também sobre as diversas formas de preconceitos relatados por bissexuais através de situações experienciadas cotidianamente. Saliento que a divisão proposta guarda mais relação com uma dinâmica da apresentação dos pontos e não como uma defesa de que as categorias propostas não se comunicam entre si. Contrariamente, acredito que tanto as situações de invisibilidade quanto os preconceitos explicitamente difundidos guardam estruturas de sustentação em comum, comunicando-se entre si.

Sobre a invisibilidade bissexual, um ponto que merece consideração inicial é que, ainda dentro da seara dos estudos de gênero e sexualidade, a bissexualidade raramente encontra estudos que se debrucem sobre suas particularidades ou que a considere para além de

uma categoria entre várias outras (como a própria sigla LGBTQIA+, cujo escopo de atenção deveria se manifestar em relação ao público lésbico, gay, bissexual e transexual, quando em realidade notamos uma disparidade discursiva entre as duas primeiras e as duas últimas letras da sigla). Mesmo considerando a perspectiva *queer*, cujo esforço político se concentra na desestabilização das categorias rígidas de identificação sexual e de gênero, é possível perceber a ausência de estudos sobre a bissexualidade, o que, paradoxalmente, acaba reforçando binários que pretende desconstruir (LEWIS, 2012, p. 20).

O não reconhecimento social da bissexualidade é narrada pelos entrevistados de diversas formas. Nos relatos, ela aparece ora como uma não possibilidade no quadro de identificação, ora como uma pré-sexualidade, a ser estabilizada posteriormente em uma forma de identificação monossexual. Os preconceitos foram relatados pelos entrevistados em diversas ocasiões e por diversos grupos sociais, razão pela qual abordarei detidamente algumas das falas mais relevantes sobre os preconceitos sofridos.

Na esfera do apagamento, boa parte dos entrevistados revelaram que a família, compreendendo por esta definição o núcleo mais próximo de parentalidade (pais, mães, irmãos/ãos) se apresenta como um dos núcleos de convivência em que a bissexualidade pode ser menos apresentada de modo a manter a boa convivência. O relato apresentado por Bruno chama a atenção. Por ter uma irmã mais velha, compartilhou com ela, ainda em sua adolescência, que também vinha sentindo atração por homens sem que, no entanto, chegasse a relatar a sua mãe nesta ocasião sobre sua sexualidade. A ocultação de seu desejo, todavia, lhe provocava ansiedade e medo. A situação atingiu seu limite quando, anos mais tarde (aproximadamente 8 meses antes da gravação de nossa conversa), Bruno passou a se relacionar com seu namorado, fato que, segundo ele, tornou a ocultação de sua sexualidade ainda mais complicada, na medida em que demandaria dele uma vida dupla, situação que não lhe agradara. Na referida situação ele já morava longe de sua mãe, ele na capital e ela em uma cidade do interior do estado. Após algum tempo de relacionamento, Bruno criou coragem e contou para sua mãe não sentir atração apenas por mulheres e que na ocasião estava a namorar um homem. A mãe, por sua vez, ficou visivelmente desapontada. Bruno, por sua vez, afirmou saber que esta reação seria pontual, pois a homofobia não era uma de suas características. Ele relata que, com revelação de sua sexualidade para a mãe, sua vida passou a ser mais leve, na medida em que ocultar sua orientação sexual era um custo oneroso para se manter a boa convivência familiar.

Joaquim também relata que a revelação de sua bissexualidade também foi um processo traumático em decorrência do *bullying* sofrido na escola e da má aceitação de seus

pais (ver seção 5.2). Joaquim era proibido de brincar com os brinquedos da irmã e era repreendido a não se comportar de maneira que fosse lido como homossexual. Em sua casa, relata, “viado”¹³ era um xingamento frequente, revelando a intensidade do rechaço a uma sexualidade não normativa em seu lar. Joaquim assimilara desde a infância que qualquer comportamento não normativo da sua parte em relação a gênero e sexualidade teria forte repressão de seus pais. Deste modo, é possível notar em que medida a bissexualidade de Joaquim se afasta de uma matriz heteronormativa. Ainda que não tenha perdido seu interesse por mulheres, o fato de ter vivenciado um relacionamento com um homem e de eventualmente não ter se portado de maneira adequada de acordo com a ótica de uma masculinidade hegemônica, o coloca na categoria de abjeção. Resta claro que ainda que exista a alegação de que pessoas bissexuais poderiam gozar de algum privilégio heterossexual por supostamente poderem “escolher” as pessoas com quem se relacionam (carregando, neste tipo de pensamento, uma dose implícita de preconceito, ao acreditar que pessoas podem escolher deliberadamente por quem se atraem e que bissexuais que se relacionassem com seu gênero oposto estariam, em certa medida, buscando fugir de um enquadramento negativo sobre sua pessoa), homens bissexuais que se relacionam com outros homens são invariavelmente qualificados como gays ou, ainda que reconhecidos como bissexuais, estão suscetíveis aos mesmos tipos de preconceitos e violências que os homossexuais experienciam.

Shiri Eisner (2013) defende que bissexuais não experimentam um privilégio heterossexual pela simples razão de não serem heterossexuais, portanto não ocupam a mesma posição de vantagem nas diversas possibilidades de negociação de subjetividade que se estabelecem cotidianamente. Argumenta mencionando um trecho do ensaio de Orna Izakson intitulado *If Half of You Dodges a Bullet, All of You Ends Up Dead* (em tradução livre, algo como “Se metade de você esquiva de uma bala, você acaba morto por inteiro”) que bissexuais são igualmente vulneráveis à homofobia em razão da própria identificação e da visibilidade como não pertencente a uma construção hegemônica do binômio sexo/gênero, trazendo ainda que aqueles que condenam as relações homoeróticas não se importam com a frequência ou a exclusividade ou não do contato afetivo-sexual com pessoas do mesmo gênero.

Ainda nas relações familiares, entrevistados como Mohamed e Thiago relatam que não chegaram a mencionar explicitamente com seus genitores sobre a bissexualidade. No entanto, alegam que a predileção sexual não seja de total desconhecimento dos pais.

¹³ Da mesma forma que Seffner (2003, p. 39), adoto a grafia “viado” ao invés da gramaticalmente correta “veado” em razão da aproximação da oralidade, do imaginário social brasileiro e da pronúncia da palavra como forma de ofensa no uso cotidiano.

Argumentam que pela relação de proximidade, desconfiam que a orientação de seus filhos não se encaixa plenamente em uma definição heterossexual. Na mesma toada são os depoimentos de Fabrício e João, com algumas particularidades. Fabrício informa que sua sexualidade já foi objeto de conversa com a sua mãe, uma das poucas pessoas a quem ele diz ser importante abordar o tema. No entanto, ainda que ciente, evita tocar no assunto com o filho. João, por sua vez, apresenta uma postura mais aberta em relação a sua sexualidade, estando ciente sobre sua sexualidade basicamente toda sua família, rede de amigos e colegas de profissão. A exceção vem justamente do campo de convivência mais próximo. João divide moradia com sua irmã mais velha, a quem ele diz não conseguir ainda abordar o tema de sua sexualidade. Justifica que a recusa da irmã pode estar relacionada a fatores de ordem familiar, como a perda precoce do irmão do meio, homossexual, para o HIV e, portanto relacionar preconceituosamente o envolvimento sexual entre homens como pernicioso do ponto de vista sanitário; e também a fatores de ordem cultural, como a idealização sobre como deve ser performada a masculinidade do irmão.

Neste ponto, a afirmação da bissexualidade é percebida como um fator de estigmatização, seja pelo próprio entrevistado que recusa a revelar-se, seja pelos entes familiares, que se valem de estratégias para evitar a abordagem do tema. Interessante nos determos sobre este ponto sob a luz da teoria de Erving Goffman (2017), que fala que em determinadas situações, a tolerância em relação a um estigma é mediada por um jogo de barganha. No caso, acreditam que a harmonia da relação familiar é preservada com a não abordagem explícita de temas envolvendo a bissexualidade ou que, a abordagem destes temas pode romper de forma desnecessária com um arranjo de entendimentos subliminarmente estabelecido. Caso os entrevistados demonstrassem carregar um peso a mais por sua ocultação das formas pelas quais organizam seu desejo, Goffman (2017) defende que para ser aceito com naturalidade, sua divergência não deveria ser perceptível a ponto de distanciar o estigmatizado das pessoas que não comungam suas características. Este fenômeno é denominado aceitação-fantasma, fornecendo a base para a elaboração de uma normalidade fantasma em relação ao possuidor dos traços diferenciais. Em aspecto similar de negociação, Joaquim, ainda que tivesse exposto sua sexualidade ao defender seu primeiro relacionamento com um homem em uma visita familiar (seção 5.2), mesmo após o término do relacionamento precisou se adaptar a uma nova dinâmica familiar, na qual abordar sua sexualidade era um tema tabu. Para não ser estigmatizado e tratado como um diferente por sua família, se viu inserido em um regime em que sua “normalidade” era negociada exigindo como

contraprestação a não abordagem de quaisquer aspectos que relacionassem seu comportamento a desvios da conduta padrão heteronormativa.

Também pude acompanhar outros relatos negativos sobre a bissexualidade em outras searas do convívio social. As experiências narradas vinculavam a bissexualidade a um comportamento marginal, sujo, inadequado e promíscuo. Fabrício relata, por exemplo, que durante alguns episódios sua sexualidade foi objeto de rejeição ao utilizar aplicativos de relacionamento. Em ao menos dois episódios ele informa que foi rejeitado, tanto por homem, quanto por mulher, quando revelou ser bissexual. No primeiro caso, o garoto com quem conversava manifestou estar desapontado com a sexualidade de Fabrício, esperando que ele fosse homossexual, na realidade. No segundo episódio, sua rejeição foi justificada pela mulher com quem conversava por não ser heterossexual, portanto afastado da condição de “homem de verdade”. Rafael narra que também já foi alvo de agressões e constrangimentos em que sua sexualidade foi vista como inadequada. Afirmou ter alguns amigos gays com quem habitualmente conversava e saía para comerem juntos em restaurante ou frequentarem casas noturnas em período pré-pandêmico. Ele assevera que ainda que seus relatos de envolvimento com homens sejam bem recebidos e comentados por seus amigos, quando narra algum interesse ou experiência em se relacionar com mulheres, a reação não caminha no mesmo sentido, com seus amigos agindo de maneira desconcertada sobre as falas de Rafael, silenciando sobre os desejos dissonantes do restante do grupo. A não aceitação de sua sexualidade toma contornos mais agressivos quando relata que em um carnaval, ao beijar simultaneamente dois homens em um bar, chegou a ser hostilizado por um grupo de pessoas situadas na mesa ao lado. O incidente chegou a provocar uma mobilização entre os ocupantes das demais mesas do ambiente, que saíram em defesa dos três, mas ainda assim, o episódio mostra como formas de relacionamento homoeróticos, especialmente as que fogem do padrão heteronormativo, são objeto de rechaço e oposição violenta. A moralidade, neste sentido, regula as práticas relacionadas ao sexo e incita a reprodução de estereótipos e estigmatizações sexuais a comportamentos que escapam ao padrão heterossexual dominante (LANZARINI, 2013).

Sobre sua trajetória, Thiago revela que apesar de desde muito jovem ter percebido a atração por mais de um gênero, a identificação com a bissexualidade foi tardia e envolta em problemas. Conciliar seu desejo à seu gênero e raça foi custoso e ele narra que em razão da amálgama desses marcadores de diferença, acabou tendo problemas com álcool e outras drogas. Ele afirma que as substâncias eram usadas como uma válvula de escape. Ele percebia que a sociedade exigia dele, homem negro, muito mais predcados do que era exigido de um

homem branco em condições similares. Relata que deveria ser mais inteligente, mais educado e se vestir melhor, caso desejasse não enfrentar infortúnios relacionados ao racismo. Nesta esteira, sua sexualidade também era um ponto que o conturbava. Assim, ele bebia e se valia das drogas para afogar suas frustrações em relação às cobranças injustas que percebia que recaíam sobre ele, ao mesmo tempo em que estar sob o efeito das drogas também provocava nele um efeito de disponibilidade para poder se envolver com outros homens sem julgamentos morais.

Posteriormente, tentando se livrar do vício, encontrou no exemplo de seu pai a possível solução para sua angústia. Ex-alcoólatra, o pai de Thiago conseguiu abandonar o vício através de um centro de recuperação evangélico, o que motivou Thiago a posteriormente buscar auxílio na religião para abandonar seus vícios. Por um lado, a estratégia foi efetiva e, de fato, conseguiu se afastar das drogas. No entanto, ao se inscrever de maneira cada vez mais profunda em um contexto religioso, começou a notar que sua sexualidade não era bem-vinda na igreja em que frequentava. Lá, de maneira involuntária, a bissexualidade de Thiago foi descoberta e ele relata que com isso passou a ser tratado com frieza e distanciamento por membros que antes eram próximos, incluindo o próprio pastor e sua família e as atribuições que Thiago tinha na igreja aos poucos foram sendo retiradas. A mulher com quem Thiago estava em um início de relacionamento também se afastou ao descobrir sobre a orientação sexual até então não mencionada.

Alguns anos depois, Thiago vivenciou outra experiência significativa de bifobia. Ele chegou a viver um casamento com uma mulher por cerca de 8 anos. Ainda que ela soubesse de sua atração por mais de um gênero, nem sempre o compreendia bem. Em algumas discussões, insinuava que Thiago poderia estar com ela por comodismo financeiro - uma vez que à época o salário dela era superior ao dele - e que seu verdadeiro desejo era de estar solteiro, nas ruas, transando com homens. Esta fala, particularmente, foi dolorida para o entrevistado, que alega que toda a confiança e companheirismo que vivera até então com sua esposa fora colocado ladeira abaixo. Nestes momentos, sua sexualidade se apresentava como uma questão maior que os pontos positivos de seu casamento. Algum tempo depois, a união teve fim, por desarranjos de outra ordem mas que se somaram às incompreensões de sua esposa sobre a bissexualidade. Este relato, além de revelar um preconceito já debatido, qual seja a de que a bissexualidade é uma fuga à identificação com a homossexualidade, também ilustra que homens bissexuais também são relacionados à deslealdade e a um apetite sexual fora de controle, atributo que também se relaciona a seu aspecto racial, conforme será apresentado em subseção 5.4.1.

Mohamed, por sua vez, afirma que poucas foram as vezes que pode se perceber como vítima de preconceito decorrente de sua sexualidade. Mas em alguns pontos da entrevista informou que mulheres com quem se relacionava casualmente demonstraram surpresa ao saber de sua bissexualidade. As reações variavam entre uma recusa em continuar a relação e o convite para um envolvimento sexual a três, fala esta que flerta com a relação entre bissexualidade e promiscuidade, como se interessar-se por mais de um gênero apresentasse uma relação direta com desejar, ao mesmo tempo e o tempo todo, relações com mais de uma pessoa. Curiosamente, Mohamed também relatou um fato que pode ser compreendido como uma não assimilação da bissexualidade de outras pessoas de sua parte. Em seus usos dos aplicativos, informou que em algumas ocasiões pode se deparar com outros homens que também se diziam bissexuais mas que, entretanto, não saberia dizer se a informação de seus interlocutores era genuína ou se era parte de uma estratégia de hierarquização de masculinidade, na medida em que na sua visão a bissexualidade poderia se estabelecer em patamar acima da homossexualidade na aproximação com um ideal heterossexual, na medida em que bissexuais também se relacionam com mulheres. Este relato, se aproximado de seu depoimento sobre a visão que as mulheres possuem da bissexualidade gera uma situação paradoxal. Se por um lado a bissexualidade masculina se aproxima de um ideal hegemônico de masculinidade de acordo com a visão de homens que se relacionam com homens, através de uma “passabilidade hétero”, pela ótica das mulheres que se relacionam com homens a bissexualidade masculina é enxergada como defectiva se comparada a homens heterossexuais, segundo seu relato.

Ainda que seja possível considerar legítima a alegação da “passabilidade hétero”¹⁴ como recurso disponível para homens bissexuais evitarem represálias decorrentes da não aceitação social de sua sexualidade, é de se considerar que a pesquisa de Richard Miskolci (2017a) sobre as negociações de desejo e subjetividade através dos aplicativos de sexo revelou que os perfis de homens que “passam por hétero” que buscam ou que se apresentam como alguém “discreto e fora do meio” são vistos como os mais desejados, inclusive por uma margem considerável de homens homossexuais, isto porque, segundo o autor, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o desejo homoerótico passou a ser combatido com maior força.

Neste quadro, simular categorias hegemônicas atuam no sentido de garantir segurança e evitar desprestígio social. Isto revela que mais importante do que criar categorias

¹⁴ Por “passabilidade hétero” pretendo definir aqueles que, ainda que se identifiquem como bissexuais, são acusados de portar um estilo corporal e expressivo que à primeira vista os remete socialmente ao campo da heterossexualidade e, portanto, dentro de uma categorização privilegiada.

de acusação contra determinadas formas de negociação de visibilidade do desejo, é necessário pensar as estruturas de um regime heterossexista que exige a ocultação do desejo de homens pelo mesmo sexo (independente da forma como se definem) como uma condição para que sejam respeitados em suas famílias, trabalhos e no convívio social como um todo. Em tempo, “passar por hétero” não goza das mesmas prerrogativas que efetivamente se identificar com a heterossexualidade. Muitas vezes os custos psicológicos pelo dever de ocultação de seus desejos são altos, na medida em que por vezes, ocultar a sexualidade em determinados espaços sociais envolve a manutenção de uma estressante vida dupla. Falar na identificação de formas de desejo dissidentes com a heterossexualidade também exige pensar sobre os recursos que pessoas não heterossexuais possuem para serem aceitas. Por vezes, na ausência de um repertório político na compreensão de si mesmos e da posição que ocupam no mundo, muitos homens que sustentam relações homoeróticas enxergam na “passabilidade heterossexual” o único recurso para serem aceitos socialmente.

Só é possível se identificar com o que é disponível e, frequentemente, tende a ser com o que é socialmente reconhecido – o que, no caso dos sujeitos que desejam pessoas do mesmo sexo, tem se dado dentro de um histórico de vigilância coletiva que engendra formas de autorregulação para ganhar visibilidade com segurança, portanto dentro de padrões hegemônicos (MISKOLCI, 2017a, p. 280).

Conforme apresentado na seção 3, a matriz que garante a inteligibilidade dos desejos opera através de um binário que considera válido apenas duas posições: a heterossexualidade que se constitui enquanto norma, e a homossexualidade, que é definida como abjeção. Meios-termos não cabem neste espaço na medida em que ambas as categorias somente ocupam as posições de poder sendo constituídas uma por oposição à outra. Para além da ocultação da bissexualidade das possibilidades de reconhecimento, lidar com as formas de negociação da sexualidade revela como as categorias sexuais são elaboradas artificialmente, ao invés da estruturação a partir de categorias pretensamente essencialistas, que consideram as possibilidades de identificação sexual como meramente oriundas de uma ordem natural. Neste ponto, importante frisar que esta suposta ordem natural, calcada desde ao menos o século XIX pelo discurso médico (ver subseção 2.4 a 2.7), guarda relação com a própria forma de produção dos corpos e desejos. A estabilidade ficcional da heterossexualidade e da homossexualidade, portanto, possibilitou a maior concentração de estudos sobre estas formas de disposição de desejo, na medida em que, por supostamente serem estáveis, apresentavam melhores condições de mensurabilidade das informações e definiram as formas de se fazer

pesquisa sobre sexualidade. A bissexualidade, por sua vez, interpretada como difusa e de difícil delimitação, foi apagada da esfera de reconhecimento (GARBER, 1997, p. 301).

5.4 MASCULINIDADE E BISSEXUALIDADE: NOVAS FORMAS DE NEGOCIAÇÃO

Como já mencionado, pesquisas pretéritas sobre a bissexualidade masculina indicaram uma forte influência da masculinidade hegemônica na negociação identitária dos agentes pesquisados, o que faz com que as relações com homens sejam marcadas pelo sigilo e discrição (SEFFNER, 2003; SANTOS FILHO, 2012; SILVA, 1999). Fernando Seffner (2003) em sua tese adota a nomenclatura “masculinidade bissexual” justificando que para os correspondentes de sua pesquisa, os atributos de masculinidade eram mais fortes que os marcadores de sexualidade na construção de suas posições de sujeito. Em minha pesquisa, no entanto, pude notar uma margem mais flexível de negociação da publicidade da relação dos homens bissexuais com outros homens, ainda que em períodos, especialmente durante as elaborações identitárias na adolescência, muitos entrevistados tenham revelado a influência de um papel hegemônico na negociação de suas posições. Ponto este que merece ser detalhado com um pouco mais de atenção, de modo a não negligenciar as narrativas apresentadas.

A começar por Mohamed, o primeiro entrevistado revelou que ainda que mantenha as relações com homens em um patamar de discrição mais alto comparativamente a suas relações com mulheres, revela já ter relatado a algumas delas seu interesse também por homens. Durante a entrevista ele também demonstrou que a masculinidade hegemônica teve, de fato, participação na sua formação identitária. Perguntado sobre sua primeira relação sexual, este relatou que se deu durante o Ensino Médio, com uma garota. Para a primeira relação, ele afirma que as pressões de seus amigos homens se somavam a sua curiosidade em experimentar o sexo. Neste ponto, cabe mencionar também que as façanhas sexuais e a sexualidade predatória são formas tradicionais se se construir uma masculinidade hegemônica, na medida em que aloca o homem na posição do dominante que penetra, em contraposição à posição da mulher dominada e passiva.

Pierre, por sua vez, também relatou que em sua adolescência a masculinidade hegemônica teve atuação em ao menos alguns episódios. Ele relata que no início de sua adolescência, por volta dos quatorze anos, praticava *bullying* com seus amigos contra um garoto de sua sala que possuía traços afeminados. Sobre este fato, é curioso notar que poucos meses após os episódios de marginalização do colega, o próprio Pierre começa a se sentir atraído por ele. Ou seja, a estrutura que ele reiterava para segregar seu colega é a

mesma estrutura que também fazia oprimir o seu próprio desejo. Aos poucos Pierre se aproximou do garoto, demonstrando ter interesse por ele. Relutante, o garoto não cedeu inicialmente às investidas por considerar que se tratava de uma armadilha para expô-lo aos demais. Porém, aos poucos pode notar que a atração de Pierre era genuína e a aproximação acabou redundando no primeiro relacionamento de ambos.

Tanto a experiência de Mohamed no primeiro contato sexual, quanto o episódio relatado por Pierre revelam que a influência masculina no contexto da sexualidade também se aproxima de uma homossociabilidade que categoriza como inadequados aqueles que não cumprem com os papéis sexuais que se espera. Cabe aqui retomar o conceito de casa-dos-homens (ver seção 3.4), de Welzer-Lang (2001), onde os mais jovens aprendem através de imposições de homens mais velhos e experientes como devem se portar para serem legitimados dentro de um sistema que os privilegia.

João também aponta que uma noção rígida de masculinidade foi influenciadora de seu comportamento, mesmo após sua identificação como bissexual. Ele relata ter vivido um relacionamento de aproximadamente seis anos com uma mulher e que ainda que ela estivesse ciente de seu desejo por homens e mulheres¹⁵, João não sabia como lidar com ela em relação a seu desejo. Por vezes, ele se via na obrigação de representar papéis tradicionalmente masculinos de modo a tentar trazer uma maior segurança para sua companheira. Ainda que gostasse de programas voltados ao público LGBTQIA+, como *RuPaul's Drag Race*, evitava assisti-lo enquanto sua namorada estava com ele, como uma forma de tentar não arranhar a imagem de sua masculinidade. Ainda que ele considere que de fato sua namorada não soube lidar muito bem com seu desejo, apresentando diversas inseguranças em relação a medo de traições, João afirma que ele também teve papel na construção desta situação ao não conseguir explicar de maneira satisfatória para sua namorada como ele se sentia. A bissexualidade era um não-assunto e muitas as inseguranças que João sentia em relação ao namoro eram decorrentes de suas próprias inseguranças em relação à sua adequação ao papel tipicamente masculino. O terceiro entrevistado também relata que por ser de uma cidade no interior do estado e por ter gostos destoantes do que se espera de um homem, como o interesse em dançar e pintar os cabelos, em algumas ocasiões ele se viu vítima de ameaças e perseguições até mesmo por desconhecidos na rua por não se enquadrar no papel esperado

¹⁵ Adoto aqui a referência a atração por homens e mulheres em vez da adoção conceitual habitual da bissexualidade como “atração por mais de um gênero”, na medida em que durante a entrevista João afirmou interessar-se somente por estas duas categorias, ainda que problematize sua não atração por outras manifestações de gênero.

socialmente, mas que atualmente não se prende a modelos de comportamento que antigamente eram responsáveis por provocar nele angústia e insegurança por se sentir fora dos imperativos sociais.

Da mesma forma que João, Bruno relata que as construções hegemônicas de masculinidade atualmente pouco importam para ele. Entretanto, antes de se revelar para sua mãe e conhecer seu atual namorado, em brigas familiares era corriqueiro que seu irmão, hoje falecido, dirigisse a ele improperios com o intuito de rebaixar sua virilidade, chamando-o por ofensas homofóbicas. Sua reação imediata era devolver os xingamentos, ainda que posteriormente se arrependesse e questionasse a motivação de seu comportamento. A reboque de seu arrependimento também vinham inseguranças sobre sua performance de gênero, se questionando se estava, de fato, “dando pinta”. A superação deste tipo de conflito interno, segundo ele, foi proporcionada pela aproximação de grupos LGBTQIA+ que lhe servia de amparo e possibilitavam a construção de uma nova perspectiva sobre a vida, com o receio sobre uma inadequação a uma hegemonia masculina sido drasticamente reduzido após a revelação de seu namoro para seu núcleo familiar mais próximo.

Joaquim foi um dos entrevistados que mais teve problemas sociais em relação a sua performance de masculinidade. Seu sofrimento na escola e no próprio seio familiar lhe rendeu alguns traumas que somente pode reduzir com o tempo. Após a discussão com seus pais por conta de seu primeiro relacionamento homoerótico (ver seção 5.2), ficou diversos anos sem contato com seus pais, que não o aceitavam. A rejeição era tamanha que até mesmo a filha de Joaquim não pode compartilhar da companhia dos avós durante este período de relações estremecidas. Após um acordo tácito de ocultação de parte de seu desejo, novos problemas surgiram. Durante um período considerável, Joaquim não se envolveu em qualquer relacionamento mais duradouro com um homem, o que para ele era razão suficiente para não confrontar novamente seus pais em relação a sua sexualidade. Neste meio tempo, relacionou-se com uma mulher e com ela teve uma filha, fruto de uma gravidez não planejada. Ainda durante a gravidez ele percebeu que não gostava tanto da companheira a ponto de ter vontade de permanecer no relacionamento. Ainda assim, informou ter continuado no relacionamento até que sua filha nascesse e completasse alguns meses para então findar sua relação. Algum tempo após o término, passou a novamente namorar um homem, relatando que seu sentimento era muito mais forte que na relação anterior.

Joaquim procurou evitar o contato direto de seus pais com seu namorado. No entanto, a postura de seu companheiro foi de não admitir uma recusa de seus sogros a seu relacionamento, na medida em que já havia vivenciado experiências homofóbicas nas relações

familiares de seus namorados anteriores. Então, pressionado por seu companheiro e também insatisfeito com o contorno da relação com seus pais estava se desenvolvendo, Joaquim aos poucos começa abordar seu relacionamento com seus pais. Inicialmente bastante arredios, foram aos poucos aceitando a orientação e a relação do filho, buscando a mãe de Joaquim recursos terapêuticos para auxiliá-la na aceitação. Finalmente, o marco no restabelecimento da relação familiar ocorreu poucos meses antes da nossa conversa, em um jantar no dia das mães, em que toda a família nuclear de Joaquim se reuniu para conhecer seu companheiro. Ainda que a ocasião tenha sido marcada por um clima um pouco protocolar, Joaquim afirmou que por dentro estava radiante, pois era uma ocasião bastante simbólica da aceitação de seus pais do seu relacionamento e, em consequência, dele mesmo.

Seu relacionamento também não é ocultado dos colegas de trabalho de Joaquim, ainda que também não torne sua vida objeto de assunto frequentemente. Em alguns episódios, ainda que informe não carregar nenhum apreço pela forma como a performance masculina é tipicamente construída e valorizada, ao falar de sua bissexualidade e seu relacionamento, Joaquim se vale da menção a sua filha e ao fato dela ser fruto de uma relação sexual com uma mulher como uma forma de “provar” a sua bissexualidade. Neste ponto, é possível notar que para além de legitimar sua sexualidade, a afirmação de Joaquim é paradoxal pois também pode ser tomada como um atributo de virilidade e adequação a um sistema que rege a sexualidade a partir de lógicas reprodutivas heterossexistas.

Importante notar que tanto o exemplo de Bruno quanto o de Joaquim mostram de maneira rica como as construções envolvendo a masculinidade se articulam de maneira muito próxima com as percepções sociais envolvendo a sexualidade dos homens. Ser relacionado à homossexualidade atua como um insulto não apenas à sexualidade, mas também a própria condição de ser homem, na medida em que ser homem em nossa sociedade também é sinônimo de ser heterossexual.

Outras narrativas, como a de Rafael, apresentaram pontos dignos de serem considerados. Ele trouxe em nossa conversa que sua percepção de masculinidade foi grandemente influenciada pelo exemplo de seu irmão mais velho, não apenas pela relação de influência que os irmãos maiores exercem sobre os menores, mas também porque ele incarnava diversos atributos valorizados socialmente em um homem. Durante o período escolar, o irmão era um jovem bonito, atlético, popular e desejado. E, conforme mencionado em capítulo 3, ainda que os atributos de uma masculinidade hegemônica estejam no campo da abstração, jamais podendo ser atingido integralmente por ninguém, a percepção que Rafael tinha era a de que a masculinidade correta a ser performada se dava a partir do exemplo que

tinha na própria casa. Ainda que posteriormente Rafael tenha se revelado gay e depois bissexual, sua relação com o irmão nunca foi distante, pelo contrário. Ele argumenta que a aceitação do irmão sobre sua sexualidade foi uma das mais naturais e tranquilas.

Diferentemente de boa parte dos entrevistados, Fabrício foi um dos poucos que mencionou expressamente um descontentamento com a forma como sua masculinidade é enxergada. Na visão dele, sua performance masculina acaba sendo inferiorizada em razão de um duplo aspecto: por ser um homem bissexual e por namorar uma mulher transexual. A percepção sobre a subordinação de sua masculinidade é relatada em alguns pontos da entrevista. Sua ex-companheira, uma mulher cisgênero com quem tem uma filha, não escondeu seu desapontamento ao descobrir recentemente sobre sua bissexualidade. Chegou a acusa-lo de usar o relacionamento que mantiveram como uma forma de ocultar seu verdadeiro desejo por homens. Em relação a sua atual namorada, ele revela se posicionar com firmeza sempre que lida com discursos transfóbicos, mas reconhece que é possível que ele seja lido socialmente como um homem que não se enquadra aos padrões hegemônicos. Ser desqualificado em sua masculinidade é um ponto que parece afetar consideravelmente Fabrício, de modo que ele revela ser esta a principal dificuldade para aceitar e revelar sua bissexualidade. De fato, em uma primeira vista, Fabrício não traz em sua performance nenhum traço ou signo que possa ser lido como bissexual ou homossexual. Ao revelar-se, ele diz correr o risco de surpreender negativamente pessoas menos próximas, o que talvez justifique a razão pela qual ele afirma não esconder, mas também não aborde com frequência sua sexualidade com grupos sociais que não se mostrem pertinentes. Em determinado momento da entrevista ele aproxima a experiência de se revelar como homem bissexual da experiência de namorar uma mulher transexual. Em seu argumento, tanto o envolvimento com uma pessoa transgênero quanto a não identificação com a heterossexualidade atuam como marcadores de rebaixamento da masculinidade nos padrões habitualmente considerados.

De modo geral, pude notar que as negociações que os entrevistados fizeram e fazem em relação à sexualidade diverge do perfil dos homens bissexuais analisados em trabalhos anteriores na medida em que praticamente todos eles trazem a publicidade da bissexualidade em alguns campos. Ser um homem bissexual, para eles, não parece estar atrelado a fortes noções de masculinidade hegemônica. Ainda que não formulasse perguntas sobre o perfil de homens pelos quais se atraíam, nenhum entrevistado revelou em outras perguntas ou em nuances de respostas ter predileções de relacionamento com “homens machos”, “com jeito de homem” ou com “caras discretos e fora do meio”. Pelo contrário, o perfil dos entrevistados, em linhas gerais, possui um comprometimento mínimo com as desconstruções de padrões

nocivos de masculinidade ou se interessam por performances variadas de masculinidade, como Joaquim, que revela que seu namorado é afeminado e que também diz sentir atração por pessoas andróginas e mulheres masculinas. Não obstante, durante a conversa revelou ser versado sobre pautas caras à teoria feminista e disse rejeitar a forma como tradicionalmente é construída a imagem de masculinidade, se afastando voluntariamente das definições mais tradicionais que definem o que é ser homem.

Friso que, evidentemente, esta aparente desconstrução de padrões hegemônicos não se coloca de maneira absoluta. As formas como as relações de poder se estabelecem são sutis e muitas vezes pude perceber detalhes nas falas que aproximavam as narrativas dos meus interlocutores com normatizações masculinas, como no já citada narrativa trazida por Joaquim, na qual ele se vale do fato de ser o pai biológico de sua filha, utilizando este fato como uma forma de estratégia para viabilizar a sua bissexualidade em conversas com outras pessoas e, talvez de forma involuntária, reforçar sua masculinidade, na medida em que com este argumento pretendia afirmar que sua filha era decorrente de uma relação sexual sua com uma mulher.

Uma possibilidade que pode ser apontada para o tensionamento frequente entre as normas hegemônicas de construção da masculinidade e a quebra intencional destes padrões pode fazer morada na forma como as visibilidades discursivas afetam a construção subjetiva dos indivíduos. Dentro de uma matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2019), somente se constituem como formas válidas de performance aquelas que possuem a capacidade de serem reconhecidas como tal. Performances que não circulam pelo imaginário social estão menos propensas a serem legitimadas, na medida em que não há como se reconhecer aquilo que não figura no campo dos arranjos possíveis. Com isto em mente, pude perceber durante as conversas com os entrevistados, que foi um ponto comum dizerem não conseguir elaborar sua sexualidade enquanto bissexuais logo início de seus desejos e experiências sexuais.

Em tempo, acredito que o engajamento de boa parte dos homens entrevistados no grupo de discussão das pautas envolvendo a bissexualidade aos poucos possa fortalecer a imagem social da bissexualidade como possibilidade no campo da sexualidade. Nos casos dos homens que conheci fora da rede de bissexuais formada pela ONG, pude perceber que a aceitação da bissexualidade foi alicerçada pela proximidade dos entrevistados com outros grupos sexuais minoritários, como é o caso de Bruno, Rafael e Joaquim, além dos vínculos de amizade com pessoas LGBTQIA+ também relatados pelos participantes das reuniões da ONG, como João, Pierre e Fabrício. A construção da masculinidade e sua relação intrínseca

com a heterossexualidade também pode ser compreendida a partir do fato de que todos os homens em seu período de formação compartilham de uma base sexual comum (WELZER-LANG, 2001; LANZARINI, 2013). Este fato ajuda a compreender, portanto, as motivações que podem estar por trás da aproximação da bissexualidade com a masculinidade hegemônica apresentada nos trabalhos anteriores. De modo diverso, a aproximação com grupos que escapem ao regime heteronormativo de construção de masculinidade também pode ter auxiliado os entrevistados no processo de compreensão e aceitação da bissexualidade na medida em que “a identidade social é um laço que se estabelece com o grupo de pertencimento e atua na relação com outros grupos e pessoas, bem como numa autorrelação de aceitação/rejeição que envolve, nesta análise, a sociabilidade sexual.” (LANZARINI, 2013, p. 65).

5.4.1 Negritude e bissexualidade

Trabalhar a questão racial somada aos marcadores de gênero e sexualidade na presente pesquisa é uma tarefa que auxilia na compreensão das formas pelas quais as relações de poder se organizam de acordo com o nível de diferença em relação à norma que os corpos podem portar. Ochy Curiel (2018) salienta que a o sexo, raça e gênero se articulam com a realidade material, produzindo subordinações e opressões concretas. Compreender a maneira pela qual tais marcadores são organizados na produção das hierarquizações também se revela útil na medida em que permite o reconhecimento de ferramentas que possam auxiliar na eliminação das opressões, argumenta a antropóloga.

Dentre os oito participantes do projeto, dois se identificaram como pretos, Mohamed e Thiago. No entanto, o discurso sobre raça somado aos marcadores de gênero e sexualidade foi abordado com maior intensidade por Thiago. Ainda que apresentado por apenas um participante, aproximar o debate de raça da discussão de sexualidade, classe e gênero surge como uma boa oportunidade para reflexão sobre a aproximação interseccional destas categorias. Neste sentido, cabe salientar que a bissexualidade ainda é uma identidade branca, cuja origem remete a países desenvolvidos e a um ativismo de classe média (EISNER, 2021). Portanto, uma análise interseccional aqui proposta envolve pensar que as diferenças relatadas pelos entrevistados podem ser pensadas como performances autônomas em vez de necessariamente orientadas apenas pela bissexualidade na negociação subjetiva. Desta forma, a performance de homens bissexuais negros pode ser considerada como uma performance

identitária em si mesma, em vez de uma sobreposição de performances de bissexualidade, de masculinidade e de indicadores de classe (LEWIS, 2017).

Logo no começo de nossa conversa, Thiago afirma ser complicado conciliar a bissexualidade com a negritude. O fator racial que inicialmente relatou incomodá-lo foi a objetificação que os homens pretos frequentemente são submetidos. Lhe incomoda a exigência social que se impõe aos negros para serem excessivamente másculos. Sem grande dificuldade pode-se afirmar que este padrão vem acompanhando de outras normas de gênero que se coadunam com a hipermasculinidade negra. O homem negro deve demonstrar ser heterossexual, ativo e ter potência sexual.

De acordo com María Elvira Benítez (2007), estes estereótipos se calcificaram em razão da escravidão que se arrastou por um longo período no Brasil, preservando no negro preconceitos raciais relacionados ao labor escravagista. Segundo ela,

Os trabalhos pesados aos quais se submeteram os africanos e seus descendentes foram fundamentais na construção da imagem da força como sinônimo de barbárie. Isto por um lado permite ver as origens do preconceito da inferioridade das pessoas negras e de sua aptidão para trabalhos não-qualificados, como o serviço doméstico, a coleta do lixo, o trabalho como porteiros ou cozinheiros; por outro, isto organizou uma gramática da hierarquia racial construída em torno da sexualidade. Desta maneira, os corpos dos homens e mulheres negros e mulatos surgiram como um fetiche de superioridade e exotismo. O indivíduo negro visto como erótico está relacionado também com o primitivo, próximo à natureza; seu corpo é valorizado como sendo basicamente sexuado. (BENÍTEZ, 2007, p. 137)

Thiago afirma que as pressões raciais lhe causaram significativo impacto psicológico. Revelou em sua juventude ter percebido um forte contorno relacionado à sua raça. Conforme brevemente exposto em seção 5.3, para se destacar no trabalho, afirmou que deveria ser duas vezes mais hábil e competente que um homem branco. Socialmente também era vítima de racismo. Diz ter aprendido em sua juventude a sempre andar bem arrumado e, em espaços de consumo como mercados, a andar com os braços para trás, de modo a evitar ser acusado de furtos e receber possíveis agressões físicas em razão das acusações infundadas de subtração de bens. Sua família também era responsável por algumas formas de pressão racial sobre Thiago. Pressionavam-no a sustentar uma virilidade exacerbada, dizendo que deveria impostar gravemente a voz, por ser “negão” e a gostar de estilos musicais culturalmente relacionados à negritude, como o pagode, o rap e o funk. Thiago, por sua vez, não se sentia bem com tais tipos de imposição e afirmava ter mais interesse pelas músicas do Roxxette, Djavan, Prince, Cindy Lauper e Michael Jackson.

A vida de Thiago passou por um período bastante turbulento, no qual acabou desenvolvendo dependência química de álcool e outras drogas. Ele afirma que este abuso servia para ele como uma válvula de escape para as complicadas situações raciais e sexuais que vivenciava (ver seção 5.3). O abuso de drogas também estava relacionado com as expectativas familiares em relação às atitudes de Thiago. Sua família pouco falava sobre sexualidade, mas ele sabia que o relacionamento com homens não era bem visto em seu lar. Após sair com homens, sentia tristeza e angústia por estar decepcionando seus pais em dois aspectos: não poder relatar a eles sobre este ponto de sua vida e por estar se relacionando também com homens.

Ao buscar se livrar do vício através da religião, se viu envolvido em questões de outra ordem. A religião, por sua vez, acabou sendo mais um fator complicador na aceitação de sua sexualidade. De acordo com os preceitos da igreja que frequentava, ser bissexual era estar em pecado, pois envolver-se com homens era sujo aos olhos de Deus. A amálgama das pressões familiares, raciais, religiosas e sociais fizeram com que Thiago ocultasse por muito tempo sua orientação sexual. Apenas sua ex-esposa, com quem foi casado por oito anos sabia de seus desejos, ainda que em alguns episódios relatados demonstrou não aceitar bem a sexualidade do seu então esposo.

Após seu divórcio, Thiago buscou relacionar-se através dos aplicativos de encontros sexuais, outro espaço que afirma ter sofrido diversas formas de violências raciais. Por lá, afirmou serem frequentes as expectativas objetificadoras de que ele deveria ser um “negão pauzudo”, insaciável sexualmente e que exercesse invariavelmente a posição de ativo. Também revelou serem comuns estereótipos de que, por não apresentar o nariz largo, característico da raça negra, alguns homens chegassem a duvidar que ele seja negro de fato e usam esta oportunidade para pedirem *nudes* que mostrem o tamanho do seu pênis. Bastante crítico, ele se pergunta sobre as razões de seu órgão genital falar mais sobre si do que a própria pele. Relatou também a alta frequência com que falas direcionadas a ele o retratem como “moreno”, o que ele afirma repelir veementemente dizendo não ser moreno, mas sim preto.

Thiago também se ressentia com o fato de que ser alvo de objetificação racial nos aplicativos faz com que ele seja uma pessoa solitária. Ele diz que decorrente da objetificação racial, a maioria dos homens acaba procurando para relações sexuais casuais, negligenciando o desejo de Thiago por uma construção de uma maior aproximação e a abertura para um eventual relacionamento. Ainda que severamente descontente com as representações estereotípicas que recaiam sobre si, Thiago afirmava que ainda assim, condizer

com elas também era uma forma de buscar pertencimento em um ambiente que, de outra forma, o recusaria.

E tipo assim, no começo de algumas coisas, não vou te dizer que eu não mentia e falava que eu fazia tudo isso mais. Eu queria pertencer. Eu queria ter a possibilidade de conhecer alguém. Aí você se sujeita. “Aí, eu não faria isso.” Lógico! Você é de vinte anos agora, tem representatividade. (Thiago)

Com esta fala, é possível perceber alguns pontos. Em primeiro lugar, Thiago reconhece que nas esferas digitais dos relacionamentos entre homens, muitas vezes a única forma de ser legitimado como um corpo negro desejado é através da adequação da sua posição de sujeito às noções estreitas e preconcebidas de como supostamente um homem negro deve ser. Estas definições, por sua vez, seguindo a defesa de Benítez (2007) apresentada anteriormente, revelam como os corpos se sujeitam a regimes históricos de construção de desejo, na medida em que a construção do homem negro como bestial, ativo, mais aproximado da natureza e altamente sexualizado remonta ao período escravocrata, no qual através da submissão a trabalhos braçais, além da evidente submissão à diversas formas de submissão nas relações de poder e nas construções discursivas auxiliaram a construir negativamente uma imagem sobre a negritude. Nos ambientes de relacionamento homoerótico, esta imagem de masculinidade negra é refletida no imaginário de que o homem negro deve ser necessariamente ativo, com um pênis avantajado e de ereção hiperprolongada, como relatado pelo entrevistado. A não adequação aos estereótipos faz com que emerjam de maneira aglutinada os diversos preconceitos que se referem a homens negros com desejos homoeróticos. Neste ponto, Thiago assevera que ainda possui a sorte de ter a predileção por desempenhar o papel ativo em suas relações sexuais. Caso contrário, sua estigmatização seria ainda mais severa e talvez colocasse mais em risco sua própria vida. Em suas palavras, “quando é negro passivo e se ainda tem trejeito, meu deus, você sofre o dobro, cara. Pega o jornal e você vê aí, eles matam. Eles matam! É um absurdo!” O relato de Thiago e o argumento de Benítez apresentado anteriormente mostram que os regimes eróticos, portanto, não devem ser tomados como uma tábula rasa a partir da qual os indivíduos buscam organizar laços afetivos e sexuais, mas sim como fortemente influenciados por contextualizações históricas e sociais (MISKOLCI, 2017a, p. 130).

A não conformação aos estereótipos faz com que as minorias corram o risco de, para além de não serem legitimadas em suas particularidades, sequer serem reconhecidas de forma ampla. Com isso, também foi possível perceber que o encaixe forçoso em padrões esperados,

ainda que traga uma suposta inserção no circuito de desejo dentro dos aplicativos, também é responsável por provocar um sentimento de inautenticidade. Ao performar uma hipervirilidade esperada, Thiago era legitimado enquanto objeto de desejo, mas não enquanto sujeito, daí sua reclamação em relação a falta de atenção que recebia em relação a seus anseios por formas de envolvimento mais profundas.

O descompasso entre a expectativa que recai sobre si e a expectativa nutrida em relação aos outros nas redes de relacionamento entre homens acabou provocando um alto nível de frustração em Thiago, na medida em que para ser desejado nesta esfera, ele deveria negociar sua posição de sujeito de forma a não revelar suas verdadeiras características de predileções e, ainda assim, sua aceitação era condicionada somente na esfera do desejo. Em contrapartida, sua expectativa em relação a seus interlocutores raramente se satisfazia. Percebeu com isso que o esforço pela sua adequação lhe trazia resultados pontuais e muitas vezes insatisfatórios, motivando-o a abandonar este tipo de performance e confrontando os homens que esperam dele o desempenhar de performances estereotipadas. Sua prioridade na ocasião de nossa conversa, afirmou, é buscar relacionamentos com pessoas que o priorizem enquanto indivíduo, e não apenas como objeto de desejo. Ao agir dentro do enquadramento esperado socialmente, ele pontua, não estava quebrando padrão algum, mas o padrão que estava lhe quebrando.

Sobre a forma com que Thiago relata ser percebido nos aplicativos de relacionamento entre homens, é interessante notar que sua fala se organiza com contribuições teóricas decoloniais sobre as dinâmicas entre sexo, gênero e raça. Thiago acusa de colonial o pensamento que ele diz encontrar e que espera que ele tenha todos os atributos hipervirilizantes que supostamente um negro deve ter. De fato, as dinâmicas de poder que se estabelecem, especialmente quando atreladas a fatores interraciais pode perpetuar reminiscências de um passado colonial. Ochy Curiel (2018) e María Elvira Días Benitez (2007) também elaboram sobre a importância de contextualizar sobre os diferentes cenários em que as relações de raça, sexualidade e gênero podem se interconectar, produzindo formas diversas de opressão a depender a posição de sujeito ocupada. Curiel (2018) também chama a atenção para como são produzidas novas formas de colonização na América Latina a partir da forma como se instalaram as leituras sociais sobre raça.

Assim, o relato de Thiago, para além de demonstrar a importância de discutir mais a fundo sobre como a junção de diferentes marcadores pode produzir diferentes formas de opressão, também revela os riscos de se pensar e construir uma bissexualidade que continue sendo acessível a um grupo minoritário e privilegiado em uma ordem colonial heterossexista,

qual seja, homens brancos, de classe média e letrados o suficiente para conseguirem localizar o discurso da bissexualidade e se enxergarem representados por esta forma de compreender as relações socioafetivas e as políticas de compreensão da sexualidade.

Na sequência, será abordado como homens bissexuais negociam suas formas de desejo com diferentes grupos e quais são as armadilhas que se colocam quando pensamos em padrões absolutos de publicidade de ocultação da sexualidade. Para tanto, nos valeremos da contribuição de Eve Sedgwick e Richard Miskolci sobre o dispositivo do armário e a constante mobilidade e negociação das posições de sujeito.

5.5 PRIVILÉGIOS E A PUBLICIZAÇÃO DA BISSEXUALIDADE

Em geral, os homens bissexuais os quais entrevistei revelavam sobre sua orientação sexual para alguns grupos sociais, cuja abrangência variava desde poucos amigos e familiares mais próximos, até a entrevistados que alegavam apresentar uma visibilidade mais ampla sobre a sexualidade, a levando a conhecimento de grupos como amigos, conhecidos, familiares e colegas de trabalho. A amostra revela, portanto, que a reflexividade dos entrevistados sobre a sexualidade destoava das pesquisas prévias envolvendo a bissexualidade masculina. Seffner (2003), Santos Filho (2012) e Silva (1999) encontraram através de suas pesquisas um perfil de homem cuja aproximação com uma masculinidade hegemônica se mostrava impeditiva da publicização do interesse sexual/afetivo por outros homens, argumentando o primeiro autor que as masculinidades bissexuais se relacionam grandemente com uma masculinidade heterossexual e sendo dela intrinsecamente dependente (SEFFNER, 2003, p. 168), na medida em que as imagens construídas por seus informantes era espelhada na imagem de um homem dominante, viril e muitas vezes homofóbico e misógino, que buscava afastar de si qualquer atributo lido como feminino e que pudesse abalar sua masculinidade. Desta forma, viver a bissexualidade masculina para seus informantes envolve uma constante tensão entre uma masculinidade heterossexual e uma masculinidade homossexual. Na mesma linha que o grupo estudado por Seffner, a conduta dos homens analisada por Santos Filho (2012) também demonstrou forte receio de ser atrelada à homossexualidade, o que os fazia buscar as salas de bate-papo como um campo potencialmente seguro realizarem seus desejos sexuais e manterem sua identidade preservada. Já de acordo com a pesquisa realizada por Valdeci Silva (1999) com homens michês e não michês que se relacionavam sexualmente com outros homens, a classificação de seus informantes foi realizada em três categorias: “heterossexual com prática bissexual”, categoria

que se relaciona com a dos autores mencionados anteriormente, na qual os homens inseridos nesta categoria estipulariam uma série de regras para seus encontros com outros homens, de modo a negociar não apenas o valor de um eventual programa, mas também seus atributos de masculinidade. A segunda categoria trabalhada pelo sociólogo em sua pesquisa de dissertação foi a de “homossexual com ‘fachada’ de heterossexual ou bissexual”, categoria que ele atribui a homens que alegavam a bissexualidade como uma suposta forma de fugir de eventuais represálias dirigidas contra homossexuais. Por fim, a última categoria de análise que trabalha em relação a seu campo foi o que Silva denominou de “verdadeiros bissexuais”, homens que se atraíam por homens e mulheres e que buscavam resguardar sua família e convívio social de forma paralela a seu contato sexual com homens.

Na presente pesquisa, no entanto, a abertura em relação à sexualidade e a forma como os entrevistados negociavam socialmente sua masculinidade tendeu a ocorrer de maneira diversa em relação aos trabalhos anteriores sobre bissexualidade masculina. Sobre esta divergência, acredito que ela possa ter surgido por conta de alguns aspectos. Conforme já mencionado, os participantes da pesquisa que ora se apresenta tiveram como característica comum a alta escolaridade, o que pode ter contribuído para o acesso dos entrevistados a discursos sobre a bissexualidade de maneira positiva. O acesso a tais discursos, portanto, pode ter contribuído para uma maior construção do vocabulário dos entrevistados e, por consequência, uma melhor compreensão de seus desejos. Mohamed, Bruno, Rafael e Joaquim afirmaram em suas falas terem buscado informações sobre a bissexualidade, seja através de livros ou conteúdo da internet (artigos, vídeos e *podcasts*), como uma forma de entenderem melhor a si mesmos através de um domínio conceitual mais elaborado sobre as possibilidades da bissexualidade. Já Fabrício, João e Pierre certamente puderam trabalhar aspectos da sua sexualidade junto ao grupo de apoio formado pela ONG Dignidade com a finalidade específica de debater e trazer visibilidade para a causa bissexual. Ainda, o interesse dos três em participar das reuniões presenciais (realizadas antes da pandemia) revela não apenas o interesse em compreender a própria bissexualidade, mas sinaliza para um engajamento político por melhor reconhecimento e legitimação da atração por mais de um gênero.

O que pode ser considerado em relação a todos os entrevistados é que a internet teve um papel fundamental para se inserir em discursos politicamente favoráveis sobre a bissexualidade. Como já mencionado, aqueles que não estiveram presentes nas reuniões organizadas pela ONG, passaram a assimilar e a se reconhecerem como bissexuais através das pesquisas que realizaram no campo virtual. Já a organização do primeiro encontro do grupo de debate de bissexualidade teve sua publicidade realizada através do agendamento de um

evento pelo Facebook organizado pela página da própria ONG, tendo atraído mais de 20 pessoas logo na primeira reunião, conforme já mencionado anteriormente.

A alta carga de informação social e política que os entrevistados apresentaram também pode ser relacionada à forma como eles negociam a sexualidade. De imediato, todos que aceitaram o convite para a entrevista aceitaram expor e gravar não apenas sua voz, mas também sua imagem, reconhecendo que a identificação como bissexual não deve ser levada como uma característica negativa em sua personalidade. De modo geral, a forma como os entrevistados trabalhavam sua sexualidade em diferentes grupos permite considerar que existe da parte deles um verdadeiro engajamento para romper com um regime de visibilidade heterossexista enquadra as possibilidades sexuais em binômios.

Entrevistados como João, Bruno, Rafael, Joaquim e Pierre alegaram ser de conhecimento sua família mais próxima o fato de serem bissexuais. Mohamed e Fabrício informaram que apenas, respectivamente, a irmã e a mãe sabem da pluralidade de seu desejo. Thiago, por sua vez, relatou apenas para sua ex-esposa sobre seu interesse por mais de um gênero.

Alguns entrevistados também revelaram ter abertura sobre sua sexualidade em outros campos sociais. Praticamente todos eles relataram que os amigos são com frequência um grupo ao qual decidem relatar sobre suas experiências envolvendo a sexualidade. Na seara profissional, João, Pierre e Joaquim apresentaram narrativas que de alguma forma tenham exposto suas predileções nestes espaços.

No entanto, ainda que alguns entrevistados tenham falado pouco sobre sua sexualidade com diferentes sujeitos e grupos sociais, não devem ser considerados como enrustidos ou não resolvidos em sua sexualidade (do mesmo modo que os homens bissexuais participantes de outras pesquisas sobre tema tenham preferido manter suas predileções de maneira reservada). Neste sentido, é importante repisar algumas considerações pontuadas em seção 4.3.

Uma vez mais, não defendo que seja possível falar em uma lógica de dentro e fora do armário para traçar considerações sobre a autoaceitação ou não da própria sexualidade. Conforme pontuado, este regime histórico foi construído a partir de uma lacuna histórica na construção de um modo específico de arranjo social valorizado por homossexuais estadunidenses durante a década de 60 (MISKOLCI, 2017a) e não se revela capaz de solucionar todas as questões envolvidas em uma decisão de ocultação ou publicização da sexualidade. Também abordei sobre como o binômio dentro/fora do armário se revela insuficiente para elaborar categorias de definição da sexualidade na medida em que estar

dentro ou fora do armário é sempre uma situação relacional e negociada caso a caso, de modo que novos armários surgem a cada nova interação social (SEDGWICK, 2007).

Merece destaque ainda que revelação ou não como homem bissexual dentro de um sistema que privilegia exclusivamente a heterossexualidade envolve um cálculo e uma escolha entre a categorização como desacreditados ou desacreditáveis (GOFFMAN, 2017). O desacreditado e o desacreditável se definem como portadores de um símbolo de estigma, ou seja, uma característica que os inferioriza face aos não portadores deste mesmo símbolo. Contudo, o desacreditável goza de ferramentas de ocultação de seu símbolo desabonador que o desacreditado não possui ou não está disposto a possuir. Assim, homens bissexuais inseridos em uma lógica que prestigia e considera como plenamente humanos os sujeitos heterossexuais podem escolher ou não se exporem a marcadores que irão reduzir sua categoria social.

Mesmo que se argumente que os discursos sobre a bissexualidade passaram a ser mais frequentes através das redes sociais e notícias da internet, é importante considerar que aproximadamente 1 em cada 4 brasileiros não contam com acesso à internet em casa¹⁶, o que ainda faz com que o acesso à informação e a discursos sobre a bissexualidade ainda seja limitado às camadas mais privilegiadas cultural e economicamente. Estar ou não aberto em diferentes escalas a apresentar e lidar com a bissexualidade e seus efeitos sociais não deve ser trabalhada apenas em termos de aceitação ou não da própria sexualidade. Em vez disso, defendo que a escolha na demonstração e defesa de uma sexualidade ainda subalternizada, mesmo que o acesso a discursos sobre a bissexualidade tenha ganhado visibilidade com a expansão das conectividade e das mídias sociais, segue mais relacionada a privilégios de ordem econômica e principalmente cultural que permitem, através de uma ampliação de vocabulário, uma melhor compreensão de si e de seus desejos dentro da cartografia política de categorização, enquanto pessoas menos privilegiadas continuam a ser mais influenciadas por discursos que defendem a inserção em um sistema modelar que organiza sexo, gênero, sexualidade e práticas sexuais.

¹⁶ Dados divulgados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) divulgou em pesquisa realizada em 2019 que 1 em cada 4 brasileiros ainda não possuíam acesso à internet. A maior discrepância acontece, sem surpresas, nas classes menos abastadas nas quais a falta de acesso chega a 50% da margem analisada. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4/>>. Acesso em 6 mai 2021.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei a pesquisa sobre bissexualidade masculina, tinha como intento buscar compreender melhor como homens bissexuais negociam visões sociais negativas e aspectos aparentemente conflitantes de sua subjetividade, como a masculinidade e a identificação com uma sexualidade não hegemônica. Para além desta compreensão, politicamente tinha para mim que pesquisar sobre o tema também poderia contribuir com a visibilidade de uma agenda tão pouco debatida. Entre os principais resultados que pude observar ao longo da pesquisa está a forma como o heterossexismo ainda regula as práticas sexuais e influencia as articulações de gênero. Desde a fase embrionária da pesquisa, realizada nas casas de *swing*, pude perceber que práticas masculinas que escapassem da norma eram suprimidas do campo de visão social mesmo em eventos que supostamente deveriam incentivar outros tipos de práticas sexuais.

Na fase da pesquisa de campo envolvendo a busca por homens bissexuais através dos aplicativos, também pude notar forte referência à heterossexualidade como forma de constituição subjetiva. Deparei com alguns perfis que, ainda que presentes em aplicativos de encontro sexual entre homens, se identificavam como heterossexuais e a própria história dos entrevistados também teve contornos que flertavam com uma heterossexualidade compulsória em alguns pontos da trajetória, em especial nos primeiros períodos de descoberta da sexualidade. Pude ouvir relatos de confusão na categorização do desejo bissexual com o homossexual, como na narrativa de Rafael e Joaquim e também relatos envolvendo a própria negação da bissexualidade, presente na desconfiança de Mohamed em aceitar como legítima a afirmação de outros homens que também se identificaram com a bissexualidade através dos aplicativos.

Conforme as contribuições de Scott (1998) trazidas ao trabalho, é importante considerar não apenas o relato destas experiências, mas também de que modo elas tiveram seu surgimento favorecido. A visibilidade da bissexualidade sempre foi um aspecto nebuloso e com uma definição difusa desde suas abordagens iniciais pelo discurso médico no século XIX e também pelos movimentos sociais que passaram a caracteriza-la no campo do desejo sexual a partir da década de 1970. Além de ter sido definida como condição física, a bissexualidade já foi trabalhada como uma base de formação sexual a qual estariam submetidas todas as pessoas e também como uma condição psicológica. Sua definição até hoje é palco de debates conceituais sobre as possíveis formas de atração que pode contemplar. Ainda, acredito que ter trabalhado com a historicização da bissexualidade foi rico por possibilitar como as

sexualidades não heterossexuais de modo geral sofrem com as categorizações impostas por um regime heterossexista e colonial. Neste sistema, os corpos e desejos são categorizados hierarquicamente de acordo com a aproximação de um ideal que tem como seu ponto máximo o homem branco, heterossexual e abastado. Surgiu de dentro desta hegemonia os discursos negativos que disseminaram pela primeira vez a bissexualidade masculina, atrelando-a a uma conduta sexual marginal e insidiosa que fez proliferar a aids, considerada em seu surgimento como um “câncer gay”, entre as populações heterossexuais, que, portanto, estariam imunes a esta doença não fosse a bissexualidade.

Em relação às entrevistas, acredito que em linhas gerais os participantes da pesquisa puderam demonstrar que em sua trajetória de vida a adoção de uma postura de defesa da bissexualidade ecoou na desconstrução de binários normativos, seja em relação à sexualidade, seja em relação à forma como negociaram sua masculinidade a partir de uma perspectiva bissexual. Neste sentido, para que pudessem manifestar seu desejo com menos amarras, boa parte dos entrevistados acabaram relatando questões sociais negativas em relação à forma como articulam o desejo. Fabrício e Joaquim tiveram de lidar não apenas com a visão negativa sobre sua sexualidade, mas também com os preconceitos que se impuseram em relação a seu namoro. João, Mohamed, Rafael e Pierre também tiveram que lidar com situações pontuais em que sua masculinidade era desacreditada. E Thiago, para além da questão de gênero e sexualidade, relatou questões de discriminação relacionadas à sua raça, denunciando os perigos de continuar considerando a bissexualidade a partir de uma perspectiva branca e de classe média.

Ressalto, uma vez mais, que ainda que a intenção inicial do trabalho fosse buscar homens bissexuais de diferentes condições econômicas, culturais e raciais, meu resultado acabou sendo direcionado para uma homogeneidade cultural e para poucas considerações sobre diferenças econômicas, ainda que as diferenças raciais foram reportadas. Os resultados diversamente obtidos em relação às pesquisas anteriores envolvendo a bissexualidade masculina podem, portanto, terem se derivado de um pertencimento a uma classe culturalmente privilegiada, com um vocabulário para a compreensão de si mesmos acima da média, conforme busquei apresentar em seção 5.5. Portanto, é possível que as narrativas apresentadas nesta pesquisa sobre a bissexualidade masculina ainda estejam restritas a uma camada minoritária da população.

Considero, ainda, que mais importante que afirmar-se como bissexual está a prioridade em eliminar o regime heterossexista que força as expressões de sexualidade e gênero dentro de um padrão modelar (CURIEL, 2018). Acredito que a afirmação da

bissexualidade deve estar atrelada a um projeto político de transformação que desloque a sexualidade de categorias binárias e de uma matriz heteronormativa que assimile como indissociável o gênero, o sexo e a sexualidade. Para que esta estratégia seja possível, o desafio que se impõe é popularizar a bissexualidade como uma possibilidade performativa, além de investir em uma percepção de que as sexualidades monossexuais (homossexualidade e heterossexualidade) não são expressões de uma característica essencial da subjetividade e também são elaboradas performativamente, portanto passíveis de mudança (LEWIS, 2012). Neste sentido, podem se mostrar úteis as perspectivas de Judith Butler e da teoria *queer* de que identidades sexuais essencializadas são uma invenção da medicina moderna e que, portanto, o desejo e, principalmente a definição de sexualidade, extrapolam a definição da atração por um gênero ou outro.

Resta pendente para os próximos estudos aprofundar a relação interseccional da bissexualidade com outras categorias menos privilegiadas de raça e classe, na medida em que trabalhar aspectos entre a negritude e bissexualidade se mostram insuficientes neste trabalho em razão do baixo número de participantes negros que pude contatar e também em decorrência da realização das entrevistas terem ocorrido previamente às elaborações teóricas que sucederam durante o processo de escrita. Estudar a relação destes marcadores, acredito, pode contribuir com o afastamento de uma noção de bissexualidade que seja fundamentalmente marcada por um padrão assimilacionista branco e de classe média para melhor integrar em sua definição aspectos não normativos da bissexualidade.

REFERÊNCIAS

ANGELIDES, S. Historicizing (Bi)Sexuality. **Journal of Bisexuality**, v. 52, p. 125-158, 2010.

BENÍTEZ, M. E. D. Buraco da Lacraia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, G. (org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editora, 2007. Cap. 6, p. 128-155.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2019**. Domicílios com acesso à internet. São Paulo/SP: CETIC, 2020 Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4/>>. Acesso em 6 mai 2021.

CALLIS, A. S. Playing with Butler and Foucault: bisexuality and queer theory. **Journal of Bisexuality**, v. 9, p. 213-233, 2009. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299710903316513>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

CONNELL, ROBERT W.; MASSERSCHMIDT, JAMES W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 21, n. 1, p. 241-282, Abril 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2019.

CURIEL, O. Gênero, raça, sexualidades - debates contemporâneos. In: BAPTISTA, M. M. (org.). **Gênero e performance - Textos essenciais vol. I**. 1ª. ed. Coimbra/PT: Grácio Editor, v. I, 2018. p. 215-238.

DOMINGUEZ, A. O sexo do futuro. um breve ensaio sobre a bissexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo/SP, 1997. p. 35-45.

EISNER, S. **Bi: notes for a bisexual revolution**. Berkeley/CA: Seal Press, 2013.

EISNER, S. **Bi: notas para uma revolução bissexual**. Tradução de Isabela Moschkovich. 1ª ed. São Paulo/SP: Editorial Linha a Linha, 2021.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. 1ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2014.

FREUD, S. As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: **Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, v. 8, 2015. p. 339-346.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras completas: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, v. 6, 2016. p. 13-172.

GARBER, M. **Vice-Versa: Bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana**. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª. ed. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 2017.

JAEGER, M. B. et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, Salvador/BA, v. 2, n. 11, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre/RS, out. 1998. 103-117.

LAGO, R. F. D. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 1999.

LANZARINI, R. **Jorge: empresário de fora, casado e versátil: homoerotismo no anonimato das viagens**. 2013. Tese. (doutorado interdisciplinar em ciências humanas) UFSC. Florianópolis/SC. 2013.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro/RJ: Relume Dumará, 2001.

LEWIS, E. S. **"Não é uma fase": construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. Dissertação (mestrado em letras) PUC-Rio. Rio de Janeiro/RJ. 2012.

LEWIS, E. S. Teoria(s) Queer e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, E.; RANNIERY, T. (orgs.). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2017. p. 157-185.

LUGONES, M. Heterossexualismo e o sistema de gênero colonial/moderno. In: BAPTISTA, M. M. (org.). **Gênero e performance - Textos essenciais vol. I**. 1ª. ed. Coimbra/PT: Grácio Editor, v. I, 2018. p. 239-270.

MEINERZ, N. E. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. (orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente**. Porto Alegre: EDUNISC, 2006.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre/RS, n. 21, jan/jun 2009. 150-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 9 jan. 2021.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2017a.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3ª ed. rev. e ampl. ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2017b.

MOSCHKOVICH, Marília. Por que um/a bissexual nunca está em uma relação hetero ou homo?, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/nomono-rela%C3%A7%C3%B5es-livres-n%C3%A3o-monogamia/por-que-um-a-bissexual-nunca-est%C3%A1-em-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-hetero-ou-homo-4157d3338c3f>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dissermos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

PRECIADO, P. B. Contrassexualidade. In: **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo/SP: n-1 edições, 2017. p. 17-45.

REVENIN, R. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, A. (dir.). **História da virilidade: o triunfo da virilidade - O século XIX**. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli de Melo Sobrinho. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013. p. 462-502.

SANTOS FILHO, I. I. **A construção discursiva de masculinidades bissexuais**: um estudo em linguística queer. 2012. Tese (doutorado em letras) UFPE. Recife/PE. 2012.

SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, 16, fevereiro 1998. 297-325. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **cadernos pagu**, Campinas/SP, n. 28, janeiro-junho 2007. 19-54. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SEDGWICK, E.K. **Epistemology of the closet**. Berkeley e Los Angeles/CA: University of California Press, 1990.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. Tese (doutorado em educação). UFRGS. Porto Alegre/RS. 2003.

SILVA, V. G. D. **Faca de dois gumes**: Percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa. 1999. Dissertação (mestrado em sociologia) UFPB. João Pessoa/PB. 1999.

SPIVAK, G. Subaltern Studies: deconstructing historiography (1985). In: LANDRY, D.; MACLEAN, G.; (orgs.). **The Spivak reader**: selected works of Gayatri Chakravorty Spivak. Londres/UK: Routledge, 1996. p. 203-235.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 junho 2018.

YOSHINO, K. The epistemic contract of bisexual erasure. **Stanford Law Review**, Palo Alto/CA, v. 52, n. 2, p. 353-461, Janeiro 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Iniciar a entrevista perguntando as qualificações pessoais do entrevistado (nome, nível de instrução, raça, se se considera bissexual, idade);
2. Perguntar sobre as primeiras experiências de vida envolvendo a sexualidade. Quando passou a sentir atração sexual de forma ampla?
3. Quando teve o primeiro contato sexual?
4. Quando começou a sentir atração por mais de um gênero?
5. A atração envolve sentimentos apenas por homens e mulheres cisgênero ou também abarca identidades transgênero e não binárias?
6. Como definiria a bissexualidade?
7. Quando passou, de fato a se relacionar sexual e/ou afetivamente com mais de um gênero?
8. Como e quando passou a aceitar e entender a própria bissexualidade?
9. Conhece outros homens que se identificam como bissexuais ou que manifestam desejo por mais de um gênero (ou eventualmente outras referências da cultura e mídia)?
10. Tem preferências para relacionamento sexual e/ou afetivo com algum gênero específico? (ex: tendência a namorar ou maior facilidade para conversar ou manter encontros casuais com algum gênero específico).
11. Consegue mencionar diferenças nas formas de se portar em relações com diferentes gêneros?
12. De que maneira acredita que ser homem interfere com sua orientação sexual?
13. Sua orientação sexual é uma parte importante da sua identidade? Por que?
14. Como e para quem revelou sua bissexualidade pela primeira vez? Como foi?
15. A quais grupos sociais você revela sua orientação com mais facilidade (amigos, família, colegas de trabalho)?
16. Existe algum grupo que prefere não revelar sua orientação sexual? Por que?
17. Já sofreu preconceito por ser bissexual? Como lida/lidou com ele (caso a resposta a resposta seja afirmativa)?
18. É possível nomear dificuldades ou desafios específicos em ser um homem bissexual? Se sim, quais e por que?
19. É possível nomear pontos positivos específicos da bissexualidade masculina? Se sim, quais e por que?

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Nome completo:

Idade:

Telefone para contato:

E-mail:

Raça: ☐ branca ☐ preta ☐ indígena ☐ parda ☐ asiática ☐ outra: _____

Nível de Formação: ☐ educação básica; ☐ ensino médio; ☐ graduando; ☐ graduado; ☐ cursando especialização; ☐ especialista; ☐ mestrando; ☐ mestre; ☐ doutorando; ☐ doutor; ☐ pós-doutor

Ocupação:

Renda: ☐ até 1 salário mínimo; ☐ até 2 salários mínimos; ☐ até 5 salários mínimos; ☐ até 8 salários mínimos; ☐ acima de 9 salários mínimos; ☐ acima de 13 salários mínimos

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MOHAMED

Entrevista realizada em 8/5/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Mohamed (nome fictício) foi o primeiro entrevistado.

Gustavo: Então [...]*, seu nome como eu já tinha te falado vai ser substituído ao longo da transcrição desta entrevista e eu queria começar a entrevista perguntando, assim, qual é qual é o seu nome, quais suas qualificações, se você mora sozinho se você tem algum relacionamento, se você é solteiro...

Mohamed: OK. Meu nome completo é [...]*. Eu não sou natural de Curitiba. Eu moro aqui desde 2009, quando eu vim cursar licenciatura em letras na UTFPR. Atualmente eu moro sozinho e não estou em um relacionamento sério. Eu sou formado, como falei, em letras/licenciatura e tenho mestrado em educação pela UFPR.

Gustavo: Você preencheu aqui que você tem 30 anos, né? Quais foram as suas primeiras experiências envolvendo a sexualidade de forma mais ampla e quando você... você se considera bissexual? Acho que essa é uma primeira pergunta.

Mohamed: Sim, é... eu acho que, vamos pensar assim, a ficha caiu quando eu comecei a entender como bissexual, eu tinha por volta de uns 21 para 22 anos. Então já tem uns oito anos que eu tenho essa identidade, né? É... e antes disso eu pensava que eu era hétero, né? Pensava entre aspas. Mas no fundo eu sabia que algo diferente tinha em mim e ao longo do final do ensino médio, por exemplo, eu só ficava com meninas e na faculdade, no período da minha graduação, eu comecei a ter experiências sexuais com homens e a partir disso a bissexualidade começou a entrar mais frequentemente na minha vida.

Gustavo: Entendi. Mas desde sempre você sentiu atração sexual por homens, mulheres, mais de um gênero ou inicialmente suas primeiras experiências você tinha atração sexual somente em relação às mulheres, como é que era?

Mohamed: Inicialmente eu tinha só atração por mulheres, mas isso não me satisfazia completamente. Essa atração muitas vezes, enfim, ficava mais na aparência, num afeto e que muitas vezes não me completavam, né? E por isso que eu ficava pensando que se era isso mesmo, se eu era gay, qual ambiente, por exemplo, eu ia transitar melhor. Então, quando eu comecei a perceber que somente a atração feminina, o gênero feminino não me satisfazia, por exemplo, eu comecei a experimentar com homens e vi que as duas coisas começavam a se encaixar melhor.

Gustavo: Mas neste primeiro das suas primeiras experiências sexuais você já sentia atração sexual por homens? Ou por enquanto era só por mulheres, mas você não sabia qualificar em que medida isso te satisfazia plenamente ou não?

Mohamed: Correto, essa segunda parte que você falou.

Gustavo: Entendi. E como é que foi que você passou a se identificar como bi? Como que foi esse momento que te deu um estalo e falou “ah, talvez eu seja bissexual”?

Mohamed: Então, antes mesmo de ter a primeira experiência com homem eu, obviamente, como eu falei, já pensava que algo não me completava completamente, quando eu me relacionava somente com mulheres. E foi numa festa da faculdade, uma vez, que eu, enfim, bebi um pouco demais e acabei tomando um pouco mais de coragem e cheguei em um carinha e a gente acabou ficando.

Gustavo: E esse cara era declaradamente gay ou bi. Você sabia que ele se relacionava com homens.

Mohamed: Então, a princípio eu não sabia. Eu não o conhecia, assim, completamente, né? Mas ele tava nesse ambiente, nessa festa e a gente acabou ficando. Depois a gente manteve mais contato e ele falou que era gay e tal, mas acho que foi a partir dali, dessa primeira experiência, que eu comecei a perceber que a bissexualidade talvez encaixasse, que seria o

nome mais adequado para aquilo que eu estava gostando dali por diante, né? Como eu falei, anteriormente a isso, eu tinha atração por mulheres, mas eu não sabia ainda nomear, não sabia ainda dar uma característica para aquilo que me faltava.

Gustavo: Entendi. E você sentiu... o que você sentiu quando você ficou a primeira vez com esse cara nessa festa? Foi você que tomou a iniciativa? Foi ele? Vocês ficaram na festa na frente de todo mundo? Procuraram um lugar reservado? Como é que foi a situação em si?

Mohamed: Foi eu que tomei iniciativa, né, até acho que por conta da bebida que tem esse efeito de encorajamento, né? E aí, enfim, eu cheguei nele, puxei ele em um canto e a gente foi se beijando, enfim. Foi em um ambiente mais reservado, não foi na frente de todo mundo e eu senti, assim, muito tesão, muito tesão mesmo pelo que tava rolando, pelos beijos e pela atração obviamente física, né, que eu tinha ali naquele momento. E foi um prazer, assim, que eu não tinha sentido com experiências com mulher. Até porque, por exemplo, eu nunca tinha beijado um cara, né, uma pessoa que tivesse barba. Então a experiência obviamente foi diferente e para mim foi prazerosa.

Gustavo: E você chegou a ter um contato sexual com essa pessoa ou vocês só se beijaram?

Mohamed: A gente só se beijou. A gente conversou um pouco, enfim, a gente se apalpou, vamos pensar assim, né, não sei se é a palavra correta, mas enfim, a gente se pegou ali e tal, mas não rolou mais nada além disso.

Gustavo: E quando que foi, de fato, seu primeiro contato sexual com homens?

Mohamed: Eu não sei precisar ao certo qual a idade que eu tinha, mas acredito que tenha sido logo após essa primeira experiência com esse cara na festa... Sei lá, um ano depois, talvez.

Gustavo: Você ficou com esse cara na festa e um ano depois você transou pela primeira vez com um cara.

Mohamed: É, como eu falei, eu não sei precisamente a linha temporal, mas provavelmente foram alguns meses, vou jogar aqui em um ano, no máximo, em que a relação sexual realmente aconteceu, o ato sexual aconteceu, de fato, com um homem.

Gustavo: E nesse hiato você continuou saindo com homens, não saiu mais, ficou um pouco mais a sua? O que foi esse período entre o seu primeiro beijo com homem e a sua primeira relação sexual com homem?

Mohamed: A minha primeira autorreflexão disso foi no dia seguinte da festa, em que eu tava entendendo como as coisas tinham funcionado. Não tinha me arrependido do que eu tinha feito, até porque, como eu falei, foi prazeroso e eu talvez naquele momento tivesse tido uma experiência que realmente me completasse da forma como aquela que eu tava buscando anteriormente, né? Mas eu tive depois mais dois encontros parecidos antes de acontecer o ato sexual com um outro cara. Então, nesse ínterim eu tive mais dois encontros, nesse período de tempo que eu tô chamando aqui de 1 ano, poucos meses aí, oito, nove meses, tive mais duas experiências bem parecidas e depois, enfim, rolou um passo adiante, que foi, enfim, ir para a cama com um cara.

Gustavo: E como que foram essas duas experiências nesse meio tempo aí? Foram em festas também? Por aplicativo? Como é que foi?

Mohamed: Uma foi por aplicativo, em que é a ideia principal, até porque eu tava me descobrindo ali, tentando perceber quais pontos me davam mais prazer e o que me dava prazer quando estava com um homem, até porque a primeira experiência que eu tinha tido era somente de beijos e amassos. Então a minha segunda experiência foi assistir um pornozão com um cara e a gente bateu uma punheta junto. Então essa foi a experiência que eu tive, né? E foi na casa dele e era um cara mais velho do que eu. Então, enfim, o cara, segundo ele, era casado com mulher mas gostava de sair com caras e, portanto a proposta que eu tinha passado para ele, que era “olha, tô a fim de ver pornozão, bater uma punheta, vamos ver o que é que rola a partir disso” e ficou só nisso. Ele topou e a gente concretizou isso na casa dele.

Gustavo: E isso foi pelo aplicativo?

Mohamed: Por aplicativo, exatamente. Aí a minha outra experiência foi dentro do banheiro público, em que, enfim, eu fui mijar e tinha vários caras ali mijando também. E aí aquele tesão bateu e acabei punhentando um cara do meu lado e ele fez o mesmo. A gente, enfim, gozou e nem sei o nome, não sabia o nome dele, nem perguntei, obviamente. A gente não trocou palavras, a gente não teve essa conexão verbal. Foi somente pegar no pau do outro, bater uma punheta e gozar e cada um seguir seu rumo. Então foi essas duas experiências nesse ínterim que eu tive antes de um ato sexual, por exemplo. Não sei se... se bem que isso acho que também pode ser configurado um ato sexual, né?

Gustavo: É, isso que eu ia colocar agora. Porque, de fato, você teve contato com a genitália. Enfim...

Mohamed: Acho que o que eu tô chamando de ato sexual talvez seja mais romantizado, pelo fato desses dois caras que eu fiquei, incluindo o primeiro, então os três, eu não tive uma interação muito é... próxima, vamos pensar assim. Mas, ao mesmo tempo, o que eu tô chamando de romantismo aqui seria, por exemplo, ter toda uma preparação e ir para a cama, ter uma conversa que tivesse desenrolado, por exemplo, antes. Teve um grau mais, de intimidade, et cetera. Mas, realmente, o que houve, por exemplo, tanto na casa do cara que se dizia casado com mulher, quanto no banheiro, sim, tive contato com a genitália dos dois caras.

Gustavo: Entendi. E quanto tempo você teve sua primeira relação sexual com mulher, porque ainda não sei com que idade você teve essa primeira relação sexual com mulher; e com quantos anos você começou a ter relações sexuais com um homem? Você já tinha uma vida sexual há algum tempo? Era uma vida sexual recente, como que era?

Mohamed: Com mulheres foi no final do ensino médio, talvez por aquela decisão de alguns colegas dizendo “ah, você já comeu uma menina e tal?”, com esse vocabulário. A curiosidade começou a surgir na minha mente e eu estava no período da puberdade e, até então, eu já não era BV, mas eu tinha, enfim, curiosidade de saber como é que era. Então, no final do ensino médio, no 3º ano, tive minha primeira relação sexual com mulher. Mas houve certos... enfim, como estava nervoso, houve certos momentos de desconforto na relação que me fez, por exemplo, criar uma crença de que sexo não era tão fácil quanto eu via nos pornôs, por exemplo.

Gustavo: Mas como que foi essa situação da sua primeira relação sexual? Foi com quem? Foi com uma menina que você já ficava? Foi com um *date*...

Mohamed: Foi com uma menina com quem eu ficava.

Gustavo: Você já conhecia ela.

Mohamed: Conhecia ela, sim. A gente já se conhecia desde o ensino médio, desde o primeiro ano do ensino médio. A gente começou a ficar no segundo ano, esporadicamente, e aí no terceiro ano isso realmente ocorreu, né, o ato sexual ali, o relacionamento... a relação sexual ocorreu.

Gustavo: E quais dificuldades que você tava falando, que achava que não era tão fácil como no pornô, por exemplo?

Mohamed: Então, por eu assistir muito pornô na época - até hoje assisto, mas - eu via que, enfim, os caras chegavam e metiam, entendeu!? Então eu acho que esse *approach* ali, essa aproximação e o início, meio e fim era muito, sabe, certinho. Só que na vida real, obviamente, isso não ocorre, né. Então, na minha primeira relação sexual com essa menina, eu tinha dificuldade, por exemplo, para penetração; eu tive dificuldade, por exemplo, para saber os pontos de prazer dela e vice-versa, também. E eu fiquei obviamente meio que frustrado no final, embora a gente tivesse tido prazer, ela me falou que teve, eu também tive. Porém, eu fiquei um pouco frustrado por saber que putz, eu pensava que seria assim, conforme as minhas orientações de vídeos pornôs. Mas o momento que eu realmente tive não foi aquela coisa, aquele cem por cento. Mas mesmo assim eu não fiquei com a ideia de que “putz, realmente foi uma droga, eu acho que eu não sou para isso, não dou para isso, enfim, não é

minha praia”. Não fiquei com esse pensamento, mas eu fiquei com o pensamento contrário de que talvez eu precisava ter mais experiência para ver que, enfim, eu pudesse aprender ao longo do tempo. Então até hoje eu tenho tido poucas experiências sexuais, eu não sou um cara tão sexualizado a ponto de, por exemplo, precisar de penetração, precisar de sexo regularmente. Então, com essa menina rolou mais uma vez, com essa mesma menina, e a experiência na segunda vez foi bem melhor do que a primeira, então isso confirmou a minha hipótese anterior, de que eu precisava realmente amadurecer um pouco mais, saber algumas coisas que pudessem me trazer mais sucesso, vamos dizer assim, pro sexo ali.

Gustavo: Entendi. Mas essas duas vezes que vocês saíram não teve continuidade? Vocês só transaram essas duas vezes, não tiveram nenhum vínculo emocional, assim...

Mohamed: Não, não.

Gustavo: E a sua atração, ela só se restringe a homens e mulheres cisgênero ou você sente atração por outros gêneros também?

Mohamed: É... somente cisgênero.

Gustavo: É?

Mohamed: É.

Gustavo: E você consegue definir, você já fez uma elaboração do que é a bissexualidade para você ou você nunca parou para pensar no que é que você conceitua como sendo a bissexualidade para você?

Mohamed: Então, quando comecei a perceber que algo faltava para me complementar, sexualmente falando, ou até mesmo emocionalmente falando, enfim, eu percebia que dentro da caixinha chamada heterossexualidade talvez não fosse a melhor opção. E aí, começando a ler, começando a pesquisar mais sobre o assunto, eu cheguei nesse termo e comecei a ver do que se tratava e comecei a fazer os ticks, né? Realmente batia com aquilo que eu realmente sentia, queria e fazia. Então a partir do momento que eu tive essa noção de como esse sistema funcionava, eu comecei a me identificar como bissexual. Então, hoje eu tenho bem claro para mim quem eu sou, o que eu gosto, o que eu não gosto, o que eu procuro, o que eu não procuro, então isso tem dentro desses dois gêneros masculino e feminino do cisgênero, eu tenho algumas certas preferências. Em umas mais, outras menores, outras menos. Mas, como falei, essas duas coisas vão andando meio que não simultaneamente a palavra, mas seria... elas podem funcionar de forma paralela e que vão meio que se entrelaçando e, enfim, criando esse tecido que me satisfaz.

Gustavo: E você compreendeu e aceitou a sua bissexualidade com facilidade ou isso foi um processo que levou algum tempo?

Mohamed: Olha, não tive problemas de aceitar essa conceituação. Até porque eu estava em busca, realmente, de um conceito, de uma explicação científica, enfim, alguma explicação da psicologia que pudesse me trazer suporte para dizer quem eu era e então o processo de aceitação, por exemplo, da bissexualidade para mim não foi nem um pouco traumático, foi até, posso dizer, bastante esclarecida e que me fez realmente entender esse universo, que é gigante, né. Então um pouco naquela minha bolha social ali eu pude compreender melhor como funcionava. Então não tive nenhum problema de trauma ou até mesmo de aceitação prolongada a respeito disso.

Gustavo: Você falou que você fez leituras na área da psicologia sobre sexualidade, né? Essas leituras que você teve também abraçaram outras áreas por exemplo, sociologia...

Mohamed: Sim, eu não sei precisar exatamente, assim, os nomes. Eu tenho um nome na cabeça, na verdade. Eu tenho um livro aqui, desse autor, que é o Caiado. Caiado, né? Você conhece? Não sei, deixa eu pegar aqui o nome.

Gustavo: Não conheço.

Mohamed: Espera aí. Espera aí. [Mohamed sai da sala de gravação e vai até outro cômodo de sua casa, buscar o livro “Manifesto Contrassexual”, de Paul B. Preciado. Após alguns

segundos, ele retorna e continua]. Caiado é o governador de Goiás. Nada a ver. É Preciado, Preciado.

Gustavo: Ah, o Paul Preciado. Eu tenho esse livro. Comprei recentemente.

Mohamed: É o Manifesto contrassexual [aponta a capa do livro para a webcam], do Paul Preciado. Nossa, falei Caiado, nada a ver. Então, comecei a ter contato com algumas leituras, na internet mesmo, né? Pesquisando, querendo saber mais sobre o assunto e realmente essas áreas começaram a emergir dessas leituras, como você disse aí, da sociologia, da psicologia, até mesmo da linguística... então várias áreas tratando desse desse fenômeno social, posso dizer isso? Não sei.

Gustavo: Você chegou a ler o Manifesto Contrassexual inteiro?

Mohamed: É... li, fiz algumas anotações e pretendo reler, na verdade.

Gustavo: É? É porque o Paul Preciado é mais um teórico queer do que um teórico da bissexualidade, né?

Mohamed: Correto, correto. Eu assisti algumas entrevistas dele, ele é espanhol, né? Eu assisti algumas entrevistas dele pelo YouTube, também, para entender um pouco mais de algumas coisas que eu tinha visto aqui no livro e, então, assim, acho que o livro, embora seja mais sobre a teoria queer, é o único material físico que eu tenho aqui em casa. Os outros eu li pela internet.

Gustavo: E é muito interessante você trazer esse livro porque no meu trabalho eu vou dedicar um capítulo, ou talvez uma parte considerável a falar sobre teoria queer, né? O que é que você consegue trazer, já que você já teve esse contato com esse livro, de aproximação ou de distanciamento entre a teoria queer e a bissexualidade?

Mohamed: Pergunta complexa. Eu acho que... bom, tem uma parte [do livro] que eu marquei aqui, agora não vou conseguir encontrar rapidamente. Mas quando ele fala aqui de, por exemplo, talvez seja isso... bom, quando ele elabora, por exemplo, algumas reflexões, algumas teorias de Foucault, essa parte me chama bastante atenção... deixa eu ver aqui... [neste momento Mohamed fala consultando o livro] Por exemplo, o valor social aqui, né? Na página 155: “Meu objetivo, há mais de vinte e cinco anos, tem sido o de esboçar uma história das diferentes maneiras em que, na nossa cultura, os homens elaboram saber sobre si mesmos: economia, biologia, psiquiatria, medicina e criminologia. O ponto principal não consiste em aceitar esse saber como o valor dado, e sim em analisar essas supostas ciências como ‘jogos de verdade’ ligados às técnicas específicas que os homens utilizam para entender a si próprios”, ele vai discutindo aqui essa noção de técnica, e aí ele chega também na página seguinte nessa noção de tecnologia de sexo. E aí ele vem com a distinção, [lê mais um trecho do livro] “Agora, acontece que a distinção sexo/gênero remete cada vez mais, de forma homóloga, à distinção entre essencialismo e construtivismo, central na teoria feminista, gay e lésbica contemporânea. Tudo ocorre como se o sexo e a diferença sexual (por exemplo, em relação às funções biológicas da reprodução) pudessem ser mais bem compreendidas em um âmbito essencialista, enquanto o gênero, construção social da diferença sexual em diferentes contextos históricos e culturais, ganharia se fosse apreendido com a ajuda de modelos construtivistas.” Eu acho que, talvez, a pergunta que você tinha feito, sobre a aproximação e afastamento entre as duas teorias, acho que essa parte que eu acabei de ler resume bastante bem essa aproximação entre a teoria queer e a teoria bissexual, embora ele não cite aqui, especificamente, que a teoria, por exemplo, hoje, contemporânea, seja mais pautada na [teoria] feminista, gay e lésbica, eu acredito que a aproximação aqui, dessa construção social, que talvez ao longo da história a gente conhecesse somente duas caixinhas, né? Ou você é heterossexual ou você não é. E esse “não é” começou a ser teorizado ao longo do tempo. Então, se você não está dentro da caixa heterossexual, o que você não é? Esse “o que você não é” começou a trazer diversas noções, diversas concepções, teorias de gênero, etc. e que puderam, por exemplo, se imbricar, de certa forma, dentro da sigla GLBTQIA+, então acaba,

no meu ponto de vista, aproximando essa questão que ele fala que [mais uma vez se remete ao livro] “enquanto o gênero, construção social da diferença sexual em diferentes contextos históricos e culturais”. Agora, a parte que talvez se distancie...

Gustavo: Se tiver, também, né? Se você acha que não tem tanto isso...

Mohamed: Talvez eu não consiga elaborar agora. Talvez mais tarde eu consiga formular uma resposta para você. Mas, por enquanto, o que eu consigo trazer para você de aproximação seria isso.

Gustavo: Você falou aí da classificação em caixas das orientações sexuais, né? O que é hétero e o que não é. O que não é, traz a presunção já embutida de ser homo, né? E muitas vezes a definição de bi, a qualificação como bi, ela é apagada. Você conhece outros homens que se consideram bissexuais também?

Mohamed: Olha, eu já tive contato com outros caras, através de aplicativos, enfim, em que se diziam ser bi. Mas até que ponto, por exemplo, essa afirmação é verdadeira? Simplesmente, por exemplo, para mostrar que o ambiente em que o macho, né, essa palavra macho, essa palavra macho dominante, enfim, essa masculinidade aflorada ou que se força a ser aflorada não é um pressuposto para realmente, por exemplo, ser um argumento para dizer “olha, eu não gosto de afeminados” ou simplesmente para dizer que “olha, a parada comigo vai ser dessa forma”, né? Então talvez alguns tenham, os caras com quem eu saí tenham, sim, se rotulados como bi, porém eu tenho ainda umas certas desconfianças, justamente por conta desse argumento que eu apresentei, né. Que hoje, por exemplo, se você fala, por exemplo, qualquer experiência que eu tenha tido em aplicativos, se você fala que é bi ou que, ainda, ou é macho, por exemplo, isso aflora uma certa masculinidade alfa, em que atrai outras pessoas pra relação ali que ele tá querendo, né, que a pessoa tá querendo. Mas ao mesmo tempo, não sei até que ponto, por exemplo, essa autodenominação bi que esses caras têm me dito realmente se vale para bissexual. Por exemplo, alguns falam que são casados com mulher, mas pode ser casado com homem, né? Então esse casamento que eles afirmam ter, como, enfim, a gente não fica sabendo, acaba, por exemplo, sendo só um chamariz ou até mesmo uma isca para pegar outras pessoas que estão ali no mesmo clã, na mesma vibe, mas que na verdade não são bissexuais. Não sei se eu me fiz entender.

Gustavo: Mas então você acredita que se rotular como bissexual, em certos aspectos, pode ser como uma afirmação de masculinidade para se colocar ou para atrair certos tipos de pessoas que têm esse interesse por essa masculinidade específica. Você acha isso?

Mohamed: Correto. Exatamente isso.

Gustavo: Certo. E, dentro dessa seara, você consegue enxergar alguma forma que a pessoa tem para se legitimar de fato como um bissexual? Sem trazer todas essas dúvidas [no caso, as dúvidas que ele havia posto sobre a legitimidade de homens que se dizem bissexuais em aplicativos].

Mohamed: Você pode reformular a pergunta? Acho que eu entendi um pouco errado.

Gustavo: Porque, assim, você trouxe que dentro dos aplicativos e redes sociais, você teve contato com outros homens que se diziam bissexuais, mas que você não sabia dizer se esses caras eram de fato bissexuais ou se eram gays que faziam personagem de bissexual, porque acreditam que o personagem bissexual traz uma referência de masculinidade hegemônica mais forte, mais presente e que essa referência de masculinidade traz, por exemplo, critérios de dominação, critérios de virilidade que são valorizados por certos grupos de gays...

Mohamed: Correto.

Gustavo: E a pergunta que eu te fiz é: existe alguma maneira, dentro dessa circunscrição, dessa mesma circunscrição de aplicativos e redes sociais, que uma pessoa tem de se dizer bissexual e ser legitimada enquanto isso? Sem trazer toda essa série de questões desqualificadoras.

Mohamed: Entendi, entendi. Agora entendi, tá. Olha, à primeira vista, analisando o perfil,

não. Até porque, como a linguagem é bastante subjetiva, talvez as informações que ali estão contidas não sejam suficientes, por exemplo, para traçar um perfil bissexual. Embora, por exemplo, a palavra apareça lá, na descrição, né? Então acho que não existe, dentro dos aplicativos, pelo menos na minha experiência, algo mais concreto em que eu possa captar e dizer “ah, essa pessoa é 100% bissexual” e enfim, não envolvendo porcentagem, mas legitimá-la como bissexual a partir dessa análise de perfil. O que eu consigo, por exemplo, captar de algumas dessas... do que eu falei agora, né, dessa falsa ideia de que a pessoa é bissexual é [feita] por alguns detalhes, na casa das pessoas, em que, por exemplo, quando você tem uma mulher em casa, eu tenho... por exemplo, fazendo um adendo aqui, eu tenho duas irmãs. Então eu vivia em uma casa em que eu tinha minha mãe e minhas duas irmãs e eu sabia, por exemplo, como é o ambiente feminino, né? E como é o ambiente em que há uma mulher, por exemplo, morando ali. Então esses caras que diziam casados com mulheres, eu não via nenhuma... nenhuma... como eu posso dizer? Nenhuma pista de que realmente eles eram casados com mulheres e que aquilo que estavam me dizendo era verdade. Obviamente isso quando eu tô falando de casados com mulheres, né, se dizendo casado com mulheres. Agora, outros que se dizem bissexuais, mas que por exemplo, são solteiros, como eu, obviamente isso não dá para ser avaliado dentro de um ambiente, de uma casa, enfim, no lugar onde a pessoa mora. Mas tentando fechar a minha resposta, eu acredito que pelo aplicativo, mesmo, eu não consigo bater o martelo e dizer que sim, legitimá-la, mas eu consigo buscar algumas pistas quando eu vou na casa de alguém que se diz casado com uma mulher.

Gustavo: É, porque, na realidade, casado é um só dos possíveis status de relacionamento de uma pessoa que se diz bissexual, né? Você nunca chegou a perguntar pessoalmente para pessoa “mas e aí? Você é bissexual mesmo ou tá só, sei lá, criando uma narrativa, porque você acha que seu perfil se adequa a tipos de pessoas que se atraem por bissexuais”, enfim.

Mohamed: Olha...

Gustavo: É que você falando isso, eu vejo que abre espaço para deslegitimar a sua bissexualidade também. Porque você se identifica como bissexual em aplicativo?!

Mohamed: Sim, sim.

Gustavo: E você acha que, por exemplo, a sua bissexualidade é desacreditada por pessoas que saem como você? Falam “ah, eu acho que esse cara não é bi porque, sei lá, sua casa não tem traços de que, sei lá, de que tenha mulher aí. Como se a bissexualidade masculina tivesse que necessariamente estar sempre com alguma mulher para ser acreditada, entendeu?

Mohamed: Correto, correto. Aham. Olha, por eu ser solteiro, morar sozinho e ser solteiro, eu nunca tive esse tipo de questionamento. Nunca tive essa pergunta feita, né? Mas uma vez só que eu perguntei para um cara que, enfim, a gente foi se pegar na casa dele e ele me falou que gostaria de fazer a três. Eu perguntei quem seria essa terceira pessoa. E daí ele falou “ah, um amigo meu”. Então, quando ele falou um amigo meu, eu pensei “tá”, eu acho que antes dele responder “um amigo meu”, eu pensava que ele fosse dizer, sei lá, uma namorada minha, sei lá, uma mulher ou qualquer coisa. Não que isso realmente precisa acontecer, né? Eu sei que a bissexualidade ela não é... por exemplo, se rolasse a três ali, eu não deixaria de ser bissexual porque eu estava com mais dois caras, não é esse o ponto. Mas quando eu... a única pergunta que eu fiz para essa pessoa, né, enfim, sobre a bissexualidade, foi com esse. E aí, a partir do momento que ele me respondeu que seria um cara, um amigo dele, eu perguntei “tá, mas por que você não chama uma mina?”, rebati com uma outra pergunta, né? Daí ele falou “ah, tem que procurar, não sei o quê”, e aí eu acho que a narrativa dele na resposta ali foi, mais ou menos assim, “é muito mais difícil, é mais complicado, não é tão fácil assim quanto parece, então o homem que eu já conheço, o cara que eu já conheço seria uma pessoa mais fácil de trazer para cá e rolar a três”. Então a única vez que eu perguntei foi, assim, na realidade não era nem uma pergunta direta né, como você fez até para mim agora, se eu já tinha perguntado

diretamente, mas foi uma pergunta mais indireta, né, dizendo “ah mas por que que você não chama uma mina?” Então acho que a pergunta explícita sobre a bissexualidade eu nunca fiz para outro cara, mas sim só essa experiência que eu tive, que foi uma pergunta indireta.

Gustavo: Seguindo o roteiro aqui, eu perguntaria se você conhece outros homens que sentem, não só se identificam como bissexuais, mas que demonstram atrações por mais de um gênero, muitas vezes fugindo só do homem cis e da mulher cis, né? Mas como você falou que as suas conversas sempre foram lacônicas nesse sentido, acho que você não chegou a fazer esse tipo de questionamento ou percepção, né?

Mohamed: Não.

Gustavo: E você falou aí desse dessa experiência que o cara queria fazer ménage com outro homem, que colocou empecilho, dizendo que com mulher era mais difícil, que tinha que procurar, que não era tão simples assim, você tem essa percepção de que as mulheres lidam com a bissexualidade masculina de uma forma mais complicada, mais reticente, assim, sim ou não?

Mohamed: Boa pergunta. Acho que há casos e casos. Eu não consigo agora afirmar com uma precisão sobre essa pergunta, mas eu já tive experiências, por exemplo, com meninas que eram cabeças super abertas e tem meninas, outras meninas que, realmente, para elas não fazia sentido essa bissexualidade que eu afirmava, né, para elas, naquele momento. Então, para algumas, isso era fácil de ser compreendido, outras duvidam ou até mesmo, enfim, colocavam em xeque aquilo eu que realmente gostava, trazia, por exemplo, um dos estereótipos da bissexualidade, que é a indecisão, [como se elas dissessem] “ah, você não tá indeciso” [em realidade, pelo contexto da conversa, Mohamed quis usar essa frase como uma afirmação ao invés de negação], não sei o quê. Então alguns estereótipos, algumas crenças vinham à tona nesse tipo de papo.

Gustavo: E você acha que pela sua experiência isso foi mais frequente nos seus relacionamentos com mulheres ou com homens? Essa descrença, essa desqualificação, esse questionamento se você é bi, de fato, ou se tá querendo ocultar sua homossexualidade através de um rótulo que, pretensamente, seria mais palatável, né?

Mohamed: Ok. Tenho visto uma certa... como seria a palavra? Enfrentamento, não sei se a palavra é essa, mas, enfim, uma certa... nossa. Esqueci a palavra. É... resistência! A palavra é resistência! Uma certa resistência de aceitar por parte de mulheres. As meninas, as garotas com quem eu já fiquei, elas, quando eu conto que eu sou bissexual, geralmente vem uma pergunta, geralmente vem uma frase de “não, você tá zoando”, sabe?! Tipo, o aceiteamento não é imediato. Não que ao longo do tempo depois elas compreendam e entendam perfeitamente, mas geralmente a primeira reação é de descrédito.

Gustavo: E em que contexto que você traz para essas mulheres com quem você se relaciona que você é bissexual? É logo no começo? Você esperar ter um tempo de relacionamento para depois se abrir melhor em relação à sua sexualidade? Tem um padrão em relação a isso ou varia conforme a mulher que você relaciona?

Mohamed: Varia. Porque muitas vezes quando ela tem uma cabeça mais aberta, enfim, o papo rola com mais fluência, eu acabo contando já que, enfim, é algo que está na minha identidade, né? Mas ao mesmo tempo eu vejo que talvez se eu trouxesse isso à tona, enfim, o rolê não ia rolar. Eu vejo que às vezes, embora, como eu falei, essa aceitação da masculinidade viril, ela tá mais, ela é mais hegemônica, eu vejo, por exemplo, que se eu trago no início de uma conversa essa afirmação, há um desinteresse logo de cara, enfim, ou até mesmo uma proposta pela qual eu não estou interessado, né? Quando eu digo que se eu digo no início, por exemplo, eu posso ouvir basicamente dois tipos de respostas: ou uma não aceitação ou então uma proposta pela qual não tô interessado, então [é como se a mulher dissesse] “Ah, tá. Então vamos fazer uma suruba.” Então, nesse sentido, são raras essas propostas que surgem, mas já surgiram. Então eu vejo que não existe um padrão ali com as

mulheres com as quais eu já me relacionei. Esse papo pode rolar no início, pode rolar no final ou pode às vezes nem rolar.

Gustavo: Ou seja, quando você conta no início, a resposta sempre vem pelo viés do preconceito, né? Pelo estereótipo do bissexual ou desqualificando a sua masculinidade como não adequada ou te qualificando como um bissexual altamente erotizado, promíscuo, né? Que também é outro estigma que se cola muito à bissexualidade. Só que aí você consegue perceber que existe um certo paradoxo entre a forma como os homens que se relacionam sexualmente com homens nos aplicativos enxergam a bissexualidade e a forma como as mulheres que se relacionam com homens enxergam a bissexualidade? Porque previamente você tinha falado seguinte “ah, eu vejo que alguns homens se qualificam como bissexuais nos aplicativos, mas eu desconfio que, em alguns desses casos, seja um artifício para arregimentar uma suposta masculinidade hegemônica, uma masculinidade mais viril, digamos assim, mais padronizada, mais reconhecida, enquanto que na sua experiência com mulheres, quando você se revela bissexual, via de regra... via de regra não, mas comumente ou eventualmente a qualificação da masculinidade é o contrário. Ela é enquadrada como uma masculinidade desqualificada, não adequada para os propósitos dessa mulher, entendeu?

Mohamed: Não, excelente! Eu acho que a tua fala agora fez um... fez um fechamento aí, não sei se a palavra é fechamento, mas fez uma uma conexão de ideias que faz todo sentido. Sim, existe, concordo com você que existe, sim, esse paradoxo e que acaba, na verdade, chegando ali a quase um mesmo produto, né?

Gustavo: Aí agora lanço até uma provocação. Será que a masculinidade bissexual ela é tão viril assim como supõe os homens que se relacionam com homens? E será que ela é tão desqualificada assim como supõe algumas mulheres que se relacionam com homens? Quer dizer, um lado da moeda pressupõe uma coisa, de acordo com que você fala, o outro lado pressupõe outra. Mas uma coisa não casa com a outra. E algum dos dois têm razão? E, para além disso, algum dos dois tem que ter razão?

Mohamed: É uma provocação muito necessária. Eu nunca parei para pensar nisso, mas na tua última fala eu consegui ver exatamente esse universo sendo... sabe?! Os sentidos começaram a se construir e eu vejo que não sei ainda... eu não tenho ainda muita leitura sobre a bissexualidade de forma teórica e que possa, por exemplo, articular aqui uma ideia mais elaborada. Mas eu vejo, sim, exatamente o que você me disse agora. Essas duas formas de ver a bissexualidade tanto pela parte do homem quanto pela parte da mulher. Talvez ainda porque essa questão ainda tem sido pouco discutida dentro das siglas que existem, e talvez também isso seja o motivo pelo qual você esteja pesquisando isso, para preencher uma lacuna que existe na literatura científica. Então acaba que o B [da sigla LGBT] ali fica meio de lado e há muitos pressupostos e muitos estereótipos a respeito do da bissexualidade e crenças, né? Essas crenças são construídas socialmente e elas são também fruto de manutenção e alteração a todo momento, né? Então, acredito que o modo como as pessoas enxergavam a bissexualidade, sei lá, nem vou jogar muito tempo atrás, sei lá, uns dois anos atrás, cinco anos atrás, é diferente de como a gente enxerga hoje. Então essas crenças vão mudando e obviamente que a partir das minhas experiências esse panorama que se eu consigo ver atualmente, [no ano de] 2020, seria esse. Uma certa desqualificação por parte das mulheres com as quais eu já me relacionei e ao mesmo tempo uma falsa identidade ou uma pseudoidentidade bissexual do homem.

Gustavo: Você falou que a percepção sobre a bissexualidade ao longo dos dois, cinco anos, de dois a cinco anos para cá ela tem passado por algumas mudanças, né? Você acha que de pouco tempo para cá tem aumentado os discursos sobre a bissexualidade? Você tem percebido isso?

Mohamed: Então, mas é... eu não tenho percebido exatamente essa discussão. Porém, quando eu disse essa volta temporal, é para exemplificar, por exemplo, como as crenças elas mudam, né? E na realidade ela não tem uma temporalidade exata para acontecer, então, por exemplo,

se em 2010, dez anos atrás, eu acreditava que, sei lá, acreditava que o céu era azul, ao longo do tempo eu fui desacreditando, mudando a minha crença e vendo que o céu não era azul. O céu é outra cor. Então, eu acho que a mudança de crenças ela depende de diversos fatores e, especificamente a bissexualidade é um exemplo de dois, cinco anos atrás, foi só um número mesmo aleatório, mas eu acredito que ao longo do tempo desde quando a sigla foi concebida, que as pessoas começaram a ter contato com esse B [a letra que representa a bissexualidade dentro da sigla LGBT], eu vejo que várias coisas já foram desconstruídas e que são necessárias dessa desconstrução. Hoje o papo com pessoas que sabem um pouco ou sabem muito sobre sexualidade, principalmente bissexualidade, aumentou, assim, na minha percepção. Mas não que, por exemplo, essa discussão seja profunda, não que essa discussão seja, por exemplo, relevante, não que essa discussão, por exemplo, seja considerada qualificável no ponto de vista, por exemplo, científico, né? O que rola, por exemplo, às vezes são papos entre amigos sobre isso, sobre algumas curiosidades que alguns amigos têm e que essa maneira de educar, né, de certa forma, e você compartilhar essas experiências faz com que a pessoa se conscientize mais sobre o assunto, mas também não... em números quantitativos, por exemplo, talvez isso não faça uma grande diferença no cenário de discussão, né? Por isso que uma pesquisa mais qualitativa e até mesmo uma discussão que envolva outros aspectos da bissexualidade precisam ser feitos e precisam ser... precisa atingir um público maior, né? Eu acho que muitas teorias têm sido feitas, muitas reflexões têm sido feitas, necessárias e importantes, mas eu acho que o atingimento, também, desses trabalhos precisam chegar onde deveriam. Eu sei que também não é só um lado, né? Não é uma mão de uma via só, as pessoas também têm que buscar o conhecimento produzido pela ciência, também tem que ir atrás do que a universidade tem produzido e começar, também, a entender mais sobre essa questão, né? Bom, então eu acredito que nos últimos tempos, sim, as pessoas estão tendo mais acesso à informação mas não que essa informação sobre a bissexualidade, especificamente, seja de forma qualitativa.

Gustavo: Entendi.

Mohamed: Talvez até... vou usar a palavra “talvez”, isso seja um modo de dizer que isso “ah, está se amplificando”, mas amplificando de que forma? O estereótipo sendo reproduzido, aquela mesma crença sendo perpetuada? Então eu não vejo qualidade nessa discussão, quando isso acontece, né? Porque, na verdade, você tá só fazendo mais do mesmo, né?

Gustavo: Tá. Então, em síntese, você acha que talvez exista mais discussões sobre bissexualidade hoje em dia do que um tempo atrás, mas não sabe dizer se essas discussões fogem da superficialidade e se elas agregam à bissexualidade algum ponto positivo que fuja do estereótipo?

Mohamed: Aham.

Gustavo: É, é. Entendi. E retomando um pouco ao ponto que a gente estava discutindo previamente, sobre relacionamento com homens e mulheres, você consegue mencionar algumas diferenças, se existem, nas formas como você se porta em relação aos diferentes gêneros?

Mohamed: Sim, sim. A começar pela linguagem, né? Eu estudo linguagem, né? E acho que isso é o que eu posso falar mais próximo e com mais precisão. Eu acho que a linguagem desde o momento que a interação ali, seja pelo aplicativo, seja por qualquer outro meio, acontece, eu vejo que obviamente os assuntos trazidos, o modo de escrever, o modo de dizer as coisas, são diferentes. Os modos, né? E tanto virtualmente, quanto presencialmente. Então tem assuntos, por exemplo, que eu realmente não consigo tratar com um homem, por exemplo. Ou assuntos que eu não consigo trazer numa mesa de jantar com uma mulher.

Gustavo: Você consegue me dizer alguns desses assuntos?

Mohamed: Deixa eu tentar exemplificar... Por exemplo, na experiência que eu tive, eu tenho visto, por exemplo, que com mulheres eu consigo falar mais sobre partes familiares, eu

consigo trazer algo que está mais ligado às emoções e eu consigo trazer coisas, por exemplo, mais íntimas minhas, etc. Eu consigo ser mais confidente com uma mulher. Já com um homem é um papo mais superficial, é um papo mais direto e imediato, imediatista, eu diria, né? Justamente porque parece que essa parte, né, que a gente chama de, por exemplo, de paquera ou até mesmo de flerte acaba sendo minimizado ou até mesmo não acontece. Então eu vejo que essa etapa, ela muitas vezes é curta ou às vezes não existe. Então o assunto acaba sendo mais relacionado a sexo, a, enfim, algo mais materialista e, bom, acho que esse é o exemplo que eu consigo trazer no momento. Mas eu vejo, sim, diferença, principalmente, como eu falei, na linguagem. Em questão de comportamento, também, vejo diferença, obviamente. Linguagem e comportamento são duas coisas que andam juntas. Então, eu me porto de uma maneira, por exemplo, eu costumo, por exemplo, quando saio com caras... é... o comportamento mais comum, por exemplo, é beber alguma bebida alcoólica, seja qual for, principalmente cerveja. E com mulheres, geralmente quando eu convido para tomar alguma coisa, não sei se eu tô indo, assim, com segundas intenções. Assim, é a percepção que eu tenho. Se eu convido, por exemplo, a ir em um barzinho, não sei se ela... se bem que, de novo, é a minha percepção, não a dela, né? Talvez seja aquela questão de... tem um nome pra isso... questão de...

Gustavo: ... subjetividade?

Mohamed: Não, outra palavra, que envolve isso. Meu Deus, esqueci a palavra... enfim, vou chamar de imagem. A imagem que ela cria de mim pode ser diferente, né, mas a imagem que eu projeto é de que se eu tiver convidando para um bar, tomar uma cerveja, uma coisa alcoólica, talvez eu esteja insinuando alguma coisa além daquela simples cerveja, daquele simples papo num bar.

Gustavo: E com homens você acha que isso não acontece? Quando convida para tomar uma cerveja, seria só tomar uma cerveja, não tá insinuando nada para além disso?

Mohamed: Não, depende. Pode acontecer as duas coisas. Mas, assim, de novo, é a minha imagem que eu estou projetando. Eu nunca perguntei, também, e eu acho que é uma pergunta possível de ser feita, se eu convidar uma menina para beber uma cerveja, alguma coisa assim, uma bebida alcoólica necessariamente, ela não vai pensar que eu tô com más intenções, de embebedá-la, de querer, sei lá, com outras intenções maléficas com ela, talvez, não sei. Perceba que é a minha imagem projetando né? Não é exatamente a dela. Até porque eu nunca perguntei isso para ela, se ela realmente pensa isso a partir desse convite. Com homem não. Assim, com homem pode acontecer ou não, essa insinuação. Ao longo da conversa, ali, do bar, enfim, isso pode ficar mais claro ou não. Ou simplesmente a gente ter combinado de que era só tomar uma cerveja porque eu tenho outro compromisso na sequência, eu não posso, sabe, ficar muito tempo e também não vou para outro lugar com ele a partir dali. Então eu trouxe aqui um exemplo de linguagem e comportamento, os dois exemplos que eu consigo trazer, no momento.

Gustavo: Muito ricos, inclusive. Você tava falando dessas diferenças de se portar em relação a homem e em relação a mulher, você percebe que existe em você alguma predileção em relação a relacionamentos sexuais ou relacionamentos afetivos? Por exemplo “ah, eu tenho predileção para relacionamento afetivo com mulher, mas relação sexual sem grandes vínculos emocionais eu tenho predileção por homens; ou então eu tenho predileção por homens tanto afetivamente quando sexualmente; ou tenho predileção por mulheres afetivamente e sexualmente”. Você consegue fazer essa distinção ou para você ela não existe?

Mohamed: Para mim ela existe. Como eu falei, a minha atração... a minha preferência emocional, digamos o emocional em uns 75%, vamos jogar uns números aqui, 70-75% por mulheres. E sexual, sei lá, 70, não, menos, 60 [por cento]. E em homens eu tenho mais atração, assim, sexual e menos emocional. Então, por exemplo, sexual seria, por exemplo, uns 70 [por cento] e emocional, sei lá, uns 30. Acho que seria mais ou menos assim. Eu sei que

não fechou os cem [por cento]. Na verdade, a ideia não é fechar cem, juntando dois. Eu fiz de 0 a 100 para cada um deles, separado. Então, só pra dizer que a parte emocional fica, na sua grande parte, na sua grande maioria, com mulheres, e a atração sexual com homens.

Gustavo: Entendi. E de que maneira você acredita que ser homem interfere na sua orientação sexual? Você acha que a experiência de mulheres bis é diversa, ou de pessoas de outros gêneros mas que se identificam sexualmente como bissexuais, tem mais facilidade para se revelarem bissexuais? Mais dificuldades? Não tem como comparar?

Mohamed: Acho que tem como comparar. Eu não consigo, agora, trazer uma resposta dessa comparação, mas assim, pelo meu ponto de vista de homem bissexual, eu vejo que... quando eu revelo, conto, enfim, trago isso à tona com outro homem, a aceitação é maior do que com mulher. Agora...

Gustavo: Com outro homem, aí, você coloca que você está se envolvendo emocionalmente, sexualmente, ou com intenções de, ou qualquer homem, mesmo que seja, por exemplo, um amigo? **Mohamed:** Não, depende. Com os homens com os quais eu esteja conversando, enfim, com outros fins, não como amizade.

Gustavo: Entendi.

Mohamed: Eu não consigo agora, por exemplo, me colocar, eu até posso me colocar no papel de uma mulher bi em que, por exemplo, essa aceitação seja, enfim, menor ou maior. Não sei dizer, de fato, né? Eu tenho essa empatia, mas eu não posso trazer a fala de uma mulher bi, por exemplo, para afirmar isso.

Gustavo: Certamente.

Mohamed: Então, pelo meu ponto de vista somente, pela minha experiência como bissexual homem eu vejo que a aceitação, assim, é maior por parte dos homens do que das mulheres.

Gustavo: E as mulheres aí você também está se referindo às mulheres que você se relaciona ou tem intenção de se relacionar.

Mohamed: Sim, correto.

Gustavo: E você acha que a sua orientação sexual é parte importante da sua identidade?

Mohamed: Sim.

Gustavo: Por que?

Mohamed: Porque, querendo ou não, ela vai estar influenciando a maneira como eu vejo as pessoas, a maneira como eu converso com as pessoas, a maneira como me relaciono com elas, seja com fins sexuais, emocionais, afetivos ou não. Então vejo que a minha percepção muitas vezes é um pouco diferente de uma... justamente por ter esses dois lados, né, eu consigo enxergar muita coisa que, por exemplo, um hétero somente, uma mulher hétero ou um homem hétero não conseguiriam. Então eu vejo que faz parte, sim, da minha da minha identidade. Me constitui e eu também não consigo deslocar, não consigo descolar uma coisa da outra. Eu acho que se eu falar do Mohamed*, eu tô falando obviamente de tudo aquilo que eu sou, de tudo aquilo que me compõe. E a sexualidade, minha orientação sexual, enfim, não pode ficar de fora. Então acho que eu considero isso como uma construção de uma coisa que tá junto comigo.

Gustavo: Eu vou aproveitar que na pergunta anterior você trouxe a questão das porcentagens, vou aproveitar esse mesmo tópico para te perguntar se você consegue estabelecer com essa mesma régua qual é o grau de importância da sexualidade para tua identidade, para tua definição enquanto pessoa?

Mohamed: Boa pergunta. Nunca medi isso. E não saberia medir agora. Mas eu sei afirmar que ela é importante. Ela é constituinte da minha identidade, mas eu não sei precisar a porcentagem.

Gustavo: Entendi. E como que foi a sua primeira experiência de se revelar bissexual para alguém? Para quem que foi? Como que foi essa experiência?

Mohamed: Foi para minha irmã. A minha irmã é mais velha do que eu. Ela é um ano e meio

mais velha do que eu. E antes mesmo de ter essa relação sexual com o carinha da festa durante a minha faculdade, eu, como eu falei, estava procurando um termo, querendo saber mais sobre o que me faltava, né? O livro lá, “A parte que me falta”. [risos] E eu, pesquisando, cheguei nesse termo, obviamente, e minha irmã foi a primeira pessoa que pode ouvir de mim essas minhas dúvidas, essas minhas angústias, essas minhas curiosidades, essas minhas... enfim, as minhas questões. E ela obviamente não soube conduzir, por exemplo, “ah, é isso mesmo, né? Existe isso mesmo e tal”, mas ela tava aberta para ouvir, eu acho que foi o mais importante. Embora ela não trouxesse nenhuma experiência pessoal ou nenhuma leitura sobre o assunto, ela pode simplesmente parar e me ouvir e recebeu o que eu tinha para falar. Então foi uma excelente ouvinte, ela continua sendo uma excelente ouvinte. Então foi a primeira pessoa com quem eu pude contar para contar.

Gustavo: Ela te acolheu bem nesse sentido?

Mohamed: Sim.

Gustavo: E em que época que foi isso, que foi essa sua revelação para ela?

Mohamed: Foi um pouco antes de ter essa experiência sexual com um cara.

Gustavo: Na festa?

Mohamed: É, o cara da festa, correto. Então um pouco antes eu estava já com a ideia mais madura na minha cabeça, né, obviamente com mais certezas do que incertezas e tal. Então foi o momento que eu pude conversar com ela.

Gustavo: Mas você trouxe para ela que você tinha dúvidas em relação à sua sexualidade ou você pontuou “Não, eu sou bi porque disso, disso e disso”. Como é que você levou esse assunto pra ela?

Mohamed: Foi uma conversa em que eu trouxe, sim, algumas dúvidas, até porque eu não sabia tudo, né? Não sei até hoje, obviamente. Mas eu não sabia com mais propriedade daquilo que eu estava falando, mas eu trouxe algo que eu já conseguia formular, conseguia afirmar. Então embora na minha fala tivesse algumas dúvidas e incertezas, algumas inconclusões, eu também já tinha algumas certezas, já tinha algumas conclusões, já tinha as minhas certezas. Então algumas afirmações, a conversa girou, mais ou menos, nesse sentido.

Gustavo: Você se colocou como “eu sou esse” e não como “isso é uma fase”.

Mohamed: É, eu não falei que era uma fase, eu falei que eu gostava de meninas mas que, ao mesmo tempo, isso não me completava emocionalmente, afetuosamente e sexualmente. Então eu falei pra ela que realmente faltava algo e que, sei lá, eu estava aberto para experimentar, pra ver se realmente essa parte que me faltava fazia sentido, né, com homem, com uma experiência com homem. Então, a partir do que eu já tinha lido da bissexualidade, e por buscar, como falei no início, também, cisgênero, eu me senti à vontade de contar para ela e também futuramente depois para ter o primeiro contato, a primeira relação com esse cara.

Gustavo: E você teve essa mesma abertura pra falar da tua orientação sexual com outras pessoas da sua família ou foi só com a sua irmã?

Mohamed: Da minha família, minha irmã mais nova soube depois, porque numa conversa que nós tivemos eu contei. Mas foi bem depois, minha irmã é mais nova, enfim, ela tem uma diferença de idade maior, né, entre mim e ela. Então não foi logo depois que eu contei para a minha irmã mais velha. Mas houve, sim, essa conversa, anos depois. Então as duas sabem. Com meus pais eu nunca comentei isso, na verdade. Com meus pais nunca tive essa conversa.

Gustavo: Mas você acha que suas irmãs podem ter levado esse assunto até eles ou acha que eles se mantêm ignorantes em relação à sua orientação sexual?

Mohamed: Eu acho que meus pais não são inocentes ao ponto de, mesmo minhas irmãs não tendo contado nada, por exemplo - se bem que eu não pedi segredo -, mas mesmo elas não tendo contado nada, eles não são inocentes ao ponto de pensar que eu só me relaciono com mulheres.

Gustavo: É?

Mohamed: É. Até mesmo pela minha linguagem, comportamento, de novo eu trago à tona, algumas pistas que eles podem interpretar e criar uma... ah, agora lembrei a palavra que eu estava tentando buscar. Não era imagem, imaginário! Imaginário. E aí, eles podem até mesmo criar um imaginário a respeito de mim, mas pelo que eu conheço dos meus pais, eles não são inocentes, não são ignorantes e também eles não desconhecem o termo.

Gustavo: E que pistas são essas que você acha que eventualmente leva até eles?

Mohamed: Por exemplo... nossa, deixa eu pensar em uma pista [risos]. Hã... Talvez... talvez porque eu cresci em uma casa, como eu falei, com duas irmãs, mais minha mãe, esse universo feminino sempre esteve muito presente para mim, né? Talvez por saber, por exemplo, de alguns relacionamentos das minhas irmãs, estar mais próximo delas e também da minha mãe, né? Depois que ela se separou do meu pai e tal, eu comecei a ter, enfim, uma... uma... uma certa... como eu posso dizer? Um certo entendimento sobre... sobre que tipo de homem as mulheres, as minhas irmãs, por exemplo, e minha mãe gostavam e para entender mais tanto o lado delas, porque eu convivia com elas e também ouvi delas histórias de caras, enfim, eu comecei a me mostrar mais, no sentido, assim, de me posicionar mais em relação aos dois lados, né, tanto como experiência com homem ou experiência com mulher. Não de fala tão clara, mas eu acho que essa... esse... percurso, esse caminho percorrido aí, por dizer coisas, de opinar, principalmente, dos dois lados fazem com que realmente elas conseguissem perceber, por exemplo, né, você falou das pistas, a minha mãe, enfim, conseguisse perceber que na minha vida, ao longo desses anos que eu tenho, eu não tive somente experiências com mulheres. Então isso faz com que a coisa fique mais... mais aberta do que fechada. Então, embora, de novo, eu não tenha contado explicitamente pros meus pais, eu sei que, ao longo das minhas falas, das minhas atitudes e das minhas opiniões mostram que eu já andei nas duas pistas, sabe? Eu já, no inglês, I've been there... esqueci a... eu já experienciei as duas coisas, então eu sei dizer porque eu já experienciei, nesse sentido.

Gustavo: Uhum. Entendi. E em relação a grupos sociais que você consegue ou tem predileção para revelar sua orientação sexual. Quais deles você tem mais facilidade, quais deles você tem mais dificuldade? Por exemplo, “ah, eu tenho mais facilidade para falar da minha orientação sexual com meus amigos, mas tenho dificuldade de falar da minha orientação sexual ou não falo da minha orientação sexual com, por exemplo, colegas de trabalho, família”, enfim.

Mohamed: Ok. Mais com amigos, conhecidos, que compartilham da mesma orientação. E dentre os amigos que tô chamando aqui, amigas mulheres, é um paradoxo aqui, também, que eu tô trazendo novamente. Até por conta de como eu falei anteriormente, por eu ter mais facilidade de me abrir afetosamente, emocionalmente, trazer questões mais emocionais, né, com mulheres, essa aceitação com amigas é muito mais tranquila. Essa... essa... não é bem aceitação palavra, mas essa oportunidade de conversar, de falar sobre isso é maior do que com amigos homens.

Gustavo: E com colegas de trabalho, por exemplo, você chega a mencionar...

Mohamed: Não.

Gustavo: Nunca chegou a mencionar nada da sua orientação sexual?

Mohamed: Não.

Gustavo: E nunca recebeu nenhum comentário do tipo insinuando que você poderia ser bissexual? **Mohamed:** Não, também não.

Gustavo: E porque você escolhe que esse grupo seja o menos ciente da sua orientação sexual? É o grupo menos ciente, né, pelo que você falou.

Mohamed: Correto. Uma boa pergunta, na verdade. Eu tenho colegas de trabalho que depois viraram amigos, que frequentam minha casa, que eu frequento a casa deles, a gente sai junto, então tem uma certa intimidade já, mas eu não sei, eu nunca tive ainda uma oportunidade ou não rolou ainda um clímax para que eu pudesse falar sobre a minha orientação sexual. Então

eu acho que falta esse clímax, acho que falta mais umas bebidas para a gente começar a conversar sobre isso, mas acredito que para esses colegas que viraram amigos depois, que são meus amigos, eu acho que essa conversa renderia horas, essa conversa, essa... essa...esse não seria um problema, não. Não vejo que seria um problema para atingir esse público específico.

Gustavo: Mas para esses colegas de trabalho que posteriormente se tornaram seus amigos você contou sobre a sua orientação sexual ou nem para eles? Por terem esse outro lado, né? Essa relação de trabalho também. [Por isso] você escolheu não contar para eles.

Mohamed: Pois é, eu acho que isso é um critério bastante importante pelo qual eu escolhi não me abrir completamente, nesse sentido. Não é por medo de julgamentos, mas simplesmente por, sei lá, me abrir demais, me expor demais, sem necessidade, sabe, sem ter um determinado fim. Eu acho que quando eu decidi contar para minha irmã, por exemplo, eu tinha uma finalidade, um objetivo comunicativo. Com esses amigos eu acho que o clímax vai acontecer e o momento vai chegar quando eu sentir a necessidade comunicativa, situação comunicacional permitir que eu conte. E não simplesmente contar por contar, sem ter um propósito daquilo que eu estiver contando.

Gustavo: Até porque não se sabe como é a reação das pessoas, né?

Mohamed: Correto.

Gustavo: Eu trago agora um pouco da minha experiência, quando eu decidi revelar minha orientação sexual, a sensação que eu tinha era que, tipo, tava pulando de paraquedas. Nunca pulei de paraquedas, mas a minha sensação foi essa. Porque assim, eu tô na porta do avião, eu vou pular e daqui não vai ter mais volta, não vai ter como voltar para o avião, não vai ter como voltar para situação anterior. Eu vou estar no ar. Eu vou estar caindo. Eu espero que caia em algum lugar sólido, firme, que me sustente, mas eu não tenho essa garantia. Foi essa a sensação que eu tive nas primeiras experiências que eu revelei a minha orientação sexual, né? E ainda nessa toada, você já sofreu preconceito por ser bissexual?

Mohamed: Não. Preconceito não sei se é a palavra. Bom, eu tenho que investigar no dicionário o que o preconceito abrange, de fato. Mas o que eu tive, como eu falei, pra algumas pessoas que eu contava, essa noção de que “ah, é que você tá indeciso, é que você tá experimentando, é que você tá... não decidiu ainda o que você quer” ou com propostas promíscuas, né, como eu disse lá no início. Então, se isso te configurar como preconceito, se a leitura, dependendo aí da análise, você encaixar como preconceito, talvez seja ou talvez não seja, então... agora um preconceito explícito, assim, nunca tive.

Gustavo: Mas você não considera que essas formas de desqualificação da sua autoidentidade não seja uma forma de preconceito?

Mohamed: Então, eu já parei para pensar sobre isso, mas eu cheguei à conclusão que talvez a palavra melhor ou mais adequada, vamos pensar assim, para definir, seria falta de informação. Acho que é desconhecimento, falta de ignorância (sic), mas é uma coisa que também tá ligada a outra. A ignorância também pode se perpetuar em um ato preconceituoso. Eu sei disso. Mas eu não analisei essas falas de forma preconceituosa, né? Mas sim de uma forma mais ignorante, sem o devido conhecimento sobre o assunto. Eu acho que quando a pessoa acaba emitindo falas, fazendo falas preconceituosas, eu acho que ela já tem uma consciência de que “olha, eu sei, mas não quero aceitar”, sabe? “Eu sei, eu quero fingir que eu não sei”. Então acaba batendo nessa tecla, daí o preconceito realmente fica mais evidente para mim, pelo menos. A minha leitura de preconceito, nesse caso, especificamente, fica mais evidente. Mas os exemplos que eu te dei anteriormente foram mais de ignorância mesmo. Embora, de novo, uma coisa tá ligada a outra né? A ignorância pode, sim, estar ligada a atos preconceituosos.

Gustavo: E de que forma isso chega até você? Te atinge pessoalmente?

Mohamed: Não, porque a leitura que eu fiz foi mais de ignorância, de desconhecimento. Então não me atingiu, assim, de forma a me machucar. Eu acho que quando a pessoa fala isso de forma intencional, querendo realmente me machucar, me ferir, enfim, de alguma forma, aí

sim eu acho que esse preconceito deixa de ser velado, né, e ele aparece claramente e, enfim, sei lá, até com uma fala acompanhada de discurso de ódio, de agressão, de algo do tipo. Mas então, como as experiências que eu tive não se configuraram, para mim, preconceito, então até o momento não me senti atingido, nesse tipo de situação.

Gustavo: E você acha que é possível nomear alguma ou algumas dificuldades ou desafios específicos por ser um homem bissexual?

Mohamed: Sim, eu acho que... eu acho que um dos desafios é lidar com a falta de conhecimento, de informação, de julgamentos tortuosos, de imaginários que não conferem com uma realidade, com crenças que são no fundo estereótipos e, de novo, quando as pessoas não conseguem reconhecer tudo isso que eu disse, fica complicado você conversar e se abrir e, como você falou, né, pular mesmo lá do avião, já que todo suporte, por exemplo, que você teria lá embaixo quando você aterrissasse, seria, por exemplo... é desconfortável... seria, por exemplo, como se você caísse no mar, por exemplo, ao invés de cair no solo. Então talvez tudo isso culmine na ideia de que uma dificuldade, talvez não só do homem, mas também de mulheres bissexuais enfrentam diariamente, frequentemente, e acho que uma das formas, por exemplo, de evitar esse desconforto na aterrissagem seria não contar, ou ficar restrito a algumas pessoas. Mas eu também não vejo como um bom caminho, já que, de novo, você tá combatendo uma coisa com algo que não é o melhor instrumento. É paliativo, na verdade, né? Seria mais paliativo, já que você precisa que as pessoas entendam mais sobre o assunto, e que compreendam como funciona, como é que você vai começar a restringir mais a sua fala e não mostrar sua identidade, mostrar quem você é, mostrar sua orientação e como isso afeta na sua vida. Então uma coisa, obviamente, não se encaixa com a outra. Por isso que eu falei que é paliativo. Agora, especificamente, o homem bi... que tipo de dificuldade ou limitação... talvez eu vou voltar na mesma tecla, talvez seja a mesma coisa que eu falei de algumas mulheres que desqualificam a ideia de ser bissexual e acabam menosprezando aquilo que você sente, aquilo que você gosta. Então esse acolhimento não existe, né? Talvez essa seja a dificuldade do homem bi, ao meu ver. E aí, anteriormente, eu falei mais genericamente, né? Do bissexual genérico.

Gustavo: Independente do gênero, previamente você tinha falado né?

Mohamed: Sim.

Gustavo: E agora o outro lado, você acha que é possível elencar pontos positivos específicos da bissexualidade masculina?

Mohamed: Pontos positivos... eu acho que especificamente masculina não. De novo, vou ter que falar genericamente. Eu acho que... essa convivência com os dois gêneros faz com que você tenha algumas experiências de vida únicas, experiências que você não teria somente se você gostasse de um gênero. Então eu considero isso um lado positivo, essas experiências agregam valores, assim, importantes, pelo menos para mim tem agregado. Eu tenho conhecido muita gente interessante, muita gente que se interessa pelo assunto, né, que tá aberta a ouvir e que tá disposta a viver a bissexualidade, né? Agora, não sei elencar um ponto positivo sendo um homem, especificamente. Não sei, nunca tive, sei lá, uma vantagem ou sei lá, algo que eu pudesse elencar como positivo, assim, especificamente sendo homem.

Gustavo: Mas na sua particularidade quais experiências foram essas que você considera como ricas ao se relacionar com homens e mulheres?

Mohamed: Cara, eu acho que a troca de carinhos, a troca de afetos, enfim, envolvendo tanto a parte sexual, emocional, afetiva. Eu acho que a descoberta, porque uma coisa é você se autodescobrir. Eu, como homem, comecei a me masturbar na adolescência, então eu tava me conhecendo, eu tava, enfim, encontrando pontos de prazer em mim. A partir do momento que você começa a fazer isso com outro cara, você percebe que os pontos não são os mesmos, ou podem ser os mesmos, que algumas coisas são compartilhadas socialmente, outras coisas são individualmente. Sei lá, gostos afins, gostos diferentes, então essa descoberta um do outro,

seja quando eu tô com mulher, seja quando eu tô com homem, eu percebo que são experiências que me enriquecem. Eu consigo entender onde dá certo para mim, não dá certo para ele ou para ela e vice-versa, né? Então eu vejo que essa descoberta não só do corpo humano, do corpo da mulher e do corpo do homem, a bissexualidade vai além disso, vai entender, por exemplo, o funcionamento de diversas, enfim, até mesmo, como eu falei, essa identidade que tá junto, que é difícil de desassociar, e que para mim não é dissociável, eu percebo que... a forma como as pessoas pensam e agem me ajudam a me tornar um ser humano melhor, talvez. Não consigo, enfim, chegar a uma conclusão precisa do que exatamente eu tô qualificando como uma experiência positiva ou agregando para minha vida, mas eu tenho certeza de que tem sido bom, tem sido... como eu posso dizer? Tem sido... experiências que tem me feito bem, que tem me completado, obviamente. Então acho que, enfim, tentando resumir aqui, seria mais ou menos isso. A ideia de que a descoberta não só do outro corpo, mas também conhecer outras pessoas e como elas se comportam e agem e pensam, faz com que eu também me autodescubra. Então acho que é um efeito, tentando resumir, é uma palavra que tem um efeito dialético, que vai e volta, né?

Gustavo: Então deixa eu ver se eu entendi. Colocando em síntese, você acha que ser um homem bissexual possibilita com que você se atraia por pessoas, independente de ser um homem cis ou uma mulher cis e que isso te permite fazer descobertas sobre você e descobertas mais ricas sobre outras pessoas, seria isso?

Mohamed: Sim.

Gustavo: É?

Mohamed: É.

Gustavo: É isso. A gente abordou todas as questões do roteiro que eu tinha elaborado. Tem alguma coisa que você imaginou que eu te perguntaria e que eu não te perguntei?

Mohamed: Não, eu acho que... eu tinha imaginado algumas possíveis perguntas sobre o tema que você tinha me falado lá, pelo Insta, e me foram realmente aquilo que eu tinha pensado. Não tinha nenhuma que eu “ah, queria que ele tivesse perguntado”. Não. Acho que foi dentro de um roteiro bem estruturado, gostei de responder as perguntas, me fez refletir, talvez eu tenho divagado em algumas respostas, porque eu tava, realmente, porque umas perguntas que eu não me faço e quando alguém pergunta, eu tenho que analisar meu passado, minhas experiências para poder completar um raciocínio lógico e trazer uma resposta que faz sentido para você né, obviamente. Mas isso é um exercício, também, de autoreflexão, valeu à pena conversar com você, por levantar essas questões e cutucar, e como você falou, qual a palavra que você falou mesmo? Não foi cutucar, você falou uma palavra...

Gustavo: Provocar?

Mohamed: Provocar, é! Enfim, nesse sentido essa provocação é importante. Tendo uma mediação assim, bem-feita, eu acho que ela é superválida e, enfim, valeu à pena mesmo ter participado. Obrigado pela oportunidade.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM BRUNO

Entrevista realizada em 21/5/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Bruno (nome fictício) foi o segundo entrevistado.

Gustavo: Então Bruno¹⁷, como eu falei para você, essa entrevista é um requisito para minha dissertação, aqui, para o mestrado na federal, e é sobre as experiências, né, as subjetividades de homens bissexuais, como que eles constroem e valorizam as experiências de vida, principalmente vinculando a bissexualidade à masculinidade, né. Eu queria começar essa entrevista pedindo para você me falar sobre você, assim, sua trajetória de vida, o que você achar interessante falar sobre você.

Bruno: Ok. Então vou fazer meio inverso. Eu sou estudante de graduação¹⁸, sou natural do interior do Paraná, aí tô residente em Curitiba agora para estudar... é... aí não sei se a trajetória mais pessoal relacionado com a bissexualidade...

Gustavo: Não, a primeira pergunta é mais ampla mesmo, para você falar o que achar interessante, aí posteriormente as outras perguntas vão ser mais direcionadas para a orientação sexual.

Bruno: Bom, acho que é meio que isso, assim. [se o tema fica] Muito amplo fica mais difícil para falar assim, né. São muitos caminhos, né. Aí fico meio perdido, assim.

Gustavo: Aham. Beleza. Então aprofundando já para a parte da sua orientação sexual, quando e como foram suas primeiras experiências sexuais?

Bruno: Bom, foi já na infância, assim. Antes mesmo da puberdade eu já percebia, assim, que não era heterossexual, né. Mas eu sempre me curvei, assim, para a heteronormatividade, até pela criação conservadora e tradicional que eu tive. Aí eu sempre procurei, assim, me orientar pela heterossexualidade, ignorando e não dando tanta atenção para esse outro lado homoafetivo que tinha né. E sempre tive muitas dificuldades em entender eu mesmo, né. Até porque eu não conseguia conversar com ninguém por ser do interior, né, essa discussão é muito limitada, na família muito mais. Aí sempre guardava para mim isso, não conversava com ninguém e tal. Aí depois da puberdade que eu vi que, assim, que eu não podia fugir disso, que não é uma escolha, né, geralmente, a sexualidade. E aí eu logo no ensino médio eu tive um namoro com uma menina que foi bem difícil, assim, para eu aceitar porque sempre fugia de relações, assim, mais sérias e tal, com meninas, justamente por essa confusão, assim, né. Eu tive uma experiência, assim, bem bacana até nessa relação. Funcionou tudo tranquilo, assim. A gente se dava muito bem, mas depois de um ano e pouco eu vi que eu não estava satisfeito na relação, principalmente sexualmente, né. Porque o lado homossexual tava vindo à tona muito forte e tal. Aí foi quando eu conheci um menino que me fez me abrir mais, assim, para esse lado, né. Foi, digamos, quando eu me aceitei. Aí depois disso eu terminei o namoro e comecei a dar mais atenção, digamos, para esse lado homossexual, né. Aí como eu disse, até hoje assim é um pouco incerto, assim, essa questão da orientação sexual, né. Eu me considero bissexual, né, até pelas experiências que eu já tive, mas o lado homossexual é muito mais forte, né? Então é uma coisa, assim, complexa de entender, né. Porque não é tão determinante assim impor uma orientação sexual, né. Tipo, não é tão simples assim. Aí agora eu tô numa relação homossexual e eu tô bem satisfeito, assim. Me sinto mais encontrado, né. Mas o que não descarta, digamos, a bissexualidade também, né. Então basicamente isso, assim.

Gustavo: E você falou que teve essas experiências com esse namoro com a menina durante o ensino médio e depois conheceu um cara, né. Mas voltando um pouco antes, quando que você

¹⁷Nome fictício.

¹⁸O curso informado na entrevista também é ocultado por razões de resguardo da privacidade do entrevistado.

atração sexual de forma ampla? Independente de ser por um homem, de ser por mulher.

Bruno: Já na puberdade, assim, né, que tudo começa a aflorar, assim, nessa questão da orientação, da atração. Apesar de que a atração por homem sempre foi mais forte, né?

Gustavo: E esse período que você falou do ensino médio aí que você namorou essa menina você tinha o que? Quinze, dezesseis anos? Qual que era tua idade nesse teu primeiro contato sexual?

Bruno: Era dezesseis. Dezesseis pra dezessete.

Gustavo: E quando que você percebeu que sentia atração sexual por mais de um gênero?

Bruno: Bom, quando criança eu já percebia que não era só mulheres que me atraíam, né. Mas sempre ignorei, também, a atração por caras, assim. Sempre ficava me orientando mais para a orientação heterossexual. Mas quando criança, assim, já era evidente para mim que sentia atração pelos dois lados, né.

Gustavo: E esses dois lados que você se refere são homens e mulheres cisgênero ou você também sente atração por outros gêneros ou gêneros não-binários?

Bruno: Nesse sentido, digamos, é mais pan [referindo-se à pansexualidade], assim. Não tenho essa limitação de cisgênero, né.

Gustavo: Você trouxe essa definição de pan. Como que você definiria a bissexualidade? O que seria definido como bissexualidade, por exemplo, no que ela se diferencia da pansexualidade para você, se é que tem alguma diferenciação.

Bruno: Bom, tem a diferença, né, que bissexualidade pode estar restrito só a cisgênero, né. Aí eu já vejo pan com essa abertura, né, para as siglas, no sentido de que não tanto vai importar o gênero, né, mas, tipo, mais pessoas assim. Daí depende de cada pessoa, né, para ser atraente ou não. Mas praticamente todas as minhas experiências foram com pessoas cisgênero ou trans, assim. Não conheço pessoas não binárias, nesse sentido né.

Gustavo: Mas você não restringe o seu desejo e o seu afeto? Você não exclui essas pessoas do teu campo de desejo e afeto, né?

Bruno: Não.

Gustavo: E você falou que no ensino médio conheceu esse cara enquanto estava namorando. Como é que foi esse contato com ele? Como é que vocês começaram a conversar? Como é que vocês tiveram a primeira relação? Você pode contar um pouco mais disso para mim?

Bruno: Bom, então. Eu tava namorando ainda e esse cara era, a gente era amigo, assim, de um tempo. Aí, meio que de repente, a gente começou a conversar mais, assim. Com mais intensidade, com mais frequência e aí eu fui sentindo uma atração mais forte, assim. E, como foi recíproco, aí ficou como que eu não podia fugir disso, né. Aí então eu voltei por terminar o namoro, né, já que eu não estava tão satisfeito e tava tendo essa outra questão, né. Aí depois que eu terminei eu fiquei com esse menino e foi um momento, assim, bem marcado na minha vida, que eu que aceitei a bissexualidade, né, esse meu lado homossexual, digamos. E de certa forma foi tarde, né. Porque eu sempre tentei fugir disso e me convencer de que era heterossexual, né. Mas depois dessa relação foi determinante para essa abertura, né, para a bissexualidade.

Gustavo: E a partir do momento que você começou a se interessar por esse cara, você esperou terminar seu relacionamento com a menina que você tava, para depois ficar com ele, ou enquanto você estava com a menina você ficou com ele para experimentar, para ver se era realmente aquilo que você queria?

Bruno: Não. Foi só depois do namoro. Foi até uns meses depois do término do namoro, né. Aí depois disso a gente continuou conversando e eu, já antes de terminar o namoro, já sabia que... até por todo o histórico, né, que que era aquilo mesmo, e que eu não ia poder fugir e que eu tinha que olhar mais para essa questão, né. Aí eu decidi terminar, aí também foi o período que eu entrei na graduação, então foram várias coisas acontecendo, assim, que deixou tudo mais turbulento e complexo. Mas isso só depois de uns dois ou três meses que eu fui ficar

com ele mesmo. O relacionamento não durou muito tempo, assim, mas foi essencial para essa aceitação, digamos.

Gustavo: Mas ele já se identificava como bi ou como gay? Ele já tinha um posicionamento claro que ele gostava de homens?

Bruno: Sim. Ele já se considerava gay e já era abertamente...

Gustavo: E a partir do momento que você terminou esse seu relacionamento com a sua ex-namorada e ficou com esse cara, ficou claro para você na hora que você era bi ou você teve um período de confusão, um período de elaboração mental, como é que foi?

Bruno: Então, foi por um ano inteiro, assim, que eu fiquei nessa elaboração, nesse autoencontrar, né. E como eu falei, fica um pouco cinzento, assim, essa questão, né. Sobre eu ser bissexual mesmo ou ser homossexual, né. Mas como eu falei, como eu não restrinjo, assim, a atração, não tem essa coisa do limite, aí não fica nada tão determinado, né. Mas fiquei um ano inteiro, assim, me aceitando e revendo também comportamentos, mesmo, que eu tinha adequado à heteronormatividade, né, que não necessariamente correspondiam à minha personalidade, né. Então nesse período fiquei em várias questões, assim, tanto estéticas, como comportamentais, até modo de pensar, também, né. Porque antes de eu aceitar a bissexualidade eu reproduziria muita postura homofóbica também, né. Até como um jeito de tentar me enganar, de dizer para mim que aquilo não era certo, sei lá, entre aspas.

Gustavo: Engraçado que você tava falando ali, tipo, sobre essa quebra desse padrão heteronormativo, né. E que hoje você se interessa mais por homem do que por mulher, eu estava lembrando de uma leitura da Shiri Eisner, que é um livro sobre bissexualidade, que ela fala uma parada bem interessante, que ela fala assim, você não precisa ter exatamente o mesmo nível de atração por homem e por mulher para ser considerado bissexual, né. Não existe isso, né. A gente não é tão cartesiano assim a ponto de falar “eu sou exatamente 50% para cada um. Se eu for um pouco mais para um lado, então vou estar um pouco mais para gay. Ou se for um pouco mais para o outro, eu vou estar um pouco mais para hétero.” Não existe isso. Porque justamente como você falou, a definição de bissexual ela é ampla, né, ela é aberta. E justamente para ser ampla e aberta, ela traz esse teor de certa confusão e indefinição, porque quando a gente compara com a noção de hétero e de homo, são noções muito claras, né?

Bruno: Sim.

Gustavo: Hétero é só o cara que gosta de se relacionar só com gênero oposto; homo é só o cara que gosta de se relacionar com o mesmo gênero. Então eu, como bi, eu tô mais para lá ou tô mais para cá? Não, você não tá mais lá e nem pra cá. Você tá dentro da definição de bi, né, que não exige que seja exatamente uma divisão paritária, né, igualitária. E você conhece outros homens que também se identificam como bissexuais ou que manifestam desejo por mais de um gênero?

Bruno: Sim.

Gustavo: É? Da onde você tem esse contato com eles?

Bruno: Da faculdade, né. Também da minha cidade, lá de onde eu vim, né. Aí depois que eu também me aceitei, assim, me abri para esse campo LGBT, digamos, aí eu pude conhecer mais pessoas também e interagir, passar a interagir com mais frequência com pessoas LGBT. Aí você vai conhecendo, assim, a galera, né. Mas na minha cidade eu também já tenho amigos trans, bis, gays, praticamente todas as siglas, né. Aí isso também colabora para você se encontrar, para você se desconstruir. E também nessa questão da bissexualidade, a sociedade também acaba cobrando, né. Essa, digamos, “ah, você tem que ser uma coisa ou outra, né, não pode querer os dois”, também tem muito isso. E também dentro da comunidade LGBT tem, não sei se é um preconceito ou o quê, mas tem uma cobrança também, tipo, “ah, ou você é gay ou você é hetero”. Também o grupo bissexual também fica um pouco, sei lá, marginalizado, digamos, na comunidade LGBT, né, que eu, pelas experiências que eu tive,

tanto comigo, quanto com amigos.

Gustavo: Aham. E você consegue dizer da onde que vem a maior parte do estigma em relação aos bissexuais? Se da comunidade LGBT ou se da sociedade hétero, né, da parte hétero...

Bruno: Bom, aí...

Gustavo: Ou fica difícil?

Bruno: Fica difícil, né.

Gustavo: Aham...

Bruno: Porque... o que você ia falar?

Gustavo: Não, não. Pode continuar.

Bruno: Bom, é difícil, né, porque a sociedade já... essa questão do preconceito e da normatividade já é muito maior, né, muito recorrente, digamos, né. Então fica difícil medir assim, entre a comunidade e a sociedade, né, qual é o mais forte. Porque na comunidade [LGT] também essa questão do estigma tá muito ligada a estética também, né, que é o que causa uma certa confusão assim, até você se encontrar, porque às vezes tem que incorporar um padrão, um comportamento, seja jeito de falar, seja a cultura que você consome, a estética, também acaba dizendo muito sobre sexualidade, né, para a comunidade. O que também, como você falou, não tem uma porcentagem ali do quanto você precisa gostar de um ou de outro, né, para ser [aceito como bi]. E muito menos se comportar de uma maneira, né, para afirmar, para provar que você sente alguma coisa, né.

Gustavo: E esses outros caras bissexuais que você falou que conhece, eles têm algum relato específico, assim, que você nota que é comum a todos eles ou a boa parte deles? Seja referente a estigma, seja referente a questões particulares da bissexualidade masculina.

Bruno: Ah, talvez a questão mais recorrente, assim, é essa questão mesmo da cobrança, né. De você ou escolhe um lado ou escolhe outro, né. Mas não sei, assim, outra coisa maior, até porque outros caras, também, às vezes mantêm relacionamento mais com mulheres, né, do que com relações homoafetivas, né, então não tem algo assim tão pontual.

Gustavo: E você consegue perceber em você formas diferentes de se portar em relação aos diferentes gêneros?

Bruno: Como? Você pode falar de novo?

Gustavo: Se você consegue mencionar se existe alguma diferença na forma como você se porta com os diferentes gêneros. Por exemplo, hoje você tá namorando um cara, mas os seus relacionamentos que você teve com mulher, ou eventual relacionamento casual, né, ficar com alguém, ou seja, nesse namoro que você teve, você consegue dizer formas de se portar diferentes que você tenha tido?

Bruno: Talvez no modo de se comportar, assim. Na cultura, também, que consome. Acredito que muda muita coisa sim. Porque quando você tá, assim, em uma relação homoafetiva, você geralmente se volta mais para esse campo LGBT e, não sei, tanto cultural, midiático, até na linguagem, né. Aí já em uma relação mais heteronormativa, heterossexual, já fica uma coisa mais tradicional, mais padrão, assim. Não sei, algo mais convencional, né. Mas eu não acho, assim, que... não sei. Eu fico, digamos, mais para o estereótipo, mais para o estigma LGBT, assim, em uma relação homoafetiva.

Gustavo: Você tinha falado que anteriormente você vivia essa homofobia internalizada, que se forçava a se manter nesse padrão hétero. Agora que você já tem contato com essa comunidade LGBT, e que namora um homem, você acha que, ao se relacionar novamente com uma mulher, você se portaria de forma diferente em relação à forma como você se portava com a sua primeira namorada, por exemplo?

Bruno: Não, não. Certamente não. Já foi algo, assim, totalmente desconstruído. Assumido, digamos, né. E é até intolerável, né. Também já me repudiei muito, assim, por me comportar daquela maneira, mas também tentava não me culpar muito, né, por toda a trajetória que eu tive, né. Da criação, das pessoas que eu convivia, também, né. Que eu acabava

correspondendo, né, àquele grupo, né. Acabava meio que... pra eu não ficar o único heterogêneo, eu acabava ficando homogêneo ao grupo, né? Mas era algo que me desagradava, que eu sabia que, digamos, não correspondia aos meus valores, né. Até por isso que, também, fui procurando me abrir mais, me entender mais nessa questão, porque tinham vários quesitos ali que me mostravam que aquele comportamento não correspondia a mim, que eu não tava, digamos, sendo eu naquele momento, né. Mas...

Gustavo: E de que forma que você chegava a essa conclusão? Como que isso vinha até você? Tipo assim, esse não é um comportamento que eu tô achando legal em mim mesmo. O que fazia você ter essa percepção?

Bruno: Ah, eu acho que era uma questão de ter uma capacidade de me por no lugar, né. Tanto pelas minhas questões, né. Mas geralmente vinha depois do ocorrido, assim, que eu refletia e me corrigia, digamos. Não tolerava, assim, aquele comportamento. Eu via que eu não queria ser daquele jeito, né, que eu não queria, digamos, me afastar ou ofender ou atacar pessoas LGBTs, muito menos ficar reproduzindo a homofobia, né.

Gustavo: E desses episódios de reprodução de padrões heteronormativos tem algum específico que tenha te marcado de uma maneira significativa, assim, falou “não, não dá para continuar mais dessa maneira, o que eu fiz eu não acho que foi legal”, tem algum exemplo específico que você consegue lembrar agora?

Bruno: Até que não, assim, porque eu não fazia nada tão grave, digamos, né. Claro que toda homofobia é grave, né. Mas era um comportamento sutil, digamos. E o que também veio a me fazer refletir sobre isso era também, de certa forma, na... com meu irmão, assim, ele geralmente quando procurava me ofender, a gente brigava ou coisa do tipo, ele tentava me atingir com comentários homofóbicos, né. Mesmo eu não tendo assumido nada ou coisa do tipo, ele geralmente usava insultos homofóbicos para me atacar. Aí também eu ia vendo o quanto isso era reprovável e tudo o mais, né. E até levava eu refletir sobre “será que eu tô dando muita pinta?” digamos, né. Porque não queria que ninguém percebesse, né, essa minha orientação, sei lá. Aí quando isso vinha à tona, seja por ofensa, seja por comportamentos homofóbicos eu sempre ficava receoso e refletindo, repensando, né, sobre meu comportamento.

Gustavo: Esse seu irmão, ele é mais novo ou mais velho que você?

Bruno: Mais velho.

Gustavo: Ele tem quantos anos hoje?

Bruno: Trinta e três.

Gustavo: E quando ele tentava te ofender com essas ofensas homofóbicas, de que forma que você reagia?

Bruno: Bom, eu às vezes retribuía, né, os xingamentos, claro. Mas eu tentava renegar o que ele falava, né. Tipo, não... eu poderia ter... como diz? Eu poderia ter me empoderado desses xingamentos e me assumido, mas eu procurava reafirmar um comportamento mais masculino, digamos, né, para que não continuassem os xingamentos ou para não dar mais margem ainda para ele continuar, né.

Gustavo: Mas hoje você é aberto em relação a eles?

Bruno: Sim.

Gustavo: Em relação à sua orientação sexual?

Bruno: Sim. Agora com atual namoro que eu, de vez, botei um ponto final nessa questão, assim. Tanto para a sociedade, quanto para minha família, assim, de estar abertamente assumido mesmo. E não deixar, assim, nenhuma coisa dentro do armário, digamos, né, nada escondido de mim mesmo, né. Para me aceitar mesmo e, sei lá.

Gustavo: E você levou para sua família que você era bi, mas que tava namorando um cara? Ou você só falou que tava namorando um cara?

Bruno: Na verdade, eu falei que não gostava só de mulheres, né. Foi bem nessas palavras,

assim. Então meio que assumindo uma bissexualidade.

Gustavo: Mas isso quando você já tava namorando seu atual namorado?

Bruno: Sim.

Gustavo: E como que foi toda essa situação? Você contou primeiro para sua mãe, para o seu pai, para o seu irmão? Esperou reunir todo mundo, para contar para todo mundo na mesa de jantar? Como é que foi?

Bruno: Então, as minhas irmãs já sabiam antes, né, já tive essa conversa com elas antes, até antes do namoro. Eu não tenho convivência com meu pai, aí foi com a minha mãe mesmo [que contei sobre a bissexualidade], né. Aí eu falei só para ela, assim, porque minhas irmãs já sabiam, também. E ela reagiu muito mal, ela falou que não esperava aquilo, ficou bem frustrada, né, visivelmente frustrada, assim. Mas eu sabia que ela não... digamos, não era homofóbica ou não teria tantos problemas com essa questão, né. Era mais, assim, questão de expectativa mesmo, né. Aí de primeira reação foi bem ruim, assim. Ela ficou bem chateada e tal, mas depois ela disse que não ia me abandonar quanto à relação ou coisa do tipo, né. Ela ficava um pouco triste, mas ela concordou, assim, que é uma escolha minha, né, que ela não poderia influenciar nisso.

Gustavo: E como que você se sentiu ao perceber a frustração da sua mãe ao ver a sua revelação enquanto bissexual?

Bruno: Ah foi um pouco... foi um pouco chato, assim, pela situação dela, mas pelo meu lado, assim, foi um super alívio, né. Porque foi um marco, assim, do fim do meu autoenganar, né. Eu também já sabia, assim, que ela reagiria desse jeito, então já meio que esperava, assim. Eu só queria mesmo desembuchar e abrir essa questão, né, para, digamos, tirar os sapos da goela.

Gustavo: E hoje vocês têm uma relação boa ou não conversam tanto mais?

Bruno: Com a minha mãe?

Gustavo: Isso.

Bruno: Ah, é bem tranquilo, assim. Tá tudo normal, ela aceita bem a relação, já recebeu meu namorado lá [na casa dela], assim, bem tranquilamente, mesmo.

Gustavo: E ela tratou bem o seu namorado?

Bruno: Sim. Como eu esperava, assim. Sabia que de primeira ela ia ficar meio frustrada, mas ela não iria virar as costas ou reagir com homofobia ou sei lá, de um jeito mal, né. Aí hoje em dia a gente tem uma relação super tranquila, saudável. Tanto na família dele quanto na minha, né. Não tem problemas, assim.

Gustavo: E as suas irmãs? Como é que foi a reação delas em relação à revelação da tua orientação sexual e como que elas aceitam hoje seu namorado?

Bruno: Então, as minhas duas irmãs mais novas aceitaram bem tranquilamente, até por ela já terem amizades LGBT e só minha irmã mais velha, assim, que... ela reagiu parecido com a minha mãe, assim, ela ficou um pouco frustrada, porque ela, digamos, defendia, assim, minha heterossexualidade, queria, assim... ela também influenciava meu comportamento heteronormativo e era isso que ela esperava, né. Mas ela respeitou desde o começo, assim. Não tivemos problemas, assim. Deu pra ver que ela ficou um pouco frustrada, mas ela super acolheu.

Gustavo: E qual que é a idade das suas irmãs?

Bruno: Tem uma de quatorze, uma de vinte e a outra tem trinta... vinte e nove ou trinta.

Gustavo: Então vocês são em cinco irmãos?

Bruno: Isso.

Gustavo: E o seu irmão que antigamente te fazia ofensas homofóbicas quando vocês brigavam, como que ele reagiu ao saber da tua orientação sexual? Ou ele ainda não soube?

Bruno: Na verdade ele já é falecido. Ele faleceu antes dessa abertura, digamos, né. E de certa forma, eu acho que se ele tivesse vivo, assim, seria um pouco mais difícil para mim, né. Mas não sei como ele reagiria, assim.

Gustavo: E você já tá namorando faz quanto tempo?

Bruno: Faz... então, é que a gente várias datas, né...

Gustavo: Ah, eu também! É difícil estipular uma data, “ah, a gente começou tal dia”.

Bruno: Exato. Mas a gente tá junto a nove meses.

Gustavo: E como é que você contou para ele que era bi e como que ele encarou sua bissexualidade?

Bruno: Então, desde o começo, assim, eu já toquei nesses assuntos, né, quando a gente estava se conhecendo e ele super respeitou, assim. Ele é definitivamente gay, assim, como ele se considera, mas ele não teve problemas com isso, assim. Compreendeu, de certa forma, né, mesmo ele não tendo experiências desse tipo, mas ele super respeitou.

Gustavo: Mas ele fica um pouco inseguro em relação a isso, tipo, ter pensamentos, por exemplo, eventualmente ter medo de ser trocado por uma mulher ou coisa do tipo ou passa longe disso?

Bruno: Passa longe, passa longe...

Gustavo: E você falou que já tem uma predileção por homens, não é isso?

Bruno: Sim.

Gustavo: Sua preferência afetiva e sexual é por homens, né?

Bruno: Uhum.

Gustavo: E de que maneira que você acha que a sua sexualidade interfere na maneira de você ser, enquanto homem?

Bruno: Então, aí é complicado... antes, assim, de eu compreender, assim, que eu sou bissexual e tal, eu tentava encontrar, assim, uma definição para mim, digamos, né. Porque por um tempo eu conseguia ter apenas atração afetiva por mulheres e atração sexual por homens, aí eu entrava em um conflito interno, de “bom, será que é isso mesmo? é isso ou aquilo?” e como eu tive uma criação muito heteronormativa eu acabei absorvendo muito disso, né. Aí também já entrei em questões de se antes eu tivesse me aceitado, será que eu teria, digamos, um estigma mais heteronormativo, mais masculino? Ou seria mais afeminado? Não sei. Mas eu acredito, assim, que pela minha criação, a heteronormatividade, assim, com comportamento mais masculino tem influência disso, né, da criação. Mas aí hoje em dia, sei lá, tô bem tranquilo nessa questão, assim. Eu sinto que eu consegui, assim, me desprender de muito comportamento, costume heteronormativo, seja jeito de falar, seja como eu me comunicar com as pessoas, né, na linguagem, até em assuntos, assim, para conversar, né. Então muito desse limite, desses bloqueios eu consegui me desfazer. Então hoje em dia, assim, sei lá, eu acho que é... aí, não sei definir, assim. Mas, enfim, perdi a linha aqui [do raciocínio], desculpa.

Gustavo: Tudo bem. Hoje você não traz nenhuma cobrança interna em relação à sua forma de portar-se, você ter que exercer de certa forma, entre aspas aqui, uma “masculinidade mais hegemônica”, por exemplo, em relação aos membros da sua família ou você acha que conseguiu se desprender completamente desse tipo de cobrança?

Bruno: Eu acredito que sim. Até porque quando eu sinto, assim, que eu tô, sei lá, tendo alguma cobrança interna nesse sentido, eu já procuro ignorar, né. Hoje em dia, assim, eu acho que essa cobrança interna não é tão influente assim, não funciona mais, né. Mas por um bom tempo me influenciou muito, assim. Me limitou muito, né, mas hoje em dia eu já não...

Gustavo: Você acha que ter se revelado para sua família ajudou a tirar esse peso das costas?

Bruno: Totalmente.

Gustavo: E a próxima pergunta é no sentido da importância que você dá a tua orientação sexual, né. Você acha que ela é uma parte importante da tua identidade?

Bruno: Sim, com certeza. Até como eu falei, né, por muito tempo, assim, eu tive crises de identidade por não entender a minha orientação sexual, né. Então eu ficava em muito conflito, não sabia se o jeito que eu tava sendo correspondia à minha personalidade real, né. Mas eu

acredito, sim, que a orientação sexual, que essa dimensão sexual afeta muito na personalidade, na identidade, no geral, assim.

Gustavo: Por que você acha que afeta?

Bruno: Porque quando eu assumi uma identidade mais heterossexual, eu evitava, assim... é... sei lá, consumir tanta cultura, ou frequentar lugares, ou conversar sobre coisas LGBT no geral, né. E depois que eu me abri mais pra esse sentido, eu repensei mais amizades também, né. Então, amizades que reproduziam homofobia, eu já agi de outra forma. Os lugares que eu frequentei mudaram muito, as pessoas com quem eu socializo também mudaram, né. Digamos que aumentaram, né, porque eu tenho amizades de todos os tipos, assim. Mas eu me abri muito mais para essa dimensão LGBT, né, depois que eu aceitei minha sexualidade.

Gustavo: E com isso você se sente mais rico emocional e culturalmente, mais livre? O que você sente com essas mudanças?

Bruno: Sim. Então, no sentido emocional, sei lá. Tudo, eu acho, assim. É bem complexo, né. Mas sim, me sinto muito mais rico mesmo, mais, sei lá, mais completo, né. Porque antes eu me restringia muito, assim, em comportamento, em lugares que eu ia, pessoas que eu socializava também, né. E depois não, assim, eu não ligava, assim, para o que os outros iriam dizer, como iriam me ver, se eu tivesse em um lugar, sei lá, mais LGBT, que geralmente é mais atacado, né, assim, diminuído, né.

Gustavo: E antes você tava falando ali de um período de confusão, de insegurança que você sentia enquanto não se entendia como bissexual, né. O que te ajudou a colocar a cabeça no lugar nesse período? Você conversou com outras pessoas que te orientaram? Você leu livros que te trouxeram informações significativas? Você mentalmente elaborou justificativas e compreensões a respeito de si mesmo? O que te ajudou durante esse período?

Bruno: Então, esse período começou a ficar mais forte, assim, como eu falei, no meu namoro, né, quando eu já estava prestes a terminar. Porque antes eu conseguia, assim, ignorar essas questões bissexuais, homoafetivas e tal. Aí, no namoro, assim, eu vi que eu não poderia fugir disso e que isso era muito influente, assim, na minha personalidade de identidade e depois desse cara que eu conheci, e que me ajudou a me aceitar, eu comecei a falar mais sobre isso, a me abrir mais com as pessoas, também, né. E também lia muito, procurava outros casos, assim, na internet, né. Livros, também, canais no YouTube e... mas também poder falar, assim, com pessoas próximas sobre isso foi o que ajudou muito, assim, a me entender, a me aceitar e a ver que tava tudo bem, assim, que poderia ter tempo e só aceitar, né, as questões, assim, que vinham, não ignorar, não fugir, sei lá. De uma forma geral, me comunicar com as outras pessoas sobre isso foi o que ajudou mais, assim.

Gustavo: E com quais pessoas você se comunicava com mais frequência ou com mais intensidade sobre essas questões?

Bruno: Foi mesmo depois do término do namoro, assim, que com amigos próximos eu comecei a conversar sobre isso, né.

Gustavo: Amigos héteros?

Bruno: Não só. Aí LGBTs também, né. Inclusive eu procurei mais pessoas LGBTs, assim, para buscar essa proximidade. Mas antes eu não conseguia falar com ninguém mesmo, assim. Não tinha ninguém próximo que eu conversava sobre isso. Até o término do namoro eu não consegui deixar claro que era por questões da minha sexualidade que eu não queria mais o namoro, né. Só depois, assim, que eu consegui botar o pé no chão e entender que eu conseguia falar com ela sobre isso, né.

Gustavo: Falar com ela quem? Sua ex-namorada?

Bruno: Isso.

Gustavo: Você contou para ela que você era bi.

Bruno: Depois só de um tempo, né. Mas quando eu terminei, eu não consegui tocar nesse assunto com ela, né. E justamente por eu não ter esse tipo de abertura antes, né. Então meio

que fugi do relacionamento, assim. Aí consegui me encontrar. Depois que eu consegui explicar para ela bem certo quais eram as questões que me fizeram terminar.

Gustavo: E como que ela reagiu?

Bruno: Ela ficou bem frustrada, assim, ficou bem chateada, mesmo. Porque a gente tinha uma relação de amizade muito forte, né, além do namoro. E ela sempre deu espaço, assim, digamos, para eu me abrir com ela e tal, mas eu tinha uma dificuldade enorme mesmo em me expressar sobre essa dimensão, né. Aí acredito que ela entendeu, assim, depois de um tempo, mas ela ficou bem chateada porque eu não consegui, digamos, contar com ela, né. Ela poderia ter me ajudado, a gente poderia ter se entendido melhor, mas eu meio que... que deixei tudo omissos, né. Só depois que eu consegui explicitar para ela.

Gustavo: Então deixa eu ver se entendi. A chateação dela foi em relação a você não ter contado isso para ela antes, porque ela achava que ela poderia te ajudar.

Bruno: Isso. Por eu não ter sido sincero, né. Sobre por que eu queria terminar, sobre o que tava me afligindo.

Gustavo: E essa conversa que vocês tiveram foi na ocasião do término ou foi um tempo depois?

Bruno: Foi um tempo depois só.

Gustavo: Quanto tempo depois, mais ou menos, você lembra?

Bruno: Olha, sei lá, foram uns 10 meses, um ano depois, foi por aí. Foi um bom tempo depois, assim. A gente ficou um tempo sem se falar, né, um pouco afastados e tal. Aí depois mesmo que eu tava bem resolvido com essa questão que eu consegui falar com ela.

Gustavo: Aham. Foi um bom tempo depois.

Bruno: Isso.

Gustavo: E pra quem que foi que você revelou sua orientação sexual, enquanto bissexual, pela primeira vez, falou “não, acho que realmente eu sou bi e tal”, pra quem que foi e como que foi essa situação?

Bruno: Bom, foi para amigos próximos LGBTs mesmo, né. Que daí depois que eu me aceitei, que eu me resolvi, assim, eu comecei a interagir com mais frequência com pessoas LGBTs. Aí sempre eu fui deixando aberto isso, e para pessoas que eu conhecia antes também, que eram mais próximas, eu também deixava isso claro e sempre foi bem tranquilo, assim.

Gustavo: Eles te aceitaram bem? Te acolheram bem?

Bruno: Sim.

Gustavo: E nesse período de revelação da tua orientação sexual, para quais grupos você conseguia revelar a tua orientação com mais facilidade? Mais para os amigos? Para colegas de estágio? Para colegas de trabalho? Para a família? O que foi menos custoso para você?

Bruno: Foi com amigos e colegas da faculdade. E com algumas pessoas que eu mantinha mais contato, assim, do ensino médio. Mas foi com algumas pessoas, assim, da minha faixa etária, a maioria LGBTs, ou amizades, assim, que eu mantinha nesse sentido, assim, que eu me relacionava mais, né. Mas com a família foi o último caso, assim.

Gustavo: Foi o grupo mais difícil para você.

Bruno: Sim.

Gustavo: E existe algum grupo que você prefere não revelar a tua orientação sexual?

Bruno: Hoje não mais, assim. O último grupo foi a família, assim, que foi mais custoso e que eu sentia que eu precisava deixar isso aberto, né, para, digamos, eu tirar esse peso, tirar esse sufoco. Mas a família foi o mais difícil, assim. Mas não tem outro grupo que eu não queira falar, assim. Hoje em dia eu trato bem tranquilamente essa questão.

Gustavo: E quando você se refere à família, você se refere à mãe, irmãs? Ou você também se refere a parentes mais distantes, né, tios, primos, avós e tudo mais?

Bruno: Também. Tios e primos também. Mas como são poucos, assim, tios e primos que eu mantenho contato, interação mais frequente, eu não liguei muito, assim, mas sem dúvidas esse

grupo, assim, era bem mais complicado e até hoje, assim, eu tenho uma aceitação limitada, né. Mas não é algo que me preocupa, assim. O que eu sentia necessidade mesmo era de falar para minha mãe, né.

Gustavo: Mas para esses tios e outros parentes um pouco mais distantes você também já chegou a contar? Ou outras pessoas contaram, como é que foi?

Bruno: Não cheguei a contar, mas eu percebi que notaram pelas redes sociais, né. Seja por publicações, até depois do namoro também, né. Publicações nesse sentido, da relação, eu percebia que eles visualizavam e coisa do tipo, né. Não foi diretamente, assim, contado.

Gustavo: E eles chegaram a te confrontar em algum momento sobre isso? Tipo “ah, e essas postagens que você tem feito aí, o que tá acontecendo?”

Bruno: Não diretamente, né. Eu sei que fofocas assim, por trás, sempre rolam, né. Mas não vieram ninguém, assim, falar sobre isso, tocar nesse assunto.

Gustavo: Fazendo fofoca com quem? Com a sua mãe? Com suas irmãs?

Bruno: Entre eles, assim. Porque tem grupo da família que é meio que restrito aos tios, assim, que a gente sabia que eles falavam sobre e tal. Mas não foi algo que me importava mesmo, assim. Então nem ligo, né.

Gustavo: E quem te contou sobre essas fofocas? Sua mãe?

Bruno: Foi minha irmã, através de um primo, né. Que ela soube por ele, aí minha irmã me falou, assim.

Gustavo: O que tinha sido comentado, você lembra?

Bruno: Foi de uma postagem da parada da diversidade em Curitiba, que a gente tinha feito. Aí eles só repostaram a foto no grupo, debochando, assim, né, fazendo piadas, assim.

Gustavo: Fora esse episódio, você consegue elencar algumas outras situações que você já sofreu preconceito por ser bi?

Bruno: Hum... bom, é meio difícil, assim. É até porque quando eu me abri mesmo para essa questão, eu já estava de mudança da cidade, né. Que eu vim para Curitiba para estudar e aqui não tem isso, né, não tem essa questão. Sei lá, talvez um vizinho ou outro, assim, comentava... é mais comentários, assim. Não tive nenhum ataque direto, né? A não ser notar, assim, que alguns familiares olham estranho ou evitam. Algo nesse sentido, né, nada tão... tão direto.

Gustavo: E como que você lidou ou lida com esses comentários maledicentes, com esses olhares estranhos para você? Como que você reage? Como que isso te afeta?

Bruno: Praticamente não afeta, assim. Eu, como falei, do que eu precisava mesmo era falar para minha mãe sobre isso, né. Para deixar isso bem claro, para depois assim, eu, digamos, poder ser eu tranquilamente e não me afetar por essas questões alheias, né. Depois da aceitação, assim, eu consegui botar um ponto final em tudo isso, até porque, mais do que os outros me ataquem, era eu que me atacava, né, até eu me aceitar, assim. Eu me restringia muito, me limitava muito, me corrigia muito, assim, digamos, eu me enquadrava, né. Aí depois que consegui resolver isso, digamos, consegui me livrar de mim mesmo, né. Aí os outros, assim, era balela para mim.

Gustavo: Seu pior obstáculo era você mesmo.

Bruno: Sim.

Gustavo: E você acha que é possível trazer algumas dificuldades ou desafios específicos em ser um homem bissexual?

Bruno: Eu acredito que seja na questão da identidade, mesmo. Até você compreender que é isso... tem pessoas que levam com mais facilidade, né. Mas no meu caso foi difícil a questão da identidade, mesmo, né, de eu conseguir me entender, assim, qual era a minha preferência, qual era a minha personalidade e tal, né. Foi o pior para mim, assim. Pior do que enfrentar a sociedade e essas questões, foi entender a questão da identidade, mesmo.

Gustavo: E para você é possível dizer que a bissexualidade masculina tem algum lado positivo?

Bruno: Ah, eu acho que... o lado positivo talvez seja essa libertação da heteronormatividade, né. Eu acho que é o maior, assim.

Gustavo: Você consegue ter suas vivências com mais liberdade, sendo quem você realmente é, né. Sem se pregar a nenhum estereótipo, isso?

Bruno: Exatamente. Até porque eu acho um pouco complicado essa questão dos gêneros, dessa identidade sexual, né. Porque vejo assim, até pelo curso [de graduação] e tudo, como construções. Eu acredito que poderia, sei lá, ser muito menos relevante todas essa questão da determinância sexual, né. Eu creio que poderia ser muito mais aberto, assim, não ter essa restrição de bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade e tal. Até por isso que eu também no sentido da atração eu me considero pan, assim, porque, sei lá, vai de pessoa para pessoa, né. Então... eita, eu acho que eu fugi da pergunta. Qual que era mesmo? Desculpa.

Gustavo: Se você consegue nomear pontos positivos específicos da bissexualidade masculina.

Bruno: Uhum. Bom, eu acho que é isso, assim... acabei perdendo a linha.

Gustavo: [risos] Tudo bem. Eu acho que era isso aí, a gente conseguiu trabalhar todas as questões aqui, que eu tinha elaborado aqui no nosso roteirinho e agora a última pergunta é se você gostaria que fosse perguntado alguma coisa para você que não foi abordado durante a entrevista. O que você esperava?

Bruno: Bom, eu achei que foi bem completo, assim, porque pelas suas perguntas dá para tocar em vários assuntos, né. Eu acho que eu falei meio que tudo que é relevante nessa questão para mim, né. Consegui tocar, assim. Talvez não muito claro, mas eu consegui tocar em todos os pontos, assim, a partir das suas perguntas. Eu achei bem interessante, assim. São perguntas bem relevantes mesmo e eu acho que é isso.

Gustavo: Beleza. Vou encerrar gravação aqui.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOÃO

Entrevista realizada em 31/5/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. João (nome fictício) foi o terceiro entrevistado.

Gustavo: Aí, começou a gravar. E assim, como eu falei para você, a sua identidade vai ser preservada, a gente não vai utilizar nada que qualifique você. Seu nome, se eventualmente você falar alguma coisa sobre sua profissão, também, a gente vai acabar omitindo esses dados. E eu queria começar pedindo para você se apresentar de forma mais ampla possível, assim. Quem é você, ou alguma história de vida interessante, antes de entrar no tema da entrevista propriamente dito, né.

João: Aham. Bom, então, eu me chamo João¹⁹, eu não sou daqui de Curitiba. Eu sou, na verdade, de Paranaguá, no Paraná. Eu posso dizer que vim para cá porque Paranaguá era meio defasada em relação a muitas coisas, né. E eu sempre fui meio que, vamos dizer assim, meio “diferentão”, para os padrões lá da minha cidade. Cidade pequena, né, já viu. E daí tem sempre algumas coisas que para eles lá, são umas coisas muito ousadas, sabe?! Por conta disso, não vou mentir que acabei abandonando algumas coisas, né, nesse período lá, justamente por esse pensamento muito diferente deles lá. Então daí eu vim para cá...

Gustavo: Tipo o quê, por exemplo?

João: Ah, por exemplo, forma de... acho que pensamentos, inclusive, sabe? De gostos, por exemplo. Do que eu gostava, sabe. Não tinha... eu não era, por exemplo, lá se esperava assim, né, eu como piá, né, era futebol, era discutir esse negócio de time, e eu era mais, assim, meio nerdão, né. Gostava de videogame, gostava de umas coisas japonesas, muito diferentonas e daí, se teve uma época assim que, pintava meu cabelo, numa época, assim, que pintar cabelo era uma coisa, assim, não é igual hoje, né, que você vê, tipo, a gurizada aí tudo de cabelo verde, azul, e é super legal. Na época, na verdade, eu não tinha esse *approach*, digamos assim, positivo, né. Era uma ou outra a pessoa que achava legal, mas tipo, era meio esquisito isso daí, né. Mas fazia do mesmo jeito, porque eu gostava, achava legal, né. Esse é um dos pontos assim, né. Sempre gostei, por exemplo, de dança. Uma coisa, assim, que eu gostei. Teve uma época que eu cheguei a fazer, mas parei, por conta, justamente, talvez, dessa pressão social, né. Era meio complicado. Enfim, assim, era uma cidade que na minha visão da época eu pensava “meu Deus! Que cidade jaguara”, né? Difícil, as pessoas não conseguem entender essas coisas que para mim era super normal, super tranquilo, sabe? Já para eles era muito assim “meu Deus!”. Aí, claro, caía daí na questão de sempre questionar minha sexualidade por conta disso, né. Porque se você se diferencia, né, da norma, vamos dizer assim, né, já te enquadram, né, na questão de ser homossexual ou coisa do tipo. Então era esse, basicamente, meu dia a dia lá, entendeu? Mas isso não me impedia de simplesmente fazer o que eu gostava, né, seja pintar meu cabelo, seja, né, fazer dança, seja mostrar as coisas que eu gostava, que eram coisas mais voltadas à cultura japonesa ou, enfim, ou até mesmo coisas que eram mais relacionadas ao mundo feminino, né, ou da cultura gay ou coisa do tipo, né. Até porque eu morei com meu irmão por muito tempo, né. E meu irmão era homossexual e tudo mais e eu digo assim, no passado, porque hoje ele não é mais vivo, né. Então tive muita influência dele, também, né. Nessa questão dos meus gostos, das minhas... né, do que eu tinha de visão de mundo, sabe? Ele me mostrava o mundo fora daquela pequena cidade, sabe? Das coisas, de música, de arte, de filme, várias coisas. Então para mim, na época, era muito, assim, era difícil, porque as pessoas não conheciam essas coisas, sabe? Então era eu comigo mesmo e às

¹⁹O nome do entrevistado foi intencionalmente modificado por questões éticas.

vezes quando eu falava alguma coisa era meio tipo “sério mesmo que você gosta tipo de coisa?” as pessoas ficavam meio assim, sabe? Então era meio complicado.

Gustavo: Mas em Paranaguá você morava só com seu irmão? Com quem que você morava em Paranaguá?

João: Então, eu morei lá... eu morava, né, com a minha mãe, com a minha avó e, meu irmão, foi meio que ele ia e voltava, assim. Ele vinha para Curitiba, às vezes voltava para lá. Aí depois de um tempo, né, eu perdi minha mãe muito cedo e daí eu passei a morar só com a minha avó e... deixa eu lembrar se o meu tio ou se meu irmão, na época, moravam... é, meu irmão. Eu, minha avó e meu irmão daí, em uma época. A minha irmã morava aqui em Curitiba, né. E, enfim, daí família, minha avó absurdamente religiosa, né. Minha vó é crente e tudo mais, mas nunca tivemos, assim, em relação à religião e formas de pensamento, né. Inclusive a gente tinha muitas discussões saudáveis, assim, sabe? Às vezes eu questionava alguns pontos, né, da religião dela e ela tinha um ponto de vista dela, mas isso não gerava um atrito na nossa relação. Era bem tranquila, assim.

Gustavo: Mas você chegou a conversar com ela, por exemplo, sobre sexualidade? Com a sua avó?

João: Sim, sim. Inclusive eu lembro vividamente, assim, de uma vez que eu perguntei para minha avó, isso já era um pouco mais adolescente, né, e meu irmão morava com a gente e a gente sabia, todo mundo sabia, né, da homossexualidade dele e tudo mais. Ele não escondia, nem fazia questão. E eu uma vez eu “tretei”, entre aspas, assim, com a minha vó, né, daí eu “o que você prefere, vó? Que fosse, né, um ladrão ou um homossexual?” Daí ela “ah, nenhum dos dois”, sabe, assim? [risos] Daí eu ficava “lazarenta, pior que ela pode responder isso.” [ele prossegue na fala, no entanto, o áudio começa a ser transmitido com falhas]

Gustavo: Eu acho que tá cortando um pouco seu áudio. Eu acho que tá... tá com um bom sinal de internet aí?

João: Tá. Aqui tá no máximo.

Gustavo: É? É que aqui deu uma cortada agora.

João: Deu uma cortadinha?

Gustavo: É, é. O que é que você tava dizendo? Da sua vó... que você fez uma pergunta sobre o que ela preferia, se ter um neto ladrão ou neto gay e ela falou que nenhum dos dois, aí você tava falando nesse sentido.

João: É! É que daí eu fiquei, tipo, eu fiquei de cara, falei “putz, pior que ela pode responder isso”, né. Ela pode não escolher nenhum dos dois, né. Mas daí a gente ia conversando assim e tal. Acho que no fundo ela entendia, assim, sabe? Ou pelo menos, assim, ela preferia não lidar com essa situação, sabe? Mas a minha vó ela era bem tranquila, assim. Ela jamais, assim, vamos dizer assim, ela chegou pro meu irmão, né, no caso, o meu irmão era, eu ainda tava na fase de descoberta e tudo mais, então, assim, pra mim não tinha muito, vamos dizer assim, fincar uma bandeira em alguma coisa. Meu irmão já era bem aberto, ele já sabia bem o que ele era, então não tinha problema nenhum com isso. Mas ela nunca foi de, tipo assim, “ah, mas você vai queimar no fogo do inferno”, sabe aquelas coisas, assim, bem *hard*, assim? Jamais, jamais ela fez um a coisa dessas assim, sabe? Ou que é pecado e não sei o quê, vai pro inferno. Não. Ela nunca, nunca, nunca falou isso, assim, pra gente. Diferente do meu tio. Meu tio, ele, filho da minha vó, no caso, né. Ele considerava pecado e tudo mais. Inclusive tive uma treta muito forte com ele depois que meu irmão veio a falecer, em relação a isso, que aí eu tava numa época que tava descobrindo minha sexualidade e tudo mais e nunca tive, assim, filtro pros meus amigos, sabe? Nunca, tipo “ai, fulano é assim assado”. Não interessa. Se a pessoa é gente boa e tal, tamo aí, né. E por justamente ter amigos, assim, vamos dizer, de minorias, uma vez ele chegou lá em casa “ah, esses pecadores, não sei o quê”, aí eu falei “nossa, meu Deus, acho que não vai rolar.”

Gustavo: Ele também tinha esse viés religioso moralista e conservador muito forte. Esse seu

tio.

João: Sim, só que muito mais do que a minha vó. Muito, muito mais. A minha vó jamais expulsou alguém do meu círculo de casa, assim, lá de casa, por conta disso, entendeu? Inclusive ela adorava, assim, porque uma coisa que ela falava, claro que ainda por ter um... não é algo cem por cento desconstruído, mas ela falava assim “eu prefiro que vocês tragam as pessoas aqui em casa, porque daí eu, sabe, pelo menos eu consigo ver vocês e cuidar de vocês, do que lá fora que eu não sei o que pode acontecer”. Então esse era meio que o pensamento da minha vó. “Eu prefiro que vocês façam as coisas aqui em casa, que pelo menos eu sei o que está acontecendo.” Daí meu tio não, meu tio era completamente, assim, sabe, extremista. Não aceitava, era bem difícil de lidar com ele, assim, nesse aspecto. Mas a minha vó é muito mais tranquila. Mas claro, aí tem, tirando a questão familiar, né, daí tinha a questão social, né, as pessoas e tudo mais. E isso era complicado. Tinha que.. já lidei com muita coisa na rua, tipo ter que escutar “ah, ó lá o viadinho”, não sei o quê, sabe, coisas do tipo. Então era... só que assim, isso não me abalava, pelo menos não na época, eu acho. Porque... sei lá, não, não... inclusive não tinha medo, assim, de sofrer algum tipo de agressão na rua ou coisa do tipo porque, não sei, acho que pelo menos na minha cidade nunca foi disso, entendeu? Então não se tinha essa coisa de sofrer uma agressão e tudo mais. Uma coisa que talvez em Curitiba pudesse acontecer. Mas lá jamais foi acontecer isso e tudo mais. Mas às vezes, assim, era difícil, assim. Tinha uma parcela da população que era mais conservadora e tudo mais. Então você, por exemplo, na época, aparecer com o cabelo pintado era muito assim, tipo, “caralho, é um alienígena”, né. Então... e para eles o alienígena ou qualquer coisa fora da norma é viado, né. Então sempre cai nesse viés da sexualidade, né. Se você foge da norma, ainda mais você sendo homem, né, sempre cai para esse viés. Então aí eu ia lidando com isso. Mas, né, do meu jeito e tal. Mas claramente tive que tratar isso com terapia muito tempo depois, né. Porque na época você não entende, né. Você meio que bate de frente, você é adolescente e vai indo, né. Mas depois você vê que realmente às vezes tem algumas... ficam algumas coisinhas, né, digamos, umas sequelas pequenas por conta disso. Mas, no geral, minha vida em Paranaguá foi mais ou menos isso, assim. Meio conturbada, meio diferentão e tal. Tinha sorte, também. Tive muitos amigos que me deram muito apoio, também, nessa época. Que me entendiam, que me aceitavam do jeito que eu era e não julgavam por ser como eu era e sou, né, na verdade. E isso sim me ajudou a continuar a vida, né, a seguir e ver que eu não estou errado, sabe? As pessoas que estão sendo otárias, vamos dizer assim, né, tipo, eu só tô querendo ser eu, expressar as coisas que eu gosto e as pessoas ficam, né, usando termos pejorativos para me diminuir, sabe? Então essa foi basicamente a minha vida lá. E daí eu vim para cá [Curitiba], porque lá não tinha a faculdade que eu queria fazer, né, que era de [informação suprimida]²⁰ na verdade eu queria fazer [outro curso]²¹ e daí por algum motivo eu falei “ah, quer saber, não quero fazer mais esse negócio não, vou ter que estudar muito” e daí vim para cá e fiz um [curso técnico]. Porque eu fiz cursinho e tal, tentei vestibular e tudo mais, daí eu também era meio preguiçoso, assim, falei “ah, esse negócio de vestibular, vou fazer um curso técnico de uma vez, já arranjo um emprego, daí já vou me virando”, meio que fui indo para um caminho mais prático, assim, sabe? E eu também nunca tive interesse de me enfiar, assim, em meio acadêmico, de fazer mais pesquisa, meu negócio sempre foi mais, assim, quero me enfiar no mercado de trabalho. Então, daí fiz um técnico, daí depois do técnico já emendei uma faculdade de [informação suprimida] e mais para frente já também emendei uma pós e eu falei “bom, é isso aí. Agora tô munido de coisas para poder encarar a vida aqui em Curitiba”. E, cara, basicamente aqui que eu fui explorando muito mais coisas e tudo mais, né. Aqui tem

²⁰A faculdade pretendida à época pelo entrevistado também foi uma informação suprimida por não ser relevante à entrevista e por possibilitar formas de identificação de sua identidade.

²¹Também ocultado por razões éticas.

balada, lá em Paranaguá não tinha, né. Aí você vai nas baladas, daí você vai conhecendo as pessoas, daí você vai fazendo suas amizades, né. Então, enfim, daí você vai reconstruindo sua vida, basicamente, né. E foi indo, cara. E tô aqui até hoje.

Gustavo: Você falou da influência do seu irmão, pelas várias coisas da tua base cultural, né, na tua formação, e disse que ele era mais velho que você. Qual que era a diferença que vocês tinham e como que a tua família tratava ele? Você falou que tanto sua vó, quanto seu tio eram bem religiosos, bem conservadores, como que era a relação que eles estabeleciam?

João: Então, assim, o meu irmão acredito que era 8 anos mais velho que eu. Ele é o [irmão] do meio, né. E minha irmã é a mais velha. E ele era 8 anos mais velho que eu. Então, assim, a gente teve um período em que a gente morou junto e tudo mais, em que meio que a gente tinha, vamos dizer assim, as mesmas preferências de hobby, tudo mais. A gente jogava videogame junto, né. Daí a gente assistia desenho, tipo anime, essas coisas assim. A gente compartilhava de gostos parecidos, só que daí ele ia além, né. Ele era mais velho, já conhecia mais coisas, então ele já conhecia umas coisas mais diferentes, mas aí ele “ó, opa, isso aqui é legal também” e tudo mais. E ele desenhava e tudo mais, então era bem legal, assim, esse mundo que ele trazia, essa coisa colorida e tinha, sabe, uma coisa divertida, assim, esse mundo que ele me trazia, sabe. Pelo menos da minha perspectiva na época, né, mais criança, adolescente, assim. Então achava legal, assim, as coisas que ele assistia, que ele jogava, e eu também jogava também desde pequenininho já jogo, então a gente acabava jogando junto algumas coisas e aí, claro, daí com o tempo, eu acho que também ele foi descobrindo algumas coisas em relação a ele e daí a gente foi meio que se distanciando, né, em relação às coisas. Eu estava ainda na fase de videogame e tudo mais, ele já tava, assim, vendo uns filmes *cult*, já tava sabe, já tava numa outra *vibe*, assim, sabe? Pegando umas coisas já... hoje, eu entendendo, né, já pegando umas coisas mais pesadas assim e tal, que para minha idade eu já não poderia assistir, né, coisa do tipo. E aí a minha relação com a família, assim, o meu tio, assim, nunca teve uma coisa com ele assim, sabe? Eles nunca tretaram. Meu irmão, assim, ele sempre foi muito de boa. E com a minha avó, nossa, era aquele laço, assim. Ele e minha avó se davam super bem, assim, não tinha muita coisa. Só que o meu irmão ele era muito no quarto dele, mundo dele no quarto dele, sabe? Ele não saía de lá, assim. Depois de um tempo ele realmente ficava lá e era o mundo dele. E às vezes até para mim, de uma época que eu vinha de uma relação mais próxima, né, isso acabou distanciando um pouco a gente. Porque aí eu também ficava no meu quarto, ele ficava no dele e daí cada um no seu canto, sabe? Mas volta e meia a gente se trombava dentro de casa e conversava tudo numa boa, assim, né. Aí na época ele era cabeleireiro e tudo mais e a minha tia chegou a trabalhar com ele por um bom tempo, né. E daí tem até a questão da minha tia também, que super ajudou ele, nunca teve, sabe? Minha tia é de outro mundo, assim. Nunca teve problema, assim e tudo mais. Só implicava um pouco com ele porque ele era meio preguiçoso, assim, sabe? Ele tinha que estar lá, sei lá, oito horas da manhã no salão e com horário marcado, inclusive, ele chegava tipo oito e meia para atender cliente e todo mundo ficava puto com ele.

Gustavo: Essa tia é a esposa do seu tio religioso aí, homofóbico?

João: Não. No caso, é irmã dele.

Gustavo: Ah, tá. Uhum. São irmãos...

João: Isso, eles são irmãos. E aí essa minha tia ela é bem, nossa, ela é muito de boa, inclusive ela que cuidou do meu irmão, né, um pouco antes dele falecer e tudo mais, ficou junto. Inclusive eu, minha irmã, todo mundo, assim. Mas minha tia que ficou lá nos momentos finais, vamos dizer assim, né, com ele e tudo mais. Então eles tinham uma relação bem próxima, bem forte assim, sabe. Então o meu irmão jamais, assim, pelo menos dentro de casa ele nunca sofreu algum tipo de preconceito muito forte, assim. Inclusive nem do meu tio, porque acho que nem era em uma época em que meu tio era muito presente, esse meu tio babacão aí. Ele foi mais da minha época. Aí eu tretava com ele. Porque aí ele vinha com esse

moralismo para cima de mim e eu falava “vai te lascar, sai daqui com essas paradas, que não vai colar não”.

Gustavo: E quando que foram as suas primeiras experiências envolvendo a sexualidade? Quando que você começou a sentir atração sexual, né?

João: Ah, então, espera aí. Deixa eu pensar... desde, eu acho que meio que com onze, doze anos, já. Eu já comecei a ter, vamos dizer assim, uma percepção disso, assim, de atração e coisa do tipo. Porque, claro, daí eu tinha aquela coisa assim, né, aquele viés também muito de romantizar a figura feminina, né. E a figura masculina era uma coisa meio, vamos dizer assim... meio que não transparecia muito, sabe? Ela não era, vamos dizer assim, tão evidente para mim. Eu só fui perceber mais para frente, sabe?

Gustavo: Inicialmente você sentia atração por mulheres e depois que começou a sentir, também, atração por homens?

João: Isso, isso, isso. Então, sempre foi assim né, tem aquela coisa, assim, meio de criança, aquela coisa meio platônica, né, em relação a uma menina da sala. Porque daí eu acho que o meu estilo, assim, né, de me interessar por pessoas, né. Sempre foi tipo com uma guria lá, que eu ficava encantado e ficava meio zureta da cabeça. Mas aí com o tempo, também, deixa eu pensar, assim... mas isso foi mais adolescente, assim. E daí eu comecei a ver “opa, mas tem uns piás aqui que eu olho e fico opa! Também dá pra dar um, né...” [risos]. E aí ficava “tá, mas e aí, né? Preciso entender isso aqui, né. O que tá acontecendo?” E na época, assim, eu já tinha ciência, por incrível que pareça, uma vez a minha tia chegou a me perguntar, acho que... não lembro se eu tava ficando com um menino, mas isso foi bem mais tarde, e ela achou a me perguntar e eu falei que era bissexual. Mas eu, por incrível que pareça, não lembro da onde eu tirei a palavra. Da onde que eu vi, da onde que, sabe, eu não me recordo. Mas eu lembro de falar com todas as letras, já desde muito cedo que eu sou bissexual para ela. E ela “mas como é que é isso?” Falei tipo “ah, é assim. É os dois, não escolho, sabe?” Já na época eu já tinha essa consciência.

Gustavo: E quanto tempo que levou desde você ter essa percepção da atração sexual por mulheres para você perceber que também se atraía sexualmente por homens? Foi um espaço de tempo curto ou levou um pouco mais de tempo?

João: Foi, meu, meio curto, assim. Até porque, Gustavo, assim, eu era, assim, muito nerdão, entendeu? Então essas coisas de sexualidade e tudo mais meio que apareceram um pouco tarde para mim, né. Hoje em dia, sei lá, uma pessoa com doze, treze já tá aí experimentando de tudo. Eu fui assim, comecei mesmo com dezesseis, dezessete, assim que daí eu fui exploran... quinze, dezesseis ali. E daí foi inclusive foi quando dei primeiro beijo, aí foi sabe, assim, daí que eu “opa, agora tô entendendo as coisas aqui”, né. Mas, claro, as percepções já começam um pouco mais cedo, né, com treze, catorze, eu “opa, aqui, uma menina ali, um piá ali” você fica meio, né, tentando entender. Mas experienciar, mesmo, foi um pouco mais tarde.

Gustavo: E nessa ocasião do seu primeiro beijo você já se considerava bi?

João: Não, não. Não me considerava. Inclusive essa questão da bissexualidade veio, acho que mais adolescente, assim. Mais ali perto dos dezesseis. Assim, você vai perceber que eu meio que me confundo. Para mim, assim, é... tudo aconteceu muito, assim, uma coisa perto da outra, né. Então eu não consigo exatamente, assim, hoje em dia, não consigo meio que, vamos dizer assim, organizar cronologicamente as coisas. Então se alguma coisa parecer confusa, me para que aí eu tento fuçar mais aqui. Mas basicamente, assim, a minha primeira experiência com uma menina e tal foi acho que com catorze ou quinze, que daí uma amiga minha falou assim “ah, guri. Vai lá beijar minha amiga lá de uma vez, para você tirar esse BV aí.” Alguma coisa assim, sabe, tipo ela tinha uma amiga muito próxima, né, era quase uma irmã e ela “vai lá, minha amiga lá tá a fim de você, vai lá dar uns beijos” e aí foi assim. Foi engraçado, foi meio que tipo vai, para não ficar aí BV até os vinte [risos]. E aí, cara, foi isso, assim. Foi legal

e tal, mas eu sempre fiquei muito nervoso, assim, com essa questão de me relacionar com as outras pessoas. Então tem outros aspectos que não só os sexuais, né, de sexualidade, mas tipo, de pessoa, que acho que também impacta um pouco, né. Então eu sempre fui muito tímido, muito fechado. Sempre me sentia meio que incompreendido, então para mim era difícil ficar à vontade com outras pessoas, ainda mais, assim, ficar com outras pessoas e tudo mais, primeiro porque eu achava que pessoas não gostavam de mim, não vão conseguir lidar comigo, então vai ficar meio assim, tipo “ai meu Deus”, né. Então quando acontecia era bacana, assim. E aí a minha experiência com um menino, na época, foi com... dezesseis. Quinze, dezesseis, que era com um amigo próximo, assim. A gente saía, tudo, bebia, aí foi a época que você descobre várias coisas, né. Você bebe, você fica maluco, daí, né, você vai indo mais e sai. E não que tinha muito lugar para sair lá em Paranaguá, mas a gente achava. Justamente, como não tinha muito, a gente descobria coisa para fazer, né. Então era isso aí que era divertido. E daí, numa dessas, a gente saindo e tudo mais, aí esse meu amigo “ah, vamos... vamos...”, tipo “ah, eu beijo meu amigo aqui” e tal né. Aí deu um selinho no amigo dele, daí ele “ah, e você?” e tal, daí eu falei “ah, então bora aí, né, tamo aí, né”. E daí foi a primeira experiência que eu tive com um piá.

Gustavo: Pelo que você fala, foi assim, em um curto período, né? Você falou que teve o primeiro beijo com a menina com catorze, quinze. O primeiro beijo com esse teu amigo foi com quinze, dezesseis. Então foi aí no intervalo de um ano, um ano e meio.

João: É... não, foi... A percepção já tinha, da possibilidade. Porque assim, eu nunca fui, assim, Gustavo, eu sempre fui assim de... não sei se pelas questões até, assim, religiosas que eu lia, porque eu era muito, assim, de espiritismo, budismo, é uma coisa que eu lia muito na época já. Principalmente por conta das perdas que eu tinha sofrido, né. Então, para mim, assim, questão do amor, né. Eu lia muito sobre essa questão de amar e tudo mais, aí eu pensava “bom, mas importa tanto assim a forma da pessoa?” [forma] Física, no caso, né. Por que a forma dela tem que te importar, sabe, pra você amar alguém? Então isso sempre foi um pensamento, que não tinha nada atrelado à sexualidade, ou estudo de sexualidade, nada, né. Era uma coisa bem mas pautada na religiosidade, assim, sabe? Então era meio que assim: se eu tiver que amar alguém, que eu ame porque eu quero estar com a pessoa e não porque ela é X ou Y, entendeu? Se ela é de um determinado gênero ou não. Então isso ficou bem enraizado na minha cabeça.

Gustavo: Entendi. Trazendo esse ponto, você consegue trazer esses princípios aí, religiosos, do amor independente do gênero, para tu área afetiva, afetiva-sexual? Você, em outras palavras, se atrai por homens e mulheres cisgêneros somente ou você consegue extrapolar esses rótulos, né, de cisgênero ou não? Se atrair por pessoas não-binárias, pessoas trans e tal.

João: Então, isso é uma coisa, cara, que eu até tava me questionando a pouco tempo atrás, sabe? Até então a minha bissexualidade sempre foi voltada para pessoas cis, sabe? Até então não tinha nunca me relacionado com uma pessoa trans ou não binária ou coisa do tipo. Se eu consigo ou não, cara, eu não sei porque eu nunca fiquei com pessoas, né, digamos assim, trans ou não-binárias, né. Até porque essa não binariedade é uma coisa até que, meio que para mim, é recente, assim, né. Na época isso também era muito... tipo, eu conhecia a androginia e tudo mais, achava legal, bacana, incrível, mas jamais, assim, vi alguém assim, sabe. A tal ponto de dizer “nossa”, né. “Aqui rola? Será que não rola?” Então isso é uma coisa assim que, cara, se eu for dizer, minha bissexualidade hoje, ela é bem em cima de pessoas cis e não que eu ache isso super bacana. Às vezes fico pensando “nossa, você podia, né, abrir mais esse leque aí, né. Porque tem tanta gente aí, né, para curtir e tudo mais” e é meio que também mudar, desconstruir muito assim, justamente, padrões, né. Por que que eu só me atraio por pessoas cis? Ou por uma pessoa de determinado tipo. Isso são questões, assim, que hoje eu tenho. Até porque na época eu não tinha tanto acesso a esse tipo de informação. Até porque a questão da bissexualidade também, na época, né, e até alguns anos atrás, não era uma coisa como é hoje,

né. Hoje a gente, cara, inclusive a gente tá tendo essa entrevista hoje, uma coisa que anos atrás eu duvido que pessoas estivessem assim, pelo menos aqui no Brasil, enfim, tivessem fazendo, sabe? Eu acho que é uma coisa... não sei, você que tá mais aí na área vai saber melhor, né, mas eu não acho que seja uma coisa muito comum.

Gustavo: Porque hoje em dia tem mais discursos sobre a bissexualidade do que alguns anos atrás.

João: Acho. Acho que tem. Ou se, assim, não é mais, mas tem mais visibilidade, sabe? Se não é a questão de quantidade, é questão da visibilidade. Porque, até então, eu vim de uma cidade, até quando eu vim para Curitiba, era uma coisa bem binária, assim, né? Ou é o hétero ou é o gay. O *in between* ali sempre foi uma coisa tipo, as pessoas não sabiam que existia e tal. Mas eu, assim, daí entra o conflito com a minha própria sexualidade, que teve aí durante uns bons anos. Porque eu pensava que as pessoas falam “ah, você tem que escolher, mas só tem isso.” Mas eu ficava “mas, gente! Eu não me encaixo aqui! E nem ali!” Não dá. Por mais que eu pensasse... é que tinha umas épocas em que eu ficava meio revoltado e falava “ah, devo ser viado mesmo. Foda-se. É isso aí.” E aí eu parava, tipo, mas era questão de segundos, Gustavo, sabe? Ficava tipo “não. Não é isso. Não vai. Não dá.” E daí... sabe? E por que, assim, justamente eu pendia para a questão do gay, assim, justamente porque eu nunca estive dentro da heteronormatividade, sabe? Sempre questionei isso. Por que que eu, como homem, não posso fazer isso ou aquilo? Por que eu não posso pintar meu cabelo? Por que eu não posso dançar? Por que que não... sabe, porque eu não posso me expressar da forma que eu sou, sabe? Isso eu sempre questionei. Então assim, e daí, claro, consequentemente as pessoas me botavam na caixinha da homossexualidade. Porque não existe o meio ali, né. Para muitas pessoas há o binário. Então, foi o que justamente que me levava a pensar assim. “é, então sou viado mesmo e acabou.” Vamos entrar nessa caixa de cabeça. E daí dava tipo, sei lá, 5 minutos, eu ficava “é... não dá. Essa caixa é muito pequena” [risos]. Sabe, não tá rolando. Então assim, eu nunca fiquei conformado com a binariedade. Então essa que é a questão, sabe? É meio que de... ir quebrando essas caixas, essas coisas em que vão botando a gente, sabe? Tem muita coisa que eu estou desconstruindo aí, hoje, né. Daí voltando à questão de, tipo, dos tipos de pessoas que eu me atraio, hoje eu digo que são cis, mas eu tô tentando desconstruir isso, sabe? De tentar ver outros gêneros e tudo mais e ver se eu realmente me atraio ou não, mas também sem forçar, né? Porque também tem coisas que... é, né... para não cair também numa cobrança de algo que não adianta forçar, né? Tipo “ah, vou passar a me atrair por pessoas trans”. Não é assim, né. Tem uma questão, acho que muito subjetiva e pessoal, né. O porquê ou não, não sei. Eu também, muitas vezes tem coisa que eu não entendo, da minha sexualidade, da minha atração. Para mim, tem coisas que acontecem e eu fico “nossa, gente! nem sabia que dava para fazer uma coisa dessa”, sabe? Que eu poderia, né, sim, estar para aberto a este tipo de experiência. Porque é isso, cara. Para mim, a fluidez sexual é... ela, para mim, é a única coisa eu tenho certeza. Então, se amanhã eu vou estar com X, ou Y, ou J, eu não sei. Vou tentando me desconstruir e hoje entendo melhor. Então eu deixo as coisas acontecerem e ver como é que vai, desde que eu esteja confortável com isso, que eu acho que é o mais importante, né. Ainda mais, né, a gente, bissexual, você tem que estar confortável, né, ainda mais com as pessoas que você se relaciona e tudo mais. Porque já apanhei de tudo quanto é lado. De hétero, de gay, de... sabe? De mulher, homem, ou seja, já foi em relação à minha sexualidade. Já apanhei de todos os lados, já. Então você até questiona, assim, se... aí eu lembro muito de uma coisa que minha vó falava, assim, “antes sozinho do que mal acompanhado”, sabe. Porque tem gente, assim, que você fica tipo, “putz, né. Legal, a pessoa até está saindo com você, mas ela é meio bifóbica, assim” Meio não. É [bifóbica], né. E aí você fica tipo “não vou ficar por aqui, porque vai ser difícil, complicado”. Então... coisas que vão aparecendo, assim, na medida em que você se relaciona com as pessoas e tudo mais. Então a bifobia em si, ela é... das outras pessoas, é bem complicado e

principalmente a bifobia que você sofre consigo mesmo. E isso eu sofri por um bom tempo, assim. Tive uma fobia internalizada, sabe. Porque mesmo... e é engraçado, né, porque é uma época em que eu me entendia. Achava “ah, beleza, eu sou isso aqui”, aí depois de um tempo, acho que de tanto baterem na minha cabeça, eu pensava “não, mas isso aqui talvez não exista. Eu tô inventando”, sabe? E daí você passa a questionar a tua própria sexualidade. Aí depois passa um tempo que, daí claro, né, graças à boa e velha terapia, né, eu falei “não, mas não tem nada a ver. Eu sou isso aqui mesmo. Não tem que escolher caixa, não tem que escolher onde me enfiar. Eu sou dessa caixona aqui, da bissexualidade, sabe?” Não sei, não sei, sabe?

Gustavo: Então você atribui a influência sociais externas, né, essas influências culturais e comportamentais esse processo que você passou a sentir essa bifobia internalizada e acredita que a terapia te ajudou a compreender tua sexualidade melhor, é isso?

João: Sim, sim. Exatamente.

Gustavo: Quando você procurou por terapia, foi exclusivamente por conta da questão sexual? Para tentar se entender melhor, a sua identidade sexual?

João: Não, mas ela sempre esteve lá, junto. Meio que assim. E é porque é uma coisa meio complicada, né. Porque também não é todo psicólogo que vai conseguir tratar bem do assunto, né. Então é meio que até uma amiga minha compartilha do mesmo raciocínio que eu que, assim, às vezes você não chega, assim, tratando desse assunto com psicólogo, né. Porque você não sabe como ele vai lidar com isso, né? Porque, inclusive até pouco tempo atrás tinha psicólogos que queriam curar a homossexualidade. Então você fica tipo “Caralho, né! Não posso sair falando essas coisas já pro psicólogo porque senão talvez ele tente já me converter, aqui e não vai dar, vai dar ruim isso daqui.” Mas a minha sorte, cara, é que eu sempre tive acesso a psicólogas muito, assim, para frente, assim, em relação à sexualidade e... mas assim, a questão da terapia mesmo eu tive muito novo, né. Fiz terapia muito novo, aí por conta da perda da minha mãe e tudo mais. E aí eu só fui voltar a fazer terapia mais velho, ali com meus vinte e quatro, vinte e cinco anos. Hoje eu tô com vinte e oito, então com vinte e quatro que eu fui voltar a fazer terapia, né. Aí foi por conta de um término de um relacionamento lá, com uma menina que eu tava. A gente a gente namorou por seis anos, morou junto e o caralho a quatro. Chegamos a noivar e aí o negócio desandou, daí eu tava, assim, no fundo do poço, né. E nesse meio tempo, tinha também as questões da minha sexualidade envolvidas, no... digamos assim, na minha... vamos dizer assim, eu tive, acho que, vou dizer que é um período um pouco assim, um começo de depressão, assim. Porque isso meio que estava embutido ali, no processo, por quê? Porque eu sentia que nenhuma outra pessoa ia me aceitar como ela, vamos dizer assim, né. Deixando bem claro qual que era o papel da minha sexualidade ali no... nesse turbilhão de coisas que tava acontecendo na época. Então, entender isso, depois que eu fiz terapia, claro, fui tratar essa questão do término e tudo mais e de, assim, eu saí sem uma identidade, vamos dizer assim, né, da relação. Daí entrando na questão da relação e daí entra na questão da bifobia do outro, né. Ela sabia da minha bissexualidade. Porém ela tinha muito problema para lidar com isso. Então eu meio que, essas questões eu suprimia, sabe? Só que quando você suprime, tipo, né, reprime esse tipo de coisa, você também tá reprimindo uma parte sua, né. Então aí que entra a questão, assim, de que no final do relacionamento eu saí sem uma identidade, que eu falo, sabe? Porque daí eu já não sabia mais quem eu era.

Gustavo: Quais problemas que ela enfrentava ou que você percebia que ela enfrentava em relação à bissexualidade? E como que você levou até ela que você era bi?

João: Ah, a questão da minha bissexualidade foi logo no começo do relacionamento. Ela já... e assim, isso é uma coisa que eu sempre deixei claro para as pessoas, sabe? Porque eu não quero que seja uma coisa assim que... até para mim é um filtro também, né. Porque se eu vejo ali, de cara, que a pessoa já não entende isso, eu já ligo o sinal vermelho assim, sabe? Porque eu penso “putz, vai ser difícil” por mais que essa pessoa seja bacana e tal, se ela não

conseguir lidar com isso, porque eu sei que não é fácil, né, até por conta de toda essa construção que a gente tem em cima da bissexualidade, que é bem, né, preconceituosa e tudo mais. Mas se eu vejo que a pessoa entende, ela tá disposta a entender ou pelo menos tá disposta a entender, pô, pra mim já é... legal. Essa pessoa posso entender, conversar com ela e me relacionar melhor com essa pessoa. Mas ela [a ex-namorada], assim, desde o começo ela já sabia, porém ela, assim, por umas questões de insegurança dela e tudo mais, ela tinha muito receio, assim, que de repente, eu sei lá, largasse dela e trocasse por um cara, mas aí é aquela coisa, né. Poderia ser por um cara ou por uma guria. Sabe, aquela coisa, aí entra justamente as construções de sexualidade, sabe? Que “ah, um dia ele vai enjoar de você, vai te trocar pelo...” sabe, assim? Então acho que tinha muito disso, até pela falta de informação dela, e daí só que eu também não tomei uma postura correta, que era justamente de elucidar ela nesse aspecto. Até porque eu também não era muito entendido disso, não pesquisava muito a fundo sobre a questão da bissexualidade e tudo mais. Então eu não tratava do assunto com ela, entendeu? Eu não falava com ela sobre isso, sabe, sobre a minha sexualidade em si. Então por muito tempo eu tinha que, digamos assim, não expressar o que eu estava sentindo, né. É... e... e assim, justamente para não criar um atrito na relação, entende? E isso também daí acabou, vamos dizer assim, se espalhando para outros aspectos meus. Comportamentais, por exemplo, “ah, será que eu tô muito... agindo de uma forma muito feminina?”, vamos dizer assim, sabe. Aí traz uma coisa lá de trás, sabe. Lá da minha cidade e tudo mais que era essa coisa assim de também, é... justamente, daí com o tempo, essa coisa, assim, de justamente não me encaixar, que daí o que eu digo, assim, dá sequelas, né, de daí eu pensar “cara, mas...”, aí eu não me sentia homem o suficiente, sabe, [em] alguns momentos, justamente por isso. Aí eu ficava naquela coisa “caralho, que... né? Por que eu não sou mais assim? Por que eu não sou mais assado?”. E isso começou a criar algumas coisas na minha cabeça, pelo menos nesse período, sabe? Porque, justamente, acho que pelo fato de eu reprimir, justamente, a minha sexualidade, isso... vamos dizer assim, é... aí eu passei a controlar outros aspectos meus, justamente para ela se sentir melhor, vamos dizer assim, sabe? Para ela não se sentir insegura, para ela, né. Então assim, eu passei a me anular em prol do bem-estar da relação. Então isso foi bem complicado, assim, sabe? Porque daí, como eu disse, no final da relação, eu tava assim, completamente desgastado, seja emocionalmente, mentalmente, tudo, tudo, tudo, tudo. Tava perdação e ao mesmo tempo pensando “puta merda. Ninguém vai me entender como ela”, só que na verdade ela não entendia. Sabe? É aí as... pirações, assim, que a gente tem, né, e tudo mais. Daí tem toda essa questão, assim, da própria aceitação da bissexualidade e tudo mais, então foi um período complicado nesse aspecto. Então meio que foi um pacote, assim, fui lidar com outras questões e a questão da sexualidade meio que veio junto. Hoje em dia, nessa terapia que eu faço hoje - que eu fiz meio que duas, né, em um período de tempo, com duas psicólogas diferentes, né - já tenho mais liberdade e eu já me sinto mais à vontade de falar sobre isso, né, então, com a minha psicóloga. Então hoje eu trato mais essas questões e tudo mais e me sinto muito mais à vontade, assim, sabe? E se uma pessoa não entender e tal, eu não, digamos assim, eu não vou cometer o mesmo erro de me anular, sabe? Ah, se a pessoa achar X ou Y, eu vou falar “olha, se não consegue lidar com isso, então... paciência, né. Aí é você que tem que ver aí se você mesma tá disposta a aguentar esse tipo de coisa, né. Porque eu não sou, assim, o padrão macho geral, assim, e tudo mais. Então vai... provavelmente vai escutar coisa, vai escutar X ou Y. E aí, né? Aguenta o tranco? Não aguenta?” Não sei. Aí vai da pessoa, né, então... Eu também tenho que aceitar essa condição, que talvez nem todo mundo consiga lidar com isso, sabe? Não é que eu vá ficar sozinho ou que “ah, ninguém vai me querer”. Não é isso. Mas... é... entender que é uma condição que... é uma coisa que as pessoas vão ter que lidar e eu também vou ter que lidar. Cada um do seu jeito, né. Mas uma coisa que jamais eu vou deixar de fazer é de ser quem eu sou. Isso é uma coisa, assim, que está bem estabelecida, sabe? Então... né, nessas questões, assim, de

relacionamento, de como lidar com as pessoas, é assim, cara. Foi um processo árduo, longo, bem dolorido para eu entender tudo isso, até porque eu na época também não entendia que isso estava relacionado à minha sexualidade e tudo mais, né. Fui descobrir agora, faz, né, poucos anos. Então isso é bom, porque é libertador. Quando você descobre, você entende, você fala “ah, então era tudo isso, né? A causa... e a raiz das coisas, né?” Então você passa a ficar mais leve, assim, em relação como você lida com as pessoas e como você lida consigo mesmo também, né. Porque eu acho que era mais pesado eu comigo mesmo do que as pessoas em relação a mim, sabe? Eu acabava, digamos assim... é... tentando ser uma coisa que não desagradasse os outros, sabe? Por conta da minha condição sexual. Eu vou pegar aqui o carregador, pera aí, que agora já tá... [João realizou a entrevista através do celular que, neste ponto da entrevista, já estava ficando sem bateria]

Gustavo: Enquanto isso, eu faço uma outra pergunta: essa sua namorada que você manteve esse relacionamento por seis anos aí, foi sua primeira experiência sexual?

João: Não, não. Não foi não. Ela já foi... assim, não que eu tive muitas, assim. Não tive. Mas... hã, ela, eu já tive algumas relações tanto com homem, quanto com mulher. Então não... eu já inclusive namorei outras mulheres antes dela, já namorei um piá antes dela, dois. Mas é engraçado, assim, porque na minha experiência, eu namorei mulher por muito mais tempo do que homem. Homem sempre durou muito pouco, assim. Hã... hoje, assim, eu me pergunto por que, sabe. Teve uma... na terapia passada, que eu até perguntei, assim, “nossa, eu tava com o moleque lá, e daí eu olhei, assim, e falei ‘putz, o que eu tô fazendo com esse cara?’” e aí isso também meio que pegou na minha sexualidade, assim, falei “meu, mas será que realmente eu gosto de homem? Não gosto?” Porque você, é assim, né, a questão da bissexualidade é foda por conta disso, entendeu? Porque você fica por muito tempo se questionando, sabe, se... porque daí você tenta se enfiar numa caixa. Você tem aquela visão binária ainda, né. E... daí a psicóloga me deu um tapão na cara, basicamente, né, e falou “ah, vai ver não era o cara certo, só isso”. Aí eu “putz, pior que é mesmo”. Tão simples, sabe? Daí, só que, né, justamente por conta dessa construção binária, você fica tipo “ah, mas será que eu gosto, não gosto...”, sabe, de... sempre cai nessa coisa de gosto ou não gosto. A verdade é: gosta, mas... só a pessoa, realmente, que não... não era a pessoa certa pra eu ficar me relacionando ou coisa do tipo, entendeu?

Gustavo: E você consegue fazer uma divisão, assim, em relação a sua predileção afetiva-sexual, se você sente mais atração por homem, mais por mulher, você acha que é dividido ou isso aí nem chega a ser um cálculo para você?

João: Cara, uma coisa, assim, hã... eu, inclusive, eu tava me questionando como que eu, justamente, me atraio. Até porque essa coisa pra mim é recente também, tá? E eu tava pensando “meu, mas como que funciona a minha atração?”. Porque é uma questão difícil, não é fácil, sabe? Não é, assim... até tava perguntando pra uma amiga, que é bi também, eu falei “mas como é que você sente atração e tudo mais? O que envolve para você?”, assim, sabe? E às vezes é engraçado, porque eu falo pra ela. Às vezes eu acho que é uma coisa e quando vê não é, porque daí outra coisa acaba me causando atração, sabe? Então eu fico meio “porra, o que me faz me atrair pelas pessoas?” É meio complicado, assim. Mas uma coisa que eu tenho tentado entender é justamente assim, isso eu consigo separar bem, assim. Para mim é muito difícil ter uma relação afetiva com um homem.

Gustavo: Mas você já falou que namorou homem em algumas... em duas oportunidades, pelo que você tinha falado.

João: Isso, mas foi, como eu disse, pouquíssimo tempo, mas e eu não sentia... e aí eu vou entrar, assim, em uma questão de diferenciação, porque o meu sentimento era muito diferente do que era por uma mulher, entendeu? Tinha atração sexual, porém a afetiva, vamos dizer assim, a romântica, assim, por homem era meio... quase não existia, sabe. Era uma coisa quase que exclusivamente sexual. Então justamente isso que fez eu me questionar “meu, mas

será que...?” Aí caía nessa questão “será que eu gosto de homem mesmo?”. Aí que eu parei para pensar “talvez...” hoje em dia pensando, né, talvez eu sinta atração sexual por homem, mas talvez afetivamente eu não sinta essa atração afetiva por homem, sabe? Talvez eu não seja birromântico. Talvez eu seja só heterorromântico. E... eu tenho tentado entender isso, como é que funciona, sabe? Porque eu também paro para pensar às vezes, também, “putz, mas será que eu também não tenho uma questão meio que enraizada ali, de que eu não posso me envolver romanticamente com homem?”, sabe, aí você começa meio que a pirar também, né? E isso que também tem que tomar cuidado, que às vezes não é; às vezes é como é e acabou, né. Às vezes eu realmente não consigo me envolver emocionalmente com um cara. Basicamente isso. E como eu disse assim, não é à toa que minhas relações com homem duraram... desses dois, um dois, três meses e o outro durou um mês. Porque eu não me sentia... sabe, e a pessoa tava meio que respondendo de uma forma mais apaixonada, mas eu tava “da onde tudo isso, amigo? Não tô sentindo isso também”, sabe? Então eu não me sentia, vamos dizer assim, justo em relação à outra pessoa, então eu já cortava na raiz e falava assim “não, ó, eu não tô sentindo a mesma coisa que você e tal, então não vai rolar, é melhor não continuar e tal”. Então meio que sempre foi assim. Então... isso é uma coisa que eu consigo meio que distinguir. Eu não sei também. Eu tô falando isso hoje, né, Gustavo. Não sei amanhã, não sei mês que vem, não sei daqui um ano, sabe? Pode ser que uma hora eu ache um cara super bacana e acabo me envolvendo emocionalmente, mas eu não sei. Até hoje isso nunca aconteceu, sabe? Sempre me envolvi muito fortemente emocionalmente com mulheres. Muito, muito, muito, muito, assim. A ponto de ficar zureta da cabeça.

Gustavo: O seu primeiro contato sexual foi com mulheres?

João: O meu primeiro, na verdade, foi com um homem. A minha primeira. E aí depois que eu fui ter uma relação com uma mulher.

Gustavo: O que você sentiu quando esteve com um homem? O que te levou, mesmo tendo essa primeira experiência, a procurar com mulher também?

João: Olha... com o homem... foi justamente com esse meu primeiro amigo lá, com meu amigo lá, que na verdade foi o meu primeiro beijo com um piá. E aí a gente teve a primeira lá, tive minha primeira vez com ele e tal, inclusive foi a primeira, primeira. Primeira de tudo, assim. E é até engraçado, né, porque eu fui completamente o inverso, né. Geralmente você tem a primeira vez com mulher e tudo mais. Não, eu tive minha primeira vez com homem. E... e a minha primeira vez com mulher foi tipo num Festival de Inverno de Antonina, uma guria que eu nem conhecia, assim, mas que eu fiquei super encantado pela menina e... e rolou assim, sabe? A gente se pegou lá e tal e foi. E isso foi, tipo, a minha primeira vez com mulher. Então não foi nada, tipo, bonitinho, mágico, namorava alguém, não. Foi acontecendo, sabe? E acho engraçado, porque pra mim é uma super desconstrução, né, porque para muitos, assim, a primeira vez tem que ser com uma pessoa que você ama e trá lá lá lá lá lá, eu não amava ninguém, tipo, fui fazendo. Foi tipo, “ah, vamos experimentando aí e vamos ver qual é, né”. Isso é engraçado, até.

Gustavo: E quantos anos você tinha nessas duas experiências aí? Na primeira vez com homem e na primeira vez com mulher?

João: É, acho que entra naquele período lá, que eu comentei com você, eu já tinha acho que dezesseis para dezessete. Ali, quinze, dezesseis, dezessete. Eu nunca nem lembro exatamente, assim desses períodos, mas foi um espaço curtíssimo de tempo assim, sabe? Não teve muito tempo de diferença não. Hã... e cara, para mim as duas experiências foram super válidas, foram ótimas, assim, sabe? Não tive problema nenhum assim, sabe? Do tipo “ah, não. Preferi tal, preferi X”. Não. No caminho, as duas experiências foram super válidas, super boas assim, sabe? Como tem hoje, até hoje tem sido, assim, quando eu tenho a oportunidade, né, tipo, não tem... tenho muito assim de, sabe, é... ficar pensando se com mulher é melhor, com homem é melhor, né. E também é muito relativo, também, o quanto... aí eu não sei, também, acho que

entra uma questão, acho que é mais peculiar minha, assim, sabe? Mas também o quanto eu gosto da pessoa, sabe? Então eu sei que para mim, a minha atração sexual também tem um... é pautada um pouco no quanto eu me sinto à vontade, o quanto eu gosto daquela pessoa, sabe? Então, com as minhas namoradas, assim, eu tinha, assim, meu Deus, eu era o Charmander, assim, fogo no rabo, né, direto. Então era uma coisa, assim... aí você para pra pensar, aí beleza, então você prefere mais mulher do que homem? Não. Porque eu também já tive a mesma questão com homem, entendeu? Então é meio assim... aí botar assim, é meio que um meio a meio? Não sei. Depende. Depende também do meu humor, do dia, se eu tiver com vontade ou não, é muito subjetivo, sabe, Gustavo? Então não consigo te dizer assim “ah, mas sinto mais atração por X ou por...” porque tudo dependeu de situação, do meu estado de espírito no momento, sabe? Então tive, assim, experiências muito diversas em relação a isso que eu não consigo botar numa porcentagem, sabe? Então para mim é... depende. Mas aí, questão romanticamente falando, cara, isso... isso eu posso te dar mais certeza porque, das experiências que eu tive, cara, muito... nossa, até hoje, assim, não sei. Nunca tive uma paixão, assim, ou um amor por um homem, assim. Não que eu me lembre, assim, sabe?

Gustavo: E você consegue localizar algum marco na sua vida que sirva como um referencial para você poder dizer que a partir daquele momento você conseguiu entender a tua bissexualidade?

João: [após refletir em silêncio por alguns segundos] Foi recente, cara. Foi ano passado. Foi ano passado. Entre tipo todas essas turbulências, todas as experiências, assim, foi justamente com essa minha última, aí, Santa Inês, né, terapeuta, que eu finalmente, assim, consegui entender, sabe? Não é entender, mas é internalizar que é isso e acabou, sabe? É meio que tipo de parar de se questionar, de tentar se enfiar na... nas caixinhas binárias ali, sabe? O que é... aí entram outras questões mais, né, assim, pessoais, não tão voltadas para a sexualidade, mas de autoaceitação mesmo, sabe? E o processo de me aceitar como eu sou me fez aceitar melhor a minha sexualidade, vamos dizer assim. É... então... é isso que eu tô te falando. Foi um processo. E demorou e que só agora, mais recentemente, que eu realmente, né, até com a questão aí do coletivo²² e tudo mais, ainda no coletivo eu ainda tinha muita coisa que eu tinha que lidar. Apesar de eu já saber, de já estar com o pé ali bem encaminhado na questão da bissexualidade, mas eu acho que eu precisava ainda, vamos dizer assim, internalizar a questão, sabe? Tipo assim, é isso e ponto.

Gustavo: No coletivo você fala revelar sua orientação sexual para outras pessoas que não sejam necessariamente muito próximas a você, é isso?

João: É, também. Isso foi um ponto bem importante também para mim, sabe, que é justamente de erguer a bandeira. Eu acho que é... se for parar para pensar, assim, em dois *steps*, vamos dizer assim, né. Um, que é de expor sem vergonha alguma a sexualidade e a outra de internalizar ela, né, e realmente, é... vamos dizer assim, entender que é isso e ponto, né. Pode até soar meio hipócrita o processo, né, que deveria ser talvez o contrário, né, deveria tipo, me entender primeiro para daí depois erguer a bandeira, né. Mas às vezes os processos são meio... meio complicados, né. Para mim, assim, meio que eu só precisava, eu acho que... vamos dizer assim, lidar com outros processos, com outras questões, para daí a questão da sexualidade também ficar mais, vamos dizer assim, assentada, sabe?

Gustavo: Você consegue... você falou desse processo de autoanálise, né? Do autoentendimento. Você hoje em dia consegue definir o que é sua bissexualidade?

João: Ela é uma partezinha minha que me dá a liberdade de eu me relacionar com pessoas de qualquer gênero. E ponto, sabe? E eu falo e até parece meio que é, soa meio que, parece que é uma coisa boba, mas não é a questão que é bobo. É porque eu acho que isso para mim tá tão

²²O coletivo em questão trata-se de reuniões realizadas dentro do grupo Dignidade para debater questões específicas da bissexualidade.

natural agora, que ela é simplesmente parte de mim e acabou. Antes ela era tipo uma *big issue*, assim, sabe? Tipo “a bissexualidade, como é que...”, né? Ela era maior que eu. A questão da minha sexualidade, entendeu? E hoje não. Hoje, vamos dizer assim, tem o João e tem a minha sexualidade. É um pedacinho aqui, entendeu? E é isso. Ela não... vamos dizer assim, ela não me define como um todo, que era o que acabava acontecendo, sabe? A minha bissexualidade ela acabava me definindo como um todo, sabe? A minha sexualidade era maior que eu mesmo. E aí entra, justamente, essa questão da autoanálise, e que de outros pontos que foram tão importantes quanto o entendimento da minha sexualidade em si. Talvez eu sempre tenha entendido essa questão da sexualidade, mas talvez eu não soube, vamos dizer assim, harmonizar ela com o resto, vamos dizer assim, sabe? Então, de outras questões pessoais, entre, né, isso. Então isso acabou que aí, com o tempo, como eu disse, com muita terapia, assim, e tudo mais, que eu falo “não, sexualidade é você aqui, que obrigado por, né, me permitir aí, né, sentir atração por vários, né, gêneros e tudo mais e é isso, acabou”. Entende? Não tem... ela não tem não tem um peso mais. Ela não é pesada, sabe? Lidar com ela não é pesado. Então eu acho que se eu posso definir a bissexualidade hoje, é que ela é parte de mim. Não tem... sabe, não sei se é isso a resposta que você esperava, mas é... eu entendo ela como simplesmente algo que faz parte de mim e ponto. Não tem... é... vamos dizer assim, ela não me define mais como um todo.

Gustavo: Ela não te define como um todo, mas ela, pelo que você falou, é uma parte importante da sua identidade, né?

João: É, ela... digamos assim, ela tá ali e de fato, em questão de... mas é esse que é justamente o ponto. Era justamente por eu tratar ela com algo que definisse minha identidade que ela acabou sobrepujando outras coisas, sabe? Então, sim, ela tem um papel nisso, né, de formar. Mas é justamente esse é meu ponto, ela é uma parte hoje. Ela não é a maioria, né. Ela não é o todo. Porque assim, querendo ou não, dentro da sexualidade, ela vem junto de muitas construções, né. Então a questão da bissexualidade a gente sabe, né, como a... vem a questão da promiscuidade, ou “ah, você é um cara que tá dentro do armário. Ah, não sei...”. Então eu tirei tudo isso daí, sabe. Joguei longe e falei não, a bissexualidade é simplesmente isso. Posso ter a capacidade de me atrair por qualquer gênero e acabou. Ela não define os meus gostos, ela não define o que eu, como eu faço, como eu ajo, como eu... isso é meu. Isso é João. Sexualidade, a única coisa que ela faz, é justamente me dar essa liberdade de me envolver com qualquer gênero e ponto, sabe? Então, sim, ela tem um pedaço ali, né, e tem a questão da bandeira, mas é mais por uma questão aí de... vamos dizer assim, de quebrar esse *status quo*, entendeu? É por isso que eu ergo a bandeira.

Gustavo: Uma questão política.

João: Isso! É mais, justamente, é mais um ato político do que de, vamos dizer assim, de uma coisa mais pessoal, sabe? Então, é... é mais uma coisa assim do porquê que não. Ainda mais eu, como homem, né? Porque que por eu me relacionar, por exemplo, com um homem, isso me faz menos homem? Bem entre aspas aqui, né, mas tipo assim, que... e sabe, enfim, porque isso vem de todos os lados, né? Tanto da mulher, quanto do, né, às vezes do próprio... homem ali e tudo mais, do Vale²³, mesmo, né? Você fica, tipo, “porra, você é do Vale e tá sendo preconceituoso? Vai tomar no seu cu, né?” Já fico puto já. E aí... é bem, assim, daí ela entra num outro, num outro aspecto, né. Daí é uma questão, justamente, acho que de uma identidade mais política, do que hoje pessoal, entendeu? Hoje é, então, meio que ela migrou. Foi para um outro lado, assim. Na minha sexualidade ela tem um papelzinho ali meu, de pessoal, de que justamente como eu disse, é uma partezinha ali que me diz que eu posso me relacionar com X, Y, Z, mas politicamente falando, ela tem um papel acho que mais forte, que

²³ Referindo-se à expressão “Vale dos homossexuais”, gíria comumente atribuída como sinônimo de representação da comunidade LGBT.

daí é de justamente erguer a bandeira e falar “por que não?”. Porque eu, como homem, não posso fazer isso, isso e isso e ainda ser considerado um homem, né, ou, assim, não que importe, também, você ser... porque, também, o que é ser homem, né? Tudo é relativo também, né, nesse aspecto. Mas é justamente de quebrar esse *status quo* do “por que não?”, sabe. Porque aí entra a questão do machismo e tudo mais, de questionar, né... a bissexualidade, também, ela tem esse papel muito forte de quebrar essa... essa... essa... binariedade e ela bate muito de frente com essa questão da masculinidade, né. Do que é ser masculino, do que é ser o macho alfa, né. Então esse é o papel que a bissexualidade tem mais forte hoje. Ela migrou para uma questão muito mais política do que pessoal, né. Mesmo que ela esteja ali, né, no pessoal, uma parcela muito menor e mais harmoniosa com todo o resto. Então é basicamente isso, assim.

Gustavo: E você conhece outros homens que compartilham esses valores ou simplesmente que se consideram bissexuais também, de forma minimamente pública?

João: Olha, muito poucos, viu? Que, assim, ergam a bandeira e estejam abertos, tanto a crítica quanto, né, a positividade da própria expressão, não são muitos que eu conheço não, tá? E eu acho que, assim, cara, talvez pessoal do coletivo²⁴, talvez, de homem, né. O pessoal do coletivo e... fora dali cara, eu não conheço, assim. Até, inclusive, eu fiquei muito surpreso de ir no coletivo e ver outros homens bissexuais, porque pra mim, até pra mim, era uma lenda, entendeu? Pensava “caralho! Devo ser o único homem bissexual da terra!”, porque eu não conheço. Não conhecia ninguém, cara. Ninguém, assim, tirando da galera que depois eu vi, daí, do coletivo, eu falei “ah, até que é um pouco mais comum do que parece”. Porque é justamente isso. Por que que eu ergo a bandeira? Porque cara, os homens têm medo. Sabe, da pressão social que vai sofrer, da... e acho que entra também pouco da perda do privilégio que vai ter, né? “Porque onde já se viu, né, homem ficar com homem? Não é homem!”, né. Tem um peso, é difícil lidar com um cara que nunca, talvez, tenha participado de uma roda [de conversas] ou tenha conhecido outros homens que estejam abertos a discutir isso, isso é muito complicado, sabe? Eu vejo, assim, por exemplo, no meu ambiente de trabalho, por exemplo, que majoritariamente [a área de atuação do entrevistado] é formado por um público masculino. E se o cara tá com problema, cara, Gustavo, ele não pede ajuda. Que é uma questão de hombridade, sabe? “Não, eu vou resolver a treta sozinho”. Ou, tipo, se o cara tá frustrado que não tá conseguindo resolver, ele não fala! Aí você fica “cara, mas por que você não fala?”, sabe, “porra, tô muito frustrado com isso aqui e tal”, sabe, tipo, numa boa assim, expressar o que tá sentindo e tal. Então, cara, é... é muito complicado nesse aspecto para um homem se posicionar como bissexual, porque mexe acho que com muita coisa construída, sabe, que se... pra começar, o cara não consegue nem lidar com as próprias emoções. Quem dirá, né, ter que lidar com pessoas, né, digamos assim, questionando muita coisa que foi construída em cima dele, que ele acha que acredita, enfim. Imagina pra esse cara como não deve ser, assim, asfixiante, né, é... ter que ficar se portando de uma forma heteronormativa, sabe? É horrível. Eu sei, porque eu tentei. E pra mim, porra, foi quase... meio, vamos dizer assim, foi como se eu tivesse me matando por dentro, entendeu? Então não... eu não quero isso mais para mim e eu também não quero isso mais para os outros homens, sabe? Então por isso que eu ergo a bandeira hoje, entendeu? Por isso que eu falo “cara, ó! Eu sou assim e cara, não tem nada demais. Quer conversar sobre? Vamos conversar sobre? Você quer falar não necessariamente sobre sexualidade, mas sobre, sabe, algum sentimento ou coisa do tipo?” porque essas coisas são meio que, vamos dizer assim, foi construída como coisa exclusiva das mulheres, né, lidar com sentimento, lidar com emoção, lidar com, sabe, cara, aí você tem um monte de homem que não sabe lidar com nada. Aí é ensinado que para lidar com isso é na

²⁴ Mais uma vez referindo-se ao coletivo de bissexuais organizado pela ONG Dignidade.

base da violência ou da agressão. Então você tem homens violentos, que não sabem lidar com a emoção, que não sabem lidar com a sexualidade e às vezes com os próprios desejos, né? Porque o que mais tem de homem, também, que provavelmente é bissexual e ele não consegue expressar isso e saber disso porque ele “putz, mas se eu...”, aí entra uma questão binária, também, que é uma merda. Porque daí, se o cara experimentar, “não, mas daí eu sou gay”. Nunca tem a questão do bissexual no meio, sabe? Cara, eu posso ser bissexual e acabou, sabe? Então... difícil, assim, sabe. É complicado. E aí eu acho que entra a questão de dismantelar a questão, dessa questão do machismo, dessa construção da masculinidade tóxica, dentre outras coisas. Então eu sei, vivi na pele isso e eu não quero que isso aconteça mais comigo e nem com outros homens, então é por isso que eu ergo a bandeira, entendeu? Mas é difícil. Eu sei que não é fácil. Eu sei que não é fácil, assim, e eu também não cobro isso dos outros homens, sabe? Porque eu sei que não é fácil. Mas se tiver homens dispostos a discutir isso, tipo, tem, assim, não em relação à bissexualidade, mas eu tenho alguns podcasts que eu escuto, justamente, que lida com essa questão da masculinidade, de, né, inclusive tem até tipos diferentes de masculinidade, né. No caso, a masculinidade negra, né, que também é um assunto a parte aí, né, porque eles sofrem N tipos de abusos e absurdos, assim, por serem homens negros, né. Então, cara, é... é mais, é isso assim, sabe? De, em relação a essa questão do homem bissexual ainda, acho que tem muito caminho para ser percorrido, sabe?

Gustavo: Você consegue, até por conta desse papel social que é exigido do homem, você consegue trazer em você alguma diferença na forma de se portar em relação aos diferentes gêneros?

João: Hum... pera aí, não sei se eu entendi bem tua pergunta, Gustavo. É meio que... é... se esse... se essas construções...

Gustavo: Como você se porta, por exemplo, como quando tá com uma mulher e quando você se porta quando tá com um homem? Você consegue notar diferenças na forma como você age?

João: Ah, sim! Com certeza! Com certeza. Isso era mais antes, assim. Hoje em dia, eu meio que consigo ser mais eu, independente do gênero, sabe, mas claro, quando justamente tinha essas construções na minha cabeça, era uma coisa assim “ah, eu tenho que me parecer mais, assim, mais, é...”

Gustavo: Viril.

João: Isso! Isso! [mais] Para mulher do que para o homem. Pro homem é tipo “ah, não sei o quê, foda-se, não sei o quê, na na na”, meio que vai numa boa. Com a mulher não. É uma coisa mais tensa, sabe? É uma coisa, tipo, “não, tenho que...”, sabe? E aí isso é uma merda, cara [risos]. É um lixo, é horrível isso. Mas, realmente, justamente por conta dessas construções, né. Porque até por uma questão, assim, do que se espera de um homem, do que, por exemplo, uma mulher espera de um cara ou coisa do tipo. Então, infelizmente isso também às vezes está enraizado na própria mulher, né. Então às vezes a própria mulher também tem, vamos dizer assim, um pensamento meio machista em relação ao cara. Então é complicado. Eu já... que nem, em balada, assim, sei lá, veio um cara e falou assim “ah, minha amiga ali e tal, não sei o quê”, daí eu “ah, bora lá, né”, e daí ele comentou com ela “ó, ele é bi e tal, não sei o quê”, e daí ela “ah, é? Então...”, acho que na verdade ela não estava a fim, só que ao invés dela falar que não estava a fim, ela falou “ah, então fica ali com o meu amigo”. Ai eu fiquei “mas fia!? Eu quero ficar com você, não com seu amigo, entendeu?” Não, não, sabe? Mas aí olha o tipo do pensamento, entendeu? Aí você fica “bom, ainda bem que não fiquei nem com um, nem com outro”, né, porque daí...

Gustavo: E essa situação também traz aquela ideia geral de que o bissexual é promíscuo, né. Já que não tem ela, fica com ele, já que você fica com qualquer um mesmo, né.

João: É, você fica com qualquer coisa.

Gustavo: Como se não tivesse critério nenhum pra selecionar as pessoas com quem a gente

quer se relacionar, né.

João: Exato! E isso é um problemaço, também, né. Porque é meio de que achar que ou aquela clássica, né, de que ah, o bissexual sempre tem alguém ali no radar, né, sempre tá com alguém, porque né, porque essa é, justamente, porque daí ignora justamente a... a peculiaridade de cada um também, né. Porque cada um se atrai por um tipo de pessoa diferente, por um, né, gêneros específicos, enfim. É tudo muito particular, né. Não é porque a gente é bissexual que se atrai por qualquer pessoa, né. Então... ou até na cabeça de uns, qualquer coisa, né, não é nem pessoa, né! Tem gente que pensa que é qualquer coisa, mas não é assim, gente. Tipo, é muito relativo, sabe? Depende. Depende do humor. Tem vezes que você não quer ficar com ninguém. E é engraçado porque é que nem na heterossexualidade e é que nem na homossexualidade. Que nem... sei lá, você que, eu acho que é justamente uma construção até da heteronormatividade, sabe? Porque o homem tem que gostar de qualquer mulher. Não importa, né. Mas daí, claro, também a mulher dentro do padrão, né. Então acho que na cabeça dessas pessoas, tipo, quando, por exemplo, o homossexual, ah, ele gosta de homens. Homens no geral, todo mundo, todo homem que apareceu ali, é homem, tá se atraindo. Então é complicado, porque acho que, também, entra justamente nessa questão de não explorar a própria sexualidade, que é meio tabu, né, pro homem, também, no geral, também. Mesmo que o homem, assim, ele é estimulado, né, a ser um... esse objeto sexual, né, de sempre estar transando e tudo mais, mas ao mesmo tempo ele não pode se questionar dos desejos dele. Porque daí acho que já é uma coisa meio que “ah, isso daí é muito coisa de mulher”, ficar né, se perguntando será que eu quero isso, será que eu não quero, será que eu quero transar com aquela mulher, não quero. Mas cara, você tem...

Gustavo: Titubear não é uma qualidade masculina, né.

João: Exatamente, sabe. Então, cara, eu tenho certeza que tem muito homem que transa por aí e nem tá com vontade de transar, sabe? Que só diz que tá transando só para dizer que tá transando, entendeu? Então, tipo, ainda é para o outro, é para, inclusive, não é nem, tipo, pras mulheres, é pra outro homem! É pra mostrar pro outro homem, sabe? Eu acho uma loucura isso, cara. Depois, quando você entende, você pensa “cara, os caras transam por causa dos outros caras”. Não é porque eles estão com vontade de transar com a guria, não é, sabe? Às vezes eles transam para mostrar para os outros homens, então, ah, transa com o cara então! Já que é pra mostrar que tá transando. Vá ser feliz, entendeu? É meio louco, sabe, esse tipo de raciocínio, assim, é... e entra nessa questão, justamente, da heteronormatividade e da masculinidade tóxica. Porque isso, é... você vive tua vida em prol do que os outros homens não achar de você. E, cara, foda-se o que os outros homens vão achar de mim. O importante é que eu, os meus desejos, eu entendo o que eu quero, eu entendo quem eu sou, e isso eu acho muito mais importante do que ficar dando satisfação para os outros caras, entendeu?

Gustavo: E já entrando nesse campo do julgamento social sobre a própria orientação sexual, como e para quem que você revelou sua bissexualidade pela primeira vez? Como que foi a experiência?

João: Hum... cara, isso, então, foi para minha tia e foi justamente, assim, porque é uma coisa, também, que eu não saía falando para todo mundo, né e... a primeira vez que eu contei, foi para minha tia. E ela, nossa, foi super de boa. Porque ela até perguntou “tá, mas como é que é isso aí? Não entendo como que é, né. É os dois e tal?”, daí eu meio que tentei explicar, né. E ela meio que “ah”, meio que entendeu mas não entendeu, porque não é uma coisa que ela também, né, ela, assim, ela respeitou e tal, né, não teve nenhum estresse em relação a isso. Hã... então, com a minha tia, a primeira vez que eu contei pra alguém, foi pra minha tia.

Gustavo: E por que foi pra ela? Ela era confidente, de alguma forma?

João: Isso, é...[com] ela eu sempre me senti mais à vontade de falar sobre essas coisas, porque eu sabia que ela não ia me julgar, sabe, se eu falasse. [com] Ela eu tinha uma segurança.

Gustavo: E aí como é que chegou no assunto? Você chegou e falou “ó, tia, tenho um negócio pra falar”? Ou ela perguntou alguma coisa que levou a esse assunto? Como é que foi?

João: Então, isso entra na parte das memórias que eu não me recordo muito bem, sabe, porque foi, é até engraçado, porque foi meio, é meio que importante, mas foi meio que trivial também, porque foi, justamente, foi numa conversa, assim, meio informal e eu não lembro exatamente o tópico que a gente estava conversando, só sei que a questão surgiu e daí eu falei “não, mas eu sou bissexual, tá e tal” mas ela meio que perguntou assim “tá, mas como que é isso, assim, é, né, você gosta mais de homem? Gosta mais de mulher?” Daí eu falei “não. Não interessa. Para mim, não interessa. Para mim é... eu tô a fim, eu vou lá e fico, sabe? Claro, se a outra pessoa quiser né [risos]. Mas assim, é meio que é assim que funciona. Não tem... não escolho muita coisa assim, sabe?” E daí meio que ficou por isso, assim, entendeu? Mas eu não lembro exatamente a circunstância, sabe? Mas não é à toa, porque foi tão natural, assim, diferente de muitos, né, outros, né, do LGBTQIA+ que é meio que até quase um evento, né. Meio uma coisa tipo “ah, vou ter um jantar com a família e daí lá eu vou, né”. Não, entendeu? É engraçado, porque eu tive pontos assim, que em relação ao que seria, né, ou vamos assim, o *modus operandi*, né, de, sei lá, sair do armário, por exemplo, né. Para muitos é um evento. Pra mim foi uma coisa tipo um papo ali e tal e... revelado! Pelo menos ali dentro da família. E claro que daí tem uma questão com a minha irmã, que aí já é um pouco mais complicado, porque, assim, eu perdi o meu irmão por conta do HIV, né. Então... a minha irmã lidar com a minha bissexualidade, ou melhor, ela lidar com o fato de eu me atrair por homens, na cabeça dela, ela associava, assim, que eu teria um mesmo destino que o meu irmão, entendeu? Então para ela, lidar com minha sexualidade é mai... foi mais complicado. Acho que hoje em dia ela é mais tranquila, sabe? Mas eu nunca, também, assim, ela, talvez, seja um evento, vamos dizer assim, pra ela, sabe? Eu talvez tenha que fazer um evento. No caso, eu tenho que parar e falar “ó, não é assim. não é a sexualidade que levou o nosso irmão embora”, sabe? Ele... são outras questões, né. E... e assim, para mim é... e é até irônico, assim, porque ela tem muitos amigos homossexuais. Muitos, assim. Na verdade, 90% dos amigos dela são... são gays, assim. Então, e é engraçado ver essa postura dela, sabe? De meio ser, tipo, tudo bem com os outros, mas o meu irmão não, sabe? Mas aí eu entendo que tem esse medo, esse receio de que aconteça de novo. Acho que pra ela foi muito traumático. Só que também, para mim, também, chegou no ponto, pelo menos – eu moro com ela, né então eu pensava “putz, mas eu... tá. Eu tô ficando com um cara, mas eu não posso trazer o cara aqui em casa”, entendeu? Porque ela vai ver, talvez se sinta mal, não sei o quê. Eu tava começando a podar as minhas relações, sabe? Ai, só posso trazer mulher para cá e tal, porque senão vai causar um desconforto nela. Até um ponto que eu falei “meu, eu não tenho que ficar me escondendo dela”, sabe? Quem tem alguém que tem que lidar com alguma coisa, é ela, não sou eu. Então, claro, que talvez eu conversando com ela e tal para tentar ajudar ela, né, a entender melhor isso, talvez seja algo que eu possa fazer, mas eu não posso deixar de viver, ter as minhas experiências, no caso, vamos dizer assim, né, as “experiências homossexuais”, entre aspas, né, para por conta dos outros, né. Então... isso é, isso é, assim... a questão, assim, mais complicada do meu sair do armário, vamos dizer assim. Mas os meus amigos, amigas, nossa, super de boa. Inclusive era algo que eu achava, assim, que eu ia super sofrer um julgamento, coisa do tipo, mas foi sempre muito tranquilo, sabe? Uns... cara, isso, não vou mentir, isso eu tive muita sorte, assim, sabe? De amigos e amigas, assim, até porque, como eu disse, né, eu sempre também fui das minorias ali, né. Então sempre tá, né, com as gay, com as sapatão e tal. Então, assim, meio que todo mundo se entendia, assim, todo mundo se entende. Nunca peguei, assim, gente do Vale que fosse escrota, “ah isso não existe”. Eu fui ver isso aqui em Curitiba, pra você ter uma ideia. Em Paranaguá, inclusive, nunca. Nunca, nunca sofri esse tipo de comentário. Eu sofri aqui. Em Curitiba. Então... então foi assim, cara.

Gustavo: Você falou que revela a sua orientação sexual com facilidade em relação aos

amigos, né? É... e também trouxe que não foi um ponto dificultoso para você revelar a tua orientação sexual com a família. Você consegue trazer qual desses grupos você consegue revelar sua orientação com mais facilidade? Se foi com a família, se foi com os amigos.

João: Com os amigos, com certeza. Os amigos, as amigas, assim. Sempre, sempre muito mais tranquilo, assim. Na minha família, assim, cara é... é aquela, né. São pessoas daí, né. A minha tia, super de boa. A minha irmã, né, é um caso à parte. E... aí, cara, inclusive eu é, assim, digamos assim, no trabalho todo mundo sabe, sabe? Não tem... não tem qualquer problema em relação a isso lá. E respeitam. Respeitam, tudo numa boa. Inclusive tem um amigo meu, ele é gay e tal, eu trabalhei com ele, eu não sabia, fui descobrir mó cota depois, porque aí ele me contou. E... no trabalho, ele fala “cara, eu não falo o que eu sou. Eu tenho receio, no trabalho. Assim, de falar.” E não que ele vá sofrer uma retaliação e tal, mas de talvez, assim, sabe, assim, tipo, “ah talvez tenha oportunidade ali pra ele ir para um outro cargo ou coisa do tipo, mas putz, é um gênio, entendeu? Ele é gay, então não vamos dar aqui, né, oportunidades para ele.” Por conta disso, entendeu? Ele meio que sofreu uma retaliação de outra forma, não verbal, mas de oportunidades e tudo mais. Então ele falou “cara, para mim é bem complicado. Não me sinto confortável.” Aí eu falei “é, nesse ponto eu entendo o que, né, é essa questão”, é que realmente eu tenho muita sorte no trabalho, eu ter pessoas que inclusive são, algumas são bissexuais, algumas homossexuais e, cara, a gente não tem problema nenhum em relação a isso, entendeu? Não é demérito, vamos dizer assim, né, você ser como você é. Então, nesse ponto, eu sou bem privilegiado. Não que isso tenha sido uma coisa simples, assim. Inclusive teve colegas de trabalho, colega de trabalho, que perguntaram como é que é e tal e eu “lá é...” e já achava que era uma oportunidade de esclarecer. Então, isso foi sempre de boa, assim. E hoje em dia eu também não levo desaforo para casa, então se alguém fala uma merda, eu já mando tomar no cu já, entendeu? [risos]. Tô meio sem tempo, irmão, pra, né, para aquelas coisinhas, assim, que... ah não, não tenho saco mais pra essas coisas aí, ficar escutando. Então não fico engolindo sapo mais não.

Gustavo: Entendi. E você...

João: Isso vem, justamente, com conforto, acho, que eu tenho mais da sexualidade, enfim, de todo o resto.

Gustavo: Uhum. E você acha que tem algum grupo, hoje em dia, que você tem mais dificuldade em falar da tua orientação? Ou até mesmo, por exemplo, com relação aos colegas de trabalho, você trouxe essa informação sem receio?

João: Hum... cara, eu já acho que, na verdade, não é nem grupo, mas é a pessoa. Que eu vou dizer que, como eu disse, é a minha irmã. Ela é, acho, que é a que eu tenho mais dificuldade, assim, de lidar com o assunto. Muito mais.

Gustavo: Mas ela soube da sua orientação sexual junto com a sua família? Porque, por exemplo, você contou lá atrás pra sua tia, eu presumo que ela tenha levado essa informação a outros membros da família. Ou ela guardou para ela e você teve que ter uma outra conversa com a sua irmã tempos depois?

João: Então, aí que tá o ponto. Eu nunca tive essa conversa, entendeu?

Gustavo: Com a sua irmã você nunca falou?

João: Não. Nunca. E ela também nunca tocou no assunto, entendeu? Então... é até engraçado, assim, porque... é... eu também tenho que, eu acho que eu também precisava desconstruir algumas coisas em relação a ela, sabe, esse receio de acabar trazendo uma mágoa, um trauma, essa coisa do tipo, né. Então eu acho que, hoje em dia, acho que seria mais tranquilo de trazer esse assunto à tona.

Gustavo: Mas é essa irmã com quem você divide apartamento?

João: Exatamente! Exatamente. Então, justamente, é engraçado, né, porque é meio que, fica meio que um elefante na sala, né.

Gustavo: Mas como que vocês reagem? Como que vocês interagem, aliás, em relação a esse

assunto? Porque ela sabe e finge que não sabe, você sabe que ela sabe e finge que ela não sabe, como é que é?

João: É, é, justamente, é o... como que é? É vista grossa, né. Rola meio que uma vista grossa. Então... é... como eu posso dizer? Assim, é... é como eu disse, tem um elefante na sala, então uma hora... é aí, isso eu tenho certeza que vai partir de mim. Só que, assim, né, é aquela coisa, vai ter que ser um evento. Então eu também tenho que estar bem preparado para saber como lidar, né, com a reação e tudo mais, então isso acho que é o mais complicado, de desconstruir isso, né. Então me dá um esforço também, é um esforço fazer isso. Então acho que eu, também, “ah, que preguiça, né, ter que...” né. Exatamente, justamente. Porque já tem tantos outros lugares foi tão tranquilo, e aí esse eu sei que vai ser um pouco mais complicado. E aí eu fico, não vou mentir, eu meio que dou uma postergada, sabe? Mas mais na questão do tipo assim, também... ela não tem nada a ver com isso, entendeu? Então não tem, assim, eu não tenho que ficar dando satisfação.

Gustavo: Você acha que o problema dela em relação à sua orientação sexual tem mais relação com o ideal de masculinidade que ela espera de você ou você acha que a questão dela em relação à bissexualidade tem a ver com a história do seu irmão, que ela teme que se repita com você também?

João: Eu acho que é o combo, hein? Eu não sei...é...

Gustavo: As duas coisas.

João: É, eu acho que é uma coisa que eu só vou saber perguntando, né. Mas eu sinto, assim, na minha perspectiva, é que é um combo dos dois. Eu acho que, claro, tem muito mais relação com o trauma ali, né, mas tem muito mais relação, assim, com... eu acho que é uma combinação ali, sabe? Então... é, é, vai ser, assim, um papo, assim, bem assim, de muita desconstrução, muita, sabe? Então é uma coisa, assim, que eu vou ter que tirar que nem um domingo, aqui, e conversar, sabe? Então é uma coisa, assim, que eu tô... como que eu acho, assim, que é uma coisa que não, não... como eu posso dizer? Não é uma coisa que me afeta negativamente mais, né, ou não é uma coisa que... eu me sinta, que eu esteja me restringindo de alguma forma, então não é algo que me incomoda, não tratar sobre o assunto, né? Não que eu já não tenha, não vou mentir, eu já tentei uma vez. E não tive uma receptividade muito boa, assim, vamos dizer assim, né.

Gustavo: Como que foi?

João: Ah, cara fechada e... sabe, assim, um ar de terror na cara e, então foi, aí eu fiquei “hum, vai ser complicado aqui, né”. Então foi difícil abrir, assim, essa questão. Mas assim, não é como se ela não soubesse. Ela sabe. Mas é como eu disse, faz vista grossa e tal. Mas aí que entra meu ponto, né. Eu também não vou ficar forçando uma conversa se a pessoa não tá preparada, né. Então eu acho que é uma coisa que ela vai ter que trabalhar melhor isso e tal pra em um determinado momento, até é uma coisa assim, eu gostaria que ela me abordasse sobre o assunto, sabe? Porque daí eu saberia que realmente ela tá preparada para escutar e entender. Então aí eu ficaria mais, digamos assim, confortável, né. E aí trataria do assunto numa boa. Mas eu não sei, porque daí eu corro risco né, de talvez eu tentar abordar e putz, a pessoa ainda não está preparada. Apesar de já, ó [estala os dedos], uma cota já, que já falo, entendeu? Então eu digo “pô, já teve tempo aí, né, pra entender as coisas, né?” Mas assim, tem que ter paciência, sabe? Também não vou impor, não vou forçar nada e, como eu disse, isso não tá prejudicando a nossa relação de forma alguma e eu também não estou muito desconfortável mais com essa questão, então, eu acho que assim, vai se resolver com o tempo, sabe? Algo que vai ser mais tranquilo.

Gustavo: E você tinha falado, lá no começo da entrevista, que você já se sentiu deslegitimado, desqualificado, em relação à sua orientação sexual tanto por pessoas heterossexuais, quanto por pessoas LGBTs. E a próxima pergunta é nesse sentido. Quais preconceitos foram esses que você já sentiu e como que você lidou com eles?

João: Ai ai ai... vamos lá... eu acho que, pra te falar a verdade, acho que eu lidei da pior forma, que foi justamente dar atenção a alguns deles, né, e de tentar mudar, sabe, algumas formas, algumas coisas.

Gustavo: Mudar o quê? Mudar a sua ação ou mudar a ideia do outro?

João: A minha ação, sabe? Tipo comportamentos, né, coisa do tipo. Então ou de me policiar mais, sabe? O que eu acho que é muito pior, sabe? Meio que você se torna vigilante de si mesmo, sabe? Então é meio que “ah, eu não vou agir assim, para evitar, justamente, um comentário ou um julgamento Y”, sabe? Então, é... quer ver um exemplo muito, muito, muito bobo? É, por exemplo, eu assistia, né, hoje não assisto mais tanto, né. RuPaul²⁵, por exemplo. Acho, né, da hora. E aí sei lá, assisti até a sexta temporada e tal. E uma coisa que eu evitava fazer era assistir isso quando a minha namorada estava aqui, por exemplo, sabe? Porque ah, eu queria evitar algum tipo de ideia, algum tipo de, sabe, assim? Eu, tipo, tava pensando pela pessoa, sabe? Então eu ficava em um estado de vigilância, assim, absurdo. De restringir as minhas ações, pensando no que a outra pessoa ia pensar de mim. Então acho que isso que era o mais... vamos dizer assim, o que mais pegava, assim, sabe, em relação à... era justamente a coisa mais internalizada, do que externa. Como eu disse, externamente falando, eu tive muita sorte, assim, de não sofrer tanto. Mas se sofria, justamente por não me encaixar em algum modelo, né, padrão e tudo mais, era assim, né. Era “ah, viadinho”, né. É, geralmente, assim era “é viado”, “viadinho”, ou, senão, é... tipo assim “ah não vou ficar com você porque você já ficou com homem”, né. Ou que “ah, você tá dentro do armário” ou, é... assim, o padrão eu sofri todos, sabe? O que você possa imaginar, assim, em relação à bissexualidade, né? Então eu acho que eu já sofri todos eles, assim. Mas para mim, de todos, ainda, o pior para mim foi o que eu fazia comigo mesmo. Para mim esse foi o pior, sabe? De eu, por conta de, justamente, desses... desses preconceitos, eu passar a me policiar, passar a policiar o meu comportamento pra justamente não levantar esse tipo de comentário, sabe? Ou algum tipo de julgamento, ou de as pessoas me verem como algo inferior, até, sabe, assim? Porque quando eu era julgado dessa forma, era pra me deixar me sentindo uma figura menos, né, de uma forma inferior. Então eu meio que associava esses comentários a me sentir algo menor, né, menos. Então é como minha cabeça associou essas coisas. Então, cara, se eu posso te dizer é que, assim, nunca... minto, quase sofri uma agressão uma vez. Por conta disso, assim, mas era mais por, tipo, eu ter o cabelo pintado e tudo mais. Então meio que, para muitas pessoas na época, ter o cabelo pintado era coisa de viado. Então assim, né, era um sinal de alerta para levar porrada, assim. A sorte que nesse dia minha amiga tava junto e tal e daí, cara, tinha um casal em um carro, assim, e era um grupo de pessoas, assim. E isso em Paranaguá, ainda. E justamente, é uma coisa que, assim, poderia ter sido evitada. Mas a minha amiga lá, ela era meio maluca, ela “ah, o que vocês estão falando aí?”, não sei o quê. Daí ela começou a tretar e eu falei “meu Deus, Isa²⁶! Vamos embora, porque os caras querem me bater, entendeu? Você não tá entendendo? Você não vai conseguir conter vinte.”

Gustavo: Mas como assim? Eles passaram de carro, viram que você tava com o cabelo pintado e isso foi motivo para querer bater em você?

João: Não, não, não não. Aí deixa... contando a história com um pouquinho mais de clareza, era assim, era um grupo de caras assim, né. De, sei lá, vinte. Eu e minha amiga na rua. Isso de noite, madrugada. Porque Paranaguá é assim. Cidade pequena, 2 horas da manhã é tranquilo. Não é uma coisa assim “caralho, né, lascou”. E nessa eu vi um monte de caras vindo e eu falei “Isa, vamos virar a quadra aqui e vamos dar a volta”. E daí ela “Nah, que vamos virar o quê”. E eu já sabendo, até porque ela não tinha noção, né. Porque eu sabia. Eu, de cabelo pintado, não sei o quê. Aquele monte de marmanjo vindo, pensei “Ixe, vai dar merda”, sabe? Aí não

²⁵ RuPaul’s Drag Race, reality show de competição entre *drag queens*.

²⁶ O nome da amiga, mencionado neste trecho da entrevista, também foi substituído.

sei, você sente, assim, sabe? E ela “não, vamos continuar aqui e não sei o quê”. Beleza. Aí passamos e tal e nessa um ou outro do grupo lá me xingou, né, e eu “Isa, vamos, Isa. Não tem...”. Só que ela ficou, assim, ela sentiu por mim, entendeu? E eu “Isa, vamos embora. São um monte de marmanjo, ali. Não é uma coisa, ali, que pra mim, né.” Mas ela foi lá e intimou os caras, e eu falei “Isa, vamos embora!” e ela lá “Ah, o que vocês estão falando merda aí, não sei o quê”, e começou né. Nisso, os caras começaram a vir pra cima. Aí tacaram pedra e tudo mais. Quase me acertou uma pedra e tal. E daí eles começaram a voltar. Nessa, veio um carro de, aí veio, era um casal que tava dentro e meio que veio quase que querendo atropelar o grupo inteiro. Eles “ah, entra aí, entra aí, entra aí, não sei o quê”. E eles [o casal] viram que eles [o grupo] iam vir pra cima da gente. Então, assim, não é uma coisa... não que eu tenha ficado traumatizado, ou que tenha me causado pânico de sair de casa depois, mas eu fiquei, tipo, caramba, né. Olha que complicado, né? Eu, só por estar de cabelo pintado, já abre precedente pra eu apanhar, sabe? Então, ao mesmo tempo, é adolescente [no caso, referindo-se à própria fase da época], então eu pensei “então eu tô fazendo a coisa certa, né, porque eu tô quebrando uma coisa que não é...”, quando você é adolescente, você não tem medo de muita coisa, né, de perder muita coisa, né. Então, assim, eu pensava “não, então eu tô fazendo a coisa certa, porque mexeu com alguma coisa aqui, né”. Então cara, basicamente isso, assim, esse episódio, assim. Então foi meio sinistro, mas acabou tudo bem. Mas cara, poderia ter levado uma surra aquele dia, sabe? Então... e nem era muito em relação à sexualidade, mas justamente por um gesto, por um ato, né, sei lá, por um cabelo pintado, e daí, né, leva a pensar uma sexualidade e conseqüentemente ah, dá margem para você apanhar. Então eu acho que isso também, talvez, entra aquelas questões de sequelinhas que ficaram e a gente não percebe, de tipo assim, de eu ficar controlando a forma como eu vou me portar sempre, entendeu? Então aqui eu vou evitar me comportar assim, para evitar um comentário X ou um julgamento Y, entendeu? Hã... mas hoje em dia, também, cago pra isso, sabe? Aí, justamente, né, a questão de como eu, sei lá, ajo em relação a uma guria e tal, lá, ficar mais de peito estufado e não sei o quê. Hoje em dia não. Não tem mais essa assim, sabe.

Gustavo: Entendi. É, com certeza, essa aí foi uma história... um desafio e tanto, né? E para além desse episódio, você consegue nomear dificuldades ou desafios específicos em ser um homem bissexual?

João: [reflete por alguns segundos] Em me aceitar. Esse foi o mais difícil, sabe? Isso foi o mais difícil, porque hã... porque não tem nada, ou pelo menos não tinha, né, não tinha nada que me dissesse que eu era válido, sabe? Ou pelo menos representações que me dissessem que “não, tá tudo bem você ser como você é”. Na verdade, o que eu sempre recebi de feedback é que tudo o que eu fazia era algo errado, ou que era algo que me... né, pejorativamente era chamado de viadinho. Por isso, fazer essas coisas que não eram consideradas, né, masculinas, né, e cara, eu nem tô falando, assim, em relação a ficar com outros homens. É esse que é o maior lance, sabe? Porque também quando você é um homem bissexual, eu acho que você também é muito desconstruído em muita coisa, também. Porque da forma que você lida com seus sentimentos, a forma que você lida com suas emoções, sabe, de gostar de X ou coisa Y, sabe, sei lá. Eu não gosto de futebol. Não gosto e foda-se, sabe? Então meio que também se espera isso, por você ser homem, sabe, então, é... ou ter aquele comportamento predatório em relação a mulher, sabe? E eu nunca tive isso, sabe? Aquela coisa meio que ah, tá passando ali [uma mulher] e tal, fica mexendo e coisa do tipo. Eu nunca fui assim. E... então, é esse que foi mais complicado, sabe, de entender que isso não me faz menos ou menor que outras pessoas e que... é... e que se não tem alguém que eu possa me espelhar ou entender, ou que eu possa entender que, né, que eu posso entender que é ok, então eu vou ser essa pessoa. Meio que foi esse o meu raciocínio, sabe? Já que não é tão fácil, não é tão acessível, né, encontrar outros homens que tenham esse tipo de pensamento, então eu vou ser esse homem. Nem que eu seja o primeiro, sabe? Porque na minha perspectiva, né, cara, nunca, jamais eu tive um amigo que

eu falasse de sentimento, que eu falasse de “sabe, cara, tô passando uma dificuldade e tal”, um cara que tipo, sabe, pudesse contar num ponto assim de... era mais “ah, vamos encher a cara, bora aeae”. Tipo, é isso, sabe? Mas nunca foi aquela coisa de tipo “putz, cara. Tô me sentindo mal, não tô bem. Tô me sentindo muito ansioso, não sei o quê”. Hoje em dia que eu tenho amizades, assim, uns ou outros assim que, né, uma piazada, assim, que é muito mais cabeça aberta e tipo “cara, putz, tô me sentindo meio mal no trabalho, tô meio ansioso e tal” e o cara “é, cara. Eu também tô me sentindo meio assim e tal. Tá meio foda”. Já tem uma abertura. Eu vejo que, aos poucos, assim, tem mudado isso. Tenho sentido mais abertura em relação à isso, sabe, os homens. Assim, eu não sei se eu, também, é isso que eu falo, isso eu tô falando da minha experiência, sabe? Eu não sei se eu também tenho dado muita sorte de encontrar esses outros caras que tem mais essa abertura, sabe? Mas tem N outros, assim, que nossa, jamais, “falar de sentimento? Falar de como tá se sentindo? Para né! Vamos beber para esquecer os problemas.” Aí eu fico tipo “não vai resolver, meu amigo. Vai piorar, eu acho, né”. Então, assim, é complicado, cara. Eu acho que isso foi o mais difícil pra mim, assim, como homem bi. É me aceitar que eu sou um homem bi e ponto. Não tem outra coisa, não tem outra... sabe? É isso. Acabou e é isso, sabe? E da forma que eu ajo, das coisas que eu gosto, isso não me faz menos. Menos homem, menos Y ou Z, entendeu? Me faz como eu sou e acabou. Tem quem não goste, paciência. Não tô aqui pra agradar todo mundo também.

Gustavo: Entendi. E pelo outro lado agora, você acha que é possível nomear alguns pontos positivos específicos da bissexualidade masculina?

João: [pensa por alguns segundos] Nossa, a liberdade de você fazer o que bem entende, sabe? Fazer o que você bem entende no sentido de, cara, que nem eu disse, depois que você passa por um processo de aceitação, é você... cara, você não fica mais restrito a tipo... você faz o que você quer, sabe? Não é o que os outros esperam que você faça. Não é, assim, eu vou fazer isso só para mostrar para os outros caras que eu estou fazendo tal coisa, entendeu, para ganhar aprovação dos outros. Meio que quando você tá bem consigo mesmo, principalmente em relação à própria bissexualidade e tudo mais, você simplesmente é, sabe? E não tem mais nada que te amarre, que te impeça de expressar quem você é, sabe? E eu imagino que tenha, assim, por causa de, a gente tá falando especialmente de homem bi, eu acho que tem muito homem que, infelizmente, cara, é... poderia ser muito mais e não é, justamente por conta dessas expectativas em cima deles, sabe? Em cima de ser homem, uma coisa bem padrão, né? Então isso que eu acho que é a coisa mais positiva, cara. É de simplesmente eu fazer o que eu bem entendo e gostar das coisas que eu gosto, que eu realmente gosto e não porque eu tô fazendo isso para manter um *status quo*, mas porque eu realmente quero, sabe? Então isso eu acho, assim, essa liberdade eu acho que é impagável, sabe? Não é, assim, vou falar uma coisa bem nerd, assim, não é o PC gamer ali, ou o carro do ano, ou o celular do ano. Cara, isso não me deixa feliz. Cara, o que me deixa feliz é tipo... é justamente eu poder ter essa liberdade, sabe? De falar e dizer o que eu tô a fim de dizer e se a pessoa achar ruim, tipo, “tá, meu. Vamos discutir isso daí então. Vamos, né...” Não é o negócio de ficar preso àquela coisa de “ai, se eu fizer isso, os caras vão achar aquilo, né. As gurias vão achar isso”. Foda-se. Foda-se, sabe? Isso, como eu disse, é impagável. Essa liberdade, sabe, esse afastamento dessa heteronormatividade, dessa masculinidade tóxica é impagável. Porque traz uma paz de espírito muito grande.

Gustavo: Entendi. Legal. Encerramos aqui o roteirinho de perguntas que eu tinha para te fazer, e a última pergunta é o que você achou que seria abordado que não foi? Ou o que você esperava que teria perguntado para você e que não foi? E que você queira falar...

João: Cara, sinceramente, assim, eu acho que foi bem... vamos dizer assim, acho que passou por muita coisa, assim, né. Acho que foi bem, digamos assim, completo, na questão da abordagem. Passou por muitos pontos que, vamos dizer, que eu considero muito importantes, assim, né, em relação à bissexualidade, principalmente em relação a ser um homem bi, né.

Então... cara, eu acho que o que eu posso acrescentar é que a bissexualidade é válida, ser homem bi é válido e que é isso, cara. Bissexualidade é fluida e se alguém dizer o contrário, bata o pé. Tem que bater o pé e... você tem que estar bem consigo mesmo, sabe? Você tem que estar confortável consigo mesmo. Então acho que isso é o mais importante. Além das questões sexuais, das questões sociais, enfim, o importante é você estar bem consigo mesmo, com as tuas escolhas, né, com os teus desejos, desde que seja uma coisa sua, não imposta pelos outros, né. Então acho que é isso, cara. Não tem... não teria nada mais, assim, a acrescentar. Acho que foi até bem meio terapêutico o negócio. Já passou ali pelas fases, nem sei se era esse o objetivo tá, Gustavo. Desculpa aí se eu me aprofundei muito em algumas questões que talvez não fossem muito pertinentes, mas eu acho que eu quis meio que trazer, para ter uma coisa mais, assim... mais contexto, né. Não só ficar naquela coisa, né parece... muito superficial, né. Basicamente isso. Ah, e quanto a meu nome, pode usar o meu, tá? Não tem problema nenhum.

Gustavo: Não, é que na verdade eu não posso, mesmo que você consinta na utilização do teu nome, é uma regra ética não utilizar esse nome porque a gente nunca sabe quais implicações que pode ter o trabalho, né. Eventualmente, vai que...

João: Ah, entendi.

Gustavo: Enfim, uma hipótese um pouco distante, mas sei lá, se busquem saber quem é você, para eventuais represálias e tal. Se você fala muitos aspectos da sua vida, a gente suprime essas informações. Pra justamente dificultar a identificação da pessoa.

João: Ah, então pode ser João [risos].

Gustavo: João? Tá bom.

João: O nome mais... não tem nome mais abstrato que João. Tá ótimo já.

Gustavo: Tá bom. Eu vou encerrar a gravação aqui, então.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PIERRE

Entrevista realizada em 16/6/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Pierre (nome fictício) foi o quarto entrevistado.

Gustavo: Então, Pierre²⁷, como eu falei pra você, essa é uma entrevista sobre construção da subjetividade de homens bissexuais, né. As informações que você me passar aqui, elas vão ser mantidas em anonimato, o seu nome verdadeiro não vai ser utilizado, vou escolher um outro nome, ou você me fala um outro nome que você quer que seja utilizado e qualquer outra informação que te qualifique, que possibilite sua identificação, também vai ser suprimida. A gente começa a entrevista pedindo para você se apresentar da forma mais ampla possível. Seu nome, suas experiências de vida que mais te marcaram, sua relação com a sua família, o que for do seu interesse, que você acha que pode te definir ou que seja interessante para você trazer aqui para gente.

Pierre: Beleza. Então, sou Pierre, tenho vinte e oito anos, atualmente moro sozinho, trabalho, tô terminan... na verdade, já meio que terminei minha faculdade só que não me formei ainda porque eu não entreguei o TCC, mas é uma pendência na minha vida que vai se resolver, não sei quando, mas vai [risos]. Com relação à minha família, eu tenho um bom relacionamento com eles. Não é muito próximo porque a minha família ela tá dividida pelo mundo, cada um em um canto diferente, e... mas a gente tá sempre em contato. E eu não tenho problema com ninguém, assim, da minha família, né. Hã... deixa ver o que mais...poxa, acho difícil falar sobre mim. [risos]

Gustavo: Legal. A gente pode passar para as outras questões, então, porque aí acho que a conversa vai fluindo mais naturalmente, né? É... quando, como que foram as suas primeiras experiências de vida envolvendo a sexualidade, né? Quando que você passou a sentir atração sexual de forma ampla?

Pierre: No começo ali do... quando eu comecei a me descobrir sexualmente, a minha atração era mais por menino, né. Em princípio, eu não sentia ali muita atração por menina. E deve ter sido, não lembro muito bem, mas quando eu tinha uns onze, doze anos, já tinha um menino que me chamava muito a atenção e ali uns dois anos depois a gente começou a namorar. Ele estudava comigo e... e era... é um... não sei se... é meio cômico, meio trágico, que eu fazia *bullying* com ele, por causa da sexualidade dele. Porque ele já aparentava, né, ser gay e tal e ele era zoador por vários outros meninos e eu entrava nessa junto. E foi curioso que depois eu virei namorado dele, né, um tempo depois. A gente estudava junto desde os oito, eu acho. Não sei, a gente era bem pequeno, assim. E aí a gente continuou estudando junto... putz, eu não lembro em que série que foi, mas quando a gente tinha catorze anos, a gente começou a namorar.

Gustavo: Uhum.

Pierre: E... aí eu comecei a sentir atração por menina, foi bem mais tarde, assim. Acho que uns... quando eu tinha uns dezessete, dezoito, por aí, eu comecei a... aí eu me descobri bissexual, né.

Gustavo: E como é que foi que você teve aproximação com esse seu primeiro namorado? Já que você fala que você praticava *bullying* com ele, né, pelo jeito afeminado que ele se apresentava, né. Como é que vocês se aproximaram e quanto tempo que durou o relacionamento de vocês?

Pierre: Então a gente foi... a gente começou a, eu principalmente, né, a amadurecer, e... e

²⁷ Nome fictício.

comecei a me aproximar dele na amizade mesmo, sabe? A princípio... sem interesse. Até porque eu não entendia direito o que era isso, né. A gente era muito pequeno ainda. E aí a gente começou a ficar bem próximos, viramos bastante amigos, ali. E... e aí no... quando a gente tinha treze anos, acho que isso é na sétima série, não tenho certeza. Nessa época, mais ou menos, eu comecei a tentar alguma coisa com ele, sabe? Comecei a conversar com ele mais nesse sentido de tentar ficar com ele e tal. E ele, em princípio, ele não... ele falava que não curtia, que ele não era gay e tal e foi negando, foi bastante tempo negando. E aí um dia ele veio me chamar e falou pra gente sair, depois da aula. Não lembro se era depois da aula, ou se a gente gazeou aula, eu acho que a gente gazeou aula, daí a gente foi em um lugar perto lá do colégio e ficamos, entende? E daí a gente começou a namorar, a gente ficou dois anos juntos.

Gustavo: Ficaram bastante tempo.

Pierre: Bastante tempo, foi.

Gustavo: Uhum. E a sua primeira experiência sexual foi com esse garoto?

Pierre: Foi com ele, aham.

Gustavo: Aham. E... você falou que você começou a sentir atração sexual por mais de um gênero quando tinha seus dezesseis, dezessete anos, né. Que passou, também, a se sentir atraído por meninas. É... como que você encarou essa situação? Como que você percebeu que estava se atraindo por meninas também e o que passou pela sua cabeça quando você começou a vivenciar isso?

Pierre: Na verdade foi meio que natural assim, sabe? É... comecei percebendo que algumas meninas ali do meu convívio me atraíam, né, tinha vontade de ficar com elas, também e, e quando rolou eu vi que curti. Mas foi bem natural, assim. Não... eu nunca tive muita dificuldade de me aceitar, nem como gay, nem como bissexual. Não... nunca passou nenhum problema assim, sabe, eu comigo mesmo.

Gustavo: Mas quando você se percebeu bissexual você já tinha construído uma ideia de que você era gay?

Pierre: Uhum.

Gustavo: Ou você mantinha aberta ainda essa questão da orientação?

Pierre: Cara, não... difícil responder essa. Não... não sei dizer se eu já tinha fechado essa ideia de que eu era gay ou ainda tava me descobrindo. Foi realmente muito natural mesmo, não cheguei a... eu tenho a impressão de que eu não cheguei a me definir, sabe? Naquela época ali, “não, sou gay e ponto”, entende?

Gustavo: Uhum. E a partir do momento que você começou a perceber a atração sexual por mais de um gênero, quanto tempo você levou para atribuir um nome a isso? Para, por exemplo, você falar “ah, isso é bissexualidade, então eu sou bissexual”. Isso te provocou alguma confusão? Você ficou confuso por um tempo ou sempre levou isso de uma forma clara, assim, sem muito peso?

Pierre: Então, para mim, eu nunca me preocupei muito em atribuir nome, assim, sabe? Até... a... quando eu comecei a me dizer bissexual para os outros, foi a pouquíssimo tempo atrás, tipo... talvez até quando eu comecei a frequentar o grupo de bissexuais²⁸, ali. Porque até por questões culturais e... como se diz? O hábito mesmo de tratar todo o universo LGBT como gay, acabava falando “não, sou gay e pronto”, entende? Mas depois, com algumas discussões ali, com o pessoal do grupo de bissexuais, eu vi que era importante a gente se posicionar como bissexual, entendeu? E aí foi quase, ali, contemporâneo ao grupo, ali, que eu comecei a me dizer bissexual pros outros. Porque até então eu falava que era gay por hábito mesmo. De colocar todo esse pacote aí do LGBT como gay, entende?

²⁸ O grupo de bissexuais a qual Pierre se refere é o grupo formado dentro do grupo Dignidade, que se propõe a debater quinzenalmente questões e experiências específicas da bissexualidade.

Gustavo: Uhum. Então isso é muito recente, porque as reuniões ali, do grupo Dignidade, têm menos de um ano ou pouco mais de um ano, né? É muito recente.

Pierre: É, foi no final do ano passado, eu acho.

Gustavo: É. Uhum. E a sua atração envolve sentimento apenas por homem e mulher cisgênero ou a sua atração engloba também identidades transgênero ou identidades não binárias?

Pierre: Então, eu nunca tive nenhum relacionamento com trans, não... Até tenho pouco contato com pessoas trans, sabe? Não conheço muita gente trans. Então não sei dizer. Principalmente sexual, assim. Eu nunca tive uma experiência com trans, sabe?

Gustavo: Mas você sente ou já sentiu algum tipo de atração por pessoas trans ou não binárias?

Pierre: Especificamente... não sei dizer. Eu ficaria, sabe? Sem problema nenhum. Mas não especificamente, assim, por pessoas trans, sabe? Tipo, não é pelo fato dela ser trans que me atrai, entendeu?

Gustavo: Aham. Se você visse uma pessoa e se atraísse por ela, não importaria o fato dela ser trans ou não. Seria isso?

Pierre: Isso.

Gustavo: Ah, entendi. É...

Pierre: Mas com não-binário, eu sou bem ignorante em relação a isso, eu não sei o que significa isso.

Gustavo: Não-binárias são as pessoas que se definem fora do padrão masculino e fora do padrão feminino. Então a pessoa não se identifica nem como homem e nem como mulher. Ela pode se identificar como um terceiro gênero, ou como um gênero fluido, vai mais por esse caminho... e você já parou para pensar os limites da bissexualidade para você, como que você consegue definir a tua bissexualidade?

Pierre: Como assim? Eu não entendi.

Gustavo: Por exemplo: a bissexualidade para mim envolve uma atração por homens e mulheres cis e trans, muito embora a minha predileção afetiva seja por mulheres cis, mas a minha atração sexual é mais vasta, entendeu? A minha bissexualidade é nesses termos. Você consegue definir mais ou menos como é a sua?

Pierre: Então, para mim, a minha atração afetiva é mais com homem cis, né? Com trans nunca tive nenhum relacionamento afetivo e nem sexual e... sexualmente eu prefiro com mulher.

Gustavo: Sexualmente você prefere se relacionar com mulheres.

Pierre: E... eu nunca namorei nenhuma mulher, só homem até hoje. E nem...

Gustavo: Então afetivamente você prefere se relacionar com homens, mas sexualmente com mulheres, isso?

Pierre: Isso.

Gustavo: Uhum.

Pierre: E eu, sei lá, não sinto vontade de namorar mulher, sabe?

Gustavo: Não sente vontade?²⁹

Pierre: Não.

Gustavo: E por quê?

Pierre: Boa pergunta. Isso nem eu sei dizer, na verdade. Mas nunca me atraiu assim, sabe? O... o relacionamento amoroso, né, com mulher. Talvez eu veja muito casal hétero, assim, e parece tão sem graça, sabe? Eu não sei, mas a impressão que eu tenho de um casal hétero é que falta amizade nos casais, sabe? E tipo, a base do relacionamento é a amizade, antes de

²⁹ Por vezes as perguntas que faço soam redundantes. Mas faço isso pois na ocasião da entrevista, realizada pela internet, muitas das palavras não eram muito audíveis, razão pela qual busquei reafirmar o teor das respostas.

namorados, a gente tem que ser bons amigos, né? E uma coisa que eu sempre vi por fora, assim, senti falta muito, de ver nesses casais a amizade. Não sei se eu tive contato com casais errados ou se isso é comum realmente entre casais héteros, não sei.

Gustavo: Mas talvez isso seja decorrente mais do papel do homem, que acha que tem que se fechar, que não pode se abrir emocionalmente, que não pode se abrir com a companheira, do que com o papel da mulher, né? Você não acha que pode ser isso?

Pierre: Pode ser. É que a impressão que eu tenho é que o objetivo do casal hétero é ser um casal e não serem amigos, entende? Tipo, é uma coisa muito mais por obrigação. Não obrigação de estar com aquela pessoa, mas obrigação de ser um casal, entende. Tipo, uma obrigação social, assim, de formar casais na sociedade. E sei lá, essa é a impressão que eu tenho quando eu vejo vários casais héteros, assim. É meio recorrente.

Gustavo: Estão juntos mais por uma convenção social do que por uma vontade legítima das partes.

Pierre: É, não é nem por vontade legítima, mas é que... sei lá, eu acho que o casal hétero separa a amizade do relacionamento amoroso. Essa é a impressão que eu tenho.

Gustavo: E você acha que nos relacionamentos entre homens ou entre mulheres os companheiros, as companheiras são mais amigos entre si?

Pierre: Eu tenho essa impressão.

Gustavo: Uhum. E você já falou que você passou a entender sua bissexualidade quando você tinha cerca de dezesseis, dezessete anos. E como que foi tua primeira relação com uma mulher?

Pierre: Você diz sexual...?

Gustavo: Pode ser sexual, afetiva. A partir do momento que você viu que gostava também de mulher, como que foi a sua primeira experiência? Pode ser só beijo, pode ser sexual, também.

Pierre: O... a maioria delas foi só “ficada”, sabe? Tipo, balada, em festa, em outras oportunidades também. A maioria foi ficada. E sexual foi bem mais recente, também. Deve ter um ou dois anos, a minha primeira relação sexual com mulher. E foi, inclusive, um casal. Um casal hétero. Então foi... foi um...

Gustavo: Um ménage.

Pierre: Um ménage, exatamente. E aí, né, um casal, são dois namorados e aí rolou nós três. Só que o curioso é que nesse caso... hã... foi muito mais com a mulher do que com o cara, entendeu?

Gustavo: E por quê?

Pierre: Não sei. Me atraiu mais, no momento ali.

Gustavo: Uhum. E você gostou dessa experiência então, né?

Pierre: Gostei, foi massa.

Gustavo: E por que... você fala que começou a se sentir atraído por mulheres quando tinha dezesseis, dezessete, dezoito [anos], só que você fala que sua primeira relação sexual foi há cerca de um, dois anos atrás. Hoje você tem vinte e oito, então você levou quase nove, dez anos, ali, a partir do momento que você viu que sentia atração sexual e afetiva por mulheres, né. Não sei se era atração sexual e afetiva, ou se inicialmente era só afetiva, mas enfim, você levou nove anos até ter um relacionamento sexual com mulheres. É... você anteriormente você sentia só atração afetiva e não sexual? Ou já, lá atrás, já sentia as duas formas de atração por mulheres?

Pierre: Então, eu sempre tive bastante vontade de experimentar, sabe, sexual. E... só que eu nunca tinha tido nenhuma oportunidade real, assim, sabe? Nenhuma oportunidade plausível. E a oportunidade que eu tive foi essa recente. Então... a impressão que eu tenho é que é muito mais difícil você transar com uma guria do que com um cara. Com um cara é muito mais fácil você conseguir sexo. Sempre eu brinco, porque com o cara às vezes você dá oi e ele tá na sua cama. E a mulher não. Você vai uns três, quatro meses pra conseguir alguma coisa. Em geral,

né. Não dá pra generalizar, mas em geral, é... não sei se é a impressão que eu tenho vem por causa do meu convívio, né, as pessoas do meu círculo ali, ou se é meio que geral isso.

Gustavo: E você tem predileção por essas relações casuais do que conhecer a pessoa pra depois se envolver sexualmente, então?

Pierre: Como assim?

Gustavo: Porque você falou que era muito mais fácil transar com homem do que com mulher. Você prefere essas relações casuais que você encontra a pessoa, fala um oi, transa e depois acaba não tendo muito mais contato ou você prefere conversar, conhecer melhor a pessoa, sair duas, três vezes antes de transar?

Pierre: Depende muito da pessoa. Tem gente que, algumas pessoas eu tenho só uma atração sexual e acho mais interessante, né, chego lá, transo e pronto. E outras eu acho interessante conhecer mais e, mesmo que não vá se tornar um namoro, acaba até virando uma amizade, sabe? Mas depende muito das pessoas, assim. Eu gosto de ter um relacionamento fixo, mas também não acho ruins esses relacionamentos casuais, assim.

Gustavo: E mesmo através de aplicativo você não conhecia mulheres dispostas a ter relacionamento casual, igual você fala aí que mulher você acha que é mais difícil, porque tem que ter um envolvimento emocional mais intenso, tem que conhecer melhor a personalidade. Nem por aplicativo, assim, você tinha interesse em procurar conhecer outras mulheres? Ou você não gosta de usar aplicativo?

Pierre: Não, eu uso. Mas mesmo por aplicativo eu sentia essa diferença também, sabe? E aí como eu... tipo, eu não tenho muito saco, sabe, de ficar conversando e tal, principalmente online assim, sabe? Não perco muito tempo com conversa online. Não tenho o hábito de ficar muito tempo conversando no celular e tal. Então, como com homem sempre rolava muito mais fácil, eu acabava dando mais preferência pra homem, entende?

Gustavo: E você conhece outros homens que se identificam como bissexuais ou que manifestam desejo por mais de um gênero?

Pierre: Conheço alguns.

Gustavo: Esses que você conhece, eles são lá do grupo Dignidade ou você conhece homens fora de lá, também?

Pierre: Fora, também.

Gustavo: E você consegue verificar alguns pontos em comum que você tem com esses outros homens bissexuais?

Pierre: Você diz, de uma maneira ampla, assim? Qualquer tipo de...

Gustavo: É, que envolva a sexualidade, que envolva as expressões de gênero, né, como que vocês se expressam, como que vocês manifestam desejo.

Pierre: Então, uma coisa que eu reparo bastante, que é, né, um ponto que me chama muito a atenção, que todos esses bissexuais que eu conheço, eles se relacionam mais com homem do que com mulher.

Gustavo: Afetivamente ou sexualmente?

Pierre: Os dois.

Gustavo: Os dois?

Pierre: Isso. E muitos dos que eu conheço, também, só se relacionam com mulher sexualmente.

Gustavo: É? E você acha que as razões que eles têm pra se relacionarem mais com homens do que com mulheres são parecidas com as suas? Você já chegou a conversar sobre isso com eles?

Pierre: Não sei dizer. Nunca tive essa conversa com nenhum deles.

Gustavo: Entendi. E você consegue trazer se você tem formas diferentes de se portar em relação aos diferentes gêneros? Se, por exemplo, com homem você age de uma determinada maneira, se com mulher você age de maneira diversa, ou você, via de regra, não traça

nenhuma distinção nesse sentido?

Pierre: Não, eu acho que acaba tendo uma diferença até... eu sempre tive a impressão de que mulher é mais madura do que homem. Que mulher amadurece mais cedo. Então... eu acho que tem uma diferença de comportamento com gêneros diferentes por conta disso.

Gustavo: Mas na prática você consegue trazer o que muda em você quando você tá saindo com um cara e o que muda em você quando você sai com uma mulher, ou quando fica com uma mulher em balada, como você tinha dito anteriormente. Você muda a forma de abordar essas pessoas, você muda a forma como se porta, a forma como fala? Ou basicamente age da mesma maneira?

Pierre: A forma de abordar eu mudo bastante, porque... é... eu tenho bastante receio de ser, é.... qual que é a palavra certa pra isso? Fugiu a palavra, mas tenho medo de ser inconveniente, né, quando eu tô...

Gustavo: Eu acho que travou aqui... Tá me ouvindo? ³⁰

Pierre: Eu tô. Você tá me ouvindo? Só que a sua imagem travou.

Gustavo:[após a correção dos problemas técnicos] se muda alguma coisa quando tá conversando com mulher, se muda alguma coisa quando tá conversando com homem, era nesse sentido que você tava falando.

Pierre: Então, a minha forma de abordar a mulher é, eu sou muito mais cauteloso, assim, sabe? Porque eu tenho muito mais medo de ser inconveniente com uma mulher. E acho que até por causa dessa questão cultural, né, do homem hétero quase sempre ser inconveniente com a mulher, eu tenho uma cautela muito maior do que com homem. Tipo, com homens eu chego na balada de boa, assim. E se for inconveniente eu não tenho essa preocupação tão grande. Até porque eu acho que o homem também não se preocupa com, né... a maioria deles não tem essa preocupação, também, tão grande, com pessoas inconvenientes como a mulher tem, sabe? Não sei se ficou muito...

Gustavo: Não, eu entendi. E de que maneira você acha que ser homem interfere na tua orientação sexual? Você consegue enxergar alguma forma como essas duas questões se relacionam?

Pierre: Na verdade, não. Não sei se eu entendi a pergunta, na verdade.

Gustavo: Porque assim, a masculinidade ela atribui, atribui não, na verdade ela, a masculinidade hegemônica, ela exige que para ser homem você tem que estar dentro de certas caixas, né. Manifeste virilidade, manifeste força, que não hesite, que você seja sempre agressivo, violento e... e é por conta disso que, como a gente tava falando, que muitas mulheres muitas vezes se sentem incomodadas em serem abordadas na balada, por exemplo, né. Porque a abordagem do cara vai ser meio sem noção. Vai ser agressiva, vai ser violenta, vai ser tratar, às vezes, a mulher como objeto, como posse, nesse sentido, né. E a pergunta que eu te faço é: de que forma a bissexualidade te permite repensar a sua masculinidade? Ou de que forma a sua masculinidade trabalha com a tua bissexualidade, entendeu?

Pierre: Entendi... nossa, difícil. [risos] É... deixa eu pensar. Eu não sei se o fato de a gente ter essa reflexão maior, né, com relação a... com relação a esse tipo de comportamento masculino, né, eu não sei se vem por causa da nossa sexualidade ou se é pelo meio em que a gente está inserido, entende? Que a gente acaba tendo, é... a gente acaba tendo mais discussão, mais roda de reflexão com mulheres, né, e a gente acaba vendo esse outro lado, entende? Ou... o que me parece é que os homens héteros eles não têm muito um círculo de convivência com mulher no sentido que não seja ou sexual ou afetivo, né, um relacionamento que não seja de amizade, entende? Acho que a gente, não sei se por questões culturais ou... não sei porque razão isso, mas eu acho que o homem gay, o homem bi, ele acaba tendo muito mais amizade

³⁰ A gravação via Skype congela neste momento. O que força a uma interrupção na entrevista. Uma nova ligação foi feita na sequência para dar continuidade.

com mulher, muito mais, é... uma conversa muito mais aberta com mulher do que o homem hétero, entende? Então acho que isso acaba fazendo com que a gente veja mais o outro lado, o lado que a gente não tá inserido, que a nossa vida não tá inserida, do que o homem hétero. Então acho que a gente acaba tendo mais essa reflexão por causa disso, não necessariamente por causa da nossa sexualidade.

Gustavo: Você acha que é uma abertura pessoal, né, que homens gays e homens bis têm uma abertura pessoal maior para falar dos seus sentimentos, das suas emoções do que os homens héteros, que você acha que os homens héteros são mais fechados. Seria isso?

Pierre: Sim, também. Mas eu acho que tá mais porque a gente acaba tendo mais conversa, mais contato e... e até as mulheres acabam, talvez, confiando mais ou se abrindo mais com a gente, entende?

Gustavo: Uhum.

Pierre: Acabam tendo uma conversa mais franca. Uma discussão muito mais franca do que um homem hétero com uma mulher hétero, entende?

Gustavo: Entendi. E você acha que a tua orientação sexual é uma parte importante da sua identidade?

Pierre: Eu acho que sim. Bastante, porque... faz parte, né. Por exemplo, eu sou assumido e tal, mas também não é uma coisa que eu... que eu ache importante que uma pessoa que eu não tenha tanto contato comigo saiba, entende? Se ela vier me perguntar, eu não vou ter problema nenhum em falar que eu sou. Mas quando eu me apresento, eu não me apresento, né, falando da minha sexualidade, entendeu?

Gustavo: Uhum. Você acha que a sua sexualidade é uma parte importante da tua personalidade, da sua subjetividade, no entanto não é o teu cartão de visita.

Pierre: Exato.

Gustavo: Você não precisa chegar “ah, eu sou o Fulano de tal e sou bi”.

Pierre: Exatamente.

Gustavo: E como e para quem que você revelou a tua bissexualidade pela primeira vez?

Pierre: Pela primeira vez foi para a minha irmã. Ela... foi logo que eu comecei a namorar aquele menino, né. Foi meu primeiro namorado. E aí eu conversei com ela e tal. E eu falei, eu fui falar com ela justamente para saber como que eu deveria falar pros meus pais, se eu deveria falar pros meus pais, o que ela achava como seria a reação deles, entende?

Gustavo: E ela o que falou pra você?

Pierre: Então, não vou lembrar com detalhes, assim, porque já tem um tempinho, eu não me lembro, mas o... ela ficou também meio sem saber, se deveria [contar], né, qual seria a reação dos meus pais. Eu não me lembro se ela falou pra eu falar ou se não. Eu sei que eu não falei nada para os meus pais.

Gustavo: Mas e como ela reagiu quando você contou pra ela? Ela ficou assustada?

Pierre: Não, ela foi tranquilo, assim, sabe? Não teve uma reação ruim.

Gustavo: Ela é sua irmã mais velha?

Pierre: Mais velha.

Gustavo: Ela é quantos anos mais velha que você?

Pierre: Deve ter uns dez anos a mais que eu.

Gustavo: Mas nesse momento você não tinha percebido que você tinha atração sexual por mulheres, então você perguntou pra ela o que ela achava do teu relacionamento com outro garoto.

Pierre: Isso.

Gustavo: E aí nesse momento você não decidiu contar pros seus pais?

Pierre: Não. Na verdade, meus pais viram que eu tava bem próximo desse menino e eles vieram me perguntar se... o que eu tinha com ele. Aí eu falei que a gente tava namorando. Foi assim que eles ficaram sabendo.

Gustavo: E qual foi a reação dos seus pais?

Pierre: Meu pai foi bem tranquilo. Foi bem sossegado com isso. Minha mãe... a minha mãe, ela é mais religiosa, assim. E por questões religiosas, ela teve bastante dificuldade, sabe? Mas ela foi lidando, depois com o tempo, ela foi lidando bem e hoje ela é bem tranquila com relação a isso.

Gustavo: E aí, retomando ao tema da bissexualidade, você tinha dito que passou a se identificar como bissexual, né, e a se apresentar como bissexual recentemente, né. E depois que você construiu essa compreensão sobre a tua bissexualidade, quais foram os grupos que você falou da tua bissexualidade primeiro? Ou se foram pessoas ao invés de grupos, né? Quais foram essas pessoas?

Pierre: Assim, pessoas, os meus amigos mais próximos, né. E... com relação a grupo, o primeiro grupo que eu falei foi o grupo bissexual lá do Dignidade.

Gustavo: E seus amigos como reagiram quando você disse que era bi?

Pierre: Ah, normal. Sem surpresas, eu acho.

Gustavo: Não te desqualificaram de nenhuma maneira? Não ficaram surpresos?

Pierre: Não. Foi... foi quase que a mesma coisa quando eu me revelava gay, entende?

Gustavo: Mas pra sua família você já optou por contar que você é bi ou ainda não?

Pierre: Não, nunca falei com eles sobre isso.

Gustavo: Você acha que também não é um assunto? Não é importante?

Pierre: Não acho.

Gustavo: E para quais grupos que você revela, aliás, quais grupos que você tem mais dificuldade em revelar a sua orientação sexual ou que você não considera pertinente, né. Família, colegas de trabalho, amigos menos próximos...

Pierre: Ah, as pessoas que não são tão próximas de mim eu acabo não... não falando muito sobre isso, sabe? É... meus colegas de trabalho, também, quem me pergunta, sabe. Tem muita gente que... que nunca me perguntou mas sabe, também. Tem muita gente que eu acho que não sabe. Mas como no meu trabalho é minoria, né, ser gay, seja bi, é... é pouca gente. Não é um número muito expressivo, então as pessoas acabam sabendo, né. E, sei lá, a fofoca rola solta lá, também [risos].

Gustavo: Mas já chegaram a te perguntar no trabalho a sua orientação sexual?

Pierre: Já. Mas porque ouviram falar, entendeu? Aí vieram me perguntar para confirmar.

Gustavo: E aí você disse que era bi?

Pierre: Falei sim. Aham.

Gustavo: E qual foi a reação dos seus colegas?

Pierre: Ah, nunca tive nenhum problema lá também, não.

Gustavo: Mas eles ficaram meio que na defensiva? Ficaram surpresos? Passaram a te deixar meio de lado depois disso ou tua relação com eles não mudou em nada depois desse acontecimento?

Pierre: A relação não mudou. Até porque quando eu entrei lá, quando eu entrei já, lá no meu trabalho, o pessoal meio que já sabia, entende? Até porque a gente já tinha alguns grupos de conversa antes do... antes da convocação, né? Então a gente já meio que se conhecia, assim. E ali muita gente já sabia. E enquanto a gente tava no curso de formação, também, as notícias se espalham rápido ali. Então depois que eu entrei, quando eu entrei no meu trabalho³¹ muita gente já sabia, lá de dentro.

Gustavo: Mas como que essa notícia pode ter se espalhado? Você contou pra uma pessoa e acha que essa pessoa pode ter contado para outras? Você chegou a ficar com alguém lá? Alguém já te conhecia antes disso? Como que você acha que essa notícia pode ter se

³¹ Pierre é um servidor público da área de segurança. Por razões de anonimato, a instituição a qual ele integra foi suprimida deste trecho da transcrição.

espalhado assim?

Pierre: Então, nunca fiquei com ninguém lá, né. Eu acho que foi mais boca a boca mesmo, vai falando.

Gustavo: Você contou pra alguém e acha que esse alguém espalhou pra outras pessoas.

Pierre: É. Provavelmente. Mas não de maldade assim, sabe? O pessoal lá é bem fofoqueiro, então as notícias não demoram muito a correr não.[risos]

Gustavo: [risos] Entendi. E você já sofreu preconceito por ser bissexual?

Pierre: Cara, acho que nunca diretamente assim, sabe? Talvez eu... tipo, diretamente, contra mim, assim, nunca tive nada.

Gustavo: Nunca teve nenhuma situação que te deixasse embaraçado ou que te desqualificassem ou te envergonhassem por conta da tua orientação sexual?

Pierre: Que eu me lembre, não.

Gustavo: Aham. E você consegue trazer alguma dificuldade ou desafio específico em ser um homem bissexual?

Pierre: [reflete por alguns segundos] Deixa eu pensar... não sei, eu nunca senti essa dificuldade, assim, sabe, com relação à minha sexualidade. Acho que... talvez, tipo, em questões profissionais, assim, um certo pé atrás de algumas pessoas, mas que é fácil de ser derrubado, entende? Talvez um pessoal que não... que acha que eu não possa ter capacidade para desempenhar esse tipo de trabalho, mas que viram o contrário, entende? Mas nunca que, tipo, nunca que fui deixado de lado por causa disso ou deixei de ter alguma oportunidade por causa disso, entendeu?

Gustavo: Entendi. E você acha que é possível trazer algum ponto positivo específico da bissexualidade masculina? Alguma coisa que a bissexualidade tenha trazido a seu pensamento, ou alguma experiência que você só conseguiu compreender ou vivenciar por ser bissexual? Alguma coisa nesse tipo?

Pierre: Cara, acho que muita coisa. O fato da nossa sexualidade ser muito aberta, muito ampla, acho que isso acarreta muito mais experiências, né, de vida, muito mais reflexões do que uma sexualidade um pouco mais fechada, né. Até o... o hétero ou gay, né, acaba sendo um pouco mais restrito, né. E eu acho que, sei lá, o fato de eu ser bi acabou abrindo muito mais a minha cabeça, sabe?

Gustavo: Uhum. Entendi. É isso. A gente trabalhou todas as perguntas aqui, que eu tinha preenchido no... aqui na... na minha... me fugiu a palavra aqui, poxa. As perguntas que eu tinha elaborado para te fazer. E tem alguma coisa que você acha que eu perguntaria e não te perguntei? Ou alguma coisa que você queira falar, que não foi abordado e queira trazer agora na entrevista?

Pierre: Acho que nada.

Gustavo: Nada? Em relação a seu nome, qual nome você quer que seja utilizado? Ou não tem nenhuma predileção?

Pierre: Escolhe um aí.

Gustavo: Tá bom. Vou escolher um nome aqui pra você.

Pierre: Beleza.

Gustavo: Tá certo? Muito obrigado, Pierre, pela tua entrevista, pela oportunidade, viu. Vou encerrar aqui a gravação.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FABRÍCIO

Entrevista realizada em 9/7/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Fabrício (nome fictício) foi o quinto entrevistado.

Gustavo: Fabrício³², eu queria começar a entrevista assim, pedindo para você falar um pouco sobre você, né, suas experiências de vida, da onde você vem, falar um pouco da sua família. Uma apresentação genérica, assim mesmo, ampla, sobre você.

Fabrício: Bom, nasci em [cidade do interior do Paraná], né, no interior. Hã, saí de lá, bom, fui pra Minas Gerais primeiro. Eu morei em [cidade de MG] dois mil e doze, dois mil e treze. Depois saí de [cidade de MG], fui pra Curitiba, onde eu fui cursar pela primeira vez o semestre, na graduação, no caso, de [nome do curso ocultado], que tem na Tuiuti. Depois... nesse meio tempo que morei em [MG], eu tive uma namorada, eu tenho uma filha de cinco anos com essa namorada. Aí hoje ela mora aqui, né. Ela mora aqui, minha filha com a mãe. Eu vim para cá em 2014, elas vieram juntas e tal. Hoje a gente é separado, mas ela continua aqui. E... bom. Minha família. Minha família... minha família é grande, na minha família, tocando no assunto de sexualidade, assim, só minha mãe sabe, mais ninguém. Até porque não que eu faça questão de contar e não preciso esconder, mas ninguém sabe porque não têm muito contato. Se souberem vão torcer o nariz porque todo mundo do interior, todo mundo super conservador. Até essa tia que eu fui visitar agora é engraçado. Ela é homofóbica, ela fala umas coisas meio assim, ela nem imagina que eu sou bissexual. É interessante. Mas assim, eu não escondo. No dia que souberem vão ficar “ó” [com expressão facial demonstrando surpresa]. Mas é isso.

Gustavo: Aham. E essa sua namorada que você teve essa filha, ela chegou a saber, você chegou a contar para ela que era bissexual?

Fabrício: Se eu te falar que ela tá sabendo faz um mês só disso.

Gustavo: Bem recente.

Fabrício: Uhum. Porque a gente não tem, a gente tem contato só por causa da minha filha, a gente não conversa. Nem dá pra dizer que a gente mantém uma amizade, assim. A gente só se relaciona pelo necessário e sabe faz um mês e não gostou muito. Achou bem estranho. Achava que eu era hétero, né.

Gustavo: Mas como que foi isso e por que que agora que vocês têm pouco contato que você decidiu contar pra ela? O que te motivou?

Fabrício: Eu não decidia porque... ela teve uma experiência de ficar com uma menina e tal e aí, em uma das conversas, ela tava falando alguma coisa, recentemente. A gente tava conversando de boa, até. Aí eu falei né, que eu era né. Eu aproveitei e falei já, de uma vez. E aí, só por isso. Porque veio o assunto e eu resolvi falar. Mas foi bem... não via porque esconder, mas não tinha porquê contar, também. Não é uma pessoa importante, assim, que precisa saber. Mas não gostou, assim. Achou bem estranho. Achou até, enfim. Divagou um monte, sabe? Achando, assim, que eu usei ela para ter filha, essas noias assim, sabe. Então, não sei.

Gustavo: Mas assim, isso é estranho, porque você não falou que ela teve uma experiência com mulher? Ela não se considera bi?

Fabrício: Não, não se considera. Ela é bem... ela é, não, eu acho que ela é bem... ela considera mais coisa de adolescente, sabe?

³² Nome fictício

Gustavo: Essa experiência que ela teve foi só uma “ficada” ou se relacionou com essa menina por um tempo?

Fabício: Não, só ficar. Aí não vi mais nada.

Gustavo: E ela não te contou muitos detalhes sobre essa experiência?

Fabício: É, porque na verdade, ela tem uma visão de que, assim, mulher pode ter isso, porque mulher pode. Homem tem que ser homem. É essa a visão.

Gustavo: Uma visão mais restrita da masculinidade, né.

Fabício: Sim, é isso.

Gustavo: Aham. Mas que tipo de coisa que ela te contou quando você levou para ela que era bi?

Fabício: Ah, bom. Ela perguntou desde quando, achou que era estranho. Falou assim, “mas isso...”. É aquela coisa, você fala que é bi, mas as pessoas entendem que você é gay. Todas as perguntas que ela me fez, era considerando que eu era gay, entende? Que usava, usei ela só como uma máscara, você entende, pra fingir que eu era hétero, por um tempo. Aí eu aguentei o máximo que deu e aí depois separei.

Gustavo: Isso na visão dela.

Fabício: É, esse foi o entendimento. Até depois ela achou, como eu disse, que ela foi usada para ter uma filha.

Gustavo: E o que você falou pra ela quando ela te disse isso?

Fabício: Cara, eu tenho zero paciência para discutir com ela. Eu falei “pensa o que você quiser”. Porque eu não tenho paciência. Eu não gosto de me explicar para ela, nem para ninguém, assim, entende? Eu não me explico. A pessoa pode pensar o que quiser. Ela pensou isso, eu falei que não e deixei por isso, entende? Mas ela continua pensando e ela faz o que ela quer.

Gustavo: Entendi. E voltando um pouco a essa questão da sexualidade e tal. Antes de você levar essa questão para essa tua ex-namorada, quando que você teve suas primeiras experiências envolvendo a sexualidade, assim. Não que necessariamente você tenha que ter transado, né. Mas quando você começou a se sentir atraído por outras pessoas, quando você começou a ter essa descoberta, assim, de atração e tal? Quando que foi isso na tua vida?

Fabício: Atração, no caso, homo, isso? Atração por homem?

Gustavo: Não, não. Pode ser só com mulher, com homem, a primeira experiência que você teve aí, na pré-adolescência, adolescência, né, quando a gente começa a se sentir atraído pelos outros.

Fabício: Com... treze anos, treze, é, treze anos. Aos treze começou.

Gustavo: Hã. Com treze anos você se sentiu atraído por mulher, por homem, pelos dois? Como é que era?

Fabício: Ah, por mulher só. Esse negócio, eu era do interior, né. Eu já fui bem machista. Eu fui ter, fui começar a sentir atração acho que com dezesseis?! Dezesete. Aos dezesete que eu comecei a sentir, a ver que eu tinha atração por homem também e eu fui empurrando isso com a barriga até os vinte e um, vinte e dois. Até então nem... é engraçado, eu tinha, eu nem sabia que existia a opção bissexual, entende? Eu fui, eu achava que era uma coisa, mais uma curiosidade, ou podia até ser visto como fetiche, mas eu não levava a sério, entende? Como bissexual, eu sentia atração por mulher, então só ficar com mulher também preenchia, entende? Eu não passava vontade. Mas aí, no caso, só depois, com vinte e dois anos, que aí eu vi, entende? Só atração por mulher já não, eu sentia os dois e queria saber os dois.

Gustavo: Entendi. Mas nesse momento da tua vida, com vinte e um, vinte e dois anos, você já tinha tido experiência sexual com mulher ou já tinha namorado mulheres ou ainda não tinha vivido essas experiências?

Fabício: Não, eu comecei a namorar com dezoito. Dezoito não. Dezenove. A namorar, com dezenove. Minha primeira experiência foi com mulher. Com dezenove. Para contato com

homem, só vinte e dois mesmo.

Gustavo: Uhum. E nesse período de dezenove, aí, você namorava com essa mulher que você tava dizendo recentemente que não soube aceitar muito bem a sua bissexualidade, era ela?

Fabício: Sim. A mãe da minha filha.

Gustavo: Aham. Vocês ficaram juntos por cinco anos, e aí quando você terminou que você passou a se relacionar com homens? Como é que era? Era um relacionamento monogâmico?

Fabício: Não, a gente ficou junto não foram cinco anos. A gente ficou junto, é... 2013, 2014 e 2015, foram 3 anos. Foi depois que me separei dela, daí foi aos vinte e dois, por aí, daí que eu tive o primeiro contato com homem.

Gustavo: E como é que foi esse primeiro contato com homem? Você usou algum aplicativo? Foi com alguém que você já conhecia? Como é que foi?

Fabício: Não, foi aplicativo. Foi, a curiosidade foi, assim, eu tirei um peso do ombro. Porque eu precisava saber. Aí depois que eu soube, até passou, assim, aquela vontade, sabe? Eu só precisava saber. E aí as coisas começam a se equilibrar. Porque antes era uma coisa que era sempre aquela coisa na cabeça, sabe? Enquanto você não experimenta, você fica com aquilo na cabeça. Aí depois que tive contato e aí as coisas normalizaram.

Gustavo: Uhum. É, essa é uma parada interessante que você falou, né. Enquanto você não experimenta, você fica com aquela coisa na cabeça, né. Como é que você lidava com o desejo, né, a atração sexual por homem, até você se relacionar de fato com um cara? Porque você disse que começou a se sentir atraído sexualmente por homens quando tinha o quê? Dezenove anos? Vinte anos?

Fabício: Dezesete.

Gustavo: Dezesete. E aí você levou isso até os vinte e um.

Fabício: Uhum. Sim, só ignorando. Ou aquela coisa, você vê um pornô e pronto, entende? Não precisa... não precisava experimentar, como eu disse. Eu sou bissexual, no caso, eu tinha, eu namorava ainda. Mas se eu tenho contato com mulheres, acaba que você, o exercício da sua sexualidade não fica... é diferente de você ser gay. Se você é gay, você não vai sentir atração por mulher, entende? Você precisa daquilo. No meu caso, eu podia esconder o outro lado.

Gustavo: Mas durante esse período você sentiu que o teu desejo por homem se manteve estável ou por você represar essa vontade você acha que parecia que acumulava tua vontade de sair com outros caras?

Fabício: Ah, sim, acumulava. Foi aquela coisa. Foi indo, indo e indo, até logo depois que eu separei, eu aproveitei que eu já tava, como diz, foi uma separação bem ruim, aí eu meio que não queria conversar com nenhuma mulher e aí eu fui atrás pra saber como era isso. Pra organizar as coisas.

Gustavo: Entendi. E a sua atração hoje em dia, ela envolve sentimento, né, apenas por homem e mulher cisgênero ou você acha que você também se sente atraído por identidades transgênero, pessoas não-binárias também? Ou nunca experienciou nada nesse sentido?

Fabício: A minha namorada é trans.

Gustavo: É?

Fabício: É. Mulher trans.

Gustavo: E vocês namoram desde quando?

Fabício: Março de 2018.

Gustavo: Uhum. E como vocês se conheceram?

Fabício: Por aplicativo. Foi bem simples. E a relação começou rápido.

Gustavo: Uhum.

Fabício: Foi isso.

Gustavo: E desde o começo ela já sabia que você era bissexual?

Fabício: Sim, sim. Sabia.

Gustavo: Aham. E como é a relação dela com a sua mãe, com a sua família?

Fabício: Como eu disse, minha família não sabe que ela é trans e minha mãe, minha mãe é super de boa com tudo, assim. Ela é bem tranquila. Quando eu contei, ela ficou de boa. Não falou nada. A Daniela³³ é super simpática, minha mãe também. Se deram bem, de cara. Não teve problema nenhum.

Gustavo: E como é que você, agora que a gente já tá nesse papo envolvendo sua relação com a sua mãe e tal, é... ela sabe que você é bi, né? Antes de a gente começar a gravar a entrevista, você tinha me falado isso, né. Como é que foi sua revelação para ela? Como que foi?

Fabício: Eu contei... ah, é. Eu aproveitei que ela estava viajando, para Minas. Aí eu aproveitei e contei. Ela não entendeu muito bem. Eu acho que até hoje não entende. Mas, assim, ela não se incomoda, entende? Então tanto faz pra ela. Mas eu contei de longe, sabe, porque eu não sabia qual ia ser a reação. É... ela, como eu disse né, você fala que é bi, as pessoas entendem que é gay. Foi bem... foi meio estranho, sabe? Acho que hoje, no caso, ela já entende. No começo ela só queria saber se “dava tinta”, entendeu? Falei que não tinha nada a ver, sabe, que não era bem isso que ela tava pensando. Aí hoje ela já entende. Hoje, no caso, ela não conversa, ela não gosta de puxar esse assunto. Às vezes eu faço piada, sabe, sobre ser bi. E aí ela já leva na boa.

Gustavo: Mas assim, deixa eu ver se eu entendi muito bem. A primeira vez que você contou, ela tava em Minas. Foi isso?

Fabício: Sim. contei por telefone. Mensagem.

Gustavo: Por mensagem?

Fabício: Sim. Sim. Eu não sabia qual seria a reação.

Gustavo: Mas como que foi sua abordagem? Você simplesmente falou “mãe, eu sou bi”? Tava em algum assunto envolvendo sexualidade, como é que foi?

Fabício: Não, foi bem de graça. Eu só queria contar de uma vez. E... ela já tinha, ela já imaginava. Ela já tinha visto o meu WhatsApp Web aberto, entende? Então ela já tinha lido alguma coisa. Aí ela já sabia. Assim, ou leu e não entendeu. Não sei. E aí, só depois, quando eu contei, acabou que na cabeça dela deve ter lembrado, né. “Ah, tal coisa”. Mas é assim. contei de graça. Porque precisava saber.

Gustavo: Mas ela chegou a comentar com você o teor de alguma conversa que ela viu no seu WhatsApp?

Fabício: Não, não. Eu sempre fui muito fechado. Eu nunca dei abertura pra conversa nenhuma. Nada. E não converso, também, coisa íntima.

Gustavo: Mas o que você presume que ela tenha visto no seu WhatsApp que tenha deixado ela desconfiada? Você percebeu nela essa desconfiança?

Fabício: Não, eu sei que ela viu. Porque ela veio no meu quarto e o WhatsApp Web tava aberto. Eu sei que ela viu, entende? Porque ela é curiosa. A vida inteira foi curiosa, sabe? Ela mexe...

Gustavo: Ela viu o que? Um nude, uma conversa? O que ela viu?

Fabício: Não, só conversa ela viu.

Gustavo: Ela leu a conversa?

Fabício: Provavelmente. Porque minha mãe é muito curiosa. Eu sei que ela leu, entende? Isso eu sei. A porta do quarto tava aberta, ela olhou e ela leu. Eu sei que leu porque ela sempre foi curiosa. Ela mexe e lê.

Gustavo: Aham. No caso, era você trocando ideia com um outro cara.

Fabício: Sim. Era isso. E numa parte bem... dava pra saber.

Gustavo: Estavam falando de putaria, ali...

³³ O nome da namorada de Fabício também foi substituído.

Fabício: Uhum. É, sim. Quando você recebe um coração, né, não dá pra explicar muito o que é. Não tem muitos... o significado é claro.

Gustavo: Ah sim. Era um cara que você já tinha um relacionamento, então.

Fabício: Sim. Não, mas foi só... mas é, foi... conhecido, assim. Devo ter ficado uma vez.

Gustavo: Aham.

Fabício: Nada demais.

Gustavo: E nesse aspecto, você já chegou a se relacionar afetivamente com homem ou você prefere mais relações casuais, mais relações sexuais do que afetivas?

Fabício: Não, eu... eu só namorei mulher, duas vezes. Então pra mim, tanto faz. Eu gosto, né. Eu gosto de namorar. Meus namoros duraram bastante, né. Mas eu gosto de ter relação longa. Eu não faço questão, eu não gosto, na verdade, de conversar. Eu não gosto de “ficar” muito. Não tenho paciência para conversar com as pessoas, muita gente. Namorar é melhor.

Gustavo: Uhum. Então você prefere mais conhecer poucas pessoas e conhecer elas um pouco melhor do que, tipo, sair “ficando” com um monte de gente, mas ter um contato mais superficial, é isso?

Fabício: Exatamente. É isso aí.

Gustavo: Uhum. Entendi. É... e quando você passou a sentir atração por homem, lá atrás, lá com seus dezessete anos, o que passou pela tua cabeça? Você ficou confuso? Você entendeu que aquilo era bissexualidade? Você não sabia o que aquilo significava? Como é que foi?

Fabício: Olha, eu não tinha ideia do que era. Eu só, como todo adolescente, você vê pornografia e aí eu via também, mas nunca parei para pensar naquilo, entende? É aquela coisa. É um desejo que só ver pornografia resolve. Então não precisava esquentar a cabeça sobre o que significava aquilo. Para mim, era só ver pornô e pronto, entende? Fui parar para pensar em sexualidade só depois mesmo. Só depois que eu fiquei com homem pela primeira vez, entende? Que aí eu sabia que não era só ver pornô e pronto. E era o que eu gostava mesmo. Quem eu era, no caso.

Gustavo: Depois dessa vez que você ficou com um cara, você tomou um tempo para pensar melhor o que era o teu desejo? Você continuou saindo com outros caras para ter outras experiências? Você deu um tempo? Como é que foi?

Fabício: Só fiquei com um... nessa época que eu me separei, né, foi logo depois, eu fiquei com um cara, dois, três. E aí parei. E aí depois passou um tempão, é, depois fiquei com mulher e tal, algum tempo, mas não cheguei a namorar. Até chegar em 2018 e eu começar a namorar, entende? Mas nesse período tive contato com homem três vezes. Ainda preferia mulher.

Gustavo: Você falou que você namora uma mulher trans. Ela foi sua primeira experiência com pessoas trans? Ou você já tinha tido outras experiências também?

Fabício: Não, não sabia nada. Não sabia como lidar, nem nada. Nunca fui, eu era... sempre fui por fora dessas pautas, não sabia o que era pessoa trans, não conhecia ninguém. A primeira pessoa que eu conheci foi ela. Sou totalmente por fora dessas coisas. Era. Fui aprender desde o ano passado, por aí. Quando conheci ela, até. Que ela fala bastante disso e aí como ela é trans, também. Aí que eu fui ouvir sobre essas coisas. Mas eu sempre nunca fui por dentro desse assunto.

Gustavo: Vocês se conheceram pelo Tinder?

Fabício: Sim.

Gustavo: E você conhece outros homens que se identificam como bissexuais ou que manifestam desejo por mais de um gênero?

Fabício: Sim, conheço só os do grupo [da ONG Dignidade] mesmo. Que até então não conhecia ninguém que era bi. Eu conhecia só eles. E hoje, no caso, são três, quatro, né, por aí.

São poucos, né, que tem no grupo. Tanto que é você, o ***³⁴, o *** e... quem mais? Tem o ***. Acho que é só o pessoal mesmo, do grupo, mais ninguém.

Gustavo: E como que você se sentia sendo um homem bissexual mas não conhecendo nenhum outro homem que se identificasse como você. Porque você fala que conhece nós do grupo Dignidade, ali, das reuniões da ONG, só que isso é muito recente, né. Isso começou no ano passado e você já se identifica como bi há mais tempo do que isso, né?

Fabício: Em outubro do ano passado. Ah, eu até então, eu não conhecia ninguém, na verdade, né. Ninguém que era bissexual. Os únicos piá que eu conhecia eram gays, mas eu não tinha contato, não tinha amizade com nenhum, assim. Até pros meus amigos eu nunca contei. Simplesmente eu quando fiquei com homens e tal, era uma coisa que só não contava para ninguém. Não tinha para quem contar, entende? E era aquilo. Ninguém mais sabia. Era só pra mim.

Gustavo: Entendi. E como você ficou sabendo que a ONG Dignidade estava organizando um grupo de conversa para pessoas bissexuais?

Fabício: Foi pelo Facebook. Até a Daniela mandou para mim, o evento que tinham criado lá, que ia ter esse negócio. Aí eu fui no dia lá, pra saber. No caso, a Daniela incentivou né? Eu sempre fui meio tímido. Aí, até fechado. Se fosse por conta mesmo, eu não iria. Mas ela falou “vai lá” e tal. Daí eu fui. Fui lá e conheci o grupo na primeira reunião.

Gustavo: Daniela é sua namorada?

Fabício: Sim.

Gustavo: E o que você achou dessa reunião que você foi?

Fabício: Ah, cara. Foi bom né. É bom poder conversar com alguém que te entende, né. Até eu descobrir, assim, isso é, sei lá. Foi muito bom conhecer as pessoas que passaram pelo mesmo que você, poder conversar com naturalidade, entende? Foi legal. É divertido, também. Foi diferente porque não é o mesmo tipo de conversa que poderia ter com uma pessoa que ou é lésbica ou que é gay, entende? Com o grupo foi melhor, mais interessante.

Gustavo: Você consegue mencionar diferenças na forma como você se porta em relação aos diferentes gêneros? Por exemplo, em relação à mulher você age de uma determinada forma, em relação a homem você age de outra forma ou você acha que essa distinção na forma de se portar não existe para você?

Fabício: Bom, para mim não tem. Eu me comporto sempre igual, tanto com homem quanto com mulher. Eu até acho que eu sei lidar melhor com homens, porque eu sou muito seco e muito grosso. Por isso que eu lido melhor com homem. Mulher não tem muita paciência comigo.

Gustavo: Por que? Você acha que as mulheres se ofendem com mais facilidade com você?

Fabício: Não é por se ofender, é por comportamento. Eu sou... é, meio seco, meio mal humorado às vezes, mas eu sou... meu senso de humor às vezes não agrada. Mas aí depende da pessoa. Tanto é que com a mãe da minha filha, quando eu era casado, né, eu não me dava muito bem, entende? Eu acho que eu não tenho a sensibilidade para lidar com mulher.

Gustavo: Mas você chegou a ser casado com ela no papel mesmo? Ou moraram juntos?

Fabício: Não, não. Foi de morar junto. É, eu falo casar, mas eu morei junto.

Gustavo: É, união estável. Sim, sim. Em todo nível, é equiparado a um casamento, né, na verdade. E por que você acha que seu humor não agrada a todo mundo?

Fabício: Uma boa pergunta. Por quê? Sei lá! Meu senso de humor é diferente, normalmente. Sei lá. É mais pelo meu senso de humor, das coisas que eu rio, gosto de humor negro. No meu comportamento eu sou sério, sou meio grosso às vezes, entende? Não tem esse negócio... mas quando a pessoa me conhece, tipo, eu tenho muito contato, eu sou amigo do *** [integrante

³⁴ Nomes suprimidos.

do grupo de bissexuais], né? O *** me conhece, ri de tudo, ele sabe como que eu sou, entende? Mas eu acho que se eu sou o mesmo perto de alguém que não me conhece, a pessoa fica pensando “nossa, quem é esse babaca?”, entende? Mas é mais por isso. Com as coisas que eu brinco, entende? Quem me conhece, sabe.

Gustavo: Entendi. E você acha que ser um homem bissexual, ser bissexual tem alguma relação com ser homem, com alguma masculinidade, né. Ou, perguntando de outro modo, de que maneira você acha que ser homem interfere na tua orientação sexual?

Fabício: Cara, não... ser homem não interfere em ser bissexual. No caso, eu acho que as mulheres hétero tem um pouco de dificuldade, no meu caso. As mulheres hétero elas gostam, na visão normal, o homem tem que ser homem, se que você me entende. O homem é homem. Homem bissexual não é homem, entende, na visão padrão. Isso é um problema. Ela não enxerga o homem bissexual exatamente como homem. Ele é menos. É um problema, o que é o mais comum. Não que ser homem seja um problema ser bissexual. Para mim, tanto faz.

Gustavo: Você acha que o maior problema que existe em relação a ser homem com o fato da bissexualidade é essa desqualificação que você acha que vem de mulheres heterossexuais em relação à bissexualidade desses homens, que acha que eles são menos homens que os homens heterossexuais?

Fabício: Isso, exatamente. Você não tem masculinidade suficiente, entende? Mulheres têm isso. Eu tenho os meus amigos, eu tenho três amigos de anos já. Os três são hétero e tal. Quando souberam que eu era bi, ficaram... eles me tratam super bem, não mudou nada. Tipo assim, ficaram de cara, entende? Falaram assim “pô, você é tão sério, você é tão machão”, entende? “Você é bissexual?” Sabe? É isso. Mas não mudou nada a relação.

Gustavo: Não passaram a te tratar diferente depois que você se revelou pra eles.

Fabício: Não, não. Foi tudo normal. Eu sempre fui o mesmo, eu nunca mudei em relação a isso. O meu jeito é esse. Não mudou nada pra eles.

Gustavo: E como é que você falou pra eles que você era bi?

Fabício: Cara, foi tudo, na verdade, graças ao... acho que foi... foi no dia que eu postei a foto do encontro do Dignidade, lá. Eles queriam saber que bandeira era aquela. Aí eu contei o que era. E aí até um deles falou “nossa, você é bissexual? Caralho, eu achei que você era mó homofóbico, sabe?” Daí eu “não, é só senso de humor, cara. Eu sou assim.” É isso. Ficaram sabendo por causa disso.

Gustavo: E você acha que a tua orientação sexual é uma parte importante da tua identidade?

Fabício: No caso, hoje, sim, né. É. Eu não sei como desenvolver muito bem isso. Mas sim. Até depois que eu contei foi melhor, né. Eu acho que hoje eu até me comporto um pouco mais diferente do que eu era antes, entende? Com mais liberdade para várias coisas. Não preciso ficar me cuidando, assim. Porque antes eu tinha que me cuidar, né. Eu não posso deixar escapar que eu sou bissexual ou tal coisa. Hoje não. Hoje não tem mais isso.

Gustavo: E o que mudou depois que você se revelou? O que você percebeu que te trouxe esse alívio? Em quais relações? Na relação com a sua mãe, na relação com seus amigos? Ou, de modo geral, até para pessoas que você não revela a sua orientação sexual você acha que consegue carregar menos peso na forma como você se relaciona.

Fabício: Ah, com a minha mãe foi mais fácil. Melhorou muito, né, com minha mãe e tal. É, sei lá, nas pequenas coisas, às vezes é você só poder falar, compartilhar alguma coisa no Facebook que você sabe que eles vão ver, entende? Que é uma coisa que você gosta, uma coisa que você entende, relacionada a isso, entende? Sou LGBT e é isso, entende. É poder só ser você mesmo, no caso. Essa liberdade, não precisar esconder, como antes tinha que esconder.

Gustavo: E você relaciona essa conquista da liberdade à sua melhor aceitação da tua orientação sexual?

Fabício: Sim, sim. Depois que eu assumi. Eu contei pra minha mãe e tal. É isso. Depois que

eu contei pra todo mundo. Pros meus amigos, né, no caso. Pros meus amigos e pra minha mãe, que é quem precisava saber. De resto, minha família, ninguém sabe. É... talvez já tenham visto alguma coisa, mas nunca me perguntaram nada.

Gustavo: Você falou que você contou da tua orientação sexual para sua mãe por mensagem, né. Depois você disse, se eu não entendi errado, que você falou de novo com ela sobre esse assunto. Foi isso?

Fabício: Sim. Não, é, hoje eu dia eu chamo de... eu nunca parei para conversar sobre isso. Eu até perguntei, ela disse que nunca tinha, não tinha nenhuma pergunta sobre. Então tudo bem. Hoje, no máximo que eu faço, eu faço alguma piada, às vezes, entende? Sobre ser bissexual, ela entende, sabe? Ela ri e tal. Mas ela nunca tocou no assunto.

Gustavo: Ela foi a primeira pessoa que você contou que era bi?

Fabício: Não. A primeira pessoa que eu falei foi pra minha namorada, na época, né, em 2018. E depois eu falei pros meus amigos. É, porque eles viram a foto. E na mesma semana eu contei para a minha mãe. Porque eu sabia que ela ia ver também. Ela foi a última a saber, no caso.

Gustavo: Então de certa forma essa sua revelação para os seus amigos e para a sua mãe tá relacionado, mais ou menos, ao engajamento político que você teve com a causa bi. Porque esse assunto foi trazido a partir do momento que você publicou nas suas redes sociais uma foto do encontro do grupo de bissexuais do Dignidade. Você acha que eu tô exagerando ao falar isso?

Fabício: Não, era isso. É porque... assim, até o próprio compromisso. Toda semana, não, todo mês tinha o encontro no Dignidade, e aí eu fiz amigos lá, e aí eu saía com alguns deles, né. Tipo assim, começou a fazer parte da minha vida. Até porque não tinha como, também, eu viver isso e esconder, entende, da minha mãe. Eu não podia postar foto com ninguém que ela ia perguntar “quem é esse?”, entende? “Da onde você conheceu? E o que é essa bandeira azul e roxa aqui?”, entende? Ela ia querer saber, e é por isso. Foi por causa do grupo, entende? Antes do grupo, eu meio que não tinha... é uma coisa que não tinha o porquê, entende? Eu tava sozinho. Eu ia contar que era bissexual e eu pensava que aquilo ia me dar um problema, entende? Minha mãe podia achar que é um problema e eu meio que tava me jogando naquilo, naquele problema, sem ter um porquê, entende? O grupo foi um porquê. Eu tinha o grupo, agora eu já tinha uma coisa na minha vida, entende? Fazia parte, eu tinha aquele compromisso, entende? Já era alguma coisa que eu precisava contar, daí. Fazia parte da minha vida. Antes eu podia contar, ela ia achar ruim, não ia entender e eu tava sozinho, entende? Eu contei de graça. Só me arranjei um problema com ela. Acabou que quando eu contei pra ela, ela levou numa boa.

Gustavo: Entendi. E você tinha falado que a sua namorada que te incentivou a ir nessas primeiras reuniões do Dignidade, né? Você acha que ela te ajudou a você se entender melhor, a você se abrir melhor, a se compreender melhor? Você acha que ela teve auxílio nessa parte da sua vida?

Fabício: Sim, teve. Porque é o seguinte, porque quando eu comecei a namorar, todo mundo notou. Saía, obviamente, minha namorada. Não escondia ela de ninguém, né. Nunca escondi por ser trans, né. E aí eu aproveitei o momento, assim, entende? Já que eu tava com a minha namorada e ela é trans, na visão de todo mundo eu já era menos homem por estar com uma mulher trans, entende? Ela me dava apoio nisso, aí eu já uni isso ao ser bissexual, entende? “É, eu sou mesmo.” Aproveita e já conta, sabe. Tudo numa coisa só.

Gustavo: Você matou no peito as duas questões, né. Os dois estigmas, né.

Fabício: Sim.

Gustavo: E a sua namorada, como que ela encarou o fato de você ser bi? Ela fez essa desqualificação da tua masculinidade também ou ela desde o começo aceitou bem você?

Fabício: Não, sempre aceitou bem. Em relação a isso nunca teve nenhum problema. No

mais, foi a partir de quando conheci, em 2018, a Daniela que eu fui entender, até, o que era ser bissexual e tal. Como eu disse, aproveitei o momento, entende? Que eu já namorava ela e tal. Ela entendeu de boa. Sem problema com isso.

Gustavo: Mas você se revelou bi pra ela depois que vocês já tinham ficado? Ou foi antes mesmo de vocês ficarem ela já sabia que você...

Fabício: Não, foi no primeiro encontro eu falei. Falei e tal. Já contei que eu era.

Gustavo: E a próxima pergunta é referente a esses grupos sociais que você revela ou prefere não revelar tua orientação sexual, né. Você falou que contou pra sua mãe, pra alguns amigos, sua namorada. Quais desses grupos foi mais fácil, quais foram mais difíceis? Se existe grupos que você prefere não falar, por exemplo, parentes ou colegas de trabalho, ou colegas de vizinhança, ali. Como que é para você?

Fabício: Ah, eu contei primeiro para os meus amigos. Era assim, eu gostava muito dos meus amigos, mas eu contei pra eles sem medo nenhum. Porque se eles não aceitarem, tanto faz, entende? Não ia morrer por perder amigo. Pra minha mãe, eu tinha problema de contar. Eu não queria, obviamente, estragar a relação com ela. Então sempre foi um peso contar pra minha mãe isso. [com] Meus amigos foi tranquilo. E... ah, e pros parentes eu não conto porque vai ser um puta climão, entende? A família é daquele jeito, entende? Nossa, Deus o livre eles descobrirem que o filho da [nome da mãe] é viado, entende? Porque é isso que vai ser. E até vai ser um peso para a minha mãe, entende? Porque a minha família é à moda antiga, entende? Aquele pessoal, assim, bem conservador, certinho, sabe? “Certinho” [em tom irônico]... pessoal tem um preconceito, sabe? Então eu sei que se souberem eles vão ficar atazanando minha mãe. “Nossa o que que é isso?!” Entende? “O Fabrício?!” sabe? Eu sei como que é. Aí pra eles eu só não contei. Eventualmente vão saber algum dia, por algum motivo, sabe? Mas não fiz questão de contar.

Gustavo: Mas eles não sabem, por exemplo, que a sua namorada é trans, também?

Fabício: Olha, eu acho que não. Não sei. Algumas pessoas que tiveram contato com minha namorada por Facebook, viu o Instagram dela, talvez saiba ou tenha se tocado, não sei. Acho que só tem uma prima minha... não, assim, da minha família, que não sabe. Só tem uma prima minha, duas, que viram as redes sociais da Daniela, sabe, talvez saibam que ela é trans. Ou não sabem. Mas nunca fiquei sabendo de nada, se eles sabem ou não.

Gustavo: E você tem irmãos, irmãs?

Fabício: Tenho irmãos... dois irmãos, um mais novo e uma irmã de doze anos, mas ela é filha só do meu pai, eu nunca vi pessoalmente ele. Ele mora em Marília, São Paulo. O meu irmão, aliás, o [nome do irmão], ele é gay. Descobri isso antes de eu... anos atrás, descobri que ele era gay e tal. Então meu pai, quando souber que eu sou bi, não vai ter problema nenhum com isso.

Gustavo: Mas você não tem muito contato com seu pai. Ou tem?

Fabício: Não, não tenho contato. Conversava pelo WhatsApp só, até um ano e... quatro meses atrás. E daí ele esqueceu de me responder. E aí eu não mandei mais mensagem.

Gustavo: Entendi. E esse seu irmão que é gay, como que a sua família, que você fala que é conservadora e tal, que é homofóbica, como que eles tratam o seu irmão?

Fabício: Então, da minha família só a minha mãe sabe que o [nome do irmão] é gay. E normal, né. Mais ninguém. A família do meu pai trata ele super bem. Tipo os meus avós. Adoram ele, sabe. A minha vó, aliás, é super desconstruída, sabe? Ela tem setenta anos, assim, é super pró-gays assim, sabe? No Facebook e tudo, ela é super moderna.

Gustavo: E já que essa sua avó ela tem essa desconstrução acentuada, você não pensa em contar pra ela que você é bi ou você acha que ela é capaz de entender a causa gay mas a bi, por ser mais invisibilizada, ela não entenderia tão bem?

Fabício: Não, não. Eu não conto nada porque eu não tenho contato com eles, assim, entende? A minha vó, eu conversei com ela algumas vezes só, que ela mandou mensagem, eu

conversei com ela, entende? Mas é só porque eu não tenho contato com a família do meu pai, entende? Então não sabem de nada. Só por isso. Por falta de contato. Se tivesse e tal, ela saberia, claro. E eu acho que ia levar numa boa.

Gustavo: Entendi. E além da tua família, tem algum outro grupo, assim, que você prefere, tua família, que eu digo, os parentes, né, a família mais distante, não sua mãe e tal. Existe algum outro grupo que você prefere não revelar a tua orientação sexual? Tipo, sei lá, vizinhos ou colegas de trabalho...

Fabrício: Ah, não. Eu não escondo de ninguém isso. Eu acho que, eu não... eu tenho uma preocupação com a família por um motivo. Por ser da família, e principalmente por causa da minha mãe. Eu me incomodo com ela. Porque eu sei que eles vão encher o saco dela, entende? Vão falar “nossa, [nome da mãe]! O Fabrício?!” sabe? Aquela coisa bem de tia Creuza, sabe? Agora, do resto, as pessoas pra mim tanto faz. Nunca tive vergonha, não tô nem aí. Eu não escondo de ninguém. Na rua, assim, de estranho, pra mim tanto faz.

Gustavo: Mas você aborda essas questões eventualmente com pessoas que não são tão próximas ou você é daqueles que tipo “ah, eu não vou esconder, mas também não vou abordar”?

Fabrício: Eu abordei uma vez, ano passado, no meu curso técnico³⁵, né. Foi no curso técnico, foi uma noite que daí eu falei pra todo mundo. Que eu era bissexual, que eu namorava uma trans. E aí por quê? O professor estava conversando com uns rapazes lá e aí contou de uma aluna que ele tinha, em um outro curso, que era trans e tal. E aí começaram as piadinhas, entende? E aí, pra eu causar um climão, eu falei “ah é? Minha namorada é trans, também.” E aí, pum! Todo mundo assim “é? Sério? Ah, que legal e tal” [simulando expressões faciais que demonstram desconcerto]. Aí eu comecei a explicar e tal. O meu professor, o [nome do professor], que estava puxando a conversa, foi super de boa, sabe? “Nossa” e tal, não sei o quê, puxou conversa e adorou, sabe? E a piada, assim, mudou o tom na hora. Aí, mas eu fiz questão de contar, entende? Só pra... eu quis... sabe o que é legal? Eu gosto de contar essas coisas, porque assim, eu acho que é uma visão, por exemplo, quem me conhece, eu sou muito “hétero” [fazendo aspas com os dedos], entende? O jeito que eu me comporto, as piadas que eu faço, o jeito que eu falo, entende? Ninguém desconfia de nada, entende? E aí é bom quando essas pessoas veem que não muda nada, entende? Eu fiz questão de contar pra eles verem “porra, o Fabrício? Nem imaginava!”, entende? Pra pessoa ver que não muda nada, entende? Eu já fiz isso várias vezes, em outros casos. Uma pessoa que te conhece e tal, que não faz ideia, numa hora X, você aproveita e fala e a pessoa fica “nossa, não sabia, nem imaginava!” Eu acho que ajuda, entende? A pessoa vai ver que não muda nada. Geralmente quem tem um pouco de preconceito, a pessoa vê que “nossa, uma pessoa dessa? Legal, não muda nada. Pra você ver né, que não faz diferença nenhuma”, acaba ajudando. É por isso que eu faço questão de contar em algumas ocasiões.

Gustavo: E você consegue lembrar de alguma outra ocasião que você fez de forma parecida com essa?

Fabrício: Não, nesse caso, no caso do rapaz do curso, foi mais sério, entende? Eu falei assim, que eu falei já porque tava incomodando. Eu vi que iam começar as piadinhas, aí eu aproveitei pra entrar na conversa, sabe? Mas no caso, até com amigo meu, sabe? Meu amigo, uma vez, quando ele foi fazer umas piadinhas, eu aproveitei, “pois é” e tal e entrei no assunto, foi quando eu contei da Daniela na época, sabe? E aí mudou o assunto, entende? Mudou a forma de lidar.

Gustavo: Não entendi. Ele ia fazer piada transfóbica e você já também falou que namorava uma trans ou ele ia fazer uma piada bifóbica e você falou que era bi?

³⁵ O curso em questão foi pronunciado, porém suprimido nesta transcrição.

Fabício: Não, ele ia falar de pessoa trans, assim. Falar de “traveco”. Aí eu falei, eu antecipei e já falei que minha namorada era trans, entende? E aí ele “ah, não sabia”, sabe? Mudou totalmente o assunto.

Gustavo: E aí você já falou pra ele que era bi, também, ou fez só a defesa da sua namorada?

Fabício: Não, falei só disso. De eu ter uma namorada. Não falei mais nada. Isso, de ser bi, foi depois. Bem depois.

Gustavo: Você falou que seu irmão é gay. Ele sabe que você é bi?

Fabício: Não, não. Não sabe. Não tenho contato nenhum com ele e tal. Bom, só se ele tenha visto alguma coisa, no Instagram e tal. Mas eu acho que nem viu, nem nada. Ele não é muito de usar. Não deve saber.

Gustavo: Pelo que você fala, seu contato familiar é mais com sua mãe, assim, que você tem uma relação de proximidade mais forte, né.

Fabício: Sim. Só com a minha mãe. Mas, da minha família mesmo, eu tenho contato mais com meus amigos do que com a família. Tenho pouco contato. Quer dizer, tem muita gente legal, mas é só porque não tenho contato mesmo. Não tem ocasião. Só por isso.

Gustavo: E você já sofreu preconceito por ser bissexual? Por exemplo, nessa ocasião que você falou do curso aí [me referindo ao curso técnico que vem sendo realizado pelo entrevistado], que você falou que era bi, isso causou, de certa forma, uma celeuma, os caras passaram a te olhar diferente ou te tratar diferente depois que você falou o que disse naquela circunstância?

Fabício: Não. Cara eu acho que... não, preconceito nunca, eu acho que eu até... eu sou o tipo de pessoa que é bem difícil eu sofrer preconceito, entende? Eu não passo por isso, entende? Mas quando eu contei lá, no curso, não mudou nada, entende. Pelo menos na minha frente ninguém falou nada. Nunca achei que tenha sido diferente por causa disso.

Gustavo: Mas e aquela ocasião em que você contou para sua ex-namorada que era bi e ela achou que você tinha usado o relacionamento como uma máscara para camuflar sua homossexualidade. Você não encarou isso como uma forma de preconceito?

Fabício: Ah, sim. Nesse caso foi. É, no caso, a pessoa... foi a única vez, assim, né. Até porque ela é mãe da minha filha, né. No caso dela, eu esperava já isso. Foi só nesse caso mesmo. Bom, preconceito, preconceito o mais normal é quando você conta para uma mulher hétero que você é bissexual, ela fala “nossa, que nojo!” e isso já aconteceu, mas isso aí é normal, entende, para homem bi.

Gustavo: Já aconteceu isso?

Fabício: Já, já. Duas vezes.

Gustavo: Como que foram essas vezes?

Fabício: Ah, foi só quando eu tava conhecendo mesmo. Isso foi em 2017, por aí. Eu tava conhecendo, falei que era bissexual e ela “ai que nojo”, entende? E a outra, a outra também, quando soube, cortou contato, sabe? Porque ela queria um homem. Não um bissexual. Ela queria um homem. Foi só nisso. Foram duas vezes. Pode ser nessa ocasião e quando falei com a mãe da minha filha. Mais nada. Homens, mesmo, quem me conhece no dia a dia, os caras do curso daquela época, eu lidava bem com eles, entende? Não viam porque fazer alguma coisa assim comigo, sabe? Até num... num acontece, de homem fazer isso, não acontece. É talvez, mulher... homem talvez não fala essas coisas para mim mais por uma questão de briga, né. Porque acha que vai acabar em agressão e aí não fala nada. Só por isso.

Gustavo: Mas você acha que se eles não se sentissem intimidados eles também falaria.

Fabício: Ah, eu imagino que sim. Eu sei que eles falaria, porque tinha um piá lá da minha sala, não sei se ele era gay ou se era hétero, mas ele era afeminado. E aí tinham as piadinhas com ele, por ser afeminado. Eu acho que só não tinha comigo porque eu não era afeminado. Porque eu sou desse jeito. Daí eles não falam nada, entende?

Gustavo: Isso é no curso [técnico] que você tá dizendo?

Fabrício: Sim, sim.

Gustavo: Ah tá. E assim, retomando um pouquinho o que você tinha falado, que viveu essa experiência de mulheres hétero dizerem que tinham nojo de você por ser bi, ou que simplesmente cortaram qualquer contato pelo fato de você ser bi. Como que isso caiu em você? Como que você recebeu essas mensagens? Como que você encarou essa situação? O que você sentiu?

Fabrício: Ah, aliás, aconteceu uma vez que eu esqueci de falar. Na época, um rapaz gay, também. Quando eu falei que era bissexual, ele cortou contato na hora, sabe. Direto e reto. Não queria nada com homem bissexual. Eu não... sinceramente, não me afeta muito, sabe? Pessoas que não têm importância na minha vida, entende, não gostarem de mim, não tem problema, entende? Se é uma pessoa da minha família, talvez tivesse um problema. Ia me incomodar. Porque isso me incomoda. Até essa minha tia. Minha tia que é homofóbica, sabe? Ela fala umas coisas às vezes, eu não faço drama, sabe, mas pô, ela nem imagina, né. Ela acha que é uma pessoa, que um cara gay é outra coisa de outro mundo, sabe? E ela nem imagina que o sobrinho que ela gosta é bissexual, entende, por exemplo. Agora levar fora de estranho, de mulher dizer que tem nojo, eu não me importo, sabe? A pessoa não tem relevância para a minha vida, entende? Não tem porque eu ficar deprê por causa de uma pessoa dessa.

Gustavo: Uhum. Eu tenho duas perguntas aqui agora. Uma é sobre o cara gay que te deu o fora. E a outra é sobre a sua relação com essa sua tia que é homofóbica, né. Então, primeiro, sobre o cara gay, como é que foi essa circunstância? Da onde vocês se conheceram? Como é que foi o fora que ele te deu? Se foi pela internet, se ele só te bloqueou, se vocês conversavam pessoalmente, como é que foi essa?

Fabrício: Foi por aplicativo. Aí tinha contato, a gente tinha marcado de se conhecer e tal. E eu falei, eu gosto de falar antes, né, para evitar climão. Aí eu sempre falo. Aí eu falei que era bissexual e até achei que tava brincando, ele falou “nossa! Preferia que você fosse gay.” Me mandou um “kkk” e acabou a conversa. Daí eu achei que era piada, daí eu “quê?”, perguntei. E aí ele “é, não, não quero. Quero conhecer um cara que seja gay, assim” e pff, cortou. Direto e reto assim. Tá bom, sabe? [com uma expressão facial de desdém] Tá bom. E acabou a conversa.

Gustavo: Uhum.

Fabrício: E com minha tia, você perguntou? Minha relação com ela?

Gustavo: É. Porque assim, você falou que ela gosta bastante de você, que você se dá bem com ela, mas que ela é homofóbica, não sabe que você é bi, e aí o que eu quero saber é o seguinte: como que você se porta com ela quando ela faz esses comentários que são homofóbicos, bifóbicos, que enfim, deslegitimam qualquer relacionamento afetivo de homem, afetivo e sexual, né, de homem com homem. Você fica incomodado? Fica quieto? Retruca?

Fabrício: Olha, às vezes, quando o assunto, digamos, quando é uma piadinha pontual, ela fala “ahh, Fulano tal coisa”, não tem como eu responder. Mas às vezes eu entro, né, no assunto, quando ela tá criticando alguém, sabe. Eu entro no assunto, sabe? “Ah, mas tal coisa”, entende? “Ah, pô, o que é que tem?”, sabe? “Ah, tanto faz. E o que é que tem namorar um cara?”, entende? “Para mim, a pessoa faz o que quiser da vida. Não me interfere em nada”, sabe? Essas coisas, sabe? Eu tento dar uma... entrar no assunto, sabe, explicar, sabe. Porque, assim, porque vai ser engraçado se algum dia ela souber que eu sou bissexual, porque vai ser um climão, entende? O que ela vai lembrar de “puta merda! Eu dei tanta bola fora nesse meio tempo”, sabe? E ela vai ficar sem graça, entende? Acho que até eu não falo porque nossa, ela vai ficar... ela vai se sentir um pouco chata nesse sentido, sabe? De ver a quantidade de bola fora que ela deu.

Gustavo: Você acha que você vai constranger ela em relação ao mal que ela possa ter feito pra você comentando isso pra você? E tipo, o afeto que ela tem por você vai incomodar mais do que uma suposta bifobia que ela possa sentir em relação a você.

Fabrício: Sim, porque se eu contar pra ela, quem vai ficar desconfortável é ela, entende? Porque eu aceito... eu aguento bem as coisas que ela fala, entende? Tento não me incomodar com isso, sei lá. Talvez ela seja produto do tempo dela, né. Ela tá com sessenta e quatro anos, daí talvez é normal desse pessoal assim. Mas quando eu falar, ela vai ficar sem graça, sabe? Aí eu sei que ela vai, também, se segurar em um monte de ocasião, né. Em algum momento que ela falaria alguma coisa, entende, ela vai se segurar. Ela vai começar a pensar duas vezes, para não causar esse desconforto. Mas vai ser chato, quando ela souber.

Gustavo: Você trouxe agora aí várias menções “quando eu falar”, “quando ela souber”, “quando eu trazer isso pra ela”. Você pensa em contar isso pra sua tia?

Fabrício: Não que necessariamente eu vá chegar e falar assim, sabe? Ou, como eu disse, sei lá, é meio gratuito, “ah, oi, eu sou bissexual”, foda-se, sabe? Mas... é que eventualmente vai saber, entende? Eu não escondo mais as coisas que eu gosto, quem eu sou, em rede social. Eventualmente a filha dela vai ver e vai comentar com ela, entende? E talvez ligue os pontos, né. Talvez ela pergunte alguma coisa pra minha mãe. Se ela perguntar alguma coisa pra minha mãe, minha mãe fala, né. Disse pra minha mãe “não, não precisa esconder, nem nada”, né. “Se perguntar, você fala”. E no caso, a minha tia sabe que a minha namorada é trans. Ela sabe. Tanto é que ela não faz mais piada com “traveco”. Que ela costumava falar, entende? Porque lá³⁶ [na cidade em que ela mora] tem bastante e ela adorava fazer piada, sabe? Aí depois que ela soube que a minha namorada era trans, ela nunca mais falou nada. Mas ela não sabe que eu sou bi. Aí nesse sentido ela mantém piadinhas ainda, entende? Ela vai parar com as piadinhas, também, quando ela souber.

Gustavo: Você falou aí que tinha conversado com a sua mãe e que disse que se sua tia perguntasse, ela poderia falar que você é bi, você acha que sua mãe contaria se chegasse essa ocasião?

Fabrício: Conta, conta. Minha mãe... ah, minha mãe me defende bem. Ela não tem problema nenhum. Ela falaria.

Gustavo: Uhum. Agora a gente já tá encaminhando pras últimas perguntas aqui da nossa entrevista, e são duas que são, de certa forma, opostas, mas complementares, né. Que a primeira delas é se você consegue nomear dificuldades ou desafios que são específicos em ser um homem bissexual; e a outra pergunta é se você consegue trazer algum ponto positivo específico de ser um homem bissexual, né.

Fabrício: Dificuldade, para mim, eu acho que tenha pra qualquer homem que seja bissexual ou que seja gay e que, sei lá, goste de ser homem. Goste de ser homem. Para mim, é mais assim, eu gosto de ser homem, eu tenho a minha masculinidade bem acentuada até. Só que a partir do momento que você é bi ou você é gay, você não é visto como homem, entende? E isso é uma coisa que me incomoda, entende? Que eu acho que é o que mais me incomodou. Que era um dos freios, também, que eu tinha, sabe, de contar ou não para alguém, sabe, ou as pessoas saberem, né, de que não enxergarem mais você como homem, entende? E no caso, diminuiu bastante isso. Eu não me importo tanto com isso, sabe. Mas é um problema. Porque todo homem ou gay ou bi tem, sabe? A partir do momento que sabem que ele é, ele não é mais tão homem, entende? Não levam a sério. Como se não levassem a sério você. Vantagens... ah, vantagens. Não sei. Eu acho que até o fato de todas as pessoas serem interessantes para você, entende, você poder ser livre nesse sentido, sabe? Você gostar de alguém pelo que a pessoa é, sabe? Não importa se é homem ou se é mulher, é uma liberdade, entende? Ser bissexual é bom nesse sentido. É você poder ter contato com todo mundo, sabe? Sei lá, é bom.

Gustavo: Entendi. Então como ônus você acha que existe uma desqualificação da masculinidade do homem bi e como bônus você acha que ter essa liberdade de poder se

³⁶ Localidade suprimida.

relacionar com qualquer pessoa, independente do gênero, traz um ponto muito positivo pra liberdade, é isso?

Fabício: Sim, exatamente. Até porque parece que ser bi, você pega, você tá no... você abraça todo o meio LGBT, entende? Tem a panelinha dos gays, as lésbicas e o bissexual, ele tá no meio, sabe? Você tem contato com todo mundo. Eu vejo assim, sabe? Como uma vantagem.

Gustavo: Entendi. Legal. Beleza, cara. Eu acho que as perguntas que eu já tinha formulado foram todas abordadas e tipo, a última pergunta que eu faço pra você, que não tá no roteiro, mas que eu tenho feito para todo cara que eu tenho entrevistado é: tem alguma coisa que eu não te perguntei, que você esperava que fosse perguntado? Ou tem alguma coisa que eu não te perguntei que você gostaria que fosse perguntado?

Fabício: Olha, não. Não pensei nada específico. Até achei bem rápida a entrevista. Achei que seria uma lista gigante e tal. Mas foi bem rápido, dinâmico. Não, nada demais. Não estava pensando em nenhuma pergunta específica, acho.

Gustavo: Ah, que bom. Como eu falei, era mais um bate-papo, assim, né. Então as perguntas estão aqui no roteiro, mas a gente conversa conforme vai surgindo o assunto mesmo. E é isso então, cara. Referente ao nome, qual é o nome de batismo que você vai querer aí?

Fabício: Não pode ser alguém que já tenha sido entrevistado, né?! “Ai, põe aí João”, “mas já tem o João”. Aí o João vai achar que é dele. Não. Ah. Um nome. Pode sortear um nome aí.

Gustavo: Eu escolho o nome?

Fabício: Sim.

Gustavo: Tá bom, vou pensar num nome pra você depois, então. Vou encerrar a gravação aqui. Quer fazer mais alguma consideração?

Fabício: Não. Tudo certo.

Gustavo: Pode encerrar aqui?

Fabício: Uhum.

Gustavo: Beleza, então.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM THIAGO

Entrevista realizada em 16/7/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Thiago (nome fictício) foi o sexto entrevistado.

Gustavo: Eu tinha falado para você que a finalidade dessa entrevista é procurar entender como que homens bissexuais constroem uma imagem de si, né, constroem uma narrativa da própria vida, como que a questão da masculinidade está envolvida com a sexualidade, se isso interfere ou não nesse processo de se identificar, de se constituir enquanto pessoa, né. E a primeira pergunta, que na verdade não é uma pergunta, é mais um pedido da nossa entrevista, é pedir para você se apresentar em termos mais amplos mesmo. Assim, tipo, quais foram as experiências que mais te marcaram na tua vida, quais são as relações que mais...

Thiago: Só um instante. [o pai de Thiago bate na porta do seu quarto neste momento. Após algumas palavras com seu pai, Thiago retorna] Pode ir, piá.

Gustavo: Então, como eu tava falando, essa finalidade dessa entrevista é procurar entender como homens bissexuais constroem uma imagem de si, né, como que eles relacionam a sexualidade com a masculinidade, como eles percebem que são enxergados pelos outros. Então o primeiro pedido aqui, dessa nossa entrevista, é pedir para você se apresentar da forma mais ampla possível. Falar, eventualmente, de experiências de vida que te marcaram, você, nesse ponto, não precisa trazer já a sexualidade, tá? Pode só trazer, por exemplo, suas relações com amigos, com companheiros ou companheiras, com familiares, só para gente... para eu poder te entender um pouco melhor.

Thiago: Tá ok. Então, meu nome é Thiago³⁷ mas eu gosto mais de [segunda parte do nome]. Eu tô com 43 anos. Eu tive muita sorte, eu vivi essa questão da bissexualidade e sexualidade em dois momentos muito importantes da história, eu acho, que foi essa geração antes da representatividade, do que é de entender da facilidade do acesso da informação, o antes, e o depois, né, que eu acho que é, para mim, hoje é a melhor fase que tá se vivendo, que a liberdade e a facilidade de acesso à informação, de construção até, assim, principalmente na construção da sua identidade. Pra mim, é um trabalho muito complexo, isso para mim, mexer com esse assunto, a bissexualidade, é muito complexo. Porque é o seguinte, porque já tem a questão do preconceito, que é fato. E tem essa coisa, também, do homem negro, né, que é visto, como [se fosse] assim... a objetificação do cara másculo, do cara “vaaaa” [fazendo uma expressão facial representando caricaturalmente um homem másculo], né, que para alguns pode ser fantástico, mas para mim, eu acho, nossa, terrível. Porque às vezes você tem que desconstruir, dependendo, assim, de como, quem você se relaciona, como você se relaciona, você tem que desconstruir isso. Meu trabalho eu não ia falar. Mas para contribuir com a pesquisa do meu amigo, meu querido aí, eu trabalho com educação. Eu sou pedagogo de formação, eu trabalho com coordenação /pedagógica e formação de docente. Fui casado por 8 anos. Há 8 meses eu separei, não... também pela condição sexual mas muito mais pela, vou dizer assim, talvez não seja a palavra mais adequada, porque fica muito clichê, mas pela... a não... não é adequação... afinidade?!

Gustavo: Compatibilidade?

Thiago: Exatamente! Compatibilidade. Nós... perdeu-se muita coisa. Muita coisa, assim, ficou em xeque. O pior de tudo foi a questão do respeito. Começamos a caminhar para falta dele, então isso pesou bastante na minha escolha, também. Também, não só isso, mas também, assim, viver quem eu sou de verdade, nesse momento, agora, para mim foi muito

³⁷ Seu nome, bem como qualquer característica que relacione sua identidade será suprimida ou alterada ao longo da entrevista. Thiago, portanto, é um nome fictício.

importante. Tá sendo muito importante. Não sei quantos anos você tem, mas vai ter uma hora na tua vida que você vai parar e vai pensar assim “putz, eu vou passar a minha vida inteira vivendo, criando um personagem, vivendo alguma coisa, vivendo aquilo que eu não sou?” Principalmente quando você percebe ou começa... você perde o medo da morte. Acho que eu cheguei na idade que eu perdi o medo da morte. Mas ao mesmo tempo eu ganhei coragem para viver. Falei “putz, eu não vou ficar vivendo nesse personagem”. Primeiro que eu acho doente a pessoa que simula, que mente quem é. Porque, meu, é doentio. Você não suporta. E segundo... a vida tá passando muito rápido. E eu falei “meu, não quero viver isso”. Então foram fatores que contou. A questão das experiências com outro cara, que eu me lembro, assim, veio muito cedo, a questão da admiração. Queria entender, assim, algumas coisas que eu ouço, mas enfim, cada pessoa é uma pessoa. Comigo, assim, sempre foi muito cedo. Muito, muito cedo. Mas foi bacana também que eu falo que eu vou descobrindo as coisas. E isso na minha infância, pré-adolescência, foi muito bacana porque eu comecei a diferenciar o que que é amigo, quem era amizade e o que era essa coisa da atração física. Porque até então, por não se falar muito, não se fala muito mesmo, mas hoje um pouco mais. Antes, por não se falar muito, então você tá sozinho. Família não conversa, pai não fala, mãe não fala. É vergonhoso, é pecado. Então, quer dizer, você ganha tudo que você é, é uma vergonha. E ninguém fala da vergonha, ninguém te explica, então você vai aprender na prática. Hoje, eu, homem negro com 43 anos, hoje eu tô entendendo que eu tô construindo a minha identidade enquanto homem bi, negro... é louco. Minha relação com amigos não é uma relação aberta. Eu não... me preocupa ainda. Pelo que a gente já falou, questão até profissional e não são todos que sabem. Na verdade, ninguém sabe. É isso. Talvez você, depois da minha terapeuta, você é o segundo que saiba.

Gustavo: Legal. E você trouxe várias informações interessantes sobre a sua trajetória de vida, que ao longo da entrevista, depois, a gente vai depurando. Mas assim, a primeira coisa que eu quero saber das coisas que você disse, é que você, desde muito cedo, sabia diferenciar o que que era amizade do que era admiração.

Thiago: Eu aprendi.

Gustavo: Aham. E você falou também que esse aprendizado, ele não foi fácil, porque você falou que nesse estágio da sua vida não tinha muita conversa, não tinha muita informação, que tudo era considerado pecado. Então quero saber o seguinte: quais recursos que você teve para identificar que aquilo era atração física, que aquilo era tesão, e como que você começou a lidar com isso tendo todas essas pressões para não demonstrar?

Thiago: Vivência. Vivência, meu querido. Não ignore a vivência de ninguém. Não ignore. Principalmente os senhores, como eu, da época do Thundercats e Jiraya. Essa galera aprendeu na prática. Aprendeu na prática, assim, poucos eram os lares que isso discutia. Eu aprendi na prática. Eu aprendi, assim, entendeu, o quê que eu achava bonito e o que eu achava bonito, mas que era meu amigo e o que era bonito e atrativo. E comecei a descobrir. [sua imagem congela por alguns instantes]

Gustavo: Acho que travou o vídeo aqui, talvez... [após alguns segundos, a imagem retorna] ah voltou.

Thiago: Você tá me ouvindo? Tá me ouvindo?

Gustavo: Sim, sim. É que tinha dado uma travada aqui, mas já retomou.

Thiago: Aonde eu parei?

Gustavo: Você tava falando que sabia desde muito cedo identificar o que era bonito e era seu amigo, o que era bonito que era só atração. E em que fase que foi isso? Quantos anos, com cerca de quantos anos que você começou a sentir atração sexual por outras pessoas?

Thiago: Eu não sei... às vezes nessa conversa eu fico com medo de ser doente, mas assim, eu me lembro, tranquilamente, sete, cinco, seis anos, assim, tranquilamente. Porque assim, como eu venho do interior, no interior tudo é muito misturado, família. Então esse tipo de coisa

você começa a aprender, aquela piadinha trágica, com as primas, com os primos. E realmente meu caso foi. Então ali era com as únicas pessoas as quais eu tinha um contato mais... até os oito anos, assim, que eu tinha contato mais... né, mais próximo. Com nove anos, como eu moro no interior, minha mãe é... minha mãe é negra e minha mãe trabalhava numa área lá, onde que só tinha pessoas brancas e ricas, né. Minas [Gerais] é linda, mas ainda é colônia, pessoas assim. Quando aí eu saí de lá e tal, mas ainda lá, assim, fazendo um paralelo de lá e hoje, daqui e de lá, ainda quando eu visito lá, eu tenho um olhar totalmente, assim, existe colônia ainda. Não acabou. Existe aquela coisa da casa grande, do nome branco que reina e da pessoa, da mulher negra, que ainda cuida de toda a casa. Pra você ter uma ideia, a minha mãe, até hoje, há 48 anos que trabalha com a mesma família. Hoje ela trabalha com o menino que ela ajudou a criar. Enfim, então minhas experiências foram, primeiro, com primos, mesmo. E depois com os filhos dos patrões. E também os colegas, os meninos aí. Porque a gente se juntava. O meu pai trabalhava em serra. O que que era serra? Ele fazia extração de pedras decorativas, que hoje ganha esse nome bonito, pedras decorativas, né. Mas antes era extração de pedra, né. Tirava mármore, pedra São Tomé, quartzo, ele ainda se aventurou lá para Serra Pelada, quase morreu e aí voltou. Ficou só na questão da extração da pedra, largou mão de ouro, enfim. E nesses dois ambientes assim essas experiências foram muito... foram muito fortes, né. E depois com os meus vizinhos, assim, com a vizinhança, que foi aí que eu acho que eu descobri essa questão de o que amizade, o que era... tesão.

Gustavo: Entendi. E nesse primeiro momento da tua atração sexual, ela era voltada para homens, para homens e mulheres, só para mulheres, como que era?

Thiago: Não entendi. Primeiro momento de quê?

Gustavo: Nesse seu primeiro momento de descoberta da sexualidade, você sentia atração por homens, por mulheres, por homens e mulheres? Já nesse momento já era simultânea essa atração ou a sua bissexualidade foi sendo construída aos poucos?

Thiago: Foi simultâneo. Era muito engraçado, assim, que ora era muito, assim, essa questão da atração por homens, depois, com o tempo, parece que essa coisa começou a ser construída, entendeu?

Gustavo: Inicialmente por homem, mas depois você começou a se sentir atraído por mulher também.

Thiago: Sim. Era muito isso, entendeu? Era muito assim, esse pêndulo, um movimento pendular.

Gustavo: Oscilava bastante tua atração.

Thiago: Bastante. O que me causava medo, estranheza. E eu sempre fui muito falante, sabe? E uma vez, eu lembro certo, que eu falei com minha mãe, e ela olhou, assim, assustada. A única coisa que eu lembro é dos olhos dela.

Gustavo: O que exatamente você chegou a falar para sua mãe que deixou ela de olho arregalado?

Thiago: Que eu gostava tanto de homem quanto de mulher.

Gustavo: E ela ficou assustada com a sua fala?

Thiago: É, eu não sei se ela ficou assustada pelo que eu falei, ou pelo que podia acontecer comigo. Porque eu fui muito assim, de tipo, eu sempre fui muito real, muito autêntico, digamos assim. Então se eu falei para ela e se alguém me perguntasse, ela saberia e ela falaria a mesma coisa. Então naquele momento eu não sei se era o medo, se era estranheza, o que era. Foi. **Gustavo:** Entendi. E a partir desse momento que você começou a sentir atração sexual pelas outras pessoas, quanto tempo levou até você ter o primeiro contato sexual?

Thiago: Real, real, real, assim, 9, dez, onze, doze, treze. Quatro anos. Fui precoce né, piá?!

Gustavo: Você tinha por volta de 13 anos na sua primeira experiência sexual, é isso?

Thiago: De treze para quatorze. Sim, uhum. O resto tinha, mas não tinha o ato, né. Tinha aquela coisa de fricção, toque, oral e tal, mas nada do ato mesmo, assim.

Gustavo: Então antes dos treze você já teve contato sexual que não a penetração, é isso?

Thiago: Isso. Então teve o ato, sim. [risos]

Gustavo: E com quantos anos foram essas primeiras... esses primeiros estímulos sexuais?

Thiago: Nove.

Gustavo: Nossa, bastante precoce.

Thiago: Muito precoce.

Gustavo: E essas experiências foram com meninos ou com meninas?

Thiago: Eu brincava sozinho, né. [risos] Você não brincava sozinho na sua infância?

Gustavo: Essas primeiras experiências que você teve foram com meninos ou com meninas?

Thiago: Os dois.

Gustavo: Mas como assim? Teve primeiro uma experiência com uma menina, depois com menino ou vice-versa? Como...

Thiago: Isso. Vice-versa. Sempre assim. Independente da ordem, assim. A ordem correta eu não vou saber te dizer, mas teve. Tanto com piá, como com guria.

Gustavo: Entendi. E a sua atração sexual, ela envolve sentimento apenas por homem e mulher cisgênero ou você acha que também te atrai identidades transgênero, identidades não-binárias, né?

Thiago: Não tem, não tem me atraído. Não me atraiu. Era era bem assim... Não tinha por trans, assim. Não. Não me lembro.

Gustavo: Não lembra de ter se sentido atraído e acha que não te atrai, de forma geral?

Thiago: Não. Eu acho, um tempo atrás, assim, eu... tentei, sabe aquela coisa assim, não é forçar, é tipo assim, você imaginou, tipo, pensou, só que não me atrai. É isso.

Gustavo: Mas o que te desmotivou a ir atrás?

Thiago: Eu não sei se eu fiquei desmotivado, vamos dizer assim. Não vou dizer que eu fiquei desmotivado. Só tipo, não achei ninguém, não rolou.

Gustavo: Mas você tava aberto a procurar essa experiência, a ter essa experiência?

Thiago: Eu estou aberto, eu estou aberto. [risos]

Gustavo: E como é que você passou a aceitar e entender a própria bissexualidade? Com quantos anos você passou aceitar e como é que foi esse processo? Foi tranquilo para você, foi difícil? Gerou muita confusão, muita ansiedade? Como foi?

Thiago: Repete de novo, Gu, por favor, travou aqui.

Gustavo: Como e quando que você passou a aceitar e entender a tua própria bissexualidade? Quantos anos você tinha, se esse foi um processo tranquilo, se te causou muita angústia, muita confusão, como foi para você?

Thiago: Há um ano e ainda estamos nesse processo.

Gustavo: Foi recente, então. Mesmo apesar de todas essas suas experiências com homens e mulheres desde a tua infância, né, vamos dizer assim, a sua identidade como homem bissexual é muito recente, então. Um ano só.

Thiago: Vamos conversar sobre religião, o que ela é capaz de fazer com você?

Gustavo: Uhum.

Thiago: Você tá disposto a isso? Porque é uma conversinha bem pesada.

Gustavo: Sim, claro, seria ótimo. Qual que foi o papel da religião na construção da sua identidade sexual?

Thiago: Até hoje ela é... vamos dizer que ela é 70%, né. Apesar de tudo, assim, eu tô aceitando, tô encontrando algumas coisas e tô me aceitando e apertei o botão do foda-se para um monte, mas eu ainda tenho, eu ainda perco o sono, de imaginar que eu vou para o inferno. Você consegue imaginar que você tá a vida inteira se matando para se manter vivo, porque você ser preto nesse mundo, meu amigo... os discursos que o povo fala aí, é muito bacana. Você já se viu dentro de um labirinto no seu pesadelo? Você corre, corre, corre, corre, corre, parece que você não chega a lugar nenhum? Você já sonhou caindo?

Gustavo: Eu acho que já. Mas agora não me lembro.

Thiago: É a mesma sensação, cara. É a mesma sensação. Você passa a vida inteira nisso, tentando, lutando [por quem] você é, querendo matar você, porque existem coisas na sua vida que você não pede. Simplesmente vem, você nasce, tá ali. Aí você...

Gustavo: E qual que é sua religião e...

Thiago: A minha mãe é católica apostólica.

Gustavo: Ah, tá. Você é católico?

Thiago: Não. Tem outros quinhentos, calma aí, homem. Tá pensando o quê? É complexidade demais. Até os vinte e três anos eu fui católico. Fiz as coisas todas, a primeira comunhão, fiz a crisma, eucaristia, aquela coisa toda. Porque tinha aquela coisa que a mãe falava e tal, e te amedrontando, né, essa questão do medo do inferno. Quando eu chego aos treze, catorze anos, teve essa questão da minha cabeça. Piá, eu pirei. Pirei o cabeção. Porque daí eu queria descobrir tudo, como é que era, e no meio disso tudo, para aliviar a tensão da vida, comecei eu a fazer uso de psicotrópico e beber. Tenho amigos que há trinta, quarenta anos fuma maconha e estão bem. E ninguém teve depressão, ninguém loqueou. Conheço alguns que usam cocaína de forma recreativa, como eles dizem, dão conta e tudo, mas eu não dei. Então no meio disso tudo, entre os dezesseis, dezessete, digamos. Entre os dezessete aos vinte e três, foi pesado, muito pesado. Aí eu passei por tudo, fazia uso de tudo que me aliviasse, né? Bebida alcoólica e aí caía naquele marasmo, aí cheirava, dava aquela tensãozona. E mais uma vez, de certa forma, meu corpo, ele me servia, né? Porque eu tava numa situação vulnerável, quando utilizava droga ou bebia, ficava totalmente vulnerável e disponível, ao mesmo tempo. Então, enfim, no meio disso tudo eu comecei a ver, assim, que eu tava começando a perder o controle. Não que eu tenha total controle, não que nós tenhamos total controle da vida, mas eu perdi um pouco do controle da minha vida, então assim, eu fiquei muito mal. Muito mal. Muito, muito mal. E daí eu me...

Gustavo: Mas esse uso de bebida e de droga você acha que foi decorrente de uma não aceitação da tua orientação sexual? Teve algum papel nisso?

Thiago: Então, sim, piá. Sim. Sim. Porque a tua mente abre. Cocaína joga tua autoestima lá no alto, né. Foda-se o mundo. O que eu não tinha coragem, que hoje eu vivo, eu precisava tá dopado para viver. Você consegue entender?

Gustavo: Então você... deixa eu ver se eu entendi direito. Você, de certa forma, se valia desse estado mental alterado que a droga provoca para poder ter as experiências sexuais da tua orientação sexual, seria isso ou entendi errado?

Thiago: Não. Não somente. Não somente. Até meu posicionamento quanto indivíduo. Mas, também, mas também, de certa forma eu tava... é de uma sensação de liberdade, de libertação, em todos os sentidos.

Gustavo: E você acha que esse abuso de drogas você se valeu dele justamente como uma válvula de escape das pressões que a religião te impunha? Que era isso que a gente tava falando antes, né, sobre o papel da religião na tua aceitação.

Thiago: Não, não... assim, vamos dizer, o uso não foi decorrente da religião. O uso foi decorrente do peso social. Existe uma cobrança social, né... existe uma cobrança, Gustavo. Talvez, assim, não sei se você vai gostar do assunto, mas existe. Há uma grande diferença, há uma cobrança diferente para mim para você. Total. Você é tranquilo. Tá fazendo a tua universidade. Eu fui fazer universidade depois de muitos anos. Naquela época eu tinha que terminar o Ensino Médio para eu conseguir qualquer trabalho. Isso não era uma escolha. Era uma imposição. Eu tinha que falar grosso. ÔÔÔÔÔ [simulando uma voz grossa] Eu tinha que ser o cara... se você tava arrumado, eu tinha que estar duas vezes mais. Eu tinha que me policiar. Os braços para trás, porque se eu entrasse no mercado, em qualquer lugar, com os braços soltos, era perigoso. Primeiro apanhar, levava paulada na cabeça e depois que iam ver que eu não tava roubando. Ou senão, para justificar violência, né, falar que eu tinha pego

alguma coisa. Tinha isso. Tem também, de certa forma, dentro da família tem essa questão do machismo muito forte, né? “É negão!” Então as pessoas, assim, meus tios, que não culpo meu tio, não culpo meu tio, nem minha mãe e nem meu pai, mas meus tios tinham um valor que o seguinte: você é negão! E negão tem que ser... e é muito engraçado, porque eu sou uma mistura de europeu com escravos. Só um instante. [nesse momento, o pai de Thiago surge novamente à porta de seu quarto e pede para ele abrir alguma embalagem. Após a abertura, Thiago retorna sua atenção à chamada] Desculpa. É uma mistura muito engraçada, porque minha mãe é negra e meu pai ele é descendente de europeu. Meus avós são de Portugal. E... e era engraçado, porque assim, nos dois lados o machismo é muito forte. Do lado do meu pai é aquela coisa do homem provedor, patriarcal, né. Totalmente patriarcal. O homem sustenta, o homem faz, o homem é forte. Ai de mim se eu reclamar de dor. E do outro, ai, você é negão, você é viril, você é másculo, você não sei o quê... tem que jogar bola, escutar pagode, gostar de funk, gostar de rap, você tem que saber um pouco da tua cultura e eu cagava para isso tudo. Eu era o cara que, tipo assim, e daí? Tá todo mundo aí quebrando o pau, eu quero ouvir Djavan. Tava lá na casa do... tá tocando Roxxette. Quem é Roxxette, cara? Quem é Cindy Lauper? Eu quero ver. Meu deus, existe Prince? Olha, Michael Jackson dança... o mais próximo de mim era o Michael Jackson. Falei “meu Deus, esse cara aqui é maneiro!” Esse cara deu o primeiro tesão na vida. [risos]

Gustavo: Mas como que você lidava com essa pressão dos dois lados familiares, né, você fala que pelo lado da sua mãe existia uma pressão social muito forte em relação à raça, e do seu pai também, em relação à ascendência europeia, que também tinha um lado patriarcal muito forte, né. O que pesava mais para você? Ou não dá para colocar em uma régua, assim?

Thiago: Os dois, piá. Quando você é criança, você tem lembrança de quando você era criança? Você só quer fazer seu pai, sua mãe, feliz, pô. Deus me livre você ver um dos dois chorando. Você morre. Você prefere a morte. Aí eu ficava permeando nessas loucuras. De certa forma eu acredito em deus, mas deus é tão bom assim que ele não deixou eu ficar caindo em loucura, tentar um suicídio com as coisas. Porque meu, primeiro eu me amava, dali a pouco eu me odiava, porque eu me olhava de perto e falava “meu deus, por que eu fiz isso?” Eu acho que parte da humanidade é muito burra. Porque ninguém escolheria nascer assim. Ninguém escolheria ter esse tipo de sentimento diante de tudo o que passa. Hoje é muito mais tranquilo, meu amigo. Há trinta anos atrás, pelo amor de deus. Eu não beijei um piá que eu gostava muito, assim, tipo, eu ouvi na minha cara, “eu gosto de você, mas eu não quero. Eu não posso. Nós não podemos.” Foi isso.

Gustavo: E isso aconteceu com você com quanto tempo?

Thiago: Eu tô dizendo, há sete anos atrás eu encontrei essa pessoa. Hoje eu tô resolvido, mas ainda existe, eu sei quem é pessoa. Sei da condição. Eu não sei você, você tem, você é...

Gustavo: Deixa eu ver se eu entendi a situação. Essa situação aconteceu sete anos atrás, de você encontrar um cara que você gostava...

Thiago: Reencontrar.

Gustavo: Reencontrar?

Thiago: Uhum.

Gustavo: E aí, nessa ocasião que aconteceu isso de falar que gosta de você, mas não posso te beijar? Ou não?

Thiago: [acena negativamente com o dedo indicador]

Gustavo: Quando que foi isso aí?

Thiago: A gente tinha quinze anos. Eu quinze, ele dezessete. Eu quinze, ele dezenove.

Gustavo: Aham. Entendi. A gente foi levando o assunto aqui, sobre vários aspectos interessantes da sua vida.

Thiago: Sim, foi saindo.

Gustavo: Só que a gente saiu do assunto lá, da religião. Você disse que a religião tem um papel muito importante na tua vida. Eu queria saber qual que é a influência da religião na sua vida e como que ela afeta tua maneira de ser hoje em dia.

Thiago: Porque quando eu me encontrei nessa situação toda, depois de todos esses entreveros aí que eu já te contei, que eu tive. É... por conta da droga, assim, eu falei “meu, eu quero mudar” e tal. E meu pai era alcoólatra e ele, daí, meu pai entrou, foi para um centro de recuperação evangélico e eu olhei para aquela religião e para aquela situação, como a possibilidade de mudar. Porque o cara que eu mais amava, que deveria me ensinar o que era amor, me ensinou, em algum aspecto, me ensinou o que que era ter raiva, é obvio, ele tinha mudado. Ele tinha mudado. E eu pensei comigo “cara, se pode fazer isso com ele, pode dar jeito em mim”. E realmente, assim, eu acessei algumas partes, assim, que hoje vai fazer vinte e três anos, vinte e três não, vinte. Dezenove, vinte anos que eu não uso. Que eu não bebo. Mas, e... mas daí é uma outra história. Porque realmente, assim, a religião ela me construiu, ela construiu alguns, ela contribuiu com alguns aspectos. Consegui me reerguer. Não, não, não desacredito da pessoa de Deus, da pessoa de Cristo. Mas ela é totalmente, eu tenho descoberto, que a verdade, a verdade, a verdade, ela é parte contrário do que muitos dizem. Quem eles são, é muito... aquém do que dizem que eles são, sabe? É muito aquém. Porque eu descobri que não era amor, que eu tinha por esse ser transcendental. É medo. Então eu comecei a viver dogmas, entendeu? Viver por dogmas, por rituais. E daí, aí eu fui. Fui, fiquei dentro da religião e tal. Fui crescendo espiritualmente e tal. E junto com isso eu comecei a ler a bíblia, comecei a ver algumas coisas, assim. Comecei ter medo de algumas, entendeu, outras... então minhas escolhas começaram a ser pautadas em cima disso. Eu comecei a ficar... a viver em crise, piá. Em crise. Porque uma coisa é quando você decide não querer, outra coisa é quando você não é não querer, você é. A condição bissexual não é querer ser, não é querer estar. É simplesmente o que você é. Aí, ó. A personificação do que é, acabou. Você pode tampar o olho, que você tem a imagem da mente. Você pode tampar o ouvido, que ecoa no silêncio quem você é. Não tem o que fazer. Não tem para onde você correr. Você não corre, você não se esconde de você. Não. Nunca. Se você tentar fazer isso, você enlouquece. Você mata e morre. Você mata e você morre. Aí tu vai ver esse monte de suicídio, esse monte de homicídio. Vá conversar, vá ver. A pessoa, se ela tentar aniquilar quem ela é, ela mata e morre. E a religião teve muito isso comigo, sabe, eu me neguei. Eu me neguei. Eu disse, se eu for encontrar com Deus mesmo, assim, eu vou falar para ele “cara, você viu o quanto eu me esforcei. Você viu o que eu fiz. Você sabe a que eu me submeti”. E até hoje. Gustavo, é tenso. E eu tô aqui conversando com você, vou para as consultas terapêuticas, assim, uma semana eu tô ótimo. “Ah. Tô bem, tô bem!” Na outra, eu tô em crise. Porque os valores foram engendrados em mim. Tá engendrado em mim. Tá aqui, tá intrínseco. Apesar de eu querer, eu volto e penso “eu já me lasquei um monte, eu não quero ir pro inferno”. Mas agora é engraçado, que eu liguei o botão do foda-se ou eu tô conhecendo outro tipo de deus. O deus tem se revelado realmente quem ele é. Não acredito na cura. Não acredito na cura, já estive do lado de lá. É mentira. Não se trabalha comportamento, não se trabalha a verdade. A verdade que fala que eles utilizam muito é conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Qual que é a verdade? A verdade é que eu sou um homem bissexual, acabou. O que eu vou fazer com isso? Qual a melhor maneira, onde que eu consigo ter harmonia com deus nisso? Porque até então, que eu consegui, o que eu fazia e via muitas pessoas fazendo, é sucumbir. Você sucumbe, você pode sucumbir a algumas coisas que eu vou te falar aqui, mas você não pode negar a existência dela. Você não pode negar o que eu te falei. Porque existe um vídeo, existe um fato, existe a minha memória e a sua que lembra que houve essa fala. E as pessoas esquecem isso dentro da religião. Elas pensam aquela velha e antiga frase: repito, mas não tiro até que ela se torna verdade. Ela não se torna. A verdade, das duas, uma: ou você vai viver uma vida dupla, que é o que eu não quero, que é o que eu acho que biblicamente não é

correto. Quando você vai ver os ensinamentos bíblicos, isso é bem claro. O Cristo Jesus ele cobra o tempo todo das pessoas a verdade, posicionamento, independente de quem é você. Vem do jeito que você tá. Agora, o que foi estabelecido para o homem é o seguinte, se comporte de maneira adequada para que você seja aceito, para que você ganhe o céu. Mas minta. Porque quem é que dá conta de esconder quem é?

Gustavo: É verdade. A sua fala sobre religião, hoje em dia, é uma fala bem reflexiva, é uma fala de alguém que aceitou muitos dogmas, mas que hoje contesta essa visão, né? Eu queria saber: hoje, que você já se entende como homem bissexual, como que você enxerga a religião? Você ainda se considera evangélico? Foi evangélico que você disse que era, né?

Thiago: Eu sou. Eu sou porque é o seguinte, os pilares dele é básico. Primeiro é aceitar ele como senhor e salvador e eu aceitei. Cara, se existe céu e inferno, eu acredito que existe. A primeira coisa que eles dizem, que eles esquecem, a primeira coisa, que você tem que reconhecer. Eu reconheço que eu não dou conta, eu não posso fazer nada. Se eu pudesse, não tenha... se você vai ler, vai ver o que eles falam, eles se contradizem o tempo todo, porque primeiro você tem que reconhecer que ele é o senhor salvador. Ok. Pra ele ser seu senhor salvador, você precisa reconhecer que você não dá conta. Você precisa dele, para você ganhar o céu, você precisa. Você não pode negar Ele. Eu não nego. Se não for ele, se existir mesmo essa coisa toda, é inferno na certa. Porque eu errei, eu menti, eu roubei, em algum momento da sua vida você fez alguma merda. Pega aqueles Dez Mandamentos lá, vamos dizer que nem todo mundo matou ninguém. OK. Mas você já roubou, você já desejou alguma coisa de alguém. Aí você transfere para Cristo e Ele diz o seguinte, amai ao teu próximo como a ti mesmo, em qualquer momento você já matou alguém dentro de você. O fato de só ter sido indiferente e não falar com uma pessoa por um momento de raiva, você cometeu o maior, você já matou. Ou diz o seguinte, que você não precisa adulterar, você só precisa imaginar. Você já está condenado, isso é pecado. Então lascou-se todo mundo. É a primeira condição, eu reconheço Ele como senhor salvador, senão vou para o inferno. O segundo, a coisa mais errada é mentir. Porque a mentira ela puxa, uma puxa a outra. Até que chegue, aquela coisa bem de novela, chega um ponto que se você quiser esconder uma mentira, vai ter que matar alguém. Porque alguém sabe. E aí? Agora...

Gustavo: Você tem uma visão de que a sua orientação sexual é errada de acordo com a sua religião? Ou você já desconstruiu esse ponto de vista?

Thiago: Eu tô em reconstrução, Gustavo. Vou te dizer, em reconstrução. Hoje eu consigo olhar para quem eu sou com mais cuidado. E eu acredito que Deus olha para mim com esse cuidado, sabe, assim? Eu me respeito e respeito a minha história, respeito o meu corpo, respeito quem eu sou. É... eu me sinto amado por ele. É uma construção, cara, porque a grande merda do repetir até que se torna verdade, é que a... existe uma fala que é minta para sua mente, que uma hora ela vai mentir para você. Esse é o grande labirinto. Por isso que eu te perguntei se você já sonhou que você tava caindo. Porque essa coisa, do nada você tá bem, quando aí você [respira de forma profunda e desesperada], te dá um desespero, aí você volta, pronto. Eu vivo assim. Uma construção. Hoje eu tô numa construção. Se você for analisar, vai fazer dois, três anos que eu tô nessa construção de homem negro agora.

Gustavo: E nessa construção que você fala que é recente, você teve oportunidade de conhecer outras pessoas que se identificam como bissexuais?

Thiago: Cara, se eu disser que não... eu conheci, mas assim, você conhece em si. Mas eu conheço mais gente que se entende como, como... como homo. Até mais assim, homo passivo, entendeu?

Gustavo: Nessas poucas experiências aí, que você fala que conheceu homens bissexuais, você conseguiu ver algum ponto de semelhança entre a sua experiência e a experiência desses caras? Ou o contato não foi tão aprofundado assim para perceber alguma similaridade?

Thiago: Eu conheci um cara que me fez começar a pensar e olhar para ele, há cinco anos atrás. Eu tava tentando meestrado, eu tava fazendo cursinho, e aos finais de semana, assim, uma vez eu entrei no aplicativo e falei com ele para a gente se encontrar. Então a gente se encontrava todo fim de semana. E foi muito engraçado, que a história dele era bem parecida com a minha. Ele foi casado, ele estava casado, foi, né. E chegou uma hora que a coisa ficou muito... muito pesada para ele, e ele então decidiu sair fora. Porque foi o que ele decidia, não achava justo com a outra pessoa, sabe? Não é justo. Também não trouxe essa ideia de querer compartilhar ideia, para ver se poderia sair fora, porque você convive com a pessoa, eu acho que você começa a entender algumas coisas. E ele saiu fora. Aí foi assim, foi a pessoa mais próxima, assim, mais aberta, que eu tive, assim, que eu tive essa conversa nesse sentido que você tá dizendo, entendeu? Que tivesse uma experiência igual, assim, foi a pessoa mais próxima.

Gustavo: Entendi. Mas esse “saiu fora”, você diz que o cara rompeu com o casamento. Presumo que seja com uma mulher e que a mulher não sabia que o cara era bi, era isso?

Thiago: Isto.

Gustavo: E você também foi casado com mulher, esses oito anos que você falou no começo da entrevista, né? E ela também não sabia que você era bi?

Thiago: Sabia.

Gustavo: Ela sabia?

Thiago: Sabia. Eu, quando eu entrei na relação, Gustavo, meu maior medo por eu ter começado um pouco mais... eu... essa questão religiosa aí, eu decidi ser verdadeiro, sabe, falar a verdade. Eu tive algumas experiências assim. Eu contei tudo e foi até uma coisa, assim, que me deixa muito triste, piá, foi que em uma discussão que nós tivemos, ela usou essa situação para falar para mim, assim. Quando eu contei, eu contei, assim, pelo desespero. Porque você sabe o que é você estar todo domingo num lugar onde as pessoas falam que aquilo lá é um monstro, que aquilo tá errado. Eu não falava que eu estava em crise, que eu tinha visto alguém interessante, um cara bacana e que... não falava isso, mas aquilo era ali. Era óbvio pelo que eu contava. E aí um dia eu contei, falei e tal. E aí um dia a gente brigou e ela falou para mim assim: “Você quer saber de uma coisa? Pega suas coisas e vai para a rua. Vai, que é isso que você quer fazer. Vai dar bunda, vai comer bunda, vai fazer o que você gosta. É isso que você quer.” E piá, aquilo assim... até então eu não tinha ficado com mais ninguém. Apesar de ter atração e tal, eu nunca tinha ficado com ninguém. Até aquele dia. Depois daquele dia, assim, “porra, eu te contei!” Porque... você é casado?

Gustavo: Não, eu namoro faz três anos, mas não sou casado.

Thiago: Ela sabe?

Gustavo: Sabe desde o começo.

Thiago: Então ela sabe, então é exatamente isso daí. Que você tem apoio, tranquilidade, entendeu? Porque não é pelo sexo, cara. As pessoas pensam assim “ai, você é bi, você é homo, é sem vergonha, gosta de promiscuidade!” Não. É igual a todo mundo. Você tem atração, mas se você tem ali alguém que você gosta, confia e pode confiar, cara, atração às vezes vai vir, mas é... vai ser muito pequena. E naquele dia eu me decepcionei, sabe? Aquilo ali me decepcionou. Dali em diante, então, eu falei “ah, quer saber? Vou chutar o balde.” Só que lá pelas tantas eu comecei a me cobrar. Me cobrar pelo meu caráter, me cobrar como pessoa, não achava aquilo justo, então eu falei “não, então eu tô saindo fora”.

Gustavo: Tá. Você falou que se relacionou com ela por oito anos, e eu quero saber o seguinte: em qual momento do relacionamento você falou para ela que era bi? Foi logo no começo? Foi no meio do relacionamento? Já encaminhava para o término?

Thiago: Não, foi no início. Não contei no primeiro encontro, né, lógico. Mas foi no início.

Gustavo: E ela era hétero?

Thiago: Sim. Até onde ela falou, sim.

Gustavo: E a sua bissexualidade era um assunto entre vocês dois ou era, assim, um tema tabu que vocês não tocavam? Porque assim, pelo relato que você fez da fala agressiva, violenta, que ela fez em relação a tua orientação sexual, presumo eu que ela não aceitava muito bem a tua orientação sexual, né?

Thiago: Cortou. Cortou e não te ouvi.

Gustavo: Eu perguntei se a sua bissexualidade era um tema tranquilo entre vocês dois ou se era um tema tabu que vocês não falaram sobre. Porque eu disse que pelo seu relato, pela fala violenta que ela fez para você nessa ocasião aí, que você deveria pegar suas coisas e ir para rua me soou como uma fala muito agressiva, uma fala de alguém que não compreende a tua orientação sexual. É isso ou ela era uma pessoa compreensiva?

Thiago: Não compreende. É que na verdade é permeável, não sei se isso foi um momento de raiva, o que foi. Mas eu contava, eu contei, né. Na verdade, essas discussões nós tivemos, é... alguns momentos pontuais. Acho que com 2 meses de casados foi ter contado para ela que eu tinha conhecido uma pessoa, essa pessoa, de certa forma, não de maneira lícita, ele já tinha uma condição financeira tranquila e que queria, lá em Minas, queria me bancar para que a gente tivesse um caso, mas aquela coisa, né. Para a sociedade era o perigoso, comigo era pessoa, era trambique. Para mim, assim, não mudava muito, mas queria manter isso, de certa forma, em segredo. Eu andei contando para ela alguns... eu tentei construir uma coisa na sinceridade, sabe, na verdade. Eu ia fazendo questões de doses homeopáticas, eu ia contando aos poucos quem era, como era e tal. Que eu tava entrando de cabeça, piá. E eu acho que em 1, 2 meses, assim, de casado, a gente... ela falou para mim. Ela tinha uma condição financeira bem melhor que a minha, ela falava, ela falou para mim assim “Ah, você tá comigo por causa de alguma coisa?” Foi uma discussão besta, assim, sabe? Uma discussão tola, tola, nesse sentido. Eu disse para ela, falei não. Eu tô com você porque eu gosto de você. Gosto, gostava mesmo. Eu gosto. Porque se eu quisesse alguma coisa, pra eu ter alguma coisa, alguém ou algum lugar, ir para algum lugar, ter alguma coisa, eu voltaria para a minha cidade, ficaria bem lá. Porque lá me bancariam, me dariam mais com que eu tenha essa relação, porque na relação a gente aqui divide, né? Lá eu só ganharia, não precisaria nem dar nada de mim. Então, assim, foram situações determinadas, em situações pontuais, sabe? Então me causava chateação. E reflexões.

Gustavo: Eu imagino. Depois dessas falas dela, como que a relação de vocês seguia nos momentos seguintes, nos próximos dias, nas próximas semanas? Você guardava mágoa em relação a isso? Ficava ofendido ou era uma coisa que você esquecia rápido? Ou ela esquecia rápido o que tinha dito, né?

Thiago: Eu acho que os dois era... Eu sempre ouvi algumas coisas nesse sentido. Não quero me fazer de vítima, mas eu sempre tive que dar conta daquilo que é meu. Eu sempre tive que dar conta, eu entendi muito isso, que eu sempre tinha que dar conta do que eu sinto, que eu tenho que dar conta de algumas coisas e o que... sabe quando você quer fazer as coisas darem certo? Eu queria que desse certo, no começo, assim. Primeiros anos, assim, até finalizar tudo e chegar onde eu tô hoje, eu pensei que fosse dar certo. Por isso que eu te digo, assim, se um dia eu ficar cara a cara com Deus, eu vou falar pra ele “porra, cara, você sabe o que eu engoli. Você sabe o que eu fiz. Você sabe que eu tentei. Você sabe.” Tá na minha mente, tá no meu corpo, eu sei o que eu fiz para conseguir, para tentar que desse certo, para que fosse diferente. Não foi. E se ainda assim eu merecer o inferno, tudo bem. Que eu viva pelo menos, então, o resto que me resta, livre [risos]. Eu vi que eu comecei a pensar agora, sabe? Se já vai mesmo se lascar, então pelo menos o tempo que eu tiver aqui, de visita aqui, de bandeja, que eu me divirta, seja quem eu sou, conheça alguém bacana, eu vou ter uma vida boa.

Gustavo: Entendi. E como você foi casado por 8 anos com essa mulher, você acha que você tem uma predileção afetiva por mulheres ou você acha que essa questão afetiva é aberta? Não tem uma predileção afetiva?

Thiago: É aberta. É aberta.

Gustavo: Sexualmente, também, sua predileção é aberta, não se relaciona mais especificamente com nenhum gênero? Por exemplo, ah, gosta mais de transar com homem, gosta de transar com mulher...

Thiago: Não. Aberto. É bem tranquilo, assim. É, tem, tem... vamos dizer que é momentos, né. Momento, um dia acordo, assim, eu acho que devido à decepção, todo acontecimento, hoje, assim, mais os caras. Mais homens.

Gustavo: E a próxima pergunta que eu tenho aqui preparada é a seguinte: de que maneira que você acredita que ser homem interfere na tua orientação sexual? E eu vou além. Porque você trouxe vários elementos já de que a sua negritude também interfere nessa sua orientação sexual. E eu gostaria de saber em pormenor de que forma a sua raça e a sua masculinidade interferem na tua relação sexual?

Thiago: É... cara... eu não enxergo a questão da minha masculinidade, assim, ela não me prejudica em nada. Pelo contrário, eu vejo, assim, que às vezes até contribui [risos]. Bastante. A minha raça é mais complicada, é mais complicado, né. Porque nessa questão da afetividade. Porque eu almejo ter alguém. Não agora, para este momento, que eu acabei de terminar uma relação, tô ainda nessa fase, né, de uma série de coisas. Mas porque rola uma objetificação do homem negro. Rola, é fato. Se eu por lá no app “negão pauzudo”, eu te digo, assim, que chega dar, eu fico louco, porque eu não sei quem eu vou responder. Verdade. E posso até printar uma hora. Se você quiser, você me dá o teu... eu printo e mando para você os comentários. “Nunca fiquei com moreno.” Primeiro eu tenho raiva. Essa coisa que sulista, “nunca fiquei com moreno”. Aí eu vou lá, “não, não sou moreno, sou preto” [risos]. Então, é uma objetificação, então isso atrapalha, porque ninguém te olha como possibilidade de amar e ser amado. Ninguém olhe para você como uma possibilidade de se envolver, de desenvolver algum sentimento. Eles só pensam que eu sou um pau pronto a gozar, enorme, inchado, gigante, que vou chegar lá no cérebro e vou tocar lá no ponto G, sabe? Fazer a pessoa se acabar de prazer. Não, cara. E não se cogita a possibilidade de eu broxar, porque é inadmissível um negro broxar. É colonial isso, meu querido. Isso é colonial. Eu vou lá na senzala buscar o que me agrada para uma noite toda de prazer. Só mudou. Só mudou. É exatamente isso. Sabe? Eu já tive situações, assim, que... me ofereceram dinheiro. “Ai, você é bonito.” “Nossa, você não é negro, né?” “Como assim? Minha melanina não é suficiente?” “Não, olha esse nariz, olha não sei o quê, deixa eu ver... [suspira de forma impressionada] Não, você é!” Aí o que que é isso?! Meu deus, o meu pau fala mais sobre mim do que a minha pele? Como assim? [risos]. Eu já ouvi também “nossa, mas podia ser mais, né? Porque nos filmes...”, falei “cara, você tá vendo filme. A intenção de filme é exatamente essa, explorar uma coisa, assim, que deus o livre”, sabe? Cara, e esse cara, não sei o quê, meu deus, era a pessoa, assim, que eu queria a possibilidade da gente se conhecer, sabe? Me abrir, assim, afetivamente, para conhecer uma pessoa, independente de quem seja ela, os genes dela, isso pra mim pouco importa. Hoje, dane-se. Às vezes eu vou pagar um preço caro, às vezes eu vou ter que falar algumas coisas, às vezes perder contato de pessoas que eu amo. Dane-se, também. Você me gosta, você quer... se você realmente se preocupa comigo enquanto indivíduo, você quer minha felicidade, você me apoia, senão vai embora. Vá. Suma. Eu coloquei isso para mim como meta. Mas tipo, isso é... você entende? Porque ainda bem, e vou te dizer, ainda bem que eu ainda, assim, eu tenho atração, na questão sexual, minha posição é ativo. Já fiz passivo, mas não me... não gostei, entendeu? Eu não gostei. Pode para outras pessoas. E isso, ainda, de certa forma, não é um preconceito. Porque cara, quando é negro passivo e se ainda tem trejeito, meu deus, você sofre o dobro, cara. Pega o jornal e você vê aí, eles matam. Eles matam! É um absurdo. Tem gente que tem um fetiche louco, “ai, me bata, me bate”, sabe, isso daí é o ápice da loucura do tesão de alguns, e eu, independente de quem eu sou, mas nem todo mundo, que eu não sou uma máquina. Não sou um robô programado.

Me joga, me bate, me xinga, espera aí. Legal o tesão, mas... tentei instigar. Para cada... você poder ficar com a, você tem tua namorada, você pode ter outra parceria, perceba, você não transa igual sempre. Cada momento é um momento. É instigado a ser, você é inspirado por algumas coisas. Não, aí quando você é negro, você entra num app ou se você vai tipo, conhecer pessoa, tem um padrão. Tem que responder àquele padrão. No meu caso, tem que ser macho, pauzudo, gozar certamente e transar incansavelmente. Suar. Tenho horror a suar, irmão. Gosto de inverno, odeio suor, odeio calor. A pessoa “ai, você não suou?”. “Olha, não gosto, ainda bem que não suou” [risos]. Essas são coisas impostas. E tipo assim, no começo de algumas coisas, não vou te dizer que eu não mentia e falava que eu fazia tudo isso mais. Eu queria pertencer. Eu queria ter a possibilidade de conhecer alguém. Aí você se sujeita. “Ai, eu não faria isso.” Lógico! Você é de vinte anos agora, tem representatividade. Você tem um Pabllo Vittar da vida, você tem um Emicida, você tem um MV Bill, você tem um Yankee, você tem agora uma série de gente aí. Você tem Megg! Tem Megg [Rayara] na universidade. Hoje. Hoje, meu querido. Há trinta anos atrás era pau. Então aí eu ainda tenho esses resquícios. Eu tenho um cunhado que sonha que eu vou voltar. Você tem ideia de como que eu vou falar para esse cara que não, que acontece isso, isso, isso e isso. E o amor da minha vida é a filha dele. O amor da minha vida é a filha dele. Eu não tive filhos, cara. E vou ter, nem que seja por adoção. O amor da minha vida é a filha dele. Sabe o que ele fez? Proibiu de falar com a criança, porque eu não volto ao meu casamento. Pra você ter ideia. É nessa sociedade de direito que as pessoas falam que a gente existe. E isso alcança a questão sexual sua. Você tem que responder a um padrão, senão você não serve. É obrigado. Não obedeco aos padrões mais.

Gustavo: Aproveitando esse papo de padrão, você acha que você tem algum padrão específico para lidar com homens e outro com mulheres ou você acha que trata os gêneros da mesma forma?

Thiago: Não, sim, sim. Depende do que você quer, né. Sim, sim.

Gustavo: O que você acha que muda na forma como você se relaciona com homens e com mulheres?

Thiago: Não, acho que não muda. Eu não mudo. Você fica aquela coisa, mais galanteador, você se aproxima mais, você é mais polido para falar, para se comportar. Eu acho que, pelo menos eu não vejo diferença, né. Você se arruma mais... não que eu ando aos mulambos, mas aí você investe. A possibilidade de encontrar a pessoa, você vai passar um perfuminho melhor, você deixa de pagar o de segunda à sexta, você passa o de domingo à noite. Você investe na roupa, dá aquela engrossada na voz, aquelas coisas básicas que a gente faz. É a sedução né, piá. Quando você parte para a sedução... eu nunca percebi que eu tenha feito diferente.

Gustavo: Esses diferenciais que você tá falando aí, do perfume, de se arrumar, de engrossar a voz, você tá falando em relação às mulheres...

Thiago: Não, os dois. Tranquilo, tranquilo. Para mim tranquilo.

Gustavo: Não, é porque no começo você tinha falado que não, que tinha, pelo menos eu entendi assim, no começo você tinha falado que tinha formas diferentes de se portar em relação a homens e mulheres [Thiago interfere de forma incompreensível], é, daí eu falei “mas ele tá dizendo que tem ou que não tem?”, por isso que eu perguntei isso agora.

Thiago: Existe. Existe assim, por exemplo, me veio agora. Essas são táticas. As táticas são sempre as mesmas. Mas há uma diferença quando você vai chegar em um ou outro. As palavras são diferentes. As palavras são diferentes.

Gustavo: Como assim?

Thiago: Ai, será que são as palavras que são diferentes, cara? Qual seria a diferen... é, não tem diferença. Acho que não tem diferença. Acho que eu viajei. Não tem diferença. Você só fica galanteador, sei lá, no meu caso, que eu digo, você fica assim, você investe. Você percebe

aquilo que a pessoa gosta e você vai... pô, você tá a fim da pessoa, você vai investir. A pessoa gosta de música. “Ah, vou descobrir qual música gosta.” É... o comportamento pode ser diferente, né. Assim, quando é... quando são caras, acho que é uma coisa muito assim, didática. É o olhar. O olhar, pelo menos, que os caras, assim, eu percebo que é uma coisa muito didática, né. Eu não sei você, meu se eu olho, ele tem um negócio naquele olho, putz, pode saber. Aí, a partir daí, é investimento. Aí você chega mais próximo, você tenta conversar, você dá um jeito.

Gustavo: Mas a sua abordagem não é diferente em relação ao homem e em relação à mulher. É a mesma forma de abordar. E a mesma forma de se portar.

Thiago: Sim. Sim. Se eu gostei, eu vou investir. “Oi, tudo bem?”, “tudo”. Vou deixar bem claro que eu gostei. “Nossa, você é bonita”, “nossa você é bonito”. Aí, a partir daí, o susto... aí... é isso.

Gustavo: Entendi. E a outra pergunta é se você considera que a sua orientação sexual é uma parte importante da tua identidade.

Thiago: É intrínseco, homem.

Gustavo: Hã?

Thiago: É intrínseco. Você é um ser integral. Viu, se você não tá bem, eu tô bem com você, eu tô relaxado, tô te falando quem eu sou. Tá muito claro, tô muito à vontade, muito de boa. Isso sou eu. Você só vai me ver assim aonde eu estou sendo integral, aonde eu tô sendo inteiro. Então não tem como se desvencilhar uma coisa da outra.

Gustavo: Uhum. E como é que foi a situação que você revelou a tua bissexualidade pela primeira vez? Como e para quem que foi?

Thiago: [reflete por alguns segundos] Foi... era novo, quando assim... era, quando eu comecei a perceber. Tá me vendo?

Gustavo: Tô te vendo.

Thiago: Tá. Foi novo. Para quem eu contei... eu tinha um amigo. Ele é meu amigo até hoje. Eu amo esse cara. Eu amo ele. Eu tive essa crise, da descoberta com ele, assim, foi muito bacana o jeito que a gente, na nossa inocência, sabe, ele quando viu tudo foi muito bacana assim. É o [nome suprimido]. Ele é policial hoje, na minha cidade. A gente saía, tudo. Eu ficava com as gurias, a gente apostava quantas gurias você vai beijar hoje, aí eu beijava dez e tal. Mas teve uma situação que tava acontecendo com uma piá, às escondidas, todo dia e aquilo tava me acabando, tava me matando, sabe? Eu não sabia como fazer. Mas teve um dia, assim, eu tava... acho que eu tava bêbado e tipo tentei engrossar a voz e seduzir a criatura. [risos] E eu lembro como se fosse hoje, que ele me parou e falou assim: “ô nego, fica tranquilo, cara. Mas entre a gente isso não rola. Você sabe disso.” Cara, ele é fantástico, esse cara. Amo ele. Amo, amo, amo ele. E daí eu insisti de novo, e ele falou assim: “cara”. Sabe esse irmão, quando a pessoa, assim, o amor te constrange?! O querer bem da outra pessoa te constrange? Ele ficou “não, não rola, cara. Nós somos amigos”. E daí aquele dia eu comecei a perceber, realmente, existia uma diferença entre o tesão e entre o querer fazer feliz as pessoas que você ama, porque a pessoa é boa para você. E... foi a primeira pessoa. E depois, também, quando eu me casei, eu fui na minha cidade... cara, a gente tem uns momentos, assim, cinematográficos. Putz, a gente tem uns negócios muito loucos. Minas tem uns pôr-do-sol lindo. E a gente foi um dia, quando eu casei, ele tinha casado, ele me chamou para padrinho, não consegui ir. Aí a gente ficou dois anos sem conversar, porque ele ficou bastante chateado. Aí eu fui na minha cidade, pedi desculpa e tal, e aí a gente foi ver o pôr-do-sol no campinho onde a gente jogava bola. E trocamos ideia, aquela coisa de piá de interior, tentando valorizar o mato, as amizades, essas coisas simples que a vida, na correria você acaba perdendo, e eu falei assim para ele: “nossa [nome suprimido], queria te pedir perdão, cara. Por conta da religião, porque ela fala que é bom você pedir perdão e tal”, eu fui falei “cara, eu queria te pedir perdão por aquela vez”, ele falou assim “cara, vou te dizer uma coisa, que bom que foi

comigo. Que bom que foi comigo. Porque ali eu descobri que você tava falando a verdade para mim.” Então depois disso a gente sempre teve conversa clara, a gente sempre falou a verdade um para o outro. Quando eu tava usando droga, foi bem bacana, quando eu tava usando bastante, ele passou na prova de policial e chegou na minha casa chorando, piá. Quatro horas da tarde, eu já tinha saído do meu trabalho, já tava, falei “ah”, ele não bebia. Falou “nego!”, eu falei “oi!”, ele falou “cara, hoje nós vamos beber!” Eu falei “por quê?”, “porque eu passei na prova. Só que eu tô feliz e triste, porque se eu pegar você fumando maconha, vou ter que te prender”, aí ele pegou e me contou que tinha passado na prova de polícia. Foi muito engraçado. Foi a primeira vez que ele tomou um porre de vinho. Foi isso. Foi com o [nome suprimido]. Acho que foi com a melhor pessoa da vida. Foi compreensivo, foi bem de boa e já mandou recado que quer conversar comigo, ele vai querer saber se tem alguém [risos]. É um cara bacana.

Gustavo: Mas assim, você não chegou a falar para ele, com todas as letras, que era bi, mas essa sua abordagem de querer ficar com ele foi suficiente para ele perceber que você era.

Thiago: Foi. A abordagem foi, porque a gente saía e disputava, né. Aquela coisa de piá pançudo, de querer... aí, eu beijo mais, eu fico com mais e tal. A gente transou com, os dois transou com a mesma guria. Dividiu a guria uma vez. Primeira experiência de suruba [risos]. Foi eu e ele... Então aí eu acho que ficou mais claro. E a gente teve essa conversa mais tranquila. Meu deus.

Gustavo: Entendi. E você falou que teve essa primeira experiência de contar para alguém, com um amigo. Mas existe algum grupo social que você prefere não revelar sua orientação sexual? Sei lá, colegas de trabalho, família, amigos que não sejam tão próximos.

Thiago: Não, não. Talvez você seja um privilegiado. Eu hoje não quero me desgastar. Talvez por alguma demanda, talvez eu encontre alguém que dê certo, eu penso nessa possibilidade, sabe, de encontrar alguém e dar certo e tal. Aí sim, porque daí não é justo, vai ser injusto com a pessoa que tá do meu lado. Vai ser injusto com a história. Mas a princípio, a princípio, não. Não tenho vontade. Meu trabalho, não. Minha família, meu pai com a minha mãe, também não. Eu duvido que meu pai e que a minha mãe não saibam. Que eles sempre sabem. Às vezes eles ficam quietos, porque às vezes ficar quieto é menos dolorido. Eu respeito isso. Tá me ouvindo?

Gustavo: Tô te ouvindo.

Thiago: Eu respeito isso. Eu sei lidar, eles não sabem. Eu vou sobrecarregar com uma coisa que eles num... não acho justo. Minha irmã sabe, fatalmente. Uma vez eu fiquei em casa, ela veio contando, ela começou a chorar. Depois, daqui a pouco, eu comecei a entender o motivo do choro. [aparentemente ele pergunta mais uma vez se eu estou ouvindo-o. Mas a fala não é completamente compreensível devido à qualidade do sinal da internet na ocasião da gravação]

Gustavo: Agora começou a cortar.

Thiago: Estamos perdidos.

Gustavo: Eu tô te ouvindo. Tá me ouvindo?

Thiago: Tô, tô te ouvindo.

Gustavo: Tá. Você falou que a sua irmã tava chorando. Por que ela tava chorando?

Thiago: Que horrível. [referindo-se ao sinal da gravação, aparentemente]

Gustavo: Tá me ouvindo? Thiago, tá me ouvindo?

Thiago: Não, tá picando. Agora acho que melhorou. Tá me ouvindo?

Gustavo: Tô, tô te ouvindo bem agora. Eu queria que você falasse melhor dessa situação que você viu que sua irmã tava chorando e que ela sabe da sua bissexualidade. Que situação que foi essa?

Thiago: É, na verdade eu acho que eu entendi isso agora, há pouco tempo. Fui visitar minha família e tal, e rolava de certa forma uma pressão. Eu não saía de casa, ficava dentro de casa, contava do meu casamento, era triste e tal. Eu não era a pessoa que ela conhece. E a gente, lá,

por algum motivo a gente brigou, sabe? Que a minha esposa, assim, minha ex-esposa, ela me avançou. E aí minha irmã viu que eu tava tomando, eu comecei, eu tava tomando até Fluoxetina. Eu tava tomando medicamento por questão de ansiedade, por questão de, enfim, nervoso e tal. E ela olhou eu, assim, na cama, olhou pra mim, eu tava lá, já debruçado, acabado, né, debilhado. Ela começou a chorar e foi embora pro quarto. Aí aquilo, assim, até hoje eu tenho na cabeça. Que ela viu o quão triste, o quão... o quão eu não era eu ali, sabe?

Gustavo: Mas que relação isso aí tem a ver com ela saber da tua bissexualidade? Não entendi.

Thiago: Sabe como... você tem irmão?

Gustavo: Tenho irmão.

Thiago: Você tem irmão. Você tem irmã?

Gustavo: Não. Só um irmão. Quer dizer, eu tenho uma meia-irmã, mas com ela não tenho tanto contato, porque ela mora lá no Nordeste.

Thiago: É esse o paralelo que eu quero fazer contigo. Com seu irmão, você conviveu com ele? Então fatalmente ele sabe quando você tá bravo, quando você tá feliz, quando você tá triste. Ainda que você consiga, que você vai fazer um social, você tenta passar que tá tudo bem. Ok? Se você estiver com muita raiva, ele, de olhar em você, ele vai saber?

Gustavo: Uhum. Vai.

Thiago: Exatamente isso. Existe coisas que não são ditas, Gustavo. Tem coisa que... são gritantes. Grita. Você não precisa verbalizar.

Gustavo: Então você sentiu que ela percebeu que você era bi pelo olhar entre vocês, você não chegou a dizer nada para ela?

Thiago: Não, não, não, não. Essa discussão ainda é velada, meu amigo. Calma. Calma. Vai matar o véio.

Gustavo: Mas ela também nunca deu a entender, assim, que sabe que você é bi. Ou você acha que ela já deu pistas que sabe?

Thiago: Ela sabe. Ela sabe. Sabe, sabe.

Gustavo: Por que você acha?

Thiago: Porque essa pessoa que me, essa pessoa que eu te contei, que até minha ex-esposa falou “ah, você tá comigo porque não sei o quê, por causa disso, por causa daquilo outro”, que eu falei “não, se eu quisesse, eu estaria na minha cidade, estaria até fazendo esforço nenhum”, essa pessoa, de certa forma... me procurava lá. Quando eu saí da cidade.

Gustavo: A pessoa te procurava?

Thiago: Me procurou.

Gustavo: Ah, então você acha que essa pessoa pode ter procurado por você, conversando com a sua irmã?

Thiago: Não com a minha irmã, a minha família sabe. Porque era o nome da pessoa, quando se falava no nome da pessoa, sabe aquele silêncio fúnebre? Eu sempre perguntava “e fulano?” “Não vamos conversar sobre isso, não vamos falar de assunto que só é desgraça”.

Gustavo: Eles falavam isso?

Thiago: Sim, eles falavam.

Gustavo: Então, de certa forma, o caso que você teve com esse cara foi meio que notório, assim, as pessoas sabiam.

Thiago: Os mais próximos. Os mais próximos. Os mais bem próximos. Porque nunca foi muito, assim, é... tranquilo, sabe? Livre. Não, num... há uma diferença. É cidade pequena, querido. Tipo isso daqui [gesticula com as mãos um sinal pequeno] vira, fica deste tamanho. Tudo ganha proporções.

Gustavo: Espalha pela boca pequena.

Thiago: Ah, demais.

Gustavo: Uhum. E você falou aí das formas um pouco... um pouco não, bastante pesadas e negativas que a sua ex-mulher às vezes relacionava em relação à sua bissexualidade, você

consegue trazer algum outro preconceito que você já tenha sofrido por ser bissexual? Ou mais específico ainda, ser um bissexual negro?

Thiago: Não. Não, porque, tipo, o que eu posso te dizer? É... na igreja teve uma situação há muito tempo atrás, assim. Teve uma vez que até eu tava me sentindo mal, porque eu tinha ido na minha cidade, tinha ficado com uma pessoa e tal, antes de casar e tal, lógico, né? Aí eu cheguei, contei, aí eu fui proibido de fazer o que eu já fazia, sabe? As minhas responsabilidades, as minhas atribuições. Eu era responsável por algumas coisas e aquilo me foi tirado como uma forma de correção, né? Eu não sou digno...

Gustavo: Dentro da igreja.

Thiago: Isso. Eu não sou digno de trabalhar com isto conta da minha condição e tal. Então...

Gustavo: Mas pra quem você levou isso dentro da igreja? Pro o pastor?

Thiago: Foi. Foi traumático, piá. Foi traumático. Depois de um tempo, eu conheci uma pessoa aqui, isso já aqui, aconteceu isso. Depois eu conheci uma guria aqui e esse episódio foi contado para a pessoa, para menina. E ela, tipo assim, ela nunca mais falou comigo. Não foi me dado o direito nem de explicar. Ela simplesmente falou “não, não quero falar com você”. Não é nem isso que ela falou. Falou “não, a gente, eu não quero e tal”. Foi bem traumático, sabe?

Gustavo: Mas você tava saindo com ela, você tava se relacionando com ela? Ou tava ainda naquela fase da paquera e tal?

Thiago: Não, a gente tava se conhecendo já. A gente se beijou. A gente, não era o quarto, quinto dia de encontro. Era já o décimo, um mês já que a gente se encontrava. Era bem linda, ela. Parecia aquela Mariana Gimenez. Linda, linda, linda. Com sardinha, assim, dos olhos claros. Linda, linda, a menina. Não me foi dado o direito. Ali eu já comecei a ter ódio, sabe?

Gustavo: E como que você reagiu nessas situações, né. Nessa situação da igreja e nessa situação dessa mulher que você tava conhecendo, aí? Como que foi que você reagiu? Como que você se sentiu?

Thiago: Na verdade, assim, sabe aquela coisa que você vai ligando os fatos, assim, com o passar do tempo? É... tinha aquela coisa que a gente tava se conhecendo e tal, e a gente já tinha, fazia já mais ou menos, um mês que a gente se encontrava, sabe? Que a gente se encontrava no centro de Curitiba, ia no Estação, tomar sorvete, foi quando eu descobri o tal do Burger King. [risos] Eu ia no Burger King, aí para se ver, sabe, para se ver, aquelas coisas de quando você tá se conhecendo. Cara, daí eu lembro como se fosse hoje, ali. Sabe a Praça Tiradentes? A gente se encontrou ali, ela tava estranha. Ela me ligou, ela tinha me ligado, ela falou “ai, a gente precisa conversar”. Eu falei assim “não, a gente não vai conversar”, aí ela “não, a gente precisa conversar”. Eu falei “tá bom”, só que eu tinha uma cantina, vou arrumar a cantina e depois eu vou. Aí tá. Falei “olha, não dá para a gente discutir agora.” “Não, eu quero conversar com você”, “ó, não dá pra gente discutir agora. Eu tô na cantina, preciso resolver isso aqui, depois eu vou”, e desliguei o telefone. Ok. Aí depois, eu fui grosso, né? Eu sei. Eu fui grosso. Mas depois eu liguei, pedi desculpa pra ela, falei assim “olha, preciso que você entenda, isso é minha forma de eu ganhar dinheiro, eu não tenho ninguém que posso fazer nada por mim, a forma que eu tenho que lidar, me organizar para poder pagar minhas coisas e tal. Então entenda o seguinte, quando eu tiver trabalhando, a gente não vai ficar discutindo para eu ficar nervoso e perder, porque eu cozinheiro. Então eu preciso estar sensível ao sabor das coisas” e tal. Eu expliquei. “Tá bom, então vamos conversar”, falei “vamos”. Aí eu vi que ela tava diferente. Pelo querer conversar, e depois quando a gente se encontrou. Porque geralmente, tipo, “não vamos, não quero te beijar”. “Tá bom não precisa me beijar. Posso te abraçar?” “Pode”. A gente não tinha abraço. Ali, parou o abraço, parou o beijo, parou algumas coisas, assim. “Ai, eu preciso falar com você”. “Então tá”. Eu não sei se é por conta do tabu que ainda é o assunto, né, principalmente dentro do meio religioso é um tabu, as pessoas não conseguem conversar, não conseguem ter um diálogo tranquilo e verdadeiro. Aí

eu falei “então fala”, aí ela “ai, não. Deixa pra lá”. Eu falei “não, fala! O que é que foi?” “Não, deixa para lá”. Isso não quer dizer que eu ia conseguir conversar tranquilo viu, Gustavo?! Porque, assim, hoje eu sou uma outra pessoa e tenho uma outra cabeça, eu tô mais maduro, 43 anos, então você começa a ver o que realmente vale à pena você gastar energia, o que não é, mas enfim, naquela época, naquele, não é tão longe, mas não sei qual que era o meu posicionamento naquela época. Se eu ia falar ou não. Mas enfim, eu não tive o direito de fazer essa escolha. Aí não foi... ela não falou. Tentei beijar, ela me parou, eu lembro como se fosse ontem. Colocou a mão no meu peito e falou “chega por aqui”, daí eu falei “cara, então me explica o que aconteceu. Foi por causa do telefonema?” “Não. Eu não quero mais falar com você”. Tranquilo. Aí eu fui começar a ligar as coisas depois, assim, perto do meu casamento. Aí eu tenho um amigo aqui, e ele veio conversar comigo. Ele falou assim “ai, sabe o que a mamãe, a mamãe me contou que fulana”, que é uma amiga minha, “falou para ela que você tinha ido na sua cidade e tinha ficado com um cara”. Falei “oi?” “É! A mamãe me contou, a mamãe contou e tal, para eu tomar cuidado com você”. Mas, cara, Deus é muito bom comigo. Eu tenho gente boa de amigo. Se eu te falar assim “ah, amigo”, eu vou te dizer, piá, pode dar merda, eu sei aonde eu vou porque os cara é parceiro. E esse cara foi muito parceiro meu. Ele chegou assim e falou “uma gurria falou para mamãe isso, isso, isso e isso. E que contou para aquela menina que você tava ficando”. E eu tava frequentando uma igreja. Aí eu lembro que nessa igreja, assim, o pastor ficou estranho comigo. Eu dormia na casa desse pastor, a gente tinha uma relação bem bacana. Aí ele ficou estranho, a esposa dele ficou estranha, e as filhas, que era muito amigas minhas, ficou muito, sabe? Assim, se afastaram mesmo. Tanto que essa gurria com quem eu me relacionava era amiga da filha dele. Aí eu liguei os fatos. falei “cara, se ela falou para a mãe do fulano, foi ela que falou na igreja.” E por isso que tudo aconteceu.

Gustavo: Isso não foi aqui em Curitiba, foi lá na sua cidade, em Minas?

Thiago: Aqui em Curitiba.

Gustavo: Mas como que ela tem contato de amigo seu de Minas, então?

Thiago: O que que tem os de Minas?

Gustavo: É porque assim, você falou...

Thiago: Não, isso é um outro amigo.

Gustavo: É um amigo daqui?

Thiago: Um amigo daqui.

Gustavo: Ah, tá. Que era da mesma igreja?

Thiago: Isso.

Gustavo: E quem vazou na igreja a informação de que você pode, de que você era bi?

Thiago: Foi o pastor, eu só contei pra ele. A confissão foi feita pra ele.

Gustavo: Ah, você contou pro pastor e o pastor contou para a menina que você ficava, que era da mesma igreja? É isso?

Thiago: Sim.

Gustavo: Ah, entendi. Entendi. Era tudo ali do mesmo círculo social, tudo da igreja.

Thiago: Sim, sim. Aí todo mundo fez aí ó pfff [gesticulando], vazou, e o piá me conta. Eu deduzi que foi isso.

Gustavo: Ah, é. Tem bastante chance de ter sido mesmo, né.

Thiago: Pois é.

Gustavo: E você acha é possível nomear desafios ou dificuldades específicos em ser um homem bissexual?

Thiago: Para mim, no meu caso, negro e que trabalho na educação, sim. Sou tarado, sou aproveitador, que é inadmissível um homem feito você ser isso, não pode, que desperdício, porque isso é errado e por aí vai. E por aí vai. A minha competência, a minha formação, o meu profissionalismo, assim... se bem que no local onde eu trabalho é diferenciado. Mas

ainda tem. Ainda ouço umas, ali de canto e tal, e tipo assim, eu já vi que uma vez um cara que é... que é claramente, assim, a pessoa, rola aquelas brincadeirinhas internas nojentas, sabe? Que você fica assim, tipo, você percebe, né? Imagina, percebe.

Gustavo: Mas que tipo de brincadeira? Não entendi. Um cara gay faz brincadeirinha sobre você?

Thiago: Não, o cara que se diz hétero, né, trouxa.

Gustavo: Ah, tá. O hétero fica fazendo piadinhas com você.

Thiago: Com os outros caras. Porque como eu não falo, ninguém sabe, né. Mas eu presencio. Um dia uma guria falou aqui que “ai, que não sei o quê, que desperdício” eu falei “cara, para com isso! Sabia que isso daí é homofóbico? Falar pro cara que o cara é desperdício. Não é desperdício. É o que ele quer. Desperdício é o que você tá fazendo com a tua fala, você tá desperdiçando só falando bobagem.” “Ai, agora é defensor dos oprimidos”, falei “não, cara, é para você perceber o outro como sujeito. É um direito dele! Ué. Não desvalida nada o que a gente precisa dele aqui, ele dá conta, e muito bem, por sinal. Não atrasa as coisas, faz tudo muito bem feito. O que muda o cara dormir com outro cara? Muda nada para mim. Levanto, como, lavo a cara, faço tudo a mesma coisa. Quando ele dormir e acordar com uma guria, é a mesma coisa.” Aí, quando você faz essas falas, porque eu faço essas falas, sabe, aí já vem “ihhh, não sei o quê”, “ihhh, não sei o quê”. Ai, caguei pra vocês.

Gustavo: Aí é esse tipo de comentário que o cara hétero fica insinuando sobre você, é isso?

Thiago: Isto. Só que assim, eu nem tanto. Eu nem tanto, né. Porque eu não relaciono com ninguém, não tô com ninguém e tal. Até então, se eu me envolver afetivamente com alguém, com um cara específico, por exemplo. Vai ser um deus nos acuda. Vou guardar o teu Skype e vou te falar “cara, tô namorando um cara. Você tem que...” vou gravar para você ver, é uns absurdos [risos].

Gustavo: E o outro lado da moeda agora, você acha que é possível trazer pontos positivos em ser um homem bissexual?

Thiago: Sim. Não estou preso a padrão [risos]. O lado positivo é isso. Eu não... livre. É livre. Eu consigo falar sobre isso, assim, questão de palavra, livre, liberdade, é... cara, é libertador, sabe? Conversar com você e falar sobre isso, é libertador. Esses dias eu fui no COAS. No COAS não, no COA, e fui conversar com o psicólogo, conversei com o psicólogo lá, fui fazer os exames de rotina, né. Eu conversando com o psicólogo, falei para ele “cara”, ali eu percebi, respondendo aquele questionário, que ele tava falando, falei “mano como que isso é libertador. Como é bom falar quem é você, que você existe e o problema é teu, da tua opinião. É um problema seu. A opinião é sua, não é minha”. É libertador. O ponto positivo que se vê é isso.

Gustavo: Você acha que essa desconstrução dos padrões geram um aumento da tua liberdade? Que a bissexualidade desconstrói padrões e que permite você ser mais livre, seria isso?

Thiago: Sim. Perfeitamente. Você descreveu perfeitamente. Exatamente isso. Isso, liberdade, padrão. Não é que eu quero infringir. Porque quando você fala assim “ah, não tem padrão”, soa aquela coisa meio que pejorativa, né, que você quer infringir as normas, as leis, essa coisa idiota que criaram. Eu não quero infringir nada. Você é, pô! Você vai fazer o que com a essência? Tá, você não gosta do sol, então fica dentro da sua casa, fecha a casa, mas você dá conta de tapar o sol? Você dá conta de segurar o movimento de rotação e translação? Você dá conta? Não dá conta! É o que tentam fazer com as pessoas. Querem colocar um padrão dentro do que a pessoa é. É a mesma coisa, pô, o cara é trans, é uma mulher trans. Cara, você tem ideia do que é matar a pessoa? Você quer matar a pessoa. Você quer matar. Você quer negar o direito dela ser quem ela é. Isso é crime. Isso é violência. A pessoa pode até viver, a pessoa pode até viver... vai viver não, vai sobreviver. Alguns aguentam, outros não. Hoje aí, depois agora, com isso tudo, com esse movimento que o mundo tá vivendo, você tá vendo aí

senhores, de seus 80, 79 anos, 69 daí, se assumindo quem são. E contando umas histórias escabrosas de sofrimento. Pessoas que viveram anos, décadas, sofrendo, escondendo quem é. E hoje, tipo, depois que a pessoa tem 10, 5 anos, 3 meses aí, de liberdade, morre. Aliviado.

Gustavo: Uhum. É verdade.

Thiago: É... aí você vai conversar com os loucos, eles falam “ah, mas tá quebrando padrão”. Pô, mas você não tá quebrando padrão nenhum não. O padrão que tá quebrando você. E tem um monte, viu, meu querido!? Vou te fazer uma denúncia aqui. Existe um monte lá dentro, que luta e se mata, que morre por conta disso.

Gustavo: Lá dentro onde, você se refere?

Thiago: Dentro da igreja. Eu tô falando o que eu vi. De onde eu sou, vou te dizer, vende um Cristo barato demais. Vende um Deus que não existe. Graças a Deus, eu quero ter oportunidade de ajudar um monte, que tem um monte lá dentro sofrendo. Se bem que agora tem um pessoal mais acordado, mais espertinho, que tá... se der mole, nós vamos viver novamente a inquisição, meu querido. Vão queimava as bruxas, agora vão queimar os viados, vão queimar os bis, vão queimar o povo. A caça às bruxas vai voltar agora em novo perfil.

Gustavo: É. Nunca deixou de existir, na realidade, esse tipo de perseguição, né.

Thiago: Não, não.

Gustavo: Mas cara, agora a gente encerrou aqui as perguntas do roteiro, a última pergunta que eu sempre faço, que não tá no roteiro formalmente, mas por hábito eu sempre tenho feito ela para os entrevistados é a seguinte: você... teve alguma coisa que você esperava que eu fosse perguntar e não abordei ou tem alguma coisa que você queira falar, mesmo que eu não tenho te perguntado?

Thiago: Não. Pra mim, tranquilo. A gente falou, eu acho que eu falei muito. Falei demais.

Gustavo: Mas isso é ótimo, não é ruim não.

Thiago: [risos]

Gustavo: É sim. Porque com essas... eu vou encerrar aqui a entrevista. Posso terminar aqui a gravação?

Thiago: Fica à vontade.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM RAFAEL

Entrevista realizada em 13/8/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Rafael (nome fictício) foi o sétimo entrevistado.

Gustavo: Então, Rafael, como eu tinha falado com você antes de começar aqui a gravação, todas as informações que possibilitem a sua qualificação pessoal, elas vão ser suprimidas na transcrição da entrevista, e essa transcrição da entrevista vai ser o documento que vai ser utilizado para elaboração do trabalho, né, para a elaboração da dissertação. O seu nome também vai ser alterado, para garantir a confidencialidade da fonte e eu queria começar a entrevista pedindo para você fazer uma apresentação ampla, genérica, de quem é você, quais foram eventualmente algumas experiências que foram marcantes na sua vida. Não precisa estar necessariamente relacionado com a sexualidade neste momento.

Rafael: Bom, sou Rafael, tenho 31 anos, moro em São Paulo, sou original de Curitiba. Hoje em dia eu sou diretor de uma empresa. Trabalho na mesma empresa há 9 anos, gosto muito do que eu faço, então sou bastante realizado no meu trabalho. É... coisas marcantes na minha vida, né, sem dúvidas foi ter uma juventude muito associada a justamente ao fato do meu irmão, ele tem uma visibilidade, então isso marcou muito a minha juventude. Eu perdi meu pai há cinco anos, que foi outro ponto, também, foi bastante marcante. E essa temporada em seguida, que eu perdi meu pai, eu terminei um relacionamento de muitos anos, que também foi um grande marco, assim, que fez depois eu tomar a decisão de voltar para o Brasil, porque eu morava fora, né. Fiquei 6 anos morando fora do Brasil. Enfim, gosto muito de cultura, de música, de arte, adoro um boteco... o que mais eu posso dizer? Acho que tá bastante ampla, né? Senão vou começar a ir para coisa muito específicas, mas... tenho uma mãe né, hoje em dia, um irmão. Me dou super bem com a minha família, a gente tem um relacionamento ótimo. E eu adoro pessoas. Acho que isso me resume bastante, eu sou uma pessoa bem de pessoas.

Gustavo: Ok. Deixa eu ver se eu entendi. A sua família hoje, então, você tem um irmão só...

Rafael: Tenho um irmão só.

Gustavo: E a sua mãe.

Rafael: E a minha mãe.

Gustavo: Esse relacionamento que você teve, foi fora do país ou foi enquanto você já tava morando aqui no Brasil, já tinha retornado?

Rafael: Foi fora do país. Foi quando eu morava fora. E foi meu primeiro relacionamento com um homem na vida. Eu tive muitas namoradas mulheres. Na minha juventude, a maior parte, ali, dos 18 aos... 18 a 21 anos eu namorei mulher. Então todo o período da faculdade eu namorei. Logo que eu me formei, eu fui embora e antes de eu... e nesse período, entre eu ir embora e eu me formar, eu tive um primeiro momento da vida que eu fiquei meio sem fazer nada, assim. Porque eu decidi sair do trabalho que eu tava para poder viajar e enquanto eu buscava vaga para ver aonde eu ia, eu comecei a trabalhar numa ONG, né, que é justamente uma ONG que fazia esses intercâmbios, essa ponte com outros países e eu trazia muita gente de fora. Então eu trabalhava também cuidando dos estrangeiros que vinham para Curitiba, mostrando Curitiba. A gente fazia um trabalho bem legal numa escola pública que se chamava *Waking Life*, que é até baseado num filme, um documentário que é...

Gustavo: É um dos meus favoritos, esse filme, inclusive.

Rafael: Ah, legal. Então a gente, justamente, bom, a gente fez um programa de... né, com base no *Waking Life*, mas principalmente trazendo estrangeiros para falar em escolas públicas em Curitiba sobre temas polêmicos, né, aqueles temas um pouco intocáveis, assim, que os adultos não querem conversar com os jovens. E a intenção era um pouco, justamente, trazer

uma pessoa de um outro contexto para debater sobre aquilo e mostrar como, né, independentemente de uma pessoa ser de outro lugar, ter uma outra origem, outra cultura, muitos desses os valores eram compartilhados no âmbito dessa visão. Então era bem interessante e eu fiquei nesse *gap*, fazendo isso. E durante esse período eu comecei a realmente falar que eu tinha que me encarar, né? Então, assim, eu já sabia há muito tempo que tinha alguma coisa ali acontecendo, só que, né, acho que a gente tem aquela reação de *putz*, eu vou conseguir controlar isso, eu vou conseguir ocultar, lidar com essa situação, mas esse ano me fazia muito refletir de que não, que eu tinha que realmente ser eu mesmo. Então eu comecei esse processo de autodescobrimento. E nesse processo, li muita coisa, li muita coisa e daí eu comecei a fazer terapia. E, assim, na segunda, terceira sessão de terapia já, esse tema meio que explodiu, então eu contei para a minha terapeuta. E foi a primeira pessoa que eu contei, assim. E naquela época eu não sabia nem o que dizer, que até hoje eu falo “meu, não sei nem o que dizer, assim, como me definir”. Mas o contar para ela disparou em mim toda essa... essas reflexões que eu fiz, eu consegui compensar tudo isso numa carta que eu fiz para as pessoas, né, para as pessoas próximas. Então cheguei uma noite e tal, falei “cara vou colocar tudo que eu penso, toda a minha linha de raciocínio para explicar quem eu sou, né, para as pessoas e falar também tudo o que eu penso sobre o tema e eu vou para a batalha mostrar para as pessoas o que eu quero mostrar”, né. Principalmente que nesse meio termo, ali, eu descobri mesmo que eu ia embora, então iam faltar dois meses para eu ir embora, eu falei “caramba, vou ter que contar antes de ir embora, porque daí qualquer coisa eu já vou embora também” [risos] “e faço a minha vida em outro lugar, né”.

Gustavo: Essa carta que você escreveu, ela foi motivada por essa conversa que você teve com a terapeuta?

Rafael: Não, não. Na verdade, ela foi meio que em paralelo a essa conversa com a terapeuta. Eu já convivía com muita gente LGBT, assim. Já tinha muito... tinha amigos próximos, acho que na verdade eu tinha mais amigas mulheres lésbicas do que amigos gays, porque né, você meio que não pode pode ser amigo de um gay, né. Se você é hétero. Mas eu convivía muito, porque nessa ONG que eu trabalhava, tinha muitos gays, muitos, assim. Realmente, acho que de todos os homens, era, 90% eram gays. E toda essa minha reflexão, né, me fez colocar tudo isso nessa carta, que na verdade é uma carta bem interessante, assim. Eu mostro até hoje ela para várias pessoas que eu quero explicar esse processo, por mais que já faz, né, 9 anos que eu escrevi ela, mas eu acho que ela ainda é muito adequada, assim, a explicar a minha linha de raciocínio pelo menos naquela época. Hoje em dia, eu vejo ela, eu acho ela um pouco exagerada. Porque eram muitas dores ali, né, que tava projetando na carta, aí. Tem uma compreensão um pouco mais clara e menos, assim, acho que menos doída de todo esse processo. Mas enfim, eu comecei a mostrar essa carta, daí antes de mostrar essa carta para alguém, eu fui visitar uma amiga minha, essa minha amiga que já tinha sido... bom, ela é bi, na verdade. Ela tinha tido uma namorada e daí eu fui passar uns dias com ela, viajar, e nesse dia eu falei “cara, essa vai ser a primeira pessoa eu vou contar, porque eu sei que essa minha amiga não vai me julgar” e foi bizarro, assim, porque eu não conseguia nem falar. Eu tava ali, naquela situação, daí escrevi no celular, assim, mostrei para ela, um clássico, né? Já vi várias pessoas falando isso. Mas escrevi no celular, mostrei para ela, daí foi muito legal. Na verdade, essa viagem, agora lembrando melhor, essa viagem foi o que me disparou a escrever essa carta. Porque ela... é, bom, ela era atriz naquela época, então ela morava no Rio, a gente teve uma semana ali, de imersão em várias coisas, vários debates, a gente viu umas peças de teatro, né, que aquilo, eu voltei viagem, assim, eu falei “cara, eu preciso colocar tudo isso para fora”. E daí eu voltei da viagem, eu escrevi a carta. E daí...

Gustavo: Algumas questões, aqui, que me vieram. A primeira delas, quantos anos você tinha nesse período que você conversou com a terapeuta, e daí, paralelo a isso, decidiu escrever essa carta, decidiu contar para essa sua amiga a tua orientação sexual? A segunda questão que

eu fiquei curioso em saber, é como que você inicialmente levou a sua sexualidade até a sessão de terapia? Como que você falou para terapeuta o que te afligia à época? E a terceira pergunta é... você escreveu isso como mensagem de texto no celular e apresentou para sua amiga porque você não conseguia verbalizar para ela? Você não conseguir falar para ela que você era bi?

Rafael: Não conseguia verbalizar. E naquela época, eu ainda... assim, a primeira... era uma confusão mental, ali, do que eu vou me assumir, né? Então eu me assumi como gay, naquele momento. Eu falei “não, eu sou gay” e só que não fazia sentido para mim falar que eu era gay. Então me custava muito falar isso. A primeira pergunta, eu tava... eu tinha 21 anos, eu tava, eu ia fazer 22, isso foi em 2011. Um mês antes de eu fazer 22, porque foi em junho de 2011 isso. É... porque eu contei para terapeuta? Porque eu decidi fazer terapia para contar para alguém. Porque eu queria falar com alguém sobre isso. Então, assim, eu fiz terapia com uma terapeuta que era especializada em constelação familiar e... assim, foi muito rápido o processo de eu contar, né, acho que na terceira, segunda ou terceira sessão. Ela me perguntou, na verdade. Ela falou “você é gay, Rafael?” Daí eu comecei a chorar. E comecei a chorar, tal, aquele momento emocionante, daí eu falei “ai e tal” e me abri...

Gustavo: Mas por que ela te fez essa pergunta? Porque para um terapeuta, é uma pergunta bastante incisiva, né, de certa forma. Logo na terceira sessão, eu diria até que é uma pergunta agressiva de um terapeuta a se fazer com um paciente, né?

Rafael: Totalmente! Totalmente! Assim, eu achei muito inadequada a pergunta, mas eu acho que também eu tava dando gestos de que eu queria que ela me perguntasse isso, talvez. Assim, se eu parar e refletir, as coisas que eu contava, as minhas preocupações, as minhas dores, talvez ela associasse a isso, mas eu achei, também, que ela não precisava perguntar, porque talvez não fosse, né, e imagina se não fosse. Então, realmente, enfim, como termina a história da terapeuta e associando ao tema de constelação familiar, eu contei e daí eu contei algumas coisas que estavam associadas na minha cabeça a isso. Que eu cresci com a história de que uma prima da minha mãe, que era lésbica, se jogou da caixa d'água, do interior do Paraná, que se jogou da caixa d'água da cidade porque era apaixonada por uma outra mulher e se matou. E um outro primo do meu pai, que era um super amigo dele, que morreu de aids na década de 80, que também era gay e morreu de aids. E eu contei essas coisas para ela, e na visão dela, ali, de constelação, ela virou para mim e falou “Rafael, eu acho que estas pessoas estão influenciando você e você talvez tenha uma tendência suicida”. E daí quando eu escutei aquilo, eu falei “meu, isso não faz nenhum sentido”. Tipo, não tem sentido. E daí eu parei de ir. Nunca mais fui. Na verdade, acho que eu fui mais uma vez só, para mostrar a carta para ela, porque daí eu mostrei a carta para ela, ela até pediu para publicar no blog dela e tal. E daí eu nunca mais fui. Porque justamente isso, eu não gostei da abordagem, não gostei da interpretação, acho que ela tava muito me direcionando para uma coisa que eu não acreditava. E isso também influenciou as coisas que eu coloquei na carta, porque eu não queria que as pessoas interpretassem de uma forma que não era, eu queria contar a minha história. Enfim, eu posso até ler a carta hoje aqui. Ela é bem grande, mas acho que vai demorar uns 20 minutos para eu ler, mas dá para ler.

Gustavo: Mas você tinha dito, respondendo à pergunta da terapeuta, que era gay? Ou que você tava confuso, que não sabia se definir muito bem?

Rafael: Só chorei. Só chorei, não respondi. Assim, eu só chorei e daí meio que ficou claro que era um problema, um nicho. Só que o que eu acho engraçado é que realmente a gente vive nesse mundo dual, em que ou você é hétero ou você é gay. Qualquer questionamento no meio, ali, é... “Ah não. É o processo. É o processo, não tá bem resolvido e tal”. Isso só fui entender depois, porque assim, na carta, a primeira versão que eu fiz dela, eu escrevi que era gay. Daí depois eu falei “mas não faz sentido”. Porque até nessa época eu saía com mulheres, ainda. E eu não tinha saído com um cara ainda. Assim, eu tinha tido algumas situações, ali, que eu

sabia que eu gostava, né, assim, enfim, situações que aconteceram, mas eu não tinha ficado com um cara de verdade. E tudo isso só aconteceu depois que eu escrevi a carta e mostrei para as pessoas. Eu só fiquei com o primeiro cara depois de todo esse processo. Então daí eu adaptei a carta e falei “cara, na real, vou falar para as pessoas que eu sou bi porque, assim, é a forma como eu acho que eu sou”. Só que, também, até hoje dá muita preguiça você falar que você é bi. Porque ou a pessoa te interpreta como indeciso, ou a pessoa te interpreta como promiscuo, tipo “ai, esse pega todas, esse pega geral”. É muito invalidado você ser bissexual. Ou você tem que gostar mais uma coisa do que da outra, né?! Assim, “ah, mas você gosta mais de um?” Aí você fala “cara, sei lá. Depende do dia, depende da pessoa, né?” E, enfim, acho que eu vou dar uns passos aqui no processo, mas no começo da minha vida no [país o qual Rafael fez intercâmbio e viveu por alguns anos], eu namorei uma mulher. E eu já tinha me assumido, eu cheguei lá assumido. Comecei a viver com um amigo meu, que se tornou um grande amigo meu, que é gay, e cheguei, assim, no primeiro dia que eu ia morar com ele, eu falei que eu ia... antes de me mudar mesmo, eu falei “olha, cara. Quero te dizer que eu curto pegar homem. Então se você também gostar, a gente pode explorar o mundo aí, juntos.” Daí a gente saía para festa junto e tal, e curtia. Foi bem legal esse processo, porque ele também não tinha certo ainda, assim, então a gente meio que se acompanhou nesse processo. Só que daí no meio desse processo, eu tava ali na festa, tal, pegando e comecei a namorar uma mulher. Então isso fez um corte ali na história e... e esse namoro me mostrou muito como eu ainda gostava de mulheres, que não era uma coisa assim, que tipo, tinha passado pro outro lado e já era. Porque eu tive um relacionamento super intenso e foi um dos relacionamentos mais bonitos que eu tive, assim, de muita... muita conexão, assim, realmente muita paz, acho que é a melhor palavra, um relacionamento de paz, que tudo fluía, a gente se dava super bem, a gente convivia todos os dias, porque a gente trabalhava juntos, enfim. Bom... não sei nem se eu respondi as três perguntas...

Gustavo: Respondeu. E com as respostas vieram outras perguntas, inclusive. Você falou que escreveu essa carta dois meses antes de sair do Brasil, e em linhas gerais, o que dizia essa carta e como que ela foi recebida pelas pessoas que você mostrou?

Rafael: A primeira etapa [risos], a primeira etapa da carta eu falo sobre... eu questiono muito, bom, eu entro questionando o tema das minorias e eu falo que eu me identificava sempre, desde pequeno, com minorias. Existe uma conexão, assim, de certa forma, e falando no geral, né, assim, eu sou uma pessoa de pessoas, como eu falei. E eu depois entro na parte de que a gente é forçado a ter certos gostos desde que você nasceu. Então você não pode brincar de boneca, você não pode cruzar a perna, você tem que fazer tal coisa, você tem que fazer tal coisa, você tem que gostar de tal coisa. E meu irmão ele era muito modelo do hétero normal e aquela coisa que as pessoas querem. Porque mesmo antes dele ter mais visibilidade, ele na escola já era o atleta da escola, o cara bonito que todo mundo sabia quem era. Então, assim, isso era muito estereótipo de como eu tinha que ser. Enfim, e daí eu entro nessa parte, questiono justamente isso, daí depois eu entro na parte de família e relacionamentos próximos que eu acho que a intimidade, ela tem um lado também negativo em que as pessoas, dentro dessa intimidade, sentem que elas podem definir como você tem que ser ou julgar como você tem que ser, né. Então acho que isso, principalmente para uma criança em formação, afeta muito a vida dela. E daí depois eu concluo, falo várias outras coisas, enfim, e daí entro numa parte de que eu não acredito em nada disso, que eu acho que as pessoas basicamente tem que ser o que elas são e falo, no final, né, me assumo e falo que se a pessoa me aceitar, eu tô aqui, a mesma pessoa, não mudei. E se ela não me aceitar, muito obrigado por participar da minha vida, mas eu não quero ter você na minha vida. É basicamente assim a carta. E daí eu mostrei isso para meus pais e minhas amigas mulheres mais próximas, mas eu não consegui mostrar para os meus amigos homens. Não deu tempo, assim, e eu tava com medo. Daí eu tive várias reações diferentes. Todas as reações me acolheram, todas as pessoas realmente me acolheram.

Minha família, assim, foi muito incrível. Eu tinha uma amiga que ela entrou um pouco em crise porque ela... a crise dela foi tipo “nossa, eu sou sua melhor amiga e como que você não me falou isso”, sabe, assim, “não te conheço, quem é você?”, essa coisa meio que questionando quem eu sou. Que naquela época eu meio que não levei tão bem, porque eu falei “porra, cara. Tô aqui no meio de um processo mó foda e você vem ainda questionar amizade, tá ligado?” Mas enfim...

Gustavo: [risos] E nessa carta você deixava em aberto a sua orientação sexual ou você já se colocava como bi?

Rafael: Algumas pessoas, a primeira versão eu escrevi que eu era gay e depois eu escrevi que eu era bi. Então eu não lembro qual que leu qual, mas assim, eu acho que a maior parte leu que eu era... talvez para as minhas amigas todas eu falei que eu era gay, porque outro problema que eu acho que você falar que é bi, é que é... eu achava que talvez algumas delas quisessem ficar comigo. Então queria cortar isso e falar “meu, quero só ser teu amigo”, tipo, só gosto de homem, meio que assim, afastar isso. Pros meus pais, os meus pais meio que, assim, só aceitaram, porque daí, quando eu me mudei, eu comecei a namorar uma mulher e tudo bem, daí a outra vez que eles foram me visitar, eu tava namorando um homem. E aí tudo bem, meio que... ficou, né, assim... nunca questionaram. Não marquei muito isso. Até hoje, assim, é meio que... sei lá, eu realmente não gosto muito dos rótulos, eu acho que é uma... te encaixa numa definição, ali, que é preconceituosa, porque a gente tem uma ideia de como aquele grupo deve ser, e eu não acho que eu sou isso, sabe? Hoje em dia eu acho que eu sou muito mais pansexual do que bissexual, por exemplo.

Gustavo: Nesse período que você fala que você escreveu a carta, que apresentou ela para as pessoas mais próximas, você disse que não apresentou ela para os seus amigos homens, mas que apresentou para sua família. Você falou também que o seu irmão, ele encarnava essa definição de como o homem deve ser. De ser atleta, de ser bonito, de ser pegador e tal. Você, nesse momento que se revelou para as pessoas mais próximas, você chegou a apresentar essa carta para ele também?

Rafael: Sim! Sim, sim. E meu irmão, cara, assim, é realmente genial. Ele me deu o maior apoio. Basicamente me apoiou, assim. Realmente não me julgou em nenhum momento e ao longo desses anos, é a pessoa que melhor soube lidar, assim, entre os homens que eu convivo, a ponto de a gente falar de outros homens e, assim, então, sabe, é uma situação bem normalizada esse fato, assim. Realmente, ele... e isso me ajudou muito, na verdade, nos aproximou muito, né. Porque eu, em todo esse processo, também nesses anos anteriores eu me afastei do meu irmão. Porque a gente é muito diferente. Particularmente, naquela época a gente ainda tinha contextos muito diferentes, então eu me afastei bastante dele e isso nos aproximou muito.

Gustavo: E seus pais tiveram essa mesma reação de acolhimento ou eles ficaram mais reticentes ou assustados com a carta?

Rafael: A minha mãe, ela se sentiu muito culpada. Ela ficou mal no começo, assim, ela com ela mesma.

Gustavo: Por quê?

Rafael: Porque ela se sentiu mal por ter me deixado tanto tempo sofrendo sozinho. Assim, essa é a leitura dela, de não ter visto isso antes ou pelo menos falado sobre isso antes. Porque ela já sabia, né? Sabia desde que eu era pequeno que alguma coisa rolava, mas acho que ela, como todo mundo, meio que você vai levando e não questiona muito. Então ela teve esse sentimento muito de culpa e depois foi de levantar a bandeira e até hoje, assim, ela super defende a causa e quer, assim, apoiar todo mundo e que até gerou uma situação chata porque depois ela começou a sair contar para família, assim, meio que para me defender, mas ela tomou o meu poder de fala e acabou contando para pessoas que não necessariamente eu queria contar. E meu pai, ele era muito da música, roqueiro, e daí ele me ligou e me falou

“filho, os meus ídolos eram também, então fica tranquilo”. Foi bem engraçado. E meu pai também me deu super apoio, só que meu pai, ele não conseguia falar muito sobre isso, assim, abertamente. Ele ainda tinha muito preconceito, talvez acho que ele também achava que era uma fase, não sei. Mas eu acho que para ele, ele foi, assim, ele me apoiou muito, mas ele mesmo aceitar a situação, acho que não deu tempo suficiente. Acho que realmente, enfim...

Gustavo: E voltando um pouco a trajetória da sua vida, como que você começou a perceber a sexualidade, de que forma ela se manifestou para você? Você, na adolescência ou na pré-adolescência, já se interessava por mais de um gênero ou nesse período você se interessava majoritariamente ou exclusivamente por um gênero só e depois que foi sendo construído o desejo por mais de um gênero? E o que passava pela sua cabeça durante esse período? Como que foi esse primeiro momento de desenvolvimento da sua sexualidade?

Rafael: Eu sei que eu tenho atração por homem e por mulher, mas acho que por mulher a tendência é meio que... às vezes você nem sabe, mas você já sabe, porque você tem a namoradinha da pré-escola, que meio que te obrigam a ter. Mas eu devia ter, na carta eu também falo sobre isso, com 5 anos, uma memória, assim, muito presente em mim, eu tinha uns 5 anos e eu peguei um vinil da Malhação [risos], daquela época e tinha um cara, um ator na capa e eu lembro de olhar esse cara e falar “nossa, que pessoa bonita, tal” e é um primeiro clique que eu tive de tipo “eu acho que eu tenho atração por homem”. E isso eu era muito novo. Depois, pouco a pouco, assim, crescendo, eu acho que na hora que eu realmente tive certeza disso, eu devia ter 11 anos, que tinha certeza que eu gostava dos dois, assim.

Gustavo: Nesse primeiro momento você teve essa percepção “nossa, eu gosto de homem” de uma forma ingênua? Porque, afinal de contas, você era uma criança, então você não tinha as construções sociais negativas que isso era errado, né, para boa parte da sociedade. Então você, durante esse período você ficou na sua e não levou isso pra outras pessoas ou você já tinha uma percepção de que isso não era bem visto e guardou para você?

Rafael: Eu na hora soube que eu tava errado. Na hora. Quando eu tive essa percepção, eu falei “isso tá errado e vou reprimir”.

Gustavo: E nesse período você também já tinha... sabia enxergar beleza, sabia que as mulheres também te atraíam, nesse primeiro momento foi o gatilho com homem e depois que você desenvolveu atração por mulher também?

Rafael: Não, eu acho que eu já tinha também atração para mulher, porque eu era assim na escola. Eu era apaixonado por uma menina toda a infância, assim. E eu também, pelo meu irmão ser mais velho, eu entendi o que era sexualidade muito cedo. Assim, eu tinha uns 8 anos e eu via Cine Privé com meu irmão e tava ligado no que tava acontecendo, assim. E eu tava, assim, na segunda, terceira série.

Gustavo: E ele tinha quantos anos nessa época? Qual que é a diferença de idade entre vocês?

Rafael: Tinha uns 10 anos, só que como meu irmão, todos os amigos, os amigos dele, eram irmãos mais novos que tinham irmãos mais velhos, que tinham 14 anos, né, vinha uma cadeia e eu era o mais novo de todos. Então eu fui muito precoce nessa... em tudo, assim, tanto é que eu fui muito precoce em tudo. Com 12 anos eu saía da escola, comprava cerveja e cigarro e ia atrás da igreja fumar e beber. Doze anos. Com 12 anos eu saía em Curitiba às 3 da manhã, fugia de casa, meus pais dormindo e ia andar de skate com os meus amigos na madrugada. Eu era bem sem noção. Mas eu já tava, eu já... acho que essa percepção de que tinha alguma coisa errada comigo, né, “errada”, entre aspas, me fez amadurecer muito cedo. Então eu com 10 anos eu já sabia que eu tinha que lidar com uma situação na vida e já refletia sobre como eu ia ter que lidar com essa situação da minha vida e, enfim, acho que realmente eu sempre tive muita consciência. Porque eu conheço muita gente que fala “ah não, tive consciência muito tempo depois, eu só percebi quando eu já era adulto”. Mas eu não. Eu, assim, tive muita consciência desde bem pequeno.

Gustavo: Mas de que forma que você lidava com essa situação com 10, 12 anos de idade? Porque é um período da nossa vida em que a gente não tem muito repertório para lidar com uma situação tão complexa quanto essa, ainda mais considerando a bissexualidade, toda a invisibilidade que a gente sabe que existe, o que passava pela tua cabeça nessa época?

Rafael: Essa época, entre os 10 e 12 anos, eu comecei a... em certas situações eu sofria um pouco de bullying, assim. De “ah, viadinho”, ou assim. Então essa época que eu comecei a sentir esse bullying, eu falei “eu vou ter que bloquear tudo isso” e tentei bloquear isso da minha vida, assim. Realmente é uma coisa que eu tentei fazer, de não pensar sobre isso e era tão forte em mim o pensamento de que eu tava fazendo uma coisa errada, quando eu tinha uns 10 anos, 10, 11 anos também, eu vi O Exorcista e eu fiquei traumatizado, totalmente traumatizado. Eu, por quê? Porque eu cheguei em casa e meu pai falou “é, essa história aconteceu de verdade”, e eu já tava morrendo de medo, daí meu pai, bem sem noção, virou para mim e falou “é, filho, essa história aconteceu com um menino nos Estados Unidos, é de verdade”, daí, meu, para quê? Ele me falou aquilo eu associei que eu, por estar fazendo uma coisa que era pecado, ia ser possuído pelo demônio. E eu tinha certeza disso, assim. Eu juro pra você, eu fiquei uns dois anos traumatizado, assim, de achar que eu ia ser possuído pelo demônio.

Gustavo: Mas nessa época precoce você não tinha contato com homem, com mulher, né? Você nunca tinha ficado com homem ou com mulher nessa idade, ou já tinha tido esse tipo de experiência? Por enquanto tava no campo da ideia, da atração.

Rafael: É, tava no campo da ideia. Assim, talvez pela de criança, alguma coisa ali... não, não sexual assim, nada sexual, realmente, sei lá. Entender que existe outra genitália ou né, assim, não era uma coisa... mas eu já entendia muito bem o que era sexo, isso sim. Com 10, 11 anos, eu já sabia muito bem o que era sexo.

Gustavo: E de fato quando que foi o seu primeiro contato sexual?

Rafael: Muito tempo depois, quando eu tinha já uns 16, 17 anos, 16 anos, com mulher. E enfim, adorei. [risos] E segui aquele caminho, falei “nossa, então vai ser mais fácil do que eu pensava, enganar, né?!” E por isso que eu namorei muito tempo, porque daí eu fiquei engatando em namoros diferentes, assim e... enfim, eu gosto de sexo, então acho que isso também facilitava a situação. Pra eu simplesmente bloquear a outra parte e focar que ali, também, eu tava tendo prazer. Mas uma coisa, uma segunda coisa que marcou muito, que também foi um disparador dessa... do processo depois de anos, é que minha última namorada mulher mais séria, que eu tinha uns 20 anos... é, deve ter sido tipo... por aí, ela era da Umbanda e a gente convivia muito com o pai de santo e uma vez aconteceu lá uma situação, tal, e daí ela terminou comigo. E daí ela terminou comigo porque o pai de santo disse que eu tinha traído ela. Só que eu não tinha traído ela. E aquele negócio, como eu acreditava que ele realmente tinha uma, né... era uma divindade, ali, eu falei “cara, esse cara me flagrou. Fodeu. Não posso mais me enganar”. Porque o mundo espiritual vai me tirar do armário. E daí depois de anos disso...

Gustavo: Mas você falou que não tinha traído ela, então como que ele poderia ter te flagrado?

Rafael: Esse é justamente o meu ponto! A minha interpretação de ele fazer essa afirmação foi que eu traía ela nos meus pensamentos, entendeu? Essa era a minha interpretação.

Gustavo: Ah tá. Então você interpretou que ele tinha feito uma leitura de você que percebia que você se atraía também por homem, que essa seria a traição no pensamento?

Rafael: Exato. Então eu, nesse ponto, eu falei “fodeu” e daí entre isso e eu me assumir, foi tipo um ano e meio, dois, quase... pouco menos de dois anos, assim, que nesse intervalo eu ainda saí com mulheres, bastante, assim. Mas eu sabia que eu não podia mais namorar uma mulher pelo menos até eu descobrir o que era isso, entendeu? O que tava me incomodando. Por isso que eu decidi ir embora.

Gustavo: Voltando só um pouco nessas primeiras experiências sexuais que você tinha falado, essa sua primeira vez com mulher, que você tinha dito que foi com 16, 17 anos, foi com alguma namorada sua? Foi com alguma menina que você encontrou casualmente?

Rafael: Foi com uma menina que eu ficava, que não era minha namorada, mas era uma menina que eu ficava mais frequente, assim. E ela não era virgem. Então, para mim, foi assim “nossa, tenho que demonstrar a minha capacidade”. Então foi assim. Foi bem... foi legal. Eu lembro bastante bem do dia, assim.

Gustavo: A sua a sua atração por mais de um gênero, pelo que eu percebi até agora, que você vem me falado, ela sempre foi concomitante, né? Foi realmente isso ou foi uma construção gradativa se atrair por mais de um gênero?

Rafael: Eu acho que ela sempre foi concomitante. É muito difícil também, hoje em dia, por exemplo, eu te dizer que eu me atraio por mulheres porque eu sou assim ou porque eu rompi a barreira e fui educado a isso e acabei gostando de mulheres, entendeu? Tipo, eu acho que desde pequeno você acaba... não sei, na verdade, assim, realmente, olha, não sei te dizer. Eu acho que as duas coisas sempre conviveram juntas. Eu não sei se as duas coisas sempre estiveram comigo, sabe? Eu nasci com as duas coisas, não sei.

Gustavo: Entendi. E hoje você considera que a sua atração ela é voltada para pessoas cisgênero somente ou você acha que a sua atração engloba também pessoas transgênero, identidades não-binárias?

Rafael: Eu acho que também a pessoas transgêneros e talvez não binários. Até a primeira vez que eu queria ter relacionamento com homem, isso foi bem antes da carta, ali, em alguns anos, em alguma situação, eu saí um dia bêbado duma festa, tal, e peguei uma travesti na rua e fui com ela, porque eu queria pegar num pinto. E esse foi o meu primeiro contato, assim, com esse mundo. Mas hoje, assim, se eu faço a leitura, eu realmente acho que eu consigo ter atração por um homem trans e eu consigo ter atração por uma mulher trans.

Gustavo: Nessa experiência que você encontrou a travesti na rua, como que ela reagiu à tua proposta?

Rafael: É, na verdade ela era uma prostituta, né, então... foi...[risos] que ela tava bem acostumada com esse tipo de situação. Então foi bem... foi bem legal, assim, porque na verdade eu sempre converso com as pessoas e daí a gente bateu o maior papo e foi legal, foi legal.

Gustavo: Mas vocês chegaram a transar?

Rafael: Não. Não. Ela só quem fez sexo oral no carro, assim, uma coisa bem... e só isso.

Gustavo: Entendi. E você falou, logo no comecinho da entrevista, que hoje você se considera mais pan do que bi, e a próxima pergunta vai nesse sentido. Como que você define a pansexualidade e no que ela se diferencia da bissexualidade, para você?

Rafael: Para mim, a bissexualidade, ela ainda tá muito atrelada a essa visão de mundo dual que a gente tem, que tudo tem que ser, né, ou A ou B, que sempre são dois opostos. Eu acho que existe muito mais no meio disso. Então para mim, não me definir como bi é eu também entender que eu não me limito ao que eu possa sentir atração. Eu realmente acho que eu posso sentir atração por quem me atrair, né? Então, assim, por isso que eu não acho que eu não gosto também do termo necessariamente bi, mas eu acho que tem muita gente que necessariamente é bi, né. Para mim, eu acho que ainda me encaixa em dois opostos que eu tenho que estar ali, entre essas duas coisas e não necessariamente no que me gera uma conexão de atração. Acho que vai além do sexo, do gênero.

Gustavo: É. Porque na verdade existem algumas definições do que é a bissexualidade, né. A perspectiva que eu tô trabalhando no meu trabalho não é de restringir a bissexualidade a homem e mulher. A perspectiva que eu tô adotando é trabalhar a bissexualidade como atração por mais de um gênero, aí inclui outras identidades também, tanto que a pergunta anterior foi justamente sobre este tópico. Ainda nessa seara de relacionamento por mais de um gênero,

quando foi que você passou a se relacionar afetiva ou sexualmente, ou afetiva e sexualmente por mais de um gênero?

Rafael: Enquanto eu vou responder, vou pegar uma cerveja. [levanta-se e vai em direção à cozinha, mas mantém a chamada, carregando o dispositivo em que estava conectado] Quando... mas, assim, quando eu percebi isso ou quando...?

Gustavo: Não, quando você, de fato, no seu caso, eu acho que foi com homem, né. Você, pelo que narrou, não teve nenhuma experiência com pessoas trans ou não binárias, é isso? Então acho que quando você teve a primeira experiência com um homem.

Rafael: Eu não tive experiência, realmente, com não-binários. Então se eu digo talvez, porque realmente eu acho que sim, assim. Mas não posso te afirmar realmente, porque não tive ainda. Eu acho que sem dúvidas me relacionar com homem quebrou muito a barreira na sexualidade no geral, né. Então o que é o sexo, o que é, é... os papéis que cada um joga no sexo, né, o que te dá tesão, eu acho que essa desconstrução sem dúvidas aconteceu por eu sair com homem, eu acho. Acho que a partir do momento que você também quebra a regra normal, do que é normal, você se permite muito mais se descobrir, né. E como não tem uma regra de como seguir, você meio que, eu, pelo menos, sempre fui muito de “ah, vou provar, vou ver como é”...

Gustavo: Trilha o próprio caminho.

Rafael: É. Trilho meu próprio caminho.

Gustavo: E quando e como que foi sua primeira experiência com homem?

Rafael: De eu transar realmente com homem?

Gustavo: Não necessariamente transar, pode ser a primeira vez que você ficou com um homem, a primeira vez que você beijou um homem. Se quiser também relatar a primeira vez que você transou com homem, fique à vontade.

Rafael: Depois que eu escrevi essa carta, eu falei “pô, vou ter que ficar com um cara, né, não é possível” e daí eu fui visitar meu irmão na cidade que ele morava, e daí, um dia, que era Floripa, e daí um dia eu falei “eu vou num bar, sozinho”. E daí fui num bar gay. Ele tava bem falido, assim. Tinha, sei lá, 10 pessoas e fiquei ali, meio perdido, nervoso, sem saber o que fazer. E daí um cara chegou em mim e daí eu falei “foda-se, vou ficar com ele”. E daí fiquei com o cara. Foi legal, assim. Não transei esse dia com ele, mas foi quando, né... você quer muito comer um doce e te dão um pote de sorvete, saiu ali, nossa, querendo, né?! E daí, bom isso aconteceu, daí eu voltei para Curitiba, daí uma dessas minhas amigas falou “cara, eu não acredito até agora nisso. Quero ver! Vamos sair.” Aí eu fui, daí a gente foi um dia no V.U., né, naquela época ainda, e daí ela me arranhou um cara lá, que eu acabei ficando e acabei indo para casa com ele, acabei transando com ele, tive a primeira relação com homem. Isso foi tipo duas semanas antes de eu me mudar, sei lá, duas, três semanas antes de eu me mudar. Então isso aconteceu e tal, processei e fui embora.

Gustavo: Portanto foi mais ou menos pouco depois de um mês de você ter apresentado a carta para as pessoas que você, que eram mais próximas de você.

Rafael: Uhum. Sim. E rolou muito esse questionamento, também. Algumas pessoas não acreditaram muito, no começo. Me apoiaram mas falaram “ah não, tá doidão”. Tipo, pirou. Enfim, processos. Eu não julgo ninguém porque eu acho que é difícil para todo mundo, né.

Gustavo: E depois dessa primeira experiência que você teve com homem, como você se sentiu? O que passou pela sua cabeça? Você ficou mais estabilizado ou isso te trouxe ainda mais dúvidas, no sentido de que te atraía de fato, se a tua história pregressa colaborava ou te confundia ainda mais, no teu relacionamento com mais de um gênero.

Rafael: Eu achei que eu era gay. Porque eu gostei tanto, que eu falei “nossa, vou ficar aqui”. Então assim, a minha primeira reação foi “nossa, eu sou gay”. Tô confundindo, né. E assim, eu acho que eu abracei essa ideia também para poder me encaixar, muito por isso, porque assim, bissexuais são muito julgados, né, então eu queria pertencer a algum grupo. Então,

assim, ninguém era bi. Ou era a galera hétero ou a galera gay. Falei “eu vou ter que me assumir como gay”. Então a primeira coisa que eu pensei foi “sou gay, vou me assumir assim”. E eu cheguei no [país o qual fez intercâmbio] assim. Eu cheguei lá falando “não, sou gay” e daí quando eu eu comecei a namorar a minha ex-namorada, a galera lá falou “nossa, tipo o cara até ontem ele tava falando que era gay, agora tá namorando aqui”. Então, realmente, todo mundo em volta de mim teve que ter bastante paciência, porque é difícil entender.

Gustavo: Mas essa conversa de que você era gay não chegou até sua namorada dessa época ou para ela você já tinha dito que era bi? Como é que foi? Porque a partir do momento que você se apresenta como gay...

Rafael: Não tinha chego pra ela.

Gustavo: Ah, essa conversa tava aqui no Brasil, não tava no [país do intercâmbio].

Rafael: Não, tava no [outro país] também, só que não com ela.

Gustavo: Era de um outro círculo social.

Rafael: É, foi assim: foi uma situação muito específica. Tudo começou porque numa festa a gente acabou ficando e eu tinha dois meses que eu tava no [país do intercâmbio], assim. E isso levou a gente a ficar mais vezes, mais vezes, e quando eu vi, eu já tava dentro do relacionamento, assim. Então eu não tive essa conversa com ela. E daí, depois que eu entrei num relacionamento, muito menos eu queria ter essa conversa, né. Pelo menos, assim, naquela época, não queria ter essa conversa. A gente tem essa crise de, né, homem ser frágil, se ele é assim, ou ele não é tão homem, tipo, todo esse julgamento que a gente se faz e que também, né, o meio nos faz. Então eu fiquei... não falei nada e a gente namorou uns... não namorou muito, a gente namorou pouco tempo, assim, porque ela foi embora, ela foi embora para o país dela. E daí ela foi embora, e daí eu voltei “ah, vou explorar de novo a vida gay”, com esse meu amigo que morava comigo. E daí nessa, uns 4 meses depois, eu conheci meu ex, me apaixonei e comecei a namorar um cara. E nisso que eu comecei a namorar, ela decidiu voltar para o [país] por mim. E volta. E daí ela volta, e daí, antes mesmo dela voltar, eu falei “olha, aconteceu uma coisa, que eu tô com alguém, tal, quero que você saiba desde já e tal”. Só que não falei quem era.

Gustavo: Ela era brasileira também?

Rafael: Não, ela era argentina. Daí ela voltou para lá, e tudo bem, né, assim, a gente convivia como amigos, mas fazia muito mal para ela, assim, né, não tá comigo. Até que chegou um ponto em que eu falei “cara, não dá mais”. Eu apresentei meu ex para ela como meu amigo, e daí eu falei “cara, não dá pra eu viver essa situação, assim, de ficar enganando, de ficar mentindo”.

Gustavo: Mas até então ela supunha que você tava com uma mulher?

Rafael: Ela supunha que eu tava com uma mulher.

Gustavo: E como ela reagiu quando você apresentou seu namorado, então namorado?

Rafael: Não, então. Primeiro eu apresentei ele como um amigo. Então ela já sabia quem ele era, mas ela sempre ela achava que era um amigo meu. Até que um dia eu peguei e falei “cara, vou ter que chamar ela para conversar”, chamei ela para conversar e falei “ó, quero te entregar uma carta” [risos]. E daí eu dei a carta pra ela e chorei pra caralho, fiquei super mal. E ela foi, assim, sensacional, me apoiou, me acolheu, a gente é muito amigo até hoje. E eu tenho muito carinho por ela, porque a gente teve um relacionamento muito bonito, e essa situação foi muito marcante para a vida dela também, porque depois disso acontecer, ela pediu demissão do trabalho e mudou de vida completamente. Decidiu ir, assim, atrás do sonho dela e hoje em dia ela tem um restaurante no Uruguai, porque daí ela saiu do trabalho, né. Então, assim, foi um ponto marcante também para vida dela, né? Porque ela era muito apaixonada por mim, assim, e foi bastante chocante, então ela teve que cortar mesmo esse

vínculo, me apoiar, mas chocada e a gente conseguiu manter uma super amizade, e eu senti esse acolhimento, que também foi muito bom para mim, pra eu ficar tranquilo, né?

Gustavo: Uhum. Quando você se revelou para essa sua ex-namorada, já estando em um relacionamento com um homem, nesse período você já se entendia como bissexual? Você já se aceitava como bissexual nessa época ou isso foi uma construção que foi feita posteriormente na tua vida?

Rafael: Eu me aceitava, porque eu falava para o meu ex, homem, que eu era bi, porque eu sentia atração por mulheres e ele morria de ciúme. Tipo, ele morria de ciúmes dela, por exemplo. Então eu já me identificava e assim, já era uma coisa que eu não me limitava, porque eu sabia que poderia acontecer. Tanto é, que depois aconteceu de novo, de uma forma diferente, mas aconteceu de novo, anos depois, quando eu terminei com ele, ainda no [exterior], acabei ficando com umas meninas e acabei ficando um pouco mais com uma e ela era, assim, meio nossa amiga, e um dia a gente foi para uma balada e quando ela vira para o lado, eu tava pegando um cara. Ela ficou em choque, né. Ela ficou totalmente em choque. E depois a gente voltou a ficar de novo, e tudo bem, e é isso. Eu...

Gustavo: Você acha que foi nesse período que você passou a compreender e aceitar sua própria bissexualidade?

Rafael: No período... em qual período?

Gustavo: Nesse período que você terminou com essa sua ex-namorada argentina e passou a se relacionar com o cara, enquanto você tava no [exterior]. Ou você acha que foi um pouco antes ou depois disso?

Rafael: Não, acho que foi nesse período, porque como eu falei, eu primeiro, né, quando eu fui para o [país do intercâmbio] e me assumi gay, e daí esse relacionamento me mostrou que eu ainda tinha atração e podia me relacionar com uma mulher, assim. Eu gostava de me relacionar com uma mulher, coisa que me preenchia. Então, tanto é que, assim, nunca traía ela com homem. Não ficava louco, assim, “ah, quero sair com um cara”. Não. Transava e tava feliz ali e tal. Então acho que esse relacionamento depois de me assumir foi o que me fez ver que não, eu realmente podia também gostar de mulher ainda.

Gustavo: Entendi. E você conhece outros caras que se identificam como bissexuais também ou que manifestam desejo por mais de um gênero, mas que não se identificam com o rótulo de bissexual, necessariamente?

Rafael: Não. Não me lembro. Mais mulher. Mulher conheço algumas mais. Mas homens... não conheço. Até... é engraçado, porque depois de tanto tempo, realmente, eu me sinto fora dum grupo. Porque eu não me encaixo entre os gays, por mais que, assim, eu tenha muito amigo gay e tal, mas é... não me sinto totalmente incluído. Eu não me sinto, também, nos héteros. E eu não conheço gente bi. Então eu acho que isso traz um pouco de falta de representatividade, assim, sabe, de identificação com um grupo específico que possa compartilhar essas mesmas coisas. E justamente por isso que eu topei essa entrevista [risos].

Gustavo: Legal.

Rafael: Eu acho importante a gente falar sobre isso, cara.

Gustavo: Uhum. Você falou dessa ausência de representatividade que... existe esse binarismo entre gay e hétero, os grupos gays, os grupos de héteros. Você acha que já teve situações em que você teve que se invalidar para ser aceito por gay ou por hétero?

Rafael: A maior parte das vezes. A maior parte. Assim, é muito raro eu me assumir bi e as pessoas falarem “ah, beleza”. É muito raro. Muito raro. A maior parte julga. A maior parte, certeza. Todo mundo, assim, meio que me toma como gay, porque você não pode falar que você é bi. Você é gay. Eu tenho obviamente amigos que reconhecem isso, mas assim, a maior parte das pessoas eu acho que não entendem, não me reconhecem. Com exceção dessas pessoas que conviveram perto de mim e viram tudo isso, essas histórias que eu tô te contando. Porque várias pessoas viram isso tudo acontecer. Essas são as pessoas que eu sinto que mais

entendem, que validam esse... reforçam isso. Mas o resto, assim, eu nem me assumo. Se eu vou me assumir para alguém, assim, raramente eu vou falar “ah, eu sou bi”. Porque, na verdade, eu vou falar “ah, eu também gosto de homem” ou, né, sei lá, falo de uma coisa... porque, infelizmente, ainda somos julgados.

Gustavo: E você acha que esse tipo de invalidação acontece também com mulheres que se revelam bissexuais?

Rafael: Com certeza que não. Para as mulheres, isso aí é bem visto, né, você ser uma mulher bissexual, você é bem resolvida com a tua sexualidade, o que é totalmente o contrário que fazem com os homens. Então você ser mulher bi, é você é livre, você pode sair com quem você quiser. E o homem ser bi é não. Não pode ser, ele é confundido, ele é gay. Então acho que com certeza são duas abordagens, duas visões muito diferentes.

Gustavo: E na sua experiência de bissexualidade, você, pelo que eu entendi, não tem uma conformação de atração específica por um gênero. Por exemplo, eu sou bi, mas a minha orientação afetiva é mais voltada para mulheres, muito embora sexualmente é diversificado entre homem e mulher. Para você acontece isso de forma similar ou para você prefere se relacionar afetivamente com homem e transar com homem e mulher? Ou não existe essa categorização, esse tipo de distinção?

Rafael: É... eu acho que eu tenho uma maior preferência afetiva a mulheres. Eu sou muito mais, tenho muito mais mulheres ao redor de mim, assim, na minha vida, sempre tive. E eu gosto de relacionamento com mulher, eu acho que eu gosto do relacionamento, assim. Realmente... não sei. Por isso que eu acho difícil dizer, porque ao mesmo tempo que tô te dizendo isso, eu tive um relacionamento com um homem muito legal, também, e que me quebrou muito essa ideia de que eu não podia ter um relacionamento afetivo legal com homem. Então é difícil eu afirmar se um dos dois, mas eu acho que, assim, eu me dou muito melhor com mulheres, sem dúvidas. Então acho que consequentemente, é... eu sou voltado um pouco mais afetivamente pras mulheres. Mas eu acho que também eu posso ter bastante afeto por homens. E na parte sexual, depende. Acho que depende um pouco de como você tá, né. Que prazer você quer ter, que papel você quer jogar, né, acho que sei lá. O que eu acho melhor com homens, sexualmente, é que é mais fácil, mais desapegado e eu acho que com mulheres tem uma maior... maior desenvolvimento, ali, da situação até você ter a relação sexual. E eu acho que também outra barreira minha é eu ser julgado pela mulher, se ela souber que eu sou bi, também. Eu acho que é um preconceito que eu tenho, em achar que, né, assim, mulher vai me julgar ou vai me ver menos homem, o que me faz buscar menos mulheres mesmo. Então assim, hoje eu busco mais homens. Porque eu acho que se eu chegar em uma mulher e falar isso, ela não vai entender, entendeu, não vai aceitar.

Gustavo: Isso vem bem coadunado com a próxima pergunta que eu tenho para trabalhar aqui na nossa entrevista, anotado no roteiro, que é se você consegue perceber em você formas diferentes de se portar em relação aos diferentes gêneros.

Rafael: É... em relações afetivas ou no geral?

Gustavo: Pode ser em relações afetivas, em relações casuais, em relações de amizade, o que você percebe de diferença ou igualdade, né.

Rafael: Ah, eu acho bastante diferente. Acho bastante diferente. Eu acho que, é... o homem, ele é... realmente mais agressivo, mais... até diria mais tóxico entre eles, né? Entre os homens com os homens, acho que as coisas são muito tóxicas, assim, de validar o outro e ser cuzão, assim, a qualquer custo e não ter um cuidado no trato, né. Eu acho que, uma coisa que na comunidade gay, no geral, me frustra muito, é essa... esse julgamento que todo mundo faz entre todo mundo e como você tem que ser, ou como você tem que se ver ou como... que eu acho que é, assim, exatamente o que a gente não queria que acontecesse, né? Eu acho que acontece mais ainda na comunidade gay do que fora dela. E eu acho que as mulheres, elas são mais sensíveis, eu gosto de pessoas mais sensíveis. Então são outros tipos de conversa que

você pode ter, que eu acho que são mais conversas de alma mesmo, que normalmente com homem possa ser mais superficial, né. Se bem que, assim, eu tenho bastante... assim, acho que os homens, eu tô falando no geral, né, eu acho que claro que sempre tem pessoas que você tem essa conexão, mas eu acho que no geral se relacionar com mulheres gera uma maior conexão e com homem é uma coisa ainda muito competitiva e agressiva e não é, acho que sei lá, gente os homens são uns filhos da puta, essa é a realidade.[risos]

Gustavo: E quando tem algum interesse afetivo-sexual, você consegue perceber mudanças de comportamento em relação à abordagem, em relação à trejeitos, em relação ao modo de falar ou basicamente é o mesmo?

Rafael: Eu não. Eu basicamente sou igual. Palavras específicas ou piadas internas que você vai falar com alguém que vai entender, né, então você vai falar com uma mulher ou com um amigo gay, palavras, né, do universo LGBT, que você vai falar para um homem e ele não vai entender, mas se você tá falando dentro dos dois universos, se eu tô falando com um homem gay ou uma mulher, eu acho que não, eu acho que eu me comporto exatamente igual.

Gustavo: E de que maneira você acredita que ser homem interfere na sua orientação sexual?

Rafael: Eu acho que ela é bastante, né? Eu acho que ela principalmente te faz ser apegado aos valores do que é um homem e o que ele representa, né?

Gustavo: Para você quais valores são esses?

Rafael: Aquele cara que não falha, que é forte, que é másculo, é a pessoa que tem o controle da situação, que não falha, que não tem delicadezas e sutilezas. Eu acho que isso é a cultura masculina, no geral é assim. Claro que a gente vem numa batalha de tirar essa cultura tóxica, né, que é a masculinidade no geral, então acho que tem muito homem que não é assim. Mas acho que no geral a gente é muito cobrado por representar aquela figura de homem. E claro que sim, influencia. Sempre me influenciou. Ser menos feminino, buscar menos o lado feminino, explorar menos meu lado feminino.

Gustavo: A próxima pergunta que tem anotado aqui, para gente encaminhar já para o último grupo de questões que eu tenho aqui anotado, diz respeito ao papel da orientação sexual na sua vida, né? Qual que é o papel da orientação sexual para sua identidade? Ela é um aspecto importante ou você acha que ela é secundária em relação à visão que você tem de você mesmo?

Rafael: Eu acho que ela é muito relevante, mas eu não sou aberto 100% com todo mundo. Não sou uma pessoa assumida para o mundo. No meu trabalho eu não sou assumido, por exemplo, assim. Então eu acho que ela me representa muito e eu não mudo minha forma de ser, na maior parte das vezes, por isso. Mas, por outro lado, claro que... ainda, né... acho que eu ainda me reprimo muito em vários sentidos, por conta disso. Mas é uma coisa que, assim, é muito claro em mim, como principalmente quem convive, né, mais próximo de mim, me reconhece muito por isso, né, pela minha forma de ser, pela minha orientação sexual.

Gustavo: Você acha que essa forma mais reservada de se portar em relação à sexualidade em alguns ambientes como, por exemplo, o que você tinha mencionado aí, o trabalho, tem algum custo psicológico ou emocional para você?

Rafael: Sempre tem, né. Mas eu acho que, assim... eu sinto que tem menos do que eu ser 100% aberto. Pela posição que eu ocupo. Se eu ocupasse uma outra posição, eu acho que eu ia me sentir mais livre para realmente me assumir. Mas como é, assim, eu tenho uma posição de liderança, de muita visibilidade, porque eu sou da área comercial, então atendo muito cliente e infelizmente, né, a gente ainda vive num mundo que você é julgado por isso, então é mais uma forma de proteção que eu tenho, para não ficar pior, entendeu? Para eu não me sentir, é... prejudicado de alguma forma por conta disso. Porque assim, eu consigo separar muito bem as duas coisas da minha vida. Tem pessoas que são mais próximas de mim no trabalho que sim, sabem. Eu falo sobre qualquer tema, não é que eu sou uma pessoa, né, que mente sobre coisas, assim. Eu oculto coisas da minha vida, mas também não é uma coisa que eu mude de

opinião ou fale coisas que não normalmente não falaria. Então acho que, assim, ela tem um custo, como sempre, mas eu acho que talvez pela posição que eu ocupo, ela ia ter um custo maior se eu fosse totalmente aberto. E é muito como percepção, né.

Gustavo: E é curioso você pontuar que tem essa... internaliza essa pressão de ocultar essa sua orientação sexual, ainda que ocupe um cargo de liderança. Porque é curioso, que chama a atenção, é que com os cargos de liderança, também vem mais poder. Então, eventualmente, daria para se pensar, bom, já que agora eu já tô estabelecido na minha carreira, já que agora eu tô num patamar de prestígio, eu poderia ter essa abertura de expor mais a minha pessoa, né? Você acha que existe muito contato entre as pessoas que trabalham aí com você com os clientes que você tem contato?

Rafael: Assim, na verdade, se eu namorasse, hoje em dia, eu falaria. Eu não falo, hoje em dia, porque eu sou solteiro. Então, assim, não tem uma razão para falar. Não tem porquê ficar falando com as pessoas que eu transei ontem com um cara, entendeu? Então, eu, quando eu falo que eu não mudo meu comportamento, eu no meu trabalho, por exemplo, a gente fala sobre pauta LGBT, faz entregas sobre isso, uma das coisas que eu trabalho é com o mundo de beleza, que é cosmético, tratamento, perfume. Assim, é uma categoria que mesmo não me assumindo, as pessoas acham que eu sou gay, né, com certeza. Porque, assim, falo de maquiagem. Então, e isso é uma coisa que eu já superei, assim. Eu não tô nem aí. Na verdade, eu acho que a maior parte das pessoas devem achar que eu sou... por isso eu não me preocuparia tanto em me assumir. Mas por outro lado, eu também sou uma pessoa reservada, assim. Não gosto de falar muito sobre a minha intimidade para pessoas que eu não quero falar. Eu acho que é muito, também, um trauma dessa visibilidade que eu carrego desde menor, nesse negócio do meu irmão, de não querer ser visível, né. Não querer, assim, chamar a atenção.

Gustavo: Entendi. A gente tinha falado antes na entrevista que você fez a sua orientação para as pessoas mais próximas através da carta, né? Você disse que tinha feito duas versões da carta. O que te motivou a escrever uma segunda versão dessa carta? Quanto tempo levou para você escrever essa segunda versão?

Rafael: Na verdade, a única coisa que eu mudei, é que eu mudei a palavra gay por bi. A única coisa que eu fiz.

Gustavo: E quanto tempo levou para você fazer essa mudança entre a primeira versão e a segunda?

Rafael: Ah, acho que poucos meses. Não, mentira. Não foram poucos meses, na verdade. Agora lembrando, foi depois que eu namorei a argentina, que eu fiz essa mudança. Então foi um ano depois.

Gustavo: Mas nesse período as pessoas que importavam para você já tinham recebido a carta, não?

Rafael: É, mas elas tinham recebido como gay.

Gustavo: Aí você fez um outro encaminhamento, com a errata, ali, só “onde lê-se”...

Rafael: Praticamente, praticamente. É que na verdade todas essas pessoas depois eu tive que falar isso “estou namorando uma mulher”, né? Eles deviam falar “como assim? Você acabou de entregar uma carta falando que é gay”. Falei “então, quero fazer uma errata aqui” [risos] “e não é bem assim”. E daí as próximas, daí depois que isso aconteceu, eu comecei a contar para os meus amigos homens. E o mais engraçado é que o meu melhor amigo, até então hétero, se assumiu gay. [risos] Então ele foi para o [país do intercâmbio] me visitar, eu já tinha contado para ele, ele não tinha me falado nada, daí ele foi pra lá me visitar, se assumiu lá, e ficou morando lá dois anos. Eu até arranjei um namorado para ele lá, ele casou e hoje em dia, até hoje é casado há anos. Então isso foi muito bom para mim, porque daí dentro do meu grupo de amigos homens, dois se assumiram, né? E foi choque no começo, porque a galera realmente ficou, né, bastante... não esperava.

Gustavo: Você acha que a sua revelação, de certa forma, pavimentou o caminho para esse seu amigo se revelar posteriormente também?

Rafael: Com certeza! Com certeza. Ele é filho de militar, de um contexto muito mais repressor, né? Ele foi me visitar justamente para se libertar. Por isso que eu falei “cara, fique aqui, não vai voltar”. Daí ajudei ele pra ele conseguir continuar ficar lá e acabou ficando. Então, sem dúvidas, ajudou muito a pavimentar esse caminho para ele.

Gustavo: E ele também foi um dos que recebeu a carta quando você decidiu contar para os amigos homens? Ou você não apresentou a carta e contou verbalmente?

Rafael: Não, foi o primeiro.

Gustavo: Por que ele foi o primeiro?

Rafael: Porque ele era um amigo meu de mais tempo, mais próximo mesmo.

Gustavo: Uhum. E qual foi a reação dele?

Rafael: Cara, na hora ele me apoiou e ficou nisso, assim. Não fez um grande caso sobre isso, sabe? E como eu morava fora, eu entreguei pra ele por internet, mandei um e-mail e naquela época não tinha muito bem, não tinha nem WhatsApp, acho. Então não era, assim, que a gente estava tão conectado. Então rolou ali de bater um papo, tal, tranquilo, e um ano depois ele falou “ah, tô indo te visitar”. Ele foi lá, tal, ficou até umas semanas morando lá comigo eu achando estranho, né, até um dia que um menino lá, que morava na rua, falou “meu, tá o cara aqui em casa”. Aí eu falei “ihhh”, e daí nessa eu puxei ele para conversar.

Gustavo: Mas aí que ele te revelou que ele era gay.

Rafael: Foi aí que ele me revelou que era gay.

Gustavo: E em relação aos...

Rafael: A gente é amigo desde que a gente tem oito anos.

Gustavo: É, uma amizade bastante longeva. Esses outros amigos homens que você entregou a carta, como eles reagiram? Ou mandou e-mail, né, não sei como é que você contou pra esses outros caras.

Rafael: A maior parte deles reagiu super bem, assim, apoio completo. Claro que eles devem ter passado pelo processo deles, ali, mas assim, comigo reagiram muito bem. Um deles não lidou muito bem com a situação, e é o que eu me afastei hoje em dia, assim, que é um grande amigo meu, assim, por muito tempo ele tentou aguentar a situação ali, mas acho que realmente ele percebeu que ele não ia conseguir aceitar, aí naturalmente a gente foi meio que se afastando.

Gustavo: Qual que foi a reação que ele teve?

Rafael: É difícil diz... assim, a reação no momento? No momento foi de “apoio, te apoio”. Assim, a pessoa... até porque eu tenho um grupo de amigos que não, que assim, não é o homem hétero tradicional, assim. A gente tem mais papos sensíveis, mais outro tipo de papo, assim. Então acho que dentro disso, e como os outros também já tinham aceito e defendido, ele meio que se viu obrigado a fazer isso também. E acho que ele conseguiu aguentar fazer isso por um tempo, até que ele percebeu que ele, acho, que não conseguia aceitar essa situação e conviver com isso normalmente e... se afastou.

Gustavo: Entendi. Você tinha falado, lá no começo da entrevista, que quando você se revelou bi para sua mãe, ela se tornou super engajada e defendeu a causa, inclusive chegou a falar da tua orientação sexual para familiares que você naturalmente não falaria. Quais grupos que você tem mais facilidade pra revelar tua orientação e quais que você tem mais dificuldade? Qual o critério que você usa para se abrir em relação à sua vida afetivo-sexual, quais grupos que você deliberadamente escolhe não falar da tua orientação sexual?

Rafael: No geral, mulheres.

Gustavo: Falar ou não falar?

Rafael: Falar. A maior parte é... me sinto muito mais tranquilo em conversar com isso com mulheres. Eu tenho muitas primas, eu tenho uma família com muitas mulheres, então eu tive

muito apoio das minhas primas, assim. Eu tenho primos, também, que me deram muito apoio também, mas o homem, ele não consegue falar sobre isso, né? Ainda é muito, por exemplo, com a mulher você pode falar “ah, ontem eu saí com um cara e tal”, contar uma história assim. Com um cara, ele fica meio que sem jeito, uma coisa meio... que deixa ele desconfortável, então é mais difícil, é uma coisa que você tem que levar um pouco mais pouco a pouco, né? Porque eles mesmos não sabem como agir, eles se sentem incômodos, o que é uma palhaçada, né, mas infelizmente estamos aqui para mudar essa percepção. E daí, indo para um grupo pouco mais objetivo, os valores da pessoa, no geral, assim, as percepções de vida que ela defende, valores, então, eu sei que uma pessoa ela já é preconceituosa, racista, ela muito provavelmente vai ser homofóbica e daí não tem porque contar. Não é que eu vou me relacionar menos com essa pessoa, mas eu pra que eu vou contar? E também deixar uma situação desconfortável, a pessoa mesmo não sabe lidar com isso. Acho que, enfim, às vezes eu me privo de ter essa conversa porque ela é desnecessária para mim, entendeu? Ela não vai mudar nada para mim. E para a pessoa vai mudar. Porque a pessoa não entende, então...

Gustavo: Foi isso que te incomodou quando sua mãe contou para outras pessoas da família da tua orientação sexual?

Rafael: Não, o que me incomodou na minha mãe, na verdade, foi ela tirar o meu momento de falar. E ela tava no afã de me defender, de falar para alguns tios ou, sabe, falar pras pessoas.

Gustavo: Mas não era nada contra a ciência dos tios a tua orientação? Ou dessas outras pessoas da sua família que ela contou. Ou era?

Rafael: Como assim?

Gustavo: Você não tinha nada contra essas pessoas da sua família, que sua mãe contou...

Rafael: Não, não. Mas assim, tem tios que eu não sou tão próximo. Ele não precisa saber. Eu mal falo. Tipo, vejo ali na coisa da família, tipo... por que o cara tem que saber?

Gustavo: Uhum. Você não precisa subir num palanque para falar que é bi.

Rafael: É. Se acontecer um momento que eu tiver a fim de falar, eu vou lá e falo. Mas assim, enquanto isso, porque você vai lá e leva, e principalmente porque eu fiquei muito puto com a minha mãe é que ela levou a minha carta. Não foi lá e falou. Mostrou uma coisa que era uma coisa muito íntima para pessoas que não eram tão íntimas minhas. Então isso me incomodou muito, porque eu falei “cara, essa pessoa ela mal me conhece e ela entrou no meu interior, lá, no lugar que eu mostrei muito seletivamente”, né?

Gustavo: Uhum. Foi uma exposição desnecessária, no teu ponto de vista?

Rafael: Uhum.

Gustavo: E você já sofreu preconceito por ser bissexual?

Rafael: Sim, que é o que eu te falei, que ninguém aceita, né? A maior parte das pessoas não aceitam. Mas assim, preconceito mais... não, assim, uma vez, preconceito de uma pessoa X, preconceito de uma pessoa, assim, que eu não conheço, são preconceitos de pessoas que estão te invalidando, acho que é uma coisa comum. Pessoas próximas tuas fazem isso, muitas vezes. Mas uma vez aconteceu uma situação em que eu tava, é... ficando com dois caras, assim, ao mesmo tempo. Homens. No carnaval, no meio da chuva. Daí a gente parou num boteco, e o boteco tava cheio de mesa, e a gente tava ali, os três se pegando. Nossa, uma galera de uma mesa ficou no horror, começou a nos xingar e tal, e daí a mesa do lado começou a nos defender e começou uma batalha ali. [risos] E daí foi muito engraçado, porque foi um primeiro momento, assim, por um lado esse preconceito, assim, bem gritante em mim, assim, e também o outro lado, que eu fiquei muito feliz, de que pô, aí tá, ó. Tem gente que realmente defende. Vale à pena.

Gustavo: Você falou que enquanto o preconceito mais perceptível para você são as invalidações. Tem alguma situação específica de invalidação que tenha te marcado mais? Ou que se reitere com maior frequência?

Rafael: O que acontece com mais frequência é se eu falo para alguém “tô afim de pegar uma mulher”, a pessoa, assim, por exemplo, esses dias, no grupo dos meus amigos, eu falei “então, tô a fim de ficar com uma mulher”. E a galera meio que, assim... ficou um silêncio assim, sabe? Uma situação de que... então acho que as pessoas não lidam muito bem com a situação e elas meio que não falam nada, mas não falar nada é também demonstrar que ela não entende ainda, por completo, a situação. Acho que são situações muito... acho que são momentos muito sutis que isso acontece. Hoje em dia, pelo menos com as pessoas próximas. Porque é isso que eu tô te falando, só falo isso para pessoas, né, que eu tenho confiança, que eu gosto. Então, assim, realmente tem momentos mais sutis. Porém ao longo dos anos, que já faz nove anos, acho que a grande parte já entende e fala isso. As pessoas brincam que eu vou casar com uma mulher, que eu acho que pode acontecer mesmo. Mas não sei, enfim, acho que... sei lá. Não sei, não lembro de alguma situação particular.

Gustavo: E você acha que ser um homem bissexual tem algum tipo de desafio que seja específico?

Rafael: Eu acho é esse. Esse... se mostrar real, né, sabe, mostrar que a gente existe, é normal, que a gente não tá num processo, que a gente vai terminar aqui mesmo. Eu acho que essa luta pela identidade, ela é diferente para os bissexuais e ela tem que ser, tem que existir. Então acho que nesse sentido a gente ainda vive num limbo, ali, dentro dos movimentos, que não necessariamente a nossa pauta ela é a pauta.

Gustavo: E agora, por outro vértice, você acha que é possível nomear alguns ou algum ponto positivo específico na bissexualidade masculina?

Rafael: Ah, eu amo! Eu acho que sim, com certeza. Você não ser limitado e você amar o mundo e as pessoas e... acho isso muito positivo. Eu acho que também, e não que eu ache isso, acho que assim, no contexto que a gente vive, isso acaba sendo positivo, mas óbvio que no mundo ideal isso não deveria ser, é... a gente consegue flutuar mais nos diferentes grupos, acho que flutua, ali, entre grupos diferentes e... ao mesmo tempo tá um pouco ok, né, porque você não se destaca dentro de uma coisa específica. É... acho que essas duas condições são, assim, realmente... eu gosto de ser bi. Eu acho que eu... acho que realmente a maior parte do mundo deveria ser bi. Ser mais livre, assim, pra amar e pra transar com quem for.

Gustavo: Legal. Então, Rafael, com isso a gente encerra as perguntas que eu tinha estabelecido aqui no roteiro. De praxe, eu faço sempre uma última pergunta, que muito embora ela não esteja, aqui, formalmente no roteiro, eu sempre costumo fazer, que é você tem algo a... o que você achou que seria perguntado e que não foi e que queira trazer para a entrevista?

Rafael: Deixa eu pensar... é... [reflete por alguns segundos] não. Eu acho que a gente tocou em vários pontos, eu falei bastante. Falei mais do que várias pessoas, ó, você sabe mais de mim do que muita gente hein, rapaz?!

Gustavo: [risos] Mas as suas informações vão ser muito bem guardadas, pode ficar tranquilo.

Rafael: É, por favor, eu quero uma cerveja aí, né, um dia.

Gustavo: [risos] Pode deixar. Quando você vier aqui para Curitiba a gente combina sim. Eu vou encerrar aqui a gravação, mas antes eu só queria fazer aqui uma ressalva. Você falou bastante dessas suas experiências fora do Brasil, mais especificamente as experiências no [país do intercâmbio]. Você quer que eu só, nessas partes que você menciona [o país do intercâmbio] que eu suprima o país ou o país pode ser transcrito?

Rafael: Bom, suprima o país. [risos] Não vai fazer muita diferença, mas assim, suprima o país.

Gustavo: Tá legal, vou fazer essa supressão, então. Eu vou encerrar essa gravação aqui.

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOAQUIM

Entrevista realizada em 3/9/2020 como parte integrante do trabalho de dissertação sobre vivências de homens bissexuais. Joaquim (nome fictício) foi o oitavo entrevistado.

Gustavo: Aí, começou. Então Joaquim, como eu tinha te falado antes de começar a gravação, essa entrevista, é... ela é sobre as experiências de homens bissexuais e como que eles constroem uma narrativa sobre si, vinculando as experiências que eles passam, eventualmente preconceitos que sofrem, noções pré-concebidas de masculinidade e virilidade que muitas vezes acabam influenciando em nossa experiência de vida, né? E como eu falei para você, as suas informações que te... que possam possibilitar sua identificação, elas vão ser suprimidas, então se você falar “ah, eu trabalho no lugar tal, meu nome é tal” essas informações, na transcrição, eu vou retirar. As demais informações que não te qualificam é o que eu vou usar para fazer a minha dissertação. Então eu queria começar a entrevista pedindo para você fazer uma... se apresentando, de forma mais ampla possível. Não necessariamente trazendo sobre suas experiências sexuais, mas se você já quiser, logo nesse primeiro momento trazer, também fica à vontade. E outra ressalva que eu faço é que se eventualmente você se sentir constrangido com alguma pergunta ou se precisar interromper a entrevista antes do programado, você tem toda a liberdade para isso, também, tá bom?

Joaquim: Ah, tá. Deixa eu pensar. Meu nome é Joaquim³⁸, tenho 29 anos, sou daqui de Curitiba mesmo, porém eu cresci no interior. Sou uma pessoa bem quieta, assim, bem reservada. Acho que é mais fácil para mim falar sobre essas coisas com você, que eu nem te conheço, assim, do que falar em geral, assim. Sou... característica minhas, assim, sou um cara bem leitor, muito antenado, assim, passo o dia inteiro ou lendo notícia ou lendo livro, assim. Sobre o tema mais estrito, assim, dessa entrevista, eu demorei um tempo, assim, para me entender como bissexual. Acho que propor essa... pra eu me sentir confortável com esse rótulo, assim, mas acho que na minha cabeça eu sempre soube que eu fui assim. Desde pré-adolescente mesmo, assim, desde meus primeiros pensamentos sexuais, digamos, eróticos, assim, já sabia o que eu era. Nunca tive nenhuma liberdade, nem coragem, nem vontade, assim, de conversar com muitas pessoas sobre isso durante toda a minha adolescência, assim. Definitivamente, em casa, nunca conversei sobre isso com ninguém, na minha adolescência, né? Nem amigos, nem amigas, sempre me considerava, digamos, um... me considerava não, eu dizia que eu era heterossexual, sempre, assim, durante muito tempo. Guardava para mim, achava que era só coisas estranhas da minha cabeça, que era talvez eu fetiche que eu tinha, quando eu pensava em homens, assim. Demorou bastante, assim. E fui demorar para ter relações com homens, mesmo com mulheres eu acho que daí não tinha tanta segurança da minha sexualidade, isso também, na minha adolescência não tive nem muitas namoradas, fui perder a virgindade só na faculdade, por exemplo. É... o que mais que eu posso dizer do meu passado? Mas sempre me achei um cara muito mente aberta, assim, sempre criticava muito quando eu ouvia algo preconceituoso de homossexuais, contra lésbicas, sempre me posicionei, assim, mas não tive coragem de me identificar, assim, junto dos meus amigos, das minhas amigas. Sempre me conectei muito mais com mulheres, assim, muito mais amigas mulheres. Mas mesmo com mulheres não tinha muita liberdade, assim, de falar sobre isso. Foi depois de muitos anos, vários períodos que eu hoje me sinto tranquilo de falar sobre isso. Todos meus amigos sabem, a família, meu trabalho e tal. Atualmente eu tenho namorado e eu

³⁸ Nome fictício.

tenho uma filha, também, de 1 ano e 10 meses, 11 meses. E é uma filha com uma mulher, né, uma filha natural, digamos. De um relacionamento anterior. Já tive namorados. Já tive uma namorada, quase... não foi uma esposa, mas foram 5 anos, assim, vale muito tempo morando juntos, assim. Meu atual namorado, a gente é quase companheiro, também, quase mora aqui na minha casa. Me divido entre ele e minha filha. Hã... não sei, acho que de uma forma ampla, acho que é isso. O básico é isso.

Gustavo: Uhum. Legal. Seguindo aqui no nosso roteiro da entrevista, a próxima pergunta é sobre as primeiras experiências envolvendo sexualidade. Você trouxe aí que você desde a sua pré-adolescência você se identificava como bissexual. Só que nessa pré-adolescência, nesse período da nossa vida, a gente não tem uma definição muito concreta do que são as coisas, né? A gente tá num período de formação intelectual, né? E a bissexualidade tem essa peculiaridade de não ter um conceito muito bem trabalhado, muito bem definido, isso é um pouco invisível, né, em discursos que a gente vê aí, no cotidiano. Para você como que era a bissexualidade nesse primeiro momento que você se percebeu como bi?

Joaquim: Acho que essa palavra, assim, eu demorei pra internalizar ela, assim, mesmo, né, a palavra bissexual. Mas eu achava que eu era, acho que talvez eu era um heterossexual com alguns desejos estranhos, assim, que eu ia conseguir suprimir, assim. Tipo, era uma coisa que eu me sentia culpado sempre, quando eu pensava, assim, homens pelados, essas coisas, assim. Era uma coisa que eu me sentia bem culpado, assim. Mas eu lembro da primeira vez que eu me masturbei, que eu tinha, sei lá, 11 anos, eu lembro que foi assistindo televisão e era uns homens sem camisa, assim, se despindo. Então bem do início mesmo eu sabia que isso me atraía, assim. No começo eu achava que era só porque era algo sexual, que qualquer coisa sexual ia me excitar, assim, mas com o tempo eu fui vendo que não, assim. De olhar para os meus amigos, né, de uma certa forma diferente, de me sentir mais confortável com as mulheres, de apontarem o dedo para mim e falarem que eu sou gay, mesmo sem eu entender o porquê, assim. Se era a minha voz, se era meus jeitos, o que era, assim, mas sempre fui bem... não vou dizer atacado, assim, nunca sofri nada grave, assim, mas eu sofria esse bullying na escola.

Gustavo: E como você se sentia em relação à isso?

Joaquim: Nossa, foi bem difícil, assim. Acho que partir para a pré-adolescência, assim, na minha infância eu era bem aberto, gostava de falar em público, sempre era o líder de turma, essas coisas, assim, gostava bastante de aparecer. Mas com o tempo eu fui passando a ter vergonha, assim, porque eu tinha vergonha que alguém, quando eu estivesse lá na frente falando, alguém ia gritar “viado”, alguma coisa assim. E mudou bastante para mim, assim. Eu, começando a minha adolescência, assim, daí já virei mais o menino que fica no canto da sala, lá no fundão, amigo dos... sempre fui amigo dos esquisitos, assim, digamos, que chamavam, né? Tipo assim, pessoal que fica no fundão, que não tem amigos, eu também, ficava lá e me incluía com eles, assim. E com algumas mulheres, nunca foi da turma dos meninos, da piazada, digamos. Nunca tive um grupo de piazada, vários amigos, assim. Sempre quando eu começar a inserir, achava que tava fazendo uns amigos, assim, logo já voltava a me atacar, assim, dessa forma, me chamando de gay, viado e tal. E me deixava bem para baixo, assim, bem para baixo, acho que principalmente porque eu não me aceitava, assim. Eu via como era algo que eu queria lutar e falar “não, não sou viado”, quero me mostrar que eu não sou gay.

Gustavo: Quem atacava eram esses caras com quem você achava que tava fazendo amizade?

Joaquim: É, exatamente. No comecinho, assim, começavam a falar comigo, mas não se aguentavam, assim. Mesmo se a gente tava junto como amigos, daí eu já sofria piadas, assim, daí eu me afastava de novo, tentava fazer outros amigos. Então foram poucos amigos individuais, assim, amigos [com ênfase na última sílaba] que eu tive na adolescência, digamos assim. E principalmente mulheres que eram minhas amigas mesmo. Até hoje tenho bem mais

amigas mulheres, assim, também na faculdade tive mais dificuldade, assim, e acho que na faculdade era uma coisa minha internalizada, assim, não sofri bullying na faculdade, digamos. Uma pessoa ou outra, mas eu já tinha dificuldade, não me sinto à vontade no meio de uma piazada, começam a falar de mulher de um jeito idiota, assim. Não... não me sinto confortável assim. Nunca tive amigo assim.

Gustavo: Mas você falou aí que você já tinha internalizado essa homofobia que você sofria, você tinha internalizado que você era gay ou para você, ainda, você se considerava bissexual só que aceitar esse lado homoerótico, homoafetivo era um pouco complicado para você?

Joaquim: Isso, eu não aceitava. Eu sabia que eu era bissexual, demorei pra aprender essa palavra. Assim, mais pro meio, pro final da adolescência e não me aceitava, eu achava que eu tinha, sei lá, que eu ia me curar ainda, por exemplo, que ia ser uma coisa que ia passar, assim. E que eu não revelava para ninguém, assim. E ainda mais morando no interior, não que aqui em Curitiba seja tranquilo, mas lá, tipo, era muito forte isso de qualquer xingamento, para qualquer homem, é sempre algo relacionado à sexualidade, mesmo na minha casa, também. Minha mãe, assim, meu pai, sempre tiveram muita repulsa, assim, de homossexual. Sempre é uma coisa que eles não gostavam, assim. Qualquer brincadeira um pouco feminina que eu fazia, eles reprimiam, não achavam legal. Sempre foi algo que eu guardei bastante para mim, assim. Nenhum amigo eu contei, nenhuma amiga, ninguém da minha família, demorou, assim. Só fui contar sobre isso depois de eu ter ficado com um homem a primeira vez, que daí eu quis contar pra alguém.

Gustavo: Você falou que a sua primeira experiência sexual você já tava na faculdade. Como que foi essa situação? Foi com homem? Foi com mulher?

Joaquim: Eu perdi a virgindade com mulher, primeiro. Foi uma namorada minha no primeiro ano de faculdade. Não tinha... não sei, eu sentia que eu não conseguia, assim, antes, assim. Eu tive uma namorada antes, fiquei com... sei lá, um número de meninas antes, mas eu não me sentia seguro de ir além, assim, ou achava que as mulheres não tinham interesse em mim. Acho que uma... um motivo que eu reprimia muito essa questão homoerótica, assim, como você falou, era achar que daí as mulheres não iam se interessar por mim, se elas soubessem, assim, ou se elas sentissem, assim, essa *vibe* vindo de mim.

Gustavo: Você tinha, de alguma forma, a percepção de que era menos homem por se sentir atraído por homens, também, e isso acabava influenciando a tua abordagem com mulheres ou não influenciava uma coisa com a outra?

Joaquim: Influenciava sim, aham. Eu me sentia bem inseguro, assim. Sempre tendo que pensar três vezes antes de falar alguma coisa, achando que eu ia ser visto como gay, era algo que me deixava bem nervoso, assim. E tive algumas namoradas, assim, que eu gostei bastante, eram bem legais comigo, foi legal, mas nunca... mas não fizemos sexo, assim, digamos. E só na faculdade, assim, que aconteceu a primeira vez que eu perdi minha virgindade. Também morava sozinho, tinha mais oportunidade, né? E daí eu vim morar em Curitiba, na faculdade. E daí aconteceu, assim...

Gustavo: E como que foi o seu relacionamento com ela? Durou bastante tempo?

Joaquim: Não durou bastante tempo, não. Ela era bem mais velha, ela tinha 10 anos a mais que eu. Eu tinha 17, na época. E acho que eu só fiquei deslumbrado, assim, como uma mulher, tipo, gostava de mim e tal. Daí a gente acho que ficou junto uns dois meses só, assim. Foi no fim do meu primeiro ano de faculdade, assim. Então também teve todo o período da faculdade que eu demorei, assim, até ficar com alguém, conseguir desenvolver isso e depois dessa primeira vez, foi bem diferente pra mim. Já me senti bem mais... autoestima bem melhor, acho que na faculdade já as pessoas tinham uma imagem diferente de mim, assim. Me sentia bem, assim, ficava com bastante meninas e foi um ano depois disso que daí eu fiquei com o primeiro homem.

Gustavo: Então, em linhas gerais, ter esse primeiro contato sexual com mulheres ajudou a conquistar um pouco de autoestima...

Joaquim: Aham. Com certeza.

Gustavo: E como que foi seu primeiro contato com homem? Foi em que circunstância? O que estava passando pela tua cabeça, o que te motivou?

Joaquim: Era meu melhor amigo da faculdade, assim, e no começo não achava que tinha nada entre nós, assim, ele também ficava com outras mulheres. Não desconfiava dele nada, assim, a gente era só amigos, assim, com tempo a gente foi ficando bem amigos, eu já... isso acho que foi só no segundo ano faculdade, eu tinha 18 anos, que eu entrei bem cedo na faculdade. A gente era amigos, assim. Então a gente começou a fazer muita coisa juntos, daí a gente começou a largar outros amigos e sair só nós dois. Foi algo bem natural, assim. Daí teve um dia que a gente tava vendo um filme, que a gente estava bem próximo um do outro, e acabou rolando, assim. Foi, não esperava, não imaginava, foi bem no momento, assim. Eu achava ele bonito, gostava dele e foi bem legal, assim. E daí a gente namorou um tempo, assim, acho que um meio ano, pouco mais que isso, foi o primeiro homem que eu beijei e a primeira relação sexual com homem, também, foi ele.

Gustavo: E ele era bissexual também?

Joaquim: Ele, também, era primeiro... primeira experiência dele, também, com homens, fui eu. E desde então ele é gay.

Gustavo: Ah, tá.

Joaquim: Então ele se assumiu gay depois. Depois de um tempo, ficou com mulheres, mas ele se assumiu gay depois. E ele não gostava disso, ele achava que eu, não aceitava, assim, eu ser bissexual. Foi acho que a primeira vez que eu me senti meio julgado por isso, e desacreditado. Ele falava que eu tava só... que eu era um enrustido, né, que eu não queria assumir, que eu não queria ficar com ele porque eu não queria me assumir.

Gustavo: Mas isso durante o relacionamento de vocês ou depois que vocês terminaram?

Joaquim: Depois que a gente terminou. Que eu terminei com ele e ficamos num vai e vem, assim, foi bem difícil. E ele achava isso, que eu não era bissexual de verdade, assim. E eu demorei para entender, assim, acho que até hoje tenho às vezes dúvida na cabeça. Mas essa foi uma época que começou a se realizar para mim eu ficar tanto com homens, tanto com mulheres. E foi ficando mais claro, assim, o que era ser bissexual.

Gustavo: Ele tratava sua bissexualidade como se fosse uma máscara para acobertar uma homossexualidade que você não tinha aceitado, é isso?

Joaquim: Isso. Exatamente.

Gustavo: Você falou que você, desde a pré-adolescência, já tinha uma percepção de que era bissexual, né? Então, desde a pré-adolescência você já tinha essa percepção de atração afetiva e/ou sexual por mais de um gênero. Essa atração que você percebe em você, ela encontra guarida por homens e mulheres cisgênero precisamente ou também abarca identidades não binárias, pessoas transgênero, eventualmente? Como é o desejo, pra você?

Joaquim: Assim, nunca fiquei com ninguém transgênero, assim. Então nunca realizei, assim, essa atração que eu posso dizer que eu tenho ou não. Não tive ninguém, assim, essa oportunidade, digamos.

Gustavo: Nunca se sentiu atraído?

Joaquim: É, eu acho que não sei quantas pessoas que eu tive realmente contato, assim, ou pode ser que eu me senti atraído, sim. Ou às vezes até fiquei e não sei, né? Mas relação sexual eu não tive. Mas essa questão não binária, assim, sempre me atraiu bastante, assim. É... uma androginia, de alguma forma. Quando eu era mais novo, assim, homens que pareciam mulheres, assim, eu me atraía bastante, assim. Hoje em dia eu tenho atração, também, quando eu vou ver fotos, assim, na internet, assim. Homens trans, assim, é uma coisa que me atrai, assim, que eu... é uma atração que eu tenho, assim, com certeza. Homens trans. E mulheres

trans, acho que não vou dizer que eu tenha uma atração, mas não... acho que eu me envolveria, também. Acho bonito, assim, me atrai, assim, uma androginia de alguma forma, assim. Mas eu nunca tinha nenhuma experiência.

Gustavo: Mas te atrai mais a imagem de homens trans do que mulheres trans. Ou não?

Joaquim: Sim, sim.

Gustavo: E você, ao longo dessa sua trajetória de construção da tua identidade como bissexual, você já parou para pensar como que é a bissexualidade para você? Em outras palavras, como que você define a bissexualidade?

Joaquim: Então, mais recentemente, assim, eu acho que eu tenho elaborado mais. Eu tinha muito... no começo, acho que na minha cabeça, eu fugia um pouco dos rótulos, assim. Eu achava que eu era só livre, eu gosto de quem eu quiser. Tinha um pouco de resistência em assumir uma coisa ou outra, assim. Hoje eu falo “sou bissexual” e ponto final. Acho bem mais simples e tenho segurança, assim, em falar o que eu sou. E de uns tempos para cá eu comecei a elaborar, assim, eu ouvi... o que mudou muito a minha cabeça foi um podcast que eu ouvi, chama Biscoito.

Gustavo: Ah, eu escuto também.

Joaquim: Algumas coisas que eles falaram, que eu nunca tinha parado para pensar, assim, a diferença entre ser bissexual homoafetivo, homossexual. Nunca tinha parado para ver mesmo. E daí eu cheguei na conclusão que eu sou homoafetivo e bissexual. Cheguei a essa conclusão pra mim mesmo, assim, já tendo... comparando, assim, em relacionamentos que eu tive com homens e relacionamentos que eu tive com mulheres, relacionamentos afetivos. E com homem, com certeza, meu coração bateu mais, assim, foi uma coisa... é, forte, assim, aquela coisa na minha cabeça que não sai. Tipo, tive uma namorada bastante tempo e tive namorados por menos tempo que ela. Eu sei que eu senti mais por eles do que por ela, assim, mesmo tendo ficado mais tempo com ela. Quando eu tava com ela, eu me sentia bem, assim. Não é que eu não gostava dela, mas aquela coisa que puxa o coração, assim, foi com homens, apenas, que eu senti. Esse meu primeiro namorado, nossa, demorei anos para esquecer ele, assim, pensava nele todo dia. Meu atual namorado, quando a gente briga, fiquei bem desamparado, assim, de uma forma que eu não tinha sentido em relacionamentos só com mulheres, assim. Até eu achava que eu era uma pessoa que não tinha tanto sentimento durante um tempo, assim, quando eu me envolvia só com mulheres, eu achava que eu nunca ia me envolver tão forte, assim, que eu sempre ia manter uma distância e hoje já vejo que com homens eu consigo me entregar, assim. Mas já a questão sexual é bem o contrário, assim. Tipo, eu me envolvo sexualmente com mulheres bem mais fácil, assim. Não fico pensando muito. Acho que eu tenho uma desenvoltura boa, assim. E com homens, já escolho bem melhor. Muitas vezes não me sinto confortável, eu paro no meio e vou embora. Acho que a questão sexual com mulheres vai mais fácil para mim, assim. Não quer dizer que o meu desejo é maior, assim. Se eu tô sozinho vendo pornografia, por exemplo, eu não vejo pornografia de mulheres. Só de homem, sempre. Minha vida inteira. Às vezes algumas coisas... homens e mulheres, posso ver uma coisa hétero, mas estou olhando mais para homem, assim, entende? E... mas no realizar, mesmo, sexo, acho que com homens ainda tenho às vezes algumas travas, assim. Acho que tem que ser alguém que eu me atraio bastante, que eu confio, que eu acho limpinho, sei lá. Tipo, eu tenho mais... demoro mais para me envolver.

Gustavo: É curioso esse teu relato, que você tem mais facilidade de se envolver sexualmente com mulheres do que com homens, porque, a minha percepção, né, é que eu acho que o contato sexual entre homens tende a ser mais pragmático, relacionado a sexo casual, do que entre homens e mulheres, né?

Joaquim: Uhum. Com certeza é mais pragmático. Mais fácil, digamos.

Gustavo: É. Porque, por exemplo, no relacionamento sexual casual entre um homem e uma mulher tem toda uma situação que você tem que ficar conversando e pá pá pá, eu acho que é um pouco mais complicado de você, sei lá, chamar uma pessoa para transar sem conhecer muitas informações sobre a vida dela quando ela é uma mulher, do que quando ela é um homem, né?

Joaquim: É, não. Até chegar nesse momento de estar a pessoa dentro da sua casa, acho que é mais fácil com homem, mas a partir daí que pra mim eu me sinto mais confortável com uma mulher ainda, assim. Acho que, também, eu por muito tempo eu tinha... eu me portava, digamos, como hétero, assim. Não tive muito amigos gays na vida. Bem poucos, assim, amigos gays. Então sexo gay foi uma coisa que eu fui descobrindo sozinho, assim. Foi uma coisa misteriosa pra mim.

Gustavo: Mas por que você teve poucos amigos gays? Os que você conhecia não tinha afinidade ideológica ou havia algum tipo de homofobia por trás disso?

Joaquim: Acho que um pouco de homofobia, também. Tipo, não podia ser amigo dos gays, senão iam tirar sarro de mim, que eu era gayzinho junto. E de não ter conhecido outros, assim. Depois de um tempo que na faculdade já tive vários amigos gays, mas não... ninguém muito próximo, assim, de ter virado meu melhor amigo, uma coisa assim, nunca tive.

Gustavo: Você se fechava e acabava não dando oportunidade para conhecer melhor essas pessoas.

Joaquim: Aham. Com certeza. E eu lia eles, assim, eu sentia que eu lia eles muito fácil, assim. Eu tinha amigos gays que eu sabia que não tinham saído do armário ainda. E às vezes eles me contavam umas coisas, falavam que ficavam com meninas e eu sabia que era mentira, assim. E... eu acho que ou eles me consideravam hétero, sentiam na obrigação de falar isso pra mim...

Gustavo: E o que você falava quando eles te relatavam essas experiências?

Joaquim: Eu acreditava, eu achava super legal, assim. Não acreditava, né? Fingia que acreditava, achava super legal. Não tive a... acho que a coragem, mesmo, de me colocar ao lado deles, de falar “ó, tamo junto nessa, né, pensamos igual, as mesmas coisas” e... desde os 18, assim, eu já tinha relação com homens e pouca gente sabia, assim. Eu mantinha isso um pouco escondido, durante um tempo, não gostava de falar sobre isso, tinha muita vergonha.

Gustavo: Mas nesse período você já tava aqui em Curitiba?

Joaquim: Já tava aqui em Curitiba, aham. Mas ainda tava numa transição, até eu estar mais aberto, assim.

Gustavo: E como que você buscava preservar sua identidade, porque você não relatava para outras pessoas que você ficava com homens, mas aqui em Curitiba, eventualmente, você sai com um cara que é amigo de um amigo, então, pode ser que te encontre em algum rolê, entendeu? Você tomava alguma precaução em relação a isso?

Joaquim: É, não tomava precaução, eu sempre partia do princípio que se alguém viu, eu ia ficar meio que feliz assim, sabe, de eu não ter que contar. Eu tinha muito, eu tenho muita dificuldade de falar, assim, as coisas para as pessoas. Chegar em alguém, puxar um assunto, puxar uma conversa, sinto bastante dificuldade. E eu ia, com o meu namorado, a gente saía na balada, a gente saía na rua, não... era meu primeiro homem, assim, então no começo não tinha muita desenvoltura, mas depois de um tempo, eu ficava com as pessoas nas baladas mais, é... *friendly*, assim, né? Só que demorei para ter outro relacionamento de novo.

Gustavo: Pera aí, só não entendi. Você saía com seu namorado em que período? Agora ou lá atrás?

Joaquim: Lá atrás, lá atrás. Mas não saía tanto, acho que escolhia bem os ambientes.

Gustavo: Você tá se referindo a esse teu melhor amigo que posteriormente vocês viraram namorados. É ele?

Joaquim: Isso, aham. E a gente demorou, assim, pra se abrir. Ele não queria contar pra ninguém, a família dele era bem reacionária, assim. Minha família também não aceitou bem. Então no começo a gente escondeu bastante. A gente tava só se curtindo. Quando a gente começou a se abrir mais, a gente logo terminou, assim. Já vi que a gente não tinha tanta coisa em comum, assim. Hoje ele é do partido monarquista, pra você ter uma ideia. Não tinha muito a ver comigo. Demorei pra perceber.

Gustavo: [risos]

Joaquim: Mas com outros homens, assim, depois que eu fui ficando apenas, demorei para ter um relacionamento. Esse, hoje em dia, é o meu segundo namorado. Dez anos depois do primeiro, assim. Então só fiquei de ficar mesmo. E eu ia nas festas, ficava, normal. Mas não tinha ninguém pra passear, digamos, de mão dada no shopping, não conheci ninguém assim. Um pouco eu me fechei, mas também demorei para achar alguém que eu gostasse bastante. Então às vezes eu até torcia pra alguém me ver, sabe, pra eu poder por isso pra fora, mas tinha dificuldade de sair contando, assim.

Gustavo: Entendi. E você falou que pouco depois do término com esse namorado, esse seu primeiro namorado, que foi seu melhor amigo, que você começou a elaborar melhor que você era bissexual. Como que foi isso pra você? Como que veio essa informação de que você “não, beleza, eu sou bissexual”?

Joaquim: Acho que eu me senti confirmando, assim, as coisas que eu sentia, das pessoas me falarem, não foi só ele que me falou que eu tava me escondendo, digamos, que eu tava sendo... tava com medo de me assumir, assim. E foi aí que eu percebi de verdade “não, eu tenho vontade realmente de ficar com mulheres”. Tipo, quando eu vejo uma mulher que eu gosto, se eu tô bêbado, eu fico com muita vontade, assim. Eu gosto de paquerar, gosto de conversar, gosto do corpo das mulheres, gosto da relação sexual. Tipo, foi nesse período que eu fui confirmando, assim, mesmo, que eu tava em dúvida, realmente. Eu tinha certeza que eu tinha atração por homens, isso eu não tinha dúvidas, assim. Daí foi nesse tempo que eu fui confirmar minha atração por mulheres mesmo. E daí entendi bissexualidade, o que significava pra mim, assim.

Gustavo: E você foi confirmando isso no campo empírico...

Joaquim: Foi, aham...

Gustavo: Você foi e experimentou. Indo pra balada, ficando com mulher e vendo que você gostava daquilo também.

Joaquim: Isso, aham. E... eu achava, eu sempre gostei do desafio, assim, de conquistar alguém, então conhecia uma menina e ficava com ela na cabeça, assim, um tempão, querendo saber mais dela, querendo aparecer. Era uma coisa gostosa, assim. Eu sempre fui, também, de guardar muitas coisas pra mim, também quando eu ficava com mulheres, assim, ninguém sabia com quem eu tava ficando, se tinha ficado ou não. Até hoje eu vou falar com os meus amigos sobre alguém, eu falo “ah, já fiquei com ela, sabia?”, assim, nem sabia, porque eu não conto. Então não era algo que eu tava... daí eu fui perceber, também, que não era algo que eu estava fazendo só para os outros verem, para me confirmar. Era algo que eu fazia por mim mesmo e não precisava contar para ninguém e... e daí com homens, acho que eu demorei, assim, para ter mais facilidade. Acho que eu só ficava com alguém que valia muito à pena, assim. Acho que até hoje eu tenho um pouco esse sentimento, de... pra ficar com homem tem que valer à pena, assim. Tem que ser alguém que eu goste, que eu ache muito bonito, que eu tenha muita atração. Já me arrependi, assim. Quando eu fico com menina que eu nem gosto eu não me sinto mal, mas depois que eu fico com um cara, talvez na manhã seguinte, assim, acordo e me vem um sentimento de culpa, assim. Tipo, nossa, eu acordo mal, assim. Fico vários dias pensando “que merda, que merda, que merda, queria voltar no tempo e não ter ficado com essa pessoa” que... sei lá, por algum motivo eu não gostei depois, assim.

Gustavo: Quando você fica com cara?

Joaquim: É, uhum. Com mulheres eu não lembro de sentir esse arrependimento, assim. Com homens, sim. Alguns casos, né, não toda vez.

Gustavo: E a que você atribui esse tipo de diferenciação?

Joaquim: [reflete por poucos segundos] Não sei, assim. Não sei até que ponto que ainda tenho preconceito internalizado comigo mesmo, assim. Acho que eu vejo, às vezes, a relação homossexual como mais... é... mais suja, assim, eu acho, sabe? Algo que se não é algo muito... alguém que eu confio, assim, eu tenho um pouco de medo daquele cara, tipo eu não sei o que ele pode fazer comigo, não sei se ele... se é alguém confiável, assim. Com mulher eu não tenho esse medo. De conhecer uma mulher e achar que vai fazer alguma coisa errada comigo. Com homens eu fico pensando nisso. Grindr, assim, me dava, às vezes me dá uma ansiedade de ficar vendo aquela tela, assim, cheia de homens, assim, eu fico me sentindo que eu tô num banheiro, assim, com vários homens, assim. Nossa, me dá uma agonia, assim, não gosto. Gosto mais de uma relação parecida com... eu acho que eu trato homem igual eu trato mulheres, assim. Tipo, eu gosto de... de conquistar aos pouquinhos, de ser bem gentil, bem carinhoso, assim. Nunca me enquadrei muito nessa... sexo gay, assim, sempre foi meio um mistério para mim, esse jeito, assim, muito pragmático, assim, tipo, “vamos lá você vai me comer desse jeito, me avisa quando for gozar”, umas coisas assim que eu demorei para entender, assim, que os homens gostavam, assim. Meu namorado, assim, teve que me ensinar várias coisas. Tipo, para mim sempre foi uma coisa mais relacionamento, mesmo, com alguém que eu ficava uma noite só, sempre mais romântico, assim. Sexo para mim é uma coisa que tem que ser orgânica, os dois estarem bem felizes, não gosto de ficar estipulando muita coisa, assim, sabe? Esse negócio “ai, eu sou ativo, gosto desse jeito, bablablá, blábláblá, seu horário chegou, meteu, vai embora”. Tipo isso aí, nunca me senti bem, assim. Então acho que ainda sinto um pouco de... não sei se medo, repulsa, vergonha desse lado, assim, desse lado meu meu gay, assim. Tipo disso que você falou, entre homens é bem mais pragmático, né? Eu não me sinto tão inserido nesse mundo, assim. Não me pertence tanto.

Gustavo: Você acha que ainda tem um pouco de homofobia internalizada?

Joaquim: É, eu acho que sim, mas eu acho também que o mundo gay, digamos, as relações gays são, de certa forma assim, porque a gente vive numa sociedade homofóbica, também, que os gays não estão por aí, andando no parque, paquerando, de mãozinha dada, na escola, assim. Tem que ser aquela coisa, tipo, escondido, “ó, eu só tenho meia hora, que ninguém vai saber, vem aqui rápido e tal”. Então, tipo, eu acho que essas relações são assim por causa da sociedade, assim, que a gente ainda vive, assim, preconceituosa. E esse é o jeito de os gays manterem a sua liberdade, assim, sexual, fazer desse jeito, do jeito mais pragmático, discreto, combinado, não sei o quê. Acho que é o jeito masculino, também, assim, desde... o jeito não, né? Tipo, a configuração, assim, social da masculinidade que a gente tem, de poder falar mais abertamente de sexualidade, assim. Ter o direito de falar “quero transar desse jeito”, que acho que as mulheres não se sentem nesse direito, assim. Então acho que talvez eu me sinta mais confortável com... por isso que eu digo que eu me sinto mais confortável em uma relação com mulheres, assim, porque, sei lá, quando você vai num *date* com uma mulher, ela não tá falando “ai, quero dar desse jeito, e você vai embora daqui a pouco”, tipo, uma mulher nunca falou isso para mim. E eu gosto mais desse jeito, de ir se descobrindo e tal. E com homens é mais difícil, assim, achar alguém interessado nisso também.

Gustavo: É uma relação com mulheres mais orgânica e menos reificada, né?

Joaquim: Aham.

Gustavo: Um pouco mais aprofundada, ainda que seja através de um contato inicial, é isso?

Joaquim: Uhum.

Gustavo: E a gente tava falando antes, aqui, de como que você construiu a tua noção de bissexualidade, como que você se percebeu bissexual, e um problema para bissexualidade de forma geral, mas que é especialmente sensível para a bissexualidade masculina é a falta de

referenciais de homens bissexuais, né? A gente não encontra esses discursos na mídia com muita riqueza, com muita frequência. Você conhece outros homens, pode ser colegas, amigos, conhecidos, que se identifiquem como bissexuais também? Ou outros homens que tenham comportamento bissexual, ainda que não se rotulam como bissexual?

Joaquim: É, exatamente, né. Amigos, assim, não tenho nenhum. Amigo mesmo, assim, que a gente tenha conversado sobre essas experiências, não tenho, assim. Alguns colegas, assim, da faculdade, que eu me lembro... e isso que você falou, de pessoas que eu sei que já tiveram comportamentos assim. Tem um amigo que... não, na verdade daí ele não se enquadra como bissexual. Tipo assim, tenho um amigo que gosta muito de ficar com mulheres trans. Ou que gosta de ser... tenho um amigo hétero que gosta de ser passivo no sexo anal, tenho alguns amigos com este tipo de experiência. Agora amigo bissexual, eu não tenho, alguns colegas que eu conheço, mas não é alguém que eu tenha referência. Com certeza não é algo que eu aprendi de ninguém nada, digamos assim. Ou alguém que eu tomei como exemplo, ou alguém com quem eu pude conversar. Mulher, sim.

Gustavo: Esse amigo que você diz que gosta de ser passivo em sexo anal, ele gosta de ser passivo só com mulheres? Com homens não?

Joaquim: É, ele experimentou com homens e não gostou, assim. Não gostou. E acha difícil achar alguma mulher que que goste também, né?

Gustavo: É, também é uma prática bem marginalizada, né, a inversão. E você consegue mencionar diferenças na forma como você se porta em relação a homens e em relação a mulheres? Por exemplo, sei lá, no flerte, na forma como você se relaciona, na forma como você se porta ou você acha que não existe esse tipo de diferenciação?

Joaquim: Para mim, eu não acho que existe esse tipo de diferenciação. Já prestei bastante atenção nisso, assim, já me perguntaram muito isso e eu acho que eu aprendi mais a ter relacionamentos com mulheres, assim. Tipo, só aos 18 anos que eu fiquei com meu primeiro homem e acho que eu mantive meio que o padrão que eu tinha criado, assim. Eu sempre tento ser bem simpático, assim, esse jeito do cavalheiro tratando uma princesa, assim. Eu me sinto assim com homens também, sabe? Sempre tento ser bem carinhoso, fazer de tudo, vou buscar em casa, levo uma coisinha na cama, sempre gostei de fazer isso, tanto para homens quanto para mulheres. Paquerar acho que é do mesmo jeito e acho que eu achei meu meio termo, assim, porque eu sinto que às vezes eu trato mulheres como homens, assim, digamos. Tipo, não sou muito cheio de frescura, não trato mulher como tonga, que não sabe o que ela quer, assim, sempre respeito bastante, sempre... assim, eu me considere um feminista, assim, desde muito cedo, sempre quis aplicar isso no meu relacionamento, de tratar mulheres como iguais, de respeitar bastante o corpo, de num... é... de respeitar liberdade, bastante, assim. Sempre procurar entender as vontades. Então acho que eu encontrei meu meio termo e acho que alguns homens diriam que eu trato eles como mulheres, assim, esse jeito de ser bem solícito e atencioso, assim, e não ser só “ah, não sei o quê, vamo transar, bababá, vira aí de lado”. Tipo, não tenho isso, nunca... não me pertence, assim. E... então acho que esse é meu meio termo, assim.

Gustavo: E você tava falando antes que você não tem muitos referenciais de homens bissexuais em seu círculo de contato mais próximo, mas que conhece mulheres bissexuais entre suas amigas, entre seu círculo de contato mais próximo aí, né? E de que maneira você acha que a masculinidade interfere com a sua orientação sexual? Ou de que maneira você acha que ser homem interfere na sua orientação sexual?

Joaquim: É, eu... não sei. Acho que faz muito tempo que eu não tento entender o que é ser homem ou não, assim. Não é um rótulo mais que eu quero me enquadrar, assim, dizer “sou homem”, deixar isso bem claro, assim, para os outros. Quando eu tive meu primeiro namorado, assim, eu tive que me convencer, assim, de que o fato de eu sair do armário era uma coisa... tinha gente que falava “ah, você não é homem, você não é homem de fazer isso”

e eu criei essa percepção de que sair do armário era ser homem para mim, assim. Mas é uma forma machista, também, de falar assim “sou homem”, sou homem como sendo algo de valor, ser homem é ter coragem e tal. Então eu tinha essa imagem primeiro, assim. Então eu sou homem, mesmo ficando com outro homem, mas porque eu tive coragem de sair do armário. Não foi uma mulherzinha que ficou no armário, digamos. Eu tinha essa percepção primeiro. E depois de um tempo, esse rótulo “homem”, assim, parou de importar para mim, assim. Acho que eu deixei cair, assim, parte da minha masculinidade que não... que não eram naturais de mim, assim, querer ter uma imagem, assim, de heterossexual, assim, essas coisas que passaram para mim, assim. Deixei de, por exemplo, mentir para as pessoas. Se alguém me perguntava se eu era gay, eu falava “não, sou bissexual”. Começou por aí, assim, já. Me sentia que eu não tava mais querendo parecer homem, digamos. E acho que o homem que eu sou hoje, assim, tá bem mais leve em relação a isso, sei que sou homem, nunca tive muitos interesses, assim, que acho que hoje a gente, ou que em geral as pessoas consideram femininos, assim. Nunca fui de gostar de coisas rosas ou de maquiagem ou de me interessar por coisas de menina, digamos, assim. Nunca fui, assim. Um pouco, claro, que minha família me moldou, né? Mas mesmo depois, estando livre hoje em dia, não é uma coisa que eu me interesse muito. O jeito que eu me visto. Tipo assim, eu sou alguém que acho que às vezes o jeito que eu falo ou as piadas que eu faço, a pessoa me chamava de gay, mas não pelo jeito que eu me visto ou me porto, assim. Sempre fui um homem tranquilo, assim, normal. Meu namorado, por exemplo, eu vejo as fotos dele, tipo, ele gostava de usar blusa rosa, bichinho no celular, essas coisas, assim, que muitos gays se atraem, assim. Então eu me sentia, passei a me sentir mais seguro na minha masculinidade quando eu vi que eu não tava mais fingindo, digamos, nenhuma parte minha, e ainda assim, o que sobrava, esse era o homem que eu sou, assim. Mas não sofria mais, quero ser mais homem ou menos homem. Outras características hoje que eu me importo mais, assim. E odeio machista, odeio homem que se paga de machão, tiro sarro, não quero ser amigo deles, assim, não me atraí, assim, esse ideal de masculinidade não me atraí nem... eu querer ficar com alguém assim, nem de eu querer ser alguém assim.

Gustavo: Uhum. E a tua orientação sexual é uma parte importante da tua identidade ou você considera ela uma questão secundária?

Joaquim: Eu acho que é bem importante. Eu acho que eu me enganei muito tempo achando que era secundário, que não precisava falar sobre isso, que eu tava colocando em caixinha, que eu não precisava de rótulos, acho que eu me enganei, assim. Quando eu saí mais do armário para mim mesmo, defini o que é ser bissexual, expliquei para a minha família, eu vi como ficou tudo tão mais leve, tudo tão mais fácil, como faz parte da minha identidade, porque eu preciso falar sobre algumas coisas. Tinha antes coisas que eu não falava pros outros. Então eu fingia que não era parte da minha identidade, mas se eu quero falar do meu dia a dia, e é a minha bissexualidade que eu quero falar, então faz sim, uma parte bem grande da minha identidade, eu considero, assim. E justamente por ser algo tão sem referências, homens bissexuais, assim, que hoje eu me sinto bem... até numa obrigação de falar assim, da bissexualidade, sou bissexual. Ou quando alguém, é... muito comum as pessoas falarem assim “ah não sei quem virou gay, agora. Gostava de namorar, agora tá namorando homem, virou gay”. Eu sempre tento falar “não, ele é bissexual.” Ou deve ser, né. Sei lá, eu tentar colocar rótulo dele. Mas ninguém pensa nisso. Ninguém tem esse pensamento, assim. Ou esses dias... tinha uma amiga minha que é psicóloga e tava contando, tava falando de um paciente dela, que é bissexual e que tava com uma dificuldade, assim, daí ela falou assim “ah, mas no momento ele não é bissexual, porque ele tá namorando uma menina”. E daí eu tive que explicar pra ela “não, ele é bissexual. Ele não deixa de ser bissexual porque tá namorando uma menina. Só se você tá beijando um homem e uma mulher ao mesmo, então, que você seria bissexual, né?”

Gustavo: E ela, o que falou?

Joaquim: Ah, ela nunca tinha pensado sobre isso, assim. Não tinha entendido, ela achava que era algo que você vai e vem. Ou que bissexual não pode namorar, né? Você tá só... algo sempre em relacionamento bem aberto, assim.

Gustavo: Que é um estágio transitório, né? A não ser que você esteja com um homem e uma mulher, você não é bissexual. Você é hetero ou é homo, né?

Joaquim: Uhum.

Gustavo: E você falou que a partir do momento que você se abriu mais em relação à sexualidade às pessoas mais próximas de você, e acho que você menciona especificamente a sua família, você começou a levar a vida de uma forma mais leve. De forma prática, o que mudou para você? O que fez melhorar a tua vida?

Joaquim: Poder levar meu namorado na casa dos meus pais. No trabalho, poder falar mais, sem ter que pensar duas vezes, contar o que eu fiz, com quem eu tava. Às vezes, no trabalho, quando eu ainda não era tão aberto, assim, você fica sempre pensando “ai, vou falar que tava onde? Vou almoçar com quem? O que eu fiz esse fim de semana? Que desculpa que eu dou para não ir nessa festa?” Então contava muita mentira, assim, ou omitia muita coisa, me afastava das pessoas, tipo alguém que eu queria, sabia que queria ser meu amigo, e eu já achava que a pessoa ia ter preconceito, e já cortava ela da minha vida, mentia para ela, assim, para não contar esse lado meu, assim. Então, na prática, poder simplesmente falar o que vem na minha cabeça, assim. Poder falar a verdade, assim. Isso, na prática, fez muita diferença. Eu vi que eu tava, tipo assim, num buraco que eu mesmo cavei, que não tinha nenhum homofóbico, assim, me obrigando a fazer isso. Não... todas as pessoas com quem eu conversei foram legais comigo, assim. Meus amigos todos que eu fui me abrindo, pessoas do trabalho, todo mundo foi, ou falava “ah, tá. E daí?” ou achava super legal. Quando eu percebi isso, assim, fui perdendo o medo, aos poucos, assim. O único problema que eu tive foi na minha casa, mesmo, minha família.

Gustavo: E como que foi esse processo de sair do armário para você? Via de regra, as pessoas legitimavam a sua bissexualidade ou você acha que a leitura que eles faziam te rotulavam como gay? Como é que era a sua percepção em relação a isso?

Joaquim: Eu, assim, eu tinha alguns relacionamentos com mulheres, que eram mais abertos, e com homens, eu... não eram tão abertos, assim. Tipo... então eu acho que eu isso me legitimava, digamos, a falar que eu sou bissexual, porque ele já tinha me visto ficando com mulheres, assim, e ficava bastante, assim. Tipo sempre tava saindo, não sei o quê, meus amigos do trabalho, amigos da faculdade, sempre ficava com várias meninas, assim, e homens eu ficava em ambientes gays. Porque sei lá, se você tá no teu trabalho, você vai num churrasco, não é assim tão fácil você ficar com homem lá. Não só se o ambiente aceita ou não, mas tem menos homossexuais do que mulheres no mundo, e não é todo espaço que você vai se sentir confortável de paquerar, de rolar alguma coisa, diferente de uma mulher, né, tipo, héteros podem fazer o que eles querem em qualquer horário, assim. E... espera, qual que foi a pergunta mesmo?

Gustavo: Eu tinha perguntado... deixa eu ver se eu lembro, era sobre o seu processo de sair do armário, se as pessoas legitimavam você como bissexual ou se rotulavam você como gay. Tipo “ah, tá passando pela fase bissexual, mas logo ele vai se revelar como gay”.

Joaquim: É, eu acho que eu me abri mais, assim, como eu... voltando, como eu era mais fechado numa época que eu ainda era meio confuso, então, nessa época que eu era mais confuso, não abria para ninguém. De uns tempos para cá, digamos, de uns dois anos para cá, que eu fiquei mais, assim, pus o pé na areia, pedra na areia, falei “sou bissexual e ponto final. Chega de me autoduvidar”, assim. Sempre cheguei bem para frente, assim, bem altivo falando disso, assim, então acho que eu não abri espaço para ninguém duvidar disso e não me lembro de ninguém que me questionou, assim. Lá no começo, sim. Quando eu tive meu primeiro namorado, sim. Mas eu considero que foi mais recente que eu saí do armário de verdade,

assim. E naquela época foi só para alguns amigos. Mais recente, com esse meu outro namorado que me sinto mais definitivo aberto, assim. Postar coisa na internet, por exemplo, da gente junto, as coisas eu não fazia antes. E então não. Acho que ninguém tentou me deslegitimar, assim. Nem minha família. Minha família demorou para aceitar, mas acho que não abri espaço para ninguém me questionar, mas também ninguém me questionou.

Gustavo: Uhum. Você falou agora que se sentiu mais seguro, mais legitimado para se revelar bissexual mais recentemente. O que foi o gatilho para isso e para quem você começou a revelar que era bissexual pela primeira vez, assim? Quais foram essas pessoas?

Joaquim: É que, assim, a desculpa que eu tinha para mim mesmo, de que eu não revelava tanto, era porque eu não tinha nenhum homem que eu gostava, assim, que era só... só tinha relações rápidas, assim, de uma noite, duas, no máximo, assim. Então não me sentia nem na obrigação e nem vontade, assim, de compartilhar. Daí agora eu tô namorando faz um ano já. E é uma pessoa que eu queria estar nos lugares, assim, com quem eu queria levar no churrasco do meu trabalho, eu queria ir no cinema, queria sair com meus amigos, queria levar para casa, foi quando surgiu a vontade de um homem específico de eu inserir no meu mundo, assim, que eu vi que do jeito que eu tava levando as coisas antes, não ia dar, assim. Para mim era mais fácil esconder, que eu falava, contava para meus amigos “ai, eu saí ontem. Fui na balada ontem”. Mas não falava o que eu fiz. Era mais fácil de esconder. Agora quando você tem um namorado, com quem você vai almoçar, com quem, etecetera, assim, com quem você faz vários programas, assim, daí que eu vi que realmente, assim, é um peso enorme esconder essa parte, assim. Esconder com quem eu transei no fim de semana não era difícil para mim, não... depois eu vi que era um peso enorme, quando eu tirei isso das costas, mas eu levava minha vida normal. Namorando eu vi que eu não ia conseguir levar uma vida normal, cortado, assim. Então tinha, meus melhores amigos sempre souberam, assim, sempre tive meus irmãos, meus primos, meus amigos próximos, assim, sempre nunca escondi nada. Era mais para essas pessoas um pouquinho mais distantes, assim. Ou para amigos de internet, no meu Instagram, por exemplo, ou no trabalho, não contava, e daí eu fui sentindo essa necessidade, assim. Daí que eu vi que não queria levar essa vida dupla, assim. Me senti que estava fazendo algo errado e... e acho que o que, então, assim, resumindo, que fez eu mudar mesmo de... o que me incentivou acho que foi o sentimento por essa outra pessoa, assim, sabe, querer muito bem essa pessoa e querer ela integrada na minha vida, assim. Não foi uma decisão em abstrato, assim, “ah, quero sair do armário, ponto final”. Não foi isso.

Gustavo: E voltando para segunda parte da pergunta que eu tinha feito, quais foram as pessoas que você contou que era bi pela primeira vez, assim?

Joaquim: Meus irmãos. Meus irmãos, com certeza, assim, que eu sou bem próximo deles, assim. Tenho uma irmã mais velha e um irmão mais novo.

Gustavo: Qual que é a idade, a diferença de idade entre vocês?

Joaquim: Eu tenho 29, minha irmã tem dois a mais, meu irmão tem dois a menos. E eu tenho uma prima, também, que é bem minha amiga há muito tempo, conheceu o meu primeiro namorado, conheceu um monte de gente, já fiquei com vários amigos dela. Ela, acho que eu nunca precisei contar, assim, na verdade. Pra ela eu nunca contei, ela que sempre soube, assim. Para os meus irmãos eu precisei explicar mais, assim, que eu não era gay. Foi uma coisa que eu precisei convencer, não convencer, mas assim, que eu precisei explicar, assim, tipo, “não, eu ainda quero ficar com mulheres, ainda gosto, não sei o quê”. E para alguns amigos muito próximos, também, não lembro de eu precisar contar. Eu simplesmente contava “ó, fiquei com homem e fiquei com uma mulher”, tipo, fizeram o cálculo e chegaram nessa resposta. Mas para quem eu mais precisei contar mesmo, explicar o que era ser bissexual, era pessoas que me viam como hétero, assim. Pessoas do trabalho ou algumas da faculdade e a minha família, assim. Pessoas que me viam como hétero só, daí eu precisei explicar. Eu contei que tava namorando e expliquei “eu sou bissexual”.

Gustavo: E aí você falou que tava namorando um homem, que no caso é o teu atual namorado.

Joaquim: É. Falei que tava namorando um homem e, assim, eu tenho uma filha, né? Tive uma filha antes, então é uma coisa que dava um *tilt* nervoso na cabeça das pessoas, assim. Tipo “nossa, mas você teve uma filha... você tá agora com homem... tipo, como assim?” É uma coisa que dá um *tilt* mesmo.

Gustavo: A sua filha, ela é fruto de um outro relacionamento duradouro com mulher ou foi...

Joaquim: Ah, não foi duradouro, assim. Foi um relacionamento curto, assim, que ela acabou engravidando bem no começo do relacionamento, não foi planejado. A gente ficou um tempinho juntos na gravidez, nasceu, mas eu já sabia que eu não... não ia ter um relacionamento duradouro, assim. Eu fiz de tudo. Tentei ser o melhor pai possível. Tava lá do começo da gravidez até o fim. Morei com ela depois que nasceu. Fico com a minha filha metade da semana, 3 dias e meio, eu, 3 dias e meio, mãe. Sou um pai cem por cento, assim. Mas eu sabia que eu não ia ter um relacionamento duradouro com ela, que eu não ia casar com ela, assim, porque eu não ia nunca sentir, eu sabia que não ia ter um sentimento por ela, assim, de casar, digamos, de montar uma família. Desde o início eu já sabia, assim. E ficando com ela eu tinha vontade de ficar com outros homens, assim. E até que depois que ela já tinha, a minha filha já tinha uns quatro, cinco meses, daí eu falei que não dava mais para gente ficar junto, que eu queria levar a vida separados e estamos separados desde então. Depois de um tempão que daí eu conheci o meu namorado, né.

Gustavo: E a tua revelação da tua identidade sexual para tua família, como é que foi? Para os seus pais, foi traumática ou eles aceitaram bem?

Joaquim: Foi bem traumático. Foi bem traumático. Foi quando foi com meu primeiro namorado, foi faz uns 10 anos já. E, ah, ficaram sem falar comigo, meu pai me bateu, falou que não era mais filho, depois de um tempo eles ficavam sem falar comigo, depois voltavam só para me xingar. Meu irmão ficou contra mim, também, porque falava que eu tava fazendo mal para minha mãe. Eles tentavam usar os problemas do mundo, assim, para justificar isso, falando assim “ah, não é que a gente tem preconceito, é que a gente não quer que você sofra no mundo, a gente não quer que você apanhe na rua”, mas o único lugar que eu apanhei foi dentro de casa. As únicas pessoas que me xingaram foi minha família, assim. Então era só uma desculpa que eles tavam inventando pro preconceito deles, né? E na minha casa sempre foi, assim, viado sempre é um xingamento que usam muito na minha casa, usavam, né. E minha mãe não gostava nem do cabeleireiro dela. Quando era muito viado, ela não ia, essas coisas, assim. Eu não podia brincar com nenhum brinquedo da minha irmã. Então eu sabia que essas coisas eram fortes lá em casa, assim. Hoje que eu consigo elaborar, mas eram coisas de criança que eu tinha internalizado, assim, tipo, não posso ser uma menininha, que meus pais não gostam disso, vão brigar comigo. Então eu nem contei para eles, assim, de livre e espontânea verdade. Eles acabaram descobrindo porque eles conheceram meu namorado, meu primeiro namorado, e eu apresentei ele como amigo, mas minha mãe sentiu, assim, que tinha alguma coisa estranha. Ela sentiu que a gente tinha uma coisa e daí ela foi falar com a minha avó, daí eu contei para minha vó, daí minha vó se envolveu, minha avó, meu pai, meus irmãos. Foi uma grande confusão, bem traumático, assim. A sorte que eu tinha é que eu morava longe, então nem via eles, foi tudo por telefone.

Gustavo: Você escolheu contar primeiro para sua avó? Como é? Não entendi.

Joaquim: Minha avó me chamou para conversar, assim, ela... minha mãe contou para ela, daí minha vó me chamou para conversar, para saber se tava tudo bem. E daí eu falei “não, não tá tudo bem, que eu tô triste”, daí eu me abri, assim, com a minha avó. E depois que daí eu tive coragem de me abrir pros meus pais, mas meus pais já sabiam, eles tinham percebido, assim, quando eles conheceram o meu namorado, que a gente era muito íntimo, assim. Eles perceberam. Daí que eu consegui contar para eles, eles só falando assim “não, você vai

terminar com isso agora, que isso aí vai estragar tua vida, vai acabar com a sua vida”. Doenças, colocaram medo de doenças, mas eu acho que era o mais difícil... não sei se nenhum argumento deles entrou na minha cabeça, assim. Eu já tinha, acho que eu já tinha lido bastante sobre a teoria crítica de gênero, sobre o feminismo, já me sentia bem avançado, assim, no meu pensamento em relação a isso. Então não foi os argumentos deles que... não fiquei em dúvida, assim. Eu sabia que a doença, posso pegar doença com mulher ou sem mulher. E essa questão de estragar minha vida, eu sabia que mais ia me ameaçar era o preconceito deles, assim. Então não foi os argumentos deles, assim, que me afetaram, mas era só da relação mesmo, da briga, isso me afetou bastante, assim. E me fechou, assim, muito. Demorei um tempão para falar com eles sobre isso de novo. Anos e anos e anos. Quando eu tive um novo namorado para apresentar, falei “ó, agora, não” e eles assim “não, a gente prefere do jeito que era. Você faz o que...”, isso eles falaram recentemente, ano passado, tipo “continua fazendo as tuas coisas sem contar para gente. A gente prefere desse jeito”, sabe? “A gente não quer saber. A gente não quer saber.”

Gustavo: Mas então, se eles tiveram essa... esse tipo de reação 10 anos depois da descoberta de que você era bissexual, eu presumo que o relacionamento de vocês de lá até aqui continuava deteriorado, né?

Joaquim: Com certeza! Aham. Tinha uma metade da minha vida que eles não sabiam, assim. Eu sou um cara bem tranquilo, sei guardar muito bem meus sentimentos, assim, então a gente levava uma vida normal, assim, digamos. Não era... a gente não brigava por esse assunto, era uma coisa ignorada. E depois que eu, ano passado, esse ano, que eu consegui explicar pra eles como que era dolorido isso, assim, de não... de, assim, eu falava assim “ah parece que eu sou traficante de drogas, assim, que eu tenho que olhar minhas mensagens escondido, que eu não posso falar onde que eu tava, que eu tenho que sair escondido, tenho que falar ‘ah, vou sair, dar uma volta’, não posso falar com quem”. Daí eu vi como eu tava sofrendo, assim. Foi um ano, assim, bem de muita conversa, a gente ficou um tempão sem se falar, depois voltamos a se falar, depois eles pararam de falar comigo de novo, daí voltaram a se falar, daí finalmente aceitaram conhecer meu namorado e agora estamos mais ou menos bem, assim. Meu pai está super bem, minha mãe ainda olha com cara feia, antipática. Não tá cem por cento.

Gustavo: Mas eles recebem você e seu namorado na casa deles?

Joaquim: Recebem, aham.

Gustavo: E seu namorado relata que ele não se sente bem lá?

Joaquim: Com meu pai ele foi muito bem recebido, papai foi super caloroso, amoroso, meus irmãos e tal. E... mas com a minha mãe isso afeta ele sim. Ele fica bem chateado, às vezes não tem vontade de ir se ele não foi convidado direito. A gente, ele queria terminar comigo, assim, várias vezes, porque ele não conhecia minha família. Por esse motivo ele, assim, “ó, eu não quero. Já te dei muito tempo para isso acontecer”, porque demorou para acontecer, deles se conhecerem, daí ele falou “não quero ter sogro, sogra homofóbico, isso aí é muito pesado para mim, não aguento mais, quero ter mais contato com sua família, quero te conhecer melhor”. Ele queria me conhecer mais e não conseguia porque não conhecia meus pais, assim. E eu não era cortado dos meus pais, eu ia na casa deles, sempre levo minha filha lá para eles, falo com eles, que agora eles moram aqui em Curitiba, também. Então a gente tinha uma relação. Se eu fosse cortado dos meus pais, aí é natural que meu namorado fosse. Agora eu ter uma relação com meus pais e meu namorado não, ficou insustentável, assim. E eu tive que pressionar muito, assim. Para eles tinham continuado o *status quo*, que era ninguém fala sobre isso, cada um na sua. Mas eu briguei que eu não queria, assim. Quero ter o que meus irmãos têm, assim, que é levar o namorado deles em casa, minha mãe ama cuidar do genro e da nora. E para piorar, o nome do namorado da minha irmã e do meu namorado é mesmo. Então eu sei que isso já dá um *tilt*, assim, na cabeça. E por eu ter uma filha, também, eles usaram isso, também, esse argumento de que “ah, como é que você vai criar a [sua

filha]³⁹ desse jeito? O que ela vai ouvir na escola?”, esse tipo de coisa, assim. Que eu devia estar preocupado com pós-graduação e não com essas coisas de namorar homem. Usaram de tudo.

Gustavo: Quer dizer, se fosse com uma mulher não teria problema, aí...

Joaquim: Não, jamais.

Gustavo: A pós-graduação, também, era um assunto que dava para conciliar, né? Mas pelo que você fala, esse processo de chamar seus pais para colocar um ponto final nessa conversa foi muito recente, porque você falou que você tá há um ano com seu namorado, né?

Joaquim: Foi. Não, foi no... acho que Dia das Mães, que ele foi na casa do meus pais.

Gustavo: Esse ano?

Joaquim: Esse ano, aham. Eles já se conheciam por... pelo tempo que eles já se... tipo assim, que eu falava dele na casa dos meus pais, que eu contava onde a gente estava. Por um período eu nem atendia o telefone, assim, porque não queria contar. Daí o dia que eu contei para os meus pais “ó, eu tô namorando um homem”, a gente tava há uns dois anos, dois meses, quer dizer, namorando. Daí eles ficaram, minha mãe me deixou falando sozinho, assim, saiu de casa, me deu as costas, não me ligaram.

Gustavo: Você tava falando por telefone?

Joaquim: Eu fui lá na casa deles, contei e minha mãe me deixou falando sozinho. Virou as costas e foi embora. Na casa dela, assim. E... ficou sem falar comigo um tempão. Meu pai, também, não me atendia, não me mandava mensagem, não queriam saber da minha filha, se ela tava bem, não me perguntavam nada. Daí morreu um tio meu. Daí quando meu tio morreu, a gente meio que, daí eu fui lá, falei com meu pai, a gente se abraçou, e ficamos um tempão juntos, assim, voltamos a se falar, mas eu também, tipo, pensei “vou ignorar esse assunto por agora, né”, porque meu pai tava num luto bem sofrido, assim. E daí eu voltei ao assunto vários meses depois, eu falei que eu queria apresentar e eles falaram não, assim, retumbante, assim, de que não queriam de jeito nenhum, não quero nem saber. Me mandavam calar a boca quando eu falava desse assunto, minha mãe me bloqueou, assim, até saíram dos grupos que eu tinha com meus irmãos, com a minha família, assim. Saíram dos grupos de WhatsApp, me bloqueou nas redes sociais, assim. “Não quero ver foto dele”. E meus irmãos, também, entraram na briga, né, do meu lado, ficaram sem falar com meus pais um tempão e até que um belo dia assim, sem falar comigo há semanas, meses, minha mãe me chamou para ir na psicóloga com ela. Falou que tava indo na terapia para lidar com isso e me convidou para ir junto, depois de um mês a gente foi de novo, junto com meu pai. Foi uma experiência super boa, assim.

Gustavo: Mas eles não moram no interior?

Joaquim: Não, eles se mudaram para cá, faz um tempo.

Gustavo: Ah, tá.

Joaquim: É, eles se mudaram para Curitiba. E daí que também tava mais difícil, assim.

Gustavo: Aí foi para a terapia você e sua mãe ou você, sua mãe e seu pai?

Joaquim: Um dia, eu só fui um dia, né, com a minha mãe e um dia com a minha mãe e com meu pai. Mas assim, ficamos duas horas lá falando um monte, um monte, um monte, um monte. Também assumi minha culpa, digamos, por certa forma, porque eu sou muito reservado, muito envergonhado, então eu não contava para eles muitas coisas da minha vida inteira, assim, que eu poderia ter feito essa conversa antes. Fiquei 10 anos no silêncio. Antes do meu primeiro namorado, também, eles não sabiam de nenhuma inclinação, digamos, que eu tinha. Então eu senti que eu poderia ter feito as coisas bem melhor, assim, também. E isso vale para várias coisas da minha vida, assim, de falar, assim, me abrir. Eu não queria, eu sou

³⁹ Nome suprimido.

bem assim de querer resolver as coisas, pragmático, assim, de querer por um ponto final, passar a régua nos assuntos, assim, então eu não fiquei querendo punir eles, jogando coisa na cara deles. Eu só queria ficar tudo bem e falar “ó, eu quero ter uma relação igual você tem com teu genro e com tua nora, eu quero que você tenha com meu namorado, só isso. Não quero nem mais, nem menos, assim. Não quero que a gente vire outra coisa, quero que eu possa ligar para você e dizer ‘ah, tô aqui com [meu namorado]⁴⁰, almoçando’”, coisas que eu não tinha, assim, que eu ficava escondendo.

Gustavo: Entendi. Então você acha que é possível dizer que essa reunião familiar que vocês tiveram agora, no Dia das Mães, você acredita que tenha sido um marco para, não só para sua identidade, mas para sua relação dos seus pais com a sua identidade sexual?

Joaquim: Nossa, um marco enorme, assim. Foi um dos dias mais felizes da minha vida, assim, sabe? Eu quis que fosse de uma forma bem tranquila, assim, eu não queria mostrar quão eufórico eu tava por dentro, assim, porque... pra, né, ser tudo tranquilo, foi uma janta, não demorou muito, nem pouco. Ninguém bebeu muito. Foi lá, se conheceu, conversamos, foi bem tranquilo, assim, era o que eu mais queria, assim, mas por dentro eu tava muito eufórico, assim, eu não acreditava, assim. Tipo, ver eles na mesma sala, assim. Ver eles sentados, um do lado do outro, minha mãe e o [meu namorado] conversando, foi, tipo, nossa, foi um dos dias mais felizes da minha vida, com certeza. Com certeza.

Gustavo: E em relação a seus amigos, suas amigas, colegas de trabalho, a sua revelação como bissexual, pelo que eu entendi da sua fala aqui na entrevista, foi um pouco mais orgânica, gradual e mais tranquila, né?

Joaquim: É, sim. Pelo círculo de amigos que eu tenho, também, sempre a gente se... tipo, desde a faculdade meus amigos são, sei lá, fui de partido socialista na faculdade, fui da extensão, meus amigos todos têm o mesmo pensamento que eu, assim, não tenho nenhum amigo, se era um amigo homofóbico, já não era meu amigo, assim. Então eu sabia que ia ser bem aceito, assim, era uma trava minha mesmo, de poder me abrir com todo mundo. Eu até tive que explicar para as pessoas, me sentia na obrigação de falar “ó, desculpa não ter te contado antes, não é que eu acho que você é preconceituoso, é uma trava minha mesmo”. Eu não conseguia falar, assim. Tipo, eu demorei para me entender e acabava adiando, empurrando com a barriga, assim, de contar para os outros. Então foi bem mais fácil. Teve gente que foi no dia que eu apresentei meu namorado, um pouco eu falei assim “ó, vou levar meu namorado, viu. Eu tenho um namorado”. E aí a pessoa só “ah, ok. Legal”. Acho que muita gente já imaginava, ou talvez já tinha ouvido falar de outras pessoas e nunca falaram para mim, diretamente, que já sabiam, né, provavelmente. Mas eu gostei que foi assim, bem orgânico. Simplesmente vários amigos que eu... simplesmente apresentei o [meu namorado]. Falei “ó, trouxe meu namorado”, como eu teria levado uma namorada, assim.

Gustavo: E você consegue elaborar se existe algum grupo social que você consegue revelar a tua orientação sexual com mais facilidade? Ou outros grupos sociais que pra você foi pouco mais difícil?

Joaquim: Eu sei que mulheres que eu tinha interesse de ficar, eu tinha dificuldade de contar, assim, eu tentava esconder isso. Várias mulheres com quem eu me envolvi me perguntaram e eu neguei, assim. Então esse é um grupo, assim, que eu tive dificuldade. Hoje em dia já não considero mais isso, já tenho na minha cabeça que eu não quero mais mentir para ninguém nunca mais, sabe? Mas com certeza foi difícil. E no meu trabalho, assim, também. Principalmente por eu ter uma filha, então era muito automático as pessoas me tomarem como um hétero, assim. Todo mundo fala “ai, tua mulher, tua mulher, tua mulher, tua mulher”. Então não era só eu contar “tenho namorado”. Era tipo “não tenho uma esposa, tenho

⁴⁰ Nome suprimido.

namorado, sou bissexual.” Para mim era sempre, eu tinha um pouco de preguiça dessa conversa, assim. Então pessoas do meu trabalho, assim, em geral. Com mulheres, assim, mais fácil, assim. Tenho mais amigas mulheres, com elas eu acho mais fácil. Agora, tipo, com meus amigos do trabalho, foi uma coisa que eu demorei, que eu tive que tomar coragem, respirar, para poder contar, assim. Foi muito legal comigo, assim. Tô sendo bem... bem recebido por todo mundo, não posso reclamar, assim, de... de tá sofrendo preconceito nesse momento, assim, de ninguém.

Gustavo: E tem algum grupo que você prefere não revelar sua orientação sexual ou alguma pessoa em específico que você prefere não revelar tua sexualidade?

Joaquim: Meu vô, que tá de cama, faz meses, assim. Ele tá muito doente, já decidi que eu não vou contar para ele, porque ele é muito, muito católico, assim. Ele eu decidi que eu não vou contar. Não quero perturbar a cabeça dele de nenhuma forma, assim. A gente nem é muito próximo, não tenho porque eu contar só por contar, assim. Pessoa que eu decidi mesmo não contar, assim, acho que é a única é ele. E quem eu tenho dificuldade, que eu... também assim, se eu estivesse namorando uma mulher, talvez eu não contaria, assim. Tipo, porque eu trabalho, sou servidor público, assim. Então, ainda mais num ambiente bolsonarista, assim, né, como é Curitiba, então quem tá na cúpula de órgãos públicos, assim, é gente desse ramo, assim. Então eu tenho uma resistência, assim, de falar alguma coisa nesse sentido para os chefes. Para o meu diretor, para o meu secretário, não sabem que eu tenho um namorado. Ou sabem por outras pessoas, não por mim. Mas também, se tivesse uma namorada, não tive tantos ambientes assim, com eles, que eu teria falado assim, sabe? Tipo “ai, minha namorada” ou falar qualquer coisa, assim. Então não... não menti, mas não faço questão, assim, de compartilhar. Porque eu tenho um pouco de medo, assim, de ser visto de alguma forma ou outra, de sofrer algum preconceito. Já escuto muitos comentários, assim, no meu trabalho. E eu sou cargo comissionado, então também tenho o meu cu na reta sempre, né? Qualquer momento posso ser mandado embora. E é bem forte, assim, a ideologia das pessoas à minha volta, assim. Então quem é meu amigo sabe, quem não é, eu não faço questão. Nem de esconder, assim, meu namorado vai me buscar, às vezes, no trabalho. A gente almoça nos restaurantes ali em volta, já fui com ele em churrasco, mas quem não é meu amigo, assim, não faço questão de falar, assim. Não acho que eu tenho um jeito de gay também. Então às vezes eu não sei muito bem o que é sair do armário em alguns grupos, assim, que eu num... sabe? Não tenho, não acho que eles olham para mim e pensam que eu sou gay. Sabem que eu tenho uma filha, só sabem isso de mim, assim. Então não sei como sair dessa, digamos. Espera um pouquinho que eu vou no banheiro?

Gustavo: Tudo bem.

Joaquim: [retorna após aproximadamente um minuto] Pronto.

Gustavo: Onde a gente tava? Deixa eu ver aqui. Ah, é. A gente tava na questão sobre os grupos que eventualmente você escolhia não revelar tua orientação sexual, né. E já encaminhado para o final da entrevista, uma das últimas perguntas é se você já sofreu preconceito por ser bissexual e se você já sofreu, como que você lidou com ele?

Joaquim: Eu não sei se eu posso dizer... não sei como dizer preconceito bissexual, assim.

Gustavo: Por exemplo, você tava falando antes que evitava dizer que era bi para as meninas que você tinha algum interesse. Você acha que poderia vir delas algum tipo de preconceito?

Joaquim: Nunca veio, assim. Não posso dizer que eu sofri. Não consigo pensar em nenhuma situação de uma menina que me recusou, que eu me senti recusado por causa disso, assim. Era coisa da minha cabeça. Nunca aconteceu. Eu acho que, por ser bissexual, quando saí mais ou menos do armário a primeira vez, um tempão atrás, com o meu primeiro namorado, tipo, ele me falar aquilo, as amigas dele virem me falar isso, tipo “ah, por que você não sai do armário de uma vez? Não sei o quê, você é enrustido” e tal. Tipo, sofri com isso, então acho que isso foi, sim, sofrer preconceito. Ele era um cara louco, assim. Ele foi contar, todas as meninas que

ele sabia que eu tava paquerando, ele ia lá falar para elas “ah, sabia que ele ficou comigo? Sabia que ele é gay?” e não sei o quê. Então isso foi meio complicado. E com meu namorado atual, assim, ele... no começo demorava a entender isso, também. Acho que ele pensava, acho que ele tinha uma imagem de mim como alguém também com medo de me assumir gay. Então a gente teve umas discussões, assim. Não sei se posso falar que sofri preconceito, mas ele falava umas coisas que eu considerava preconceituosas, assim. Tipo, meio de diminuir, assim, minha orientação. Falar assim “ai, não entendo, assim”, chamar como se fosse uma coisa meio complexa “ai, eu sei que eu não entendo, assim” e acho que bissexual ouve muito isso, assim, de ser acusado confuso. Tipo “ai, não, isso não entra na minha cabeça, que você pode gostar de homem e mulher, assim”. Ouvi umas coisas assim. E agora os preconceitos que eu sofri não sei se posso dizer que foi de eu ser bi, né. Foi de ser, seria a pessoa me vendo como gay, no caso. Tipo, os meus pais não têm problema quanto eu ser bi, eles têm problema do meu lado gay, né? Ou na faculdade ainda, que eu lembro de alguns casos de sofrer bullying, digamos, assim. Os caras do PDU⁴¹ me chamando de viado, esse tipo de coisa, assim. E... mas acho que essas, assim.

Gustavo: Entendi. E você consegue trazer alguma dificuldade, algum desafio específico em ser um homem bissexual?

Joaquim: [reflete por alguns segundos] Eu acho que isso que a gente tava falando, de você precisar provar, assim. Não é uma orientação sexual que você só conta para as pessoas. Eu, para mim, é mais fácil tendo uma filha, eu faço até essa piada, assim, tipo, “ah, tenho uma filha, então, né, e tipo, ela foi concebida naturalmente”, então não preciso provar nada que eu sou ou não. Mas acho que para homem tem mais essa necessidade dele ser testado, provado, assim. E com mulheres acho que... também não sei, acho que talvez seja um tipo de preconceito com mulheres, se também não considerá-las bissexuais, assim. Então não é que é questionado, você só não leva a sério, assim, tipo mulher que beija outra mulher é um fetiche dos homens, assim. Então... tenho várias amigas, assim, que eu sei que já ficaram com mulheres e elas não ficam nesse dilema “ai será que eu sou bissexual ou não?” Elas fizeram o que estavam com vontade, assim. Agora, para um homem, já, tipo, eu me sentia “nossa, vai... minha vida vai cair por terra. Vou perder amigos, vou perder emprego, se eu sou gay, se eu sou bissexual ninguém vai acreditar em mim” tipo, eu me sentia mais ameaçado, assim, por expor esse meu lado, assim, que eu acho que mulher talvez não tem isso. Tem uns preconceitos contra lésbicas e tal, mas acho que é bem claro isso, que é muito mais fácil você encontrar uma mulher que se assume bissexual do que um homem, assim. Ou uma mulher contando das suas experiências do que homens, assim.

Gustavo: E agora uma pergunta contraponto, né. Você consegue trazer pontos positivos específicos da bissexualidade masculina?

Joaquim: Uhum. Não, eu adoro ser bissexual, assim. Tipo, acho que muitas coisas que eu tive experiência, eu nunca fiquei com um bissexual, por exemplo ou que eu lembre, assim, eu ter uma relação, assim, com um homem bissexual. Então sempre me relaciono com gays. E acho que o mundo gay, assim, eu acho que eu gostei muito de ser uma coisa que eu conheci, assim. A cultura, o sexo gay, piadas gays, o jeito de se portar gay. Tipo, o meu namorado é bem gay, assim. E acho que uma vantagem para mim é ter acesso a esse mundo, assim. E ter acesso ao mundo hétero, também, de... não sei, eu acho que é uma vantagem, assim, poder circular nesses dois mundos bem, assim. Às vezes alguns gays fazem piada, não me aceitam tão bem. Héteros também, né, são meio assim. Mas acho que isso é uma vantagem. E outra coisa, assim, pode ser bobo, mas eu acho que hoje em dia, ainda mais nos círculos que eu frequento, assim, é até visto como algo mais descolado, assim, né? Tipo um homem que fica

⁴¹ Partido Democrático Universitário, UFPR.

com outros homens, então eu sou visto, com justiça ou não, mas sou visto, né, como alguém mais aberto, alguém cabeça mais aberta, alguém mais carinhoso.

Gustavo: Desconstruído.

Joaquim: Desconstruído, aham, exatamente. E eu acho que eu sou uma pessoa desconstruída, mas não sei se é minha bissexualidade que causou isso, mas com certeza as pessoas veem assim. Ou talvez um homem mais carinhoso, sei lá. Acho que homem bissexual também é visto como mais sexual, assim. Já ouvi muita gente falar que o sexo com bissexual é bem melhor, assim, que você traz uma coisa dos dois mundos, assim, e... já ouvi falar isso. Mas também vista de forma pejorativa, né, ser mais sexual. Ser alguém, sei lá, que não é confiável, ou que só que relação...

Gustavo: Promíscuo.

Joaquim: Promíscuo, só quer saber de relação aberta, assim. Para mim não tem nada a ver isso. Minha relação não é aberta, por exemplo. E...mas é, acho que essas vantagens.

Gustavo: Então é isso, Joaquim. Nós encerramos aqui o roteiro das perguntas. Tenho informalmente uma última pergunta que eu sempre faço a todo entrevistado, ainda que ela não conste aqui no roteiro, que é o que você esperava que seria perguntado para você nessa entrevista e que não foi? Ou que você quer falar e que não teve tempo de abordar?

Joaquim: Não, acho que eu falei bastante, né? E... acho que você não entrou muito no tema sexual, assim, né? Não sei se eu queria falar disso, mas acho que talvez eu imaginava, mas acho que a gente não entrou muito no tema sexo propriamente dito, assim. Como que é sexo, como que eu penso, como eu me vejo, como que eu me sinto, assim.

Gustavo: Então como que você vê e como que você sente em relação ao sexo com os diferentes gêneros?

Joaquim: É, até o que você tava falando, acho que você perguntou de uma forma mais ampla, assim, como que é o relacionamento, como que eu sou com homens e com mulheres, assim. Mas acho que no sexo, também, me sinto bem a mesma pessoa, assim. Tipo, acho que já ouvi falar de muita gente, até essa amiga que eu falei que é psicóloga, que tava falando com o bissexual, a crise do cara era que ele era, com mulheres ele era ativo, com homens ele era passivo. Então ficava se colocando nessas caixinhas, assim. Eu sempre fugi disso, assim. Eu acho que no sexo eu me considero bem igual, assim. Acho que trouxe várias coisas para o meu relacionamento atual das relações que eu tive com mulheres, assim, digamos. É diferente o corpo de uma mulher e de um homem, mas acho que tem várias coisas que você pode aprender, tendo se relacionado com uma mulher, como fazer com homem, assim.

Gustavo: Tipo o que?

Joaquim: Tipo... acho que esse meu jeito de ser mais orgânico, assim. Eu não gosto de... é, por exemplo, “ai, para tudo. Agora é hora de ficar de quatro, que eu vou meter em você”. Tipo, eu não gosto disso, eu gosto com uma mulher você nunca faz isso. Você vai, tipo, beijando, você vai se envolvendo, seus órgãos vão se roçando, seu pinto na vagina dela, até que uma hora entra. Tipo, eu gosto de fazer sexo com homem assim, também. De ir me envolvendo, ficar bem grudadinho, até que uma hora entra, ou até que uma hora não entra. Tipo, eu sou só ativo, também. Não gosto de ser passivo no sexo. Já tentei algumas vezes só e não gostei. E sexo oral, também. Na... como é que chama? Beijo grego. Acho que algo que eu trouxe dos meus relacionamentos com mulheres, assim, a saber lidar com uma... ah, sei lá, saber excitar, saber passar a mão de um jeito diferente, não só você enfiar seu dedão lá dentro, assim. Tipo, acho que é uma coisa que eu aprendi com mulheres, assim, que eu com certeza trouxe para o meu relacionamento, assim. Alguma... tipo, eu gosto de fazer sexo com homem parecendo que eu tô fazendo sexo com uma mulher assim, sabe? Tipo, às vezes meu namorado fala assim “ah, não é uma buceta isso aqui, Joaquim. Você não pode entrar de qualquer jeito. Você tem ir com cuidado” e tal. É, tá, tudo bem. Mas eu gosto disso, assim, de tá numa posição que você estaria com uma mulher, tal, tipo, acho legal isso, assim. E sei que

ele gosta também. Então para mim, sexo bissexual é isso. É uma coisa que eu... eu me sinto a mesma pessoa, não acho que eu crie um personagem quanto eu tô com uma mulher ou outro com homens, assim. Mas com certeza os mundos se...

Gustavo: A fluidez entre os gêneros você acha que é um ponto positivo da bissexualidade.

Joaquim: Fluidez, exato. Uhum. E por eu estar sempre meio, digamos, nessa mesma posição de ativo, então para mim é mais fácil dizer que eu sou a mesma pessoa, assim, né.

Gustavo: Se não houvesse essa manutenção da posição sexual você acha que dificultaria?

Joaquim: Não sei se dificultaria, mas seria mais distinto para mim as duas coisas, né? Acho que eu ia diferenciar mais o que é sexo com homem e o que é sexo com mulher. Mas para mim, não... não tem tanta diferença, assim. Mesmo a relação pessoal, a relação afetiva, a relação sexual, para mim é bem parecido hoje em dia, assim. Tipo, eu sinto o mesmo prazer, acho que eu faço as mesmas coisas, assim, as mesmas posições e acho que essa é uma vantagem, com certeza, ser bissexual. Com certeza.

Gustavo: Ter essa liberdade.

Joaquim: Aham.

Gustavo: Uhum. Legal. Tem mais alguma coisa que você acha que seria interessante abordar na entrevista?

Joaquim: Hum, acho que não. Não sei, falei bastante, né?

Gustavo: Exaurimos o assunto? [risos]

Joaquim: Com certeza não. Mas por ora, sim.

Gustavo: É. Pelo menos aqui a proposta do formulário foi toda abordada e respondida a contento, com certeza. Cara, então eu vou encerrar aqui a gravação. E você pensou aí qual o nominho que você quer que seja utilizado para me referir a você no trabalho?

Joaquim: Putz, nem pensei nisso. Se eu lembrar, eu te mando uma mensagem.

Gustavo: Tá bom.

Joaquim: Se tiver uma boa ideia.

Gustavo: Tá. Vou encerrar aqui a gravação.